UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

SILVANA MORELI VICENTE

CARTAS PROVINCIANAS :
CORRESPONDÊNCIA ENTRE GILBERTO FREYRE E MANUEL BANDEIRA

São Paulo

2007

SILVANA MORELI VICENTE

**CARTAS PROVINCIANAS :
CORRESPONDÊNCIA ENTRE GILBERTO FREYRE E MANUEL BANDEIRA**

Tese apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Letras, Área de Concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Viviana Bosi

São Paulo

2007

SILVANA MORELI VICENTE

CARTAS PROVINCIANAS :

CORRESPONDÊNCIA ENTRE GILBERTO FREYRE E MANUEL BANDEIRA

Tese apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Letras,
Universidade de São Paulo, pela seguinte banca examinadora:

São Paulo, 5 de março de 2008.

Augusto Massi

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade de São Paulo

Francisco Foot Hardman

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo
Universidade Estadual de Campinas

Júlio Castañon Guimarães

Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Fundação Casa de Rui Barbosa

Marcos Antonio de Moraes

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade de São Paulo

Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins (suplente)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal Fluminense

José Fulaneti de Nadai (suplente)

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo

Maria Betânia Amoroso (suplente)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade Estadual de Campinas

Viviana Bosi – Orientadora

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade de São Paulo

[...]
e no entanto, durante a dança
depois do fim do medo e da esperança
depois de arrebanhar o marginal, a puta
o evangélico e o policial
vi que o meu desenho de mim
é tal e qual
o personagem pra quem eu cria que sempre
olharia
com desdém total
mas não é assim comigo
é como em plena glória espiritual
que digo:
eu sou o homem cordial
que vim para instaurar a democracia racial
eu sou o homem cordial
que vim para afirmar a democracia racial

eu sou o herói
só deus e eu sabemos como dói

CAETANO VELOSO – O herói, Cê, 2006

Ao Maurício

por tudo

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico, sempre, em maior ou menor medida, demanda a presença de colaboradores e de uma série de condições para que sua realização seja plena. No curso do meu doutorado, várias pessoas formaram uma espécie de alicerce para que a tese tomasse o presente aspecto. Tentei levar a bom termo o propósito deste trabalho considerando cada sugestão que me foi dada. Agradeço de início a todos que participaram das idas e voltas desse trajeto. Os defeitos e lacunas que porventura existam – e certamente não será difícil encontrá-los – são de minha completa responsabilidade.

A Profa. Viviana Bosi, minha orientadora de mestrado e agora de doutorado, sempre presente e solícita, merece toda a minha consideração e gratidão pelo apoio em todas as fases deste longo processo. Sem ela, tenho dúvidas de que este projeto teria se concretizado.

A prontidão e gentileza das pessoas envolvidas com os documentos originais que constituíram esta tese foram essenciais para que a mesma se tornasse viável. Devo a reunião do material desta edição fundamentalmente à Fundação Gilberto Freyre, em forma de cópias digitalizadas e fotocópias e, pelo apoio, meus agradecimentos vão sobretudo para Sonia Freyre e para Gilberto Freyre Neto. Sonia Freyre, filha de Gilberto Freyre e atual Presidente da Fundação Gilberto Freyre, leu e aprovou o projeto; depois, quando da minha viagem ao Recife, prestou inúmeros esclarecimentos que ajudaram a preencher várias lacunas referentes a nomes de pessoas e lugares; e ainda, num gesto de confiança, me trouxe, para minha grata surpresa, o seu *Caderno de autógrafos*, guardado como relíquia pessoal. Este trabalho, como ela mesma diz, é também um modo de refrear o passo acelerado do esquecimento. Ana Cláudia Araújo, em minha primeira viagem, encorajou o envio de um projeto à Fundação propondo o trabalho com as cartas; posteriormente, intermediou a cessão do material completo solicitado. Germana Kaercher, também da Fundação, muito gentilmente me auxiliou na segunda visita à cidade. Quando os arquivos já não poderiam contar com o trabalho dos

bibliotecários, as funcionárias da administração, Eliane Nóbrega e Patrícia Kneip de Sá, atuaram de modo prestativo a fim de atender os inúmeros pedidos. Na Fundação Casa de Rui Barbosa, agradeço a Eliana Vasconcellos, que me facultou o acesso aos documentos originais de Gilberto Freyre, e a Laura Xavier, que intermediou o pedido de digitalização. Alexandre Teixeira, da Solombra Books, agência que representa o condomínio dos detentores dos direitos autorais de Manuel Bandeira, foi sempre solícito. Os arquivos da Biblioteca Nacional foram, ao final, decisivos para reunir material disperso em periódicos. Meus agradecimentos vão sobretudo a José Augusto Gonçalves, que intermediou a consecução das cópias, e a Carla Ramos, do Setor de Periódicos.

O Prof. Marcos Antônio de Moraes e a Prof. Cláudia Arruda Campos muito gentilmente participaram do Exame de Qualificação. Suas arguições, além de decisivas para que o trabalho tomasse esse formato, foram encorajadoras.

Dois dedicados profissionais ouviram-me de forma paciente e fizeram generosas considerações acerca do trabalho ainda em curso. O Prof. Marcos Antônio de Moraes examinou diferentes versões da tese e ajudou a sanar várias dúvidas de ordem prática. A Profa. Ceila Martins me recebeu no LABEC– Laboratório de Ecdótica – da Universidade Federal Fluminense e também deu precisos conselhos no campo de sua especialidade. Ambos indicaram referências bibliográficas e textos atuais e valiosíssimos sobre Correspondência e Edição. Suas contribuições são inestimáveis. Sem suas presenças, o trabalho teria tomado outro rumo.

A Profa. Cláudia Pazos Alonso, da Universidade de Oxford, prontamente me recebeu, muito longe daqui, leu e anotou um primeiro projeto de doutorado, que relacionava Gilberto Freyre e a literatura anglo-americana. Também agradeço àqueles que me deram apoio naquele período.

Pude também dialogar, em diferentes momentos, com outros profissionais, dentro do universo propriamente acadêmico, em meio a aulas e congressos. Seus conselhos e informações atuaram tanto no arcabouço do projeto quanto no formato de artigos e da tese. São eles: Caterina Pincherle, Ceila Martins, Fernanda Arêas Peixoto, Susana Kampff Lajes, Antonio Dimas, Guillermo Giucci, Jorge Mattos Brito de Almeida e Ricardo Benzaquem de Araújo.

O Prof. José Fulaneti de Nadai, presença constante desde os tempos do colégio, além de inicialmente provocar o prazer da leitura, proporcionou, sobretudo no início do doutorado, conversas sobre literatura que me reforçaram a confiança acerca da produtividade das escolhas que se delineavam.

A talentosa artesã Orieta Vasquez tem me ensinado os princípios da arte da encadernação e da restauração de livros. A convivência em seu ateliê me deu recursos para enxergar, por outra perspectiva, a beleza dos livros. Seus ensinamentos são extensivos ao trabalho com arquivo.

Com os colegas da área e amigos, foi possível dividir projetos e leituras, além de ouvir sugestões diretamente relacionadas à tese. São eles: Adriano Schwartz, Alípio de Franca, Andréa Catrópa, Andresa Guimarães, Carlos Martin, Carlyne Paiva, Éverton Barbosa, Fernanda Ravagnani, Márcia Machado, Maurício Baptista, Maurício Cleto, Michelle Fanini, Paula Passarelli, Paulo Ferraz, Rafael Vogt Maia, Rodrigo Frias, Sérgio Nazar David e Valéria Rangel.

Os funcionários do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, sobretudo Luiz Mattos, sempre estiveram disponíveis para atender todas as solicitações.

Ao final do processo, a atuação de duas excelentes profissionais ajudou a dar alguns dos últimos ajustes à tese. Isnaia Veiga Santana normalizou as referências e deu informações precisas de formatação. A amiga Amanda Dafoe ajudou a dar os ajustes ao arquivo final. O desprendimento das duas é de inestimável valor para mim.

O meu cotidiano também foi marcado por três amigos muito presentes: Ivan Pacheco, Michelle Urcci e Karine da Cunha. O calor da casa e o mútuo apoio foram essenciais no início do doutorado.

Minha família, como sempre, ofereceu o alicerce afetivo para que este e outros projetos paralelos se concretizassem. Meus agradecimentos especiais vão para minha mãe Lisete Dias Vicente, para meu pai Jair Moreli de Melo, para minha irmã Sinara Vicente Rodrigues e para minha tia Liene Dias Vicente. Também devo agradecer a Claudete Felipe pela dedicação às tarefas da casa.

Não poderia deixar de registrar quão importante foi a bolsa do CNPq para a condução desta pesquisa. Como tive que consultar muitos arquivos, ausentando-me da cidade, assim como adquirir material de pesquisa mediante pagamento, o departamento, por meio de verba de pós-graduação, também foi atuante para viabilizar a tese como ora se apresenta. Sem tais auxílios, este projeto não teria se realizado.

Maurício Santana Dias tem dado a ver o sentido de todos os projetos. Conversas, viagens e leituras compartilhadas estão presentes nas linhas e entrelinhas desta tese. Porém, há algo muito mais especial, e eu não saberia dizê-lo, que pode justificar nosso encontro e a dimensão de sua presença – em tudo e sempre.

Os Professores Roberto Ventura e João Alexandre Barbosa colaboraram para afinar, no início, a abordagem de questões presentes na tese. Suas ausências são muito sentidas. Espero que o entusiasmo de ambos pela pesquisa tenha reverberado neste trabalho. Ainda mais, Dr. Fernando Freyre, filho de Gilberto Freyre, extremamente dedicado como Presidente da Fundação Gilberto Freyre, recebeu meu projeto sobre as cartas do escritor enviado para a Fundação; mas o destino, agindo ao revés, não permitiu que o apreciasse em tempo. A eles, minha homenagem.

RESUMO

A presente tese de doutorado, intitulada *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, é composta pela edição fidedigna da correspondência de Gilberto Freyre (1900-1987) e Manuel Bandeira (1886-1968), acompanhada pela edição de alguns textos esparsos da obra de ambos. Como complemento, a tese traz estudo que pretende não só apresentar aspectos do diálogo, num sentido amplo, entre Freyre e Bandeira, mas também estender a discussão para leituras que ambos fazem acerca do processo modernizador em curso no país na primeira metade do século XX. Pretende-se, desse modo, facultar material inédito criteriosamente editado, assim como desenvolver uma reflexão sobre o debate intelectual e artístico em cena no Modernismo brasileiro.

Palavras-chave: Freyre, Gilberto, 1900-1987 – Correspondência; Bandeira, Manuel, 1886-1968 – Correspondência; Escritores brasileiros – Correspondência; Modernismo (Literatura) – Brasil.

ABSTRACT

Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira is a doctoral thesis whose main elements are an edition of the correspondence between Gilberto Freyre (1900-1987) and Manuel Bandeira (1886-1968) and a selection and edition of some texts of both writers. As a complement this work presents a study that aims not only to bring some aspects of the dialogue (in a broadly sense) between Freyre and Bandeira, but also to extend this discussion to their readings of the Brazilian modernization process in the first half of the twentieth century. Thus, the objective of this dissertation is to expose unpublished material, carefully edited, as well as to study the intellectual and artistic debates in the Brazilian modernist arena.

Keywords: Freyre, Gilberto, 1900-1987 – Correspondence; Bandeira, Manuel, 1886-1968 – Correspondence; Brazilian writers – Correspondence; Modernism (Literature) – Brazil.

LISTA DE QUADRO E ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Lista da <i>Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira</i>	159
Figura 1 –	Página 1 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	162
Figura 2 –	Página 2 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	162
Figura 3 –	Página 3 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	163
Figura 4 –	Página 4 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	163
Figura 5 –	Página 5 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	164
Figura 6 –	Página 6 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	164
Figura 7 –	Página 7 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”	165
Figura 8 –	Página 1 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936”	166
Figura 9 –	Página 2 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936”	166
Figura 10 –	Carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1953”	167
Figura 11 –	Frente de postal, com fotografia da Avenida 7 de Setembro – Petrópolis/RJ, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 18 de dezembro de 1952.....	168
Figura 12 –	Verso de postal, com fotografia da Avenida 7 de Setembro – Petrópolis/RJ, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 18 de dezembro de 1952.....	168
Figura 13 –	Frente de postal, com fotografia dos <i>Chimères de Notre-Dame</i> , Paris/França, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 28 de setembro de 1957	166
Figura 14 –	Verso de postal, com fotografia dos <i>Chimères de Notre-Dame</i> , Paris/França, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 28 de setembro de 1957	169

Figura 15 – Frente de postal, com imagem do retrato de Jan Six de autoria de Rembrandt, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 25 de dezembro de 1963	170
Figura 16 – Verso de postal, com imagem do retrato de Jan Six de autoria de Rembrandt, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 25 de dezembro de 1963	170
Figura 17 – Capa de exemplar da primeira edição de <i>Poesias Completas</i> , de Manuel Bandeira – com <i>A cinza das horas</i> , <i>Carnaval</i> , <i>O ritmo dissoluto</i> , <i>Libertinagem</i> , <i>Estrela da manhã</i> , <i>Lira dos cinqüent’anos</i> e <i>Belo Belo</i> [...]	171
Figura 18 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição de <i>Poesias Completas</i> , de Manuel Bandeira – com <i>A cinza das horas</i> , <i>Carnaval</i> , <i>O ritmo dissoluto</i> , <i>Libertinagem</i> , <i>Estrela da manhã</i> , <i>Lira dos cinqüent’anos</i> e <i>Belo Belo</i> [...]	171
Figura 19 – Capa de exemplar da primeira edição de <i>Andorinha, andorinha</i> , de Manuel Bandeira, organizado por Carlos Drummond de Andrade [...]	172
Figura 20 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição de <i>Andorinha, andorinha</i> , de Manuel Bandeira, organizado por Carlos Drummond de Andrade [...]	172
Figura 21 – Capa de exemplar da primeira edição da <i>Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos</i> , organizada por Manuel Bandeira [...]	173
Figura 22 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição da <i>Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos</i> , organizada por Manuel Bandeira [...]	173
Figura 23 – Capa de exemplar da primeira edição de <i>Aventura e rotina</i> , de Gilberto Freyre [...]	174
Figura 24 – Dedicatória de exemplar da primeira edição de <i>Aventura e rotina</i> , de Gilberto Freyre [...]	174
Figura 25 – Capa de exemplar da primeira edição de <i>Poesias</i> , de Mário de Andrade [...]	175
Figura 26 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição de <i>Poesias</i> , de Mário de Andrade [...]	175
Figura 27 – Autógrafo de Manuel Bandeira no caderno de Sonia Freyre	176
Figura 28 – Autógrafo de Luiz Jardim no caderno de Sonia Freyre	176
Figura 29 – Autógrafo de José Lins do Rego no caderno de Sonia Freyre	177

Figura 30 – Autógrafo de Lúcia Miguel Pereira no caderno de Sonia Freyre	177
Figura 31 – Autógrafo de Octávio Tarquínio de Sousa no caderno de Sonia Freyre	178
Figura 32 – Autógrafo de Gastão Cruis no caderno de Sonia Freyre	178
Figura 33 – Autógrafo de José Olympio no caderno de Sonia Freyre	179
Figura 34 – Autógrafo de Heitor Villa-Lobos no caderno de Sonia Freyre	179
Figura 35 – Autógrafo de Jorge de Lima no caderno de Sonia Freyre	180
Figura 36 – Autógrafo de Cícero Dias no caderno de Sonia Freyre	180
Figura 37 – Autógrafo de Robert Lowell e Elizabeth Lowell no caderno de Sonia Freyre	181
Figura 38 – Autógrafo de João Cabral de Melo Neto no caderno de Sonia Freyre	181
Figura 39 – Fotografia de Gilberto Freyre com 23 anos de idade	182
Figura 40 – Fotografia de Gilberto Freyre em Apipucos, de Benício W. Dias	182
Figura 41 – Fotografia de Gilberto Freyre no Solar de Santo Antônio de Apipucos, de Jean Manzon	183
Figura 42 – Fotografia de Gilberto Freyre, Alfredo Freyre, Francisca Freyre e Gilberto Freyre Costa.....	183
Figura 43 – Fotografia de Antonio Pimentel Filho, Magdalena Freyre, Gilberto Freyre, Gilberto Freyre Neto, Cecília Pimentel, Antonio Pimentel, Sonia Freyre, Cristina Suassuna e Fernando de Mello Freyre.....	184
Figura 44 – Fotografia de Villa-Lobos	184
Figura 45 – Fotografia de José Lins do Rego, Octávio Tarquínio de Sousa, Paulo Prado, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre	185
Figura 46 – Fotografia de Cícero Dias, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, José Américo de Almeida, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Antônio Bento	185
Figura 47 – Fotografia de José Lins do Rego, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre	185
Figura 48 – Fotografia de Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre	185
Figura 49 – Fotografia de Gilberto Freyre e Olívio Montenegro (sentados) e Sylvio Rabello e Anibal Fernandes (em pé)	187
Figura 50 – Fotografia de Gilberto Freyre e Cícero Dias	187
Figura 51 – Fotografia de Gilberto Freyre, Odorico Tavares (de costas) e Godofredo Filho	188

Figura 52 – Fotografia de (da esquerda para a direita) Sylvio Rabello, Carlos Duarte, Altamiro Cunha, Gilberto Freyre, João Cardoso Ayres, Alfredo Freyre e Olívio Montenegro	188
Figura 53 – Fotografia de Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Antiógenes Chaves e Ivan Seixas	189
Figura 54 – Fotografia (da esquerda para a direita) de Cícero Dias, Altamiro Cunha, Lula Cardoso Ayres e Gilberto Freyre	189
Figura 55 – Fotografia de Gastão Cruels, José Lins do Rego e Gilberto Freyre	190
Figura 56 – Fotografia de Gilberto Freyre, Olívio Montenegro e Ulysses Pernambucano de Mello	190
Figura 57 – Fotografia de João Condé, Manuel Bandeira, Lia Correia Dutra e Astrogildo Pereira	191
Figura 58 – Fotografia da cabeça de bronze de Manuel Bandeira, de autoria de Celso Antônio, na fachada do Espaço Pasárgada	191
Figura 59 – Cabeça de bronze de Manuel Bandeira na Fundação Gilberto Freyre	192
Figura 60 – Fotografia de Manuel Bandeira, dedicada a Gilberto e Magdalena Freyre	192
Figura 61 – Fotografia de Manuel Bandeira e Octávio Tarquínio de Sousa	193
Figura 62 – Fotomontagem (da esquerda para direita) com Luiz Jardim, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Oswald de Andrade	193
Figura 63 – Manuscrito do poema “Retrato”, de Manuel Bandeira	194
Figura 64 – Reprodução do ex-libris de Manuel Bandeira, por Alberto Childe (1917).....	194
Figura 65 – Página 1 da carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira datada de “Recife, 28 de dezembro de 1934”, com ex-libris do autor	195
Figura 66 – Página 2 da carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira datada de “Recife, 28 de dezembro de 1934”.....	196

SUMÁRIO

V.1

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	20
1.1 Correspondências	20
1.2 Brasis calcados	22
2 ESTAS CARTAS PROVINCIANAS	27
2.1 Quixotes na província: um percurso inicial	33
2.2 O ensaio de Gilberto Freyre e outras correspondências impuras	38
2.3 Crônicas epistolares	55
2.4 Itinerários da província	80
2.5 Correspondência cordial?	94
2.6 Guardadores de papéis e iconografias da intimidade	104
2.7 Ainda crônicas provincianas	130
2.8 Outro itinerário: dos arquivos à edição	147
2.9 Critérios de edição	157
3 CORRESPONDÊNCIA DE GILBERTO FREYRE E MANUEL BANDEIRA	197

V.2

4 TEXTOS SELETOS	357
4.1 A Propósito de Manuel Bandeira	360
4.2 Manuel Bandeira, Recifense.....	364
4.3 Dos Oito aos Oitenta.....	370
4.4 Amy Lowell: Uma Revolucionária de Boston.....	375
4.5 Em Defesa da Saudade.....	392

4.6 Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados	396
4.7 Bahia	400
4.8 Sou Provinciano.....	404
4.9 Segredo da Alma Nordestina.....	405
4.10 Gilberto Freyre	409
4.11 Pernambucano, Sim, Senhor.....	410
4.12 Gilberto Freyre Poeta.....	412
4.13 Evocação do Recife.....	418
4.14 Casa-Grande & Senzala.....	422
4.15 Auto-retrato	424
4.16 A Academia em 1926	425
4.17 Um poeta pernambucano Manuel Bandeira, por Joaquim Cardozo	427
4.18 Manuel Bandeira, um mestre da vida, por José Lins do Rego.....	436

APÊNDICES

APÊNDICE A – <i>Os guias de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira:</i> viagem prática ou sentimental?.....	440
APÊNDICE B – <i>Auto-retrato no engenho: as formas autobiográficas</i> em Gilberto Freyre e José Lins do Rego.....	455
APÊNDICE C – <i>Esboço de retrato: o jovem Gilberto Freyre</i> em retalhos de jornal.....	467
APÊNDICE D – <i>Entre o inferno e o paraíso: o ensaio de Gilberto Freyre.....</i>	479
APÊNDICE E – <i>Cruzando fronteiras: a arte do ensaio em</i> Gilberto Freyre e Walter Pater.....	487
APÊNDICE F – <i>Leituras modernas da antiga província:</i> nordestes, Gilberto Freyre e a vanguarda anglo-americana.....	496

ANEXOS

ANEXO A – Carta de Manuel Bandeira a Godofredo Filho	513
ANEXO B – Telegrama de Manoel Bandeira a Gilberto Freyre	514
ANEXO C – Bilhete de Joanita, Guita e Fredy Blank a Gilberto Freyre	515
ANEXO D – Páginas de <i>A Província</i> (1928-1930)	516

BIBLIOGRAFIA

- **Gilberto Freyre (livros, artigos e alguns opúsculos).....556**
- **Manuel Bandeira (livros e traduções).....565**

REFERÊNCIAS.....571

OUTRAS FONTES

- **Acervos pesquisados.....589**
- ***Sites* consultados.....590**

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O mistério continua conosco, homens do século XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes. Por que desconhecê-lo ou desprezá-lo em dias tão críticos não só para certas fantasias psíquicas como para certas verdades científicas, como os dias que atravessamos?

GILBERTO FREYRE¹

1.1 Correspondências

Com o título desta tese, *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, gostaria inicialmente de sugerir que há algumas formas de aproximação entre os dois escritores. A palavra “correspondência”, portanto, pode ser entendida a princípio como um espaço de afinidades, como um universo de leituras que podem se entrecruzar e expandir. O elemento central do trabalho é a própria correspondência trocada entre Freyre e Bandeira. A partir dela, novo material foi selecionado de modo a ampliar as possibilidades de leitura abertas pela epistolografia. Desse modo, o leitor poderá encontrar um material aparentemente fragmentário e lacunoso, a partir do qual procurei exercitar algumas correspondências. Para tanto, diversos foram os textos reunidos: cartas, cartões-postais, ensaios, crônicas, poemas, fotografias e até mesmo páginas de um caderno de autógrafos.

Para alinhar esse material, um estudo crítico, que constitui o segundo capítulo, foi escrito de modo a ressaltar facetas do diálogo, sempre cordial, entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. De uma crônica do encontro até questões relacionadas à edição propriamente dita, procurei aproximar-me do todo ressaltando pontos de contato, assim como tensões entre textos e contextos de época. A “cordialidade”, no sentido empregado por Freyre, como sociabilidade típica do brasileiro, foi recuperada de modo a problematizar algumas questões

¹ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 16.

suscitadas pelo próprio conjunto. Como o olhar do provinciano – Freyre e Bandeira se diziam provincianos – que segue o rumo das beiradas, este trabalho também dá um relevo às bordas, a um material, em princípio, periférico. Nesta linha segue a seção 2.6 – “Guardadores de papéis e iconografias da intimidade” –, do capítulo 2, agregando material paraliterário inédito. Vasculhando um pouco nos arquivos pessoais e procurando as “razões” dos “guardadores de papéis”, relacionaremos outros documentos produzidos em paralelo às cartas, que igualmente revelam aspectos da vida pessoal e social – mais uma vez valendo-me de terminologia freyriana – de nomes envolvidos nas “crônicas” epistolares abordadas ao longo das seções anteriores. O material iconográfico, que complementa estes textos paralelos da tese, seguindo a via aberta pelas cartas, está disposto entre os capítulos 2 e 3.

Por sua vez, o capítulo 3 abrange a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* editada de forma fidedigna e uniformizada, acompanhada por notas de edição, entre colchetes, e por notas exegéticas, que procuram dar suporte amplo para o leitor – desde a explicação de alguma palavra de uso incomum a apontamentos que associem determinadas passagens, eventos e pessoas citados no conjunto com o contexto de época e, num exercício eminentemente intertextual e interpretativo, com a própria obra dos autores. O capítulo 4 segue a trilha do capítulo 3. Nele, editei material esperso, composto por ensaios críticos, crônicas, resenhas e poemas, que permite estender a leitura do capítulo 3 e, ao mesmo tempo, dar sustentação a um entendimento mais amplo sobre o contato entre Freyre e Bandeira. O aparato de notas do capítulo 4 seguiu os mesmos critérios adotados no capítulo 3.

Como material reunido em torno do foco principal da tese, ainda relatei, nos Apêndices, um conjunto de artigos publicados ao longo do doutorado. Os temas aí abordados recuperam, de certo modo, meu percurso – bastante tortuoso, como se verá – ao longo desses anos. Tais artigos também podem ser lidos, principalmente o artigo do Apêndice A – “Os guias de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira: viagem prática ou sentimental?” –, como um complemento ao capítulo 2. Finalmente, nos Anexos, há documentos, também editados de forma fidedigna e uniformizada, de autoria imprecisa, mas que foram classificados como correspondência de Manuel Bandeira pela Fundação Gilberto Freyre. Essas cartas e bilhetes estão ao lado de artigos de Manuel Bandeira, de Gilberto Freyre e de outros publicados no jornal *A Província* quando este era dirigido pelo próprio Freyre (1928-1930).

É importante ressaltar que a forma aparentemente solta de relacionar este material esperso foi a solução que encontrei para estabelecer nexos plausíveis entre textos e objetos de natureza bem distinta um do outro; e esta relação parece revelar – ou, pelo menos, assim eu gostaria – algo sobre nossa experiência social, sob tantos aspectos ambígua, cheia de fissuras

e que exerce, a despeito de suas incongruências, um fascínio muito peculiar. O tema da “província”, como veremos, alinhava tanto a produção de Freyre quanto a de Bandeira, destacando duas facetas de análoga – mas não igual – experiência artística e intelectual: evocação e pendor analítico combinam-se como um exercício estético que é também enfrentamento de questões caras de nossa história. A província, ademais, figura de forma paradoxal na obra de ambos, ressaltando questões situadas no bojo do processo contraditório de modernização do país, que procurou, dentre outros escopos, uma via alternativa de combinação entre modernidade e tradição.

1.2 Brasis calcados

Na crônica “Sou provinciano” – editada pela primeira vez em livro em *Andorinha*, *andorinha*, de 1966, organizado por Carlos Drummond de Andrade –, Manuel Bandeira, ao ressaltar os laços com a província e sua condição provinciana, afirma:

Conheço um sujeito de Pernambuco, cujo nome não escrevo porque é tabu e cultiva com grandes pudores esse provincianismo. Formou-se em sociologia na Universidade de Colúmbia, viajou a Europa, parou em Oxford, vai dar breve um livrão sobre a formação da vida social brasileira... Pois timbra em ser provinciano, pernambucano, do Recife.²

A crônica, originalmente publicada em 12 de março de 1933 no jornal *Estado de Minas*, indica que, já naquela época, o nome de Gilberto Freyre circulava em outros redutos brasileiros que não somente o “provinciano” Pernambuco e que sua figura, enquanto tabu, não era aceita de forma unânime. No final daquele ano, sairia *Casa-grande & senzala*. A convivência com Freyre, que se iniciou em 1925, teria propiciado ao poeta não só ampliar um repertório de temas, como também desenvolver um estilo particular: “Foi nas páginas da *A Província* que peguei este jeito provinciano de conversar”³. Após *Casa-grande & senzala*, Freyre se consolida no país, bem como passa a circular no exterior, especialmente nos meios acadêmicos voltados para o estudo da América Latina. A forma de sua escrita o consagra como um dos nossos grandes ensaístas, e suas formulações sobre o Brasil alçam-se como das mais importantes e produtivas já feitas ao longo de nossa história. Num país que não costuma

² BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p. 668.

³ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 668.

ser “amigo do livro”, como diria Freyre, é emblemático o fato de termos duas grandes e minuciosas biografias – e não são as primeiras – lançadas recentemente num curto espaço de tempo: *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, de Maria Lúcia Pallares-Burke⁴, e *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*, de Enrique Larreta e Guillermo Giucci⁵.

Manuel Bandeira, por sua vez, é tido de forma unânime como um dos maiores escritores do século XX no país. Assumiu a tarefa de “abrasileiramento do Brasil” com uma coerência insuperável em sua geração. Circulou por diversos grupos modernistas e foi simultânea e sintomaticamente amigo de Mário de Andrade e de Gilberto Freyre, bem como de outros paulistas e pernambucanos, ao lado de cariocas, mineiros etc. Seus poemas, suas crônicas e seus ensaios sobre arte brasileira, num sentido amplo, mostram como buscou construir formas sólidas, nada abstratas ou cartesianas, de aproximação com a matéria local.

A trajetória de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, pernambucano radicado no Rio de Janeiro desde o início da adolescência, constitui página fundamental para a consolidação do Modernismo no Brasil. O encontro dos dois, desse modo, não seria de menor importância. Ambos, ao seguirem a trilha da província e do provinciano, contribuem com um veio que se poderia chamar, segundo Michael Löwy e Robert Sayre⁶, de “figurações românticas na sociedade”, ao procurarem se apropriar de valores pré-modernos e anticapitalistas como forma de atuação no presente. Nesse sentido, ao criticarem os valores cosmopolitas, como o racionalismo, o individualismo e o tecnicismo da sociedade burguesa, mostram que estavam acompanhados por um amplo espectro de pensadores e artistas de linhagem romântica com variáveis conservadoras e de esquerda. Daí que teóricos como Walter Benjamin, o jovem Georg Lukács e Theodor Adorno, enquanto críticos do Iluminismo, se mostraram, em alguns momentos, produtivos para tornar mais complexo o estudo da correspondência e da obra dos dois escritores. Trata-se, pois, de formas de proposição diferentes, de fundo romântico, em ação contra um mundo desencantado, que se lançam para o passado procurando respostas acerca dos limites do presente.

As leituras dessa província calcada – que se entenda como pisada, em estreita ligação com a terra, mas principalmente menosprezada e reprimida –, ao se voltarem para o passado, acabaram por constituir uma linha acerca da qual a crítica em geral, porém sobretudo aquela guiada por valores críticos de fundo progressista, não aborda de forma pacífica. A história

⁴ PALLARES-BURKE, M.L. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

⁵ GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁶ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

dessa província, nas mãos de Freyre e Bandeira, guarda certa semelhança com a força com que ambos procuraram trazer o elemento marginal – como a herança africana – para o centro do debate artístico e intelectual⁷. A província, principalmente nas décadas de 20 e 30, deveria ser superada e transcendida, fosse em prol de valores cosmopolitas, fosse em favor de valores nacionais. Nesta segunda vertente, a província se mistura com o projeto ideológico dos anos 30, mas sua perspectiva ainda fica reprimida como expressão de meros regionalismos e de nostalgias reacionárias. Ela foi, ao final, assumida muito mais como valor periférico na cultura brasileira e ocidental.

Contudo, hoje, principalmente na linha dos estudos culturais, pós-colonialistas e pós-modernos, pode-se ver nela uma ação diferenciada e transnacional, já presente no início do século XX. Apesar de ser evidente que a proposição dos autores pode ser mais bem entendida agora que há alguns anos, também não pretendo inserir este trabalho em nenhuma corrente teórica dos dias de hoje ou mesmo fazer uma leitura que se encaminhe nesse sentido.

No caso de Freyre, os questionamentos acerca do “apenas moderno”, ou seja, dos limites do moderno, convergem para o paradigma que tomaria a cena, não num futuro muito distante, principalmente em países de língua inglesa. Ainda assim, não deixa de ser sugestivo que Gilberto Freyre, em 1973, publicasse um livro chamado *Além do apenas moderno*, prefaciado por José Guilherme Merquior. Freyre declara-se um anarquista conservador, desenvolve um pensamento contra o utilitarismo, propondo o “rurbano” como superação das mazelas cosmopolitas e liberalizantes, desenvolvendo o conceito de “tempo tríplice” (segundo o qual passado, presente e futuro se interpenetram) e lançando-se contra o objetivismo cronométrico da modernidade⁸, bem como fala, e muito, sobre si, espalhando belas e fabulosas histórias na mídia da época com evidente objetivo de manter-se no centro dos refletores, a ponto de ficção e realidade perderem completamente a fronteira e se imporem como espetáculo⁹. Nesse sentido, Gilberto Freyre pode ser visto, com seu cabotinismo, como um intelectual pós-moderno midiático *avant la lettre*.

⁷ Nesse contexto, segundo Leyla Perrone-Moisés, a presença de Gilberto Freyre foi decisiva na década de 30 para a valorização do elemento mestiço: “No século XX, sobretudo depois da obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala* (1933), a situação inverteu-se, e os intelectuais passaram a declarar suas origens negras. Essa assunção lhes dava boa consciência e os marcava como verdadeiros brasileiros, diversos dos novos imigrantes europeus ou orientais. [...] Independentemente do que possam especular os intelectuais a respeito dela, a mestiçagem é um fato permanentemente consumado na América Latina e, em termos culturais e artísticos, produz resultados originais.” (PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina*. In: _____. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.45.).

⁸ Note-se reflexão de Gilberto Freyre sobre o tempo: “Talvez se possa dizer do tempo que não há um tempo só vivido de modo unilinear pelo indivíduo; e sim vários tempos, variamente, contraditoriamente, vividos por ele. Um que morre antes do indivíduo; outros que lhe sobrevivem. O mesmo se poderá dizer das relações sociedade-cultura-tempo.” (FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p.140-1).

⁹ A fábula inventada do casamento de Freyre com uma rica herdeira americana, às vésperas do seu retorno ao Recife depois do exílio forçado pelos acontecimentos deflagrados pela Revolução de 30, é exemplar da forma antecipadora com que o escritor se relaciona com a mídia. Leia-se a seguinte passagem de Glucci e Larreta: “A notícia de seu casamento com uma herdeira

Como exemplo das suas “antecipações”, veja-se, por exemplo, a analogia de proposição entre Gilberto Freyre, que defende a combinação entre originalidade e liberdade, e o pensamento de um filósofo como Giorgio Agamben, também crítico ferrenho da modernidade, ao mostrar os limites do tempo linear, do historicismo de fundo progressista e ao defender uma reaproximação com a “história autêntica”, com uma nova concepção de tempo e com a experiência poética da infância¹⁰. Em 1925, Manuel Bandeira publicou um poema, “Evocação do Recife”, escrito a pedido de Gilberto Freyre, que poderia ser lido, nesta linha, como a realização literária dessa mitologia inovadora, que congrega experiência e infância, história e mito, como uma forma de romper com a descontinuidade imposta pela época moderna e como possibilidade de avizinhar-se da morte – num sentido amplo, subjetiva, histórica e arquetípica:

Recife...
 Rua da União...
 A casa de meu avô...
 Nunca pensei que ela acabasse!
 Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...
 Meu avô morto.
 Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa
 [de meu avô.¹¹

Em seu *Itinerário de Pasárgada*, Bandeira fala sobre a formação de uma mitologia pessoal enraizada na infância como materialização de uma experiência distinta da propiciada pelo tempo linear e cronológico:

norte-americana tão rica quanto feia espalhou-se no Recife e chegou à imprensa da província. Num jornal local de junho de 1931, na seção ‘Casamentos’, registra-se a notícia: ‘Por carta particular, sabemos que se realizará no próximo mez, na Califórnia, o casamento do escriptor brasileiro sr. Gilberto Freyre com miss Louise Marie Bianchi Hill, filha do coronel Monson Horace Bianchi Hill, de Rothontas, conhecido como o “rei da Esmeralda”, por possuir algumas importantes minas no Pacífico. Após o consórcio, o jovem par deverá seguir para a ilha do Pacífico, Kelley-Gon, de propriedade da família Bianchi Hill, que tem ali o seu palacete de verão’. [...] Numa carta enviada a Olívio Montenegro, pede-lhe reserva absoluta, muito tato e alguma imaginação. Trata-se de difundir uma mentira. Qual é o motivo da mentira? ‘Já que começo a ser ahi (Recife) uma legenda, até mesmo um phantasma, quero contribuir eu proprio para o mytho. Minha primeira contribuição é esta que envio: creio que provocará invejas maiores que o convite de Stanford. Irão outras depois. Todas baseadas na seguinte psychologia: provocar invejas e ao mesmo tempo dar oportunidade ao pobre diabo, roído de inveja, dizer, como compensação (a superioridade moral é sempre uma compensação): “que péssimo charater esse Gilberto Freyre”. Aqui esta a ultima desse nefando Bigodinho – casar-se por dinheiro com a filha de um milionário’(GF a Olívio Montenegro, 18/05/1931).” (GIUCCI; LARRETA, **Gilberto Freyre**, 2007, p.405-406).

¹⁰ Segundo Agamben, seria lícito às novas gerações uma inovadora proposta: “Ao tempo vazio, contínuo, quantificado e infinito do historicismo vulgar, deve ser oposto o tempo pleno, partido, indivisível e perfeito da experiência humana concreta; ao tempo cronológico da pseudo-história, o tempo caiológico da história autêntica; ao ‘progresso global’ de uma dialética que se perdeu no tempo, a interrupção e a imediatez de uma dialética imóvel.” (AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.168.).

¹¹ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.214.

Dos seis aos dez anos, nesses quatro anos de residência no Recife, com pequenos veraneios nos arredores – Monteiro, Sertãozinho de Caxangá, Boa Viagem, Usina do Cabo – construiu-se a minha mitologia, e digo mitologia porque os seus tipos, um Totônio Rodrigues, uma Dona Aninha Viegas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa de meu avô Costa Ribeiro, têm para mim a mesma consistência heróica das personagens dos poemas homéricos. A Rua da União, com os quatro quarteirões adjacentes limitados pelas Ruas da Aurora, da Saudade, Formosa e Princesa Isabel, foi a minha Troáda; a casa de meu avô, a capital desse país fabuloso. Quando comparo esses quatro anos de minha meninice e quaisquer outros quatro anos de minha vida de adulto, fico espantado do vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante.¹²

Assim, Freyre e Bandeira apontam, em vários momentos, para a vontade de se reunirem experiência e mito, redirecionando o homem para um mundo encantado, em que se tome contato com uma dimensão original de tempo e de história, para além da idéia de um processo cronológico quantificável. Um dos projetos de Freyre que se esboça na década de 30, confiado ao amigo Bandeira em carta com nota de *confidential*, por exemplo, mostra o propósito, em linha semelhante, de desenvolver estudo que alie ciência à descoberta da intimidade e da vida da criança no Brasil¹³.

Desse modo, exercício de trazer Gilberto Freyre, Manuel Bandeira e a província, juntos, para o centro do debate não poderia ser tranqüilo. Este trabalho, neste sentido, não quer ser “conciliador” ou minimizar evidentes contradições de um projeto pleno de paradoxos, ou sequer dar uma resposta coerente e definitiva para questões tão amplas e que atravessam o século, mas quer tão-somente mostrar que o debate está longe de um desfecho unilateral ou pacificador.

¹² BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.35.

¹³ “Vai esta com a nota de *confidential* porque é assunto que desejo fique encoberto dos literatos. Agora que estou ganhando um pouco mais (embora reunindo responsabilidades e deveres de três indivíduos) estou empregando as economias na compra de livros referentes à vida íntima do Brasil (muitos deles só de passagem), a estudos sociais, em geral, sobre a família e especialmente sobre a vida e a história da criança, em vários países e em diferentes condições de cultura. Já estou com um bom começo de biblioteca especializada e outros desses livros me estão a chegar. Esse trabalho e essa reunião de livros – como você é um dos raros a saber – prende-se a um estudo, sob o ponto de vista psicológico e histórico, que há anos me prende, e adiado pela falta absoluta de entusiasmo e falta de recursos de estudo e leitura aqui. Sucede que apareceu uma fagulhazinha de entusiasmo e, em vez do miserável dinheiro que me trazia sempre em dívidas, estou ganhando (embora com sacrifício de conforto e saúde) o bastante para me dar ao luxo de adquirir livros sobre um estudo especializado como o que me vem há tempos ocupando a um estudo da vida de menino no Brasil.” (Cf. cap.3, Documento 5, com datação “Recife, 6 de maio de 1929”).

2 ESTAS CARTAS PROVINCIANAS

Je n'ai fait celle-ci plus longue que parce que je n'ai pas eu le loisir de la faire plus courte.

BLAISE PASCAL¹

Para discutir o papel do crítico na modernidade, Roland Barthes parte da seguinte proposição:

Ora, escrever é de certa forma fraturar o mundo (o livro) e refazê-lo. Que se pense aqui no modo profundo e sutil, como de hábito, que a Idade Média encontrou para reger as relações do livro (tesouro antigo) com aqueles que tinham o encargo de reconduzir essa matéria absoluta (absolutamente respeitada) através de uma nova fala. Só conhecemos hoje o historiador e o crítico (e ainda querem que, indevidamente, os confundamos); a Idade Média tinha estabelecido em torno do livro quatro funções distintas: o *scriptor* (que copiava sem nada acrescentar), o *compiler* (que nunca acrescentava coisas suas), o *commentator* (que só intervinha por si próprio no texto recopiado para o tornar inteligível) e afinal o *auctor* (que dava suas próprias idéias, apoiando-se sempre sobre outras autoridades) [...]².

A modernidade teria recusado a validade desta distinção engenhosa por seu rigor impossível, uma vez que a visão subjetiva pode minar justamente as fases em que se pretende o respeito ao Livro, como a atividade do *compiler*. A crítica, na modernidade, começaria a atuar já como *compiler*, pois “não é necessário acrescentar coisas suas a um texto para o ‘deformar’; basta citá-lo, isto é, cortá-lo: um novo inteligível nasce imediatamente”³. Mas o crítico literário, de fato, seria uma espécie de *commentator*, intermediando, traduzindo a significação, reconduzindo o texto, “redistribuindo” os elementos constituintes de uma obra para lhe dar uma inteligibilidade.

Em princípio, o editor de cartas encontrar-se-ia diante de muitas questões problemáticas suscitadas por esta reflexão. Se, por um lado, não poderia promover a confusão entre papéis que deveriam ser absolutamente distintos, segundo os critérios da crítica na

¹ SEIZIÈME lettre aux révérends pères jésuites du 4 décembre 1656. In: PASCAL, B. **Les provinciales**: ou les Lettres écrites par Louis de Montalte à un provincial de ses amis et aux RR. PP. Jésuites. Ed. par Louis Cognet e Gerard Ferreyrolles.

² BARTHES, R. **Crítica e verdade**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1982. p.229.

³ BARTHES, **Crítica e verdade**, 1982, p.229.

modernidade, ou seja, o respeito pela fala original do documento seria desejável em qualquer circunstância, por outro lado, deve estar atento para o fato de que seu papel pode ir, de fato, da perspectiva do *scriptor* ao *auctor*. O desafio, portanto, é de monta: sem se sobrepor ao texto das cartas, seu trabalho pode ser visto como uma espécie de co-autoria, pois ele pode construir, em meio a tanta flexibilidade, todo um aparato de criação. O leitor, ao final, pode ter, diante de uma edição acabada, uma relação de leitura tanto pragmática quanto prazerosa.

Minha proposta é, ao editar a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, aproveitando as palavras de Barthes e observando a impossibilidade de um rigor absoluto, procurar circunscrever as esferas de *commentator* e *auctor*, funções, por certo, mais sujeitas à discussão, para a elaboração do estudo que se segue. Será possível observar que minhas considerações procuram dar conta de uma série de questões de natureza literária, cultural e histórica cujo objetivo é amplificar a leitura das cartas. Mas tal estudo pode ser dispensado se o leitor quiser limitar-se apenas ao universo da correspondência propriamente dita.

Já as funções de *scriptor* e de *compiler* podem ser observadas na transcrição da correspondência, na fixação do texto e em todo o aparato de notas da edição, principalmente as de caráter filológico – isso sem excluir a possibilidade de que o *commentator* também se manifeste na feitura da edição, já que um emaranhado de citações e remissões a obras dos próprios autores e a de outros é constituído como modo de oferecer possibilidades de leitura contíguas ao universo das cartas. A voz do editor surge, assim, para estabelecer conexões, as quais, ao final, podem ser vistas como modo de “tornar o texto inteligível”. Porém, mais uma vez, afirmo que, se o leitor preferir, a correspondência já fala por si. Tentei justamente deixar bem delimitados esses níveis para facilitar a aproximação do leitor com o(s) texto(s) conforme aquilo que lhe for mais imperativo.

Deste modo, enquanto informações de natureza mais descritiva, técnica, informativa e explicativa mínima dominariam o processo de anotação, ao estudo poderia ser reservado o objetivo da crítica ou da exegese. Neste sentido, o estudo da correspondência, espécie de híbrido entre *commentator* e *auctor*, na medida em que também se pode elaborar uma escrita peculiar, por extensão ensaística, permite exercitar algo além do discurso de acompanhamento, de ancoragem no tempo, no sentido aplicado por Becker⁴, que se realiza nas notas.

⁴ Becker utiliza estas palavras a propósito da anotação de correspondência, questão que será discutida na seção “Outro itinerário: dos arquivos à edição”, deste capítulo. Cf. BECKER, C. Les discours d'escort: l'annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola). In: FRANÇON, A.; GOYARD, C. (Org.). **Les correspondences inédites**. Paris: Economica,

Vê-se que editar correspondência é um desafio talvez não menor do que editar qualquer outro tipo de texto. Ademais, a epistolografia tem especificidades várias e, além disso, o trabalho demanda uma criteriosa e muitas vezes lenta pesquisa em arquivos. O universo de estudos que se abre, também, quando a mesma é editada, pode ser vasto.

Pensando nas principais perspectivas que o estudo com cartas possibilita, Marcos Antonio de Moraes observa:

Pode-se, inicialmente, recuperar na carta a expressão testemunhal que define um perfil biográfico. Confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. Nesse sentido, as estratégias de divulgação de um projeto estético, as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena artística (livros e periódicos, exposições, audições, alterações públicas) tem raízes profundas nos “bastidores”, onde, muitas vezes, situam-se as linhas de força do movimento. Um terceiro viés interpretativo vê o gênero epistolar como “arquivo da criação”, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração. A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica da obra de arte⁵.

Penso que são frutíferas todas essas linhas de leitura tendo por base a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, ou seja: como documento de caráter biográfico; como documento que testemunha a vida artística – e, poder-se-ia dizer, a vida intelectual – de determinado período; e como “arquivo da criação” – linha esta que remete à Crítica Genética.

Ainda mais, seria importante acrescentar às considerações que exploram o caráter paraliterário da correspondência a possibilidade de se ler a carta como discurso que goza de um estatuto literário particular – e, tendo em vista seu tipo fronteiro, tal como a forma do ensaio ou da crônica, sua literariedade híbrida seria um ponto de constante estímulo ao leitor e ao pesquisador. Apesar de não terem sido, em princípio, escritos pensando-se num receptor indeterminado ou público, ou seja, de existirem apenas como forma de comunicação entre remetentes e destinatários específicos, numa relação estritamente privada, não se pode escapar do fato de que são textos de escritores relevantes – no caso de Gilberto Freyre, sobretudo um

1984. Colloque sur les correspondances inédites, Paris, 9-10 juin 1983. Traduzido por Cláudio Hiro sob o título O discurso de escolta: a anotação e seus problemas (a propósito da correspondência de Zola.).

⁵ MORAES, M.A. de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, Campinas, v.59, n.1, p.30-32, jan./mar. 2007. p.30.

ensaísta e, no caso de Manuel Bandeira, um poeta e cronista – e que, por isso mesmo, para além do pragmatismo que envolve este tipo de comunicação, tais textos podem ser um campo de experimentação das possibilidades de escrita.

A visão híbrida que o texto das cartas pode implicar, simultaneamente como valor documental e como texto de caráter literário, é, por exemplo, muito bem notada por Sophia Angelides ao discutir a correspondência entre Tchékhov e Górkí⁶. No nosso caso, no universo literário, o diálogo escrito das cartas explora principalmente a oralidade, que tanto em Bandeira quanto em Freyre é característica determinante do tipo de escrita que os faria centro das inovações formais no Modernismo brasileiro. Nesta linha seria possível flagrar vários momentos em que a escrita exemplar dos dois autores se ilumina nas cartas – de maneira móvel e relativa, destaque-se –, as quais, por sua vez, poderiam se beneficiar das diversas possibilidades hermenêuticas e críticas que se encontram disponíveis na atualidade.

Desse modo, no estudo que se segue, pretendo discutir questões referentes ao contexto em que a correspondência foi escrita, bem como questões de natureza ideológica, ética e estética, surgidas a partir da leitura da correspondência em conjunto com a obra de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. Mas, além e apesar de procurar conferir a este estudo um caráter crítico, é possível que o texto tenha se contaminado pelo tom despretensioso da crônica ou pela abertura do ensaio, patente tanto na *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* quanto na obra de ambos. Assim, há uma distensão de temas que, em princípio, pode causar estranheza, mas que, ao final, espero que faça sentido.

Levantar e discutir sutis relações, como a contaminação entre epistolografia, ensaio e crônica, podem – e isto seria desejável – alargar as reflexões sobre a natureza mesma da correspondência e sobre suas relações com o Modernismo brasileiro. Um fio condutor para a leitura desse conjunto de cartas e outros textos foi a “cordialidade”, termo aqui entendido como sociabilidade que promoveu o estreitamento do vínculo entre as pessoas e que fez largo uso dos índices da familiaridade, desenvolvidos sobretudo no universo da cultura oral. Partimos do princípio de que a amizade cordial ajudou a estreitar vínculos que a escrita modernista reflete na forma e no conteúdo. Para Gilberto Freyre, a cordialidade explica o contato entre classes privilegiadas e populares. Nesse contexto, o espaço das cartas, seguindo as palavras de Guimarães⁷, tornou-se um substituto efetivo da conversa, enriquecendo-se com a qualidade oral que, segundo Freyre, também é típica do brasileiro. Outra questão que parece

⁶ ANGELIDES, S. **Carta e literatura**: correspondência entre Tchékhov e Górkí. São Paulo: EDUSP, 2001.

⁷ GUIMARÃES, J.C. **Contrapontos**: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. p.24.

ser produtiva no contexto das cartas é a “província”. Mas, como veremos, não se trata do sentido pejorativo normalmente atribuído à mesma, “em tom de queixa ou autocensura”, que provocou de modo generalizado e “mais difundido o medo de ser provinciano”⁸.

Nesta linha, o título *Cartas provincianas* recupera o significado dessa correspondência cordial e alude aos vários momentos da coletânea de cartas, bem como aos textos dos anexos, em que os termos “província” e “provinciano” surgem destacando de modo positivo o veio comunicativo de natureza memorialística, de profunda relação com o lugar, procurando, paradoxalmente, dar um sentido para as contradições entre questões regionais e universais, entre modernidade e tradição, entre localismo e cosmopolitismo, temas que circulavam amplamente no contexto da época em que as cartas estão inseridas.

O título *Cartas provincianas* foi sugerido pelo livro *Lettres provinciales*, de Blaise Pascal, constituído por 18 cartas escritas com o pseudônimo Louis de Montalte, com datação que vai de 23 de janeiro de 1656 a 24 de março de 1657. O humor e a sátira dão o teor da correspondência que trata de temas polêmicos para a sociedade francesa da época. Sua finalidade primeira era defender um amigo de Pascal, o jansenista Antoine Arnauld, autor do tratado *De la frequente communion* (1643), cuja publicação foi decisiva para sua condenação por idéias heréticas pela Sorbonne em 1656. As *Lettres provinciales* foram, posteriormente, largamente lidas por filósofos iluministas no século seguinte.

O autor fictício das *Lettres provinciales* é um parisiense falando sobre o que ocorria na capital, sobretudo na esfera da Igreja e da Universidade, para dois destinatários: um homem de província – e cabe lembrar que, à época, a província era uma subdivisão subordinada ao poder monárquico – e padres jesuítas⁹. Portanto, não são nada cordiais no sentido defendido por Gilberto Freyre, apresentando abertamente polêmicas questões filosóficas e religiosas.

Porém, tal como as cartas de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, há uma tensão evidente entre província e capital. Nas *Lettres provinciales*, uma vez que na capital se concentravam os problemas e as mazelas do campo teológico e religioso, o confronto com a

⁸ ENZENSBERGER, H.M. Linguagem universal da poesia moderna. In: _____. **Com raiva e paciência**: ensaios sobre literatura, política e colonialismo. Seleção e introdução de Wolfgang Bader. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985. p.42.

⁹ A estrutura das *Lettres provinciales* é a seguinte: da primeira à décima carta, o canal comunicativo é entre Louis de Montalte e “un provincial de ses amis”. Montalte fala da capital, Paris, remetendo ao amigo, ao todo, nove cartas. Uma dessas primeiras dez cartas, precisamente a de número 3, é uma “Réponse du provincial aux deux premières lettres de son ami”, com datação “2 février 1656”. Posteriormente, da carta 11 à carta 18, o destinatário são os “révérends pères jésuites” (V. nota 1: PASCAL, **Les provinciales**: : ou les Lettres écrites par Louis de Montalte à un provincial de ses amis et aux RR. PP. Jésuites).

província – uma solução literária bastante inteligente – poderia devolver o senso crítico, poderia desmascarar o que havia de mais incongruente nos círculos da grande cidade e no âmbito da Igreja.

Já em Freyre e Bandeira, ser provinciano é questionar frontalmente os valores e as formas produzidas pelas metrópoles, numa época de profundas transformações, que evidenciavam os limites do modelo da democracia liberal adotado por inúmeros países, em especial pelos Estados Unidos, onde o sociólogo viveu. Os dois escritores sentem as ondas das catástrofes do século XX, para utilizar interpretação de Eric Hobsbawm¹⁰, e, em seus escritos, literariamente bem logrados e também fortemente engajados no propósito de uma ação social e intelectual, mostram a necessidade de se fazerem escolhas que desviassem os brasileiros das aporias do liberalismo, das vanguardas e da modernidade sob o signo do individualismo e dos valores abstratos.

Afora esta tensão entre província e capital, extensiva à obra de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, as cartas de Pascal foram reconhecidas como literárias, inaugurando, segundo alguns críticos, a prosa moderna francesa. Para Freyre, Pascal era dos mais admiráveis ensaístas – e não podemos nos esquecer de que há, na constituição da prosa moderna, uma relação estreita entre carta e ensaio:

O ensaísmo representa atualmente, nas letras ocidentais, em geral, nas brasileiras, em particular, não só uma ressurgência – a de uma forma superior de expressão literária tornada clássica por franceses como Montaigne e Pascal, ingleses como Lamb e Newman, espanhóis como Gracián e em termos modernos avivada por Unamuno e Ganiwet – mas uma insurgência sob a forma de nova abrangência: a insurgência de um neogeneralismo superador de excessos tecnocráticos de especialismos. Insurgência em face do que começou a ser uma intolerante ortodoxia dessa espécie de tecnocracia: o extremo especialismo no trato de assuntos sociais ou sócio-culturais. Excesso, nesse neogeneralismo, de citações? É possível. Mas o fato é que o Brasil de hoje conta com generalistas de qualidade não apenas notáveis pelo número já considerável: superação, já, de romancistas e de poetas, nas próprias letras.¹¹

¹⁰ Em síntese, afirma o historiador sobre o contexto das Guerras Mundiais: “Para essa sociedade, as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda foram uma Era de Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade em calamidade. Houve ocasiões em que mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. Ela foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revoluções globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adotado, primeiro, em um sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população do globo. Os imensos impérios coloniais erguidos durante a Era dos Impérios foram abalados e ruíram em pó. Toda a história do imperialismo moderno, tão firme e autoconfiante quando da morte da rainha Vitória, da Grã-Bretanha, não durara mais que o tempo de uma vida humana – digamos, a de Winston Churchill (1874-1965).” (HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita e revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.16.).

¹¹ FREYRE, G. **Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e não num mundo em transição**. Rio de Janeiro: Globo, 1983. p.76.

2.1 Quixotes na província: um percurso inicial

Hoy se ha perdido la buena costumbre, tan conveniente a la higiene mental, de tomar en serio – o mejor, en broma – los versos sociales de álbum, de cortesías.

Desde ahora te digo que quien sólo canta en do de pecho no sabe cantar; que quien sólo trata en versos para las cosas sublimes no vive la verdadera vida de la poesía y las letras...

ALFONSO REYES ¹²

No livro comemorativo dos 50 anos de Manuel Bandeira, *Homenagem a Manuel Bandeira*, José Lins do Rego escreve – em meio a outros colaboradores cujos nomes ficaram ligados ao Modernismo na década de 20 e 30 no Brasil, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Gastão Cruis, Jorge de Lima, Lúcia Miguel Pereira, Murilo Mendes, Olívio Montenegro, Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto), Pedro Nava, Ribeiro Couto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes, dentre outros – um texto breve sobre o poeta, de apenas duas páginas, qualificado como “fraco” por Gilberto Freyre, “embora tão carinhoso” consigo, diria o “exigente” sociólogo em carta ao próprio Manuel Bandeira¹³. Nesse pequeno ensaio, de tom despretenso, José Lins marca bem dois argumentos que retomarei mais adiante na costura deste estudo da correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira: o primeiro argumento enfoca a afirmação, que permeia todo o curto ensaio, de que “poesia e poeta não se separam, numa simulação criminosa” – em outras palavras, persegue uma relação quase visceral entre texto e autor, entre exegese e biografia; o segundo argumento diz respeito à história do primeiro contato entre o romancista do Nordeste e o poeta “provinciano” radicado

¹² Epígrafe da coletânea de poemas de Manuel Bandeira *Mafuá do malungo* (Cf. BANDEIRA, Manuel. **Mafuá do malungo**. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1948.), tomada da epígrafe de Alfonso Reyes ao seu livro de poesias de circunstância *Cortesía* (Cf. REYES, Alfonso. **Cortesía (1909-1947)**. México: Ed. Cultura, 1948.).

¹³ Este é o comentário que Gilberto Freyre faz acerca do livro *Homenagem a Manuel Bandeira*: “Há muito pernambucanismo e provincianismo em você, como você próprio sente no seu grande ‘Provinciano que nunca soube’; só os filólogos como seu amigo Nascentes não sentem isso. Esses filólogos! Creio que os filólogos poderiam ter escrito coisas ótimas sobre você, mas ao meu ver falharam, embora a nota do Nascentes tenha uns pedaços sentimentalistas e biográficos bem bons, beirando a pieguice mas sem cair nela. Gostei muito do artigo do Abgar Renault. Eis aí um fino sem requintes idiotas e compreendendo coisas de literatura inglesa que o brasileiro raramente compreende. Gostei de Rodrigo, de Nava, de outros. A nota de Sérgio muito rápida. A de Afonsinho tem umas coisas boas, outras de que não gostei tanto. O meu grande Prudente, bom mas seria chegar ao ótimo a que habituou as leituras de suas interpretações e críticas. A nota de meu querido Lins, embora tão carinhosa comigo (como sempre), achei fraca. A de Plínio boa, apenas uns pedaços frios. A do Dr. Jorge de Lima, característica, bem característica. Mas não estou fazendo um comentário ao livro que nem ao menos tenho perto de mim.” (Cf. cap. 3, Documento 27, com datação “Recife, 11 de fevereiro de 1937”). A resposta de Bandeira é direta, sem delongas: “Recebi a sua carta com as impressões da *Homenagem*.” (Cf. Documento 28, com datação “Rio de Janeiro, 4 de março de 1937.”).

no Rio de Janeiro, mediado pelas mãos ansiosas do futuro mestre de Apipucos – num contexto em que ambos, Freyre e Lins, vale dizer, seriam uma espécie de quixotes na província¹⁴, sempre em busca de novas leituras e novos contatos.

Gilberto Freyre, assim, entra nesta crônica de José Lins para a *Homenagem* como um personagem que articula dois universos antes intocados e que, depois, passam a compor um amplo espaço – o qual envolve cenários como Recife e Rio de Janeiro, dentre outros importantes redutos espalhados pelo país. Nesse contexto, intelectuais, artistas e literatos aos poucos procuram ampliar seu círculo e fazer da conciliação entre modernidade e tradição, em diferente medida, um projeto – o que é emblemático no contexto da política modernizadora e ao mesmo tempo conservadora empreendida por Getúlio Vargas entre 1930 e 1945, que se situa, de forma problemática, na fronteira entre o público e o privado.

Começemos pelo segundo fio argumentativo, na trilha de José Lins, a respeito da crônica do encontro. Gilberto Freyre voltou da Europa em 1922 depois de longo período nos Estados Unidos (1918-1922), onde se bacharelou em Letras e Ciências Humanas pela Universidade Baylor (1920) e obteve título de pós-graduação apresentando a dissertação *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* na Universidade Columbia (1922). No retorno ao país, em 1923, depois de cerca de um ano de viagem por vários países da Europa, aqui não se depara propriamente com um ambiente acolhedor:

RECIFE, 1923.

O que sinto é que sou repellido pelo Brasil a que acabo de regressar homem, depois de o ter deixado menino, como se me tivesse tornado um corpo estranho ao mesmo Brasil. É incrível o número de artigos e artiguetes aparecidos nestes poucos meses contra mim; e a insistência de quase todos eles é neste ponto: a de ser eu um corpo estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeirado. Sendo um estrangeiro – argumentam eles – é natural que não me sinta mais à vontade no Brasil. E se não me sinto à vontade no Brasil, se não sei admirar Rui Barbosa na sua plenitude, se não me ponho em harmonia com o progresso brasileiro nas suas expressões mais modernas, antes desejo voltar aos dias coloniais – uma mentira – se isto, se mais aquilo, por que não volto aos lugares ideais onde me encontrava, deixando o Brasil aos brasileiros que não o abandonaram nunca por tais

¹⁴ Aproveito a expressão “quixote” valendo-me das próprias palavras de Gilberto Freyre, que qualifica o tom dos primeiros artigos no *Diário de Pernambuco*, cujo início se deu quando tinha apenas 18 anos, como de “um quixotismo de adolescente desvairado”, “uma quixotesca busca” (FREYRE, G. Introdução do autor. In: _____. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1, p.27). Outra não é a postura do próprio José Lins do Rego, segundo testemunha do amigo: “José Lins do Rego, na sua adolescência de panfletário, há vinte anos, no Recife, fartou-se de atacar Estácio Coimbra e Pedro Paranhos. Que eram uns autocratas. Inimigos do povo. Que Estácio Coimbra não descia até o povo com medo de sujar os punhos da camisa ou desmanchar o laço da gravata de seda.” (FREYRE, G. Fidalgos pernambucanos. In: _____. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. p.231).

lugares? Este parece ser o sentido dominante nos artiguetses que vêm aparecendo contra mim.¹⁵

Freyre procurou cavar “um mercado consumidor” que pagasse pelo seu trabalho e, ao fazer-se um profissional das letras, foi aberto a toda e qualquer experiência, desde a mais vanguardista e revolucionária¹⁶ à mais tradicional e conservadora¹⁷. Porém, tal atitude não foi positivamente recebida pelos pares pernambucanos, apesar de Gilberto Freyre nunca ter se desvinculado de todo da terra natal – lembre-se de que enviava periodicamente artigos para o *Diário de Pernambuco*, escritos em meio a diversas atividades acadêmicas em que se envolveu quando nos Estados Unidos. Assim, foi por conta de sua atividade profissional que se deparou com o nome de Manuel Bandeira pela primeira vez.

O jovem aspirante a jornalista José Lins – que à época assinava seus artigos “Lins do Rego”, tendo adotado o “José” por influência do sociólogo¹⁸ – encontrou em Gilberto Freyre, apenas um ano mais velho que ele, um amigo e quase mestre, que lhe apresentou vários nomes da literatura inglesa e norte-americana e chegou a lhe dar aulas de inglês¹⁹. O estreito vínculo entre os dois nestes primeiros anos após a volta de Freyre ao Brasil permite o registro de outras “crônicas modernistas”, como aquela que narra o encontro – na melhor acepção da palavra, descoberta ao acaso, guiada por afinidades e lançada à aventura do conhecimento mútuo – entre Freyre e Bandeira:

¹⁵ FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p.128.

¹⁶ Para conhecer um pouco do contato de Gilberto Freyre com as vanguardas norte-americanas, ver artigo de minha autoria, *Leituras modernas da antiga província: nordestes, Gilberto Freyre e a vanguarda anglo-americana*, reproduzido no Apêndice F desta tese.

¹⁷ José Lins do Rego fala sobre os “anos difíceis” de Gilberto Freyre: “Os dias de Gilberto, por esse tempo, passados os primeiros contatos do retorno, foram duros, duríssimos. Faltava-lhe tudo no seu Brasil. O que poderia fazer um diplomado em Columbia num país indiferente por completo às grandes manifestações do espírito desinteressado? Teria que trabalhar, teria que viver. Quiseram fazê-lo diretor da Biblioteca Pública. E lá um dia um parente próximo procurou-o. O governador tinha o lugar para ele, mas aquilo de andar Gilberto com um rapaz inimigo do governo soava mal [aqui a referência pode ser ao próprio José Lins, que escrevia, àquela época, artigos nada elogiosos aos políticos e intelectuais nordestinos]. Teria que mudar de relações. Perdeu o bom emprego. Contaria somente com os artigos do *Diário de Pernambuco*; mais tarde com um emprego, porém insignificante.” (REGO, J. L. do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, **Região e tradição**, 1941. p.15.). É interessante observar que Gilberto Freyre, ao contrário do que possa se pensar, não era propriamente um representante da elite pernambucana; foi com muito custo que sua família conseguiu mantê-lo nos Estados Unidos, onde também o futuro sociólogo cavou inúmeras formas de melhorar o parco orçamento. Portanto, não se justificaria a afirmação de que o autor era um aristocrata ou um descendente direto da classe.

¹⁸ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.148.

¹⁹ “Anglos às vezes anjos. Gilberto Freyre me ensinou a amar esta gente-síntese da Humanidade. Deu-me a ler os seus poetas e os seus grandes romancistas.” (REGO, J.L. do. Prefácio. In: FREYRE, G. **Inglese**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942. p.15). E, ainda, em testemunha mais eloquente: “Lembro-me dos nossos passeios. Daquela, à tarde, à Cruz do Patrão, com o mar batendo forte nas pedras e os relevos de Olinda iluminados do sol. Havia no porto um navio com o nome de Boswel. Era o biógrafo do Dr. Johnson. Gilberto me dava lições de inglês, e tudo era um pretexto para que ele me falasse de uma literatura virgem para mim. Ele queria que eu me apercebesse da riqueza dessa literatura onde os instintos e os lógicos se encontravam em verdadeiros milagres de criação, românticos e céticos se cruzando nos mesmos caminhos, uma literatura que era como a natureza humana, cheia de contrastes, de forças em conflito, mas por onde soprava o sopro lírico mais intenso.” (REGO, J.L. do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, **Região e tradição**, 1941, p.16.).

Gilberto Freyre chegara da Europa e eu quis aproximá-lo da nova poesia brasileira. Não houve porém contato que satisfizesse o jovem que chegava cheio de tantas prevenções contra a nossa pobre literatura. Ele mesmo dissera, sobre Gonçalves Dias, que nós não havíamos tido ainda um grande poeta, mas pedaços de grandes poetas, em Castro Alves, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias. [...]

Isto foi em 1923. Separamo-nos. E mais tarde, um ano depois, o trem do Recife das 2 horas me trazia ao Engenho Itapuá, com o *Diário de Pernambuco*, uma grande surpresa: Gilberto Freyre encontrara um grande poeta no Brasil. E aparecia com um longo artigo de 2 colunas, falando de um Manuel Bandeira que eu ainda não conhecia. O artigo do meu amigo vinha banhado de um entusiasmo de quem houvesse descoberto uma terra nova. O grande poeta brasileiro já não era um esperado ou um pedaço de grande poeta. O pequeno ensaio que Bandeira inspirara ao seu conterrâneo valia para mim como uma descoberta real.²⁰

A “descoberta real” para José Lins parecia ser da mesma ordem para Gilberto Freyre. Diferentemente de Freyre e José Lins, Bandeira era um escritor conhecido, que já circulava em meio aos modernistas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e viria a tomar projeção nacional principalmente a partir do final da década de 20. Já tinha publicado seus dois primeiros livros, *A cinza das horas*, de 1917, e *Carnaval*, de 1919. Talvez a novidade a que se refere José Lins tenha sido *O ritmo dissoluto*, de 1924. E, ainda mais, é interessante observar que Bandeira não chega até Freyre trazido por mãos certas e ansiosas por incluí-lo num círculo restrito de amizade já consolidado, estratégia muitas vezes comum em qualquer meio social que procura estender redes de relações paralelas a instituições sociais propriamente capitalistas, guiadas pelas leis de mercado, situação esta comum em países nos quais, como o Brasil, há um terreno instável entre vida pública e privada. De outro modo, a aura deste encontro fica registrada em crônica de Gilberto Freyre falando sobre como se dá a aproximação entre o sociólogo e o poeta Manuel Bandeira:

Nossa amizade começou por carta. Começou com a carta que um dia recebi dele; que li com uma alegria enorme e que devo ter guardada entre os meus papéis mais queridos. Era uma carta cheia de simpatia pelos artigos meio líricos que eu andava então escrevendo no *Diário de Pernambuco*, num português ainda mais burro que o de hoje, português de quem tinha saído daqui quase menino para voltar homem feito, depois de cinco anos maciços de língua inglesa. Artigos sobre coisas de Pernambuco, do Recife, do Norte. Sobre a paisagem, sobre os nomes da rua, sobre a cozinha tradicional do Norte do Brasil.²¹

²⁰ REGO, J.L. do. Manuel Bandeira, um mestre da vida. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. p.105-107. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986. p.105.

²¹ FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In: _____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. p.176.

O que veio antes a Freyre, se carta ou livro de Bandeira, não se sabe, talvez até tenham sido concomitantes²². Tal carta, infelizmente, não foi localizada para integrar a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* coligida nesta edição. O fato é que, após este primeiro encontro, toda uma trajetória de amizade, respeito, mútua compreensão, simpatia e muita alegria – ambos eram autênticos gozadores, afirma a filha de Freyre, Sonia – se edifica. Ao longo de mais de cinco décadas, os companheiros de leitura, trabalho e boêmia dividem amigos e freqüentam-se como membros de uma mesma família. O universo da intimidade como a tônica da correspondência entre os amigos está também no modo como Gilberto Freyre descreve o primeiro encontro de fato com Bandeira na Rua do Curvelo, em seu diário-memória:

RIO, 1926.

Vou visitar Manuel Bandeira: Curvelo 51, Santa Teresa. Lindo lugar. Mas casa de pobre.

Ele não me supõe a princípio um espanhol – ou hispano-americano? – que ficara de visitá-lo. Quando digo quem sou, desata numa risada que deixa à mostra a dentuça já famosa que lhe dá ao aspecto alguma coisa de inglês e, ao mesmo tempo, de caricatural.

Ninguém mais pernambucano. Vive uma saudade constante do Recife. Pergunta-me por mil e uma coisas do Recife. Depois por poetas e escritores da língua inglesa. Se conheço beltrano. Que tal fulano? Que penso de sicrano.

Como já nos correspondemos há mais de um ano, sentimo-nos como se fôssemos amigos velhos. Vejo que são muitas e profundas as afinidades que nos ligam. Para mim é hoje o maior poeta da língua portuguesa, dentre os que conheço.²³

As cartas, neste contexto, assumem a função de testemunhos da vida íntima, são como crônicas esparsas de indivíduos que zelam pelo universo da intimidade. Ao mesmo tempo,

²² As informações que temos, supostamente registradas no “calor da hora” em *Tempo morto e outros tempos*, se revelam extremamente precárias quando procuramos dados acerca do primeiro contato de Gilberto Freyre com Manuel Bandeira. Surpreendentemente, Freyre já teria, segundo o diário, uma opinião bem delineada acerca dos principais personagens do Modernismo brasileiro no ano de seu retorno ao Brasil, em 1923: “Entretanto temos que estar atentos ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo, que não fazendo do ‘modernismo’ seita, começam a escrever a língua portuguesa e a tratar de assuntos – inclusive os velhos ou de sempre – com uma nova atitude ou lhes dando um novo sabor: Bandeira, Ribeiro Couto, Drummond, Emílio Moura, Prudente, Sérgio, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Andrade Murici, Grieco.” (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.132.). Tais pessoas, aliás, ainda estavam se conhecendo e seus nomes começavam a circular, longe de serem considerados importantes no campo literário da época. A dificuldade de se usar o diário como documento foi acertadamente abordada por Maria Lúcia Pallares-Burke. Segundo a historiadora, o diário de Gilberto Freyre *Tempo morto e outros tempos* seria, na verdade, não um diário propriamente dito, mas uma autobiografia em forma de diário: “fica claro que o texto foi escrito e reescrito ao longo dos anos, houvesse ou não um núcleo original de entradas feitas na própria época dos eventos que descreve. Quando se comparam, por exemplo, alguns fatos ali narrados com o que outros documentos comprovadamente de época revelam, o caráter memorialístico de *Tempo morto* fica evidente” (PALLARES-BURKE, M.L. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005. p.25). Em carta a José Lins do Rego, afirma Freyre em P. S.: “Tenho acrescentado várias coisas ao diário sobre V. Está ficando um livro. G.” Cf. Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 22-1-48” em : FREYRE, G. **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**. Seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1978. p.132. Daí que, daqui em diante, vou me referir a *Tempo morto e outros tempos* como um diário-memória, lembrando que os dados ali narrados podem ter sofrido processo de reelaboração ficcional possibilitado pela distância temporal entre escrita e acontecimentos.

²³ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.184-185.

porém, abrem-se, por sua eloquência e pela importância dos correspondentes no cenário literário, artístico e cultural brasileiro, para a possibilidade de leituras múltiplas. E, além do mais, podem ser abordadas pelo aspecto da literariedade impura, que será apresentado e problematizado a seguir.

2.2 O ensaio de Gilberto Freyre e outras correspondências impuras

[...] quanto mais o pensamento se aproxima do standard estabelecido, mais ele perde sua função antitética, e é somente nela, na relação manifesta com seu contrário, não em sua existência isolada, que sua pretensão se encontra fundada.

THEODOR ADORNO²⁴

Propor uma leitura acadêmica de um texto tão escorregadio e indefinível como o epistolar, principalmente quando nele nenhum assunto delimitado sobressai, exige que se façam algumas considerações preliminares sobre o seu estatuto. E toda consideração corre o risco de se revelar, ao final, extremamente precária, dada a sua impureza, ou melhor, sua impossibilidade de delimitação categórica.

Como abordar a correspondência nos estudos literários? Seria um texto paraliterário útil para o estudioso de literatura, principalmente num contexto em que as disciplinas de Teoria Literária ou Literatura Comparada justamente firmou suas bases, sobretudo na segunda metade do século XX, procurando evitar relações extraliterárias, dentre elas as biográficas? Dos formalistas russos e sua tentativa de definição da “literariedade”, do entendimento da “função poética” tal qual proposta por Roman Jakobson à busca de desvendamento da estrutura profunda dos textos por estruturalistas e pós-estruturalistas – aventura hermenêutica que ainda está no rastro de formação das novas gerações recém-saídas dos cursos universitários de Letras espalhados pelo país –, o que temos é uma elisão entre vida e obra ou, no mínimo, uma dificuldade muito grande em realizar trânsitos plausíveis ou significativos entre uma e outra.

A correspondência familiar e com amigos, como nenhum outro tipo de texto, encena o diálogo com a intimidade. Assim, em um contexto de progressiva despersonalização e

²⁴ ADORNO, T.W. **Minima moralia**. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. Revisão da tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1992. p.69.

solipsismo na sociedade moderna ou, ainda, avançando nas transformações do século XX, de fragmentação e espetacularização pós-moderna, as cartas perderam a função que tinham, por exemplo, no século XVIII, XIX e começo do século XX, quando eram fundamentais não só para o trânsito de informação, mas também para o estabelecimento de redes essenciais para a dinâmica da vida em sociedade. O texto epistolar perde seu espaço com o avanço de outros meios mais eficientes de comunicação e perde também o sentido de rito social de aproximação e troca entre indivíduos. Outra não é a trajetória de escritas subjetivas, algo que parece acompanhar o progressivo desaparecimento do sujeito em várias esferas. Como observa Terry Eagleton:

No momento mesmo em que o estruturalismo afastava o objeto real, afastava também o sujeito humano. De fato, este duplo movimento define o projeto estruturalista. A obra não se refere a um objeto, nem é expressão de um sujeito individual; ambos são eliminados, e o que resta, pendendo no ar entre eles, é um sistema de regras. Esse sistema possui existência autônoma, e não se inclinará às intenções individuais. Dizer que o estruturalismo tem um problema com o sujeito individual é dizer pouco: o sujeito foi efetivamente liquidado, reduzido à função de uma estrutura impessoal. Em outras palavras, o novo sujeito era realmente o *próprio sistema*, que parecia equipado de todos os atributos (autonomia, autocorreção, unidade, etc.) do indivíduo tradicional. O estruturalista é “anti-humanista”, e isso não significa que seus partidários roubem os doces das crianças, mas que rejeitam o mito de que o significado começa e termina na “experiência” do indivíduo.²⁵

O apagamento progressivo do sujeito e a personificação da estrutura parecem ter sido, no geral, a experiência, por assim dizer, hegemônica das Letras no século XX²⁶. Neste sentido, textos de circunstância, sem intenção de serem “estéticos” ou literariamente sofisticados, como as cartas, parecem ter perdido espaço no âmbito da pesquisa acadêmica. Semelhante ruptura com a significação e com a tradição humanista no campo dos estudos literários também se deu na produção artística tida como canônica na modernidade. A perspectiva moderna na produção literária que, segundo normalmente se generaliza, deixou a marca no século XX, iniciada nos fins do século XIX com a poesia mais enigmática de Rimbaud e

²⁵ EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p.120.

²⁶ Se, sobretudo no exterior e em alguns redutos universitários no Brasil, as correntes formalista, estruturalista e pós-estruturalista deixaram sua marca nesse sentido, importa levar em consideração outra corrente que aqui se estabeleceu e que nunca deixou de pensar estes trânsitos entre biografia e literatura. Como exemplo temos a extensa obra de Antonio Candido, que estabelece uma correspondência necessária, e não fortuita, entre forma literária e processo social: “A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo [acerca de interesses por fatores sociais e psíquicos], sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocósmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra” (CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. p.7.). Porém, é preciso dizer que não se costuma estudar este tipo de produção “impura” e “circunstancial”, como a correspondência, respeitando-se sua especificidade. Infelizmente, esta tem ficado condenada, no geral, à curiosidade do não especialista ou ao trabalho do historiador tout court. O reflexo disso pode ser visto, por exemplo, no precário trabalho arquivístico e no descaso com matérias de cunho filológico no Brasil que tragam à tona material inédito restrito aos arquivos, apesar de todos os esforços, muitos deles individuais ou concentrados em algumas instituições, para que a situação se modifique.

Mallarmé, por exemplo, foi a do silenciamento da palavra, do emudecimento do discurso, do esvaziamento da expressão. Note-se como o estruturalista e semiólogo Roland Barthes aborda a poesia moderna:

Vimos que a poesia moderna, pelo contrário, destruía as relações da linguagem e reduzia o discurso a estações de palavras. [...] Essas palavras-objeto sem ligação, ornadas de toda a violência de sua explosão, cuja vibração puramente mecânica toca de maneira estranha a palavra seguinte, mas logo se extingue – essas palavras poéticas excluem os homens: não existe humanismo poético da modernidade: esse discurso de pé é um discurso cheio de terror, vale dizer, que põe o homem em ligação não com os outros homens, mas com as imagens mais inumanas da Natureza; o céu, o inferno, o sagrado, a infância, a loucura, a matéria pura, etc. A essa altura, dificilmente se pode falar de uma escritura poética, porque se trata de uma linguagem cuja violência de autonomia destrói qualquer alcance ético.²⁷

Para Barthes, a ruptura é ainda mais profunda: a poesia não teria mais certa ética da linguagem que caracterizaria as escrituras; afinal, nenhuma das figuras da história ou da sociabilidade estaria presente nos estilos autônomos da modernidade. Vê-se, desse modo, que estamos num terreno em que a visão de literatura sofre uma obliteração. A única crítica possível para tratar de textos como o epistolar seria, ao final, uma crítica da ideologia da linguagem, um exercício elaborado de desmontagem signica²⁸.

Sobre a questão do lugar dos textos epistolares na produção editorial, apesar do interesse eminentemente prático, cartas de escritores costumavam ser fruídas, em outras épocas, como extensão da obra de autores conhecidos. Nesse sentido, estamos um pouco distantes da perspectiva que relega a segundo plano este tipo de produção. A *Revista do Brasil*, por exemplo, em fase que vai de setembro de 1926 a janeiro de 1927 – que nos interessa justamente porque nela colaboraram Manuel Bandeira e Gilberto Freyre, assinando, inclusive, segundo Drummond, artigos em conjunto –, dava um destaque hoje incomum para o texto epistolar. A publicação quinzenal, conforme informação contida na capa, sob a direção

²⁷ BARTHES, R. **O grau zero da escritura**. Tradução de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971. p.63.

²⁸ A propósito de Barthes, vale recordar que o escritor fez uma elogiosa resenha à tradução de *Casa-grande & senzala* quando esta foi publicada na França, afirmando sua originalidade no campo da história e de disciplinas científicas afins e acentuando o perfil de Freyre como um intelectual militante: “*Enfin Freyre est un novateur ; il a introduit dans l'histoire de l'homme brésilien une sexologie pensée à l'échelle de l'Histoire, soit en expliquant la sexualité ouverte du Brésilien, son goût pour les unions hétérogènes, par les rapports proprement freudiens du jeune enfant blanc et de la nourrice noire, soit en décrivant l'équilibre qui s'est historiquement instauré entre l'espèce de satyriasis des conquérants portugais et le tonus sexuel relativement faible (contrairement au préjugé) des Indiens aborigènes et des Noirs importés d'Afrique. Cette sorte de déterminisme nous convainc parce qu'il est toujours replacé dans une situation historique et sociale bien définie (structure agraire et esclavagiste de la société brésilienne des premiers temps, premières directives 'libérales' des missionnaires, etc.). / Enfin, si l'on veut bien songer à l'effroyable mystification qu'a toujours constituée le concept de race, aux mensonges et aux crimes que ce mot, ici et là, n'a pas encore fini d'autoriser, on reconnaîtra que ce livre de science et d'intelligence est aussi un livre de courage et de combat. Introduire l'explication dans le mythe, c'est pour l'intellectuel la seule façon efficace de militer.*” (BARTHES, R. *Maitres et Esclaves*. **Les Lettres Nouvelles**, Paris, v.1, p.107-108, mar. 1953.)

de Pandiá Calógeras, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e Plínio Barreto e cujo redator-chefe era Rodrigo Melo Franco de Andrade, sempre trazia cartas de intelectuais, escritores e personalidades do cenário político em seção de destaque, muitas vezes como primeira chamada de capa. Assim foi disponibilizada correspondência inédita de Eça de Queirós, Tobias Barretto, Machado de Assis, Victor Hugo, Lamartine, D. Pedro II, Gonçalves Dias, Francisco Octaviano, carta aberta de Manuel Bandeira a João Alphonsus, resposta de Manuel Bandeira a João Alphonsus, Olavo Bilac, carta aberta de Augusto Frederico Schmidt a Prudente de Moraes Neto e cartas de Remy de Gourmont. No curto espaço de tempo da revista sob esta direção, que tinha como meta a modernidade, é inegável a importância dada para tal forma, em meio a artigos sobre outros assuntos literários, sobre questões da língua e com resenhas acerca de livros lançados. O que importa frisar é que a correspondência, como forma, tinha um apelo ao público leitor e encontrava, proporcionalmente, ao que tudo indica, mais àquela época do que hoje, uma inserção no mercado editorial. Por outro lado, é sabido que o filão das biografias, tipo de texto com o qual a correspondência guarda certa semelhança, é comercialmente um dos mais bem sucedidos na atualidade. Talvez a explicação para tal fenômeno esteja no caráter fragmentário e até enigmático que as cartas ganham ao serem reunidas em coletânea, o que exige, certamente, a participação ativa do seu leitor para preencher os vazios e lapsos que ela necessariamente contém. Nasce daí, também, a meu ver, a especificidade do editor de cartas, que deve assumir o papel de mediador eficaz entre texto e leitor.

Mas, voltando à questão da constituição da disciplina Teoria Literária, desde Wellek e Warren, sabemos que:

Mesmo quando uma obra de arte contém elementos que possam com segurança ser identificados como autobiográficos, tais elementos estarão de tal modo reelaborados e transformados na obra que perdem o seu significado especificamente pessoal e se tornam apenas material humano concreto, partes integrantes da obra. / [...] Pode demonstrar-se que é falsa a própria concepção de que arte é auto-expressão pura e simples, a transcrição de sentimentos e experiências pessoais. Até quando entre a obra de arte e a vida de um autor exista uma estreita relação, tal não pode ser interpretado como querendo dizer que a obra de arte é uma mera cópia da vida.²⁹

Por muito tempo, o que se buscou sobretudo garantir foi a independência da arte em relação à vida. Sendo assim, se a leitura que se pode fazer de um conjunto de correspondência

²⁹ WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura**. 3.ed. Lisboa: Europa-América, 1976. p.91.

não se desvincula da biografia dos autores, dada a sua “discutível importância” para os estudos literários, como abordá-la? Ainda segundo Wellek e Warren:

Uma obra de arte pode estar a figurar mais o “sonho” de um autor do que a sua vida real, ou que a “máscara”, o “antieu”, atrás do qual a sua própria personalidade se esconde, ou um retrato daquela vida de que o autor quer evadir-se. Além disso, não devemos esquecer-nos de que o artista pode “experimental” a vida por forma diferente, em função de sua arte: as experiências reais são por ele encaradas em função de sua utilização em literatura e chegam até ele já em parte informadas por tradições e preconceitos artísticos.³⁰

Se o fingimento artístico que separa vida e obra quer colocar em relevo o material propriamente ficcional ou poético, se este resta autônomo a despeito do fato de se alimentar de dados (fragmentados e de origem incertos) da vida, a perspectiva da correspondência como forma literária torna-se bastante problemática.

Talvez os críticos da pós-modernidade, considerando a flutuação e a completa desestabilização do cânone, possam arriscar uma resposta. Mas, tendo em vista que estamos diante de uma correspondência cujo período de formação dos autores se localiza na década de 10 e 20, principalmente, o propósito é interpretá-la em sua própria condição, ou seja, a partir da experiência estética e histórica dos actantes, evitando, inclusive, a tendência de se analisar de forma anacrônica a sociedade de uma época e seus produtos. E o contexto do Pré-modernismo e do Modernismo, em especial na década de 20 e 30 – isso sem falar do século XIX –, de fato reservou uma posição distintiva, como vimos, a esta forma literária.

Ainda nesse sentido, em prefácio à edição da correspondência de *Carlos & Mário*, Silviano Santiago lança uma possibilidade instigante de releitura da tradição da disciplina para os teóricos da literatura. O desafio seria empreender uma desconstrução dos métodos de análise e interpretação que “fizeram a glória dos estudos literários no século 20”:

Ao analisar as relações entre autor e obra literária, os estudiosos negaram aquele e isolaram esta, cercaram-na de arame farpado, fetichizaram-na, para dela fazerem seu único e exclusivo objeto de estudo. Só o texto literário conta. [...] / A leitura de cartas escritas aos companheiros de letras e familiares, bem como a diários íntimos e entrevistas, tem pelo menos dois objetivos no campo de uma nova teoria literária. Visa a enriquecer, pelo estabelecimento de jogos intertextuais, a compreensão da obra artística (poema, conto, romance...), ajudando a melhor decodificar certos temas que ali estão dramatizados, ou expostos de maneira relativamente hermética. [...]

³⁰ WELLEK; WARREN, *Teoria da literatura*, [1976], p.91-92.

Visa a aprofundar o conhecimento que temos da história do modernismo, em particular do período consecutivo à Semana de Arte Moderna.³¹

As propostas produtivas de Silviano Santiago são lançadas num contexto em que, aos poucos, a correspondência como texto parece voltar a despertar a atenção de leitores e pesquisadores³². Este interesse renovado pode indicar uma aproximação com o público leitor, do mesmo modo que a crônica o possibilita. Os temas, ali, mesmo com sua significação labiríntica, dão a sensação de experiência coletiva: ler cartas é dialogar com tempos outros, personalidades outras, espaços outros, permitindo assim um encontro renovado com a alteridade.

Com isso, gostaria de chamar a atenção para a importância de uma descentralização de práticas de leitura da obra de escritores, ou seja, convidar o pesquisador a olhar para o detalhe mínimo, relegado, quase sempre, a uma posição marginal pela “crítica literária” canônica. Este seria o caminho de um provinciano em sua busca pelo particular e pelo concreto da experiência. Como afirmou Carlos Drummond de Andrade: “A circunstância é sempre poetizável, e isso nos foi mostrado até o cansaço pelos grandes poetas de todos os tempos, sempre que um preconceito discriminatório não lhes travou o surto lírico.”³³ Preconceito discriminatório este que não parece ser exclusivo de poetas.

Antes de percorrer alguns temas relacionados à *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, gostaria de fazer algumas considerações sobre o lugar que esta tipologia de texto ocuparia numa possível estética freyriana.

³¹ SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de. **Carlos e Mário: correspondência completa** entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p.10.

³² É preciso dizer que, principalmente nos últimos anos, há um número crescente de publicações de fôlego no país que têm a correspondência como objeto de estudo. Para citar alguns exemplos, enumeraria: GUIMARÃES, **Contrapontos**, 2004; MORAES, M.A. de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2007; PREZADO senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. Organização de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; e SANTOS, M. D. dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. Rio de Janeiro: Annablume, 1998. Em introdução à obra coletiva *Prezado senhor, prezada senhora*, afirmam as organizadoras: “E, na quase inexistência de estudos de epistolografia, socorremo-nos de todas as cartas de que conseguimos lançar mão. Pois a questão girava em torno de uma constatação óbvia para todos nós, interessados em literatura: a disparidade entre o volume de cartas – escritas por artistas, intelectuais, personalidades históricas – e o número reduzido de estudos. Por que tantas cartas produzidas e tão poucos trabalhos com leituras de tais cartas?” (GALVÃO, W.N.; GOTLIB, N.B. Apresentação. In: PREZADO senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. Organização de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.9). Há, porém, vários trabalhos críticos publicados de forma esparsa, muitos deles como introdução a coletâneas de cartas. Mas, num confronto com, por exemplo, as publicações acadêmicas em língua francesa, inglesa e italiana e mesmo com a importância da epistolografia no Modernismo brasileiro, permanece a sensação de que há muito o que fazer nesta área no âmbito propriamente universitário.

³³ ANDRADE, C.D. de. O poeta se diverte. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967. p.688. Publicado originalmente no **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 3 jul. 1948, p.361, e reunido na coletânea de crônicas *Passeios na ilha*, de 1952.

Sabemos do interesse de Freyre por todas as formas comunicativas, independentemente da voz que articula as palavras ou do veículo que as dispõe. Logo no prefácio a *Casa-grande & senzala*, o escritor lamenta a falta da escrita subjetiva, verdadeiro documento da intimidade, raramente praticada no Brasil:

Isto, é claro, quando se consegue penetrar na intimidade mesma do passado; surpreendê-lo nas suas verdadeiras tendências, no seu à-vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras. O que não é fácil em países como o Brasil; aqui o confessional absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos.³⁴

As cartas, para Gilberto Freyre, são, em princípio, documentos. Mas sua proposta vai um pouco além, a ponto de ser praticamente impossível separar a escrita literária do interesse documental, a ficção da vida. Ainda mais, este tipo de texto paraliterário também pode ser, para ele, visto como objeto de expressão individual pelo autor, de um lado, e de fruição pelo leitor, de outro. No prefácio de seu primeiro livro de ficção, *Dona Sinhá e seu filho padre*, por ele chamado seminovela, diria o escritor:

O autor a considera seminovela não por julgá-la, só por ser mista, inferior às novelas puras, mas por entender que, dentro de uma novela pura, não se realizaria sua intenção de juntar à ficção declarada, a larvada. Larvada pelo que nela tende a ser imaginativamente histórico. O semi é a admissão do ambíguo.³⁵

Freyre sempre ressalta, em seus escritos auto-reflexivos³⁶, o poder assimilativo de sua escrita e de seu método como uma extensão do próprio sentido distendido de seu objeto. O que o autor procura destaca, com seu “anarquismo ibérico”, é uma vontade de estilo sem fronteiras estaques e espaços exclusivos, a respeito de qualquer assunto.

A escrita freyriana, assim, é insolente, dinâmica, escorregadia, assistemática, anárquica, impura, na linha do melhor ensaísmo que tem sua origem nos textos de Michel de Montaigne. De fato, já *Casa-grande & senzala*, primeira grande obra de Freyre, está plena de

³⁴ FREYRE, G. Prefácio à 1ª. edição. In: _____. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.56.

³⁵ FREYRE, G. **Dona Sinhá e o filho padre**: seminovela. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

³⁶ Caracterizo como “auto-reflexivos” momentos, não raros, em que o autor demonstra disposição em analisar a própria natureza de sua escrita. Nesse sentido, seu texto pode ser metalingüístico. Uma das funções da linguagem segundo Jakobson, a metalinguagem é “traço que assinala a modernidade de um texto, é o desvendamento do mistério, mostrando o desempenho do emissor na sua luta com o código.” (CHALHUB, S. **Metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1988. p.47.). Daí se poder afirmar que o texto de Gilberto Freyre, apesar de buscar a comunicação, não se afasta do princípio metalingüístico característico da modernidade.

exemplos que caracterizam o elogio das formas impuras operantes no conjunto de seus escritos. A nova civilização, interpretada por Freyre, é anárquica e assimilativa na sua origem. Sem rigidez nos seus traços e modos de articulação, sem um Estado ordenador, para o autor, ela inspiraria uma necessidade de convivência com o diferente, centralizada no personalismo despótico do patriarca.

Mais além, no mesmo livro, o autor joga com outros indícios de sua originalidade liberta de duras amarras. Por exemplo, em sua obra se dá o enfoque metonímico do mínimo detalhe, na tentativa de construir um retrato verossímil e paradoxalmente totalizador da vida do brasileiro na época colonial. E mais, a oralidade, em franco confronto com a gramática rígida do português castiço, foi enfrentamento central e corajoso, uma verdadeira conquista no Modernismo literário brasileiro. Ambos os pontos são caminhos seguros para se perceber a qualidade literária da escrita freyriana, edificada sobremaneira sob o signo do equilíbrio de antagonismos³⁷, como o próprio autor exaustivamente argumenta.

Partindo da impureza de seu estilo e método, sua correspondência, deste modo, pode ser lida na mesma linha. É certo que o maior estímulo para se tentar qualificar a literariedade impura na escrita freyriana – impura em que pese sua parcela de literalidade – vem do próprio escritor e de suas sugestões. E, então, corremos o risco de cair no discurso do eu que elabora e reelabora o papel de si mesmo, um procedimento muito similar àquele muitas vezes operante no texto epistolar³⁸.

Na sequência da reflexão sobre as formas impuras em Gilberto Freyre, a mais precisa definição para esta *hybris* que caracteriza seu texto vem de Antonio Candido, segundo o qual haveria uma “ambigüidade dinâmica” que permearia toda sua obra:

³⁷ Um pesquisador que leva a bom termo o estudo da obra de Gilberto Freyre, focado sobretudo na década de 30, partindo da expressão “equilíbrio de antagonismos”, referenciada em inúmeros momentos na obra do sociólogo, é Ricardo Benzaquem de Araújo: “Cria-se, assim, uma nova forma de se aproximar os antagonismos na análise de Gilberto, produzindo-se um clima de extrema ambigüidade ética, clima em que o bem e o mal parecem se tocar como os dois lados da mesma experiência ou da mesma personagem, tornando a noção de equilíbrio empregada em CGS naturalmente muito mais instável e precária do que aquela que veio sucedê-la.” (ARAÚJO, R.B. de. **Guerra e paz**: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. p.206.).

³⁸ Sobre a tendência de “ficcionalização do eu”, tal questão é patente em toda obra de Freyre, desde os seus ensaios autobiográficos ao texto epistolar. Marcos Antônio de Moraes tece precisas considerações, no universo da correspondência, sobre a formulação de *personae*, que também pode ser comparada a este que é dos mais elaborados procedimentos da escrita freyriana: “Esse caso, especificamente, traz à tona uma pertinente questão levantada por José-Luis Díaz. O ensaísta nos alerta que devemos ‘desconfiar da gênese “exibicionista”, mais ou menos truncada e encenada’. Nessa direção, passamos a colocar em permanente suspeição a narrativa testemunhal vazada em correspondência. A crítica genética precisa dar passos cautelosos no universo da epistolografia, assim como os estudiosos do memorialismo e os historiadores levam em conta que toda carta propicia a formulação de *personae*, pois o sujeito molda-se como personagem em face do interlocutor. Essa invenção de si (*mise-en-scène*), da qual o remetente pode ter maior ou menor grau de consciência, forja sempre estratégias de sedução. Tornando ainda mais complexa a natureza do gênero epistolográfico, deve-se considerar que a carta encontra-se ancorada em um ponto da trajetória de vida do sujeito. Em vista disso, uma idéia solidamente defendida em certo momento poderá ser reformulada ao longo da correspondência, modificando-se até atingir o campo diametralmente oposto. Nesse ambiente movido, a verdade que a carta eventualmente contém – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é datada, cambiante e prenhe de idiossincrasias.” [E, permito-me reforçar a relação, tal como a obra de Freyre] (MORAES, Epistolografia e crítica genética, 2007, p.31.).

Uma vez constatado que é difícil e desnecessário classificá-lo, dada a natureza da sua personalidade intelectual, a fecunda diversidade do seu pluralismo, compreendemos melhor a ambigüidade dinâmica sentida na leitura da sua obra, - onde, quando saímos à busca do sociólogo, deslizamos para o escritor; e quando procuramos o escritor, damos com o sociólogo. Se procuramos especificamente o crítico, acharemos quase sempre o estudioso que utiliza impuramente a literatura para fins da sua construção sociológica; mas a impura utilização torna-se de súbito tratamento vivificante, que retorna sobre a literatura a fim de esclarecê-la.³⁹

A fluidez e a plasticidade desconcertantes, temas que circulam no conjunto da obra de Gilberto Freyre, oferecem um ponto de partida para a compreensão crítica dos seus escritos. Ao escolher como forma literária privilegiada o ensaio, Gilberto Freyre se apóia numa longa e moderna tradição de escritores de difícil classificação, que elegem como modo de expressão uma forma fragmentária, híbrida e ambígua. Ainda mais, quando se fala do ensaísmo em Freyre como um atributo da escrita, também se devem considerar o caráter movediço e a ambigüidade horizontal, como um processo de correspondências impuras, o qual abrange também suas novelas (ou seminovelas, como quer o autor), epistolografia, diário-memória, ensaios autobiográficos, poemas, bem como suas crônicas e seus artigos de crítica literária, de arte e de meditação sobre temas diversos⁴⁰, o que torna ainda mais candente a indagação sobre o aspecto impuro de sua escrita.

Caracterizando-se escritor a partir do conceito de forma literária impura, Gilberto Freyre emprega o termo no livro de crítica literária *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*:

[...] o público, [...] o escritor que adota é, sempre, o que lhe traz em poemas, em ensaios, em romances, temas e figuras, senão viventes e existenciais, fantásticos e ultra-existenciais, em linguagem que seja sempre vivente e existencial; ligada à vida e até ao cotidiano; impregnada de experiência ou vivência humana captada pelo escritor – inclusive sonhos e invenções simbólicas de ultravivências. E para haver essa vivência em obras literárias e essa convivência de autor com leitor, de escritor com público, é preciso que

³⁹ CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, G. et al. **Gilberto Freyre**: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de "Casa-Grande & Senzala" e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.120-121.

⁴⁰ Para uma visada geral sobre a produção de Gilberto Freyre, útil para uma leitura neste sentido, podemos classificá-la conforme segue. Poeta bissexto, reuniu seus poemas em *Talvez Poesia*, de 1962. Sua prosa, por seu turno, pode ser dividida em memórias (*Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*, de 1975), romance (*Dona Sinhá e o filho padre*: seminovela, de 1964, e *O outro amor do Dr. Paulo*: seminovela, de 1977), ensaio (*Nordeste*, de 1937, *Como e porque sou escritor*, de 1965, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, de 1968, e a trilogia de ensaios histórico-sociais *Casa-grande & senzala*, de 1933, *Sobrados e mocambos*, de 1936, *Ordem e progresso*, de 1959) e livros com temática sobre viagem (*Aventura e rotina*, de 1953, *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, 1934, e *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*, de 1939). Outros ensaios e artigos sobre temas mais pontuais, às vezes tendendo à crônica, às vezes ao perfil biográfico e ainda ao ensaio de crítica literária, foram coligidos em livros, tais como: *Região e tradição*, de 1941; *Perfil de Euclides e outros perfis*, de 1944; *Vida, forma e cor*, de 1962; *Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce a cachaça; de José Lins do Rego ao cartão-postal*, de 1978; *Prefácios desgarrados*, de 1978; e *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, de 1918 a 1926*, 1979, reunidos em 2 volumes, dentre outros. Por fim, uma seleção de sua extensa correspondência ativa – nenhuma correspondência passiva do autor foi publicada em livro – está no volume *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*, de 1978, com seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello.

o autor seja, como quase sempre é e tem sido, o escritor inglês – quer poeta como Milton, quer romancista como Defoe, quer ensaísta como Lamb – impuro. Impuro que acrescente ao que é literário nos seus objetivos e na sua linguagem, elementos não-literários, vindos das ruas, das praças, das multidões, da boca do povo, da tradição oral [...] das superstições, do sobrenatural⁴¹ [...]

Nesta passagem, é possível antever algumas questões fulcrais para a compreensão da prática impura do escritor. Primeiro, a arte, quando de valor, seria fundamentalmente ligada à vida, a ponto de não mais se conceberem ambos os termos como pólos distintos – da vida brotariam estímulo e material para a arte. Como no ensaio “Diários e memórias”, o autor afirma que estes compreendem um gênero de literatura que “reúne ao interesse artístico ou literário – quando o possui, ostensivo ou dissimulado – um interesse humano, considerável.”⁴² Segundo, os elementos não-literários desempenhariam função orgânica somente quando orientados por um valor humano intrínseco. Terceiro, estabelece-se uma comunicação bastante próxima entre autor e leitor, escritor e público, o que caracteriza um intercâmbio de experiências dinâmica, constante e duradouro. Esses valores foram decisivos para que Freyre construísse uma obra internamente coerente, cuja indubitável contribuição para a cultura brasileira, dentre outras, foi ter avivado debates atuais na primeira metade do século XX, como sobre o papel da região, da tradição, da modernidade e, mais adiante, da pós-modernidade na literatura, nas artes, nas ciências e na cultura brasileira.

Tal como o povo português e, por extensão, o brasileiro, permeáveis, capazes de se acomodarem plasticamente às mais diversas e adversas experiências, na trilha da argumentação presente em *Casa-grande & senzala*, o ensaio freyriano consegue conquistar um difícil equilíbrio entre sensibilidade e ciência que, por sua vez, ultrapassa a estrutura para se encarnar no próprio sentido do texto. Nessa perspectiva, o brasileiro, criativo, anguloso em sua índole, seria expressão de uma autêntica e problemática fusão, gerador de valores absolutamente novos que o diferenciaria de modo inequívoco de suas principais matrizes. Nem Europa, nem África, nem América Indígena. Assim o ensaio freyriano, um pouco ciência, um pouco arte, “*calmly and proudly set its fragmentariness against the petty completeness of scientific exactitude or impressionistic freshness*”⁴³.

No passo lento de uma prosa que vai se abrindo a pequenas histórias, causos, sugestiva caracterização de pessoas e espaços, reflexões singulares sobre as relações pessoais no universo da casa-grande, da senzala, do sobrado e do mocambo, dentre outros, Freyre conduz

⁴¹ FREYRE, G. **Heróis e vilões no romance brasileiro**. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1979. p.26.

⁴² FREYRE, G. Diários e memórias. In: _____. **Pessoas, coisas e animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.195.

⁴³ LUKÁCS, G. **Soul and form**. Traduzido do alemão por Anna Bostock. London: Merlin Press, 1974. p.17.

pacientemente seu leitor na construção de um sentido sincrético ou impuro, num esforço para penetrar o que se esconde como “objetividade detrás da fachada”; e, ainda, seguindo uma reflexão de Adorno, deixa se conduzir pela espontaneidade da fantasia subjetiva, esta mesma que normalmente se condena em nome da disciplina objetiva⁴⁴. Vê-se que a subjetividade é fundamental nesse processo de elaboração do conjunto, cuja harmonia se revela no equilíbrio do fragmento em suas partes. Um dos inegáveis avanços formais de Gilberto Freyre em seus escritos foi deixar falar, por trás do aspecto sério, científico, suportado por inúmeras referências bibliográficas, a experiência pessoal, às vezes tomando ares fantasmagóricos: “Assombrações semelhantes me informaram no Rio de Janeiro e em São Paulo povoar os restos de casas-grandes do vale do Paraíba”⁴⁵.

Partindo de uma reflexão que é mais bem antevista no ensaio, pode-se observar que Gilberto Freyre dá um lugar privilegiado para outras formas literárias, qualificadas como fronteiriças ou impuras, como o diário, a autobiografia, a crônica, as memórias e a correspondência. A diferença mais marcante entre essas formas talvez esteja no tratamento do aspecto narrativo. Na forma ensaística, este se apresenta como fragmentário, circular, marginal, desordenado e aparentemente sem propósito. Já na autobiografia, memórias e diário, o aspecto narrativo, em geral, toma forma linear e cronológica⁴⁶. Na correspondência, por sua vez, dada a unidade de cada carta ou peça individual, haveria um misto de fragmento e linearidade – que podem ser revistos pelo arquivista e pelo editor – ou, poderíamos dizer, haveria uma linearidade fragmentar, muitas vezes vizinha da crônica também pelo seu aspecto ligado ao circunstancial ou cotidiano. Mas, em todas essas formas, haveria algo fundamental: um movimento lacunar que impediria uma síntese final, alimentando, até o fim, seu sentido de inacabamento ou inconclusão: “*The road is unthinkable and unrealizable without the road being travelled again and again; the end is not standing still but arriving there, not resting but conquering a summit*”⁴⁷. Seria como se todas as formas textuais fizessem parte de um único – e apontando para o infinito – processo de escrita. Seria algo como um livro inacabado, que se volta contra a morte, a ruína, mas também sobrevive a ela como uma assombrança⁴⁸.

⁴⁴ Cf. ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: _____. **Notas de Literatura**, 1. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.

⁴⁵ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.54.

⁴⁶ Cf. GÓMEZ-MARTÍNEZ, J.L. **Teoría del ensayo**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1992. p.114.

⁴⁷ LUKÁCS, **Soul and form**, 1974, p.17.

⁴⁸ Freyre, em *Assombrações do Recife Velho*, dá uma dimensão literária para os causos sobre assombrança, a qual, para ele, parecia ser a manifestação concreta do imponderável na vida real e da habilidade narrativa do povo (FREYRE, G. **Assombrações do Recife Velho**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.). Ademais, no jornal *A Província*, quando por ele dirigido, foi publicada uma série de crônicas, assinadas por José Mathias, sobre Macobeba, uma assombrança que aterrorizava as ruas do Recife e de Olinda, sobre a qual falaremos na seção 2.7 – “Ainda crônicas provincianas” – deste capítulo.

Segundo Adorno⁴⁹, a união entre ciência e arte que se opera no ensaio é um movimento de negação da coisificação do mundo ocorrida no curso da crescente desmitologização. Nessa senda, a escrita pode ser vista como uma tentativa de restabelecimento de uma unidade orgânica entre intuição e conceito, imagem e signo, sujeito e objeto, arte e ciência, literatura e sociedade. Mas tal restituição importa na medida em que seja vivida apenas como utopia, a ser experimentada no processo da escrita ensaística. Dever-se-ia tratar de uma restituição *in potentia*, bem como o ensaio é uma literatura *in potentia*⁵⁰. A correspondência, assim, teria igualmente uma relação ambígua com a possibilidade de concepção de escrita orgânica. E, ainda mais, tal como o ensaio, sua literariedade pode se manifestar apenas *in potentia*.

A importância da forma epistolar para além da questão puramente pragmática revela-se inclusive no relevo que a mesma recebeu, nos escritos de Freyre, no início de sua trajetória profissional e acadêmica. Muito antes de utilizar esta forma como fonte primária de pesquisa – o sociólogo utilizava cartas, diários, anúncios, relatórios etc. como *primary sources* –, seus escritos de juventude publicados tomaram a forma de cartas abertas com um misto de crônica, com um quê de narrativa de viagem e ainda de reportagem, pelo movimento dinâmico e pelo diálogo estabelecido com a vida prática. Esses primeiros artigos de jornal foram enviados quando o “aspirante” a escritor tinha apenas 18 anos. Nos primeiros meses nos Estados Unidos, as impressões iniciais do contato com o contexto norte-americano foram registradas de modo a destacar as inúmeras facetas da nova experiência. No texto datado de “Louisville, setembro 1918”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 3 de novembro de 1918, temos os seguintes assuntos, abordados numa prosa rápida com laivos expressionistas: a silhueta de Louisville, o protestantismo americano, o peixe monstro capturado na costa da Flórida, as conseqüências da Guerra Mundial, com homens vivos, “porém sem braços e sem pernas”, as primeiras lufadas de vento outonal. O texto datado de “Waco, Texas. – 22 de novembro de 1918”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 12 de janeiro de 1919, inicia-se da seguinte forma:

Escrevo esta carta junto do meu fogão de gás. Faz frio. Mas frio, de verdade. Avalie que tivemos neve de manhã. Durou pouco e nem sequer deu para embranquecer os telhados das casas. O dia, porém, continuou frio.⁵¹

⁴⁹ Cf. ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In: _____. **Notas de Literatura**, 1, 2003, passim.

⁵⁰ A definição do ensaio como literatura *in potentia* pode ser encontrada em OBALDIA, C. de. **The essayistic spirit: Literature, modern criticism, and the essay**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

⁵¹ FREYRE, **Tempo de Aprendiz**, 1979, v.1, p.43.

E assim o escritor de cartas procura captar suas mais vivas impressões de modo a fazê-las chegar ao leitor distante, o público situado no Recife – mas, lembre-se, o *Diário de Pernambuco* era um dos principais jornais do país, tendo sido o primeiro a circular na América Latina, com data de fundação em 7 de novembro de 1825, de modo que os potenciais leitores do periódico poderiam se situar em diversas regiões do país. Assiste-se ao início do desenvolvimento de um estilo bastante pessoal, uma escrita que procura se comunicar diretamente com o leitor, sem mediações causadoras de ruídos que prejudicassem a dinâmica da informação.

Tais textos iniciais, datados e com estilo epistolar, se transformaram em uma série de artigos para o *Diário de Pernambuco*. Já os artigos subseqüentes abandonam os códigos epistolares explícitos, tais como datação, abertura e fechamento: “Começo a ter saudades da nossa natureza tropical, clara, florida, cheia de sol. / As cartas do Brasil são muito irregulares. / Como irá o nosso Recife?”⁵², pergunta o remetente no artigo publicado em 3 de novembro de 1918; ou “Espero que todos aí tenham tido um Natal alegre. Eu vou indo bem e estou pronto para o novo ‘quarter’, que começará terça-feira vindoura. Carta anterior, dirigida a Ulisses, informa de como me fui nos exames”⁵³, que são as primeiras linhas do artigo epistolar datado de “Fort Worth – 28 de dez. de 1918”, publicado em 16 de fevereiro de 1919.

Porém, mesmo depois do momento em que os artigos passam a ser publicados sem datação, o estilo epistolar já havia impregnado seus textos. Tudo o que se conta, a partir de então, tem em vista as experiências escritas em primeira pessoa, suas idas e vindas, provas e festas, entusiasmos intelectuais, estranhamentos com o mundo industrial, aventuras diversas na terra de Tio Sam. Os artigos para a série “Da outra América” – ou seja, a América do Norte – terminam em agosto de 1922.

Todavia a escrita de Gilberto Freyre e a experiência inaugural dos artigos epistolares parecem ter marcado – ou, no mínimo, indicam – um futuro estilo direto, dialógico, expressionista, de tom baixo, que viria marcar seus ensaios mais extensos, de cunho mais científico, escritos a partir da década seguinte.

O que vemos, também, é uma mistura de estilos que muito lembra os escritores mais citados por Freyre, tais como os ensaístas britânicos Daniel Defoe (1660-1731), Jonathan Swift (1667-1745), Richard Steele (1672-1719), Joseph Addison (1672-1719), Charles Lamb (1775-1834), Matthew Arnold (1822-1888) e, sobretudo, Walter Pater (1839-1894), com os quais o escritor teve contato nos cursos do professor Armstrong durante sua graduação na

⁵² FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.1, p.42.

⁵³ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.1, p.51.

Universidade Baylor. Ademais, que parece ter marcado sobremaneira a armação do estilo de sua prosa foi a linhagem dos chamados *familiar essays*, publicados na imprensa periódica que crescia num ritmo acelerado na Inglaterra em via de industrialização, sobretudo no século XVIII. Mas o que importaria reforçar, neste momento, é que, desde seus primeiros escritos, Gilberto Freyre demonstrou essa vontade de um estilo misto ou impuro e, ao mesmo tempo, de comunicação direta, iniciado com os artigos epistolares.

Gilberto Freyre é um escritor que se dedicou principalmente ao gênero ou à forma ensaística. Quando falamos em ensaio, seria possível alargar sua concepção a ponto de também incluir o diário-memória, os ensaios de envergadura (auto)biográfica, os artigos de jornal e até mesmo as seminovelas e poemas fundamentalmente discursivos. A correspondência também manteria uma relação estreita com este tipo de produção⁵⁴. Nesse sentido, os primeiros artigos publicados no *Diário de Pernambuco* já demonstram, de forma muito clara, como Freyre procurou dar um estatuto especial às formas literárias que pudessem evidenciar uma comunicação direta entre emissor e receptor ou, mais simplesmente, entre autor e leitor. A minimização dos artifícios ou das alusões indiretas e simbólicas marca esses textos que privilegiam o avesso do tipo de escritura plena de ambigüidades e sentidos alusivos característico da alta modernidade.

Analisando por outro ângulo a presença do estilo epistolar na obra de Freyre, o autor, que tinha um repertório de personagens “quase vivos” de origem literária, demonstrava uma predileção especial pelo personagem epistolar Fradique Mendes, de Eça de Queirós⁵⁵. Para Freyre, este homem requintado, sensível, espirituoso, de estilo mordaz teria conseguido, por meio de sua *Correspondência*, um equilíbrio ideal entre conversação provocativa e abertura autobiográfica, firmando, pela escrita, um autêntico documento humano, tanto que o mesmo surge, em vários momentos, como figura quase de “carne e osso”, como na crônica publicada no *Diário de Pernambuco* em 28 de setembro de 1924, em que Freyre especula sobre a existência de “solteironas que desprezaram milionários e talentos que desprezaram editores”:

Fradique Mendes em conjunto talvez não exista, talvez não possa existir. Mas ¾ e até 9/10 de Fradique, eu próprio tenho encontrado na vida. E entre esses retalhos de Fradique estão autores sem livros.

⁵⁴ Semelhante linha de raciocínio permite que Afrânio Coutinho, em *A literatura no Brasil*, faça a seguinte afirmação sobre os gêneros afins à crônica e ao ensaio: “Participando da natureza do ensaio, isto é, de acordo com a concepção e classificação que orientam esta obra, há diversos outros gêneros literários que foram cultivados na literatura brasileira. São gêneros ensaísticos na medida em que o contato entre o autor e o leitor ou ouvinte se faz diretamente, sem artifícios intermediários. São eles a oratória, a epistolografia, as memórias, os diários, as máximas, a biografia.” (COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: _____. (Dir.) **A Literatura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1971. v.6, p.136.).

⁵⁵ Cf. QUEIRÓS, E. de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Ediouro, [197-?].

Santo Thyrsos, em quem havia talvez $\frac{3}{4}$ de Fradique e era, em certos pontos, um tipo mental mais acabado que o de Eça, morreu autor sem livro. (O $\frac{1}{4}$ de Fradique que faltava a Santo Thyrsos era sobretudo a beleza física. Explica-se: Santo Thyrsos foi pensador mais fundo que o Fradique. Ora, pensar faz mal ao rosto; faz mal à plástica. Bem o observou Wilde. Por isso seu Dorian Gray é aquele rapaz com rosto de menina; e que era bonito porque não pensava. A beleza no seu sentido animal é sem dúvida o primeiro traço de vacuidade).⁵⁶

A forma da correspondência passa a contribuir para a composição de um estilo muito pessoal; aqui se trata de um caso de correspondência fictícia, que permite edificar um personagem que vira e mexe reaparece, como neste trecho em que o autor fala sobre o ensino de história como uma viajada “tia ricaça” mostrando um mundo novo que estaria dando lugar a uma história verborrágica e reduzida a mero instrumento de patriotismo: “A que se quer é esta: a história reduzida a vaca de leite de patriotismo. Ou melhor, e parodiando a Fradique: que se ensine a história patrioticamente mal”⁵⁷. Ou ainda, em outro exemplo, falando no artigo “O livro belo” sobre a quase completa inexistência da estética da tipografia e da impressão e da encadernação no Brasil e em Portugal, finaliza colocando-se como espelho de Fradique: “Fradique poderia ter escrito uma carta sobre a arte tipográfica ou de impressão, como ainda não há; ou como não pode haver”⁵⁸. Tal como o próprio Freyre tinha acabado de escrever.

Por essas relações inesperadas, pelos enfoques inusitados e pelos aproveitamentos de diversos estilos literários, reforça-se a interpretação, como esta de Alexandre Eulálio, segundo a qual o escritor ocupa um espaço muito particular no ensaísmo literário brasileiro – e isso, acrescento, desde os primeiros anos do Modernismo, e não somente após a publicação de *Casa-grande & senzala*, que o tornaria conhecido no cenário nacional e internacional:

Soluções igualmente pessoais, como a da cadência frasística de Gilberto Freyre, largamente enumerativa e dividindo-se em suborações independentes, adequadas à maravilha aos seus inventários proustianos, se se tornam irresistíveis aos imitadores, são impossíveis de serem transmitidas a mais ninguém. Os epígonos vêm-se na ominosa condição de pasticharem o mestre.⁵⁹

Várias são as justificativas para que se afirme a inserção da correspondência no conjunto da obra de Freyre não apenas pelo seu caráter documental; importaria, também, pela

⁵⁶ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.2, p.76.

⁵⁷ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.1, p.190.

⁵⁸ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.2, p.221.

⁵⁹ EULALIO, A. O ensaio literário no Brasil. In: _____. *Escritos*. Organização de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.59.

própria condição impura e lacunar, tantas vezes defendida pelo autor, como uma forma que refrata questões pulsantes em toda obra.

Como dissemos anteriormente, na década de 30 Freyre passa a utilizar, de forma mais sistemática e tendo em vista a delimitação de sua proposta sociológica, fontes primárias como cartas e diários. O uso deste material foi pioneiro e, em muitos momentos, o escritor deixou-se contaminar pela narrativa (auto)biográfica e memorialística. O que para os cientistas sociais era um fator negativo⁶⁰ foi positivo para reforçar o viés narrativo e ensaístico do seu texto. A utilização da literatura também encontrou abrigo institucional em seus cursos de Sociologia, como o ministrado na Faculdade de Direito do Recife e na Universidade do Distrito Federal, em 1935. Apesar das críticas agudas que estavam sendo feitas à sua obra a partir, sobretudo, da década de 40 – no caminho aberto pelos esforços sistemáticos de formação das disciplinas sociológicas no Brasil –, no final do nono capítulo de *Ordem e progresso*, intitulado “A República de 89 e o progresso industrial no Brasil: considerações em torno da realidade e da ficção de um progresso talvez contraditório”, publicado em 1959, temos um claro exemplo em que o texto epistolar atua para dar vigor narrativo ao texto científico de viés ensaístico:

Em carta dirigia a “mamãe” e datada de 21 de outubro de 1904, escrevia Emílio, falando também pelos irmãos: “Há dias que estamos aqui no colégio. Estou muito satisfeito e nada me falta. O quarto de dormir é muito bom e tem tudo o que eu preciso. Papa hoje esteve aqui para ver se nós estávamos bem. Ele me deu três postais que muito me deram prazer” [...] Noutra carta – de 7 de maio de 1905 – informa a Da. Emília o seu filho Emílio, aluno do Saint Joseph’s College, de Londres, que embora com “muitas saudades” de Pernambuco e fazendo uso – pois foi sempre menino doente – de remédios, ia bem: e divertindo-se com os esportes: futebol, críquete, tênis. [...] Emílio, ao prazer mais de assistir a esses jogos do que de participar deles, juntava o de pintar aquarelas e o de aprender piano. E também o gosto de colecionar cartões-postais: gosto – repita-se – tão característico da época então vivida pelo Brasil. Eram cartões de vistas de cidades ou de paisagens, os do Brasil

⁶⁰ Afirma Simone Miucci: “Entretanto, embora comentadores admirassem a capacidade de Freyre tornar atraente a síntese sociológica, condenaram, por vezes, a dispersão provocada pela enumeração exagerada de exemplos. O próprio Bastide afirmou que Freyre freqüentemente se perdeu em suas discussões secundárias. Florestan Fernandes, do mesmo modo, constatou a enumeração de *exemplos inúteis* que, a despeito de serem produto de sua inteligência ativa, prejudicaram o plano da obra, tornando-a excessivamente dispersa.” No parágrafo seguinte, afirma a pesquisadora: “Em poucos anos, esta crítica difusa acerca da dispersão narrativa de Freyre foi substituída por uma censura sistemática de seu estilo pessoal e literário.” (MEUCCI, S. **Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.). Fica claro, portanto, que havia um estilo literário reconhecido que estava sendo sistematicamente reprimido. Freyre assumiu, então, principalmente a partir da década de 40, a incumbência de questionar as fronteiras entre linguagem científica e linguagem sociológica. Datam, depois dessa época, seus escritos auto-reflexivos cuja argumentação segue a trilha das fronteiras literárias, que viria a se tornar voga na pós-modernidade. Por outro lado, a crítica a Gilberto Freyre, principalmente após a década de 50, além de destacar os limites do seu método sociológico, também tomou envergadura política. A Escola Paulista, especialmente encabeçada por Florestan Fernandes e Otávio Ianni, sublinha as diferenças de classe que há no Brasil e discorda da lusotropologia e da idéia de identidade mestiça que Freyre defende. O debate, renovado e abalizado nas universidades, e o conflito com o pernambucano passam a simbolizar o rumo polarizado da nova época; a consolidação acadêmica na área utiliza-se de um embate frontal com a sociologia ametódica de Freyre e as diferenças se acirraram principalmente após o Golpe de 1964.

requintando-se em exibir aspectos do novo Rio de Janeiro ou do novo Manaus ou do novo Belém ou do novo São Paulo – aspectos de cidades em processo de industrialização: a Avenida Central, o Palácio Monroe [...]. Mas também postais de figuras coloridas de noivos, de mulheres bonitas, de crianças louras, de camponesas européias. [...] Emílio, sendo um bonito rapaz, sempre muito elegante nos seus jaquetões, no Brasil feitos no Brandão, era, entretanto, um Rui Barbosa, doentíssimo dos olhos; e mártir de males menos evidentes. Seu desajustamento ao Brasil talvez explique o fato de ter sido aqui caricaturista [...]. Seu suicídio, num hotel francês de província, é o sentido sociológico que parece apresentar: o da inconformação de um *mignon* de nascença com a deterioração, pelo tempo e pela doença, desse seu físico de semi-homem, tornado escandaloso, aos seus próprios olhos de caricaturista com alguma coisa de genial, pelo contraste de sua figura em declínio com a da mocidade vigorosa, atlética e cor-de-rosa dos rapazes que conheceu na Suécia, patinando sobre o gelo, fazendo esqui, brincando com a neve. [...] Um lobisomem a cumprir sua sina pelos cais e pelos cabarés europeus, para vergonha da família e dos amigos brasileiros e anti-reclame do Brasil [...]. Seu suicídio foi o de um narciso em decomposição mas foi também, ao que parece, o de um artista torturado pela idéia, aliás falsa, do fracasso.⁶¹

Nesta longa citação composta por excertos de *Ordem e progresso*, vemos atuante um procedimento de Freyre: construir verdadeiras biografias utilizando cartas como fontes primárias com o objetivo de elaborar hipóteses sobre o Brasil. No caso, a trajetória do menino, que sai para estudar em colégio até tornar-se, quando adulto, um artista frustrado no Brasil e no exterior, simboliza o desconcerto do Brasil que saía da Monarquia para entrar numa República igualmente, ou ainda mais, débil e contraditória. Sobre os caminhos conscientemente tomados pelo escritor em busca de um estilo literário, são significativas duas epígrafes do livro: “*Reality, if rightly interpreted, is grander than fiction*”⁶², de Thomas Carlyle; e “*The process of historical recreation is not essentially different from that of the poet or novelist, except that his (the historian’s) imagination must be subordinated sleeplessly to the truth*”⁶³, de A. R. Rowse.

Freyre, portanto, não abre mão da concepção de ensaio como forma literária e de análise social. Este seria um exemplo claro de impureza literária em sua escrita, conceito formulado justamente para firmar o caráter fronteiro dos seus textos, híbrido de construção literária e análise social, interesse que já se vislumbra, por exemplo, nos primeiros anos do século por escritores que assumem como missão elaborar um projeto de país por meio de uma

⁶¹ FREYRE, G. **Ordem e progresso**. São Paulo: Ed. Global, 2004. p.753-761.

⁶² “A realidade, se corretamente interpretada, é maior que a ficção.” (tradução nossa).

⁶³ “O processo de recriação histórica não é essencialmente diferente daquele de um poeta ou de um novelista, exceto que a sua imaginação (a do historiador) deve ser subordinada, não sonolentemente, à verdade.” (tradução nossa).

escrita literária que combinasse interesse cultural, histórico e científico, como Euclides da Cunha⁶⁴.

Para Bandeira, igualmente, tais questões, que podem tocar com maior ou menor intensidade no íntimo de uma obra e de uma vida, não são estranhas. Como ele próprio afirma na introdução à correspondência de Mário de Andrade enviada a ele, são “[...] cartas tão esclarecedoras da obra de Mário, da sua maneira de trabalhar, da sua visão, tão pessoal, da vida e da literatura, da música e das artes plásticas [...] muitas não inferiores às melhores que publicou em livro.”⁶⁵ Ainda mais, para Bandeira, estas são cartas “escritas em toda a pureza de coração, [que] ensinarão a ler a obra de Mário com as necessárias cautelas.”⁶⁶ Deste modo, para o poeta, mais do que documentos, as cartas (sem nos esquecer de que, aqui, ele fala especialmente de Mário) podem ser objeto de contemplação e de crítica. É esta abertura bem modernista que justifica que vejamos a correspondência, para além do pragmatismo, como objeto de experiência estética e intelectual.

2.3 Crônicas epistolares

Se insistirem para que eu diga por que o amava,
sinto que o não saberia expressar senão
respondendo: porque era ele; porque era eu.
MICHEL DE MONTAIGNE⁶⁷

As cartas trocadas entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira estão entre aquelas que configuram um mundo à parte, de relações que se desenrolam em tom menor, sem pretensão de grandeza. Nelas, o miúdo da vida cotidiana é desfiado um para o outro: de um lado, o recifense radicado no Rio, Manuel Bandeira, tem a oportunidade de travar relações mais próximas com sua terra, de se “provincianizar”; de outro, o recifense cosmopolita Gilberto Freyre pode atualizar-se e viver, quando não presencialmente, os burburinhos das rodas intelectuais e literárias do então Distrito Federal.

⁶⁴ Cf. análise de Nicolau Sevcenko da obra de Euclides da Cunha e Lima Barreto em SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁶⁵ ANDRADE, M. de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1987?]. p.15.

⁶⁶ ANDRADE, **Cartas a Manuel Bandeira**, [1987?], p.14.

⁶⁷ MONTAIGNE, M. de. Da amizade. In: _____. **Ensaaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.98.

Focando a importância da correspondência para o campo literário, podemos observar nela uma rica dinâmica estabelecida entre dois cenários bastante circunscritos: de um lado, o Recife; de outro, o eixo Rio-São Paulo. Os personagens que desfilam neste conjunto de cartas iniciado em 1925 eram, muitos deles, jovens que tateavam um estilo inovador e novas experiências. Daí que a ânsia para a troca, o diálogo, o aprendizado com o outro era intensa, e as cartas desse período mostram que o Nordeste de Gilberto Freyre e “o Sul” de certo grupo modernista tinham significativas zonas de confluência, principalmente naquela fase em que as redes intelectuais e artísticas que viriam a se estabelecer de fato a partir da década de 30 começavam a se esboçar.

Quando Freyre e Bandeira iniciam sua correspondência, este já era um escritor respeitado nos círculos modernistas do Rio e São Paulo. A relação que se estabelece é de grande consideração de ambas as partes. Mais velho 14 anos, Bandeira também inspira a confiança de um homem experimentado, que não seria alvo fácil da fúria de um jovem e quixotesco aspirante a escritor. Desse modo, esta é uma das poucas relações que se resguarda da incontrolada ânsia devoradora daquele que se tornaria “o mestre de Apipucos”⁶⁸.

Diante do escritor sóbrio e discreto que é Bandeira, Freyre tem a oportunidade de exercitar uma escrita mais simples, sem os grandes torneios sintáticos que caracterizam seu estilo de linhas barrocas. É como se o ideal franciscano de vida e escrita, manifestado em alguns de seus textos – franciscanismo “inimigo do intelectualismo; inimigo do mercantilismo; lírico na sua simplicidade; amigo das artes manuais e das pequenas indústrias; e quase animista e totemista na sua relação com a Natureza, com a vida animal e vegetal”⁶⁹, portanto uma espécie de categoria simbólica característica do mundo orgânico pré-burguês –, aqui pudesse ser mais livremente experimentado, sem pompas, sem grandes lances. Em verdade, o lirismo em tom menor acabaria dando a tônica a muitas dessas cartas, como esta de Bandeira:

⁶⁸ Contudo, certa reverência pelo “mestre Bandeira” por parte de Gilberto Freyre parece ser “equilibrada” com o modo beirando o cômico com que descreve as experiências sexuais quase pueris de Bandeira no Recife, durante o seu primeiro retorno, depois da infância, à cidade natal, no final de 1926: “Grande farra na *garçonnière* da Gamboa do Carmo com Bandeira poeta. Bebeu um pouco e ficou tão alegre que deu para cantar. Voz detestável. Lá estavam Ulisses, meu irmão, José Tasso, Antiógenes Chaves. Vê-se que o poeta esqueceu-se da tísica e das tristezas e ficou por toda uma noite quase vinte anos mais moço do que é. Muito feliz entre as mulatas. As mulatas não tão felizes com ele.” (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.206). A “disputa” que nunca se mostrou no campo artístico e intelectual novamente se manifesta no diário-memória ao narrar acontecimento no Recife no final do ano de 1929, no segundo retorno de Bandeira à cidade: “No Carrapicho, com as mulatas trazidas por Ulisses, meu irmão, que agora, por causa de seu belo bigode preto, é conhecido por quase todos os amigos como ‘Bigodão’. Bandeira poeta, aqui pela segunda vez, engraçou-se de uma que é realmente uma delícia: ‘a flor do Prado’, como eu a chamo, por ser sua família moradora do Prado. Mas o diabo da mulata resvalou foi para meu lado, deixando o M. B. sob uma grande dor-de-cotovelo. Mas sem dar o braço a torcer, disse-me M. B. depois que as mulatas saíram com Bigodão: ‘A sua “Flor do Prado”, sabe? Tem um mau hálito horrível. E eu não tolero mulher de mau hálito’. Conversa. ‘Flor do Prado’ tem uma boca fresca de adolescente – adolescente meio agreste – uns dentes lindos e nem sequer cheira a sovaco de negra: odor que sendo fresco não me é, aliás, desagradável. O sovaco de negra que cheira mal é azedo, de negra suja. Mas também cheira mal o das brancas azedas: sobretudo o sovaco das judias. O caso de R.” (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.240).

⁶⁹ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.212.

Afinal desencantei a viagem a Cambuquira. Estou aqui desde o dia 15, e parece que as águas estão me fazendo grande bem.

Gostei muito de Cambuquira, que é bem simples e bonitinha. O que estraga um pouco isto são os aquáticos – gente que tem quase todos um ar pará de favorecidos da sorte, muito irritante. Tenho levado uma vida de completo repouso, levantando às 6 da manhã e deitando às 9 da noite.

Anteontem fui numa excursão a Campanha, cidadezinha morta que fica a um $\frac{3}{4}$ de hora daqui. Faz agora justamente 30 anos que cheguei lá carregado. Verifiquei que era um camelo em 1905, pois não senti então a delícia que são aquelas ruas tão simples, tão modestas, com os seus casarões quadrados, quase todas com bicos de telhado em forma de asa de pombo. Há lá uma rua Direita (hoje tem nome de gente) que é um encanto: tão genuinamente brasileira, tão boa, dando vontade de morar nela. O passeio que foi de noite, com o luar (uma lua sem nada de mozarlesco, lua-Dantas, simples e bom satélite), foi dessas cousas que a gente não esquece. Diante das duas casas onde morávamos, e onde passei o Diabo, me senti valado, com um nó na garganta. Assim como no interior da matriz, uma igreja tristíssima, que essa, sim, parece o “huge baru” que Luccock viu nas igrejas de Ouro Preto. Faziam a Via-Sacra e eu estive longo tempo imaginando quantas vezes minha mãe e minha irmã estiveram ali ajoelhadas rezando para que eu não morresse⁷⁰.

Esse trecho é tocante pela combinação entre descrição e sobriedade. O modo de descrever o estilo de vida pacato da pequena cidade é como uma pintura de paisagem de linhas rápidas que registrasse um instante particularíssimo. A despeito da despreensão com que é realizada, esta composição com palavras corridas e impressões ligeiras toma uma dimensão confessional que procura destacar da vida que passa algo de imortal, de verdade sempiterna. Esta beleza é antevista por meio do contato epistolar como um ato desprendido de diálogo entre amigos. Note-se como a sensibilidade do poeta procura compor um quadro singelo, em que a bondade, como qualidade, é um misto de psicologia do indivíduo, da coletividade e dos espaços que “têm alma”, com suas “ruas tão simples, tão modestas”, “uma rua Direita [...] que é um encanto: tão genuinamente brasileira, tão boa, dando vontade de morar nela”. Mas também nem tudo é maravilhoso em Cambuquira; como uma cidade que se torna naquela época uma verdadeira meca para turistas de férias em busca de ares frescos e água limpa, Bandeira lá também encontrou o turista inconveniente: “O que estraga um pouco isto são os aquáticos – gente que tem quase todos um ar pará de favorecidos da sorte, muito irritante”⁷¹.

⁷⁰ Cf. cap.3, Documento 20, com datação “Cambuquira, 23 de março de 1935”.

⁷¹ Sobre a transformação que sofria Cambuquira durante os verões, afirma Schapochnik: “À tradição de vilegiaturas de verão na cidade de Petrópolis (Rio de Janeiro) visando escapar da canícula e das doenças, como a cólera, a varíola e a peste bubônica, atribuídas aos miasmas que assolavam a corte imperial, veio se juntar, nas últimas décadas do século XIX, o hábito das temporadas nas estações hidrominerais de Poços de Caldas, Caxambu, Lambari e Cambuquira.” (SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à Era

Esta carta também dialoga com dois momentos da trajetória do poeta: a “lua” da chamada primeira fase de Bandeira distingue-se muito da “lua” dos seus últimos poemas. Em seu primeiro livro, *A cinza das horas*, de 1917, a lua é melancólica em “O inútil luar”: “E embalde a Lua, ardente e terna, / Verte na solidão sombria / A sua imensa, a sua eterna / Melancolia...”⁷². Aos poucos o poeta consegue se distanciar de uma vertente pós-romântica e pré-modernista, de linhagem simbolista, penumbrista e crepuscular, para constituir-se como um eu consciente e pleno frente ao destino e ao imponderável da natureza. A “Lua” deixa de iniciar-se por maiúscula e, desmetaforizada, permite que sujeito e objeto, eu lírico e natureza se destaquem de modo a fazer emergir uma consciência mais aguda e pacificada acerca de sua condição. Contemplação não mais significa imiscuir-se de forma inconsciente com o natural:

SATÉLITE

FIM DE TARDE.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada.
Desmistificada.
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados
Mas tão-somente
Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem *show* para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
– Satélite.⁷³

O bom satélite do poema de *Estrela da tarde*, de 1960, é quase taquigrafado. A objetividade com que lança a imagem à página também permite relacioná-la com as suas influências concretistas na década de 50. Porém, há um sentido claro de uma trajetória de amadurecimento e contemplação desperta, de um lirismo que procura se despir dos floreios e

do Rádio. Coordenador-geral da coleção: Fernando Novais. Organizador do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.444.).

⁷² BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.135.

⁷³ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.316.

do ornamental de superfície. Por sua vez, a “lua” da carta a Gilberto Freyre, datada de “Cambuquira, 23 de março de 1935”, flagra um momento como que intermediário do ofício do verso: ela é adjetivada, é “uma lua sem nada de mozarlesco, lua-Dantas, simples e bom satélite”. A adjetivação “simples”, “bom”, “não mozarlesca” e “Dantas” evidencia o caminho da concreção ou, poder-se-ia dizer, de uma personalização que atingiria sua plena significação num plano simbólico descarnalizado, com o qual o poeta pode dialogar sem ser engolido por uma realidade imponderável. A data da carta é também significativa, quase equidistante do livro de estréia e do último livro, mostrando que, no texto epistolar, podem ficar registrados momentos distintos de reelaboração de procedimentos poéticos, como imagens e metáforas, com uma clara mudança de tom do eu lírico.

As expressões “mozarlesco”, “dantas”, “pará”, “kerniano” e “onésimo”, por sua vez, surgem em muitos momentos da correspondência. Estas são um exemplo de códigos particulares, transferidos da crônica, que se tornam modos paradigmáticos de compreensão da realidade. A crônica que descreve em detalhe como nascem as expressões, e o que elas significam, é “A nova gnomonia”⁷⁴, publicada em *Crônicas da província do Brasil*, de 1937. Posteriormente, no ensaio “Poetas bissexto”, publicado em *De poetas e de poesia*, Bandeira novamente retoma, de modo mais sucinto, o teor da “gnomonía”:

Em resumo: os parás são como aqueles homenzinhos terríveis que vêm do Norte para vencer na capital da república (dinâmicos, audaciosos, tudo sacrificam ao sucesso da idéia de que estão possuídos); os dantas são os bons, equilibrados, indiferentes ao êxito, cordatos e modestos ainda quando conscientes do valor próprio; os mozarlescos são os sentimentais (a lua é mozarlesca; Casimiro de Abreu é mozarlesco); os onésimos são os sujeitos que duvidam, sorriem e desapontam (ninguém tem coragem de chorar na frente de um onésimo, razão por que os onésimos são o terror dos mozarlescos); finalmente querniano é o impulsivo, tanto para o bem quanto para o mal.⁷⁵

No universo de Bandeira, as “comunicações impuras”, reveladas pela correspondência, se dão sobretudo no interior de sua obra, ou seja, sua impureza – ao contrário de Gilberto, que é mais imprevisível e sempre se lança para fora da obra – ocorre de forma marcante enquanto movimentos intratextuais, numa horizontalização que amarra o conjunto. Porém, nesta

⁷⁴ Segundo nota de edição de Júlio Castañon Guimarães, “A nova gnomonia” foi publicada no *Diário Nacional* em 17 de outubro de 1931. Sobre o título, afirma o pesquisador: “Não dicionarizado, o vocábulo ‘gnomonía’ provavelmente tem como base o elemento de origem grega ‘gnom’ (que conhece, discerne, interpreta), encontrado em vocábulos como ‘gnomônico’ e ‘fisiognomonía’.” (Cf. BANDEIRA, M. *Crônicas da província do Brasil*. Organização, posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: CosacNaify, 2006. p.286.).

⁷⁵ BANDEIRA, M. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. v.2, p.1300.

correspondência, apesar de haver movimentos intertextuais evidentes, não há reflexão estética propriamente dita, como ocorre nas trocadas entre Bandeira e Mário de Andrade.

Há, porém, um tipo de mistura muito delicada em Bandeira que também se consolida por constantes remissões no interior da obra. Trata-se da tentativa de alçar pessoas ao universo ficcional da crônica. Assim é com Jaime Ovalle, que surge de modo bastante marcante, e com, por exemplo, a família Blank.

A família Blank foi bastante próxima da família de Manuel Bandeira. A amizade começa quando o casal Frederique Henriette Simon Blank e Carlos Blank vem morar no Brasil, nos primeiros anos do século XX, já com a primeira filha, Guita, nascida. Joanita Blank, a segunda filha, nasce em 1909 já no país e, quando Bandeira se muda para a Rua do Curvelo, em Santa Teresa, a menina passa a ter aulas com o escritor, que se encarrega de toda sua formação educacional e intelectual, seguindo o modelo de preceptor. Bandeira mantém uma amizade fiel com as Blank até o final da vida, laço este que é motivo de vários poemas, tais como “Joanita”, “Joana e Pituca” (dedicado a Joanita e a seu marido Gerald Elisa), “Poema do mais triste maio” (sobre a despedida da adoecida M^{me} Blank ou Fredy, como era chamada Frederique Blank, e de Joanita, na partida definitiva da mãe para a Europa em 1964), “Natal 64” (que fala sobre a tristeza da morte da grande amiga M^{me} Blank), “A Mossy” (também dedicado à M^{me} Blank) e da crônica “História de Joanita”, publicado em *Andorinha*, *andorinha*, de 1966⁷⁶. De resto, é possível que a relação entre Fredy e Bandeira tenha ido mais longe, como reporta a neta de José Olympio, Lucila Soares:

Naquele ano, os dois [Sérgio Buarque de Holanda e Maria Amélia Cesário Alvim] se casaram e foram morar no Leme, no começo da avenida Nossa Senhora de Copacabana. No mesmo prédio viviam J. O. e Vera, além de Madame Blank, grande amor de Manuel Bandeira, o que tornava o poeta presença assídua no edifício⁷⁷.

Nas cartas os integrantes da família Blank desfilam como parte da própria família do poeta. Lances do cotidiano, como as graças da neta de M^{me} Blank, são relatados com todo o frescor de uma crônica doméstica:

Joanita ia lhe escrever, mas, como a sua vinda se anunciava, ela não escreveu. Estão morando agora numa casinha muito simpática no Leme. A filhinha de Guita cada vez fica mais interessante. Apesar de toda a ambientação, é uma inglesinha. No outro dia no fim do jantar

⁷⁶ Para mais detalhes sobre o relacionamento de Bandeira com a família Blank, consultar BEZERRA, E. **A trinca do Curvelo**: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

⁷⁷ SOARES, L. **Rua do Ouvidor 110**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006. p.53.

ofereci cigarros a ela: – *Cigarette?* Ela agradeceu: – *No, thank you.* Eu insisti: – *Please!* Pois não é que o diabinho virou-se para mim e com um sorriso mais *sophisticated* disse: – *No, I really couldn't!*⁷⁸

Já com Jaime Ovalle há um aprofundamento do tratamento cronístico dos dados da realidade, se o entendemos pela sua aparente despreensão, pelo fato de estar “tão perto do dia-a-dia [agindo] como quebra do monumental e da ênfase”, por ajudar “a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”, por pegar o miúdo e mostrar “nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”⁷⁹. Ainda mais, poderíamos acrescentar que a correspondência – especialmente as cartas de Bandeira, um surpreendente cronista – está num movimento complementar ao da crônica, uma vez que esta é para ser publicada, mas não durar, e aquela não é para ser de início publicada, mas agir fixando momentos exemplares, humanizando ao rés-do-chão, pondo em ação, tendo como seu particular indiscutível, o tom menor de coisa familiar, qualidades estas perseguidas pela crônica numa dimensão, ao final, pública e sem a ação dos guardadores-destinatários que garantem a preservação em princípio doméstica das cartas. No mesmo caminho agiriam os gêneros dos diários e memórias, os quais, para Freyre, dão o sabor por meio do particular, em que se registra “o miúdo de preferência ao grandioso” e “se anotam as repetições da vida doméstica ou pessoal, de preferência aos fatos extraordinários ou excepcionais”⁸⁰.

Jaime Rojas de Aragón y Ovalle (1894-1955) foi parceiro, vizinho e amigo de boêmia de Bandeira. Compôs as músicas “Azulão”, “Modinha” e “Berimbau” a partir de letras do poeta. Porém, de maneira mais surpreendente, pode ser considerado um personagem que inspirou, talvez como nenhum outro, sua correspondência, crônicas e poemas. Os inúmeros retratos literários do “místico”, como gostava de chamá-lo, sempre estão envoltos em enigma e num clima profundamente saudoso. Boêmio de alma, Ovalle levava Bandeira para as noitadas na Lapa – em uma das cartas a Freyre escreve Bandeira: “Adeus, modesto sociólogo. Ando com saudades de você. Quando atravessaremos juntos de novo a Praça Jaime Ovalle (antigo Largo da Lapa)?”⁸¹. O músico foi por vários anos vizinho do poeta em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e conviveu com os modernistas. Conversavam todos os dias, por telefone ou pessoalmente. Bandeira escreveu vários poemas tendo como motivo a convivência com Ovalle, ou ainda dirigidos ou dedicados a ele, tais como “Poema só para Jaime Ovalle”,

⁷⁸ Cf. cap.3, Documento 21, com datação “Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1935”.

⁷⁹ CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, C.D. de et al. **Para gostar de ler** : crônicas. São Paulo: Ática, 1989. v.5., p.5.

⁸⁰ FREYRE, G. Diários e memórias. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.195.

⁸¹ Cf. cap.3, Documento 14, com datação “Rio de Janeiro, 20 de março de 1934”.

“Esparsa triste”, “Ovalle” e “Elegia de Londres”. Ainda há a crônica “Ovalle”, publicada em três diferentes momentos (14/09/1955, 18/09/1955 e 21/09/1955) e depois incluída em *Flauta de papel*, de 1956, que retrata um homem pleno em sua contradição, imagem esta muito ao gosto de Freyre:

O espantoso de Ovalle é que coincidiram nele um artista tão profundo, embora tão deficientemente realizado, um boêmio tão largado, um funcionário aduaneiro tão exemplar na sua honradez e competência, e um ser moral de ternura a um tempo tão ardente e tão esclarecida.⁸²

Na crônica “O Místico”, publicada em *Crônicas da Província do Brasil*, Bandeira registra o momento emocionado da despedida de Ovalle, quando este partia para Londres:

A última manhã do místico na casinha da ladeira foi uma coisa tão comovente que eu não sei contar. E eu gostaria de contar como o encontrei com a cara entregue ao barbeiro, as mãos a D. Nazaré, distinta manicura, formosa mulher de pele gorda e alva... Em torno todo um corpo de técnicos – o alfaiate que viera arrumar as malas, o professor de inglês (da Stanford University), o poeta-procurador etc. A toda hora o telefone tilintava: eram os “chamados misteriosos” que vinham da Lapa, de Copacabana, da Ilha do Governador, todos com lágrimas, com soluços. E o místico foi-se embora.⁸³

Nas cartas, Jaime Ovalle é retratado como uma figura também fascinante, mas muito reticente. Adorado por seus amigos, é um homem esquivo, de não dar notícias ou, quando dá, o faz de modo sempre inusitado:

O místico não escreve carta. De vez em quando passa um telegrama em que deve gastar os culhões, fazendo literatura a 7\$500 a palavra. Por exemplo: “Londres infinito humano inconcebível” etc. Uma pessoa que veio de lá contou que ele fez amizade com um padre. Não se sabe se é inglês, brasileiro ou ... hispano-americano. Edgarzinho me disse outro dia que a Dédé caiu na gandaia. A irmã do Ovalle de vez em quando me segura no telefone que eu corto uma volta.⁸⁴

As cartas, aos poucos, vão se adentrando mais no universo do ficcional, uma vez que é cada vez mais descontraído e imaginativo o modo de se falar das idiossincrasias do amigo:

As notícias do Ovalle são sensacionais. Já fala inglês (erramos! O místico tem reservas desconhecidas!), só anda de chapéu coco e não compreende

⁸² BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.490.

⁸³ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.463.

⁸⁴ Cf. cap.3, Documento 14, com datação “Rio de Janeiro, 20 de março de 1934”.

mais a vida fora de Londres! Tem cinco criados e está ditando um livro em inglês para uma inglesa magra e feia que “tem um verdadeiro fanatismo por ele” – palavras do sobrinho em carta.⁸⁵

Se se recordar que Ovalle tinha como meta de vida a produção artística – “Ovalle continua com medo de morrer embaixo de automóvel antes de produzir”, disse Bandeira em carta do Natal de 1930⁸⁶ –, a temporada britânica não parece ter sido em vão.

Inclusive Freyre reclama da falta do amigo dos tempos de vida boêmia no Rio de Janeiro: “Lembro-me de Ovalle – o amor mineiro de Ovalle, a viagem de trem, ‘era pra você tocar violão’ etc. Que silêncio, do nosso místico! Escrevi duas cartas a ele, ou três, acho que três. Tudo sem resposta. Um desdém absoluto”⁸⁷. As notícias de Ovalle tornam-se cada vez mais longínquas. Porém, ao contrário, fica ainda mais forte a sensação de que estamos diante de um personagem epistolar, cronístico e poético, a ponto de, a certa altura, ser plenamente retratado apenas como “o místico”:

Tenho notícias frescas do místico. Indiretas, está claro. Ele não escreve nem à irmã. Sabe-se das cousas pelo sobrinho. A última novidade são poemas ingleses: Mando-lhe cópia e queria estar perto de você para gozar de suas gargalhadas espirradas. O sobrinho mandou isso com muito mistério, dizendo que foi tirado de um grosso caderno onde há para mais de cinquenta poemas assim. Quando a Leolina (a irmã do O.⁸⁸ casada com o Xiru) me perguntou o que eu achava, eu respondi sem pestanejar: Acho que deve ser mistificação!

Suponho que o nosso místico contou em língua de trapo alguns sonhos (“Sonhei que um passarinho etc. etc.”) e algum amigo inglês de bar ou a tal professora escanifrada reduziu a cousa a inglês⁸⁹. Isso me tem divertido a valer e traduzi três dos poemas com este título *Três Poemas ingleses de Jaime Ovalle*⁹⁰, para uma revista *chic*.⁹¹

Bandeira nunca deixa de dar notícias do místico a Freyre. Em uma das últimas, afirma que “o místico anda arredio. Está muito envelhecido”⁹².

⁸⁵ Cf. cap.3, Documento 15, com datação “Rio de Janeiro, 20 de maio de 1934”.

⁸⁶ Cf. cap.3, Documento 8, com datação “Rio de Janeiro, natal de 1930”.

⁸⁷ Cf. cap.3, Documento 18, com datação “Recife, 29 de janeiro de 1935”.

⁸⁸ Provável abreviatura para Jaime Ovalle.

⁸⁹ Provavelmente Bandeira se refere ao poema que reproduz na crônica “Ovalle”, publicada em *Flauta de Papel*: “Era uma virgem / A mais pura de quantas mais pura / Viviam na santa Jerusalém. / Uma noite depois de fazer as suas orações / Deitou-se adormeceu e na manhã seguinte / Acordou triste e doente de vergonha: / Sonhara este sonho / Um pássaro veio voando do céu / Veio voando voando / Pousou em sua cama / E dormiu assim a noite toda” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.491-492.).

⁹⁰ O primeiro dos “Três poemas” de Jaime Ovalle traduzidos por Bandeira é: “Deus contempla em silêncio / As folhas que caem das árvores / E as folhas que permanecem nos galhos, / E vê que elas o fazem como deve ser. / Enquanto isso, os anjos se ocupam / De outros detalhes, menos difíceis, / Do mundo de Deus” (BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Altaya, [1992]. p.379.).

⁹¹ Cf. cap.3, Documento 19, com datação “Rio de Janeiro, 10 de março de 1935”.

⁹² Cf. cap.3, Documento 29, com datação “Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1938”.

Para Davi Arrigucci Jr., Ovalle expressava uma visão simbólico-mítica “capaz de superar contradições reais”⁹³. A forma como Bandeira decifra para Freyre a vida do místico em Londres e como ele consegue ultrapassar todas as dificuldades a ponto de fazer os seus melhores poemas distante do Brasil, ao qual é tão visceralmente ligado – não importando os seus meios, se por uma professora escanifrada ou coisa assim –, é indício de que pode haver uma mistificação ou mitologização em torno do músico. Bandeira parece se render à idéia do milagre, e não da mistificação, afirmando na crônica “Ovalle”, publicada em *Flauta de Papel*, que “só no inglês é que a sua poesia pôde encontrar expressão adequada. Como chegou ele a exprimir-se num idioma que mal conhecia? Teve, sem dúvida, quem o ajudasse [...]. As vivências de todos esses poemas em inglês são sabidamente ovalianas, o acento também”.⁹⁴

Ovalle, assim, “torna-se um meio de se sintetizar [uma] imagem fundamental”, “uma vasta e complexa esfera da realidade da época”⁹⁵, capaz dos lances mais mirabolantes, das ambigüidades aparentemente mais insolúveis. Tal ficcionalização congrega em torno do místico vários dos modernistas, que o admiram e que viveram as suas histórias.

Um derradeiro poema que registra, de modo emocionado, a despedida de Ovalle é dialogado e afirma a existência de um mundo extraterreno onde poderia se dar a continuidade de uma convivência que foi, também, em muitos momentos, cifrada e descontínua, armada pela ficção:

OVALLE

ESTAVAS BEM mudado
Como se tivesse posto aquelas barbas brancas
Para entrar com maior decoro a Eternidade

Nada de nós te interessava agora
Calavas sereno e grave
Como no fundo foste sempre
Sob as fantasias verbais enormes
Que faziam rir os teus amigos e
Punham bondade no coração dos maus

O padre orava:
– “O coro de todos os anjos te receba...”
Pensei comigo:
Cantando Estrela brilhante
Lá do alto-mar!...

Levamos-te cansado ao teu último endereço
Vi com prazer

⁹³ ARRIGUCCI JR., D. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.69.

⁹⁴ BANDEIRA, M. Ovalle. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.492.

⁹⁵ ARRIGUCCI JR., **Humildade, paixão e morte**, 1991, p.69.

Que um dia afinal seremos vizinhos
 Conversaremos longamente
 De sepultura a sepultura
 No silêncio das madrugadas
 Quando o orvalho pingar sem ruído
 E o luar for uma coisa só.⁹⁶

Em outro poema, “A mensagem no além”, de *Estrela da tarde*, o diálogo continua no além-túmulo. Uma suposta mensagem de Jaime Ovalle, morto em 1955, é captada pela esposa de Augusto Frederico Schmidt, Yedda Schmidt, inspirando o poema de Bandeira, que traz como epígrafe: “Aqui estamos todos nus”⁹⁷. Nele, o que se ressalta é o despojamento resignado da existência pós-morte, num tom que se aproxima bastante do conjunto de poemas de *Estrela da tarde*:

[...]
 As vestes que aí usamos
 Nada adiantam. Se o supus,
 Se o supões, nos enganamos:
 Aqui estamos todos nus.

Dinheiro que aí juntamos,
 Jóias que pões (e eu já as pus),
 De tudo nos despojamos:
 Aqui estamos todos nus. [...]⁹⁸

Se essa conexão entre crônica, poesia e epistolografia pode se dar por meio do alinhavo cujos instrumentos são personagens de fato, que transitam para o universo literário, há também outro tipo de conexão entre epistolografia e outros gêneros em Bandeira, como a que se dá entre poesia e cartas: “Cartas de Meu avô”⁹⁹, de *A Cinza das Horas*, “Carta-Poema”¹⁰⁰ e “Cartão-Postal”¹⁰¹, de *Mafuá do Malungo*. Especificamente sobre este tema, falaremos adiante.

A simplicidade de Bandeira e seu modo sutil de compor retratos do cotidiano se diferenciam bastante da escrita epistolar de Freyre. Bandeira, por sua fineza peculiar, demonstra nas cartas uma coerência discursiva, uma tentativa de sínteses bem formuladas, que muitas vezes Freyre não tem ou, quando parece ter, logo trata de desfazer-se em paradoxos. Também, enquanto Freyre utiliza o espaço da correspondência como uma forma

⁹⁶ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.316-317.

⁹⁷ Cf. BEZERRA, *A trinca do Curvelo*, 1995, p.81.

⁹⁸ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.330.

⁹⁹ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.128.

¹⁰⁰ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.403.

¹⁰¹ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.415.

de elaboração de escritas do eu, Bandeira compõe, na contramão, escritas do outro. No conjunto, permanece o tom cronístico, mas este é mais enfatizado nas cartas de Bandeira. As cartas de Freyre, por sua vez, tocam o veio ensaístico-autobiográfico em muitos momentos. Para ele, nenhum acontecimento deixa de despertar um sentimento íntimo, sobre o qual sempre sente necessidade de falar em primeira pessoa:

Como escrevi a Rodrigo, sinto que há alguma coisa, que há muito de [ilegível] em tudo isso, nesse apego ao Recife. Eu queria viajar, mas uma viagem curta, que acabasse logo, que apenas me desse as impressões, os estímulos e contatos que eu preciso, senão dou para provinciano dos ruínas, intelectual provinciano, que é um coisa horrível; e adeus. Um ano inteiro, não. Justamente agora, nesta casa velha para onde viemos há meses, estou me sentindo o perfeito recifense, rodeado de mangueiras, de sapotizeiros (um deles que vem quase à janela) vendo uns fundos de quintais que só se vendo, amas de menino se espreguiçando na areia que é uma beleza etc. etc. E eu e Cícero temos às vezes vagado pelas ruas até alta noite, até de madrugada – e cada vez me sinto mais preso ao Recife, mas de modo a não querer sair daqui a não ser por muito pouco tempo, pensando na volta. Aos poucos venho me refazendo daquele desequilíbrio enorme que foi a amizade perdida de Bigodão; que foi sair do Carrapicho onde eu plantara tanta árvore, pensando romanticamente que havíamos de crescer e envelhecer juntos – eu e as árvores. Agora, é curioso, eu evito de uma maneira doentia o Carrapicho, não posso nem ver, nem passar por lá, por aquela casa que você conhece, e onde – incrível – cheguei a morar sozinho um ano inteiro, ou mais, já não me lembro.¹⁰²

Bandeira representa, de uma certa forma, uma espécie de espelho de Gilberto Freyre, fiel porém invertido. O à-vontade com que parecem estar um na frente do outro ou em sua correspondência reforça o sentido dessa afinidade “infel”. Bandeira seria o lógico, e seu amigo, o contraditório; e é importante destacar que isso ocorre tanto na obra quanto na vida, pois, para Freyre, sempre há um amálgama necessário entre literatura e práxis, que traduziria a autenticidade pretendida em qualquer situação de criação. Porém, ressalte-se, tratar-se-ia de uma relação mais autêntica do que sincera com a vida, como afirma Ricardo Benzaquem de Araújo acerca da tendência autobiográfica dos ensaios de Freyre¹⁰³, o que não exclui uma tentativa de estetização egocêntrica. Bandeira, com sua “casinha de franciscano à paisana”¹⁰⁴, representa o avesso da escrita contorcida de Freyre. Em Bandeira, porém, com sua escritura

¹⁰² Cf. cap.3, Documento 18, com datação “Recife, 29 de janeiro de 1935”.

¹⁰³ O autor afirma que: “ ‘Sentindo por dentro’, Gilberto envolve o conjunto da sua reflexão em uma névoa da mais densa *autenticidade* [...], ou seja, cria a impressão de que as suas afirmações se referem a uma verdade absolutamente pessoal e incontrolável, próxima daquela que é sustentada das confissões e das autobiografias, posto que fruto do seu “pertencimento” à própria sociedade que está examinando. É como se não lhe fosse permitido recuar diante de nenhuma constatação, mesmo das mais escabrosas, mesmo daquelas que pudessem porventura vir a chocar o seu leitor, pois, de algum modo, parece tanto escrever quanto *transmitir* a sua obra.” (ARAÚJO, **Guerra e paz**, 1994, p.188).

¹⁰⁴ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.187.

límpida, haveria uma abertura incondicional para o diferente, e parece ter sido assim, em busca de um outro absoluto, que o “físico profissional”¹⁰⁵ se aproximou do jovem Freyre.

O universo de Bandeira seria a manifestação do mais puro e autêntico franciscanismo; ou, ainda, poderia remeter-se ao poeta ingênuo à maneira de Schiller, como aquele que vive a poesia (tanto da vida como da escrita) com naturalidade e simplicidade, sem deixar à mostra os artifícios, a armação de sua composição, posto que não haveria um dissídio entre escrita e experiência¹⁰⁶. Mostra-se como a figura do encontro, da cortesia, do eterno convite. Tal ideal de abnegação teria uma certa continuidade com o “caráter brasileiro”, conforme abordado por Freyre, cujo fundo mais produtivo é a idéia de democrático não como uma construção política, mas como uma construção simbólica que se basta pelo seu modo escorregadio e, por isso, ainda mais eficaz de tocar a vida em comunidade. Esta é uma espécie de sombra do modo como certa geração modernista entende e resgata – ou intencionalmente constrói – um Brasil escondido, não oficial, num movimento inclusivo que funcionaria como um pedido discreto e aparentemente sincero de perdão por uma elite exclusivista que voltou as costas para a marginalização inglória da maior parte da população do país. O estilo de escrita adotado para exprimir esta beleza, que remete ao cristianismo primitivo, prima pela simplicidade: os adjetivos são poucos, quase minimalistas e pueris (“simples”, “bonitinha”, “modesta”, “boa”, “tristíssima”), e a sintaxe é essencialmente paratática, sem grandes torneios, tal como vimos na carta de Bandeira de 23 de março de 1935 anteriormente transcrita.

Numa pequena mudança de tom, mas que não compromete a essência do todo, o remetente, até agora uma construção autoral que se passaria por um ingênuo de primeira natureza, reflete, no período seguinte, sobre seu próprio destino e, nessa auto-ironia de toques românticos, confidencia o teor dessa amizade de uma década fundamentalmente construída por cartas e por noites de boêmia nas ruas cariocas:

Esta vida é uma merda, seu Gilberto. Mas não quero acabar com amarguras esta carta. No descalabro que foi a minha vida, ainda me sobram amizades sólidas como a das Blanks, a sua, do Rodrigo e poucos mais. E quis escrever isto a você para dizer que a lembrança destes bons amigos me acompanhava enquanto eu andava como um fantasma sem eira nem beira pelas ruas desertas daquela cidadezinha morta¹⁰⁷.

¹⁰⁵ BANDEIRA, M. Auto-retrato. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.394.

¹⁰⁶ Cf. SCHILLER, F. **Poesia ingênua e sentimental**. Tradução Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

¹⁰⁷ Cf. cap.3, Documento 20, com datação “Cambuquira, 23 de março de 1935”.

O modo como Bandeira se expressa ao amigo parece encontrar perfeita correlação na forma do relato simples: trata-se de uma correspondência íntima, que se quer sincera e desprendida de grandes intenções, de base essencialmente afetiva. A correspondência como gênero textual, por explorar esta esfera da intimidade, por não desejar cultivar um público amplo e não querer uma tensa urdidura ou arte *stricto sensu*, destaca-se de outros gêneros textuais amplamente cultivados, como o romance, a poesia e o drama; porém, é interessante notar que a maneira como ela se realiza, tal como neste trecho, tem muito a ver com a construção lírica de Bandeira pela aproximação afetiva com a realidade, com o cotidiano, com a vida comum. O desprendimento que vemos também nas crônicas liga-se indiretamente à correspondência enquanto prática textual. Num mundo em que os indivíduos progressivamente se afastam, compelidos pela sociedade de massa a uma anulação do eu, como contraste, aqui haveria uma vivência intensamente humana, intersubjetiva.

Também essa troca, cuja tônica é dada por Bandeira, nada tem da retórica socialmente estabelecida para o relacionamento entre indivíduos dominante até o século XIX, desenvolvida essencialmente em meio à sociedade estratificada e hierarquizada segundo códigos de convivência característicos dos tempos coloniais e monárquicos. O alto grau de formalização foi justamente bombardeado com o fortalecimento da sociedade burguesa e com os discursos que fomentavam os anseios pela democratização da educação e da cultura, o que no Brasil se deu mais uniformemente a partir do século XX. Como contraste a essa escrita bela e desprendida de Bandeira, temos, a seguir, um pequeno exemplo de domínio do código socialmente elaborado que regia a correspondência entre Freyre e Oliveira Lima, diplomata aposentado e alto representante da elite culta e esclarecida, de origem aristocrática, no Brasil do século XIX:

Recebi sua amável cartinha e as três cartas de apresentação para São Paulo. Não sei como agradecer tanta gentileza da sua parte. Já não são poucos os incômodos que lhe tenho causado. Sabe que, por motivos de educação um tanto hirta que recebi e talvez por isso mesmo – mas não estou certo – de temperamento, não sou efusivo nem quando escrevo nem quando falo. Creio mesmo que o outro extremo, o que lamento. Porém creia, meu caro amigo, que o amo com todo coração – ao Senhor e à Dona Flora, alma irmã da sua, nobre e boa. Isto pondo à parte os obséquios recebidos. Simples obséquios não criam uma grande estima; não o faz a mera gratidão. Dizia Emerson que os favores eram como maçãs que se davam a crianças e logo esquecidas. O que uma pessoa de bem não esquece é a inspiração recebida d'outra – e sua vida e a sua alma e a sua amizade quase paternal têm sido para mim forte inspiração. Como esta carta é muito íntima não hesito em revelar que o seu

nome e o de Dona Flora estão não só na minha lembrança como nas minhas preces¹⁰⁸.

Gilberto Freyre lança mão, neste momento, de um expediente estilístico recorrente em sua obra. Afirma uma simplicidade retórica negada na própria forma de expressão, ou seja, paradoxalmente diz aquilo que não faz, ou aplica o seu contrário. O autor afirma que não conseguiria desenvolver aquela adequação rara entre forma e conteúdo pelo simples fato de que agradecer ao destinatário implicaria um modo grandiloquente pela própria natureza grandiosa dos gestos que lhe foram dedicados. Constatação propalada pelo autor: ele não é efusivo, ou seja, não se dá ao derramamento sentimental, nem quando escreve, nem quando fala. Tratar-se-ia de uma escrita “magra”, consequência de “educação um tanto hirta” ou de temperamento. Contudo, a escrita, com seus rodeios e imagens surpreendentes, mostra o contrário: “o amo com todo coração – ao Senhor e à Dona Flora, alma irmã da sua, nobre e boa.” O que vemos, desse modo, é a aplicação de um expediente de linhas retóricas com o maior de seus brilhos numa comunicação do dia-a-dia. Freyre sabia compor arabescos literários como ninguém e deles se serviu, em vários momentos, para aglutinar imagens as mais contrastantes, posições as mais inconciliáveis, sensações as mais chocantes, numa escrita que certamente bebeu muito da retórica dos Seiscentos e que tem bastante a ver com sua abordagem da herança do Brasil patriarcal, em sua plasticidade e sincretismo. Note-se, por exemplo, que o próprio conceito de regionalismo defendido por Freyre, por muitos críticos tido como fundamental para o que viria a se produzir na década de 30, nem sempre implicava coerência. Bandeira, nesse sentido, era como a face de uma outra lógica cujo motor era o embate entre os dois escritores, com engrenagens que sempre funcionavam, apesar das aparências contrastantes, naquilo que se poderia considerar o ponto fulcral da província:

RECIFE, 1928.

[...]

A propósito dos quitutes de Zé Pedro, Bandeira tem me criticado por preferir a muitos deles bifes à inglesa, carneiro assado à inglesa, salmão, *paté*, caviar, comidas em lata. “Que espécie de regionalista é este?”, pergunta Bandeira, muito ancho da sua lógica. A verdade é que não pretendo ser lógico nem no meu “regionalismo” nem em nenhuma das minhas atitudes. Logo que regressei ao Brasil, os quitutes da terra me voltaram a empolgar o paladar de modo absoluto. Agora, não: tenho minhas saudades, e grandes, de comidas anglo-saxônicas e francesas. Volto a elas uma vez por outra: sempre que é possível fazê-lo através de guloseimas enlatadas e de conservas. O paladar é

¹⁰⁸ Carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, com datação “Lisboa, Consulado do Brasil, 05/02/1923”. (Cf. FREYRE, G.; LIMA, O. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima a Gilberto Freyre. Organização de Ângela de Castro Gomes. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p.166-167.)

como o coração de que falava Pascal: tem suas razões que a razão desconhece.

[...] Que me desculpem os lógicos, como tende a ser às vezes (como toda sua imensa poesia) o Manuel Bandeira.¹⁰⁹

Se o Brasil, na perspectiva do sociólogo, encontrou caminhos para combinar seus contrários, inicialmente pelo intercuro sexual, igualmente sua escrita foi sendo lapidada no sentido de desenvolver formas de assimilação agregadora. Ou, ainda, um modo privilegiado de abrigar o contrário daquilo que se diz pode ser visto sem dúvida no polêmico tema da pressuposta visão idílica da escravidão no Brasil, afirmada mas retoricamente negada ao longo, por exemplo, das páginas de *Casa-grande & senzala*, que se apura no sentido de dar vida a quadros narrativos os mais cruéis e dramáticos. Assim como o discurso de Freyre, em seus melhores ensaios, se configura com idas e vindas, afirmações e negações, avanços e retrocessos que tipificam o universo impuro de contradições próprias da nova civilização, sua correspondência encarna inumeráveis paradoxos. A documentação epistolar, apesar de ser um conjunto aparentemente secundário, mostra também que a figuração retórica estava impregnada em seu discurso mais íntimo.

Por outro lado, ainda sobre a expansiva reverência a Oliveira Lima, a resposta deste àquelas palavras de fato efusivas foi, digamos, magra, mas expressa uma espécie de sincero amor paternal, de doação para a qual não se espera nenhuma recompensa:

Recebi a sua última de 5 de fevereiro. Não me agradeça: não há motivo para isso. O sr. é bastante efusivo pelos seus atos, não precisa sê-lo pelas suas palavras. Os atos valem mais. Nós o estimamos muito e desejamos de coração vê-lo feliz. Penso que se o sr. for para São Paulo, dar-se-á bem.¹¹⁰

Freyre parece alimentar-se, numa atitude bastante diferente dos requintes irônicos de Bandeira, de paradoxos. Porém, aquilo que o sociólogo chama de harmonia de antagonismos, porquanto considera metades que não se misturam, fica bem evidente na própria maneira como ele se auto-retrata, falando de incompatibilidades, de privações, de antagonismos – “a vida de *scholar gipsy* priva o homem da vida simples”¹¹¹. Talvez a figura de linguagem mais adequada para dizer esta harmonização de antagonismos seja a antítese, já que temos uma combinação, como em mosaico, de duas metades conflitantes, que só podem ser destrinchadas no detalhe pelo analista atento:

¹⁰⁹ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.221.

¹¹⁰ Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, com datação “Frankfurt, 17/02/1923”. (Cf. FREYRE; LIMA, **Em família: a correspondência de Oliveira Lima a Gilberto Freyre**, 2005, p.168.)

¹¹¹ Cf. cap.3, Documento 11, com datação “Stanford, 9 de junho de 1931”.

E um desses dias, aí chegará num cargueiro ou na 3ª classe de um alemão este provinciano (cosmopolita, cigano, romântico, *modern*, *intellectual*, radical, reacionário, revolucionário, ortodoxo, Raul Dos Passos – (irmão do Dos Passos, daqui, o de *Three soldiers*). Seraphim Jung, Jorge Rialto, Antonio Ricardo etc. etc. – oxoniano, M. A. Columbia, Stanfordiano, etc. etc. etc.). Raspado tudo isso, o provinciano, a quem todas as festas da California não fazem esquecer o gosto amargo (desculpe esse classicismozinho) de um maracatu do Outeiro (sem Ascenso e sem “Regionalistas” presentes). Entretanto, eu posso raspar tudo isso de mim? Na província, a nostalgia do grande mundo não me deixará de todo; as memórias, que estavam secando, abriram-se de novo em verdadeiras feridas. Meu caro Flag, desculpe tanta literatura; não é só literatura¹¹².

O que atrai o leitor não é só o exercício daquela “ambigüidade dinâmica” afirmada por Candido, mas também o exemplo de astúcia autoral que caracteriza seus, a meu ver, mais brilhantes ensaios literários à Montaigne. Esta dramatização da *persona* lança luz sobre um jogo intenso de máscaras que se chocam e se combinam a todo o momento. É essa vontade de expressão que permeia os momentos mais tranqüilos da vida que podemos observar neste trecho, em que o autor fala de si em terceira pessoa:

Bons anos! A você e às boas amigas Blank, inclusive a pequeninha – Bons Anos! Estou com saudades. Você não dá um ar de sua graça, deixa o provinciano sem notícias, fora das novidades da Metrópole. Mas o provinciano não esquece você nem as boas amigas de Santa Teresa. O provinciano atravessou um ano que não foi dos melhores de sua vida – doente quase todos estes últimos seis meses. Felizmente parece que voltou agora ao seu “equilíbrio biológico”. O provinciano está feliz no casarão velho onde mora agora com a família, numa puxada assobradada – puxado, dizem os requintados de Capiberibe, mas nós provincianos das margens do Capibaribe dizemos puxada. (Casa velha e boa, bem boa, mas não deixo de ter saudades do K. onde esperava viver toda a vida.) O provinciano está sentimental. O provinciano tem estado horivelmente sentimental, até mesmo atacado de *self-pity*. Já estive uma vez assim e curou-se lendo Nietzsche. Agora, com tanto trabalho, não tem recorrido a Nietzsche: tem recorrido ao fumo. Charuto, cigarro. Mas cigarro só inglês, que o provinciano tem coisas de requintado misturadas com o seu plebeísmo de *club* das Pás e festas de igreja. Vou deixar essa história de “o provinciano” que está virando literatura e retomar o meu eu¹¹³.

É bastante difícil separar o que é exercício de estilo do que é expressão “sincera” – daí que a melhor expressão, para este caso, talvez seja a autenticidade postulada por Agamben. De qualquer modo, toda ela é tomada por aquela ambigüidade dinâmica que vaza o discurso

¹¹² Cf. cap.3, Documento 11, com datação “Stanford, 9 de junho de 1931”.

¹¹³ Cf. cap.3, Documento 16, com datação “Recife, 28 de dezembro de 1934”.

aparentemente simples. Há uma vontade quase compulsiva de contar e recontar a própria história e de usar tintas em combinação intensamente dramática.

No ensaio “A literatura moderna do Brasil”, Freyre, ao final, dedica considerações acerca da centralidade do Recife – a capital intelectual do Nordeste, segundo o escritor – para a revolução que se teria processado no Brasil da primeira metade do século XX. As palavras que utiliza para tanto são fundamentalmente endógenas, ou melhor, lançam foco sobre as coisas de dentro, sobre a intimidade, sobre a província:

Resistindo à idéia de que o progresso material e técnico deve ser tomado como a medida da grandeza do Brasil, os regionalistas brasileiros viam no amor à província, à região, ao município, à cidade ou à aldeia nativa condição básica para obras honestas, autênticas, genuinamente criadoras e não um fim em si estreito¹¹⁴.

Ao valorizar demasiadamente o mérito da província nos processos culturais, o Gilberto Freyre mais cético, combativo e polêmico perde um pouco sua força quando não lança mão daqueles expedientes formais de choque. Ser um provinciano virtuoso é contrapor-se também aos valores cosmopolitas enxertados num país de características únicas, mas não desprezá-los de todo. Por isso existem o mau e o bom provinciano, sendo que este jamais deve deixar de empregar um estilo vivaz e espirituoso, sob pena de se perder numa exaltação vazia e baixa, excessivamente sentimental, das coisas da terra. Vale dizer que, ao proclamar-se provinciano, Freyre também firma os pés num discurso bastante policiado, sujeito às críticas mais severas, aos preconceitos mais desonestos. Grande parte dessa linha de força contrária aos valores da província enraíza-se na própria idéia de modernidade que se propaga ao longo do século XIX e XX, como nota o crítico italiano Alfonso Berardinelli:

A modernidade, especialmente a modernidade poética, nasceu como negação da província, daquele universo orgânico, internamente estruturado, intensamente visível em cada uma de suas partes e fechado que é a província. Fechamento de onde se entrevê ou se sonha um espaço livre e aberto. Província é antes de tudo o limite, a fronteira além da qual deveria existir ou se imagina que exista o Grande Mundo¹¹⁵.

Negar uma literatura intransitiva, essencialmente metalingüística e fragmentada, carro-chefe da proposta moderna, a fim de privilegiar a comunicação, o sentido de completude e

¹¹⁴ FREYRE, G. A literatura moderna no Brasil. In: _____. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.313.

¹¹⁵ BERARDINELLI, A. Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna. In: _____. **Da poesia à prosa**. Organização e prefácio de Maria Betânia Amoroso e tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 1994. p.68.

fechamento de origem arcaica, bombardeados pelos mesmos discursos da modernidade *avant-garde*, é ainda mais temerário num país que é também marginal, periférico, tendo em vista a conjuntura geopolítica que o submete aos centros metropolitanos do capitalismo avançado. Porém, Freyre lança mão das duas moedas: daquela mais provinciana e tradicional combinada àquela mais vanguardista e moderna. A boa mistura dá “o provinciano do bom”.

Assim, aquela instância autoral intensamente buscada, que, em sendo ele o bom provinciano, incomoda, agita, duvida, brinca, desconcerta – e que já tirou do sério até o próprio Bandeira, conhecido por sua tolerância e parcimônia (“As nossas cartas se cruzaram. Não há, pois, motivo para as lamuriazinhas irônicas do sociólogo”¹¹⁶), efetuando aquele equilíbrio entre duas personalidades aparentemente muito diferentes –, mostra-se com toda sua verve em vários momentos da epistolografia. Se, por um lado, Bandeira é indiscutivelmente dono de uma escrita límpida e aparentemente simples, nos moldes idealizados por certa tradição modernista, Freyre, de outro modo, deixa claros exemplos de uma tentativa de penetrar o universo ficcional, da criação literária propriamente dita por meio das cartas, efetuando um procedimento carnavalizante no interior de sua obra. Poder-se-ia dizer que as cartas deste são, em alguma medida, problemáticas, apesar de trazer como dominante o *fait divers*, que poderia circunscrevê-la ao miúdo da experiência, sem qualquer ornamentação retórica, princípio este, pelo contrário, pregado e realizado magistralmente por Bandeira.

Na crônica de Bandeira que toma como assunto uma brincadeira de Jaime Ovalle e Augusto Schmidt, Freyre é retratado de modo coerente com a visão do autor como um irônico distanciado. Seu *sense of humour* pode ser objetivamente entendido, por exemplo, dentro da tradição dos grandes polemistas de língua inglesa:

Restam os Onésimos [...] O Onésimo onde aparece é assim: duvida, sorri, desaponta; diante dele ninguém tem coragem de chorar. O seu *sense of humour* sempre vigilante é o terror dos Mozarlescos avisados. Não é que o faça por maldade: os Onésimos não são maus. O drama íntimo dos Onésimos é não se sentirem entusiasmados por nada, não encontrarem nunca uma finalidade na vida. Não obstante, se as circunstâncias os colocam inesperadamente num posto de responsabilidade, podem atuar (não todos, é verdade) com o mais inflexível senso do dever. O sr. Gilberto Freyre, por exemplo, é Onésimo. Em geral os humoristas são Onésimos. Não os humoristas nacionais, que esses pertencem todos ao exército do Pará (os srs. Mendes Fradique, Raul Pederneiras, Luís Peixoto, etc. Aporelli faz exceção, é Dantas.) Mas os grandes humoristas, Sterne, Swift, Heine são Onésimos. O

¹¹⁶ Cf. cap.3, Documento 13, com datação “Rio, 10 de janeiro de 34”.

sr. João Ribeiro é um exemplo muito curioso de Onésimo. O escritor paulista Couto de Barros, outro¹¹⁷.

Os conceitos de forma impura e de ambigüidade dinâmica podem ser um modo de corresponder a um ceticismo e a uma ironia permanentes, a um duvidar que está sempre em jogo. A contrapartida destes conceitos moveções é a sua visão de Brasil original, definida a partir da identidade mestiça. É um dinamismo de *persona* único, que bem justifica a interpretação de ensaios como *Casa-grande & senzala* como ensaio autobiográfico¹¹⁸.

O modo antitético como Freyre elabora seu discurso parece tocar particularmente uma geração de escritores, dentre eles o próprio Manuel Bandeira. Ser provinciano implica algo muito além da elaboração do auto-retrato; passa a ser uma categoria ético-estilística, um modo particular de estar no mundo e de concepção artística, uma espécie de estetização empenhada da *persona*, procurando aumentar a densidade comunicativa da expressão pessoal na contramão do esvaziamento apontado por teóricos da literatura moderna como Hugo Friedrich em sua *Estrutura da lírica moderna*¹¹⁹. É assim que Bandeira se assume um escritor provinciano:

Sou provinciano. Com os provincianos me sinto bem. Se com estas palavras ofendo algum mineiro requintado peço desculpas. Me explico: as palavras “província”, “provinciano”, “provincianismo” são geralmente empregadas pejorativamente por só se enxergar nelas as limitações do meio pequeno. Há, é certo, um provincianismo detestável. Justamente o que namora a “Corte”. O jornaleco de município que adota feição material dos vespertinos vibrantes e nervosos do Rio – eis um exemplo de provincianismo bocó. É provinciano, mas provinciano do bom, aquele que está nos hábitos do seu meio, que sente as realidades, as necessidades do seu meio. Esse sente as excelências da província. Não tem vergonha da província – tem é orgulho.¹²⁰

Seria talvez possível afirmar que Bandeira foi, dentre os escritores empenhados em compor a partir de uma experiência que se queria genuinamente brasileira, e nesse sentido provinciana, quem melhor universalizou sua expressão lírica pela vivência do particular. Nesse sentido, ao lado de Gilberto Freyre, afirmando-se provinciano nos últimos anos da década de 20, Bandeira assinala sua distância com relação ao projeto nacionalista de Mário de Andrade:

¹¹⁷ BANDEIRA, *Crônicas da Província do Brasil*, 2006, p.160.

¹¹⁸ Para Roberto Ventura, “*Casa-grande & Senzala* se converte em autobiografia sexual, em que o notável apetite priápico de seu autor ganha dimensões histórico-sociais.” (VENTURA, R. *Casa-grande & Senzala*. São Paulo: Publifolha, 2000. p.57.).

¹¹⁹ Cf. FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. Tradução de Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

¹²⁰ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.668.

Sempre fui partidário do abasileiramento do nosso português literário, de sorte que aceitava em princípio a iniciativa de Mário. Mas discordava dele profundamente na sua sistematização, que me parecia indiscretamente pessoal, resultando numa construção cerebrina, que não era língua de ninguém. Eu não podia compreender como alguém, cujo fito principal era “funcionar socialmente dentro de uma nacionalidade”, se deixava levar, por espírito de sistema, a escrever numa linguagem artificialíssima, que repugnava a quase totalidade de seus patrícios.¹²¹

Outra não é a justificativa de Gilberto Freyre quanto às suas reservas em relação a Mário. Porém, Freyre enxerga no paulista uma artificialização mais propagada por outros níveis. Basicamente, o intelectual recifense defendia a “provincianização” como a via mais acertada de o Brasil verdadeiramente se conhecer, respeitando a diversidade regional, sem o abandono dos elementos autênticos de cada experiência cultural e sem propor sínteses universalizantes – proposta de respeito à diversidade cultural que se aproxima de vertentes pós-modernas. Por sua vez, a ação de Mário seria de outra ordem, mais próxima das propostas nacionalistas que se querem totalizantes e universais, nem que para isso houvesse, como complemento, uma estetização excessiva da vida:

RECIFE, 1927.

Má impressão pessoal de M. de A. Sei que sua obra é das mais importantes que um intelectual já realizou no Brasil. Que entende de música como um técnico e não apenas como um artista intuitivo. Que une muita erudição à intuição poética. Mas me parece artificial e postiço em muita coisa. E sua pessoa é o que acentua: o lado artificioso de sua obra de renovador das artes e das letras no Brasil. Seu modo de falar, de tão artificioso, chega a parecer – sem ser – delicado em excesso. Alguns dos seus gestos também me parecem precários. Mesmo assim, um grande, um enorme homem-orquestra, que está sendo para o Brasil uma espécie de Walt Whitman. Um semi-Walt Whitman.¹²²

Outro nome que surge nas entrelinhas da crônica “Sou provinciano”, de Bandeira, é o do próprio organizador do volume *Andorinha, andorinha*, Carlos Drummond de Andrade. Seria ele o tal “mineiro requintado” a quem Bandeira pede desculpas se ofender? A primeira coletânea *Alguma poesia*, de 1930, traz inúmeros exemplos do modo irônico e distanciado com que Drummond se refere à terra natal. Dedicado a Mário de Andrade, o livro de estréia do mineiro fala sobre a dificuldade de conciliar província e metrópole:

“EUROPA, FRANÇA E BAHIA”
MEUS OLHOS brasileiros sonhando exotismos.

¹²¹ ANDRADE, *Cartas a Manuel Bandeira*, [1987?], p.13.

¹²² FREYRE, *Tempo morto e outros tempos*, 1975, p.207.

Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.
 Os cais bolorentos de livros judeus
 e a água suja do Sena escorrendo sabedoria.
 [...]
 Chega!
 Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
 Minha boca procura a “Canção do Exílio”.
 Como era mesmo a “Canção do Exílio”?
 Eu tão esquecido de minha terra...
 Ai terra que tem palmeiras
 onde canta o sabiá!¹²³

Bandeira, de fato, era uma personalidade mediadora: dava-se muito bem com Mário, Gilberto e Drummond. Em carta a Gilberto Freyre, inclusive, mostra um empenho – assim como na vida – em fazer dialogar interpretações normalmente tidas como divergentes:

Naturalmente a minha impressão foi ótima [acerca da publicação de *Sobrados e mucambos*]. No prefácio da minha antologia dos românticos¹²⁴ aludo ao seu capítulo sobre a mulher e o homem – ideal patriarcal da virgem pálida e lânguida –, pondo em destaque a ilustração do conceito na poesia romântica, prendendo-o ao tema do “amor e medo” assinalado pelo Mário de Andrade, ou melhor, subordinando isto àquilo – o homem fingindo medo da mulher para melhor dominá-la.¹²⁵

Porém, apesar das eventuais confluências, se formos observar as questões mais gerais que animavam os intelectuais no período, relativas ao nacionalismo na literatura, parecia que se configuravam duas diferentes vias de comunicação sobre o tema: de um lado, Freyre e, com ele, o provinciano Bandeira. Também Bandeira, como colaborador do jornal *A Província*, pôde aprofundar, no final da década de 20, sua concepção de nação, região e província, como seus artigos demonstram. Freyre já era considerado o líder do movimento regionalista, pelos seus artigos publicados sobre o tema e pela sua importância crucial na publicação do *Livro do Nordeste* (1925), na criação do Centro Regionalista do Nordeste (1924) e na realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste (realizado entre 7 e 11 de fevereiro de 1926). A outra via foi a de Mário, que promovia uma construção

¹²³ ANDRADE, C.D. de, **Obra completa**, 1967, p.57.

¹²⁴ Trata-se da sua *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* (1937). A seguinte passagem, aludida por Bandeira em carta, fecha o prefácio à antologia: “Sobre o lirismo amoroso dos românticos convém ler o capítulo “A Mulher e o Homem” em *Sobrados e Mocambos*, de Gilberto Freyre (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936). O sociólogo pernambucano mostrou como se ajustava ao patriarcalismo da nossa formação aquele culto diferenciador da mulher, o qual / ‘bem apurado, é, talvez um culto narcisista do homem patriarcal, do sexo dominante, que se serve do oprimido – dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das coxas, dos seios, das ancas da mulher, como de alguma coisa de quente e de doce que lhe amacie, lhe excite e lhe aumente a voluptuosidade e o gozo. [...]’ / Ainda sobre o lirismo amoroso dos românticos, leia-se o que escreveu Mário de Andrade em *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*, R. A. Editora, Rio de Janeiro, 1935, 2ª parte. Aí estuda o poeta paulista o tema que chamou de amor e medo, mostrando aliás que, salvo em Álvares de Azevedo, ele era ‘mais assunto poético que realmente sentido’. No fundo, a mesma coisa que observou Gilberto Freyre: o sexo ‘forte’ fingindo-se medroso para melhor dominar o sexo ‘fraco’. Fingimento bem transparente em Casimiro.” (BANDEIRA, **Poesia e prosa**, v.2, 1958, p.921-922.).

¹²⁵ Cf. cap.3, Documento 25, com datação “Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1936”.

consciente e meticulosamente estudada da nacionalidade, de tendência universalizante¹²⁶. Drummond teve oportunidade de dialogar sobre o assunto, por meio de cartas, tanto com Bandeira quanto com Mário, antes mesmo de Freyre estreitar seu vínculo com o poeta recifense. Nas cartas de Mário e Drummond, é possível observar que o tema do nacional e do cosmopolita era circulante no meio intelectual. Como exemplo, Drummond, em 1924, assumia suas reservas quanto a uma assunção de valores nacionalistas. Neste momento, era um “requintado mineiro” que escrevia, em carta a Mário de Andrade, com datação “Belo Horizonte, 22 novembro 1924”:

Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando devera nascer (não veja cabotinismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que eu vivo me é estranho: sou um exilado. [...] Acho o Brasil infecto. [...] O Brasil não tem atmosfera mental; não tem literatura; não tem arte; tem apenas uns políticos muito vagabundos e razoavelmente imbecis e velhacos.¹²⁷

Naquele momento, não havia muita clareza sobre qual caminho tomar. Os modernistas experimentaram diversas vias para resolver o dilema, como *Macunaíma* de Mário de Andrade e a antropofagia de Oswald. Porém o próprio Drummond – argutamente e sem ânimo para participar do projeto – observa, em carta para Mário, que a solução passaria por aquilo que Bandeira teria definido do seguinte modo: “enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos”¹²⁸.

Se há um conflito intelectual evidente nessas primeiras cartas de Drummond e Mário, a correspondência de Freyre e Bandeira, por sua vez, não demonstra nenhuma contradição quando o assunto é a província. Enquanto isso, Bandeira abraça, mesmo distante, a única via para ele possível de abasileiramento da arte. Freyre, como se pode perceber, tem papel atuante para que a provincianização de Bandeira seja levada a cabo.

¹²⁶ Em outra via, a exacerbação deste nacionalismo universalizante parece ter ocorrido sobretudo em São Paulo em grupos que se aproximaram do integralismo: “Em certos aspectos, o modernismo encaixou-se bem na transformação intelectual brasileira que conduziu da experimentação e auto-análise das décadas de 20 e início da de 30 ao Estado Novo, o qual adotou a concepção modernista de Salgado de celebrar a nação como fusão, base para um governo autoritário.” (LEVINE, R.M. **Pai dos pobres?**: o Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.65.).

¹²⁷ ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de, **Carlos e Mário**, 2002, p.56-57.

¹²⁸ ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de, **Carlos e Mário**, 2002, p.56-57.

Vimos que Bandeira permite, por sua justeza exemplar, a encenação espirituosa e contraditória – embora um pouco tímida, se forem considerados outros momentos em que figuras de choque são mais fortemente empregadas – do “líder intelectual da província” Gilberto Freyre. Na leitura da correspondência, os choques de superfície não interferem no todo, ou melhor, positivamente intensificam o próprio sentido que dela se depreende, como o da província e o do provinciano.

Também, como num arranjo profundamente harmônico, temos duas personalidades exemplares que se combinam na contradição: de um lado, o homem aparentemente simples e circunspecto; de outro, o ávido e espirituoso. Um encontro, pode-se dizer, brasileiro e pernambucano, como os melhores personagens de *Casa-grande & senzala*, testemunhando uma amizade que atravessa os tempos na “província do Brasil”.

O processo de modernização no Brasil não pode ser analisado sem que se leve em conta a sua situação colonial. A tentativa de construir uma identidade cultural brasileira acaba por assumir um sentido mais problemático em um país em que o arcaico convive contraditoriamente com o moderno, em que uma enorme massa de excluídos convive com uma pequena elite voraz, em que as bases político-econômicas ainda não permitem, mesmo hoje, uma modernização uniforme e inclusiva. Ser provinciano na primeira metade do século XX, além de estar se posicionando em uma linha de fuga com relação à capital federal e a outros poucos centros econômicos brasileiros como São Paulo, ainda significa construir um discurso de afirmação local e nacional diante da força modernizadora, tecnológica, racional e abstratizante que vem, de forma avassaladora, dos centros metropolitanos mundiais. Bandeira, na década de 20, tornou-se um provinciano de primeira linha. A aproximação e a amizade epistolar com Freyre foi decisiva para tal. Em ambos, porém, este olhar para o local é também mediado por certas leituras e experiências culturais inovadoras da modernidade.

Para Bandeira, a dignificação do cotidiano humilde de pessoas comuns, remanescentes da escravidão, trabalhadores, enfim, elementos do universo popular, vem acompanhada de memórias da infância e de um sentimento particular da província, ou seja, da terra natal e das coisas brasileiras. Na linha de Erich Auerbach¹²⁹, explorada por Davi Arrigucci Jr. em *Humildade, paixão e morte*¹³⁰, Bandeira cria um sublime particular, combinando o mais baixo, o realismo mais cru, com o mais elevado, uma revelação do mistério oculto a partir do cotidiano. Enquanto essa fusão é a mais perfeitamente acabada no poeta, em Freyre as fissuras

¹²⁹ Cf. AUERBACH, E. **Mimesis**. 2.ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976.

¹³⁰ Cf. ARRIGUCCI JR, **Humildade, paixão e morte**, 1991.

ficam evidentes. Do mesmo modo, este traz o cotidiano humilde, mas também combina um estilo orgulhoso, cultivado, retórico. Essa junção, como não poderia deixar de ser, é bastante problemática, quase esquizofrênica, e seus interstícios saltam à vista quando nos damos conta, por exemplo, da altivez pretensiosamente aristocrática com que fala da herança africana e indígena na vida brasileira¹³¹. Ao contrário de Bandeira, que parece não crer em ações grandiosas e definitivas, Freyre, principalmente aquele mais militante, encarna exemplarmente o destino do próprio país, cada vez mais consciente dos seus diversos matizes culturais e da necessidade de se propor ativamente um processo definitivo de inclusão e de superação do atraso econômico e social, mas ainda temeroso acerca de quais rumos tomar. Ou – sem querer diluir as evidentes contradições – bastante confiante, àquela época, de que os contrários, por mais díspares que fossem, poderiam, de fato, conviver em harmonia.

¹³¹ Como exemplo dessas atitudes conflitantes que permeiam os estudos de Freyre, note-se como o escritor combina o elemento simples, franciscano, com uma disposição altiva e grandiloquente, falando sobre os destinos da elite aristocrática brasileira na seguinte passagem: "Os próprios filhos de senhores de engenho que iam estudar para padre levavam do canavial para o seminário um orgulho que nunca morria neles. Que não morreu nem num Dom Vital capuchinho, frade da Penha. Todos os exercícios de humildade franciscana que praticou com tanto ardor parece que não puderam destruir em Vital Maria Gonçalves de Oliveira o orgulho de aristocracia de engenho que continuou sendo sob as barbas de frade, sob o capucho de religioso, sob a murça de bispo." (FREYRE, G. **Nordeste**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. p.174-175).

2.4 Itinerários da província

Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventuroso e no entanto próprio. O mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas; distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um do outro, pois o fogo é a alma de toda a luz e de luz veste-se o fogo.

GEORG LUKÁCS¹³²

Sobre o início da correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, quem muito orgulhosamente recupera seus primeiros lances em perfil biográfico dedicado ao poeta é Freyre, afirmando como seus artigos sobre “cozinha pernambucana, sobre o munguzá, o doce de goiaba, a tapioca molhada”¹³³ foram a atração para que Bandeira lhe escrevesse. Num contexto em que o movimento regionalista nordestino, de cunho moderno, começava a se organizar, com uma abertura para a caricatura e para a exaltação do pitoresco¹³⁴, Freyre “se atreve” a pedir ao poeta uma encomenda. Com um narcisismo voraz, nestas linhas, Freyre explica como consegue o grande feito que acabou sendo magistralmente estampado em lugar de destaque da publicação que viria a ter no nome de *Livro do Nordeste*:

O admirador tem sempre alguma coisa de gato – aquela manha já célebre do gato, que parece estar somente agradando, afagando e fazendo festa à pessoa amada, quando na verdade está se aproveitando dela para alisar o próprio pêlo. Não me julgo exceção à regra geral. Conjugo o verbo “admirar” como todos os admiradores: aproveitando-me um pouco da glória da pessoa admirada; convencendo-me de que a admiro por causa das semelhanças, das afinidades, dos pontos de contato agradáveis. A mesma técnica voluptuosa do gato.

Sucede, no caso, que o poema em certo sentido mais brasileiro de Manuel Bandeira – “Evocação do Recife” – ele escreveu porque eu pedi que ele escrevesse. O poeta estranhou a princípio o pedido do provinciano.

¹³² LUKÁCS, G. **Teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000. p.25.

¹³³ FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In: _____, **Perfil de Euclides e outros perfis**, 1944, p.176.

¹³⁴ As primeiras proposições propriamente regionalistas de Freyre, aliás, parecem um tanto extravagantes, como vemos em documento tornado público que registra, em detalhe, todas as falas decorridas no dia da inauguração do Congresso Regionalista do Nordeste: “Terminou o sr. Gilberto Freyre fazendo votos para que: 1 – Algum indivíduo menos idiota tome a iniciativa de estabelecer no Recife café ou restaurante a que não falte cor local – umas palmeiras, umas gaiolas de papagaio, um caritô de gualamum à porta e uma preta de fogareiro fazendo grude ou tapioca – e especializado nas boas tradições da cozinha nordestina.” (AZEVEDO, N.P. de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: Ed. de UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996. p.238.). Texto originalmente publicado no *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 fev. 1926.

Estranhou que alguém lhe encomendasse um poema para uma edição especial de jornal como quem encomenda um pudim ou uma sobremesa para uma festa de bodas de ouro. Não estava acostumado – me escreveu de Santa Teresa – a encomendas dessas. Parece que teve vontade de não escrever poema nenhum para a tal edição – que se tornou depois o *Livro do Nordeste*, organizado em 1925 para comemorar o primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*. Mas um belo dia recebi “Evocação do Recife”.¹³⁵

A resposta de Freyre ao elogio de Bandeira em carta é, portanto, a encomenda de um poema para a edição comemorativa do centenário do *Diário de Pernambuco*. A correspondência foi, portanto, fundamental para que as afinidades se delineassem e novos rumos se abrissem. A partir dessa aproximação de fato com a província, Bandeira, coincidência ou não, toma este como um tema dos mais recorrentes de sua poética. O encontro parece ter sido temperado com uma boa dose provinciana, às vezes tendendo a um ludismo quase infantil, ou ainda a um erotismo e a uma sensualidade marcantes – isso no campo literário, sem mencionar as mulatas e guloseimas compartilhadas no reduto provinciano durante as viagens de Bandeira ao Recife em 1927 e 1929. Sobre o aprendizado com Gilberto Freyre, afirmaria Bandeira em sua autobiografia *Itinerário de Pasárgada*:

Para completar (e de certo modo contrabalançar) essa influência havia os amigos do Rio, amigos que, a partir de Ribeiro Couto, fui fazendo em cadeia: Jaime Ovalle, Rodrigo M. F. de Andrade, Dante Milano, Oswaldo Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, neto. Lista a que devo juntar, depois de 1925, o nome de Gilberto Freyre, cuja sensibilidade tão pernambucana muito concorreu para me reconduzir ao amor da província, e a quem devo ter podido escrever naquele mesmo ano a minha “Evocação do Recife”.¹³⁶

E, se se poderia esperar dos dois escritores um diálogo intelectual intrincado e ambicioso, o que se revela é uma aparente franqueza isenta de vontade de prestígio e de *status* social. Ambos parecem se sentir muito à vontade, utilizando uma linguagem de sesta – para recuperar expressão de João Cabral de Melo Neto com que traduz a linguagem de Freyre no poema “Casa-grande & Senzala” –, a qual articula pessoas, paisagens e hábitos ligados ao universo da intimidade. Tal perspectiva se transfere para a tentativa de construções literárias – em cujo âmbito a correspondência pode ser lida como parte fundamental – que se querem recuadas no tempo, bem guardadas dos elementos invasivos da modernidade despersonalizadora. Atento para o fato de que sua postura poderia assumir a roupagem de um anacronismo ingênuo e, ao mesmo tempo, carregar pejorativamente significados que

¹³⁵ FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In: _____, *Perfil de Euclides e outros perfis*, 1944, p.176.

¹³⁶ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.65.

remeteriam a uma rusticidade tosca e exclusivamente sentimental, Freyre procura tornar o conceito mais complexo, ligando-o também ao pensamento e à prática vanguardista que acompanhara nos Estados Unidos durante os tempos de estudante, o que resulta em uma escrita de pendor imagético e em uma prosa literária de ritmo, pode-se dizer, sincopado¹³⁷.

Desse modo, Bandeira, poeta moderno já conhecido no cenário literário nacional de meados da década de 20, passa a corroborar, em certa medida, o projeto de modernização paradoxalmente cosmopolita e tradicionalista que Freyre, como vimos, começava, de forma bem articulada, a delinear. Em nota inicial às suas *Crônicas da província do Brasil*, afirma Bandeira:

A maioria destes artigos de jornal foram escritos às pressas para *A Província do Recife*, *Diário Nacional* de São Paulo e *O Estado de Minas* de Belo Horizonte. Eram crônicas de um provinciano para a província. Aliás este mesmo Rio de Janeiro de nós todos não guarda, até hoje, uma alma de província? O Brasil todo é ainda província. Deus o conserve assim por muitos anos!¹³⁸

Assim, o poema “Evocação do Recife”, escrito em 1925 e posteriormente publicado em *Libertinagem* (1930), não é acontecimento de pouca importância na vida de Bandeira; a partir de então, a província ganha lugar cativo em sua poesia, catalisando, em princípio, uma conquista do coloquial e do cotidiano e, aos poucos, abrangendo um conhecimento especial do homem simples e à margem do processo de modernização excludente:

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das
[bananas com xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada

¹³⁷ Sobre a representação sincopada como fundamento da produção da vanguarda brasileira nos anos 20, leia-se: PINCHERLE, M.C. *La città sincopata: poesia e identità culturale nella San Paolo degli anni venti*. Roma: Bulzoni, 1999.

¹³⁸ BANDEIRA, *Crônicas da província do Brasil*, 2006, p.11.

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam

Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa
[de meu avô.¹³⁹

Vê-se, por este trecho final da “Evocação” de 80 versos, que a expressão lírica busca a matéria de sua poesia dentre os elementos que se sedimentaram ao longo da formação individual, na vivência de experiências pessoais que tendem a se universalizar como *à la recherche du temps perdu*. Essa perspectiva, que procura unir, ao mesmo tempo, o interesse pelo social e pelo individual, o objetivo e o subjetivo, acaba por dar a tônica das melhores obras regionalistas, que buscam construir uma espécie de painel social a partir de vivências pessoais exemplares. Esta talvez seja uma das marcas da literatura regionalista de 30 de qualidade, que teve um grande incentivo no ensaísmo social e na produção para a imprensa periódica de Freyre¹⁴⁰.

Mas, quanto a Bandeira, o modo particular de apreensão da realidade não se desenvolve sem contradições: exemplo disso é a métrica livre do poema, com versos que oscilam entre a rapidez de um *flash* evocativo (como “Capiberibe / - Capibaribe” ou “Recife... / Rua da União... / A casa de meu avô...” e a narratividade que aborda cenas típicas cotidianas de uma vida urbana nascente, contada em versos longos que carregam um dinamismo particular. Ou seja, não estamos diante nem da rapidez futurista da Paulicéia de Mário de Andrade, nem da lentidão absoluta de uma “Cidadezinha qualquer” de Drummond. Sucodem-se, em Bandeira, de modo fragmentário, sem que se perca o sentido de unidade apesar da quase ausência de verbos de ação, cenas com personagens-tipo de um mundo urbano nascente permeado por relações que remetem ao mundo rural: “a preta das bananas”, “o vendedor de roletes de cana”, “o vendedor de amendoim”, “pregões de ovos” etc. Assim como a modernidade chegaria com cautela nesta paisagem, o poeta se reaproxima dela com

¹³⁹ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.212-214.

¹⁴⁰ Sobre a relação entre a atuação de Freyre como líder do movimento regionalista e o romance de 30, consultar: ALMEIDA, J.M.G. de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980; AZEVEDO, N.P. de, **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco, 1996; CASTELLO, J.A. **José Lins do Rego**: modernismo e regionalismo. São Paulo: Edart, 1961; TRIGO, L. **Engenho e memória**: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: ABL: Topbooks, 2002.

uma “avidez melancólica”, experimentando cada detalhe de uma redescoberta inaugural que se sabe morta.

João Alexandre Barbosa¹⁴¹, aproveitando o caminho aberto pelo prefácio de Antonio Dimas à sétima edição do polêmico *Manifesto regionalista*¹⁴², assinado por Freyre, capta uma questão fulcral que diz respeito ao processo de modernização do campo literário no Brasil. Se, por um lado, São Paulo pregava uma renovação essencialmente literária, por outro, Pernambuco acrescenta a História no centro do debate, de modo que Estética e História passam a ser, uma para a outra, o ponto de tensão que garantiria o exercício, bem logrado, de leituras modernas do passado e da cultura popular do país. A insistência com que o movimento de Pernambuco, sob a bandeira da região e da tradição, confere ao concreto, ao miúdo da experiência, ao particular, faz Bandeira convergir para o seu encontro. Em um poema como “Evocação do Recife”, veríamos esses dois lados em tensão, a região e a tradição de Freyre e o aspecto estético do Modernismo paulista, presente, por exemplo, na cadência entrecortada do verso livre e no recurso à colagem. O aspecto provinciano, pois, enfatizaria o primeiro lado da tensão, mas, se observarmos que o conceito dava abertura para a vanguarda cosmopolita em seu interior, o próprio termo “provinciano” estaria, no movimento pendular entre Estética e História, procurando o justo e sempre problemático equilíbrio entre ambos os paradigmas. Nesse sentido, a experiência brasileira não parecia estar sozinha, pois, como afirma Hobsbawm: “Para a maioria dos talentos criativos do mundo não europeu que não estavam confinados por suas tradições nem eram simples ocidentalizadores, a tarefa principal parecia descobrir, erguer o véu e apresentar a realidade contemporânea de seus povos. O realismo era o movimento deles”¹⁴³. No caso do Brasil, este caminho foi realizado inclusive congregando consciência estética e pensamento de vanguarda, o que levou a figurações tensivas como a da província.

Iniciamos este estudo da correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira chamando a atenção para o texto assinado por José Lins do Rego, publicado na *Homenagem a Manuel Bandeira*. Dizíamos que, ali, dois fios interpretativos atuariam na economia de nossa

¹⁴¹ Cf. BARBOSA, J.A. Gilberto Freyre e a literatura: alguns conceitos. In: _____. **Mistérios do dicionário e outras crônicas**. Cotia, SP: Ateliê, 2004. p.55-62.

¹⁴² Cf. DIMAS, A. Um manifesto guloso. In: FREYRE, G. **Manifesto regionalista**. Organização e apresentação de Fátima Quintas. 7.ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.23-44.

¹⁴³ HOBBSAWM, **Era dos extremos**, 1995, p.190.

argumentação. De um lado, haveria uma crônica do encontro literário de Gilberto Freyre com Manuel Bandeira, testemunhado por José Lins do Rego. Falamos do tom desse encontro como dado ao acaso. Podemos acrescentar, agora, que a admiração, fundamentalmente literária, marcaria uma partilha mais duradoura e significativa. Quando José Lins e Gilberto Freyre falam de Bandeira, inicialmente não está em questão o tema da província. Esta cresce à proporção das próprias formulações regionalistas. O Bandeira que José Lins destaca é contíguo ao Bandeira de Freyre em sua primeira crônica dedicada ao poeta:

Sente-se nos versos do poeta pernambucano, como em certas páginas de Proust, um homem que a emoção da doença aproximou da alma. Daí talvez a sua voz baixa: por ser a de um homem perto da alma.¹⁴⁴

Ou seja, não há uma cisão entre poeta e poesia, entre homem e obra, entre exegese e biografia na interpretação crítica. Freyre destaca em Bandeira como o tema da morte o humaniza. Do mesmo modo, José Lins do Rego assinala, na poesia de Bandeira, o que haveria de intimidade e humanidade:

Nada se parece mais com Manuel Bandeira que a sua poesia. O homem não é no seu caso o outro lado da sua arte como sucede com Augusto Frederico Schmidt que a gente lê espantado, sem encontrar um jeito de ligar a poesia com o seu autor. A poesia de Manuel Bandeira é ele mesmo. Tem a sua sensibilidade, o lirismo pungente de sua vida, o humor mais inglês que já tivemos desde Machado de Assis. Poesia e poeta não se separam, numa simulação criminosa. Quem se aproxima de Bandeira há de sentir por força o grande tipo humano que ele é, o homem que traz consigo uma riqueza de vida, de lirismo como poucos hajam aparecido pelo nosso Brasil.¹⁴⁵

Portanto, na perspectiva de José Lins, estamos muito longe do fingimento, como em Fernando Pessoa, ou da idéia de que estamos, na modernidade, totalmente expostos à diluição, ao desenraizamento, à morte da esperança e ao fim da revolução¹⁴⁶. A questão aqui seria outra.

Haveria, sim, uma literatura fundada em valores como a significação, os quais, pouco tempo depois, tomariam uma dimensão coletiva ao se elaborarem os conceitos de região e tradição e, com eles, inicialmente sobretudo, o de província, como forma de resistência à racionalização da sociedade burguesa moderna. Nos três escritores – Freyre, Lins e Bandeira

¹⁴⁴ FREYRE, **Tempo de Aprendiz**, 1979, p.177.

¹⁴⁵ REGO, J. L. do. Manuel Bandeira, um mestre da vida. In: **HOMENAGEM a Manuel Bandeira**, 1936, p.105.

¹⁴⁶ Refiro-me aqui, de passagem, às teses de que parte Marshall Berman para sua reflexão sobre a modernidade em: **BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

–, já era possível antever que as concepções de estilo, texto e autor manteriam uma relação estreita. A idéia torna-se mais complexa quando passa a constituir o cerne da literatura provinciana, a qual evitaria, conscientemente, o autoquestionamento e a intransitividade típicos de certo veio da literatura moderna. Isso não significa, reforce-se, que seja uma literatura acrítica; pelo contrário, são figurações conscientes da quebra, do ruído e da ruína, mas se afirmam em outra direção, dando, ao final, uma resposta afirmativa para uma questão que é premente para a constituição da literatura moderna.

Assim, o vínculo indissolúvel entre obra e vida, que se comunicaria com a tendência autobiográfica da literatura regionalista da década de 30, seria exemplarmente realizado na obra de Bandeira, principalmente após o retorno à província dos pernambucanos. Mais adiante, no mesmo artigo, afirma José Lins:

A língua e o ritmo de Bandeira se humanizaram ainda mais, mais se familiarizaram com a vida, mais se integraram com seus comparsas, com os que como ele têm amado e sofrido. [...] Porque não há uma palavra perdida no vocabulário deste grande poeta. Todas as suas palavras vão ao coração, tocam nas cordas sensíveis, se aderem à sensibilidade. E no entanto quando ele deixa a sua vida de lado, quando ele se dirige aos pobres, aos meninos da rua do Sabão, aos sapos tanueiros, é com a mesma tenção, com a mesma força, com a mesma ternura. É um poeta que faz pensar, que não é somente para se situar no coração. É um poeta que pensa. Mas que pensa através da sua experiência, da sabedoria pungente da sua vida, do seu caso particular.¹⁴⁷

A concepção de poesia encarnada no sujeito da experiência que José Lins depreende na poesia de Bandeira se dá no confronto com a modernidade abstrata e solipsista. Desse modo, toda a discussão estética, num evidente movimento anticapitalista, que congrega o grupo regionalista e provinciano volta-se para uma espécie de comunicação sem ruídos, acompanhada por uma orientação empenhada na práxis vital.

Estamos diante, pois, de uma produção que se constitui como resistência e que propõe recuperar, sobretudo, usando as palavras de Alfredo Bosi, o sentido comunitário perdido¹⁴⁸. Ao mesmo tempo utópica e nostálgica – ou, como diriam alguns críticos, principalmente os de linha marxista, reacionária, se a entendermos como uma tentativa de restauração do *status quo* perdido –, esta literatura propôs um retorno às formas mais simples de narratividade e à comunicação da experiência individual e coletiva. Principalmente quando o tema é a província, a proposta é recuperar, junto a uma crítica fecunda da realidade de uma região em processo de estagnação econômica, a faculdade de intercambiar experiências, na trilha de

¹⁴⁷ REGO, J.L. do. Manuel Bandeira, um mestre da vida. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.107.

¹⁴⁸ BOSI, A. Poesia resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.167.

Walter Benjamin¹⁴⁹, por exemplo, utilizando procedimentos típicos das histórias orais – como Freyre faz em *Casa-grande & senzala* ou em *Assombrações do Recife velho* – e refreando o processo de extinção da arte de narrar e, concomitantemente, da perda dos valores do passado.

A aparente ingenuidade com que se voltam para as questões do passado e para a necessidade de narrar as histórias – portanto, na contramão da experiência de ruptura temporal e espacial das vanguardas modernas, apesar de aproveitá-la pontualmente – não permite que vejamos, nesses escritores da província, nem só o narrador-cartógrafo, que procura mapear paisagens e populações, nem só o narrador-historiador, que busca compilar, sintetizando os dados da descoberta dos primeiros, trilhando a análise de Flora Süssekind¹⁵⁰. Trata-se, em verdade, de escritores que alinhavam na superfície todas as experiências, contadas, escritas e vividas, em um texto que não deixa à mostra a sua articulação, não a expõe formalmente como as vanguardas pregam, mas que pode, também, ser problemático, por exemplo, ao utilizar, largamente, figuras como a ironia e o paradoxo.

A proposta de Gilberto Freyre de comunicação do homem com todos os elementos da sua realidade circundante, como em seu *Manifesto regionalista de 26* – e não importa neste momento se este foi efetivamente escrito em 1926 ou se em 1952, tendo em vista, como se verá, o apoio de outros suportes na década de 20 que corroboram a tese de que havia, de fato, um pensamento regionalista em formação já naquela época –, é bastante clara, indicando que implicava tanto uma ética quanto uma estética embutida em sua proposição:

Saliente-se em conclusão, que há no Nordeste – neste Nordeste em que vêm se transformando em valores brasileiros, valores por algum tempo apenas sub-nacionais ou mesmo exóticos – uma espécie de franciscanismo, herdado dos portugueses, que aproxima os homens, árvores e animais. Não só os da região como os importados. Todos se tornam aqui irmãos, tios, compadres das pessoas. Conheci uma negra velha que toda tarde conversava com uma jaqueira como se conversasse com uma pessoa íntima: “minha nega”, “meu bem”, “meu benzinho”. Por que os poetas não surpreendem esses idílios?¹⁵¹

Manuel Bandeira partilhou dessas questões, pensou a província e seus valores como poética e ideologicamente viáveis. Porém, seria importante dizer que o tema constitui um veio importante de sua obra, mas não a totalidade. As contradições do mundo patriarcal e o sentimento de família e da província, por exemplo, podem ser flagrados principalmente após

¹⁴⁹ BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.59-91.

¹⁵⁰ Aproveito-me, aqui, das reflexões de Flora Süssekind sobre as figurações do narrador na ficção brasileira. Cf. SÜSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁵¹ FREYRE, G. **Manifesto regionalista de 1926**. Recife: Edições Região, 1952. p.70-71.

*Libertinagem*¹⁵². Entretanto o poeta não deixa de aproveitar também as lições vanguardistas, experiências extremas assumidas por seus poemas concretistas, já ao final de sua trajetória poética. Bandeira, poderíamos dizer, é escritor que congrega sentimentos distintos de poeta e de poesia, porém sua formação literária, consolidada sobretudo na década de 10 e 20, garante um modo muito particular de aproximação com a realidade circundante, no mesmo tempo em que promove um aprofundamento de questões caras à constituição do eu lírico e da poesia moderna.

Freyre, por sua vez, por seu discurso eivado de contradições e por uma natureza egotista, comunica-se sobretudo com a atmosfera da literatura de linhagem romântica. Nesse sentido, recupera o caráter “fabulosamente contraditório”, fundante do espírito romântico, sem, contudo, deixar de ser moderno. Como afirmam Löwy e Sayre sobre tal figuração em seus diversos aspectos:

[...] a um só tempo (ou ora) revolucionário e contra-revolucionário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, restitutionista e utopista, democrático e aristocrático, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual... Contradições que atravessam não apenas o “movimento romântico”, mas a vida e obra de um único e mesmo autor e, às vezes, de um único e mesmo texto.¹⁵³

O sentimento de solidão e isolamento no período de exílio e a certeza de que a sociedade liberal e capitalista poderia promover a quebra dos vínculos e a morte da arte autêntica são sentidos nas formulações de Gilberto Freyre, que propõe, na trilha analisada por Michael Löwy e Robert Sayre, uma espécie de “reencantamento” do mundo pela imaginação¹⁵⁴. Assim *Casa-grande & senzala* agencia a reconciliação do brasileiro com seu passado, que, apesar do fundo romântico, permitiu rever e superar posições deterministas e

¹⁵² Dois artigos articulam a poesia de Bandeira com a obra de Gilberto Freyre, aproveitando a concepção de formação do povo brasileiro como síntese de antagonismos e outras formulações do sociólogo. Adriano Espínola afirma: “Esse caráter híbrido de fato passou para a América, fortalecendo-se nos trópicos com o gosto do homem luso-brasileiro pelas índias cerradinhas e depois pelas caboclas e mestiças fogosas. Enfim, ‘foi misturando-se gostosamente com as mulheres de cor logo no primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas’, nas palavras do mestre de Apipucos. / Sem dúvida, Manuel Bandeira tem sobradas razões líricas e históricas para louvar Portugal, *nosso* avozinho. Que, apesar da idade, foi capaz de nos dar, fogoso, ‘Esse gosto misturado, / Que é saudade e é carinho!’” (ESPÍNOLA, A. *Casa-grande & Pasárgada*. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, n.8, p.264, jun. 1997). Outro artigo que problematiza os pontos de contato entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, a partir da leitura do poema “Casa grande & Senzala”, publicado em *Maíuá do Malungo*, é “Manuel Bandeira, autor de Casa-grande & Senzala”, de Éverton Barbosa Correia: “a leitura que o poeta faz do livro [*Casa-grande & senzala*] enxerga exatamente nos problemas sociais expressos o principal poder de revelação da nossa cultura, em que passado e poesia estão amalgamados e tal forma que a ciência ali encarnada e esculpida passa a nos tocar mais do que a simples declaração estatística ou qualquer descoberta que pudesse adquirir estatuto científico.” (CORREIA, É.B. Manuel Bandeira, autor de Casa-grande & Senzala. **Magma**, São Paulo, n.9, p.78, 2004/2006).

¹⁵³ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Romantismo e política**. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p.11.

¹⁵⁴ LÖWY; SAYRE, **Romantismo e política**, 1993, p.21.

pessimistas da época, adotadas, por exemplo, pelos intérpretes do Brasil Oliveira Vianna, Sílvio Romero e Euclides da Cunha.

A sensibilidade romântica presente em Gilberto Freyre tem face crítica e, ao mesmo tempo, recupera não só o tema, mas também a estrutura e a visão da era pré-capitalista; inclusive, e de forma mais decisiva, procura recompor suas principais formas de significação, a contrapelo de formulações modernas burguesas. Freyre ignora deliberadamente o “pressuposto da assim chamada lírica moderna posterior a Baudelaire [como sendo] a desagregação do indivíduo e a indeterminação da categoria de experiência”¹⁵⁵. À margem do que, em linha de regra, se entende por “literatura do século XX” e num país marginal, Freyre acaba por ter uma posição diferenciada quando demonstra que há questões centrais na literatura e na cultura do século XX que não podem ser reduzidas ao estereótipo, leitura que lembra a denúncia de Alfonso Berardinelli quanto ao contexto da literatura italiana moderna. A práxis poética moderna internacionalmente reconhecida teria relegado ao “provincianismo e ao localismo, ao híbrido biográfico-realista e ao sentimentalismo da confissão toda uma série de autores e de obras”¹⁵⁶. Freyre, com seu espírito anárquico, parece ter percebido tais problemas já no início do século e procurou, como no seu primeiro ensaio de fôlego, revalorizar positivamente este provincianismo como diferencial da literatura, da cultura e da sociedade brasileira. Portanto, suas idéias, de fundo ético e estético, também se dirigem ao campo da política. Duas realizações encabeçadas por Gilberto Freyre mostram a coerência das formulações estéticas e culturais agitadas sob a bandeira da província. São elas o *Livro do Nordeste* e o jornal *A Província*, que dirigiu entre 1928 e 1930.

O Modernismo, assim, passou a caminhar para a descoberta e para o aprofundamento das experiências brasileiras, com registro pormenorizado do cotidiano, do elemento marginal e do universo popular no transcorrer da década de 20. Tal olhar indagativo, que combina interesse sociológico, antropológico e histórico à literatura e às artes, passa a compor o pano de fundo do que viria a se transformar na literatura de cunho social típica dos anos 30 e na tendência para a análise social que dominou o período. O ensaio, nesse contexto, foi uma das principais formas literárias cultivadas, tendo papel de destaque Gilberto Freyre, ao lado de escritores como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.¹⁵⁷. Evidencia-se, assim, uma

¹⁵⁵ BERARDINELLI, A. Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna. In: _____. **Da poesia à prosa**, 1994, p.63.

¹⁵⁶ BERARDINELLI, A. Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna. In: _____. **Da poesia à prosa**, 1994, p.63.

¹⁵⁷ Testemunha das experiências daquela geração cuja formação se dá na década de 30, Antonio Candido afirmaria: “Os homens que estão hoje um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinquenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior.” (CANDIDO, A. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p.xi).

característica peculiar do Modernismo brasileiro, que tenta construir uma literatura de validade universal sem abrir mão do local, voltando-se para a análise dos problemas do país:

É característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio. Desde a crônica polêmica (arma tática por excelência, nas mãos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda), até o longo ensaio histórico-sociológico, que incorporou o movimento ao pensamento nacional – é grande a tendência para a análise. Com o recuo do tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores. Pode-se dizer que o Modernismo veio criar condições para aproveitar e desenvolver as intuições de um Sílvia Romero, ou um Euclides da Cunha, bem como as pesquisas de um Nina Rodrigues.¹⁵⁸

Nessa passagem, Antonio Candido fala do ensaísmo da década 20. Mais adiante, em seu texto, menciona Gilberto Freyre em reflexão que faz sobre a década de 30. O que importa ressaltar é, então, a centralidade que o ensaio tem para a geração dos modernistas da década de 20 e 30. Já naquele momento, dominado politicamente por Getúlio Vargas, é praticamente impossível não ver relações no ofício, por exemplo, de Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Emiliano Di Cavalcanti, Candido Portinari, Heitor Villa-Lobos e Mário de Andrade. O ensaísmo de Gilberto Freyre, com suas crônicas publicadas em jornal, mostra sua força literária ao longo da década de 20, mas sua trajetória acaba por simbolizar a convergência entre projeto ideológico e projeto estético que, no contexto mais complexo do ponto de vista econômico e social, assim como do ponto de vista político após a Revolução de 30, viria a se tornar emblemático nos anos 30. Segundo João Luiz Lafetá, “enquanto a primeira fase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a fundação da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte)”¹⁵⁹. É neste contexto que duas figuras podem representar duas vertentes distintas: o *projeto estético* dos anos 20 foi exemplarmente vivido pelos modernistas paulistas, com Mário de Andrade ao centro; o *projeto ideológico* dos anos 30 foi modelarmente conduzido por Gilberto Freyre e pelos regionalistas nordestinos.

Costuma-se separar Freyre e Mário como dois antípodas do Modernismo. Mas o notável é que há uma tomada concomitante de postura em ambos representativa do localismo nas artes brasileiras. Esta tendência teria consequências práticas, a se notar pelos inúmeros

¹⁵⁸ CANDIDO, A. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. p.113.

¹⁵⁹ LAFETÁ, J. L. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000. p.28.

trabalhos que muitos desses escritores vão desempenhar junto ao governo Vargas na área de políticas culturais – sem que isso signifique apoio político irrestrito às ações oficiais do governo. Sobre confluências de trajetórias do líder modernista de São Paulo e do líder regionalista de Pernambuco, afirma Gilda de Mello e Souza:

Em resumo: as diferenças notórias que, no decorrer dos anos, afastam Gilberto Freyre de Mário de Andrade não impediam a espécie de cruzamento que no decênio de 1920 os aproxima, quando o primeiro, depois da estadia nos Estados Unidos, volta para o Brasil e o segundo encerra com *Macunaíma* a etapa nacionalista que havia construído no gabinete. É o momento em que ambos pensam o Brasil moderno sem perder o contacto com a cultura popular e a contribuição do passado, embora cada um realize essa tarefa [...] segundo seu temperamento e anseio cultural¹⁶⁰.

Mário justifica a Ascenso Ferreira, em carta, o porquê da distância em relação a Gilberto Freyre:

Se eu falei “não sei se valerá a pena conhecer Gilberto Freyre” é porque me parece que ele não tem muita afinidade comigo e meio que me desdenha. Não posso forçar ninguém a me querer bem, quanto a admirá-lo isto é outra coisa: admiro e estimo apesar dos beliscões que vive dando na gente e que não tem a mínima importância porque não me parece maldade, são de diferenças de opinião e isso é perfeitamente lícito.¹⁶¹

Como escreveria Guimarães Rosa em célebre tirada anos mais tarde: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...”¹⁶². Mário de Andrade consegue reconhecer, nessa afirmação, algo que a crítica ainda tem dificuldade de problematizar¹⁶³. Havia uma diferença fundamental que dizia respeito a como elaborar uma literatura de expressão brasileira. O ponto de chegada não seria o mesmo porque seus instrumentos foram bastante diferentes. Quanto a haver uma tendência crítica para elaboração dos problemas locais, isso é fato na obra de ambos e na de várias outras personalidades, seus contemporâneos.

¹⁶⁰ SOUZA, G. de M. e. O mestre de Apipucos e o turista aprendiz. In: _____. **A idéia e o figurado**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2005. p.51.

¹⁶¹ Carta de Mário de Andrade a Ascenso Ferreira reproduzida sem data em: INOJOSA, J. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Graf. Tupy, 1969. v.3, p.361-362. V.tb. AZEVEDO, **Modernismo e regionalismo**, 1996, p.142. É provável que a carta seja de meados da década de 1920 ou antes, pois sabemos que em 1927 Mário e Freyre já se conheciam.

¹⁶² ROSA, J. G. **Grande Sertão : Veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. p.9.

¹⁶³ A propósito do dissídio Mário de Andrade e Gilberto Freyre, afirma João Cezar de Castro Rocha: “Pelo contrário, na abordagem que proponho, não se trata de engendrar monótonas harmonias, mas de investir na tensão intelectual que aprenda com o outro, em lugar de simplesmente desqualificá-lo.” (ROCHA, J.C. de Castro. **O exílio do homem cordial**. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2004. p.246). Talvez o problema resida justamente no fato de que há uma tendência a, depois de “dramatizar a discórdia”, construir ao final sínteses harmônicas e tão bem resolvidas que se perde a especificidade do pensamento de cada um dentro do contexto do Modernismo.

Gilberto Freyre, ao falar de Mário, sublinha insistentemente seu artificialismo. Talvez o que esteja em questão, de fato, além daquelas diferenças mais óbvias, é o próprio pano de fundo dos processos modernistas de São Paulo e de Pernambuco. Em São Paulo, o desenvolvimento da burguesia industrial está atrelado ao meio rural; ambos, cidade e campo, muito mais tocados pelos processos capitalistas de produção do que o meio nordestino, em franca decadência econômica, também ajudam a alçar o Modernismo paulista ao cosmopolitismo dos centros culturais da época, sobretudo Paris. O cenário de São Paulo fica ainda mais complexo devido às levas de imigrantes europeus que chegam com diversa experiência cultural, histórica e política. Nesse contexto, a burguesia de São Paulo passa a assumir a função de protetora das artes e de uma tradição que precisa ser, de certo modo, construída, à qual se atrela o tema da viagem, por exemplo, a empreendida para o interior de Minas Gerais, em 1924, pela caravana paulista, formada pelos “mecenas” René Thiollier e Olívia Guedes Penteado acompanhados de Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars e Gofredo da Silva Teles, com o intuito declarado de “redescobrir” o Brasil, em meio a tantas outras viagens como a de Mário de Andrade pelo Norte e Nordeste do Brasil no final da década de 20. Isto mais o tema da reinvenção moderna do barroco foram construções levadas a cabo por paulistas com base em outras paragens que não as de seu entorno. Inclusive, as festas e os jantares agenciados pela elite de São Paulo, freqüentados pelos artistas, firmavam um cosmopolitismo sofisticado ímpar no país e, ao mesmo tempo, era palco de negociações vantajosas de ambos os lados.

Tal situação abre precedentes para dois tipos de crítica, em épocas e com instrumentos metodológicos bastante diversos. De um lado, Gilberto Freyre e seus companheiros exercem uma crítica que milita no sentido de mostrar a autenticidade de tradições arraigadas em sua própria região em contraposição, por exemplo, à experiência paulista de viés cosmopolita. A literatura e as artes passam a ser estimuladas de modo a exaltarem o particular concreto da experiência nordestina. De outro modo, críticos como Sergio Miceli observam que tal proximidade entre burguesia e clientes, no contexto paulista, não permite o distanciamento necessário que poderia favorecer uma maior liberdade criativa¹⁶⁴. Estaríamos, então, no terreno da concessão que recupera o gosto passadista – crítica de Miceli – e que não seria autêntica – crítica de Freyre. A elaboração de um vocabulário moderno digerível seria imprescindível neste mercado paulista das artes, que se diferenciaria, e muito, do modo pré-burguês e, talvez por isso, de aspecto mais conservador e antiliberal com que os nordestinos

¹⁶⁴ Cf. MICELI, S. **Nacional estrangeiro**: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

projetavam sua “missão” diante da produção artística e cultural¹⁶⁵. Uma outra consequência interpretativa dessas diferentes postulações estético-ideológicas é que, a par da importância do particular e do miúdo enfatizado pelos regionalistas, por realidades que somam sem se excluírem, temos uma reivindicação que tende a pregar a idéia de que o local deve servir a um projeto nacional, “devendo as idiossincrasias regionais se apagarem em favor de ideais comuns do país”¹⁶⁶.

Gilda de Mello e Souza aponta para uma outra perspectiva, sem, no entanto, desenvolvê-la em profundidade, a fim de se compreender a maneira antagônica como o paulista e o recifense são normalmente abordados pela historiografia literária, afirmando, como pressuposto para o que em seguida discute, que havia “as diferenças notórias que, no decorrer dos anos, afastam Gilberto Freyre de Mário de Andrade”¹⁶⁷. O texto, em outra linha, se compromete com as afinidades, que se dariam, sobretudo, na década de 20. Mas, ao final do ensaio, voltando às diferenças, a autora detém-se na dicotomia sentida por sua geração e que viria a ser repisada nos anos seguintes: Freyre fixa o perfil de aristocrata do Nordeste complacente com a sociedade desarmônica, do observador de uma realidade, a mestiçagem, vista de fora. Mário de Andrade, mesmo que tenha partido de uma idéia semelhante de cultura híbrida, permanece como “homem urbano do Sul”, comprometido com o “saber, saber, saber”¹⁶⁸. Acrescento que estudiosos da geração seguinte estabeleceram, pouco tempo depois de um convívio relativamente harmônico entre os Mário e Freyre, dentro das diferenças¹⁶⁹, um debate que se apoiou nas diferenças que já existiam entre as tradições constituídas de “interpretação e redescoberta do Brasil”. Eram os sinais de recrudescimento dos novos tempos: Gilberto Freyre continuou a exercitar um ensaísmo alusivo, ao mesmo tempo literário e científico, assim como fundamentalmente ametódico. O ímpeto de Mário de Andrade segue

¹⁶⁵ A atitude com que os pernambucanos em torno de Gilberto Freyre encaram sua missão modernizadora no campo artístico, cultural e intelectual pode ser vista, por exemplo, no modo como realizam o *I Congresso Afro-brasileiro*, realizado no Recife do dia 11 ao dia 16 de novembro de 1934: “O caráter experimental do congresso esteve tanto no conteúdo quanto na composição e no formato. Ao redor da antiga mesa sentaram-se não apenas doutores e eruditos, mas também ‘alorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas do fogareiro, que trouxeram do fundo de cozinhas de mucambos receitas de quitutes afro-brasileiros quase ignorados. (FREYRE, G. **Novos estudos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p.348). [...] Além dos trabalhos de intelectuais reconhecidos, como Álvaro Osório e Mário de Andrade, o congresso aceitou a colaboração de alunos de liceu e de trabalhadores negros de engenho. O babalorixá Anselmo ia apresentar receitas de quitutes feitos com inhamé. Alguns desses quitutes seriam experimentados durante as reuniões, mas só os secos, pois se dispunha de muito pouco dinheiro, e a comida devia ser servida em pratos de papel.” (GIUCCI, G.; LARRETA, E.R. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.505). Nesta época, Gilberto Freyre foi fichado como agitador político por conta de suas críticas ao sindicato dos usineiros, acusando-os pelas condições precárias de vida do trabalhador de usina, e também reforçava constantemente a necessidade de independência política do intelectual e do seu afastamento de qualquer demagogia político-partidária. (Cf. GIUCCI; LARRETA, **Gilberto Freyre**, 2007).

¹⁶⁶ SOUZA, E.M. de. Construções de um Brasil moderno. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.7, p.36-45, 2003/2004. p.43.

¹⁶⁷ SOUZA, G. de M. e. O mestre de Apipucos e o turista aprendiz. In: _____, **A idéia e o figurado**, 2005, p.51.

¹⁶⁸ SOUZA, G. de M. e. O mestre de Apipucos e o turista aprendiz. In: _____, **A idéia e o figurado**, 2005, p.68-69.

¹⁶⁹ Ver, por exemplo, na Figura 26, imagem de folha de rosto de exemplar da primeira edição (1941) de *Poesias*, de Mário de Andrade, com a seguinte dedicatória: “A / Gilberto Freyre, / com admiração amiga / Mário de Andrade / São Paulo, 1941.”

a via estetizante, de um lado, e o caminho de racionalização dos métodos de análise, de outro, que viria a ser desenvolvido, sobretudo, durante a consolidação do ensino acadêmico no meio paulista¹⁷⁰.

2.5 Correspondência cordial?

Estimo que este mal traçado samba
em estilo rude, na intimidade
vá te encontrar gozando saúde
na mais completa felicidade
(Junto dos teus, confio em Deus)

[...] Espero que notes bem,
estou agora sem um vintém
podendo, manda-me algum...
Rio, sete de setembro de trinta e um

NOEL ROSA (*Cordiais Saudações*)

Focando especialmente a década de 20 e considerando-se o fato de que estamos na trilha de dois autores fundamentais para as transformações culturais e estéticas então em curso, é elemento de complicação o fato de que o primeiro personagem a aparecer na carta de abertura da *Correspondência* compilada seja justamente Mário de Andrade, nuclear dentro do movimento modernista com base na cidade de São Paulo:

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925.

Caro Gilberto,

Passei toda a tarde com o Mário metido no *Álbum do Diário*. Feito menino que ganhou um livro muito bonito... Que prazer tive de olhar os desenhos do Bandeira! Quem é esse estupendo xará? É Manuel também? Ele está juntando um tesouro! Do texto só li o artigo de Joaquim Cardozo e duas páginas sobre o seu século de vida social. Quero ir bem devagarinho. O artigo do Cardozo... Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa

¹⁷⁰ As notas à margem de *Casa-grande & senzala*, escritas por Mário, mostram essas diferenças que se tornam verdadeiro abismo nas décadas seguintes: “Há uma tal ou qual contradição nisto tudo. O A. afirma que os índios eram mais libidinosos que os negros e se esforça em provar que não eram luxuriosos [...] Mas então o povo da era das conquistas já se deve considerar mal alimentado. Em toda esta parte sobre alimentação em Portugal vaga uma vaga contradição. Parte escrita muito apressadamente, alinhavando documentação não só contraditória mas pulando de século a século sem método nem crítica [...] há muita dispersão também. Muita fuga ao assunto. E um erotismo mal disfarçado do A. que gosta de repisar o assunto da luxúria. Desequilíbrio.” (ANDRADE, M. de apud DIMAS, A. Barco de proa dupla. **Revista USP**, São Paulo, n.1, p.112-126, mar./maio 1989. p.124).

dele. É o mesmo de quem você fala no capítulo da pintura? Você me faz o favor de dar a ele este exemplar do meu livro?

Gilberto, como vocês me trataram carinhosamente como ficou bonita a colocação dos meus versos. Mário de Andrade achou muito bom o estudo do Cardozo. Na Evocação só escaparam dois gatos, um muito engraçado porque depois daquela quadrinha simiesca

*Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada*

Saiu o intragável lusitanismo

Uma porção de coisas que se não entendia bem

em vez de

que não se entendia

Deve ter sido obra e vingança (baixamente pronominal!) do espírito do quinhentista Frei Pantaleão do Aveiro. Ou então de Frei Joaquim da Santa Rosa de Viterbo!

Adeus, Gilberto. Receba um apertado abraço do

Manuel
Curvelo 51¹⁷¹

É significativo como Bandeira assumiu o papel de ligação de dois universos, do Sul e do Norte, simbolizados aqui por Mário de Andrade e Gilberto Freyre – vale lembrar que a palavra Nordeste não era corrente naquela época, assim como o “Sul” era normalmente empregado para designar também a região que inclui os estados do Sudeste. O pano de fundo dessa troca é o próprio trânsito de tarefas, favores, apreciações críticas e impressões “amigas”, num contexto em que a dinamização da sociedade, com os primeiros surtos de industrialização, com a expansão do trabalho assalariado e do mercado, com a tentativa de modernização da administração pública e com a expansão dos meios de comunicação, influenciou enormemente o trabalho intelectual e artístico, que caminhava para conquistar sua autonomia.

O motivo principal desta carta é a publicação do *Livro do Nordeste*, “Edição comemorativa do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*”, que saiu em 1925, organizado por Freyre quando atuava no jornal recifense. A intenção explícita de Freyre era reunir um pensamento de vanguarda, articulando visões diversas de Nordeste, com artigos que

¹⁷¹ Cf. cap. 3, Documento 1.

vão de renda a comida, de vida social a política, bem como dar a idéia de uma espécie de estética alternativa da vida moderna centrada na província, por meio de desenhos do jovem Manoel Bandeira (1900-1964) ou dos versos líricos de Manuel Bandeira, que contribuiu com o seu conhecido “Evocação do Recife”. Os elogios ao também jovem Joaquim Cardozo (1897-1978) são mais do que merecidos: seu apurado senso crítico está, de fato, alinhado a uma grande sensibilidade. Observe como a pontuação (ou sua ausência) surpreende ao dar ligeireza e maior plasticidade ao trecho da carta em que Bandeira fala sobre o artigo: “Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa dele”. É como se o poeta, em carta, encontrasse um modo de expressar o sentimento de arrebatamento (“Aquele sacana me deixou o coração numa podreira”) causado por Cardozo, que – entre outras tantas belas linhas que antecipam o que a crítica especializada, décadas após, viria a estabelecer como linhas interpretativas da poesia de Bandeira – escreve:

Pobre menino doente a olhar através da vidraça os balõezinhos que sobem, os pequenos vendedores de carvão, as carroças de leite, os sapos e os vaga-lumes, a observar na rua pequenos detalhes desprezados, quase impercebidos como qualquer garoto se volta para apanhar um objeto insignificante abandonado no chão; esse olhar amoroso para as cousas esquecidas, esse interesse pela ingenuidade dos brinquedos se vêem em “Noite morta”, “Na rua do sabão”, “Meninos carvoeiros”, “Balõezinhos”. [...] Ah! esta volúpia amarga de viver, esta “tristeza dos que perderam o gosto de viver” e que em tudo e acima de tudo adoram a vida!¹⁷²

Vimos como a epistolografia como forma literária passava por transformações, por exemplo, deixando a retórica que era característica dos códigos no século XIX por uma linguagem rápida e de aparência superficial – digo aparência, sem excluir naturalmente seu grau de complexidade, que se torna cada vez mais sutil. Vê-se, por essa carta de 12 de dezembro de 1925, bastante informal para os padrões da época, como os escritores vão se aproximando, trocando idéias, encomendando trabalhos um ao outro, articulando personagens. A sutileza da suposta autonomia em contexto brasileiro dá-se justamente porque a arte no país, no geral e passando ao largo das polêmicas individuais, se forma e se afirma negando-a, na medida em que valoriza a comunicação, a identidade e o artesanato a partir de uma linguagem orgânica que apenas se amplia com a técnica moderna, sem questionar, de forma conseqüente, a narratividade, a temporalidade e o valor da unidade dos objetos artísticos. A rapidez e a fragmentação do mundo novo deixam marcas na estrutura dos

¹⁷² CARDOZO, Joaquim. Um poeta pernambucano Manuel Bandeira. In: FREYRE, G. et al. **Livro do Nordeste**. Edição fac-similar à de 1925. Introdução de Mauro Mota e prefácio de Gilberto Freyre. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p.125. Texto editado no cap. 4.

gêneros – com os caminhos tomados pela crônica no Brasil, isso fica bem claro e, em particular, exerce força também na epistolografia –, assim como tornam cada vez mais complexas as redes de convivência que se formam.

Ao contrário das vanguardas européias, em que a tentativa de devolver a arte à práxis vital é bem radical, como afirma Peter Bürger¹⁷³, aqui, no Brasil, arte e práxis parecem se articular em uma construção que alia o sentido e seu avesso, paradoxalmente. E amizade e trabalho artístico são duas coisas que se mesclam, muito generosamente, num ambiente cordial, tornando mais intrincada a condição de autonomia da arte no contexto brasileiro. Assim, a cordialidade parece ser uma marca fundamental da sociabilidade desta geração de escritores e intelectuais, que deixam seu rastro nas próprias formas de composição da época.

No acervo pessoal de Gilberto Freyre, sob a guarda do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, há vários documentos que remetem a uma imbricação entre técnica moderna e desejo de arraigamento. Gostaria de destacar especialmente uma imagem sem título ou determinação de autoria¹⁷⁴. O mundo da técnica, que se amplia e ajuda a diversificar os modos de produção e reprodução de imagem, é o elemento de fundo de uma fotomontagem que simboliza a articulação paradoxal entre os avanços da modernidade e o pendor localista – que, afinal, foi a aventura tanto de recifenses quanto, por exemplo, de paulistas, em viagens (reais e literárias) de redescoberta do Brasil “interior”. Aqui utilizo a expressão “elemento coadjuvante” para ressaltar quanto a linguagem técnica inspira e influencia os novos artistas, que procuram explorá-la como melhor lhes convém. Este ponto é anterior à questão da presença mais patente dos cinematógrafos e fonógrafos de que fala Flora Süssekind¹⁷⁵, em que a técnica se revela um elemento fundamental de representação literária, com diferentes níveis de problematização, e acaba por influenciar, segundo a argumentação da autora, a nova linguagem modernista, como em *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade. Ou ainda, vale dizer, o que pretendo argumentar, ao me deter no conceito de “cordialidade”, é algo semelhante ao que se dá no caminho inverso da técnica, como se um complementasse em alguma medida o outro e ambos traduzissem, com variedade de grau, o processo tortuoso de modernização nos campos artístico e intelectual que se acelera no país dos anos 20 e 30.

¹⁷³ Cf. BÜRGER, P. **Teoria da vanguarda**. Lisboa: Vega, 1993.

¹⁷⁴ Ver Figura 62.

¹⁷⁵ Cf. SÜSSEKIND, F. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A fotomontagem em questão, ao que tudo indica, retocada artesanalmente pelo processo de foto-pintura, não é datada nem possui autoria declarada. Com as dimensões de 23,9 cm de largura por 17,9 cm de altura, a imagem traz os seguintes personagens centrais na história do Modernismo brasileiro: Luiz Jardim, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Oswald de Andrade. O pintor e escritor pernambucano Luis Jardim e José Lins ficaram ligados ao romance de análise social e à arte de expressão regional. Por sua vez, o músico Villa-Lobos procurou realizar uma obra universal – como ele mesmo afirmava – que trabalhasse, sobretudo, com aspectos da música brasileira popular. Já Tarsila e Oswald, na década de 20, formaram uma parceria que extrapolou o universo da intimidade e deixou marcas indeléveis na trajetória artística de ambos, marcada pela elaboração de uma estética que lançava mão da simultaneidade e da montagem modernas articuladas à representação pretensamente ingênua de paisagens e retratos brasileiros. O corte que diferencia os vários personagens do grupo – que souberam dosar, de forma criativa, ingredientes nacionais – é talvez a profundidade do humor, do aspecto carnavalizante, que seria quase nulo em Jardim e intenso em certo Oswald. Gilberto Freyre também soube fazer uso de uma escrita desestabilizadora e inquietante, como o vemos em várias páginas de seu ensaio de interpretação do Brasil *Casa-grande & senzala*, e dela fugiu quando parecia mais conveniente convencer o meio social, em meio a ataques e acusações de diletantismo e intuitivismo, de que era um intelectual que sabia utilizar a linguagem mais acadêmica e sabia fazer ciência.

De qualquer modo, essa fotomontagem mostra bem que havia um círculo de sociabilidade que se queria reconhecido, um círculo se articulando com vários outros – e que, aliás, não podemos afirmar se existiu ou se havia de fato alguma relação profunda ou duradoura entre os referidos personagens. A imagem pode ter sido um presente dado a Gilberto Freyre, ou mesmo uma encomenda do próprio escritor, já que um ponto certo de contato com todos esses artistas é o sociólogo, que os admirava de forma sincera e que – por que não? – queria ver-se incluído nos grupos do Rio e de São Paulo. Ou, ainda, talvez tenha vindo do próprio Bandeira, elemento central e de olhar fixo rumo ao observador virtualmente posicionado à frente da imagem. De qualquer modo, apesar desta quase obsessão pelo pertencimento a um grupo socialmente reconhecido, é fato que os agrupamentos se faziam e se desfaziam, eram ajuntamentos muito dinâmicos: veja-se, por exemplo, o destino

melancólico do “grupo dos 5”, formado por Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Anita Malfati¹⁷⁶.

No Brasil, a despeito de soluções bastante criativas, afirmação esta que se reporta especialmente à técnica modernista, como no caso do Oswald e da Tarsila antropofágicos, da Anita da primeira fase, do Mário de *Macunaíma*, do Freyre de *Casa-grande & senzala* e do Bandeira de *Libertinagem*, o pendor localista ou étnico, como um reflexo ao revés, foi um ponto permanente de debate – e onde há debate há grupos atuando – dentro do projeto de modernização artística no país, ao lado da preocupação com a adequação técnica. E, nesse sentido, a cordialidade engajada, imbuída de ideais, acabou sendo uma marca de convivência de certos grupos nesse período.

Ademais, na Literatura Brasileira pode-se perceber que a questão da necessidade de junção entre adequação técnica e tendência local, entre cosmopolitismo e provincianismo, entre modernidade e tradição, com grau variável de complexidade crítica e mediação, não foi exclusiva daquele período. Gerações e grupos que vieram depois continuaram a dialogar com os primeiros modernistas, por exemplo, com a proposta de se pensarem as especificidades de um país marginal¹⁷⁷.

O divagar do cronista paralelo a uma sensibilidade cordial constitui a tônica da *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira*. A informalidade entre os amigos e o burburinho acerca da vida alheia parecem diminuir consideravelmente a distância que há entre Rio de Janeiro e Recife: tudo se torna uma aldeia, palco de risadas nos dois lados do canal comunicativo. Os amigos se ajudam e se inspiram, a ponto de ficar difícil delimitar onde terminam os assuntos íntimos e banais e se iniciam os assuntos sérios e conseqüentes, como a preocupação com os destinos do país. O sentido “mundano”, emprestando o conceito empregado por Edward Said para “denotar o mundo histórico real de cujas circunstâncias nenhum de nós jamais pode estar separado, nem mesmo em teoria”¹⁷⁸, fica absolutamente

¹⁷⁶ Segundo Miceli, “[...] o foco de tensões internas no grupo possuía um inequívoco componente étnico – os ‘nacionais’ Mário, Tarsila e Oswald versus os *oriundi* Anita e Menotti –, e não se pode descartá-lo da análise das obras e tomadas de posição de todos os envolvidos. Os percalços de Anita para conquistar a bolsa de estudos concedida pelo Patronato Artístico, as reações ambivalentes de Mário e o rechaço terminante de Oswald perante os escritos romanescos de Menotti, e as ciúmeiras entre Tarsila e Anita são alguns dos episódios capazes de sinalizar os caminhos tortuosos desse embate de forças e capitais desiguais, instigados pelo acicate venenoso do desprezo étnico, misto de competição, embaraço e desconforto envolvendo esses parceiros com trunfos tão desiguais.” (MICELI, **Nacional estrangeiro**, 2003, p.115.).

¹⁷⁷ Cf. GULLAR, F. **Vanguarda e subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

¹⁷⁸ SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.71.

evidente neste conjunto, em que quase não se observa um embate teórico consistente ou uma discussão estética mais profunda.

Mas é preciso explicitar melhor como proponho fazer a ligação entre cordialidade e correspondência. Vimos que o universo dos grupos modernistas foi fundamental para a consolidação dos projetos que iam se articulando. Portanto, havia uma relação inicialmente privada que reverberou positivamente na esfera pública, uma vez que permitiu fazer circular idéias e problematizações estéticas inovadoras, fossem elas de cunho mais cosmopolita, fossem de cunho mais local ou nacional.

Por sua vez, é sabido que a expressão “cordialidade” se popularizou e gerou uma série de mal-entendidos a partir da obra de interpretação sociológica *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda¹⁷⁹. No trecho a seguir, pode-se ter uma idéia desse conceito, tal qual exposto por Sérgio:

Podemos organizar campanhas, formar facções, armar motins, se preciso for, em torno de uma idéia nobre. Ninguém ignora, porém, que o aparente triunfo de um princípio jamais significou no Brasil – como no resto da América Latina – mais do que o triunfo de um personalismo sobre outro.¹⁸⁰

Esta cordialidade tão brasileira, segundo Sérgio, não é nada elogiosa, mas expressão que traduz a consciência acerca de um modo enviesado e excessivamente personalista de gerir as relações no Brasil, que passa longe dos princípios democráticos racionais e do pensamento liberal. Tratar-se-ia de uma espontaneidade, antes rica, que, convertida perigosamente em fórmula, poderia ser usada para o bem e para o mal. Como resultado, por exemplo, poderia haver modos e mais modos de se burlar a lei, sem que houvesse uma reprovação cabal desses procedimentos. Pode-se acrescentar que, em termos de uma linguagem fraudulenta e explicitamente ideológica – exercício de crítica da ideologia que se tornou uma linha de debate a partir dos anos 60, principalmente –, a escrita pode ser cordial. Porém, no contexto das cartas de que trato, quero recuar um pouco mais, procurando uma espécie de protoforma dessa consciência social da escrita.

É possível que a cordialidade epistolográfica, no raio do Modernismo e congregando personalidades como Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Joaquim Cardozo, dentre outros, seja um dos últimos momentos que se ligam ao emprego, nada

¹⁷⁹ Os seguintes trabalhos de João Cezar de Castro Rocha forneceram pistas para estas questões: ROCHA, **O exílio do homem cordial**, 2004; e ROCHA, J.C. de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

¹⁸⁰ HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 1975, p.138.

ardiloso, de palavras como província e autenticidade. Sobre a relação mais estreita entre cartas e Modernismo, afirma Júlio Castañón:

As modificações estéticas trazidas pelo modernismo têm como suas principais características a liberdade em relação aos moldes até então vigentes, a liberdade de pesquisa, a liberdade de criação, com a busca de elementos nacionais, e assim por diante. Também a correspondência refletirá esses aspectos, não apenas em termos de que tratará deles, mas em sua própria formulação. A carta perde a formalidade que se encontra até essa época; torna-se efetivamente troca de idéias, informações, como substituto efetivo da conversa. Sem dúvida, esta modificação propicia um maior desembaraço, de modo que, para além de questões literárias, a carta será também espaço de manifestações pessoais, de informações privadas de pessoas envolvidas na vida literária.¹⁸¹

A íntima relação entre conversa e carta, mediada pela escrita, evoca a figura do homem cordial, excelente conversador. Aliás, a epistolografia deu origem ao conceito de “homem cordial”. Lembre-se de que, em carta do poeta e diplomata Ribeiro Couto, amigo de Bandeira e Freyre, ao escritor e diplomata mexicano Alfonso Reyes, o “homem cordial” surge de modo inaugural:

É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas que deve sair o “sentido americano” (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – O Homem Cordial. [...] (Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa) [...] somos *qualquer coisa* de muito diferente pelo espírito e pelo senso de vida cotidiana. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de contar modinhas, de amar como puder, de convidar o estrangeiro para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: - Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana [...].¹⁸²

Assim, a espontaneidade das amizades imediatas, da abertura para as relações pessoais, liga-se, pelo teor da argumentação, não a Sérgio Buarque, mas ao próprio Freyre¹⁸³. Quando Freyre fala da plasticidade do elemento mestiço como fundamento da nacionalidade, não ressalta outra coisa senão esse modo de ser cordial, que tem origem no universo da

¹⁸¹ GUIMARÃES, **Contrapontos**, 2004, p.24.

¹⁸² Carta de 7 de março de 1931 (COUTO apud BEZERRA, E. Ribeiro Couto e o homem cordial. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 11, n.44, p.125-126, jul./set. 2005).

¹⁸³ A propósito, João Cezar de Castro Rocha afirma que, nas sucessivas edições de *Raízes do Brasil*: “De um lado, o autor acrescentou notas, com o objetivo de enriquecer os argumentos com dados. Tratava-se do historiador relendo o ensaio de estréia. De outro, Sérgio Buarque alterou ou simplesmente eliminou passagens nas quais celebrava o trabalho de Gilberto Freyre. Tratava-se do intelectual defendendo sua concepção. Numa leitura menos cautelosa, o teórico da cordialidade pagava tributo à própria criação, revelando um Sérgio Buarque cordial, à revelia do lúcido autor de *Raízes do Brasil*. E aqui vale lembrar que, apesar de terem sido introduzidos acréscimos e mudanças importantes em edições posteriores de *Sobrados e mocambos*, Freyre manteve integralmente as menções ao trabalho de Sérgio Buarque, tal como constavam em 1936.” (ROCHA, **O exílio do homem cordial**, 2004, p.67).

família patriarcal. Porém, como afirma João Cezar de Castro Rocha, também implica uma “técnica da bondade”. Desse modo, “*mestiçagem would have done this in relation to the birth of the Brazilian people, while cordiality would have in regards to the establishment of Brazilian sociability*”¹⁸⁴. Enquanto o conceito de mestiçagem foi exposto em *Casa-grande & senzala*, o de cordialidade está em *Sobrados e Mucambos*, de 1936. A seguir, transcrevo parágrafo do capítulo “Ascensão do bacharel e do mulato” para acompanharmos melhor a argumentação de Gilberto Freyre:

A simpatia à brasileira – o homem simpático de que tanto se fala entre nós, o homem “feio, sim, mas simpático” e até “ruim ou safado, é verdade, mas muito simpático”; o “homem cordial” a que se referem os Srs. Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda – essa simpatia e essa cordialidade, transbordam principalmente do mulato. Não tanto do retraído e pálido como do cor-de-rosa, do marrom, do alaranjado. Ninguém como eles é tão amável; nem tem um riso tão bom; uma maneira mais cordial de oferecer ao estranho a clássica xicrinha de café; a casa; os préstimos. Nem modo mais carinhoso de abraçar e de transformar esse rito como já dissemos orientalmente apolíneo de amizade entre homens em expansão caracteristicamente brasileira, dionisiacamente mulata, da cordialidade. O próprio conde de Gobineau que todo o tempo se sentiu contrafeito ou mal entre os súditos de Pedro II, vendo em todos uns decadentes por efeito da miscigenação, reconheceu, no brasileiro, o supremo homem cordial: “*três poli, três accueillant, três aimable*”. Evidentemente, o brasileiro que tem sua pinta de sangue africano ou alguma coisa de africano na formação de sua pessoa; não o branco ou o “europeu” puro, às vezes cheio de reservas; nem o caboclo, de ordinário, desconfiado e que ri pouco.¹⁸⁵

A simpatia do brasileiro, chamada de cordialidade por Freyre, permitiu a ascensão do mulato numa sociedade extremamente desigual. Foi também por uma questão de sobrevivência que se misturou. Tratava-se, pois, de uma adaptação plástica às novas condições impostas pela sociedade livre. O riso, o uso de diminutivo, os índices de familiarização com as pessoas e tantas outras manifestações de aproximação são fórmulas usadas por este homem cordial, que muitas vezes espera algo em contrapartida, ou seja, uma retribuição pela sua lealdade aparentemente despretensiosa.

Sabemos que o conceito acadêmico tem sido mal utilizado tanto por leigos quanto por intelectuais. Mas isso mostra que a expressão ainda pode ser produtiva. Apenas seria desejável delimitá-la e defini-la melhor, para que não se dialogue no vazio. Quando procuro observar a cordialidade na correspondência, é contra este possível vazio, contra a ausência de

¹⁸⁴ ROCHA, J. C. de C. The origins and errors of Brazilian cordiality. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Dartmouth, n.4/5, p.73-85, Spring/Fall 2000. Brazil 2001. a revisionary history of Brazilian literature and culture. p.79.

¹⁸⁵ FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003. p.791.

diálogo, que afirmo a correlação. Assim, proponho uma volta à idéia mais elementar da cordialidade. A ambigüidade conceitual implicada no termo, consequência histórica da grande produtividade que teve ao longo do século XX, confirma que não se pode chegar a palavras categóricas ou a conceitos absolutos. O termo em seu sentido inaugural, quando a excessiva autoconsciência ainda não teria matado definitivamente a possibilidade de uma cordialidade espontânea, sobrevive.

A cordialidade espontânea e as relações benfazejas, mesmo que misturadas com momentos de estranhamentos interpessoais, teriam garantido ao brasileiro, para falar com Freyre, apropriar-se da alteridade – da mulata, do mestiço, da feijoada, do samba, da boêmia, da cachaça, do futebol, do candomblé, enfim, de formas estéticas renovadas, de formas inovadoras de interpretação social. A oralidade foi marca decisiva nos escritos dessa geração, como podemos observar, no conjunto das cartas:

[...] Se se foder, passa copo de corno adiante. Quando sai a figura correspondente ao cavaleiro de outro parceiro, empurra-se o cavaleiro do outro parceiro e passa-se o copo adiante.

Geralmente se joga a 200 réis o páreo, mas há grandes prêmios de 400 réis (Criação Nacional ou Animação), 500 réis (Paulo de Frontin, dr. Zózimo Barroso, grande poeta Manuel Bandeira etc.), raramente de 1.000 réis (Araci Cortes).

O joguinho é muito excitante e quando menos se espera está tudo no porre. Teu poema, Gilberto, será a minha eterna dor de corno. Não posso me conformar com aquela galinhagem tão gozada, tão sem vergonhamente lírica, trescalando a baunilha de mulata asseada. Sacana!¹⁸⁶

A hipótese primeira é de que a sociabilidade tipicamente brasileira deixou marcas também na escrita modernista. Mas não só: a conjunção de pessoas em grupos, os contatos e as trocas, que viabilizaram o Modernismo como movimento, foram sobremaneira facilitados pela correspondência. Gostaria, portanto, de ressaltar a importância da troca entre pessoas no meio intelectual e cultural e também o sentido das escritas que elas enformam. Quando Bandeira se refere a Freyre confessando sua completa admiração pelo poema, ao que tudo indica, “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”, afirma a embriaguez da experiência por meio de palavras informais, que remetem ao universo da boêmia e das aventuras sexuais, ao que parece, comuns desta geração. Tabus também estão sendo discretamente superados. O à-vontade da carta é, portanto, contíguo à atmosfera do poema de Gilberto Freyre, que procura construir uma espécie de correlativo objetivo, utilizando

¹⁸⁶ Carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre, com datação “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”.

expressão de T. S. Eliot, da cidade baiana, abordando-a a partir de um erotismo como que descarado, sem rodeios:

Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra
[sair num retrato de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes)
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíam tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem pra sair.
ar mole oleoso
cheiro de comida
cheiro de incenso
cheiro de mulata [...]]¹⁸⁷

Desse modo, com relação às trocas que viabilizam a questão do trabalho, à aparência livre e desprestigiada, à oralidade da *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira* – perspectiva que ainda reforça a produtividade de inserirmos os termos no circuito e no tempo de sua gestação –, podemos afirmar que estamos diante de uma epistolografia cordial. A liberdade com que os assuntos se desenrolam nas mãos dos remetentes também permite fazer considerações várias sobre a vida dos atores envolvidos nas narrativas epistolares. Ainda mais, a própria vida social se abre para a análise.

2.6 Guardadores de papéis e iconografias da intimidade

Ou sua razão seria apenas voar
baixinho sem mensagem como a gente
vai todos os dias à cidade
e somente algum minuto em cada vida
se sente repleto de eternidade, ansioso
por transmitir a outros sua fortuna?
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE¹⁸⁸

¹⁸⁷ FREYRE, G. Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados. In: _____. **Talvez poesia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.9-11.

¹⁸⁸ Sexta estrofe do poema "Pombo-correio", de um total de oito estrofes, publicado originalmente em *Lições de coisas*, de 1962 (ANDRADE, C.D. de, **Obra completa**, 1967, p.344).

Pois pode me suceder que eu goste e me comova com a “coisa sem importância mesmo”.

MANUEL BANDEIRA¹⁸⁹

No conjunto da correspondência trocada por Manuel Bandeira e Gilberto Freyre, é possível encontrar outras formas de comunicação que seguem paralelamente às cartas, tais como bilhetes, telegramas, cartões-postais, cartões de Natal, cartões de visita e fotografias. Há também cartas desenhadas ou escritas com papel ilustrado. São objetos de troca simbólica que dizem muito sobre a época e que chamam a atenção também pelo fato de que parecem estar em franco declínio nos dias de hoje, um pouco talvez pela mudança do tipo de sociabilidade entre indivíduos ou, ainda, pelo próprio avanço da informatização, que faz substituir papéis e outros suportes “concretos”, ou ao alcance da mão, por *bits* e *pixels* virtuais. Vou abordar rapidamente algumas questões relativas às coleções pessoais, ao trabalho arquivístico desenvolvido no universo privado e a este material que, ao lado das cartas, faz parte da correspondência como um todo.

Além disso, pretendo falar de um tipo de suporte normalmente muito bem guardado por seu dono, tendo em vista a carga afetiva que ele encerra: o “caderno de autógrafos”. Entretanto, no caso não se trata de um caderno de autógrafos comum, mas sim de um documento de alguém que testemunhou, de perto, muitas visitas e viagens ao lado do pai já bastante conhecido no Brasil e no exterior. O *Caderno de autógrafos* de Sonia Freyre está sendo guardado com cuidado em seu arquivo pessoal. Nele, encontramos autógrafos, com poemas e desenhos de escritores, artistas e intelectuais que muito prontamente atendiam à solicitação da menina tímida, como ela mesma se dizia. A se notar pelas inúmeras passagens pelo Solar de Apipucos, podemos ter uma dimensão do contato de Sonia Freyre com o mundo intelectual e artístico em meados do século XX. Leiam-se as palavras de José Mindlin sobre Freyre:

Quando eu fiz, em 1931, um curso de extensão na Universidade de Columbia, falava-se muito de Gilberto Freyre, que tinha concluído seus estudos lá, creio que em 1927 [*sic*], como sendo de surpreendente erudição. No Brasil, várias gerações acadêmicas se beneficiaram de suas incansáveis pesquisas, e a sua casa em Recife – o Solar de Apipucos – era considerada

¹⁸⁹ Manuel Bandeira em carta a Ribeiro Couto datada de 29 de agosto de 1926. Apud ALENCAR, José Almino. Manuel Bandeira & Ribeiro Couto. Correspondência dos anos 20. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süssekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.227.

visita imperdível para cientistas, escritores e intelectuais estrangeiros, com quem manteve freqüente correspondência, parece-me que ainda inédita.¹⁹⁰

Poderíamos colocar todo esse material – cartas, cartões postais, caderno de autógrafos etc. – sob a rubrica do colecionismo. Porém, se, por um lado, evidentemente todo este material sobreviveu graças à dedicação dos “guardadores-proprietários”, por outro não tomou proporções incalculáveis, como o que acontece com os verdadeiros colecionadores, amadores ou não. Aqui, proponho, então, o nome de “guardadores”, uma expressão mais simples, para designar a atividade dessas pessoas que mantêm, muitas vezes em seus arquivos particulares, por anos e anos, objetos de simples recordação¹⁹¹, os quais, ao final, podem se revelar valiosos suportes de leitura e interpretação.

Se confrontada com a própria história da criação dos museus, é como se essa atividade, a dos guardadores, fosse uma espécie de unidade básica dos mesmos. A passagem da coleção particular para o museu deu-se principalmente do século XVIII para o século XIX, na Europa, justamente após a Revolução Francesa, quando houve uma política de abertura de acervos, antes particulares, para a visitação pública.

Há, sem dúvida, uma certa semelhança com o que se vê, hoje, na passagem da coleção particular para coleção aberta ao público, como aconteceu com a própria Fundação Gilberto Freyre e tem acontecido com outras fundações e museus.

Mas, mesmo no âmbito da coleção particular, há diferentes modos de se enxergar um acervo. Nessa trilha, gostaria de diferenciar a atitude de “guardar” da de “arquivar”, uma vez que quem guarda pode ter uma relação afetiva com os objetos sob sua responsabilidade e não necessariamente submeteria esse material a um tratamento segundo os princípios da arquivística. O arquivista é um profissional surgido pelas necessidades de selecionar, ordenar e arquivar informações e objetos para uso de pesquisa e trabalho, que podem depois ser utilizados com fins informativos e culturais. Há, nesse sentido, uma relação com a museologia. Este tipo de atividade é essencial dentro da profusão de objetos e informações da sociedade moderna.

As motivações do colecionador, por outro lado, são mais nebulosas: podem colecionar tampas de garrafa, rótulos de remédios, bonecas, carros e casas em miniatura, moedas, selos,

¹⁹⁰ MINDLIN, J. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. Entrevista de José Mindlin a Cleber Teixeira e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis: Escritório do Livro, 2004. p.53.

¹⁹¹ A sugestão vem do título de um livro de leitura muito agradável, escrito a partir de uma longa entrevista com Cristina Antunes, cujo formato final tomou a proporção de verdadeiras memórias de uma autêntica “guardadora”, que fez desse o seu ofício na Biblioteca de Guíta e José Mindlin. Trata-se de: ANTUNES, C. **Memórias de uma guardadora de livros**. Entrevista a Cleber Teixeira e Dorothée de Bruchard. Editado por Dorothée de Bruchard. Florianópolis: Escritório do Livro; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

assim como cartões-postais, cartões de visita, cartas – geralmente de pessoas “ilustres” – e outros papéis que podem fazer parte de um conjunto de correspondência. Há, talvez, uma fetichização do objeto neste caso; ou uma expressão materializada das políticas do *status quo* ou do consumo estimulado pela publicidade – isto é o que acontece com o apelo a que se colecionem Barbies ou bichinhos da Parmalat; ou, numa linha diversa e talvez mais discutível, por um comportamento geneticamente motivado¹⁹².

Os guardadores, na minha acepção, mantêm aquilo que, de alguma maneira, faça sentido para sua trajetória pessoal. Foi assim com a correspondência de Gilberto Freyre, muito esparsamente objeto de interesse arquivístico quando o autor estava vivo, e certamente o é com o *Caderno de autógrafos* de Sonia Freyre.

O tratamento arquivístico dado por escritores a seu acervo é bastante diverso um do outro. Mário de Andrade, por exemplo, tinha interesse eminentemente arquivístico; portanto, congregou uma relação afetiva, de guardador, a um interesse em tratar, sistematizar e preservar os objetos sob sua guarda. Foi por isso que Mário nunca dispensou a ajuda do seu secretário José Bento Faria Ferraz, o Zé Bento, que se tornaria, depois da convivência com o escritor, entre 1933 e 1945, bibliotecário da Faculdade de Medicina da USP, *campus* de Ribeirão Preto. Na temporada de Mário no Rio de Janeiro, por exemplo, a serviço da Universidade do Distrito Federal e do Instituto Nacional do Livro, Zé Bento de tal modo o auxiliava na biblioteca que, por vezes, tomava seu próprio lugar:

Adquire livros na “conta-corrente” na Civilização Brasileira, contra o estoque das obras do escritor guardadas em casa ou em consignação nas livrarias da cidade. Recebe as cartas, abre-as. As mais importantes são remetidas ao Rio; as de cunho mais premente e impessoal, ele mesmo responde, comunicando o novo endereço do professor. Goza da confiança do ausente: “Assine você mesmo o meu nome, copiando ou não a minha assinatura. Aprenda a me falsificar, pra me poupar certas caceteações”. [...] O moço bibliotecário conhecia como ninguém os meandros do arquivo do escritor. As fichas do *Dicionário Musical*, os envelopes da documentação de *Na Pancada do Ganzá*, revistas, as pastas de correspondência, tudo era ordenado cuidadosamente por suas mãos.¹⁹³

Mário de Andrade, com a ajuda antes de parentes e depois de seu secretário, catalogava cuidadosamente seus livros, artigos, cartas etc. A documentação que caiu nas mãos

¹⁹² Para o historiador Francisco Marshall: “A dimensão profunda de nossa identidade cultural inclui densas camadas de memória cultural, fatores dominantes ou recessivos de nosso código genético, prontos a eclodir de seu estado de latência, em expressões e cruzamentos que nem sempre chegamos a perceber ou controlar. Seria uma redução absurda dos horizontes identitários circunscrevermos a condição moderna à duração do Estado moderno, desprezando o imenso lastro de experiências e memórias acumulado por nossa espécie.” (MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. *Episteme*, Porto Alegre, n.20, p.13-23, jan./jun. 2005. p.22).

¹⁹³ MORAES, *Orgulho de jamais aconselhar*, 2007, p.197-198.

de Bandeira, por sua vez, não teve semelhante sorte. Como se pode notar pelo conjunto preservado da correspondência enviada por Gilberto Freyre a ele em confronto com a sua enviada ao Recife, pouco foi preservado – nos respectivos arquivos, constam 51 documentos autógrafos de Manuel Bandeira e apenas 12 documentos autógrafos de Gilberto Freyre. O desprendimento de Bandeira pela posse ou pela preservação de objetos foi tal que, hoje, é difícil sequer lançar hipóteses sobre onde se encontram os documentos que faltam. Marcos Antonio de Moraes fala sobre as conjecturas acerca dos possíveis destinos das cartas de Mário enviadas a Bandeira na introdução à *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*:

O destino dos manuscritos das cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, entretanto, permanece no terreno da especulação. As suposições abrangem inicialmente a pródiga bondade de Bandeira que presenteava amigos com cartas de Mário. [...] Outra hipótese volta-se fantasiosamente para os ciúmes de alguma companheira do poeta, que teria queimado toda a correspondência dele. Muito mais provável é que a grande parte dessa documentação esteja ainda segregada em algum arquivo pessoal ou de colecionador. Em vista desse impedimento muito se deverá fazer para que se cumpra a recuperação dos textos em edição, decalcada em bases científicas.¹⁹⁴

Bandeira, assim, não era dos melhores guardadores, talvez por sua própria condição frágil, que poderia ter lhe reforçado dúvidas quanto ao que poderia significar um possível apego excessivo às coisas mundanas. Como um autêntico franciscano, emprestou muitos livros que jamais voltaram. Mas, mesmo aprendendo com a experiência, continuou deixando que belos exemplares ficassem nas mãos de amigos de confiança:

Ao contrário: todos os seus belos livros que possui são mostrados a seus amigos, e aqueles que lhe merecem mais confiança podem levá-los para suas casas, sem causar com isso pânico em Bandeira. Mais do que bibliófilo, no sentido comum, é amigo do livro, fazendo com que através desse livro se estabeleçam contatos poéticos e humanos de difícil realização em outras condições.¹⁹⁵

Sabe-se, por exemplo, que, em coluna assinada por seu amigo João Condé no *Jornal de Letras*, algumas cartas foram publicadas. Mas o jornalista obteve, ao que parece, outras peças inéditas. Na casa do poeta, observava: “São cartas amarelecidas com o tempo. Aquelas que dizem respeito às letras são-me presenteadas. Mas para consegui-las era preciso que eu

¹⁹⁴ MORAES, M. A. de. Afinidades eletivas. In: ANDRADE, M. de; BANDEIRA, M. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Organização, prefácio e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP, 2000. p.29-30.

¹⁹⁵ BACIU, Stefan. **Manuel Bandeira de corpo inteiro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.44.

fizesse promessa de não publicá-las nem mostrá-las a pessoas indiscretas. Não me custa prometer [...]”¹⁹⁶.

Por outro lado, como informa Júlio Castañon Guimarães¹⁹⁷ a propósito da correspondência de Murilo Mendes enviada a Carlos Drummond de Andrade, este tinha um grande interesse arquivístico, o que permite inferir que os seus documentos tenham sido muito bem preservados. O costume de guardar cuidadosamente pode ter sido estimulado por sua atuação no DPHAN, trabalho iniciado a convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade em 1945, onde, posteriormente, desempenhou função de chefe da seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

Gilberto Freyre parece ter sido muito mais um guardador do que arquivista. Sua correspondência foi catalogada após sua morte, mas, antes, há apenas alguns rastros de interesse arquivístico, bastante amadores, como marcações em caneta esferográfica azul indicando o remetente. Algumas cartas também começaram a ser datilografadas muito provavelmente por uma secretária, que mantinha lacunas para serem preenchidas depois por Gilberto Freyre. O documento 47 da Pasta Manuel Bandeira, segundo arquivo da Fundação, equivocadamente catalogado como correspondência de Manuel Bandeira, é justamente uma cópia do final da carta 18, de Freyre para Bandeira, transcrita no capítulo 3 desta tese.

Quanto ao *Caderno de autógrafos* de Sonia Freyre, o que temos é um exemplo de genuína guardadora¹⁹⁸. O primeiro autógrafo registrado no caderno de Sonia, de forma muito emblemática, é do próprio Manuel Bandeira. Pela datação (30 de dezembro de 1948), esta é a época em que a família vivia no Rio de Janeiro, enquanto Freyre exercia seu mandato de deputado federal. O caderno tem muitas outras páginas, mas selecionei justamente aquelas que evidenciam o contato muito próximo de Freyre com o grupo de intelectuais do Rio de Janeiro, contato este iniciado principalmente nos anos 20, nas primeiras viagens do escritor à capital federal. Tais intelectuais, depois, viriam a se congregarem em torno da livraria e editora

¹⁹⁶ CONDÉ, J. Evocação de Manuel Bandeira. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1986-1988. Organização de Maximiano de Carvalho e Silva. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha: Presença, 1989. p.305.

¹⁹⁷ GUIMARÃES, **Contrapontos**, 2004, p.39.

¹⁹⁸ Em seu livro, Sonia explica: “Muita gente importante circulou em Apipucos. No meu precioso livro de autógrafos, tenho nomes importantíssimos, mas é dos humildes que quero fazer lembrar: Manuel Francisco, cabo eleitoral, Manuel Português, do Clube das Pás, Bebê, a amante platônica, que gostava de beijos e bolos, o compadre Vilácio, sua Eurídice e sua filharada, que também era o carteiro de Apipucos; de seu Nequinho e D. Maria, cujos filhos ainda são nossos amigos; de seu José Guimarães, com sua moto, em que muitas vezes, escondida, naturalmente, eu peguei carona, ele que era um perfeito guardião de Apipucos; de Bacalhau, ladrão confesso, que me metia medo, mas que dizia a papai que se sentisse protegido, pois no seu reduto ninguém fosse besta de meter a mão, de Teca e Galego, que conheci namorando e hoje sua filha Regina nos serve quando precisamos de um serviço de ‘buffet’ na Fundação Gilberto Freyre, pois dedicou-se a isso; do Sr. Cesário, o motorneiro do bonde que tanto me transportou sem pagar (o que me proporcionou deliciosos picolés, chamados de rua, que feitos sei lá de quê, tinham um sabor muito e muito especial) e pai de Maria, afilhada de mamãe, a pessoa mais chorona que já conheci, chora por tudo, de tristeza, de alegria, de saudade e, talvez, até por nada. E muitos outros mais. De Celina e Sr. Manuel Barçaça, que não perdiam uma festa dos Freyre. O neto deles, Alberto, é hoje o ‘guardião’ do Espaço Cultural da Fundação Gilberto Freyre.” (FREYRE, S. **Vidas vivas e revividas**. Recife: Edições Bagaço, 2004. p.150-151.).

José Olympio¹⁹⁹. Sonia Freyre rememora este tempo de criança no Rio de Janeiro com as seguintes palavras:

Para Gilberto esta temporada carioca foi muito proveitosa, pois muitos dos seus amigos mesmo nordestinos já moravam lá.

A casa vivia cheia e também nós freqüentávamos as casas deles. Também íamos sempre à Editora José Olympio, de tio J. O. (na época, na Praça Quinze), que sabia como ninguém congregar amigos. Tio Zé Lins (José Lins do Rego) morava perto do Jockey e eu adorava ir ver os cavalos com ele, mas as corridas eram privilégio de tio J. O. [...] Villa-Lobos me ensinou a cantar *Viva o sol da minha terra*. Tio Jardim (Luiz) e Alice moravam no menor apartamento que eu já tinha visto [...]

E tinha Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, com seus cabelos ruivos, Otávio Tarquínio e Lúcia Miguel Pereira, Tio Flag (Manuel Bandeira) que sempre se achava às portas da morte e que sobreviveu a muitos deles. Rodrigo e D. Graciema M. F. de Andrade, Maria do Carmo e José Nabuco, Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda, Leda e Arnon de Melo, Ana Amélia e Marcos Carneiro de Mendonça, Maria José (Juju) e Austregésilo de Athayde, os irmãos Condé, o primo Diogo de Melo Menezes, cuja filha Cristina é afilhada de meus pais. Aurélio Buarque de Holanda, que se vestia de Papai Noel em memoráveis festas de Natal [...] ²⁰⁰

Sonia tinha seis anos exatos quando a primeira folha do seu caderno é inaugurada. Nela, escreve Bandeira:

SEXTILHA DE FREI MANUEL
Sonia, filha de Gilberto
E filha de Madalena,
Cumprirá em moça, de certo,
O que promete em pequena.
Não verei isso de perto,
Serei bem longe... Que pena!
Manuel Bandeira
Rio, 30.XII.1948.

O poema, de 7 versos em redondilha maior, posteriormente publicado em *Mafuá do malungo*, com o título “Sonia Maria”²⁰¹, revela algo que já não é novidade acerca dos bastidores literários e intelectuais: Gilberto Freyre e Manuel Bandeira não tinham apenas ou sobretudo uma relação epistolar, como Mário e Drummond²⁰². Havia uma relação muito

¹⁹⁹ Sobre a convivência dos intelectuais e escritores ao redor da livraria e editora José Olympio, tais como Carlos Drummond de Andrade, Luiz Jardim, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Tomás Santa Rosa e o próprio Gilberto Freyre, da década de 30 até a década de 60, consultar SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006.

²⁰⁰ FREYRE, S., **Vidas vivas e revividas**, 2004, p.70-71.

²⁰¹ Ver Figura 27.

²⁰² Afirma Drummond na “Apresentação de Carlos Drummond de Andrade” à coletânea de cartas *A lição do amigo*, publicada em 1988: “A bem dizer, e paradoxalmente, jamais convivi com Mário de Andrade a não ser por meio das cartas que nos

próxima, como vemos pela datação do documento, que registra um encontro entre o Natal de 1948 e o Ano Novo de 1949. A morte, neste poema, também é referenciada de forma alusiva: Sonia cresceria e o poeta não a veria “desabrochar”.

O terceiro autógrafo do caderno é de José Lins do Rego²⁰³, datado de “Rio 1 de janeiro de 1949”. Nele, diz o romancista e um dos mais próximos amigos da família: “Sonia querida, tenho mais esperanças que o poeta Manuel, espero ver-te em moça a flor que já anuncia em botão”. A saúde de Bandeira, como se sabe, sempre requeria cuidados. Isso, mais uma certa resignação pessimista diante da possibilidade de viver mais cerca de 10 anos, fez com que José Lins do Rego, em outra chave, fizesse uma dedicatória otimista. Porém, como se sabe, a vida tomou um curso contrário à escrita, e José Lins morreu bem antes de Bandeira. Aproveitando-se dessa irônica disposição do destino, escreve muitos anos após João Cabral de Melo Neto²⁰⁴, em página datada de “Recife, 7.3.968”:

Tive a sorte de conhecer, ao mesmo tempo, Sonia e post-Sonia. Manuel não esperava a primeira “*blooming*”; José Lins esperava. O primeiro errou e o segundo não viu a segunda. Eu, sim; pude ver as duas: Sonia e Post-Sonia, ou, mais precisamente, Ana Cecília. (Assim, dou, no tempo, outra dimensão a este álbum: vejo que sou o primeiro a escrever, aqui, de POST-SONIA-ANA-CECILIA).

Com a melhor amizade do primo.

João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto é um parente com o qual Gilberto Freyre não tinha relações amigáveis ou próximas nos tempos da década de 40 e 50, apesar de ter o primo famoso ajudado o então poeta principiante a publicar seu primeiro livro, doando as sobras de papel alemão importado utilizado para a impressão do *Guia de Olinda*. Saíram 50 exemplares em papel de luxo e 200 em papel corrente na ocasião da publicação do seu *Pedra do Sono*²⁰⁵, em 1942²⁰⁶. Além de passagens que aludem a Gilberto Freyre e ao grupo que se reunia em torno dele, presentes em *Cão sem plumas* (1950) – “(É nelas, / mas de costas para o rio, / que ‘as grandes famílias espirituais’ da cidade / chocam os ovos gordos / de sua prosa. // Na paz redonda das cozinhas, / ei-las a revolver viciosamente / seus caldeirões / de preguiça

escrevíamos, e das quais a parte mais assídua era sempre a que vinha de São Paulo, discutindo temas estéticos e práticos, oferecendo e renovando oferecimento de préstimos, reclamando da preguiça ou do desânimo do missivista incorreto. Nem mesmo a partir de 1938, quando ele passou a morar no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1941, e onde eu já residia desde 1934, nos vimos assiduamente e menos ainda nos dedicamos à fraterna conversa, devido a esses tapumes que o trabalho (só ele?) costuma levantar entre pessoas que se estimam cordialmente [...]” (ANDRADE, C.D. de apud ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de, **Carlos e Mário**, 2002, p.35.). Aproveito para indagar: quais seriam esses “outros tapumes” a separarem ambos?

²⁰³ Ver Figura 29.

²⁰⁴ Ver Figura 38.

²⁰⁵ MELO NETO, J.C. de. **Pedra do sono**. Recife: Of. Gráf. Drechsler, 1942. Edição do autor.

²⁰⁶ Cf. depoimento de João Cabral de Melo Neto em: STEEN, Edla van (Org.). **Viver e escrever**. Porto Alegre: L&PM, 1981. v.1.

viscosa.)”²⁰⁷ – e em *Morte e vida severina* (1965) – “- Todo o céu e a terra / lhe cantam louvor / e cada casa se torna / num mocambo sedutor. // - Cada casebre se torna / no mocambo modelar / que tanto celebram os / sociólogos do lugar.”²⁰⁸ –, também há um trecho de carta a Drummond em que o futuro poeta, tentando organizar o Congresso de Poesia do Recife, que seria realizado, de fato, no ano seguinte, reclama explicitamente que o ambiente recifense de 1940 não era favorável à livre expressão e à produção artística:

Mas é que outro movimento começa a se esboçar, chefiado pelo eminente sociólogo Gilberto Freire – ditador intelectual desta boa província –, obedecendo ao “*slogan*” de que “os tempos não estão para poesia”. [...] No entanto, você sabe [...] como é tristonho ver-se a arte e a poesia em particular relegadas ao plano de simples divertimento, indigno das “duras horas que estamos vivendo”.²⁰⁹

Apesar desses estranhamentos, talvez o sentimento de pertencimento a um espaço, talvez o sentimento familiar ou mesmo – o que é mais provável – a admiração pelo trabalho um do outro os aproximam. João Cabral, em algumas entrevistas, declara que o primo é o maior prosador em língua portuguesa. Declara até mesmo que não escreve prosa por tê-lo como espécie de mito inalcançável. Em *Museu de tudo* (1975), publica o poema comemorativo aos quarenta anos de *Casa-grande & senzala*, escrito provavelmente em 1973:

Ninguém escreveu em português
no brasileiro de sua língua:
esse à vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem se espreguiça.²¹⁰

As diferenças ideológicas são o motivo maior do afastamento de ambos nos anos conturbados da década de 40 e 50, que atravessam o período pós-guerra. João Cabral, apesar de nunca declarar suas opções políticas, mesmo porque seguia carreira diplomática, era um esquerdista convicto. Gilberto Freyre, por sua vez, era reconhecido por Cabral como um representante da velha elite, que, ao escolher ser um intelectual de província, dá preferência por trabalhar com temas demasiadamente “domésticos”. Porém, além da admiração pela prosa de Gilberto, o Cabral, de tendências vanguardistas, também passou a rever suas posições

²⁰⁷ MELO NETO, J. C. de. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.75-76.

²⁰⁸ MELO NETO, **Serial e antes**, 1997, p.173.

²⁰⁹ Carta de João Cabral de Melo a Carlos Drummond de Andrade, com datação “Recife, 30 de outubro de 1940”. (Cf. MELO NETO, J.C. de. **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Organização, apresentação e notas de Flora Sússekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. p.161-162.).

²¹⁰ MELO NETO, J. C. de. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.61-62.

estéticas – não digo, porém, ideológicas – quando do seu convívio com intelectuais e artistas europeus na década de 50:

Se v. acha que está ficando velho por não compreender a arte abstrata creio que está enganado. Em primeiro lugar não há o que compreender. Acho que v. quer dizer “aceitar” em lugar de compreender. Pois quanto a “aceitação” devo dizer que estou com 31 anos e não aceito. E que na Europa, hoje, cada dia mais ela está sendo menos aceita. O que acontece é que no Brasil as coisas chegam com bastante atraso. E esse entusiasmo pela arte abstrata chegou atrasadíssimo.

Por que v. não toma a frente de um movimento contra essa arte abstrata? [...] Eu namorei essas coisas quando estive no Brasil. E quando vim para a Europa compreendi o que havia por debaixo de tudo isso e o trágico que é para nós brasileiros nos entregarmos a todos esses requintes intelectuais. Porque da Europa é que pude descobrir como o Brasil é pobre e miserável. [...]

Por tudo isso ser abstrato é trágico e ridículo para um brasileiro. E dizer isso claramente vale qualquer incômodo. V. com o seu prestígio devia iniciar essa campanha contra o cosmopolitismo de nossos intelectuais. Tenho a certeza de que o que nós temos de melhor: Gilberto Freire, Villa-Lobos, José Lins do Rego, Portinari, etc., seguirão o apelo.²¹¹

O João Cabral que dialoga intensamente com a vanguarda européia na década de 40 mostra já uma nítida guinada em busca da comunicabilidade na década de 50, com *O cão sem plumas*. Vê-se, portanto, que a questão do cosmopolitismo e do localismo nas artes retorna para Cabral depois de sua experiência européia, dialogando com o contexto brasileiro que antecede os anos eufóricos do avanço do movimento concreto e do desenvolvimentismo. E Gilberto Freyre está no mundo de palavras em tensão que Cabral passa a compor poeticamente.

Voltando ao *Caderno de autógrafos* de Sonia Freyre, este Cabral, que se revela nas páginas, é o mais familiar, que visita o Solar de Apipucos e brinca com a irônica revelação da morte prematura de José Lins – que se deu em 1957 – e com a longevidade surpreendente de Bandeira. O poeta do Capibaribe, nascido em 1920, sobreviveu aos dois – a Lins e a Bandeira –, podendo presenciar não só o desabrochar de Sonia, como o crescimento de sua primeira filha, Ana Cecília, nascida em 1963. À filha de Sonia dedicou também um poema pelos seus 15 anos, alguns anos depois, fazendo uma viagem pelas ascendências familiares, recuperadas e amarradas por meio de versos metalingüísticos que culminam com a bela imagem de que o melhor parentesco, dessa “família que é dialeto”, é “o da linguagem e do gesto”:

²¹¹ Carta de João Cabral de Melo Neto a Manuel Bandeira, com datação “11.12.951”. (Cf. MELO NETO, **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**, 2001, p.145-146.).

Difícil, Ana Cecília
 Dizê-la, se não a conheço,
 Mas sei que mais distante
 Do que eu, é Gonsalves de Melo
 Bisneta da tia avó Atia
 Neta do primo-tio Gilberto
 Filha da prima-prima Sonia
 (que tem o ser da avó, esbelto)
 Não perca Ana Cecília
 O sangue Gonsalves de Melo
 E peço-lhe, primo já longe
 Que nunca esqueça seus elos
 Com essa família que soube
 Criar com a linguagem e com o gesto
 Certo ser especial de ser:
 Família que é dialeto.
 Dialeto que posso detetar
 Na prosa do primo-tio Gilberto,
 No caráter de minha vó
 E de minha mãe no léxico,
 De meu tio Ulisses, no “humour”
 Com que via o mundo e seus restos,
 No ser das tias, primas-tias,
 Ou no estar de pé incorreto
 (pernas curvas para trás
 que nos curvava qual marrecos),
 Enfim no parentesco melhor
 Que é o da linguagem e do gesto.²¹²

A família metalingüística dos “Melo” traduz, neste poema em que se manifesta o melhor estilo cabralino, com versos que variam da redondilha maior ao decassílabo e com rimas toantes, uma verdade mais profunda que a aparência só poderia captar enquanto caricatura – da família de “pernas curvas para trás”, que os “curvava qual marrecos”. O poema de Cabral, diferente do tipo de verso de circunstância de Bandeira ou mesmo Drummond, articula uma linguagem racional, um lirismo reticente. E poderia haver parentesco mais profundo do que o “da linguagem e do gesto”?

Folheemos um pouco mais o *Caderno de autógrafos*. O documento datado de José Lins é de primeiro de janeiro de 1949, portanto no Ano Novo. Antes dele, há o de Luiz Jardim²¹³, datado simplesmente de “48”. Mas, por estar intercalado entre Bandeira e José Lins, infere-se que se tratava das vésperas do Ano Novo. Nele o escritor e pintor escreve: “E era um coelho: que não tinha as orelhas grandes por causa do burro do autor. Lula /Rio”. Os dias imediatamente seguintes rendem outros autógrafos de intelectuais que participam de um

²¹² Cf. FREYRE, S., *Vidas vivas revividas*, 2004, p.18-19.

²¹³ Ver Figura 28.

grupo muito próximo. Nele, deixarão registradas palavras para Sonia: Lúcia Miguel Pereira²¹⁴ (“Quando eu era menina imaginava que era fada; agora sei que todas as crianças são fadas, Sonia, porque podem, como você poderá, realizar tudo quanto desejam”, com datação “Em casa de Naná²¹⁵, dia de Ano Bom de 1949”); Octávio Tarquínio de Sousa²¹⁶ (“Sonia não gosta de mim; mas eu gosto dela. Um dia ela gostará de mim, porque é filha de Gilberto e Madalena”, com datação “Rio, 1.1.1949”); Gastão Cruls²¹⁷ (“Sonia, com sono, com insônia, sonhando ou acordada, você será sempre para mim uma flor”, com datação “2.1.49”); José Olympio²¹⁸ (“Quero que Sonia seja muito amiga de minha Verinha”, com datação “Rio, 9 junho 1950”); Heitor Villa-Lobos²¹⁹ (“Soninha / Não posso ser a Bandeira de Manuel, mas considero-me um estandarte de sólida amizade. Que diga o seu paizinho querido. A amizade é como um sol, astro e som. Ame a vida para amar a todos”, com datação: “Rio, /6/50”); Cícero Dias²²⁰ (“Para Sonia um pouco de brisa de mar na nossa velha amizade. Paisagem marinha longe de Casa-grande e Senzala”, sem datação); e o casal Robert Lowell²²¹ (“*For Sonia who rings a bell in my mind though I lack words to describe what I hear*”, com datação “June 1962”²²²) e Elizabeth Lowell (“*To Sonia, smiling, intriguing daughter of a smiling, fascinating house. With gratitude for the kindness shown us [ilegível] the diverse pleasures given us*²²³”). Por fim, dentro desta nossa seleção, ainda há um poema de Jorge de Lima, com datação “Recife, 28 de fevereiro de 1952”:

É fácil ver-se de perto
o que Sonia de Gilberto
Freyre no mundo será:
O que o pai é desde já;
herança de freires é
mais que herança: Sonia é fé.

Além do mais, há desenhos que acompanham as palavras, como nas páginas escritas por Luiz Jardim, Villa-Lobos e Cícero Dias.

²¹⁴ Ver Figura 30.

²¹⁵ Naná (Filomena Masa Lins do Rego) era a esposa de José Lins do Rego, o que permite inferir que todos os nomes que assinaram no caderno de Sonia naquele dia passaram o Ano Novo juntos.

²¹⁶ Ver Figura 31.

²¹⁷ Ver Figura 32.

²¹⁸ Ver Figura 33.

²¹⁹ Ver Figura 34.

²²⁰ Ver Figura 36.

²²¹ Ver Figura 37.

²²² “Para Sonia que toca um sino em minha mente embora eu não tenha palavras para descrever o que ouço. Junho 1962.” (tradução nossa).

²²³ “Para Sonia, sorridente, intrigante filha de uma sorridente, fascinante casa. Com a gratidão pela cortesia mostrada para nós [ilegível] os diferentes prazeres dados a nós.” (tradução nossa).

No caderno, podemos encontrar marcas a lápis e a caneta certamente de interesse artístico, como os poemas de Bandeira e Jorge de Lima ou o desenho de Cícero Dias. Porém, gostaria ainda de chamar atenção para o círculo de intelectuais que Gilberto Freyre frequenta e que Sonia Freyre testemunha. Trata-se dos grandes intelectuais e escritores do período, que, em sua maioria, sobrevivem graças ao trabalho para o mercado editorial brasileiro, em franco desenvolvimento na época. Mas também é um grupo composto por pessoas ativas e engajadas em projetos artísticos e intelectuais renovadores e com forte compromisso com os temas brasileiros.

A editora e livraria José Olympio seria uma instituição símbolo dessa geração de artistas e intelectuais. Ela é responsável, na década de 30, pelo grande projeto editorial para José Lins do Rego, abraça Gilberto Freyre, Lúcia Miguel-Pereira, Octávio Tarquínio de Sousa – que assumiu a Coleção Documentos Brasileiros após Gilberto Freyre deixar a direção, em 1939 – e Gastão Cruls, para citar nomes que estão no caderno. Além disso, Luiz Jardim fazia parte do quadro fixo de funcionários, contribuindo para desenvolver um arrojado projeto gráfico para a época. Sobre a importância da José Olympio como espaço de congregação, diria Hallewell:

Um dos resultados [da amizade de J.O. com os autores] foi tornar a livraria do Ouvidor conhecida como ponto de encontro, no centro da cidade, para escritores e artistas de todos os matizes de opinião progressista, um verdadeiro clube onde as pessoas se encontravam, conversavam, deixavam recados, até mesmo usavam como endereço para correspondência.²²⁴

Se a convivência, apesar de certos atropelos com o governo, foi relativamente tranqüila nos anos do Estado Novo, os tempos se tornariam sombrios pouco depois, na época da ditadura militar, coincidindo, também, com a desaceleração da própria livraria e editora e com a diminuição do seu espaço de livre circulação das mais diferentes tendências políticas e das mais distintas opções literárias e estéticas.

Ainda no universo dos guardadores de papéis, gostaria de destacar alguns documentos dessa *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* que chamam a atenção não só pela mensagem que contêm – e que está transcrita no capítulo a seguir –, mas também por outros índices agregados que lhe conferem um valor adicional, seja pela ilustração como testemunha de lugares que se visitou, seja pelos riscos e rabiscos que dão um valor imaginativo àquilo que se descreve ou se aborda na carta.

²²⁴ HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005. p.451.

Há dois documentos interessantes em que a escrita é acompanhada de ilustrações. Em um primeiro, datado de “Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936”²²⁵, enviado por Bandeira a Freyre, há um desenho de Joanita Blank, a amiga de Bandeira, quase filha, que inclusive foi assídua colaboradora do jornal *A Província*, quando dirigido por Gilberto Freyre. A imagem de Copacabana é feita (ou reproduzida por métodos utilizados na época) em um tipo de papel de carta especial. São os clientes das Empresas Elétricas que adquirem seus papéis de carta estampados utilizados como *Season's Greetings*, cartões de final de ano, enviados para os Estados Unidos pelos empregados estabelecidos no Brasil. O interessante é notar que a imagem pitoresca de Copacabana é certamente de grande apelo aos norte-americanos, pelo desenho suave da linha marítima envolvida pelas suaves montanhas da cidade. A paisagem humana também está presente: altos prédios sugerem um desenvolvimento econômico incomum para a época e, em harmonia, pessoas passeiam pela areia da orla. Não é à toa, portanto, que eles rendem “umas centenas de mil réis” para a desenhista, pois não haveria melhor maneira de ilustrar uma mensagem natalina eufórica, de prosperidade, felicidade e paz, do que esta.

Sabe-se que uma tristeza profissional de Bandeira foi não ter conseguido ser arquiteto. No *Itinerário de Pasárgada*, afirma:

Pouco tempo depois partia eu para São Paulo, onde ia matricular-me no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica. Pensava que a idade dos versos estava definitivamente encerrada. Ia começar para mim outra vida. Começou de fato, mas durou pouco. No fim do ano letivo adoecei e tive de abandonar os estudos, sem saber que seria para sempre. Sem saber que os versos, que eu fizera em menino por divertimento, principiaria então a fazê-los por necessidade, por fatalidade.²²⁶

Porém, Bandeira não perde a beleza do traço, que treinava quando jovem por ser também um requisito para cursar a Escola Politécnica. Na verdade, sua habilidade se mostrava já quando menino, segundo ele, um

gosto que me foi muito jeitosamente incutido por meu pai, sempre a me interessar no desenho, dando-me a ler os livros de Violletle-Duc (*L'Art du Dessin, Comment on Construit une Maison*), mostrando-me reproduções das grandes obras-primas arquitetônicas do passado, criticando com zombaria os aleijões dos mestres-de-obra do Rio.²²⁷

²²⁵ Cf. cap.3, Documento 26; v. tb. Figuras 8 e 9.

²²⁶ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.39.

²²⁷ BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.38.

A carta de 26 de outubro de 1953²²⁸ mostra esta habilidade recalcada do Bandeira desenhista. Nela, a faceta cronista – que de certo modo está presente no pintor de paisagens e retratos – se insinua ao descrever em detalhe a paisagem vista de sua janela, metaforicamente comparada a uma feijoada completa:

Aqui tem você, muito canhestramente esquiçada, a vista que eu tenho do meu novo apartamento no mesmo edifício São Miguel. Estou agora no 8º andar, apartamento 806. A área é a mesma, o aluguel (perdi a proteção da lei do inquilinato) passou de 650 a 3.000! Mas vale a pena. O sol entra de manhã pelo quarto adentro e vai [puxar] as roupas no armário ao fundo. A paisagem é como uma feijoada completa: tem de [um] tudo – aeroporto com aviões entrando e saindo a cada momento, um portozinho de caíques e moles de regatas, lanchinhas e *motor-boats* e até uma casinha lacustre com cão de guarda: é a água que você vê no primeiro plano.

O traço do desenho, no topo da primeira página do papel, é rápido e muito sugestivo, como suas palavras de cronista epistolar. Bandeira não deixa escapar nada que pudesse dar um toque diferencial ao seu desenho: mar, montanhas, barcos, aviões, casinha etc. A parte terrestre é – o que surpreende numa paisagem – pontiaguda. A vista é enfocada numa perspectiva do observador de cima para baixo, sugerindo que o poeta desenha, de fato, apoiado na janela de seu apartamento, situado na altura do oitavo andar, em frente a uma belíssima e rara paisagem. E Bandeira sabe ressaltar o pitoresco que há nela. A tradição do cartógrafo que toma dados da paisagem e a modernidade do provinciano atento para imagens do futuro, como aviões, casam-se de forma equilibrada; o sublime da paisagem natural dá guarida aos índices da modernidade.

Do conjunto, ainda gostaria de destacar os cartões-postais datados de “18 de dezembro de 1952”²²⁹, “28 de setembro de 1957” e “25 de dezembro de 1963”, todos enviados por Bandeira, o primeiro assinado “Manuel” e os dois últimos “Flag”. O primeiro demonstra que guardar cartões-postais para posterior envio pode ter sido um costume da época. Supõe-se, pela imagem estampada – da Avenida 7 de Setembro, de Petrópolis, hoje Rua Imperatriz, com um córrego envolto por uma fileira de árvores frondosas dos dois lados –, que Bandeira estava em Petrópolis, aonde costumava ir para tratamento de saúde. Mas as palavras que acompanham o postal esclarecem: “Esta paisagem não quer dizer que eu já tenha subido para Petrópolis. Ainda fico por aqui este mês de dezembro, que aliás está bastante quente”. O cartão-postal, na verdade, tomou as vezes de um cartão de Natal e Ano Novo, parabenizando a família Freyre pela data festiva no final de 1952.

²²⁸ Cf. cap.3, Documento 45; v. tb. Figura 10

²²⁹ Cf. cap.3, Documento 42; v.tb. Figuras 11 e 12.

Já o cartão-postal com datação “28 de setembro de 1957”²³⁰ é enviado da Europa e traz a seguinte mensagem:

Minha escapada à Europa tem se saído bem, salvo a gripe que apanhei em Londres (acho que foi a asiática, tive que entrar na penicilina). Estou aqui desde o dia 24 e volto já a Holanda no próximo dia 2. Ao Brasil no dia 24 de outubro. Adorei a Holanda. O tempo me tem favorecido, variável mas com muitos dias bonitos. Já estive com Cícero e o Vinicius. Cícero tem me ajudado muito com o seu Chevrolet. Adeus, mestre. Receba com Madalena e os meninos um abraço de
Baby Flag

De 31 de julho de 1956 a primeiro de setembro de 1957, Bandeira fez viagem à Europa em navio, que está registrada no “Diário de Bordo”, publicado em *Flauta de Papel*. Ao que tudo indica, este cartão foi enviado a Freyre durante a estada de Bandeira em Paris. Nele, o mais inusitado é a imagem do *Chimères de Notre-Dame – Le Rongeur*²³¹. Segundo a mitologia grega, *chimère*, ou em português quimera, é um animal fabuloso com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente que soltava fogo pelas ventas²³². Bandeira estava tendo contato com o mundo fabuloso da Idade Média européia, em companhia dos brasileiros Cícero Dias, o pintor radicado em Paris, e Vinícius de Moraes, o poeta que segue carreira diplomática. E, talvez percebendo algo contíguo às assombrações de que Freyre tanto gostava, envia tal cartão a Apipucos.

O último cartão-postal enviado por Bandeira, e preservado no conjunto da correspondência, é de 25 de dezembro de 1963²³³. Traz a imagem de um retrato de Jan Six, feito por Rembrandt.

A Magdalena e Gilberto, com as minhas grandes saudades, envio os meus votos de bons anos.
Quando dará um ar de suas graças por aqui?
Queremos tomar conhecimento do casal logo com o aspecto de vovôs.
Grande abraço do velho Flag

As palavras que seguem no cartão-postal são simples, índices da cordialidade entre amigos muito próximos. A única informação que temos é aquela sobre o nascimento de um neto de Magdalena e Gilberto, provavelmente, pela data, de Ana Cecília, filha de Sonia e de Antônio Alves Pimentel Filho.

²³⁰ Cf. cap.3, Documento 51; v.tb. Figuras 13 e 14.

²³¹ *Le rongeur* significa, em português, “o roedor”.

²³² GUIMARÃES, R. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1993.

²³³ Cf. cap.3, Documento 55; v. tb. Figuras 15 e 16.

Mas atentemos um pouco mais para a imagem. Rembrandt van Rijn (1606-1669), considerado um dos maiores pintores de todos os tempos, cresceu numa época de grande prosperidade econômica e de desenvolvimento no campo cultural e artístico na Holanda do século XVII – note-se foi contemporâneo à ocupação holandesa em Pernambuco, que se deu de 1630 a 1654. Grande retratista, pintou seu amigo Jan Six (1618-1700) em algumas ocasiões. A técnica de Rembrandt é surpreendente para a época: realista, impactante e precisa no traço e no uso das cores, sempre em tons sóbrios, às vezes sombrios, e sempre instilando vida psicológica ao retratado. O que ressalta nos traços deste retrato de Jan Six é a altivez do aristocrata e a sabedoria de um verdadeiro *scholar*, devotado às artes e à cultura. O retrato de corpo inteiro ainda permite uma visão do espaço requintado de residência típica da elite da época, com quadros, janela larga, longas cortinas, poltronas confortáveis, luz moderada, compondo o ambiente ideal para o cultivo da sensibilidade intelectual e artística – Jan Six também foi dramaturgo. Pela idade aparente do retratado, vê-se que o quadro foi realizado na época de sua maior proximidade com Rembrandt, na década de 1640, depois que o jovem Six se formou em Artes Liberais e Direito em Leiden, no ano de 1634.

Que beleza poderia Bandeira compartilhar com o amigo Freyre ao enviar este cartão-postal? Ambos, Freyre e Bandeira, vieram de famílias que, se não ricas, pelo menos gozavam de algum conforto econômico – o pai de Gilberto Freyre era advogado, professor e magistrado, e o de Bandeira, engenheiro. Apesar de uma ascendência aristocrática, tantas vezes exaltada por Freyre em seus escritos, a trajetória de ambos privilegiou o trabalho intelectual e artístico. De um lado, assim, temos o *scholar* de ampla erudição; de outro, o escritor cultivado, que valoriza o legado da tradição. Bandeira, por exemplo, não participou do ímpeto iconoclasta da Semana de Arte Moderna de 22²³⁴. Freyre, por sua vez, sempre ressaltou o valor da *intelligentsia* enraizada na tradição como necessário para se lançar para o futuro: “Paralelo a um esforço de reação contra os falsos valores de vida, economia e cultura que nos impuseram uma filosofia e um liberalismo sem raízes nos nossos antecedentes e nas nossas atualidades, semelhante inquérito está a impor-se como o programa da nossa geração. Quase se pode dizer que *tout se joue sur nos têtes*”²³⁵, diria em sua conferência *Apologia pro generatione sua*. O mais interessante, porém, é observar que esta altivez elitista, como neste

²³⁴ Em seu *Itinerário de Pasárgada*, esclarece Bandeira: “Também não quisemos, Ribeiro Couto e eu, ir a São Paulo por ocasião da Semana de Arte Moderna. Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificados e rimados.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.65).

²³⁵ FREYRE, G. **Apologia pro generatione sua**. Disponível em: <http://bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/apologie.htm>. Acesso em: novembro de 2007. Palestra originalmente publicada como texto autônomo na Paraíba, com datação de 5 de abril de 1924.

retrato de Rembrandt, sempre funcionou mais como ideal a ser combinado com uma forma particular de aproximação com a realidade. Como diz Gilberto Freyre:

RECIFE, 1927

Disse-me ontem o J. que ouvira dizer-se numa roda de intelectuais que não era possível que eu fosse “o assombro que dizem que sou, de saber”, sendo “tão boêmio”. Isto porque às vezes sou visto em pensões de mulheres, em clubes populares de carnaval como o das Pás, dançando com as morenas em pastoris como o do Poço, em ceias de sarapatel no Bacurau ou no Dudu (nestas quase sempre na companhia do velho Manuel Caetano). É uma verdade esse meu jeito de impregnar-me de vida brasileira como ela é mais intensamente vivida, que é pela gente do povo, pela pequena gente média, pela negralhada: essa negralhada de que os “requintados” (como eu estou sempre a chamar os intelectuais distantes do cotidiano da plebe) falam como se pertencessem a outro mundo.²³⁶

Para Freyre e Bandeira, não é sem contradições que vivem essa aproximação com o povo. Acercaram-se da cultura popular e da boêmia, mas não deixaram de viver os resquícios do aristocratismos como marca de identidade pessoal e do nosso desenho histórico. Assim, tenho dúvidas em dizer que a experiência política empreendida por ambos tenha sido propriamente democrática; mas foi, de fato, atenta ao cotidiano humilde naquele contexto de profunda desigualdade econômica e social, em que as marcas negativas da escravidão, apesar de abolida, podiam ser sentidas em qualquer ângulo para o qual se olhasse. São contradições que, talvez percebidas de forma bem dramática ou intensa no Brasil, têm seu paralelo – apesar de serem outras as classes sociais envolvidas, mesmo que haja semelhante polarização entre dominantes e dominados – na vida artística européia:

Os defensores da “arte pela arte” ocupam no campo intelectual uma posição *estruturalmente ambígua* que os leva a sentir de maneira redobrada as contradições inerentes à posição ambígua da fração intelectual e artística na estrutura das frações das classes dominantes. Pelo fato de sua posição no campo obrigá-los a pensar sua identidade estética e política de modo simultâneo ou sucessivo (conforme a conjuntura política) em oposição aos “artistas burgueses”, homólogos aos “burgueses” na lógica relativamente autônoma do campo, ou em oposição aos artistas “socialistas” ou à boêmia, homólogos ao “povo”, estão fadados a formar imagens contraditórias tanto de seu próprio grupo quanto dos grupos a que se opõem.²³⁷

O artista, assim como o intelectual, pode, por um lado, identificar-se com o povo e, por outro, com o aristocrata. Embora nem Freyre nem Bandeira propugnassem a “arte pela

²³⁶ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.207-208.

²³⁷ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.193-194.

arte”, outra não é a contradição vivida por eles, os quais, no campo cultural brasileiro, procuraram sempre um meio termo para suas formulações e soluções estéticas: não só abstratos ou pitorescos; não só vanguardistas ou tradicionalistas; não só ingênuos ou reflexivos; não só boêmios ou estudiosos e requintados da elite; não só apreciadores de uma boa feijoada, nem de caviar; não só provincianos, nem cosmopolitas. Os dois lados da moeda são colocados lado a lado ou justapostos. Nesse sentido, o paralelo político que podemos fazer é com o próprio Regime Vargas, época de aparente harmonia – não sem perseguições e agressões abertas – entre pessoas das mais diferentes correntes ideológicas²³⁸. Em tempos de nacionalismo exacerbado e de concomitante aceleração técnica e modernização, “tradição e modernidade se fundiam harmonicamente no empreendimento que consagrava, a um só tempo, o reforço do sistema presidencial e a construção mítica da figura de seu representante como uma encarnação do Estado e Nação”²³⁹. Eram tempos em que caminhavam projetos complexos e contraditórios de país, cuja dinâmica, evidenciando principalmente uma fluidez entre público e privado, parece permanecer, até hoje, suspensa.

Outro paralelo no campo cultural mais evidente é com o grupo formado em torno da livraria e editora José Olympio, que, do mesmo modo, era um espaço de congregação heterogênea. Uma foto oficial de um jantar comemorativo aos 50 anos de Graciliano Ramos, em 27 de outubro de 1942, promovido por Álvaro Lins, Augusto Frederico Schmidt, Francisco de Assis Barbosa, José Lins do Rego, José Olympio e Octávio Tarquínio de Sousa dá a dimensão das incongruências daquele período. Observe-se como Lucila Soares reporta a ocasião:

A fotografia oficial do evento, que reuniu quase cem pessoas e na qual Graciliano aparece ao lado de Capanema [seu desafeto devido às políticas getulistas, que causaram sua perseguição e prisão entre 1936 e 1937], é uma

²³⁸ É importante observar como o governo de Getúlio Vargas combinou nacionalismo e modernização no campo político, administrativo e cultural, o que teve, ao final, um efeito conciliador. Veja-se esta análise que faz Wilson Martins sobre o período que antecede o Estado Novo: “Fatos à primeira vista desconexos e sem significação política concorriam, cumulativamente, para confirmar e fortalecer esse estado de espírito: assim, em junho, a *Revista Acadêmica* reimprimiu, por estar ‘injusta e significativamente esquecido’, o artigo ‘Nacionalismo’, de Alberto Torres; o governo, de seu lado, criou o Instituto Nacional do Livro e, logo depois do golpe político, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cujas origens longínquas estavam, aliás, num projeto redigido por Mário de Andrade e já em fase final de discussões na Câmara dos Deputados; a Universidade do Distrito Federal continuava a funcionar sob a direção de Anísio Teixeira, cuja filosofia educacional, observaria mais tarde Hermes Lima, era ‘tanto conservar quanto mudar’. Saíram, por sinal, nesse ano, as *Lições Inaugurais da Missão Universitária Francesa*, proferidas no período letivo anterior. Lembremos, em outra ordem de idéias, que, criada pela Constituição de 1934, a Justiça do Trabalho adquiriria com a de 1937 a estrutura autônoma que conserva até hoje. / Mesmo nos meios musicais, o Estado Novo, por causa do nacionalismo programático, foi entusiasticamente recebido [...] Observe-se, de passagem e para situar em perspectivas corretas essas tomadas de posição, que, militante ou hibernante, o ideal nacionalista sempre foi uma tendência na história da nossa música. Havia, contudo, desde o segundo lustro do século, perfeitamente integrado na atmosfera espiritual que produziria o Modernismo, um movimento ininterrupto destinado a desabrochar, precisamente, em nossa música moderna.” (MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1976-1978. v.7, p.90.).

²³⁹ GOMES, A. Política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: *HISTÓRIA da vida privada no Brasil*, 1998, p.522.

imagem emblemática da convivência entre direita e esquerda, entre conservadorismo e ousadia, marca da política cultural de Getúlio. O DIP, Lourival Fontes à frente, controlava com mão de ferro todas as manifestações culturais, dos jornais aos enredos de escolas de samba, além de determinar o conteúdo de toda a programação das rádios. E o Ministério da Educação, sob o comando de Gustavo Capanema, se cercava de intelectuais de todas as tendências políticas e levava à frente projetos importantes, como a Universidade do Brasil, o Instituto Nacional do Livro e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.²⁴⁰

A trajetória de Bandeira e Freyre, tendo gozado, como tantos outros intelectuais, as benesses do estado getulista, é exemplar da situação do intelectual e do artista que ainda não podia usufruir de um mercado de bens simbólicos razoavelmente autônomo. Para a publicação de livros, era comum, mesmo para um artista de renome como Bandeira, os favores de amigos ou a presença dos subscritores, que compravam muitas vezes por camaradagem. O Brasil passava por grandes transformações em todas as esferas, modernizava-se em suas bases de produção, e a ambigüidade do período se refletiu no próprio modo como os escritores o viveram e sobre ele escreveram²⁴¹.

Ainda algumas últimas palavras sobre o cartão-postal. Gilberto Freyre escreveu um ensaio tido como o primeiro dedicado ao tema, intitulado “Informação, comunicação e cartão-postal”²⁴². Como ele mesmo afirma, “não me consta que já se tenha realizado ou publicado estudo sobre assunto aparentemente tão frívolo ou insignificante”. Na primeira metade do século XX, parece que realmente os cartões-postais eram assim encarados, pois até um arquivista zeloso como Mário de Andrade, que ordenou de forma criteriosa e paciente cartas, livros, revistas, obras de arte etc., deixou seus 246 cartões-postais em completa desordem,

²⁴⁰ SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006, p. 110.

²⁴¹ Sobre o alcance das medidas do governo de Getúlio Vargas nos campos intelectual e artístico (as quais teriam impacto grande para a geração de Freyre e Bandeira) tomadas pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo à frente Gustavo Capanema, principalmente na segunda metade da década de 30, leia-se: “[...] entre as preocupações fundamentais de Gustavo Capanema como Ministro da Educação e Saúde estava a de pôr em prática as medidas de largo alcance destinadas a proteger as ‘obras, monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza’ – em resumo, a proteger o patrimônio histórico e artístico e paisagístico brasileiro [...] Entre os seus principais colaboradores, é forçoso destacar os nomes de Carlos Drummond de Andrade (Chefe de Gabinete do Ministro), Rodrigo Melo Franco de Andrade (Diretor do SPHAN), Augusto Meyer (Diretor do INL), Raul Leitão da Cunha (Reitor da Universidade do Brasil), San Tiago Dantas (Diretor da FNF), Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Luís Camilo de Oliveira Neto, Lúcio Costa, Prudente de Moraes Neto, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Burle Marx, Heitor Vila-Lobos, entre outros, o que ajuda a compreender o significado desse momento histórico para o país.” (SILVA, Maximiano de Carvalho. Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n.4, [199?], p.70-71.).

²⁴² FREYRE, G. Informação, comunicação e cartão-postal. In: _____, **Alhos & bugalhos**, 1978, p.146.

usados como marcadores de livros, para recados ou abandonados em caixa de papel²⁴³. É certo que se poderia pensar que sua atitude seria proposital, uma forma de ter contato ao acaso com tais peças, porém parecia que, no geral, não havia um interesse maior por esse tipo de suporte.

Freyre, na contramão da época, fala do assunto sob diversos ângulos, afirmando que o postal proporciona maior proximidade interpessoal do que o telegrama ou telefonema, talvez por ser turístico, pelas paisagens, pelas figuras humanas, monumentos estampados etc. Por ser pictórico, especula que haveria maior interesse por parte de colecionadores. Sobre a peculiaridade da informação que traz, pode ser simples, frívolo e até literário. No confronto com a carta, Freyre afirma ser o cartão-postal mais resistente ao tempo e poder ter um destino mais feliz: “Os substitutos das cartas assim queimadas ou jogadas no lixo são os postais, salvos do destino das cartas [que brasileiro nunca guarda] pelas suas ilustrações”²⁴⁴. Os cartões-postais substituiriam, assim, as cartas, numa sociedade em que os papéis velhos não permanecem, segundo o escritor, por serem queimados e destruídos impiedosamente. E ambos os suportes seriam bastante reveladores das condições de uma sociedade e de uma época:

Correspondência pessoal, íntima, particular, que é de ordinário aquela em que o homem menos esconde dos olhos do próximo seus verdadeiros sentimentos e suas verdadeiras atitudes para com instituições, pessoas e condições de vida para ele novas; para com a natureza, a arquitetura, a população, a alimentação de um país novo e às vezes, para sua imaginação, messiânico: terrível prova para qualquer país num mundo como o nosso, em que as imperfeições quase sempre superam de modo brutal as perfeições.²⁴⁵

Freyre, portanto, perseguindo esta idéia de como quem escreve se vê e interpreta a paisagem ao seu redor, faz uma série de reflexões sobre a euforia do início do século passado por parte dos portugueses trabalhando em Manaus – onde se comia *patê* e *caviar*, se bebia cerveja alemã e *champagne* francês, onde se lia Olavo Bilac. O cartão-postal, para Freyre, teria assumido a atmosfera dos tempos eufóricos como nenhum outro veículo de informação. Se fosse para se lamuriar, o remetente escolheria a carta ou se silenciaria, mas não enviaria um cartão-postal.

Gilberto Freyre capta uma característica do postal que parece se comprovar no uso que dele se faz. Manuel Bandeira, por exemplo, publica sua “Carta-poema”, em *Mafuá do*

²⁴³ Cf. TUDO está tão bom, tão gostoso: postais a Mário de Andrade. Organização, estudo e notas por Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1993.

²⁴⁴ FREYRE, G. Informação, comunicação e cartão-postal. In: _____, *Alhos & bugalhos*, 1978, p.148.

²⁴⁵ FREYRE, G. Informação, comunicação e cartão-postal. In: _____, *Alhos & bugalhos*, 1978, p.150-151.

malungo, para reclamar abertamente a necessidade de políticas públicas eficientes com relação ao calçamento e à conservação da via pública onde vive, tendo como remetente o prefeito do Rio de Janeiro:

CARTA-POEMA

Excelentíssimo Prefeito
 Senhor Hildebrando de Góis,
 Permiti que, rendido o preito
 A que fazeis jus por quem sois,

Um poeta já sexagenário,
 Que não tem outra aspiração
 Senão viver de seu salário
 Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita
 A este pátio para onde dá
 O apartamento que ele habita
 No Castelo há dois anos já.

É um pátio, mas é via pública,
 E estando ainda por calçar,
 Faz vergonha da República
 Junto à Avenida Beira-Mar!

Indiferentes ao capricho
 Das posturas municipais,
 A eles jogam todo o seu lixo
 Os moradores sem quintais.

Que imundície! Tripas de peixe,
 Cascas de fruta e ovo, papéis...
 Não é natural que me queixe?
 Meu Prefeito, vinde e vereis!

Quando chove o chão vira lama:
 São atoleiros, lodaçais,
 Que disputam a palma à fama
 Das velhas maremas letais!

A um distinto amigo europeu
 Disse eu: – Não é no Paraguai
 Que fica o Grande Chaco, este é o
 Grande Chaco! Senão, olhai!

Excelentíssimo Prefeito
 Hildebrando Araújo de Góis,
 A quem humilde rendo preito,
 Por serdes vós, senhor, quem sois:

Mandai calçar a via pública
 Que, sendo um vasto lagamar,

Faz a vergonha da República
Junto à Avenida Beira-Mar!²⁴⁶

O poeta segue as convenções da escrita epistolográfica e compõe um poema com dez quartetos de versos octossílabos e rimas alternadas. A forma fixa em conjunto com o tratamento formal dos pronomes e uso de segunda pessoa do plural (“Excelentíssimo Prefeito / Senhor”, “fazeis”, “sois”, “por serdes vós” etc.) contrasta-se com o tema da sujeira cotidiana e pública (“a eles jogam todo o seu lixo”, “Que imundície! Tripas de peixe, / Cascas de fruta e ovo, papéis...” etc.). O poema, dessa forma, oscilando do mais formal ao mais abjeto cotidiano, ao misturar tom empolado e tom rebaixado, realiza-se no melhor estilo satírico. A carta, aqui, se serve do riso para supostamente reivindicar ou moralizar – mostrando a imundície da população –, de uma maneira que lembra poemas de Gregório de Matos ou *As cartas chilenas*²⁴⁷. Diante da ausência de resposta a sua carta, Manuel Bandeira depois escreve uma “Petição ao [novo] prefeito”, em tom para lá de jocoso, quase agressivo:

Fiz, por sanear-se esta marema,
Uma carta desesperada
Ao seu ilustre antecessor.
Uma carta em forma de poema:
O homem saiu sem fazer nada...
Pelo martírio do Senhor,
Ponha o pátio, insigne Prefeito,
Limpo como o olhar da inocência,
Limpo como – feita a ressalva
Da muita atenção e respeito
Devidos a Vossa Excelência –
Sua excelentíssima calva!²⁴⁸

De modo diferente da “Carta-poema” e da “Petição ao prefeito”, em que o eu poemático lança abertamente uma reivindicação, o “Cartão-postal” já traz um outro tom: nele, o poema fala, quase de modo telegráfico, de suas impressões diante das maiores capitais européias – Paris e Londres – e saúda o amigo. Utilizando as convenções do cartão-postal, tal como Freyre indica, aqui há interesse turístico e euforia comunicativa, intensificada pela forma poética da mensagem, com rimas consoantes e alternadas:

CARTÃO-POSTAL
PARIS encanta. Londres mete medo.

²⁴⁶ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.403-404.

²⁴⁷ A propósito, *As cartas chilenas*, de autoria atribuída a Tomás Antônio Gonzaga, foram objeto de estudo de Bandeira. Cf. BANDEIRA, M. **A autoria das Cartas Chilenas**. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, 1940.

²⁴⁸ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.408.

Paris é a maior... ninguém se iluda.
 Por intermédio meu, amigo Ledo,
 a Coluna Vendôme te saúda!²⁴⁹

No cartão-postal temos, como na carta, uma tentativa de transpor distâncias e estabelecer uma comunicação direta entre indivíduos. Pode fazer parte de um conjunto da correspondência. Porém, no paralelo com a carta, o cartão-postal exige maior economia nesse esforço de aproximar, também porque o aspecto ilustrativo que o acompanha é igualmente suporte de significação. Aqui temos um poema “Cartão-postal”, inserido numa coletânea que traduz esse compromisso de restituição da comunicação na vida. A brevidade e a simplicidade chegam ao extremo, mostrando a sublimidade do ato como expressão de uma amizade que transpõe fronteiras. É o tipo de escrita que não se suporta por si; depende sobremaneira do contexto. O “Cartão-postal” em questão pode ser a parte escrita de um documento endereçado ao amigo Ledo (seria Ledo Ivo?), o que é um exemplo do tipo de sociabilidade cordial entre escritores na época:

Informa Moacyr Silva que, além de atender às solicitações de autógrafos, nos cafés, nas ruas ou, quando não era possível ter contato pessoal, enviá-los pelos correio, “poetas e escritores” passaram a compor “pensamentos e versos para postais”.²⁵⁰

O efeito colateral dessa troca entre objetos que passam a constituir documentos de vidas partilhadas é colecionismo comercial. Mas, a despeito disso, cartões-postais, fotografias, objetos de arte e autógrafos fizeram realmente parte da vida dessa geração de intelectuais, reforçando o caráter descontraído e ao rés-do-chão dos rituais sociais que se instauravam a partir de produtos culturais e simbólicos produzidos e veiculados em círculos, em princípio, bastante restritos de amigos.

Tal fato é confirmado pelos autógrafos do caderno de Sonia Freyre e por outras imagens que fazem parte do conjunto da correspondência, como as fotos de amigos do grupo do Rio. Manuel Bandeira aparece em fotografia datada de “Rio 1945”²⁵¹, junto com João Condé, Lia Correia Dutra e Astrojildo Pereira, tirada na ocasião do almoço em homenagem a Pablo Neruda. A fotografia, solicitada por Gilberto Freyre, traz a dedicatória: “A Gilberto e Magdalena, Manuel”. Sobre ela, ao ser enviada, afirma Bandeira em carta: “Aquele fotografia foi tirada no restaurante da Praça José de Alencar, no dia do almoço oferecido ao Neruda.

²⁴⁹ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.415.

²⁵⁰ SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil, 3, 1998, p.433.

²⁵¹ Ver Figura 57.

Achei que você gostaria de ter também, com a minha, a fotografia da Lia Correia Dutra²⁵²”. A resposta de Freyre é direta e aborrecida: “E antes que me esqueça: aquela fotografia que você nos mandou não serve. Reprovada. Queremos Baby Flag só e não em grupo. Nem ao menos conhecemos Dona Lia Correia Dutra. Só de nome”²⁵³. A foto finalmente enviada para o contentamento de Apipucos é uma em *close-up*, emoldurada e até hoje pendurada em destaque em uma das paredes do antigo escritório de Gilberto Freyre, parte da Casa-museu Magdalena e Gilberto Freyre²⁵⁴.

No conjunto de imagens selecionadas, existe também uma fotografia de Villa-Lobos²⁵⁵, também em *close-up*, que é curiosa por se referir a uma suposta prisão: “Saí da prisão e encontrei Madalena que não é a de Cristo e o Gilberto que não é sacerdote mas é bem cristão como eu. Viva a vida! Villa. Rio, 29.10.53”²⁵⁶. Além dessas fotografias, há muitas outras, como a de Manuel Bandeira com Octavio Tarquínio de Sousa²⁵⁷. Há uma outra que valeria mencionar pelo seu caráter cômico. Trata-se da fotografia de Gilberto Freyre e Cícero Dias, datada de “Rio de Janeiro - RJ - Brasil, 1932”²⁵⁸. A foto traz legenda de autoria de Freyre: “Gilberto Freyre (em pé) e Cícero Dias numa fotografia tomada ‘com intenções ao mesmo tempo cômicas e líricas’, num fotógrafo da Rua Larga (Rio 1932)”. Na imagem, Freyre está de pé apoiado em um suporte que lembra uma coluna clássica e em cujo topo se encontra um vaso com flores coloridas – provavelmente artificiais, ou retocadas pelo processo então usual de foto-pintura. Cícero Dias está sentado em uma poltrona relativamente sóbria, segura em suas mãos outras flores e como que se apóia num pônei de pelagem branca e preta. Tal foto, que combina postura contemplativa e tom burlesco, data dos tempos de boêmia no Rio de Janeiro. Parece ter sido este o espírito híbrido que alimentou tal geração no círculo restrito da esfera privada: comicidade e lirismo, galhofa e romantismo, humor e subjetivismo.

²⁵² Cf. cap.3, Documento 36, com datação “Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1945”. Ver Figura 57.

²⁵³ Cf. cap.3, Documento 37, com datação “Apipucos – Recife, 3 de dezembro de 1945”.

²⁵⁴ Ver Figura 60.

²⁵⁵ Ver Figura 44.

²⁵⁶ A única referência que encontramos sobre uma suposta prisão de Villa-Lobos diz o seguinte: “Villa-Lobos foi muito criticado por deixar de lado a carreira na Europa e assumir uma secretaria criada especialmente para ele pelo presidente Getúlio Vargas. Até hoje há quem o chame de oportunista, ou de promotor de eventos que lembravam as cerimônias de Mussolini e Hitler. Logo ele, que quase fora preso na Alemanha por se recusar a bater continência ao *Führer*.” (GOMES, F. **Villa-Lobos**. 2003. Disponível em: <<http://www.brasileirinho.mus.br/artigos/villalobos.htm>>. Acesso em: out. 2007).

²⁵⁷ Ver Figura 61.

²⁵⁸ Ver Figura 50.

Por meio de documentos aparentemente “frívolos”, para usar expressão de Gilberto Freyre, reunidos em álbuns e outras recordações de família, é possível depreender muitos sentidos. Todos eles, porém, se preservam quase sempre graças ao ânimo dos guardadores, cujo trabalho paciente se lança no tempo, à contramão, para refreá-lo. A ironia da atividade é que ela pressupõe aquilo que os objetos mesmos jamais podem negar, a morte; ou pode ser a própria morte concretizada na finitude do momento que retrata²⁵⁹.

Os guardadores, com ímpeto mais afetivo, e os arquivistas, profissionais do ramo, fazem um trabalho cujo discurso que o suporta não se diferencia muito daquele provinciano do qual falamos em outros momentos. Com o intuito de preservar, de eliminar distâncias, o provinciano, partindo da idéia do descompasso entre tradição e modernidade, buscou também refrear a velocidade da modernização que promovia, talvez provocado pela defasagem com relação ao contexto internacional capitalista, uma verdadeira morte súbita de certos índices usuais da intimidade – elaborando, ao final, também uma resposta aos centros desenvolvidos. São os tempos de ambigüidade em que “a metrópole moderna [assim como a vida social, acrescento] recebe uma representação ambivalente como o local de origem de um caos avassalador e a matriz de uma nova vitalidade emancipadora”²⁶⁰. As novas tecnologias da modernidade estão disponíveis e são largamente aproveitadas, como vemos por meio principalmente das fotografias. Porém, o discurso que as guarda, como quem guarda cartões-postais e outros documentos autógrafos, não vê com bons olhos os tempos de dissolução das formas tradicionais de solidariedade e cordialidade. Porém, é fato que tais ícones da intimidade perdem espaço e valor na sociedade de hoje, seja pelo excesso de individualismo, seja pelo arrivismo, para usar palavra de Schapochnik²⁶¹. Na medida em que se enxerga, neste tipo de atitude preservacionista, um apego excessivo aos valores cultivados pelas classes dominantes, os quais seria melhor negar para se construir um tipo revolucionário de sociabilidade, guiado por valores racionais e universais, que superasse o homem cordial, como desejava Sérgio Buarque de Holanda, evidencia-se uma contradição de base na

²⁵⁹ Tal afirmação estaria na linha de reflexão que Leyla Perrone-Moisés faz, sugerida pelo texto *La chambre claire – Note sur la photographie*, de Roland Barthes: “Para Barthes, a fotografia é o próprio lugar da morte, na sociedade moderna. / ‘Pois é preciso que a morte, numa sociedade, esteja em algum lugar; se ela não está mais (ou está menos) no religioso, ela precisa estar alhures: talvez nessa imagem que produz a Morte ao querer conservar a vida. Contemporânea do recuo dos mitos, a Fotografia corresponderia talvez à intrusão, em nossa sociedade moderna, de uma Morte assimbólica, fora da religião, fora do ritual, uma espécie de brusco mergulho na Morte literal. *A Vida / a morte*: o paradigma se reduz a um simples clique, aquele que separa a pose inicial do papel final.’ ” (BARTHES apud PERRONE-MOISÉS, L. Retratos de família na obra de Carlos Drummond de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.60/61, p.12-17, dez. 2002/2003. p.16.).

²⁶⁰ SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.18.

²⁶¹ SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: *HISTÓRIA da vida privada no Brasil*, 3, 1998, p.433.

sociedade moderna no que diz respeito à memória e à sua preservação como possibilidade de estabelecer elos comunicativos, e democráticos, entre diferentes classes ou grupos sociais.

2.7 Ainda crônicas provincianas

A *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, que cobre um intervalo que vai de 12 de dezembro de 1925 a 13 de julho de 1966, é pontuada por eventos que recuperam o momento heróico do Modernismo, os debates culturais sobre problemas do país, os últimos dias da República Velha, a Era Vargas, a abertura política que se segue ao Estado Novo, com eleição de Gilberto Freyre para deputado federal pela UDN em 1945, a renúncia de Jânio Quadros e entrada na Ditadura Militar, dentre outros. Praticamente meio século de convivência pessoal testemunha diversos pontos que, juntos, dão idéia do processo tortuoso de modernização social, econômica e política por que passou o país.

Gilberto Freyre foi paradoxalmente um homem de letras *self-made man* no início de seu percurso intelectual e, somente em doses mínimas, gozou das benesses da posição de funcionário público²⁶², tão praticada num país em que o Estado, assumindo o papel de mecenas, costuma dar guarida ao intelectual e ao artista²⁶³. Como *self-made man*, despertou a ira dos seus contemporâneos. Veja-se, por exemplo, com que verve vociferante escreve autor não identificado para o primeiro número do suplemento *O Fiau*, com o título “Gilberto Freyre, fruto bichado da literatura brasílio-ianque”:

O sr. Gilberto Freyre chegou da América há dias. Veio pela Europa. Chegou fazendo um reclame espalhafatoso para que toda a gente soubesse que ele viu a Quinta Avenida, o Riverside, Brooklin, a Califórnia, e que conheceu

²⁶² Sobre a experiência profissional de Gilberto Freyre, vale dizer que ele poucas vezes desempenhou a atividade de funcionário público. Mais precisamente, tal condição se deu em dois momentos: quando foi professor da Escola Normal de Pernambuco (1929-1930), da Faculdade de Direito do Recife (1935) e da Universidade do Distrito Federal (1935-1937).

²⁶³ Aproveito aqui a análise que João Cezar de Castro Rocha faz dos tipos ideais de inserção do *litteratus* na modernidade: “Na tendência anglo-saxã, lidamos com o homem de letras cujo êxito depende da relação estabelecida com o público consumidor de cultura – trata-se do homem de letras ‘*self-made man*’. No caso francês, encontramos o homem de letras cuja missão civilizadora é bem mais cumprida quando apoiada pelo Estado – trata-se do homem de letras ‘cidadão’. Já no modelo brasileiro, temos o homem de letras cuja sobrevivência muitas vezes depende diretamente do subsídio estatal – trata-se do homem de letras ‘funcionário público’.” (ROCHA, *O exílio do homem cordial*, 2004, p.34.).

três ou quatro atrizes de cinema. Bonito! Edificante! S. Sa. é, inegavelmente, um dos raros exemplares aproveitáveis no pomar [...] das letras nacionais. Mas, o que é pomar de letras nacionais? Perguntarão. – É futurismo, meus senhores, é futurismo. / [...] Ora bolas! Se Rui era um “xaroposo”, no dizer do sr. Gilberto Freyre, S. Sa. o que será? “Garoposo”, ou por outra, uma boa garapada de mel de engenho.²⁶⁴

O tom dos diálogos (e afrontas) públicos, por veículos como o jornal, marcava sobremaneira o meio cultural pernambucano e brasileiro daquela época, bem na esteira da cordialidade de que fala João Cezar de Castro Rocha, como estratégia de o homem de letras inserir-se em meio a um território de exíguo público leitor²⁶⁵, ou na trilha mesmo de Roberto Ventura, quando discorre sobre como crítica e polêmica se imbricavam no contexto da segunda metade do século XIX e dos primeiros anos do século passado²⁶⁶. Inclusive, o que temos neste trecho de artigo anônimo é exemplo de confusão terminológica hoje não mais posta em questão: Gilberto Freyre futurista? Por certo que não. Confusões deste tipo envolvendo a imagem de Freyre eram comuns e, de certo modo, continuam sendo até hoje.

Ao longo da correspondência, também é possível observar como se dá o processo de autonomização dos campos artístico e intelectual no Brasil: Gilberto Freyre sobrevive, sobretudo, como *scholar*, como professor-visitante com contrato temporário, como jornalista e como intelectual independente, publicando seus livros, dando palestras e prestando serviços esporádicos ao governo. Após o governo Vargas e sua atuação como deputado federal (1946-1951), eleito com o apoio da juventude de esquerda de Pernambuco, reunida em torno da Faculdade de Direito do Recife, também assume a faceta de intelectual oficial, que se consolida quando, em 1969, passa a fazer parte do quadro fixo do Conselho Federal de Cultura. Com apoio do governo português, empreende viagem, de agosto de 1951 a fevereiro de 1952, a povos de formação portuguesa na África e na Ásia, em busca das constantes de caráter que, uma vez verificadas, reforçariam sua tese do lusotropicalismo. O livro resultante da experiência africana, *Aventura e rotina*, publicado em 1953 pela editora José Olympio, é dedicado a Bandeira, com as seguintes palavras: “A Manuel Bandeira / Sem quê nem para

²⁶⁴ GILBERTO Freyre, fruto bichado da literatura brasílio-ianque. *O Fiau*, Recife, ano 1, n.1, 7 maio 1923 (apud AZEVEDO, **Modernismo e regionalismo**, 1996, p.200-201.).

²⁶⁵ Cf. ROCHA, **Literatura e cordialidade**, 1998.

²⁶⁶ “As polêmicas incorporaram a forma dialógica dos desafios da poesia popular e um código de honra tradicional, que entrava em conflito com as propostas de modernização. Deu-se a interação entre o *oral* e o *escrito*, entre os desafios da poesia popular e tais debates, o que realizou a convergência entre valores modernos e tradicionais, entre os pressupostos evolucionistas da ‘luta pela sobrevivência’ e as disputas entre grupos rivais, regidas por um ‘código de honra’, característico da mentalidade rural. Os bacharéis combatentes retomaram a tradição dos cantadores e repentistas, acrescida dos padrões de argumentação jurídica, com as réplicas e trélicas próprias aos tribunais.” (VENTURA, R. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.10.).

quê, só por pura e velha amizade”²⁶⁷. O poeta, na correspondência, agradece pela delicadeza ao amigo:

Estou à espera de minha *Aventura e Rotina*. O Roquette, que já leu o livro, me disse: “Que presente bonito você ganhou!”

Receba um grande abraço do seu muito grato e desvanecido
Manuel²⁶⁸

Manuel Bandeira, por sua vez, atuou como cronista fixo para jornais, como revisor e tradutor para editoras comerciais, como professor, elaborou edições – como suas antologias, o *Guia de Ouro Preto* e outros trabalhos esporádicos –, muitas vezes por encomenda do governo, principalmente na esteira do MEC. Sua vida, ao que tudo indica, foi uma verdadeira “dobadoura”:

Tenho andado em grandes trabalhos. Não há meio de pôr um paradeiro nessa dobadura. A *Antologia dos parnasianos* está quase a sair. O que vai ficar uma beleza é o *Guia de Ouro Preto*, graças à colaboração do nosso Jardim, que fez ótimo trabalho: 21 *hors-texte* e 24 ilustrações no texto. Os desenhos foram reproduzidos em litofotogravura e ficaram exatamente iguais aos originais. Anteontem eu e o Rodrigo estivemos fazendo a paginação. Dentro de dois meses sairá.

Continuo muito interessado nas lições do Pedro II. Infelizmente breve terei que largar o osso, porque vão abrir concurso e eu não tenho idade, saúde nem tempo para me meter na aventura de um concurso. [...] ²⁶⁹

Manuel Bandeira foi apoio incondicional a Freyre em suas constantes idas ao Rio de Janeiro, quer o hospedando, quer o acompanhando em noitadas na década de 20 ou reuniões familiares na década de 50. Em uma das poucas atuações de Freyre como quadro fixo de uma instituição de ensino, Bandeira ajudou a convencê-lo a participar do projeto de implantação da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro:

²⁶⁷ Ver Figura 24.

²⁶⁸ Cf. cap.3, Documento 46, com datação “Rio de Janeiro, 29 de março de 1954”.

²⁶⁹ Cf. cap.3, Documento 29, com datação “Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1938”.

Até nestes últimos dias o mestre do Recife anda nos preocupando muito, porque está nos parecendo que ele anda com pouca vontade de dar as caras por aqui para ensinar Sociologia na nova universidade. Veja se adia o curso prometido aos estudantes daí e vem. Quem sabe se a mudança de ares não acaba de vez com essa furunculose que o tem azucrinado? A sua nomeação (como a do Lélío Gama, a do Sousa da Silveira e alguns mais) pôs uma grande esperança na tal universidade. Se você rói a corda é o diabo. Venha. Se a coisa não lhe agradar, será só este rabo de ano que você terá que aturar, ao passo que em 1936 seria um ano inteiro. Estamos com muitas saudades. O Gastão Cruls não dorme! Volta e meia me telefona.²⁷⁰

Afora estas crônicas esparsas, essenciais para se entender a trajetória de ambos, houve um período fundamental para a aproximação e para a “afinação intelectual e artística” dos escritores: o período que vai de 1926 a 1930. Primeiramente, o jovem Gilberto Freyre é chamado para participar do quadro da *Revista do Brasil*, no curto período em que esteve à sua frente o amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sobre a revista, falamos brevemente na seção 2.2 – “O ensaio de Gilberto Freyre e outras correspondências impuras” –, acerca do destaque dado à correspondência, incomum para os dias de hoje. De resto, importa falar sobre sua atuação como veículo engajado no Modernismo. Ao discorrer sobre as revistas e o movimento, no capítulo “A crítica modernista”, Afrânio Coutinho afirma que a *Revista do Brasil* esteve à sua margem quando sob a orientação de Monteiro Lobato. Em dois períodos, especificamente sob a direção de Paulo Prado (1923) e Rodrigo M. F. de Andrade, encampa o projeto modernista.

A forma como Freyre aborda este período no diário-memória *Tempo morto e outros tempos* indica que o jovem pernambucano tinha consciência de que fazia parte de um grupo com uma proposta inovadora: “Meu grupo no Rio [...] vem sendo os modernistas [...] que preparam a *Revista do Brasil*, para a sua nova fase: Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, Drummond de Andrade. E sobretudo Bandeira [...]”²⁷¹. Desconsiderando a possível incongruência acerca da informação sobre Drummond – já que ele não morava no Rio naquela época, tendo publicado apenas seu poema “Infância” em edição de 15 de dezembro de 1926 –, esse, de fato, como percebemos por meio da sua correspondência com Bandeira e pelo próprio conjunto de colaboradores estampado na primeira página da revista, foi o grupo de Gilberto Freyre no Rio na década de 20. Mais adiante, no diário-memória, igualmente com datação “Rio, 1926”, Freyre conta que, com os amigos da revista, criam um grupo de colaboradores-personagens. São eles J. J. Gomes

²⁷⁰ Cf. cap.3, Documento 21, com datação “Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1935”.

²⁷¹ FREYRE, *Tempo morto e outros tempos*, 1975, p.185.

Sampaio e Esmeraldino Olympio²⁷². Carlos Drummond de Andrade, em nota à crônica “A Academia em 1926”, compilada em *Andorinha, andorinha*, de Manuel Bandeira, afirma que o texto foi publicado com o pseudônimo Esmeraldino Olympio. Segundo o organizador do volume, este pseudônimo mais o de J. J. Gomes Sampaio “eram as assinaturas com que, na *Revista do Brasil* dirigida nominalmente por Pandiá Calógeras, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e Plínio Barreto, porém na realidade sob a direção exclusiva de Rodrigo Melo Franco de Andrade, este, Gilberto Freyre e o Autor [Manuel Bandeira], em 1926 e começo de 1927, satirizavam aspectos da vida literária brasileira”²⁷³. Assim, ao que tudo indica, os que assumem a escrita das crônicas satíricas acabam sendo Bandeira e Freyre.

O riso, como já afirmamos, viria a ser uma das marcas do encontro entre os dois escritores. O modo como este se dá comunica-se com a tendência carnalizante que também distinguiu a geração, um modo irreverente de se voltar contra a tradição institucionalizada, como em Bandeira do poema “Os sapos”. Na crônica “A Academia em 1926”, o procedimento atuante é o da paródia dos discursos oficiais. Observe-se como há uma irreverência quanto à tradição, mas, ao mesmo tempo, não se afastam completamente dela, expondo, de forma risível, aqueles que seriam seus próprios procedimentos. O suposto *sermo sublimis* da literatura oficial é rebaixado pela imitação, em forma de troça, de uma sessão na Academia:

O sr. Luís Carlos chamou de “ninho de relâmpagos” ao espadim acadêmico que pertenceu a Raimundo Correia. Foi imprudência. O espadim tomou à letra o que, no espírito do ilustre poeta das *Colunas*, não passava, sem dúvida de um tropo imaginoso para arrematar com chave de ouro a sua bela peça oratória. [...] A pedido de várias famílias o orador tornou a narrar, com inexcedível graça de pormenores, a anedota do copo d’água e da pétala de rosa, ocorrida na Academia dos Silenciosos da Pérsia. Depois veio o elogio dos predecessores, e a propósito do sr. Alberto Faria, o digno engenheiro explicou à douta companhia que a palavra “folclore” é de origem inglesa: “*folk*”, povo; “*lore*”, conhecimento, estudo; “*folk-lore*”, ciência que tem por objeto estudar o povo. Foi a nota erudita do discurso. [...]

O paraninfo do poeta foi o sr. Osório Duque Estrada que entre os títulos de glória do novo acadêmico citou o de ter ele merecido de sua pena as honras de um “Registro” inteiro. Realmente o eminente crítico não podia dizer mais. O preciso “Registro” foi lido de cabo a rabo. É uma crítica de escada acima e abaixo, no qual o profanador da “Oração na Acrópole” analisou exaustivamente as poesias das *Colunas*, verificando que em cento e trinta e duas composições só quatro versos, num total de três mil e oitenta e oito, são

²⁷² FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.189.

²⁷³ BANDEIRA, M. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.168.

duros, além de uma única estrofe com rimas homófonas. [...] / Os espíritos de Platão e Academus, invocados no exórdio da oração do seu novo confrade, sorriam encantados...²⁷⁴

Nesta crônica, publicada originalmente na *Revista do Brasil* em 30 de dezembro de 1926 com o título “*Ad immortalitem*”, há uma apropriação do que se entende por linguagem acadêmica, alvo dos ataques iconoclastas que se tornaram símbolos da Semana de Arte Moderna de 1922, como um modo de satirizá-la por dentro. Ou seja, o efeito cômico é causado pela paródia da idéia que se tem de Academia. O espírito acadêmico, contra o qual os autores se voltam, é aquele nitidamente inspirado na imitação e no regramento artístico. A análise exaustiva do aspecto poético formal – “em cento e trinta e duas composições só quatro versos, num total de três mil e oitenta e oito, são duros” –, as remissões ao modelo clássico que “encantariam Platão e Academus”, a rememoração de anedota “do copo d’água e da pétala de rosa, ocorrida na Academia dos Silenciosos da Pérsia”, enfim, todas as outras imagens transcritas em falso sublime, como “ninho de relâmpagos”, “ilustre poeta das *Colunas*”, “o famoso jardim de Atenas”, são rebaixadas pela paródia explícita. O alvo são os supostos mecanismos oriundos do Parnasianismo e da tradição oratória, o que permite afirmar que há um questionamento – embora não tão radical como em outros discursos da modernidade, como certos movimentos da vanguarda européia, por exemplo, o surrealismo²⁷⁵ – da “instituição arte”. Enfatiza-se, sobretudo, o aspecto cômico e burlesco, sem que haja, assim, um questionamento mais consistente da linguagem artística ou mesmo dos valores de uma tradição aristocrática mais arraigada. De qualquer modo, há uma releitura crítica, apesar de não radical, da tradição, principalmente na via de seu artificialismo pomposo e vazio que prejudica a sobriedade e a objetividade da expressão²⁷⁶. Tal fato permite afirmar que havia uma desenvoltura dos escritores na imprensa num período em que as inovações modernistas não tinham entrado completamente “na ordem do dia”.

Com o pseudônimo J. J. Gomes Sampaio, sai a crônica “Os novos do Piahy” em edição de 30 de setembro de 1926. Como Esmeraldino Olympio, ainda temos “À margem da arte de Orico”, em edição de 30 de outubro de 1926, e a resenha de “La guitarra de los

²⁷⁴ BANDEIRA, *Andorinha, andorinha*, 1978, p.167-168.

²⁷⁵ Cf. BÜRGER, *Teoria da vanguarda*, 1993.

²⁷⁶ Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre faz a seguinte análise da tradição retórica assimilada e mal utilizada pelos brasileiros: “Daí a tendência oratória que ficou no brasileiro, perturbando-o tanto no esforço de pensar como no de analisar as coisas, os fatos, as pessoas. Mesmo ocupando-se de assuntos que peçam a maior sobriedade verbal, a precisão, de preferência ao efeito literário, o tom de conversa em vez do discurso, a maior pureza possível de objetividade, o brasileiro insensivelmente levanta a voz e arredonda a frase como se estivesse prestando exame de retórica em colégio de padre. Efeito do muito latim; da muita retórica de padre de que se impregnou entre nós o ensino; de que se deixou marcar a formação intelectual dos homens.” (FREYRE, *Sobrados e mucambos*, 2003, p.438).

negros”, de Ildefonso Pereda Valdes, publicada em 30 de novembro de 1926. O poema “Evocação do Recife” também é publicado na edição de 30 de novembro de 1926. Certamente havia um sentido de troça descomprometida e irreverente embutido na criação dos pseudônimos, pois há um número maior de artigos, crônicas e resenhas assinados com os nomes, de fato, de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira.

Outro encontro singular que merece ser discutido, mesmo que rapidamente, é o proporcionado pelo jornal *A Província*, no período que vai de agosto de 1928 a outubro de 1930, quando o mesmo pára de funcionar às vésperas dos eventos detonados por conta da Revolução de Outubro de 1930.

Na primeira página do jornal do dia 17 de agosto de 1928²⁷⁷, temos a seguinte advertência, no alto à esquerda: “Em virtude dos serviços de adaptação à sua nova fase, esta folha não circulará amanhã, reaparecendo no próximo domingo com uma edição de 16 páginas”²⁷⁸. Na mesma página, no centro, em destaque, ainda encontramos o seguinte informe publicitário:

No dia 19 leiam *A Província* / Nova fase / Jornal de informação e cultura / Os assuntos mais vivos e atuais – problemas econômicos, política, literatura, cinema, arte brasileira, religião, vida internacional, questões sociais, *sport*, moda, etc. – discutidos ou esclarecidos por um grupo de escritores, jornalistas e especialistas de autoridade e relevo. / Colaboração efetiva de Medeiros e Albuquerque, Pontes de Miranda, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Prudente de Moraes, neto, Joanita Blank, Matheus de Albuquerque, Barbosa Lima Sobrinho, José Américo de Almeida, Rodrigo M. F. de Andrade, Joaquim Eulálio, Ribeiro Couto, Francisco Guimarães, Francis Butler Simkins, Jorge de Lima e Ernesto Montenegro / Ilustrações de M. Bandeira, Luís Jardim, Joaquim Cardozo / Extenso serviço telegráfico / Grandes reportagens ilustradas / Direção de José Maria Bello e Gilberto Freyre / Redatores: Moraes Coutinho, Annibal Fernandes e Olívio Montenegro (redator secretário) / Redatores correspondentes: José Lins do Rego (Alagoas) e Adhemar Vidal (Paraíba)²⁷⁹.

A promessa, aos olhos de agora, parece grande, utópica até. Nomes de relevo nacional são listados como futuros colaboradores e funcionários de um jornal que não era considerado como dos maiores periódicos do Recife, tanto em termos de circulação, quanto,

²⁷⁷ Todas as informações aqui contidas sobre o jornal *A Província* foram tomadas a partir de rolos gerados pelo processo de microfilmagem guardados na Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE) e na Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro-RJ).

²⁷⁸ Para a transcrição de trechos do jornal, optamos por fazer a atualização ortográfica; no entanto, mantivemos todas as especificidades de estilo e características de pontuação, mesmo quando estas podem ser interpretadas como desvio da norma culta segundo a Norma Gramatical Brasileira.

²⁷⁹ *A Província*, Recife, p.1, 17 ago. 1928.

possivelmente, em termos de recursos financeiros. O número de páginas era, regularmente, oito; portanto, um periódico de pouca extensão, sendo bastando ocupado por anúncios. Sobrava pouco espaço para cobrir todas as seções (economia, política, notícias internacionais, cultura, esportes etc.), as quais, em linhas gerais, se assemelham bastante a jornais de hoje em dia. E, ainda mais, a nova fase de *A Província* prometia um destaque incomum a assuntos que são agregados, hoje em dia, sob a rubrica comum de “Cultura” ou “Variedades”, tais como literatura, cinema, arte, religião e moda.

A promessa, todavia, foi cumprida: *A Província* conseguiu reunir um corpo de colaboradores muito bem preparado para tomar a frente em um movimento de inovação tanto no formato da informação, quanto no diálogo com a vanguarda modernista em cena no Rio e São Paulo, aproveitando-a criativamente para compor um jornal bastante adequado para as demandas do público local e, ao mesmo tempo, lançando-se para a cena nacional e internacional ao promover a atualização estética na trilha da modernização técnica em curso no Brasil da década de 20. “Provincianizar-se”, como é anunciado em vários artigos, passa a ser um objetivo do jornal, numa linha que não via nenhuma contradição entre ser moderno e ser regional, antecipando, nesse sentido, o projeto de modernização conciliador paradigmático da década de 30.

O grupo que se forma ao redor de *A Província*, escolhido cuidadosamente por Freyre, faz parte de um corpo que, apesar de diferenças e divergências aparentes, pode ser visto, hoje, como bastante coeso. Dentre eles, é importante mencionar: José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Mário Sette, Anibal Fernandes, Sylvio Rabello, Luis Cedro, José Maria Bello, Júlio Bello, Ascenso Ferreira, Olívio Montenegro, dentre os nordestinos, e Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto (assinando como Pedro Dantas), Ribeiro Couto e Joanita Blank, dentre os residentes ou oriundos do Rio de Janeiro. Joanita Blank dedicava-se a uma coluna dominical sobre moda, desenhando e escrevendo de forma bem-humorada e informada sobre as últimas tendências. Ribeiro Couto, por sua vez, encarregava-se de temas voltados para a política. A partir do início de 1929, assume a seção “Cartas de Paris”.

Manuel Bandeira enviava periodicamente suas crônicas – às vezes semanalmente, às vezes quinzenalmente – e era o colaborador mais bem pago do jornal. Um levantamento prévio indica que um número considerável de crônicas de Bandeira é inédito em livro, tendo sido apenas algumas publicadas, às vezes com modificações, em *Crônicas da província do Brasil*, de 1937, e em *Andorinha, andorinha*, de 1966. De Bandeira, destacaria duas vertentes que não transparecem em sua primeira coletânea de crônicas: uma delas diz respeito ao

interesse por editoração, pela imprensa, por oratória e outros assuntos referentes à linguagem; a outra mostra sua verve de comentarista e, às vezes, de crítico impiedoso da sociedade brasileira e especialmente carioca.

Na primeira vertente, estariam as crônicas “O Dicionário da Academia”, de 26 de agosto de 1928; “Jornais de sensação e jornais discretos”, de 30 de agosto de 1928; “Um belo exemplo que a ‘A Província’ está dando”, de 11 de novembro de 1928; “Ainda não acabou a mania do discurso bonito”, de 11 de janeiro de 1929; “Minas Geraes no lápis de Manoel Bandeira”, de 26 de janeiro de 1929; “A Academia Brasileira de Letras volta a ocupar-se da ortografia”, de 6 de novembro de 1929; “É uma insensatez dar-se o ‘Luzíadas’ para livro de exames”, de 12 de abril de 1930; e, de forma emblemática, às vésperas do fechamento do jornal, o autor publica a crônica “Em louvor de um jornal provinciano”, em 28 de setembro de 1930. Alguns desses artigos marcariam o interesse de Bandeira por questões lingüísticas e filológicas, que ficariam mais evidentes em seus estudos a partir da década de 30. Maximiano de Carvalho Silva, ao discorrer sobre a importância de Sousa da Silveira para a “renovação dos estudos literários no Brasil”, fala, por exemplo, do interesse de Manuel Bandeira e de Mário de Andrade por tais assuntos. Ambos assistiram às aulas de Sousa da Silveira na Universidade do Distrito Federal²⁸⁰. Bandeira publica trabalhos especificamente nesta área, como *A autoria das cartas chilenas*, de 1940, e outros relacionados à organização de edições voltadas para artes e literatura, tais como seus vários volumes de antologias da poesia brasileira, sobre as quais fala em inúmeros momentos nas cartas²⁸¹.

Na segunda linha, que enfoca temas propriamente cotidianos e por vezes em tom de polêmica, destacaria: “Uma vaia no Teatro Municipal”, de 26 de setembro de 1928; “As câmaras municipais no Brasil”, de 21 de outubro de 1928; “Os arranha-céus no Rio não fazem nenhuma figura”, de 23 de novembro de 1928; “Como o Rio festejou o dia da Avenida”, de 22 de março de 1929; “O Rio empolgado pela eleição de Miss Brasil”, de 30 de abril de 1929; “O cinema falado faz sucesso no Rio”, de 11 de agosto de 1929; “O inverno carioca e a vida

²⁸⁰ Cf. SILVA, Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural, [199?], p.69. O texto de Maximiano de Carvalho e Silva também ressalta a importância de Bandeira como colaborador do Ministério da Educação e Cultura sobretudo na década de 30: “Foi portanto com a colaboração desses dois antigos alunos e colegas de turma no Ginásio Nacional (e desde então fraternais amigos) – Manuel Bandeira e Sousa da Silveira – que o Ministro Gustavo Capanema, empenhado na defesa do patrimônio histórico-cultural, começou a dispensar aos textos a proteção de medidas que os preservassem das descaracterizações em edições mal cuidadas e que promovessem a sua divulgação em edições merecedoras de confiança.” (SILVA, Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural, [199?], p.72).

²⁸¹ A propósito, em carta de Bandeira a Freyre de 22 de setembro de 1936, o poeta mostra reflexão acerca de critérios – que podem apresentar certo grau de subjetividade – possíveis para a construção de uma edição: “Tenho tido muito trabalho com a tal antologia dos românticos. Talvez eu devesse fazer a coisa com um critério mais objetivo. Fiz uma antologia para mim, que desse bem idéia dos temas, da sensibilidade, dos processos românticos, mas que não fosse uma versalhada pau: em vez de ‘Terribilis Dea’, por exemplo, três estrofezinhas mozarlescas de Vitoriano Palhares [...]” (Cf. cap.3, Documento 23).

artística e social do Rio”, de 3 de setembro de 1929; “O Recife é uma cidade sem jardins”, de 6 de outubro de 1929; “O desenvolvimento artístico do Rio não corresponde ao seu progresso material”, de 25 de outubro de 1929; “É preciso deter a onda verde”, de 21 de novembro de 1929; e “Comunismo, polícia e poesia”, de 29 de novembro de 1929, dentre outras crônicas que se voltam especificamente para literatura, música, artes plásticas e cultura brasileira, algumas delas já reunidas em coletânea.

O que é significativo no jornal *A Província* é que não havia fronteiras nos assuntos abordados: de moda à política, de música à economia, de arquitetura à divulgação de livros novos, o periódico firmou uma impressão de autonomia com relação à política que só foi quebrada quando se aproximavam as eleições de 1930.

Outras vertentes estão presentes no jornal: de um lado, o regionalismo, principalmente nos artigos dos nordestinos, sobre temas como rendas, vidas de santos, festas populares, engenhos como Megahype, senhores de engenho, estilo colonial, arborização, a crise do açúcar, os calungas de Cícero Dias, os rios recifenses, cangaceiros, maracatu, carnaval, os tipos populares que estão desaparecendo, nome de ruas, o sertanejo, os azulejos, igrejas, gente humilde, pescaria, mocambos, arte marajoara e o patrimônio artístico de Pernambuco. Muitos desses artigos eram assinados por Gilberto Freyre por meio de pseudônimos, como Antonio Ricardo, Jorge Rialto e Raul dos Passos.

Em *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre relata uma série de causos de assombrações e fantasmas que aterrorizavam o Recife. No prefácio à primeira edição, de 1955, afirma que uma das situações que o despertaram para este tipo de assunto foi quando era diretor de *A Província*. Depois de ser procurado, no jornal, por um “sisudo morador de sobrado de São José” pedindo para que Freyre convencesse o chefe de polícia a acabar com as assombrações de sua casa, o escritor se inspira para fazer a série no periódico:

Ao mesmo tempo, porém, o diretor d’*A Província* teve a idéia de encarregar o repórter policial do jornal, que era o Oscar Melo, de vasculhar nos arquivos e nas tradições policiais da cidade o que houvesse de mais interessante sobre o assunto: casas mal-assombradas e casos de assombração. Queixas contra espíritos desordeiros. Denúncias contra ruídos de almas penadas. [...] O poeta Manuel Bandeira escreveu do Rio à direção d’*A Província* que estava encantado com a idéia: toda uma série de artigos sobre o sobrenatural no passado recifense. Mas o poeta Manuel Bandeira era então colaborador do velho jornal do Recife, e, portanto, contaminado de

provincianismo. Tanto que já escrevera o poema imortal que é “Evocação do Recife”.²⁸²

Freyre não deixa claro, porém, que as histórias eram contadas como que “no calor da hora”, possivelmente com pseudônimo (afinal, só uma assombração para falar de outras...), com títulos tais como “Macobeba saiu de novo a fazer tropelias”, de 20 de abril de 1929; “Macobeba na Ladeira dos Cochos”, de 5 de maio de 1929; “Macobeba continua a fazer tropelias por toda a parte”, de 12 de maio de 1929; “A noite de maior atividade de Macobeba”, de 18 de maio de 1929; e “Novas tropelias de Macobeba”, de 4 de junho de 1929. Ainda houve também repercussão entre os colaboradores do jornal, como o artigo “Macobeba é um ótimo professor de corografia”, de José Lins do Rego, de 7 de junho de 1929.

Em outra direção, mais cosmopolita, havia uma abertura para novidades de outras partes do Brasil e do mundo, como se pode perceber por meio das crônicas que apresentavam os nomes de Lasar Segall, Anna Pavlova, Carlito, Conrad, Proust, Pirandello, Manet, Josephine Baker, Le Corbusier, Stalin, Eugênio D’Ors, Clifford Beers, o Zeppelin, Clemenceau, Foch, o telefone, *sports*, roupas modernas, arquitetura moderna, arqueologia mexicana e vários artigos sobre cinema, inclusive sobre cinema falado. Boa parte desses artigos abordando temas mais cosmopolitas foi assinada por Bandeira.

Uma figura que recebe destaque especial ao longo da publicação do jornal – comprovando que havia uma relação amigável com Freyre – é Mário de Andrade. A segunda viagem pelo Norte e Nordeste do Brasil, que daria origem ao volume *O turista aprendiz*, ocorrida em 1929 – a primeira foi em 1927 –, foi coberta, de modo especial, pelo jornal. Temos, por exemplo, o artigo “O que o sr. Mário de Andrade viu pelo Nordeste”, publicado pelo próprio escritor em 16 de fevereiro de 1929, e o artigo com a chamada “Mário de Andrade, podendo ir a Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais”, assinado por Ernani Braga e publicado em 21 de fevereiro de 1929. Afora esta cobertura, ainda houve a publicação de artigos elogiosos à obra do escritor paulista, como “A música brasileira na crítica do Sr. Mário de Andrade”, por Ernani Braga em 25 de dezembro de 1928; na seção “Livros Novos”, o artigo “Macunaíma – Romance – Mário de Andrade”, por O. M. [prováveis iniciais de Olívio Montenegro], em 9 de abril de 1929; e “O que diz Mário de Andrade sobre o maracatu”, por Ernani Braga, em 9 de junho de 1929. Gilberto Freyre, como diretor atuante do jornal, tinha certamente opinião

²⁸² FREYRE, *Assombrações do Recife Velho*, 1987, p.14.

decisiva sobre quais assuntos deveriam ou não sair. O fato de Mário de Andrade receber uma atenção até maior do que outros escritores nordestinos com livros publicados é sinal de que havia um respeito entre ambos. Aliás, valeria acrescentar que a viagem de Mário de Andrade ao Norte e Nordeste é o que propicia o famoso episódio do encontro entre o paulista, Freyre e Bandeira para o passeio de lancha no Capibaribe, narrado por Freyre no perfil biográfico “Manuel Bandeira, recifense” – “Aquele rio, aquela terra, aquela cidade, aquele poeta magro dentro da mesma lancha comigo e com Mário de Andrade, estavam ligados para sempre”²⁸³. Mário se refere ao passeio, no seu *O turista aprendiz*, da seguinte forma:

[Dia] 11 – [...] Tarde M. Bandeira me busca no hotel e me leva a Gilberto Freyre, que nos oferece um passeio de lancha pelo Capibaribe, maravilhoso, com vista da cidade, depois dos arrabaldes, o da Madalena, com os velhos cais das vivendas das famílias ricas antigas, alguns deliciosos de monumentalidade simples, os coqueiros espantados; que verei eu que cada vez que enxergo um coqueiro nordestino me espanto com a beleza dele? Passa um creio que forno de olaria tão perfeito nas proporções, tão exato no equilíbrio, que é um monumento nobre, sereno, duma grandeza que se poderá chamar de clássica na paisagem amável. Passa o arrabalde do Poço e a boca-da-noite se fecha apagando as sensações, escondendo-as. Voltamos numa conversa mais baixa, recontemplando em azul-negro de desenho, a paisagem colorida de já-hoje. Ao pé do gasômetro visões incendiadas de fornos se banham no rio. Aliás por todo o passeio homens, moços banhando no rio. Fazem porque a gente carece mesmo de tomar banho diário, porém banho de rio dá sempre sensação de pagode e a vista toda do Capibaribe esteve duma alegria magnífica²⁸⁴.

Este é um dos momentos mais fortemente líricos do diário de Mário. Duas expressões, neste trecho, são particularmente interessantes: “a monumentalidade simples” de velhos cais de famílias ricas e o “equilíbrio” do coqueiro, um monumento sereno. Parece que Freyre captou um encontro verdadeiramente emblemático dentro da cultura brasileira: Mário, ele e Bandeira, os três simbolizando um equilíbrio – muito tenso, por certo – entre monumento e simplicidade, entre exaltação contemplativa e serenidade. Evento semelhante nunca mais se repetiria com estes personagens.

Voltando para *A Província*, portanto, nota-se que havia igualmente um equilíbrio dinâmico entre assuntos e enfoques mais ou menos cosmopolitas ou tradicionais. A modernização gráfica também foi um diferencial do jornal, que pôde contar com a

²⁸³ FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In: _____, *Perfil de Euclides e outros perfis*, 1944, p.180.

²⁸⁴ ANDRADE, M. de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983. p.347.

colaboração dos pintores Manoel Bandeira e Luiz Jardim. *A Província* parece ter não só contribuído para um sentido de provincianização modernizadora no Recife, mas também para um sentido de provincianização localista, como aquele sentido por um cronista como Manuel Bandeira, que se declara irrestritamente “Em louvor de um jornal provinciano”.

Sobre a ligação do jornal com a política, sabe-se que o cargo de Gilberto Freyre em *A Província* foi oferecido pelo então presidente da província Estácio Coimbra, ligado ao Partido Republicano de Pernambuco e à elite que dominou a arena política durante a República Velha. Ele mesmo também tinha convidado, pouco tempo antes, o sociólogo para assumir o cargo de chefe de seu gabinete e o indicou para a cátedra de Sociologia na Escola Normal do Recife, também em 1928, criada como consequência da Reforma Carneiro Leão²⁸⁵. Freyre, portanto, estava completamente envolvido na política pernambucana na segunda metade da década de 20, caminho que desconfiava não ser muito promissor – “Mais um ano e meio estou livre dessas complicações de governo e de enfrentar oposições sem escrúpulo [...]. Não posso ficar em política. Acabaria mal”²⁸⁶. Suas premonições se concretizam com consequências muito além do reduto da província: quando Estácio Coimbra se vê encurralado pelos revoltosos em outubro de 1930, foge, junto com seu chefe de gabinete, para Salvador e depois Lisboa, com breve parada na África. O amigo Bandeira foi bastante solidário nesse período:

Tivemos muitas apreensões a seu respeito nos primeiros dias da revolução: não se sabia de nada do Recife senão pelos rádios que corriam nas mãos dos revolucionários. Até que por meu tio Antonico soubemos que você navegava com Estácio para Lisboa, o que nos fez respirar por sabê-lo a salvo de perseguições. Infelizmente veio depois por Bigodão notícia que a população tinha depredado e queimado a casa de Olímpio. No Carrapicho apareceu um caminhão com soldados e metralhadoras mas nada fizeram, nem chegaram a entrar e nenhum dos seus livros de viagem sofreu. Mas que desgraça, como diz você, ou que esculhambação como diz Bigodão.²⁸⁷

A notícia do saque na casa de Gilberto Freyre deixou-o muito abalado. O “elegante exílio”, como diz Bandeira na mesma carta, não traz propriamente recordações positivas, mas, por outro lado, oferece o tempo necessário para que Gilberto Freyre comece a coleta de informações, sobretudo na Biblioteca de Lisboa, para seu futuro livro, *Casa-grande &*

²⁸⁵ FREYRE, *Tempo morto e outros tempos*, 1975, p.218.

²⁸⁶ Cf. cap.3, Documento 5, com datação “Recife, 6 de maio de 1929”.

²⁸⁷ Cf. cap.3, Documento 8, com datação “Rio de Janeiro, natal de 1930”.

senzala. O exílio será interrompido ao assumir cargo de professor visitante na Universidade Stanford, em 1931. Neste período, Bandeira, como quando Freyre estava no Recife na década de 20, era o interlocutor que funcionava como mediador para compra de livros e outros favores pessoais. Quando retorna ao Recife, depois da temporada nos Estados Unidos, Freyre já está mais confiante e volta-se completamente à consecução daquele que seria seu primeiro maior projeto. Bandeira, como se nota pelas cartas, e Rodrigo Melo Franco de Andrade continuam a ser os amigos que impulsionam o sociólogo e facilitam o trânsito de favores na capital federal. Rodrigo consegue encontrar o então editor Schmidt para a publicação do livro; junto com Bandeira, revisam o trabalho e acompanham as provas:

Um grande abraço em você e por seu intermédio abraço com saudade os amigos daí. Diga a Baby Flag que recebi os livros que tinham ido parar em Santa Teresa. Aqui, e parece que noutros pontos desta grande República na qual outubro de 1930 foi despertar tantas reservas adormecidas de Civismo, Bravura e outras excelsas virtudes de fora, em pleno furor, continua o ambiente safado: os capangas do subdiretor e subchefe do Norte estão, sob o nome de Milícia Cívica, com carta branca para fazerem o que entenderem do Recife, da gente, das casas, de tudo. Creio que vai haver saque como da outra vez. [...] Seu Rodrigo, estou com mais setenta páginas datilografadas, prontas – mal datilografadas, é certo. O fim do 1º capítulo, o 2º e começo do 3º não mando porque não sabia deste portador e não preparei. Peço-lhe recomendar cuidados em respeitarem a ortografia das transcrições. A minha, pode ficar à vontade do editor. [...] ²⁸⁸

Minha vida tem sido uma aventura quase diária – às vezes não havendo fruta nenhuma para vender, nem comprador de livro ou quadro, mas tenho conservado um *sense of humour* de que me espanto às vezes. É verdade que em outras tenho vontade de *give up*. Felizmente, ou infelizmente, agora ando com um amor muito romântico: desses provincianos. Parece que sou mesmo é romântico [...] Sinceramente estou me achando cada vez menos Pará – o Pará que Graciema viu escondido em mim, pronto a fazer as tais conferências do Jockey Club. Depois do livro pronto e publicado, irei, sem as obrigações outras de viver entre livros, cuidar da vida e estou me inclinando muito à idéia de um sítio e de criar galinhas. Um sítio que eu arrendaria, talvez mesmo este do Carrapicho. A viagem, ao Rio, parece-me desnecessária, dado o interesse que o nosso Baby Flag tomou pelas provas do livro, e era só no interesse deste que eu iria. ²⁸⁹

Estes eram tempos, apesar dos seus altos e baixos, eufóricos tanto para Bandeira quanto para Freyre. *Casa-grande & senzala* faz um enorme sucesso já no seu lançamento e novas edições não custaram a sair. Freyre torna-se reconhecido nos cenários nacional e

²⁸⁸ Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade, com datação "15 de nov. 1932". (Cf. FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978, p.247-248.).

²⁸⁹ Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade, com datação "Carrapicho, Ano Bom / 1932-33". (Cf. FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978, p.249-250.).

internacional, vindo a ganhar prêmios e a ser convidado para inúmeras palestras pelo Brasil. Depois, seguem-se as suas aulas na universidade e sua fama de contestador do regime se consolida, o que não impede que o intelectual se beneficie, mesmo que indiretamente, do governo de Getúlio Vargas, através, por exemplo, do SPHAN, dirigido por seu amigo Rodrigo, do qual se torna colaborador. Os trabalhos de Bandeira são inúmeros, alguns para o governo, principalmente na esteira do MEC e do Instituto Nacional do Livro (INL), e outros para as editoras que não param de crescer. A época, marcada pelo desenvolvimento econômico e pela conciliação política pragmática em torno de Getúlio, certamente deixa marcas na trajetória de ambos os intelectuais, que corporificam exemplarmente o equilíbrio precário – e sobre o qual não poderiam exercer muito controle, apesar de seu forte apego pela liberdade e repúdio ao autoritarismo – entre o antigo e o novo, entre tradição e modernidade, entre libertinagem e domínio centralizador, entre relativa burocratização e permanência do mundo dos favores, contradição esta que, segundo Levine, foi um dos fatores que impediram o sucesso do projeto de Vargas de modernização do país pelo esforço de engenharia social e industrialização²⁹⁰. Aliás, afirma o historiador que o grande estímulo para a produção intelectual doméstica, tanto de autores brasileiros quanto de traduções de autores estrangeiros, – menos do que uma forte coalizão de enfrentamento do poder autoritário – seria curiosamente a Grande Depressão, que fez aumentar o preço do livro importado. Freyre e Bandeira se beneficiaram enormemente, como vimos, desta nova condição favorável à produção intelectual e artística, bem como do estímulo estatal por via indireta, sobretudo do SPHAN e do INL.

A partir de 1945, a correspondência torna-se mais esparsa e lacônica. Os documentos são principalmente de saudações, mas a amizade permanece firme. Freyre continua a fazer suas viagens pelo Rio de Janeiro, agora com sua família. Bandeira não chegaria a conhecer o famoso Solar de Apipucos. Outros assuntos percorrem esta correspondência tardia: os bastidores da Academia Brasileira de Letras e sua política de ingresso, assim como a melancólica renúncia de Jânio Quadros, que faria Bandeira se abrir de forma dolorida: “acontecimentos políticos recentes (da renúncia de Jânio) me deprimiram bastante. Que Brasil este! Como é difícil amá-lo! Entreguei os pontos: seja o que Deus quiser”²⁹¹.

Para fechar estas crônicas finais, gostaria de me referir ao episódio da cabeça (ou busto, como alguns a chamam) de Manuel Bandeira, esculpida por Celso Antonio, que gerou verdadeira celeuma em território pernambucano porque um jornalista, Mário Melo, fez

²⁹⁰ Cf. LEVINE, **Pai dos pobres?**, 2001.

²⁹¹ Cf. cap.3, Documento 53, com datação “Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1961”.

campanha para que a mesma não fosse posta em via pública sob a alegação de que a Constituição do Estado de Pernambuco não permitia homenagens a pessoas vivas. As cartas fazem referência aos termos da homenagem, como quais palavras seriam esculpidas na imagem. Gilberto Freyre insiste em palavras com tom mais “inflado”, enquanto Bandeira prefere algo mais simples (“De Pernambuco / a / Manuel Bandeira, / o poeta de / *Evocação do Recife*”²⁹²). Defendendo sua posição, usando para tanto argumentos que procuram convencer Bandeira da necessidade da “expansão” da homenagem, mas sem desqualificar a qualidade das palavras “simples” de Bandeira, Freyre recupera, de forma bem humorada, um personagem de Eça: “Mas como lhe disse na outra carta, ando me reconciliando com Acácio em vários assuntos. E no caso, Acácio diria: – bem, não sei ao certo, o que Acácio diria”²⁹³. No poema “Recife”, datado de “Rio, 20-3-1963”, o poeta ainda se referiria ao episódio, com um tom fortemente melancólico e uma visão ainda mais desencantada com o presente:

Ah Recife, Recife, *non possidebis ossa mea!*
 Nem os ossos nem o busto.
 Que me adianta um busto depois de eu morto?
 Depois de morto não me interessará senão, se possível,
 Um cantinho no céu,
 “Se o não sonharam”, como disse o meu querido João de Deus.²⁹⁴

Após várias intervenções e protestos, ao longo de cerca de uma década, a cabeça é finalmente inaugurada. Bandeira não pode comparecer: sua idade já era avançada. Elísio Condé segue, então, para o Recife como representante oficial do poeta e, no dia 19 de novembro de 1966, lê uma mensagem de Bandeira diante de autoridades e de outros presentes:

Posso repetir agora que, quando a Indesejada das Gentes vier buscar-me, encontrará, em minha vida, cada coisa em seu lugar, inclusive esta cabeça que está e ficará como disse no “Coração da minha infância” – no “Coração da minha rua”²⁹⁵.

Manuel Bandeira morreria no dia 13 de outubro de 1968. A sua cabeça hoje pode ser observada diante do Espaço Pasárgada, na rua da União, no lugar que foi a casa da infância do

²⁹² Cf. cap.3, Documento 49, com datação “Rio de Janeiro, 19 de maio de 1956”.

²⁹³ Cf. cap.3, Documento 50, com datação “Recife, 23 de maio de 1956”.

²⁹⁴ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.334.

²⁹⁵ CONDÉ, E. Manuel Bandeira no Recife. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1989, p.171. Crônica originalmente publicada no *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, maio de 1986.

poeta²⁹⁶. Freyre, seu eterno admirador, também levou para sua casa uma outra cabeça semelhante à da homenagem²⁹⁷. Freyre morreria no dia 18 de julho de 1987. No intervalo de quase duas décadas, não se cansou de ser um autêntico “garatujador” impertinente, alisando seu pêlo no amigo:

Daí ser a literatura o templo mais infestado de falsos profetas. Pessoas que diante de um piano não ousam tocar nem de leve na dentadura escancarada do instrumento, com medo de ofender o instinto melodioso do gato que ronrona sobre o sofá, garatujam uma folha de papel com a maior sem-cerimônia deste mundo. E supõem que escrevem.²⁹⁸

Freyre, porém, ousou tocar “na dentadura escancarada do instrumento”, sem medo de ofendê-lo. Ousou tocar aquele “cronista de província”, o “músico falhado”, que “engoliu um dia / Um piano, mas o teclado / Ficou de fora”. O “provinciano que nunca soube”²⁹⁹, ao final, seria símbolo daquele belo trânsito entre os 8 e os 80³⁰⁰, que Gilberto Freyre soube reconhecer e, em alguma medida, estimular, com seu ímpeto de provinciano voraz.

²⁹⁶ Ver Figura 58.

²⁹⁷ Ver Figura 59.

²⁹⁸ FREYRE, **Tempo de Aprendiz**, v.1, p.80. Citação de artigo intitulado “Uma escritora americana: Miss Amy Lowell”, originalmente publicado no *Diário de Pernambuco* em 15 de agosto de 1920. Nesta época, Freyre e Bandeira ainda não se conheciam.

²⁹⁹ BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.394.

³⁰⁰ Referência ao artigo, editado no capítulo 4, seção 4.3, desta tese. (Cf. FREYRE, G. Dos oito aos oitenta. In: BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.26-30). Tal artigo, escrito para a edição de homenagem a Bandeira *Estrela da vida inteira*, pelos seus 80 anos, foi elogiado pelo poeta: “Você me deu um alegrão. Eram as palavras que escreveu para a nova edição de minhas *Poesias Completas*. O Daniel mostrou-me ontem (almocei lá). Achado ótimo e bem dos seus melhores aquela aproximação do oito e do oitenta. Estou desvanecedíssimo” (Cf. cap.3, Documento 56, com datação “Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1965”). Observe-se que semelhante imagem foi aproveitada para a biografia do pai de Gilberto Freyre, Alfredo Freyre, intitulada *Dos 8 aos 80 e tantos* (FREYRE, A..A. da S. **Dos 8 aos 80 e tantos**. Introdução e anotações de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.).

2.8 Outro itinerário: dos arquivos à edição

Há um longo percurso que separa o documento guardado no arquivo até o mesmo ser criteriosamente editado. Várias são as questões que se colocam neste trajeto, e ter consciência delas pode permitir, ao menos minimamente, garantir o sucesso da empreitada.

Para falar com Jeanne Bem³⁰¹, há uma diferença fundamental entre a carta, como objeto particular, pontual, e sua transformação em coletânea destinada a um público. Virtualmente toda carta, como fragmento, teria seu grau variável de literariedade e de literalidade, podendo tocar as fronteiras também móveis de formas literárias como o diário, a (auto)biografia, as memórias, o ensaio, a crônica e o romance. Ao serem reunidas em coletânea, ainda outras questões podem se tornar mais prementes. Retomando o conceito de obra aberta de Umberto Eco, valeria ainda dizer que, a despeito de ser um fragmento, a carta contém um todo infinito em sua particularidade: “A obra, portanto, tem infinitos aspectos, que não são somente ‘partes’ ou fragmentos, pois cada um deles contém a obra inteira, e a revela numa determinada perspectiva”³⁰². E, certamente, possíveis abordagens deste texto dinâmico que é a carta pedem, como na forma barroca – “em seu jogo de cheios e vazios, de luz e sombra, com suas curvas e quebras, os ângulos nas inclinações mais diversas” –, que se olhe especialmente para ela sem “uma visão privilegiada, frontal, definida, mas induzam o observador a deslocar-se continuamente para ver a obra sob aspectos sempre novos, como se ela estivesse em contínua mutação”³⁰³.

Porém, sabemos que explicações de natureza exegética não dispensam um acurado tratamento do texto. Descuidar desta parte poderia levar a considerações equivocadas. Deste modo, é preciso também dissertar especificamente sobre a condição material destes documentos originais, que são, em sua maior parte, inéditos, assim como sobre questões e escolhas que o editor de cartas deve enfrentar antes de o trabalho encontrar sua forma definitiva.

O Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, que mantém o variado acervo do sociólogo, guarda sua correspondência passiva original e cópia de alguma correspondência ativa. Já a correspondência passiva de Manuel Bandeira encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. No total, 65

³⁰¹ Cf. BEM, Jeanne. Le statut littéraire de la lettre. *Genesis: Revue Internationale de Critique Génétique*, Paris, n.13, p.113-115, 1999. Traduzido por Cláudio Hiro sob o título O estatuto literário da carta.

³⁰² Cf. PAREYSON, L. apud ECO, U. **Obra aberta**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.64.

³⁰³ ECO, **Obra aberta**, 1976, p.44.

documentos fazem parte do conjunto, sendo 14 de autoria de Gilberto Freyre e 51 de Manuel Bandeira. O total da correspondência de Gilberto Freyre é composto por cartas, sendo 12 manuscritas e duas, cujos originais têm destino desconhecido, fazem parte da edição de cartas escritas por ele, com destinatários vários, preparada por Sylvio Rabello, intitulada *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil*³⁰⁴. A correspondência de Manuel Bandeira, por sua vez, é mais diversificada: são 22 cartas manuscritas, 12 cartas datiloscritas, uma carta simultaneamente datiloscrita e manuscrita, seis cartões, seis telegramas e três bilhetes. No conjunto da correspondência de Manuel Bandeira endereçada a Gilberto Freyre, oito documentos, em sua maior parte bilhetes manuscritos, não estão datados.

Da *Correspondência de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre* guardada pela Fundação Gilberto Freyre, tem-se notícia de publicação prévia de apenas três documentos – de um conjunto de 117 documentos escritos por Bandeira com remetentes diversos compilados para a seção “Epistolário” da sua *Poesia e prosa*³⁰⁵, três foram endereçados a Gilberto Freyre. Por sua vez, Gilberto Freyre também publicou, de forma esparsa, trechos de cartas de Manuel Bandeira. Especialmente diante deste conjunto, procurei lançar mão dos instrumentos da Crítica Textual para o confronto das variantes, apontando, de um lado, para a especificidade da apresentação dos documentos originais (a serem abordados, na nossa edição, de modo mais fidedigno possível) e, de outro, procurando oferecer o cotejo com as cartas efetivamente publicadas em sua integralidade.

Sobre os procedimentos para esta edição, adotei um critério cronológico, intercalando os documentos de ambos os conjuntos. Apesar de estes terem sido previamente organizados por bibliotecários e arquivistas, no que toca especialmente às cartas de Bandeira, notou-se a necessidade de se rever a ordem de classificação em alguns casos. A reordenação cronológica, por exemplo, foi realizada no caso do documento 2 (aqui, recuperamos a classificação da Fundação Gilberto Freyre), com datação atribuída como sendo 30 de outubro de 1926, a qual verifiquei ser, de fato, 30 de outubro de 1936. No arquivo original do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, são 55 documentos de autoria atribuída a Bandeira. Porém, os seguintes foram desconsiderados do conjunto: o 35, que tem como destinatário Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, e não Gilberto Freyre; o 37, que não se encontra nem na pasta de originais, nem no conjunto de imagens digitalizadas pela Fundação Gilberto Freyre; o 45, que considere ser de autoria de um homônimo, tendo em vista a datação 23 de agosto de 1971 – portanto, após a morte do escritor Manuel Bandeira e mesmo

³⁰⁴ Cf. FREYRE, *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*, 1978.

³⁰⁵ BANDEIRA, *Poesia e prosa*, 1958, v.2, p.1379-1464.

depois da morte de outro quase homônimo, o pintor Manoel Bandeira; e o 47, cujo trecho datilografado corresponde ao final do documento 18, carta com datação 23 de março de 1939; e o 53, bilhete de provável autoria de Fredy, Joanita e Guita Blank. No caso dos documentos desconsiderados, o 35, o 45 e o 53 passaram a fazer parte dos Anexos, editados com os mesmos critérios adotados para a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. Quando o destinatário é Alfredo Alves da Silva Freyre, pai de Gilberto Freyre (documentos 50 e 54), mantive o material como parte constitutiva da *Correspondência*, mesmo porque Gilberto costumava oferecer o endereço de seu pai, principalmente em tempos de desconfiança quanto a perseguições políticas, para o recebimento de sua correspondência.

Com relação à transcrição dos documentos originais, remetendo ao modo como César Nardelli Cambraia³⁰⁶ trata o problema, o desafio foi determinar a escala de fidelidade mais adequada para o tipo de edição que eu pretendia realizar. Diante deste texto multifacetado, haveria dois tipos básicos de receptores ideais: de um lado, o público acadêmico; de outro, o apreciador de cartas. Ainda que eu procurasse, neste momento da edição, desconsiderar o segundo tipo de receptor, tendo em vista que este trabalho é, em princípio, de interesse estritamente acadêmico, mesmo assim ele poderia servir a uma vasta gama de pesquisadores interessados nas relações que as cartas suscitam. Neste sentido, diante das possibilidades a serem exploradas, parti do princípio de que os interesses lingüísticos e filológicos muito provavelmente não se sobreporiam aos interesses históricos, antropológicos, sociológicos e dos estudos literários em geral. Mesmo assim, procurei seguir alguns parâmetros que garantissem o máximo de fidedignidade aos documentos autógrafos.

Portanto, aproveitar os instrumentos da Filologia e da Crítica Textual foi fundamental para determinar, com clareza, o lugar ideal da nossa edição nesta escala que vai da conservação à uniformização. Tendo em mente que se trata de uma edição de documentos em sua maior parte autógrafos, a necessidade de uniformização se impôs especialmente nos casos em que havia variantes, por exemplo, no emprego de maiúsculas e minúsculas; nos numerais por extenso e em algarismos; na ortografia; nas abreviaturas; na datação; na paragrafação; e no uso de negrito, sublinhado e cor diferente para destaque de palavras e trechos do texto. Dentre os casos de diferentes formas ortográficas e de abreviaturas com maior ocorrência, podem-se citar “m^{to}” e “muito”, “V.” e “você”, “Sto.” e “Santo”, “por ex.” e “por exemplo”. Seria mais adequado, deste modo, chamar esta edição de fidedigna e uniformizada, já que as variantes podem ser observadas no conjunto da coletânea. Todas as vezes que houve

³⁰⁶ Cf. CAMBRAIA, C.N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

uniformização de variantes, assim como intervenções tendo em vista a adaptação à norma culta da língua e outros esclarecimentos relativos à apresentação do documento original, como emendas dos autores, as notas de edição, entre colchetes, as evidenciaram.

Esta pode ser encarada como uma espécie de *work in progress* no sentido mais lato do termo, uma vez que houve mudanças estilísticas e a adequação dos correspondentes às regras ortográficas ao longo de quase meio século de produção incessante, bem como houve diferença de materiais empregados, como uso alternado da caneta tinteiro, da caneta esferográfica e da fita da máquina de escrever, ou ainda o uso dos papéis mais simples e dos mais sofisticados, questões submetidas à escolha de cada remetente que também refletiram as mudanças de costume e a adequação do cotidiano às novas técnicas ao longo do tempo. Porém, procuramos, ao realizar esta uniformização de variantes na transcrição, explicitar, em nota de rodapé, a apresentação da ocorrência tal qual o documento original. Como uma última ressalva, não me parece que essas escolhas, que visam a uma uniformização, determinem uma modernização do texto nos termos como a Crítica Textual caracterizaria o processo de uma edição modernizada, a ponto de se poder chamá-la de paráfrase ou novo texto baseado/inspirado no primitivo³⁰⁷.

É possível observar que o tipo de interferência por parte do editor de cartas não seria da mesma ordem em caso de uma obra orgânica, fechada e, portanto, com possibilidade de ser considerada finita e pontual no sentido da vontade do escritor, como um romance do século XIX ou mesmo um texto filosófico medieval. A relatividade da proposta filológica e da Crítica Textual se evidencia quando se procura partir de sua intenção primeira como sendo a depuração do texto, ou seja, “livrar o texto das intromissões voluntárias e/ou involuntárias de terceiros e apresentá-lo ao leitor o mais aproximadamente possível à última redação materializada pelo autor ou à realizada sob as vistas e conforme a aprovação desse mesmo autor”³⁰⁸. A impossibilidade de se delimitar esta redação materializada do autor dificulta este tipo de abordagem no caso da edição de uma coletânea de cartas, problema este que se avulta quando se considera a diferença dos tipos de recepção que uma carta e uma coletânea de cartas almejam, ou seja, do destinatário de uma carta íntima e do público leitor em geral. Contudo, o editor de cartas, ainda que esteja num terreno mais movediço que o editor de uma obra orgânica ou efetivamente escrita para publicação, não deve perder de vista que é

³⁰⁷ Cf. CAMBRAIA, *Introdução à crítica textual*, 2005, p.89.

³⁰⁸ MARTINS, C. **Para uma definição de crítica textual**: o caso da edição crítico-genética de *O Egípto e outros relatos* de Eça de Queirós: edição de texto. 2007. Trabalho apresentado ao 2º. Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas, Lisboa, Universidade de Lisboa, primavera de 2007. Texto em preparo para CD-ROM. p.2.

importante fixar princípios que orientem o trabalho de reprodução e de elaboração da sua edição, como ressalta Cambraia³⁰⁹ citando Carvalho e Silva.

Outra consideração que pode diferenciar as edições orgânicas das edições de cartas diz respeito à (im)possibilidade de fechamento absoluto do trabalho. Menos que uma abertura que remeteria à literariedade e à sua flutuação, o que temos aqui é um fato muito básico: a proliferação virtual a que toda coletânea está submetida. Mesmo que haja uma intenção de apresentação fidedigna por parte do editor de cartas, mesmo que os arquivos que guardam a documentação original tenham uma política adequada de preservação e conservação e franqueiem determinado conjunto epistolar sob sua guarda em sua integralidade, nada garante que o acaso não aja ao revés e reserve alguma surpresa futura, trazendo à tona textos do conjunto que podem estar nas mãos de particulares ou mesmo ocultos entre objetos pessoais dos próprios correspondentes. Este parece ser o caso da correspondência passiva de Gilberto Freyre, uma vez que, em sua casa, transformada após sua morte na Casa-museu Magdalena e Gilberto Freyre, muitos dos seus itens ainda não foram inventariados. Ademais, funcionários e familiares de Freyre fazem a seguinte ressalva: o escritor costumava guardar cartas entre páginas de livros e, assim, tendo em vista que sua extensa biblioteca, de mais de 40.000 livros, ainda não foi catalogada, ou mesmo caixas e mais caixas de manuscritos ainda não foram abertas, novos documentos podem ser descobertos. De qualquer modo, o número de documentos assinados por Bandeira é apreciável e podemos considerar o conjunto fechado, uma vez que sua catalogação, ao que tudo indica, foi iniciada pelo próprio Freyre, como atestam os acréscimos com sua letra ao longo da correspondência e as cópias realizadas à máquina de escrever, possivelmente por uma datilógrafa sob sua supervisão. Inclusive não parece ter sido por acaso que a pasta de Manuel Bandeira, no meio de 520 outros correspondentes brasileiros e sem ser, de longe, a mais numerosa dos arquivos, recebeu, no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, o número um. Isto pode ter acontecido devido ao fato de sua catalogação já estar adiantada pela própria vontade de Freyre, que, em vários escritos, dissertou, com orgulho, sobre as relações epistolares com o poeta-correspondente, acompanhadas por citações de trechos das cartas.

Fixados os princípios de edição e realizado o trabalho de transcrição – ou mesmo durante seu processo –, o editor de cartas pode se deparar com outra importante questão: como anotar a coletânea. Colette Becker, no texto “O discurso de escolta: a anotação e seus

³⁰⁹ Cf. CAMBRAIA, *Introdução à crítica textual*, p.19.

problemas (a propósito da correspondência de Zola)”³¹⁰, após fazer ressalvas acertadas sobre a dificuldade de se elaborar uma teoria da anotação, diferencia apenas dois tipos de notas: as descritivas e as explicativas. Partimos da classificação de Becker, inclusive aproveitando o modo como a pesquisadora expõe alguns problemas no universo da anotação, porém propomos uma classificação diferenciada, alargando os níveis originais por ela expostos. Para a edição da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, apresentamos a possibilidade de dois níveis de notas descritivas, assim como dois níveis de notas explicativas. Assim, ao final, teríamos quatro níveis de anotação³¹¹.

As notas descritivas de primeiro nível dariam informações materiais sobre a condição do documento original. Estas informações podem vir ao final de cada carta ou documento individual da correspondência, em diagramação diferenciada do texto da carta ou, como foi realizado nesta edição, em nota de rodapé não numerada, abrindo o conjunto da anotação de cada carta. Lá, o leitor teria dados sobre, por exemplo, tipo e cor do papel, tipo e cor da tinta, as dimensões, número de folhas e páginas, rasgamentos, rabiscos ou desenhos e classificação do documento no arquivo de onde provém, a qual preferi manter por conta das inúmeras ocorrências de reclassificação do material, sobretudo da correspondência assinada por Manuel Bandeira³¹².

O segundo tipo de anotação, desenvolvendo esta proposta, é aquele de caráter descritivo com um grau mínimo de intervenção do editor e se beneficiaria especialmente dos conhecimentos da Lingüística, da Filologia, da Crítica Textual e da Ecdótica. São estas que, a nosso ver, expõem as dificuldades de transcrição, as diferenças de variantes em edições precedentes, as escolhas do editor visando à uniformização do texto, rasuras e emendas do autor, assim como outras interferências de natureza não autoral. Estas informações, assim como as notas relativas ao primeiro tipo de anotação, são apresentadas, nesta edição, entre colchetes.

O terceiro tipo de anotação, seguindo este raciocínio, já vai um pouco mais além, mas igualmente procuraria se reservar das interferências excessivamente subjetivas por parte do

³¹⁰ Cf. BECKER, Les discours d'escort: l'annotation et ses problèmes, 1983.

³¹¹ Essa diferenciação do tipo de anotação convém apenas como linhas possíveis que o editor de cartas pode vir a seguir. Não a proponho como um exercício fechado, como uma armação categórica e não sujeita a reavaliações. Assim, não é uma opção por uma restrição absoluta de método nem uma abertura total, mas sim o que, neste caso, acreditei que melhor conviria. As palavras de Silviano Santiago, justificando o seu exercício de escrita de notas para a edição **Carlos & Mário**, demonstram uma liberdade maior, que se beneficia ainda das suas qualidades evidentemente literárias: “As múltiplas e variadas notas às cartas podem fornecer farto material *elucidativo*. Aliás, as notas apenas às cartas não pretendem ser nem explicativas nem interpretativas. De posse do material elucidativo, qualquer leitor pode se entregar, com conhecimento de causa, aos jogos de explicação e interpretação de toda e qualquer carta.” (SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de, **Carlos e Mário**, 2002, p.11).

³¹² Inclusive, vale dizer que mantive o modo de classificação dos documentos originais (aproveitando somente os últimos dígitos, que recuperam a ordem de cada peça) adotado pela Fundação Gilberto Freyre (de “doc 1” a “doc 54”) e pela Fundação Casa de Rui Barbosa (de “210” a “221”). Tais informações se encontram na nota não numerada de descrição física do documento.

editor; poderíamos chamá-las de notas explicativas mínimas. Aqui podem ser relacionados tanto a tradução de expressões em língua estrangeira quanto o destaque para usos incomuns de palavras e expressões. Vê-se que estas já estariam sujeitas à interpretação. Além disso, poderiam se aprimorar no sentido de trazer à tona informações relevantes para o entendimento do contexto múltiplo das cartas, com considerações acerca dos personagens mencionados e acerca da importância de um determinado grupo social para a formação do correspondente, bem como trazer referência dos textos citados no corpo da carta, explicitando fatos históricos importantes como pano de fundo para o texto da correspondência.

Podem-se colocar, num quarto nível, e mais desafiador, as notas explicativas e eminentemente interpretativas. São estas as que mais têm suscitado discordância sobre os critérios para a edição de cartas e talvez sejam estas as que destaquem uma edição que se diferencia de edição mais corriqueira. Como modelos que aplicam de forma exemplar este tipo de anotação que eu chamo de quarto tipo, citaria duas em particular: *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizada, apresentada e anotada por Marcos Antonio de Moraes³¹³, e *Carlos e Mário. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*, organizada por Lélia Coelho Frota, com texto das cartas de Drummond estabelecido por Alexandre Faria e com prefácio e notas de Silviano Santiago³¹⁴.

As áreas de Filologia e Crítica Textual parecem abordar com desconfiança o ensaísmo crítico-interpretativo que acompanha edições, como atesta esta passagem sobre como a Crítica Literária pode mais atrapalhar do que ajudar na elaboração de uma edição crítica:

Convém esclarecer que se entende aqui por *resumo do conteúdo* uma breve paráfrase contemplando os pontos mais importantes da obra, seja ela narrativa, descritiva, argumentativa etc. Não raramente costuma-se seguir a esta seção um excursus compreendendo ensaio de crítica literária (no caso de se tratar de edição de texto literário): na proposta aqui apresentada, considera-se que, no livro em que se veicula uma edição crítica, não se devem incluir ensaios de crítica literária, pois estando estes profundamente vinculados a correntes e tendências da crítica de cada época, nem sempre atendem aos interesses do público em geral (considerando-se sua diversidade)³¹⁵.

Neste trecho que contém recomendações sobre a introdução que deve anteceder a edição crítica de uma obra – introdução esta que, segundo o filólogo, deve conter explicações

³¹³ ANDRADE, M. de.; BANDEIRA, **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**, 2000.

³¹⁴ ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M. de, **Carlos e Mário**, 2002.

³¹⁵ CAMBRAIA, **Introdução à crítica textual**, 2005, p.164.

sobre o autor, a obra e a tradição da obra –, é patente a prevenção com que se encara este tipo de intervenção de natureza crítico-interpretativa³¹⁶. Mas, segundo nossa proposta, considerações de natureza crítica devem contribuir com a edição.

Para Becker, há duas escolas bem definidas: a que defende o emprego de notas descritivas e a que defende o emprego de notas explicativas. De um lado, está aquela que defende que o texto deve bastar-se a si mesmo, aplicando tão-somente notas descritivas; no máximo, notas explicativas mínimas são toleradas. De outro, há aquela que defende a necessidade da aplicação de notas explicativas e interpretativas, além das descritivas – apesar de estas serem muitas vezes vistas, nesta perspectiva, como de natureza secundária. A perspicácia do editor deve, neste caso, saber dosar a extensão e a profundidade das notas. O perigo da sobreposição das notas em relação ao texto da carta é evidente, mas pode-se utilizar, além do bom senso, recursos tipográficos que neutralizem ou amenizem o aparato das mesmas. A nosso ver, nenhum tipo de nota deve ser preterido diante de outros. O texto das cartas pode e deve ser enriquecido de todos os modos possíveis; porém, haveria um certo limite, fluido como seu texto base, para a elaboração de notas explicativas e interpretativas, a serem redigidas com objetividade e clareza. E parece haver uma relação estreita entre a natureza lacunar própria das cartas e a restituição alusiva e sincopada do vivido a que este tipo de anotação conduz, aproveitando as palavras de Becker.

Avançando um pouco mais, para a elaboração das notas, nenhuma análise fechada seria admissível (por exemplo, de caráter ideológico), já que feriria o princípio básico da abertura do texto epistolar sobre o qual dissertei no início da seção. Para tanto, o tom da forma ensaística seria o mais adequado – que, ao final, permitiria dizer que as notas podem possuir, a depender da qualidade da anotação, um caráter ensaístico propriamente dito. Também remeter ao estado da pesquisa sobre determinado assunto seria bastante útil ao leitor e ao pesquisador, que teriam, especialmente na edição das cartas de escritores, referências bibliográficas atualizadas e confiáveis que poderiam estimular pesquisas futuras sobre questões levantadas pela anotação. Isso sem falar na iluminação de pontos e relações ainda

³¹⁶ Esta prudência quanto ao tipo de edição de cartas que lança mão, excessivamente, das notas denominadas aqui de quarto tipo, conduzindo a uma forte marca autoral, não é, porém, exclusiva aos filólogos e críticos textuais. Veja, por exemplo, um trecho da resenha de Heloísa Buarque de Hollanda que versa sobre a edição das cartas de Mário de Andrade e Drummond, anotada por Silviano Santiago: "Percebe também uma certa irregularidade metodológica, ou melhor, uma certa transgressão das normas técnicas editoriais, na composição das notas. Ora as notas informam, ora comentam, ora dialogam, ora falam em solo. Percebe ainda um certo abuso na utilização diversificada dos 'materiais' dessas notas: citações, poemas, textos não diretamente informativos, secas referências bibliográficas, hiperlinks arbitrários. Às vezes Silviano parece um comentarista bem informado, às vezes um *metteur-en-scène*, outras um iluminador teatral. Percebe-se ainda que, aos poucos, o crítico-poeta se estabelece reflexivamente entre as vozes de Carlos & Mário e constrói sua própria voz, na brecha da ambigüidade 'técnica' que imprime à composição dessas notas." (HOLLANDA, H.B. de. O modernismo em tempo real. *Cult*, São Paulo, ano 6, n.68, p.22-27, abr. 2003. p.26.).

obscuros para a história literária e cultural, que muito provavelmente a edição de documentos paraliterários inéditos pode estimular.

Ainda sobre o problema da anotação, se o editor estiver atento para a idéia de que a carta pode ser vista como um “laboratório de múltiplos textos”, como defende Guimarães³¹⁷, o texto da correspondência pode dialogar com artigos, crônicas, diário, (auto)biografia, memórias etc. Personagens e correspondência se entrecruzam e, alargando as possibilidades do quarto tipo de nota, o editor pode se mostrar um leitor ativo do conjunto, estabelecendo relações entre os missivistas, os personagens, as obras e os grupos sociais, que podem ser lidos como uma rede dinâmica que vai do detalhe ao todo provisório e, deste, voltaria ao miúdo.

Para as notas de terceiro e quarto tipo, ainda sobrevém o problema das fontes de informações. Por mais que se tenha a preocupação de relacionar fontes confiáveis, estas são obviamente sujeitas a uma apuração, poder-se-ia dizer, infinita. Assim como o *corpus* da correspondência pode ser alargado com o tempo, lacunas que parecem insolúveis podem ser preenchidas. Ou, mais ainda, uma nova informação pode invalidar algo que parecia, antes, inquestionável ou mesmo alargar a informação dada num primeiro momento pelo editor. Desse modo, é inevitável que quase sempre trabalhem com mais hipóteses e menos certezas do que pretenderíamos. Tal como a correspondência, a anotação recuperaria, mais uma vez, a idéia de infinitude, abertura e precariedade constantes.

Becker ressalta que o papel do editor de cartas é móvel e, também por isso, acrescento, estimulante. Recuperando as idéias de Barthes expostas na apresentação deste capítulo, o editor de cartas pode assumir as funções de *scriptor*, *compiler*, *commentator* e *auctor*³¹⁸. O que seria desejável é deixar relativamente claro ao leitor como se dá a sobreposição de vozes e níveis – que vai da transcrição do texto, tal qual o *scriptor*, à elaboração das próprias idéias do editor, tal qual o faz o *auctor*. Destaque-se, contudo, que tentei controlar essas interferências de natureza exegética no processo de anotação, deixando-as principalmente para o desenvolvimento do capítulo 2.

É fato que a abertura que se dá para um editor de cartas pode ser uma armadilha, visto que o trabalho resultante pode atender precariamente à intenção de informação, de explicação ou mesmo de fruição, distorção esta que não seria naturalmente desejável. De qualquer modo, acredito que uma edição bem realizada dentro de sua proposta, que saiba utilizar, de modo

³¹⁷ Cf. GUIMARÃES, *Contrapontos*, 2004.

³¹⁸ Cf. BARTHES, *Crítica e verdade*, 1982, p.229.

conseqüente, os instrumentos oferecidos pelas diversas perspectivas críticas, pode ter sua importância justificada, ainda que não seja nem tão extensiva, nem conclusiva.

Sobre a necessidade de escolha dos pontos de vista críticos a serem adotados pelo filólogo em seu trabalho, a qual se pode estender para a prática da edição em sua plenitude, e sobre a importância da coerência a estes princípios, as palavras de Luciana Stegagno Picchio são acertadas:

À pergunta “que instrumentos críticos julga mais úteis e actuais para a sua prática interpretativa?”, o filólogo para quem a interpretação não pode ser nunca um acto simplesmente mental, mas antes hábito de acção, comportamento, deve responder: “todos”. Os métodos críticos equiparam-se a filtros fotográficos: cada um deles apto a exaltar pormenores diversos do objeto e a atenuar outros. O importante, metodologicamente, é não confundir, decidir desde o início que objetos de pesquisa são ou se consideram quantificáveis e esclarecer constantemente que ponto de vista (emissor ou receptor, intencionalidade ou aparência, signo codificado ou sintoma) se adopta ou se pretende reconstituir no exame de uma mensagem lingüística que é ao mesmo tempo um “texto” e um “objeto” poético³¹⁹.

Quanto à última possibilidade de relação entre texto (carta) e seu extratexto, ainda na senda de Becker, penso que a relação da nota com outras notas poderia ser provisoriamente dispensada – a elaboração de um índice onomástico pode ser suficiente para realizar esta integração do conjunto, sem, no entanto, sobrecarregar ainda mais a anotação.

Porém, é possível explorar a integração da carta com outros textos de outros modos. Tendo em mãos um vasto material de época que pode esclarecer e iluminar a leitura da correspondência, para esta tese, procurei editar, utilizando os conhecimentos da Filologia e da Crítica Textual, também textos de autoria de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, tais como crônicas, ensaios críticos e poemas, que terão validade para o diálogo entre as cartas e suas notas com o estudo da edição. Este material constitui o quarto capítulo da tese. A intenção foi, com isso, disponibilizar um material esparso que demonstra como o contato entre ambos os escritores extrapolou a correspondência pessoal, manifestando-se também por meio de escritos publicados em jornais e livros. Obviamente estas menções recíprocas não se esgotam na seleção que proponho. A anotação, neste capítulo, é de caráter, sobretudo, filológico, mas, uma vez que não há uma relação estabelecida a priori entre os textos, publicados em diferentes ocasiões – o que implica certamente algum desequilíbrio, visto que ali é possível encontrar desde textos críticos, de caráter biográfico, resenhas e até poemas –, e considerando

³¹⁹ STEGAGNO PICCHIO, L. **A lição do texto**: Filologia e Literatura. Tradução de Alberto Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p.217.

que dei tratamento diferenciado a cada um deles – por exemplo, utilizei um texto-base e número variável de edições para cotejo –, não poderia chamar esta edição de edição crítica. Mas procurei seguir, na medida do possível, princípios que pudessem resultar numa edição futuramente útil e confiável para outros pesquisadores.

Além dos textos do quarto capítulo, há uma seleção de material iconográfico, ao final deste capítulo 2, também abordado na seção 2.6 – “Guardadores de papéis e iconografias da intimidade” –, cujo objetivo foi ajudar no estabelecimento de uma rede de sentidos ativa, que destacasse relações tecidas a partir de uma cordialidade – entendida, lembre-se, no sentido indicado pelo próprio Freyre – típica do Modernismo. A seção 2.7 – “Ainda crônicas provincianas” – também apresentou uma pesquisa preliminar que relaciona um conjunto de crônicas esparsas publicadas no jornal *A Província*, reproduzido, a partir de microfilmes da Biblioteca Nacional. Parte deste material coletado nesta pesquisa está reproduzido na seção Anexos.

2.9 Critérios de edição

Em resumo, para esta edição, a grafia dos textos foi atualizada conforme a norma hoje vigente no país. Foram mantidos a pontuação original e o uso de maiúsculas e de minúsculas presentes nos textos-base. Nos casos em que houve interferência do editor visando uniformização, adaptação à norma culta da língua portuguesa e explicitação das condições do documento original, inclusive no que diz respeito a emendas dos autores, tal interferência foi especificada por notas de edição. Para efeito de uniformização, houve padronização na apresentação de títulos de obras, de citação, no uso de palavras e expressões estrangeiras e na escrita de nomes de pessoas e lugares. Quanto à decifração, quando houve dúvidas, o trecho da carta foi apresentado envolvido por colchetes; para trechos não decifrados, usou-se a palavra “ilegível” entre colchetes.

Para a edição da correspondência, foram utilizados, como textos-base, documentos autógrafos. Partiu-se do critério de que todo documento estabelecido pelo autor – em que há evidência de que o mesmo não passou, por exemplo, por um copista – integra a área do autógrafo, podendo constituir um testemunho manuscrito ou datilografado. Somente duas cartas, cujos originais não foram localizados, foram transcritas a partir da edição de uma seleção da correspondência ativa de Gilberto Freyre, intitulada *Cartas do próprio punho sobre*

peças e coisas do Brasil e do estrangeiro, organizada por Sylvio Rabello (Documentos 7 e 9 da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*).

Na edição das correspondências, o aparato crítico, em rodapé, é formado por notas do editor e por comentários exegeticos. As notas do editor aparecem entre colchetes. Quatro documentos autógrafos de Manuel Bandeira (Documentos 2, 13, 23 e 30 da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*) foram cotejados com as cartas editadas em seu “Epistolário”, publicado em *Poesia e prosa*, edição da Nova Aguilar de 1958. Contudo, não optamos por construir um aparato formal e exaustivo de variantes, e, sim, um aparato crítico de comentários.

Algumas características materiais do que estava presente nos documentos autógrafos das cartas foram informadas no aparato crítico desta edição, em notas não numeradas abrindo cada peça e igualmente apresentadas entre colchetes.

No aparato crítico de comentários à edição dos textos seletos, constam referências aos respectivos textos-base utilizados para cada texto editado, assim como referências às edições utilizadas para cotejo.

Para os textos seletos, foi construído um aparato crítico em rodapé que apresenta também variantes em relação às edições cotejadas. Inclusive neste caso, optamos por não construir um aparato formal e exaustivo de variantes, e, sim, um aparato de notas do editor, indicadas entre colchetes, e de comentários exegeticos.

A seguir, encontra-se um quadro que relaciona todas as peças que fazem parte da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, com informações sobre classificação na edição, remetente, classificação no arquivo que guarda o documento, datação e tipologia do texto-base utilizado para a fixação do texto da edição.

Nº	REMETENTE	CLASSIFICAÇÃO NO ARQUIVO	DATAÇÃO	TIPOLOGIA
1	Manuel Bandeira	doc 1 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
2	Manuel Bandeira	doc 1a (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927].</i>	Carta: manuscrito autógrafo
3	Gilberto Freyre	210 (FCRB)	<i>Recife, 11 de agosto de [1927].</i>	Carta: manuscrito autógrafo
4	Manuel Bandeira	doc 3 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 8 de junho de 1928.</i>	Telegrama
5	Gilberto Freyre	211 (FCRB)	<i>Recife, 6 [de maio] de 1929.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
6	Manuel Bandeira	doc 4 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 12 de julho de 1929.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
7	Gilberto Freyre		<i>Lisboa, 4 de dezembro de 1930.</i>	Carta: edição de Sylvio Rabello
8	Manuel Bandeira	doc 5 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, natal de 1930.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
9	Gilberto Freyre		<i>Lisboa, 5 de janeiro de 1931.</i>	Carta: edição de Sylvio Rabello
10	Gilberto Freyre	212 (FCRB)	<i>Lisboa, início de 1931.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
11	Gilberto Freyre	213 (FCRB)	<i>Stanford, 9 de [junho] de 1931.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
12	Manuel Bandeira	doc 6 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 1934.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
13	Manuel Bandeira	doc 6a (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1934.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
14	Manuel Bandeira	doc 7 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 20 de março de 1934.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
15	Manuel Bandeira	doc 8 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 20 de maio de 1934.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
16	Gilberto Freyre	214 (FCRB)	<i>Recife, 28 de dezembro de 1934.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
17	Manuel Bandeira	doc 9 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1935.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
18	Gilberto Freyre	215 (FCRB)	<i>Recife, 29 de janeiro de 1935.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
19	Manuel Bandeira	doc 10 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 10 de março de 1935.</i>	Carta: manuscrito e datiloscrito autógrafo
20	Manuel Bandeira	doc 11 (FGF)	<i>Cambuquira, 23 de março de 1935.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
21	Manuel Bandeira	doc 12 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1935.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
22	Manuel Bandeira	doc 13 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1936.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
23	Manuel Bandeira	doc 14 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1936.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
24	Gilberto Freyre	216 (FCRB)	<i>Recife, 26 de setembro de 1936.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
25	Manuel Bandeira	doc 15 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1936.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
26	Manuel Bandeira	doc 2 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936.</i>	Carta: manuscrito autógrafo, com desenho
27	Gilberto Freyre	217 (FCRB)	<i>Recife, 11 de fevereiro de 1937.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
28	Manuel Bandeira	doc 16 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 4 de março de 1937.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo

Nº	REMETENTE	CLASSIFICAÇÃO ORIGINAL	DATAÇÃO	TIPOLOGIA
29	Manuel Bandeira	doc 17 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1938.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
30	Manuel Bandeira	doc 18 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 23 de março de 1939.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
31	Manuel Bandeira	doc 19 (FGF)	<i>Petrópolis, 5 de abril de 1939.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
32	Manuel Bandeira	doc 20 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 4 de junho de 1939.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
33	Manuel Bandeira	doc 21 (FGF)	<i>Petrópolis, dezembro de 1939.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
34	Manuel Bandeira	doc 22 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1942.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
35	Manuel Bandeira	doc 23 (FGF)	<i>Recife, 24 de julho de 1944.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
36	Manuel Bandeira	doc 24 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1945.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
37	Gilberto Freyre	218 (FCRB)	<i>Recife, 3 de dezembro de 1945.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
38	Manuel Bandeira	doc 25 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1945.</i>	Carta: datiloscrito autógrafo
39	Gilberto Freyre	221 (FCRB)	<i>Recife, 22 de janeiro de 1947.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
40	Manuel Bandeira	doc 26 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1952.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
41	Gilberto Freyre	219 (FCRB)	<i>Recife, 9 de setembro de 1952.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
42	Manuel Bandeira	doc 27 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1952.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
43	Manuel Bandeira	doc 28 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1953.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
44	Manuel Bandeira	doc 29 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 15 de março de 1953.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
45	Manuel Bandeira	doc 30 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1953.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
46	Manuel Bandeira	doc 31 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 29 de março de 1954.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
47	Manuel Bandeira	doc 32 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 21 de julho de 1954.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
48	Manuel Bandeira	doc 33 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 9 de maio de 1956.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
49	Manuel Bandeira	doc 34 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 19 de maio de 1956.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
50	Gilberto Freyre	220 (FCRB)	<i>Recife, 23 de maio de 1956.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
51	Manuel Bandeira	doc 36 (FGF)	<i>Paris, 28 de setembro de 1957.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
52	Manuel Bandeira	doc 38 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 15 de março de 1960.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
53	Manuel Bandeira	doc 39 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1961.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
54	Manuel Bandeira	doc 40 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, janeiro de 1962.</i>	Telegrama
55	Manuel Bandeira	doc 41 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1963.</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
56	Manuel Bandeira	doc 42 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1965.</i>	Carta: manuscrito autógrafo

Nº	REMETENTE	CLASSIFICAÇÃO ORIGINAL	DATAÇÃO	TIPOLOGIA
57	Manuel Bandeira	doc 43 (FGF)	<i>Teresópolis, 20 de março de 1966.</i>	Carta: manuscrito autógrafo
58	Manuel Bandeira	doc 44 (FGF)	<i>Rio de Janeiro, 13 de julho de 1966.</i>	Telegrama
59	Manuel Bandeira	doc 46 (FGF)	<i>Sem data</i>	Bilhete: manuscrito autógrafo
60	Manuel Bandeira	doc 48 (FGF)	<i>Sem data</i>	Bilhete: manuscrito autógrafo
61	Manuel Bandeira	doc 49 (FGF)	<i>Sem data</i>	Cartão: manuscrito autógrafo
62	Manuel Bandeira	doc 50 (FGF)	<i>Sem data</i>	Telegrama a Alfredo Freyre
63	Manuel Bandeira	doc 51 (FGF)	<i>Sem data</i>	Telegrama
64	Manuel Bandeira	doc 52 (FGF)	<i>Sem data</i>	Bilhete: manuscrito autógrafo
65	Manuel Bandeira	doc 54 (FGF)	<i>Sem data</i>	Telegrama

Quadro 1 – Lista da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. Documentos dispostos em ordem cronológica, com descrição detalhada de remetente, classificação no arquivo, datação e tipologia. A coluna “classificação no arquivo” recupera a sequência em que tais documentos se encontram nos Arquivos de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) – que guarda os documentos originais da correspondência passiva de Manuel Bandeira – e no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre (FGF) – que guarda documentos originais da correspondência passiva de Gilberto Freyre.

ILUSTRAÇÕES

1986 MB
Rio, 4 de junho.
CRB1p1dacha

Gilberto.

Recebi os cinco exemplares do teu poema. Vila-Lobos está na Europa. Já entreguei os exemplares do Rodrigo e do Dêdo. A este não senti a nuance de dedicatória, - sem falar na menção. Quando ele estava todo fagueiro por ter ganhado o "carro", eu mostrei-lhe o meu pedaço de maior porção de "querido". Ficou safofo. Dize que não aceitava o "carro".

CRB1p1dacha,1

que também queria o "querido". Que enfeite o "querido" do João foi a Pernambuco, mas por ele também havia de ir a Recife. Este com ele está estudando alguma coisa e põe se dilatar tanta de aqui em pouco um daqueles momentos certos de se ir ao trabalho. Agora descobrimos um papuleiro de bar chamado "cavalinhos" que é o tipo do final.

EXPLICAÇÃO DO JOGO DE DAR CHAMADO CAVALLINHOS

Quando já se tomaram uns sete ou oito

Figura 1 – Página 1 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de "Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]".

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Total de páginas da carta: 7.
Especificidade do documento: desenhos de Manuel Bandeira para exemplificar passos do jogo descrito na carta.

Figura 2 – Página 2 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de "Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]".

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

chopes, acavalam-se os
 papéis com se vê na
 gravura n.º 1. CRB/pdoc/2

GRAVURA N.º 1

É a pista -
 casa um dos parceiros ti-
 ra à sorte uma figura
 do dado: é o seu cava-
 lo (ou seja se for a
 rainha, lama ou puta,
 como quem chama
 a mulher do rei e
 unam-se do facto).
 Não esquece que os
 nomes de Diacarta
 e Queen Elizabeth
 são sortidos.
 Aleluia-se então os
 cavalos seguintes se
 vê na grav. 2

GRAV. 2

é o que tem mais
 figura (o rei e a rainha,
 a puta e a rainha, lama
 valente, etc), deita um
 dado. Se sai a sua,

Figura 3 – Página 3 da carta de Manuel
 Bandeira a Gilberto Freyre datada
 de “Rio de Janeiro, 4 de
 junho [de 1927]”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

no se espera esta' tua
 no porre. CRB/pdoc/4

Ten poema fil-
 berto, mas a minha e.
 tema do do corvo.
 não posso me con-
 formar com aquela
 galinha, em tão po-
 rada, tão sem al-
 mohamente lirica,
 trebalando a bau-
 nilha de mulata
 assada. Sacana!

Tua antologia
 já está comigo. Vou
 ficar com ela mais
 alguns dias para tra-
 zar relações com os
 vários livros de li-
 pra simples. Quanto
 mulher batuta.
 Felizmente as no-
 vas Rosalinas não
 tem a poesia de
 Alice Corbin, das Mary

Figura 4 – Página 4 da carta de Manuel
 Bandeira a Gilberto Freyre datada
 de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de
 1927]”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

ele empurra o cavaleiro
 para cima do pinheiro
 infeliz e tem ^{CRB1p1doc1a,3}
 a deitar novamente
 o dardo. Se se poder,
 beber o copo de couro
 adiante. Quando sai
 a figura correspondente
 ao cavaleiro de
 outro parceiro, empur-
 ra-se o cavaleiro de
 outro parceiro e pas-
 sa-se o copo adiante.
 Geralmente se joga
 a 200 reis o barco,
 mas há grandes pre-
 mios de 400 reis (Cri-
 acão Nacional ou
 Animacão), 500 reis
 (Panto de Franchi, dr.
 Zorini Barro, gran-
 de poeta Manuel Ban-
 deria, etc), raramente
 de 1.000 reis (Araci
 Cortes).
 O jogo é mui-
 to excitante e prazeroso me-

Figura 5 – Página 5 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

4 ^{CRB1p1doc1a,5}
 Carolyn Davies, da Hip-
 sigarde Flammer. Se-
 nã, me seria do a-
 marelo?
 I am going to die too, flower,
 in a little while -
 do not be so proud.
 Panta me a parisi!
 Panta me a parisi tan-
 tem a velle. Orrick Johns
 that glories in his pa-
 rades. Que poeta es-
 tupendo! me inspi-
 ração insalubre!
 E o tao de Ford
 mas o Hoeffler do
 poema "autocritica",
 e o Kreyenborg, e
 o Xara. Emanuel
 carnaval. Me
 acho repentinamente
 em para a obra.
 vacas do meu me-
 dico do sanatório

Figura 6 – Página 6 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

da Sumia. (Ele me
 disse um dia que
 as meus pulsores a-
 presentavam lesões "teo-
 ricamente incompati-
 veis com a vida").
 O delicioso Carnaval;
 etc.
 I do not understand the
 comic humour
 that lets foolish impossibilities,
 like me, live.
 I am always the me-
 moria invocation to death.
 If she would only come quickly
 like a lady.
 The first lady, and the last.
 Quantos me pescoço!.
 Uma só emingle e
 mortal! digas
 If she would only come quickly...
 um abraço, gi-
 vent.
 Manuel.

Figura 7 – Página 7 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 8 – Página 1 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Total de páginas: 2.
Especificidade do documento: primeira página com desenho da paisagem de Copacabana de autoria de Joanita Blank.

Figura 9 – Página 2 da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 10 – Carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre datada de “Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1953”.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Total de páginas: 1.

Especificidade do documento: folha com desenho de autoria de Manuel Bandeira, com vista de seu apartamento.

Figura 11 – Frente de postal, com fotografia da Avenida 7 de Setembro – Petrópolis/RJ, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 18 de dezembro de 1952.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 12 – Verso de postal, com fotografia da Avenida 7 de Setembro – Petrópolis/RJ, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 18 de dezembro de 1952.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 13 – Frente de postal, com fotografia dos Chimères de Notre-Dame, Paris/França, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 28 de setembro de 1957.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 14 – Verso de postal, com fotografia dos *Chimères de Notre-Dame*, Paris/França, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 28 de setembro de 1957.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 15 – Frente de postal, com imagem do retrato de Jan Six de autoria de Rembrandt, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 25 de dezembro de 1963.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 16 – Verso de postal, com imagem do retrato de Jan Six de autoria de Rembrandt, enviado por Manuel Bandeira a Gilberto Freyre e datado de 25 de dezembro de 1963.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Figura 17 – Capa de exemplar da primeira edição (1948) de *Poesias Completas*, de Manuel Bandeira.

Nota: O exemplar copiado, dedicado ao casal Gilberto e Magdalena Freyre, encontra-se na biblioteca pessoal de Gilberto Freyre, cujo acervo faz parte da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 18 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição (1948) de *Poesias Completas*, de Manuel Bandeira.

Nota: Com os dizeres “A Gilberto e Magdalena muito afetuosamente oferece Manuel / Rio 1948”

Figura 19 – Capa de exemplar da primeira edição (1966) de *Andorinha, andorinha*, de Manuel Bandeira, organizada por Carlos Drummond de Andrade.

Nota: O exemplar copiado, dedicado ao casal Gilberto e Magdalena Freyre, encontra-se na biblioteca pessoal de Gilberto Freyre, cujo acervo faz parte da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 20 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição (1966) de *Andorinha, andorinha*, de Manuel Bandeira, organizada por Carlos Drummond de Andrade.

Nota: Com os dizeres “A Gilberto e Magdalena, com o mais terno esvoaçar da andorinha octogenária / Baby Flag / 1966”.

Figura 21 – Capa de exemplar da primeira edição (1946) da *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira.

Nota: O exemplar copiado, dedicado a Gilberto Freyre, encontra-se na biblioteca pessoal de Gilberto Freyre, cujo acervo faz parte da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 22 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição (1946) da *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira.

Nota: Com os dizeres “A Gilberto, homenagem do antologista. / Rio, 1946”.

Figura 23 – Capa de exemplar da primeira edição (1953) de *Aventura e rotina*, de Gilberto Freyre.

Nota: O exemplar encontra-se na biblioteca pessoal de Gilberto Freyre, cujo acervo faz parte da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 24 – Dedicatória de exemplar da primeira edição (1953) de *Aventura e rotina*, de Gilberto Freyre.

Nota: Com os dizeres: “A Manuel Bandeira / Sem quê nem para quê, só por pura e velha amizade”.

Figura 25 – Capa de exemplar da primeira edição (1941) de *Poesias*, de Mário de Andrade.

Nota: O exemplar copiado encontra-se na biblioteca pessoal de Gilberto Freyre, cujo acervo faz parte da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 26 – Folha de rosto de exemplar da primeira edição (1941) de *Poesias*, de Mário de Andrade.

Nota: Com a seguinte dedicatória : “A / Gilberto Freyre, / com admiração amiga / Mário de Andrade / São Paulo, 1941.”

Figura 27 – Autógrafo de Manuel Bandeira no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição da “Sextilha de Frei Manuel”: “Sonia, / filha de Gilberto / E filha de Madalena, / Cumprirá em moça, de certo, / O que promete em pequena. / Não verei isso de perto, / Serei bem longe... Que pena!”. Assinatura e datação: “Manuel Bandeira / Rio, 30.XII.1948”. O poema foi publicado em *Mafuá do malungo* com o título “Sonia Maria”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 28 – Autógrafo de Luiz Jardim no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “E era um coelho: [desenho de coelho] que não tinha as orelhas grandes por causa do burro do autor: [desenho do burro, com assinatura “Lula” e local “Rio” logo abaixo, seguidos pelo desenho de casa; ao final, assinatura “Luiz Jardim” com datação “48”]”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Sonia querida, tenho mais
esperanças que o poeta Manuel,
espero ver-te em
moça a flor que já anuncia em
botão.

José Lins do Rego
Rio 1 de janeiro de 1949

Figura 29 – Autógrafo de José Lins do Rego no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Sonia querida, tenho mais esperanças que o poeta Manuel, espero ver-te em moça a flor que já anuncia em botão”. Assinatura: “José Lins do Rego”. Datação: “Rio 1 de janeiro de 1949”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Quando eu era menina via-
ginava que era fada; agora
sei que todas as crianças
são fadas, Sonia, porque
podem, como você poderá,
realizar tudo quanto desejam.

Em casa de Naná,
dia de Ano Bom de 1949

Lúcia Miguel Pereira

Figura 30 – Autógrafo de Lúcia Miguel Pereira no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Quando eu era menina imaginava que era fada; agora sei que todas as crianças são fadas, Sonia, porque podem, como você poderá, realizar tudo quanto desejam”. Assinatura: “Lúcia Miguel Pereira”. Datação: “Em casa de Naná, dia de Ano Bom de 1949”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Sonia não gosta de
mim; mas eu gosto
dela. Um dia ela
gostará de mim, por-
que é filha de Gil-
berto e Madalena.
Rio, 1.1.1949
Octávio Tarquínio de Sousa

Figura 31 – Autógrafo de Octávio Tarquínio de Sousa no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Sonia não gosta de mim; mas eu gosto dela. Um dia ela gostará de mim, porque é filha de Gilberto e Madalena”. Assinatura: “Octávio Tarquínio de Sousa”. Datação: “Rio, 1.1.1949”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Sonia, com sono,
com insônia, sonhando
ou acordada, você
será sempre para
mim uma flor.
Gastão Cruls.
2.1.49

Figura 32 – Autógrafo de Gastão Cruls no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Sonia, com sono, com insônia, sonhando ou acordada, você será sempre para mim uma flor”. Assinatura: “Gastão Cruls”. Datação: “2.1.49”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 33 – Autógrafo de José Olympio no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Quero que Sonia seja muito amiga de minha Verinha”.
Assinatura: “José Olympio”. Datação: “Rio, 9 junho 1950”.
Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 34 – Autógrafo de Heitor Villa-Lobos no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Soninha / Não posso ser a Bandeira de Manuel, mas considero-me um estandarte de sólida amizade. Que diga o seu paizinho querido. A amizade é como um sol, astro e som. Ame a vida para amar a todos”.
Assinatura: “Villa-Lobos”. Datação: “Rio, 16/50”.
Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 35 – Autógrafo de Jorge de Lima no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “É fácil ver-se de perto / o que Sonia de Gilberto / Freyre no mundo será: / O que o pai é desde já; / herança de freires é / mais que herança: Sonia é fé”. Assinatura: “Jorge de Lima”. Datação: “Recife, 28 de fevereiro de 1952”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 36 – Autógrafo de Cícero Dias no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “[Desenho] Para Sonia um pouco de brisa de mar na nossa velha amizade. Paisagem marinha longe de Casa-grande e Senzala”. Assinatura: “Cícero Dias”. Sem datação. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 37 – Autógrafos de Robert Lowell e Elizabeth Lowell no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição das palavras de Robert Lowell: “For Sonia who rings a bell in my mind though I lack words to describe what I hear”. Assinatura: “Robert Lowell”. Datação: “June 1962”.

Transcrição das palavras de Elizabeth Lowell: “To Sonia, smiling, intriguing daughter of a smiling, fascinating house. With gratitude for the kindness shown us to the diverse pleasures given us”. Assinatura: “Elizabeth Hardwick Lowell”. Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 38 – Autógrafo de João Cabral de Melo Neto no caderno de Sonia Freyre.

Notas: Transcrição: “Tive a sorte de conhecer, ao mesmo tempo, Sonia e post-Sonia. Manuel não esperava a primeira blooming”; José Lins esperava. O primeiro errou e o segundo não viu a segunda. Eu, sim; pude ver as duas: Sonia e Post-Sonia, ou, mais precisamente, Ana Cecília. (Assim, [ilegível], no tempo, [ilegível] a dimensão a este álbum: vejo que sou o primeiro a escrever, aqui, de POST-SONIA-ANA-CECILIA). / Com a melhor amizade do primo”. Assinatura: “João Cabral de Melo Neto”. Datação: “Recife, 7.3.968”.

Original em arquivo pessoal de Sonia Freyre.

Figura 39 – Fotografia de Gilberto Freyre com 23 de idade.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: Recife - PE - Brasil, 1923.

Dimensões: 9 cm de comprimento e 14 cm de altura.

Legenda de Gilberto Freyre: “Primeira foto de Gilberto Freyre, depois do seu regresso do estrangeiro (Estados Unidos, Canadá e Europa) onde passaria cinco anos, ao Brasil (1923)”.

Figura 40 – Fotografia de Gilberto Freyre em Apipucos, de Benício W. Dias.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: Recife - PE - Brasil, 1945.

Dimensões: 24 cm de comprimento e 18 cm de altura.

Figura 41 – Fotografia de Gilberto Freyre no Solar de Santo Antônio de Apipucos, de Jean Manzon.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Gilberto Freyre lendo na varanda.

Datação: Recife - PE - Brasil.

Dimensões: 6,1 cm de comprimento e 8,6 cm de altura.

Figura 42 – Fotografia de Gilberto Freyre, Alfredo Freyre, Francisca Freyre e Gilberto Freyre Costa.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Legenda de Gilberto Freyre: “G. F., mãe, pai e primeiro sobrinho, Gilberto Freyre Costa, na casa do Carrapicho. 1923”.

Datação: Recife - PE - Brasil, 1923.

Dimensões: 13 cm de comprimento e 9 cm de altura.

Figura 43 – Fotografia de Antonio Pimentel Filho, Magdalena Freyre, Gilberto Freyre, Gilberto Freyre Neto, Cecília Pimentel, Antonio Pimentel, Sonia Freyre, Cristina Suassuna e Fernando de Mello Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Comemoração do aniversário de Gilberto Freyre Neto, realizada em Santo Antonio de Apipucos.

Datação: Recife, 1974.

Dimensões: 18 cm de comprimento e 13 cm de altura.

Figura 44 – Fotografia de Villa-Lobos.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: Rio de Janeiro - RJ - Brasil, 1953.

Fotografia com dedicatória: “Saí da prisão encontrei Madalena que não é a de Cristo e o Gilberto que não é sacerdote mas é bem cristão como eu.

Viva a vida! Villa. Rio, 29.10.53”.

Figura 45 – Fotografia de José Lins do Rego, Octávio Tarquínio de Sousa, Paulo Prado, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: São Paulo - Brasil, 1938.

Dimensões: 25 cm de comprimento e 19 cm de altura.

Figura 46 – Fotografia de Cícero Dias, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, José Américo de Almeida, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Antônio Bento.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: década de 1930.

Dimensões: 8 cm de comprimento e 13 cm de altura.

Figura 47 – Fotografia de José Lins do Rego, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: década de 1930.

Dimensões: 8 cm de comprimento e 13 cm de altura.

Figura 48 – Fotografia de Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: 3 de março de 1980.

Dimensões: 18 cm de comprimento e 25 cm de altura.

Figura 49 – Fotografia de Gilberto Freyre e Olívio Montenegro (sentados) e Sylvio Rabello e Anibal Fernandes (em pé).

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Nota: Dimensões: 18 cm de comprimento e 17 cm de altura.

Figura 50 – Fotografia de Gilberto Freyre e Cícero Dias.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Autor: Foto Oriente.

Datação: Rio de Janeiro - RJ - Brasil, 1932.

Dimensões: 13,5 cm de comprimento e 8,7 cm de altura.

Legenda de Gilberto Freyre: “Gilberto Freyre (em pé) e Cícero Dias numa fotografia tomada ‘com intenções ao mesmo tempo cômicas e líricas’, num fotógrafo da Rua Larga (Rio 1932)”. Foto-postal.

Figura 51 – Fotografia de Gilberto Freyre, Odorico Tavares (de costas) e Godofredo Filho.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Datação: Bahia - Brasil, 1949.

Dimensões: 16 cm de comprimento e 11,2 cm de altura.

Figura 52 – Fotografia de (da esquerda para a direita) Sylvio Rabello, Carlos Duarte, Altamiro Cunha, Gilberto Freyre, João Cardoso Ayres, Alfredo Freyre e Olívio Montenegro.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Nota: Dimensões: 18 cm de comprimento e 12 cm de altura.

Figura 53 – Fotografia de Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Antiógenes Chaves e Ivan Seixas.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Local: Boa Viagem, Recife - PE - Brasil.

Dimensões: 9 cm de comprimento e 13 cm de altura.

Reprodução de original.

Figura 54 – Fotografia (da esquerda para a direita) de Cícero Dias, Altamiro Cunha, Lula Cardoso Ayres e Gilberto Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Dimensões: 18 cm de comprimento e 12 cm de altura.

Reprodução de original.

Figura 55 – Fotografia de Gastão Cruls, José Lins do Rego e Gilberto Freyre.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Dimensões: 8,7 cm de comprimento e 13,5 cm de altura.
Foto-postal.

Figura 56 – Fotografia de Gilberto Freyre, Olívio Montenegro e Ulysses Pernambucano de Mello.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Década de 1940.
Dimensões: 24 cm de comprimento e 18 cm de altura.
Reprodução de original.

Figura 57 – Fotografia de João Condé, Manuel Bandeira, Lia Correia Dutra e Astrogildo Pereira.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Almoço em homenagem a Pablo Neruda.

Datação: Rio de Janeiro - Brasil, 1945.

Dimensões: 29 cm de comprimento e 23 cm de altura.

Fotografia com dedicatória: “A Gilberto e Magdalena, Manuel. Rio 1945”.

Figura 58 – Fotografia da cabeça de bronze de Manuel Bandeira, de autoria de Celso Antônio, na fachada do Espaço Pasárgada.

Nota: O Espaço Pasárgada, vinculado à FUNDARPE, funciona onde foi a casa de Manuel Bandeira na Rua da União, 263, no bairro de Boa Vista, Recife, quando o poeta tinha seis anos de idade. A rua ficou registrada nos versos de “Evocação do Recife”: “Recife... / Rua da União... / A casa de meu avô... / Nunca pensei que ela acabasse! / Tudo lá parecia / impregnado de eternidade” (BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.214.).

Figura 59 – Cabeça de bronze de Manuel Bandeira na Fundação Gilberto Freyre.

Nota: A cabeça de Manuel Bandeira, de provável autoria de Celso Antônio (vide semelhança com a cabeça de Manuel Bandeira na Figura 58), encontra-se atualmente em um dos cômodos da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 60 – Fotografia de Manuel Bandeira, dedicada a Gilberto e Magdalena Freyre.

Nota: Esta fotografia atualmente encontra-se emoldurada e disposta em uma das paredes da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, mantida pela FGF.

Figura 61 – Fotografia de Manuel Bandeira e Octávio Tarquínio de Sousa.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Sem datação.

Fotografia 3 x 4. Dimensões: 3,7 cm de largura e 5,4 cm de altura.

Figura 62 – Fotomontagem (da esquerda para direita) com Luiz Jardim, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Oswald de Andrade.

Fonte: Centro de Documentação da FGF.

Notas: Sem datação. Autoria desconhecida.

Dimensões: 23,9 cm de largura e 17,9 cm de altura.

Figura 63 – Manuscrito do poema “Retrato”, de Manuel Bandeira.

Fonte: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986. p.13.

Figura 64 – Reprodução do *ex-libris* de Manuel Bandeira, por Alberto Childe (1917).

Fonte: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986. p.109.

Figura 65 – Página 1 da carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira datada de “Recife, 28 de dezembro de 1934”, com *ex-libris* do autor.

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

não se consigo os seis meses. Seis meses todo os
 annos lá, os outros aqui - isto é' que seria bom. Vão
 ver se consigo. E V.? Vem sempre para o Carnaval?
 Parece que vai ser bom este anno. Todos os niqueres
 não de um carnaval de sustancia. apenas não apparece
 uma novidade a altura. Mas há tempo. O carnaval a 35
 vai ser taide: em Março. Há tempo para a inspiração chegar
 sobre os compositores. V. deve vir. O pintor vai bem.
 Ainda hontem estiveram juntos. E no dia 6 estamos
 planejando a alogos ver. Sim. Meu segundo
 livro (estou um Felisberto de Camello) vai indo. A D. Maria
 me atrazou, mas fazendo uma forcinha, termino em
 Março. Já tenho as notas, o plano, e já um bozelo
 de coisa escripta e se pensando a tempo. Faz tempo que
 não vejo um penha seu. A propósito: V. poderia me
 mandar uma copia do penha sobre C. & S.? O pessoal
 de Momento deu fim áo que Rodrigo me mandou. Querey,
 deu muita lembrança milhas a Blank. Lembra-se
 os amigos commes. Pelo primeiro portador devem seguir
 uns 10 guias. 4 são seus. Os outros 6, para V. ir vendendo,
 se achar quem queira. Um abraço e as saudades do
 Gilberto

Gilberto Freyre

MUSEU DE
 Fundação
 Casa de
 Rui Barbosa
 78/188

Figura 66 – Página 2 da carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira datada de “Recife, 28 de dezembro de 1934”.

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

3 CORRESPONDÊNCIA DE GILBERTO FREYRE E MANUEL BANDEIRA

Neste capítulo, encontra-se editada a *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. O material está disposto em ordem cronológica, com peças da correspondência de Freyre e Bandeira intercaladas. O aparato crítico abrange notas exegéticas e de edição. Estas vêm sempre entre colchetes no rodapé da página e também em sua chamada no próprio texto da correspondência, de forma que se possa identificar, no ato mesmo de leitura, o tipo de nota com a qual se depara. Assim, o leitor poderá ter mais subsídios para escolher se o conteúdo da nota pode ser ou não do seu interesse, antes mesmo de se dirigir para o rodapé propriamente dito.

- 1 -

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925.

Caro Gilberto,

Passei toda a tarde com o Mário¹ metido no *Álbum do Diário*². Feito menino que ganhou um livro muito bonito... Que prazer tive de olhar os desenhos do Bandeira³! Quem é

* [Classificação original (FGF): doc 1. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação original: "Rio, 12 dezembro 1925". Papel amarelado, de gramatura média. Duas folhas, duas páginas manuscritas. Dimensões: 21,2 cm de largura e 27 cm de altura. Documento em boas condições.]

¹ Provável referência a Mário Raul Morais de Andrade (1893-1945), escritor, professor, crítico literário, de arte e de música. Sua extensa obra abrange poemas (*Há uma gota de sangue em cada poema*, de 1917, *Paulicéia desvairada*, de 1922, *Clã do jabuti*, de 1927, e *Lira Paulistana*, de 1946, entre outros), ficção (*Amar, verbo intransitivo*, de 1927, *Macunaíma*, de 1928, e *Contos novos*, de 1946, entre outros), ensaio (*A escrava que não é Isaura*, de 1925, e *O empalhador de passarinho*, de 1944, entre outros) e Musicologia e Folclore (*Compêndio de História da Música*, de 1929, *Música do Brasil*, de 1941, e *Danças dramáticas do Brasil*, de 1959, em 3 volumes, entre outros). Mário de Andrade já era uma forte presença na vida de Manuel Bandeira no ano de 1925, quando estreita relações epistolares com Gilberto Freyre. Mário e Bandeira se encontram pela primeira vez em 1921 e, por iniciativa deste, começam uma troca de cartas em 1922 que dá origem a um dos conjuntos mais ricos de correspondência dentro da nossa cena literária e cultural. Prova disso é o volume *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, com organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes (2000). Com relação a Gilberto Freyre, pode-se dizer que a referência de um ao outro nem sempre foi amistosa. Em verdade, a que se deve não se sabe muito ao certo, um mito de exclusão recíproca foi construído. Para Fonseca, "as relações de Gilberto Freyre com o modernismo brasileiro estão ainda envoltas pelas brumas da incompreensão e do preconceito", seja pelo não entendimento do complexo pensamento freyreano, seja pelo preconceito dos intelectuais sulistas, que entendem ser esse movimento 'subsidiário de vanguardas artísticas e literárias originadas em São Paulo.' " (FONSECA, E.N. da. *Gilberto Freyre e o Movimento Regionalista*. In: FREYRE, G. **Manifesto Regionalista**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.219). É certo que é possível argumentar que se trata de uma polêmica sem efeito, mas acredito que a historiografia literária parece ainda pedir estudos tanto sobre a contraposição entre a obra de Mário de Andrade e a de Gilberto Freyre quanto sobre a relação entre o Modernismo do eixo Rio-São Paulo e do Nordeste. A despeito das divergências manifestas, a relação cordial entre os colegas Freyre e Mário, que tinham grandes amigos em comum, parece ter perdurado durante toda a vida.

² Trata-se do *Livro do Nordeste*, "Edição Comemorativa do primeiro Centenário do Diário de Pernambuco" (FREYRE, G. et al. **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. Edição fac-similar ao original de 1925), organizado por Freyre quando este trabalhava no *Diário de Pernambuco* e publicado em 1925. Freyre dedicou mais de um ano à composição do *Livro do Nordeste* e à preparação das comemorações do centenário do jornal. Em carta a Oliveira Lima, um dos colaboradores convidados, Freyre diz: "Muito atarefado, mal tenho tempo para os prazeres da correspondência. O serviço para a comemoração do Diário tenho-o todo, e não é responsabilidade pequena. A seleção, que estou procurando fazer, de colaboradores que de fato possam contribuir com alguma coisa de interessante, resultará provavelmente – certamente, direi mesmo – em novas antipatias contra mim ou no aumento das que já existem. Mas tendo aceito a responsabilidade de dirigir a organização do livro, procurei eliminar, o mais possível, os 'medalhões' e semimedalhões" (FREYRE, Gilberto; LIMA, Oliveira. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Organização de Ângela de Castro Gomes. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p.186). E realmente conseguiu realizar um trabalho bastante original, trazendo para as páginas do *Livro* colaboradores como os poetas Manuel Bandeira e Joaquim Cardozo e os pintores Manoel Bandeira e Joaquim do Rego Monteiro.

³ Manoel Bandeira (1900-1964), pintor, desenhista, ilustrador e aquarelista pernambucano. Foi colaborador do *Livro do Nordeste* (1925). O escritor Manuel Bandeira dedicou a crônica "Um grande artista pernambucano" ao pintor, incluída no livro *Crônicas da Província do Brasil*. Leia-se um trecho da crônica: "Essa cidade tinha necessidade de dar um artista magro capaz de refletir em sua arte aquela graça característica das suas linhas. Deu-o de fato na pessoa de Manuel Bandeira. / Há muita gente que toma como meus os desenhos do meu xará. Quem me dera que fossem! Eu não hesitaria um minuto em trocar por meia dúzia de desenhos do xará toda a versalhada sentimental que fiz, em suma, porque não pude nunca fazer outra coisa" (BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.454-455). Gilberto Freyre, por sua vez, escreveu sobre o pintor pernambucano: "Outro jovem pintor de traço pessoal e ágil é o pernambucano M. Bandeira. Toda a sua técnica se desenvolveu no Recife: é bem um autodidata. Nos seus deliciosos flagrantes de vida recifense há um sabor

esse estupendo xará? É Manuel também? Ele está juntando um tesouro! Do texto só li o artigo de Joaquim Cardozo⁴ e duas páginas sobre o seu século de vida social⁵. Quero ir bem devagarinho. O artigo do Cardozo... Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa dele^[6]. É o mesmo de quem você fala no capítulo da pintura⁷? Você me faz o favor de dar a ele este exemplar do meu livro?⁸

Gilberto, como vocês me trataram carinhosamente como ficou bonita a colocação dos meus versos Mário de Andrade achou muito^[9] bom o estudo do Cardozo. Na Evocação¹⁰ só escaparam dois gatos, um muito engraçado porque depois daquela quadrinha simiesca

“Ao passo que nós
 “O que fazemos
 “É macaquear

franciscanamente lírico; e um raro poder evocativo. Em nenhum assunto ele se sente tão à vontade como o Recife. O Recife com as suas águas furtadas; os seus telhados em cornos de lua ou em azas de pombo; o seu casario irregular de caes, pintado de vermelho ou de amarelo, ou quadriculado de azulejos que rebrilham ao sol; as suas barcas paradas diante dos armazéns de açúcar ou dos depósitos de madeira; as saídas de missa e as procissões tão cheias de roxo e de amarelo. Aquarelista, Bandeira põe nas suas cores o mesmo doce lirismo franciscano em que se enternece o seu traço.” (FREYRE, G. A pintura no Nordeste. In: _____ et al. **Livro do Nordeste**, 1979, p.129). Ainda mais, o pintor Manoel Bandeira foi grande colaborador de Gilberto Freyre, tendo ilustrado muitos dos seus trabalhos, tais como *Sobrados e mucambos* (a segunda edição do livro, de 1961, pela Editora José Olympio, trazia ilustrações de Bandeira, de Lula Cardoso Aires, Carlos Leão e do autor), *Nordeste* (a partir da segunda edição, pela Editora José Olympio, o livro foi ilustrado por Bandeira e Lula Cardoso Aires), *Açúcar* (desde a primeira edição, pela Editora José Olympio, trazia ilustrações de Bandeira) e *Olinda - 2ª guia prática, histórico e sentimental de cidade brasileira* (as primeira, terceira e quarta edições, publicadas pela Editora José Olympio, apresentavam ilustrações do pintor).

⁴ Joaquim Cardozo (1897-1978), engenheiro e poeta. Segundo Bosi, Cardozo é “lírico forte e denso na sua economia de meios, e uma das raras vozes da nossa poesia capazes de soldar lisamente as fontes regionais (no caso, pernambucanas) e o humano universal” (BOSI, A. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p.464). Publicou *Poemas* (1947), *Prelúdio e elegia de uma despedida* (1952), *Signo estrelado* (1960), *O coronel de Macambira* (1963), *De uma noite de festa* (1971) e *Os anjos e os demônios de Deus* (1973). Foi diretor da *Revista do Norte* de 1924 a 1925. O referido artigo, “Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira”, está reproduzido no capítulo 4 desta tese.

⁵ No *Livro do Nordeste*, Freyre publica dois artigos: “A pintura no Nordeste” e “Vida social no Nordeste: aspectos de um século de transição”. Bandeira provavelmente se refere ao segundo artigo.

⁶ [Frase mantida tal qual no manuscrito autógrafo, sem vírgulas.]

⁷ O trecho ao qual Manuel Bandeira se refere na carta é: “Também nesse Recife, de igrejas seiscentistas e de sobrados à beira; de barcas vindas de longe, das últimas matas de engenhos; de restos meio-caricaturescos de festas de igreja e de maracatus, é que se tem animado de sugestões a vibrátil sensibilidade de Joaquim Cardozo. Será, talvez, um dia uma das expressões mais pessoais da nossa vida – vida que é um misto paradoxal de piedade ingênua e de lubricidade violenta – a arte de J. Cardozo.” (FREYRE, G. A pintura no Nordeste. In: _____ et al., **Livro do Nordeste**, 1979, p.129.) Joaquim Cardozo dedicava-se esporadicamente ao desenho.

⁸ Não há menção ao nome do livro, mas provavelmente se trata do volume *Poesias*, de 1924, que reúne *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto*, editado pela *Revista de Língua Portuguesa*, dirigida por Laudelino Freire.

⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m¹⁰ⁿ”.]

¹⁰ Trata-se do poema “Evocação do Recife”, também publicado no *Livro do Nordeste* e composto a pedido de Gilberto Freyre. Sobre o poema, diria Freyre em seu diário *Tempo morto e outros tempos*: “E o poema de Manuel Bandeira, que pedi a esse outro Bandeira, sem o conhecer pessoalmente, que escrevesse, dando-lhe o tema: só pelo fato dele vir me escrevendo cartas já de amigo. Pedi-lhe o poema sobre o Recife do seu tempo de menino (a história da infância é hoje minha maior obsessão desde que penso num livro sobre a história de vida de menino no Brasil – nos engenhos, nas fazendas, nas cidades). Ele escreveu-me que não costumava fazer poemas sobre assunto encomendado: seria uma exceção” (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.176). O poema está reproduzido no capítulo 4 desta tese.

“A syntaxe lusíada”

saiu o intragável lusitanismo

“Uma porção de coisas que se não entendia^[11] bem”

em vez de

“que não se entendia”^[12]

Deve ter sido obra e vingança (baixamente pronominal!) do espírito do quinhentista Frei Pantaleão do Aveiro¹³. Ou então de Frei Joaquim da Santa Rosa de Viterbo¹⁴!

Adeus, Gilberto. Receba um apertado abraço do

Manuel.

Curvelo 51

¹¹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹² [Aspas dos versos citados nesta carta tais quais no manuscrito autógrafo.]

¹³ Frei Pantaleão do Aveiro viveu no século XVI e foi religioso franciscano. Escreveu *Itinerario da Terra Sancta: e todas suas particularidades* (Lisboa: Antonio Alvarez, 1596), em que descreve minuciosamente sua peregrinação de Portugal à Terra Santa, iniciada em 1563 e finda após três anos.

¹⁴ Frei Joaquim da Santa Rosa de Viterbo (1741-1822), religioso franciscano e sócio-correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Publicou *Sermões Apostólicos, e originalmente portugueses* (Lisboa, 1791) e *Elucidario das palavras, termos e phrazes, que em Portugal antigamente se usaram* [...] (1798, em dois tomos), dentre outros.

- 2♦^{[15],16} -

Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927].

Gilberto,

Recebidos os cinco exemplares do teu poema¹⁷. Villa-Lobos¹⁸ está na Europa. Já entreguei os exemplares do Rodrigo¹⁹ e do Dôdô^{20,[21]}. A este fiz sentir a nuance das

* [Classificação original (FGF): doc 1a. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 4 de junho". Papel amarelado, de gramatura alta. Seis folhas, sete páginas manuscritas, sendo a primeira folha manuscrita frente e verso e o restante somente frente. No alto, encontra-se a seguinte paginação: "-." (primeira folha); "2" (segunda folha); "3" (terceira folha); "3 bis" (quarta folha); "4" (quinta folha); "5" (sexta folha). Dimensões: 11 cm de largura e 29,9 cm de altura. Documento em boas condições.]

¹⁵ [PRIMEIRA EDIÇÃO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. v.2, p.1397-1398.]

¹⁶ Esta carta está reproduzida no Caderno de Ilustrações.

¹⁷ O poema "Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados" encontra-se no capítulo 4 desta edição.

¹⁸ Trata-se de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que musicou vários poemas e letras de Bandeira. Desta parceria, resultaram "O Anjo da guarda", "O novelozinho de linha", "Modinha", "Canto de Natal", "Irerê meu passarinho" (Bachiana nº 5), "Jurupari danças" ("Quadrilha", "Marchinha das três Marias"), "Canções de cordialidade" ("Feliz aniversário", "Boas-festas", "Feliz Natal", "Feliz Ano Novo" e "Boas-vindas"). O poema "Três letras para melodias de Villa-Lobos", publicado em *Mafuá do malungo* (1948), traz a letra de três dessas canções: "Marchinha das três Marias", "Quadrilha" e "Quinta Bachiana". Temos também dois registros da convivência de Freyre com Villa-Lobos: a Figura 34 traz uma imagem de autógrafo do compositor no caderno de Sonia Freyre e a Figura 44 traz uma fotografia de Villa-Lobos dedicada ao sociólogo. Sobre o músico, escreveu Gilberto Freyre: "Heitor Villa-Lobos se exprimia por uma linguagem quase independente de fronteiras nacionais: a linguagem da música. E era pela música que ele tornava a presença do Brasil sentida e respeitada entre a gente culta do mundo moderno.[...] Na intimidade, Villa-Lobos era um encanto de pessoa, embora não requintasse em parecer simples nem se esmerasse em parecer 'homem comum': esnobismo hoje tão em moda entre certos intelectuais e certos artistas. Não lhe faltava sequer *sense of humour* – certa malandragem carioca, mais do que um britânico *sense of humour* – para rir-se de alguns dos seus próprios exageros de indivíduo que, uma vez por outra, gostava de se sentir artista do tipo boêmio entre burgueses ricos, filistinos e convencionais." (FREYRE, G. Villa-Lobos, pan-brasileiro mas carioca. In: _____. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987).

¹⁹ Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), bacharel em Direito, escritor e primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), depois Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cargo que ocupou de 1937 até 1968. De sua equipe no SPHAN, fizeram parte Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Joaquim Cardozo. Publicou *Brasil: monumentos históricos e arqueológicos* (1952), *Rio Branco e Gastão da Cunha* (1953), *Artistas coloniais* (1958) e o livro de contos *Velórios* (1936). É fundador da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Na introdução ao poeta bissexto, Bandeira informa que o amigo foi jornalista, trabalhando no jornal *Dia*, dirigido por Azevedo Amaral, e em *O Jornal*, dirigido por Assis Chateaubriand. Foi diretor da *Revista do Brasil*, na sua terceira fase (1926). O único poema de sua autoria do qual se teria notícia, segundo Bandeira, é "Ode pessimista", que tinha sido publicado na revista *Estética* (BANDEIRA, M. **Antologia dos poetas brasileiros bissexto contemporâneos**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1964. p.204). Sobre Rodrigo, escreveu Gilberto Freyre: "Sou dos que perderam nele um amigo quase irmão. A virtude de saber ser amigo foi talvez a maior, a mais bela, a mais cristã, ao mesmo tempo que a menos brasileira das suas virtudes. Às vezes tinha-se a impressão de que não era só virtude: que era também arte. Esse homem de nobre espírito público, que dedicou a maior parte da sua vida à defesa quase religiosa do patrimônio histórico e artístico do seu e nosso país, era, ele próprio, a seu modo, um artista, além de ter sido um historiador da arte. E no chamado culto da amizade punha esmeros de quem esculpisse amigos para não os perder nunca; de quem se esquecesse de si mesmo para contemplar-se nos amigos assim por ele esculpidos; de quem se exaltasse com os triunfos e sofresse com as dores desses, cujos aspectos positivos de personalidade ele exagerava através da sua arte de escultor de imagens ideais: das seus amigos." (FREYRE, G. Rodrigo Melo Franco de Andrade, humanista e homem de ação. In: _____. **Pessoas, coisas & animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.115. Originalmente discurso proferido como orador oficial do Conselho Federal de Cultura na homenagem à memória de Rodrigo Melo Franco de Andrade).

dedicatórias, – sem falar na minha^[22]. Quando ele estava todo fagueiro por ter ganhado o “caro”, eu mostrei que o meu pedaço era maior porque era “querido”. Ficou safado. Disse que não aceitava o “caro”, que também queria o “querido”. Que eu ganhei o “querido” porque fui a Pernambuco, mas que ele também havia de ir ao Recife. Este ano ele está estudando alguma coisa *et pour se délasser* toma de vez em quando um daqueles monumentais porres da série um milhão. Agora descobrimos um joguinho de bar chamado “cavalinhos” que é o tipo do *fine*^[23].

EXPLICAÇÃO DO JOGUINHO DE BAR CHAMADO CAVALINHOS

Quando já se tomaram uns sete ou oito chopes, acavalam-se os papelões como se vê na gravura nº 1.

[GRAVURA Nº 1²⁴]

É a pista.

Cada um dos parceiros tira à sorte uma^[25] figura do dado: é o seu cavalo (ou égua se for a rainha, dama ou puta^[26]), como queira chamar a mulher do rei e amante do Jack).

Não esquecer que os nomes de Dinazarda²⁷ e Queen Elizabeth²⁸ dão sorte.

²⁰ Provável referência a Geraldo Barroso do Amaral, amigo de Manuel Bandeira. Em *Itinerário de Pasárgada*, Bandeira relata: “*Libertinagem* contém os poemas que escrevi de 1924 a 1930 – os anos de maior força e calor do movimento modernista. [...] O que no entanto poucos verão é que muita coisa que ali parece modernismo, não era senão o espírito do grupo alegre de meus companheiros diários naquele tempo: Jaime Ovalle, Dante Milano, Osvaldo Costa, Geraldo Barroso do Amaral. Se não tivesse convivido com eles, decerto não teria escrito, apesar de todo o modernismo, versos como os de ‘Mangue’, ‘Na boca’, ‘Macumba e Pai Zusé.’ ” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.76-77).

²¹ [Forma que substitui a palavra na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “X”.]

²² [Forma da frase em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “A este fiz sentir a nuance das dedicatórias, sem falar na minha.”]

²³ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²⁴ Para observar imagem, ver Figura três.

²⁵ [Forma da palavra em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “numa”.]

²⁶ [Em lugar da palavra, encontra-se a seguinte abreviatura na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958), com evidente objetivo de censura: “p.”]

Alinham-se então os cavalos segundo se vê na gravura^[29] n° 2:

[GRAVURA N° 2^{30]}

e o que tem maior figura (o ás é a maior, a que se seguem rei, dama, valete etc.), deita um dado. Se sai a sua, ele empurra o cavalinho para cima do primeiro papelão e tem direito a deitar novamente o dado. Se se foder^[31], passa o copo de corno adiante^[32]. Quando sai a figura correspondente ao cavalinho de outro parceiro, empurra-se o cavalinho do outro parceiro e passa-se o copo adiante.

Geralmente se joga a 200 réis o páreo, mas há grandes prêmios de 400 réis (Criação Nacional ou Animação), 500 réis (Paulo de Frontin³³, dr. Zózimo Barroso, grande poeta Manuel Bandeira etc.), raramente de 1.000 réis (Araci Cortes³⁴).

O joguinho é muito^[35] excitante e quando menos se espera está tudo no porre.

Teu poema³⁶, Gilberto, será a minha eterna dor de corno. Não posso me conformar com aquela galinhagem tão gozada, tão sem vergonhamente lírica, trescalando a baunilha³⁷ de mulata asseada. Sacana^[38]!

²⁷ Dinazarda é personagem da coletânea de contos *As mil e uma noites*, irmã de Scherazade, que participa do plano para interromper a matança que o Califa de Bagdá levou a cabo após descobrir a infidelidade da sua esposa com um escravo.

²⁸ Possível referência a Elizabeth I (1533-1603), Rainha da Inglaterra, da França e da Irlanda de 1558 até sua morte. Seu reinado ficou conhecido pela prosperidade, abertura e crescente influência inglesa no mundo, assim como também viu florescer a arte e a ciência. William Shakespeare, Christopher Marlowe e Francis Bacon foram algumas das personalidades que viveram durante o reinado de Elizabeth I.

²⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "grav.."]

³⁰ Para observar imagem, ver Figura 3.

³¹ [Em lugar da palavra, encontra-se a seguinte abreviatura na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958), com evidente objetivo de censura: "f.."]

³² [Forma da frase em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): "Se se f., passa o copo adiante."]

³³ Possível referência ao político e engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933). O nome Paulo de Frontin destacou-se no urbanismo moderno e, no estado do Rio Janeiro, um município foi batizado com o nome de Engenheiro Paulo de Frontin. Foi prefeito do Distrito Federal.

³⁴ Araci Cortes (1904-1985), pseudônimo de Zilda de Carvalho Espíndola, cantora e atriz. Lançou diversos compositores, como Ary Barroso, Zé da Silva, Benedito Lacerda e outros. Na década de 20 já era uma intérprete consagrada.

³⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "m^{lo}"]

³⁶ Trata-se do poema "Bahia de Todos os Santos e de quase Todos os Pecados", reunido em *Talvez Poesia* (1962) e *Poesia Reunida* (1980), de Freyre. Bandeira incluiu este poema em sua *Antologia dos poetas bissexto contemporâneos* sob o título de "Bahia". As duas versões estão editadas no capítulo 4 desta tese.

³⁷ As palavras "baunilha", "bainha" e "vagem" possuem a mesma raiz etimológica, do latim "*vagina,ae*", que significa bainha, envoltório (Cf. HOUAISS; VILLAR, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2001.).

Tua antologia já está comigo. Vou ficar com ela mais alguns dias pra travar relações com os irmãozinhos de língua inglesa³⁹. Quanta mulher batuta. Felizmente as nossas Rosalinas não têm a poesia das Alice Corbin⁴⁰, das Mary Carolyn Davies⁴¹, das Hildegarde Flanner^{[42],43}. Se não^[44], que seria do amarelo?

*I am going to die too, flower, in a little while –
Do not be so proud^{45,[46]}.*

Putá^[47] que a pariu! Puta que o pariu também a aquele^[48] Orrick Johns⁴⁹ “*that glories in his parasites*”. Que poeta estupendo! que mocidade insolente!^[50]

E o tal de Ford Madox Hueffer⁵¹ do poema “Antwerp”, e o Kreymborg⁵², e o Xará Emanuel Carnevali^{53,[54]} que achou expressão lírica para a observação do meu médico do

³⁸ [Em lugar da palavra, encontra-se a seguinte abreviatura na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958), com evidente objetivo de censura: “S.”.]

³⁹ Sobre o contato de Bandeira com a poesia em língua inglesa por intermédio de Gilberto Freyre, veja o depoimento deste no seu “diário”: “Bandeira está sendo por mim iniciado – segundo ele próprio – em literatura inglesa e anglo-americana: na menos ostensiva. [...] Já o iniciei nos Browning: ele parece que nem sequer suspeitava da existência de uma Mrs. Browning [...] Até recitei-lhe versos de Edgar Lee Masters, da *Spoon river* e *I have a rendez-vous with death*, que vai traduzir. Também vai traduzir a meu pedido sonetos de Mrs. Browning, que o encantaram [...]” (FREYRE, G., **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.205). De fato, Bandeira viria a traduzir Elizabeth Barrett Browning (1809-1861), como atesta em sua correspondência com Mário de Andrade – cartas de 6 de maio de 1929, 17 de junho de 1929 e 2 de outubro de 1934 (Cf. ANDRADE, M. de; BANDEIRA, M. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo, EDUSP, 2000). *Poemas traduzidos*, de Bandeira, trazem “Quatro sonetos de Elizabeth Barrett Browning” (v.tb. BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Alaya, [1992]. p.403-405).

⁴⁰ Alice Corbin Henderson (1881-1949), poeta, crítica e editora norte-americana. Publicou *The spinning woman of the sky* (1912) e *Red earth, poems of New Mexico* (1920). Trabalhou para a *Poetry*, a *magazine of verse* de 1912 a 1922 com Harriet Monroe, com quem editou *The New Poetry: an anthology* (New York: Macmillan, 1917), apresentando 101 autores da Nova Poesia em Língua Inglesa. É possível que Gilberto Freyre tenha emprestado esta antologia, na primeira ou na segunda edição (de 1923), a Manuel Bandeira.

⁴¹ Mary Carolyn Davies (1888-1966?), poeta, dramaturga e romancista norte-americana. Publicou *The drums in our street* (1918) e *Youth riding* (1919).

⁴² [Forma do sobrenome em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “Flamer”.]

⁴³ Hildegarde Flanner (1899-1987), poeta e crítica literária. Na década de 1920, publicou intensamente seus poemas, considerados delicados e convencionais. Seu trabalho foi reunido em *If there is time* (1942), *In native light* (1970) e *The hearkening eye* (1979).

⁴⁴ [Forma do segmento no manuscrito autógrafo e na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “Senão”.]

⁴⁵ Os dois versos transcritos constituem a terceira parte, versos 12 e 13, do poema “Songs of a girl”, de 26 versos distribuídos em cinco estrofes, de Mary Carolyn Davies.

⁴⁶ [Forma dos dois versos do poema “Songs of a girl”, de Mary Carolyn Davies, em edição de *Poesia e prosa* (1958): “*I am going to die too, flower, in a little while do not be so proud.*”]

⁴⁷ [Encontra-se a seguinte abreviatura para as duas ocorrências da palavra neste parágrafo da edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958), com evidente objetivo de censura: “P.”.]

⁴⁸ [Trecho “a aquele” subtraído e substituído, na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958), por vírgula.]

⁴⁹ Orrick Glenday Johns (1887-1946), poeta e dramaturgo. Publicou *Asphalt and other poems* (1917) e *Black branches, a book of poetry and plays* (1920).

⁵⁰ [Trecho “Que poeta [...] insolente!” constitui novo parágrafo na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958).]

⁵¹ Ford Madox Hueffer, nome de batismo de Ford Madox Ford (1873-1939), romancista, poeta, crítico literário e editor britânico, considerado um dos primeiros escritores modernos em língua inglesa. Entre seus livros, destacam-se *The brown owl* (1891), a

sanatório da Suíça. (Ele me disse um dia que os meus pulmões apresentavam lesões “teoricamente^[55] incompatíveis com a vida”).

O delicioso Carnevali diz:

*I do not understand the cosmic humour
that lets foolish impossibilities, like me, live.*

E mais abaixo na mesma “Invocation to death”:

*If she would only come quietly like a lady.
The first lady and the last.*

Quanta vez pensei isto!

Mas só em inglês é possível dizer

If she would^[56] only come quietly...

Um abraço, Gilberto.

Manuel

trilogia *Fifth Queen*, baseada na vida de Catherine Howard, esposa de Henry VIII (1906-1908), *The good soldier* (1917) e *No more parades* (1925).

⁵² Trata-se de Alfred Kreyborg (1883-1966), poeta e editor norte-americano. Considerado um dos primeiros imagistas, publicou *Mushrooms* (1916), *Manhattan men* (1929), *Selected poems* (1945) e *Man and shadow* (1946).

⁵³ Emanuel Carnevali (1897-1942), poeta ítalo-americano. Publicou somente um livro de poesia, *Tales of a hurried man* (1925), mas era admirado por William Carlos Williams e Carl Sandburg. Trabalhou com Harriet Monroe na revista *Poetry* por algum tempo, mas acabou retornando à Itália.

⁵⁴ [Vírgula, nesta posição, presente na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958).]

⁵⁵ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁵⁶ [Forma da palavra em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “world”. Provavelmente houve incorreção tipográfica, uma vez que a palavra está corretamente fixada em ocorrência anterior.]

- 3 -

GABINETE DO GOVERNADOR

DO

ESTADO DE PERNAMBUCO⁵⁷

Recife, 11 de agosto de 1927.

Dear Baby Flag⁵⁸:

Your kind note was July received. So was the book on New Poetry – English and American New Poetry. I am delighted to know of the pleasure you took in reading those poems. Some of them are intensely dear to me. I know only of one poet in our language whose poems mean as much to me as the poems of a number of vigorous young poets in the English language who revolutionized my youth. Needless to say that one^[59] poet is Baby Flag. Baby Flag, when are we going to see you again here in old Recife? Do come and bring Dôdô with you. November will be a good season to visit the old engenhos^[60]; and everything will be done

* [Classificação original (FCRB): 210. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “11 de agosto 1927”. Papel amarelado, de gramatura alta. Timbre do papel: “Gabinete do Governador do Estado de Pernambuco”. Uma folha, quatro páginas manuscritas. Uma folha de 38 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: páginas quatro e um, nesta ordem. Segunda face: páginas dois e três. Dimensões: 19 cm de largura e 18 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁷ Pelo timbre do papel, vê-se que Freyre já poderia estar desempenhando a função de chefe de gabinete do governador de Pernambuco, ainda vice-presidente da República em 1926, Estácio Coimbra. Freyre foi convidado para o cargo junto ao governo eleito em 1926 e assumiu em 1927, desempenhando a função até 1930, quando a Revolução de 30 é detonada.

⁵⁸ É provável que o apelido “Baby Flag” tenha sido dado a Bandeira pelo próprio Freyre. Sonia Freyre, filha de Gilberto Freyre, em seu livro de memórias *Vidas vivas e revividas*, diz sobre o pai que, no ano de 1926, “foi aí que se encontrou pela primeira vez com Manuel Bandeira com quem correspondia já há algum tempo. Trataram-se como velhos amigos e foram muito amigos até o fim. Era meu tio ‘FLAG’, como papai o chamava e como ele assinou várias das correspondências enviadas a Gilberto” (FREYRE, S. **Vidas vivas e revividas**. Recife: Edições Bagaço, 2004. p.35).

⁵⁹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁶⁰ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

*to make it easy for you to travel in the interior*⁶¹. Resvalando agora p'ra nossa língua, seu Nenê, diga sério quando é que vem; você^[62] precisa ver engenho, andar pelo Pernambuco de dentro, e não ficar com a impressão única do Recife a lhe boiar na lembrança como sua impressão pernambucana. Não sei como esqueci de mandar pelo Antiógenes Chaves aquele desenho do seu xará lá na *provincière* que é seu há tanto tempo. Mas não vou nunca a embarques nem desembarques – não fui ao de Chicão nem ao de Antiógenes⁶³ e sempre perco portador. Ainda anda por aí o Sérgio⁶⁴? Diga a ele que não deixe de me mandar o *Up Stream*. É um livro que me foi dado por pessoa amiga, e que eu ficarei [contentíssimo] se ele me mandar. Com o outro, de Stephen Crane⁶⁵, e que aliás tem uma dedicatória p'ro nosso Bigodão⁶⁶ pode ficar. Mas *Up Stream* eu quero ou antes queria ter com o mais vivo dos desejos que se pode ter num livro dado por amigo. Aqui tudo rolando. Aproveitei o dia de festas a que não vou – discurso, fraques suados, a bacharelada toda assanhada p'ra escrever aos amigos; e lá vai esta carta ao Baby Flag, se estendendo porém ao Dôdô. Ao Facó⁶⁷ e ao

⁶¹ “Sua gentil nota foi recebida em julho. Também recebi o livro sobre a Nova Poesia – Poesia Inglesa e Norte-americana. Estou encantado em saber do prazer que você teve em ler aqueles poemas. Alguns me são muitíssimo caros. Eu sei de apenas um poeta em nossa língua cujos poemas significam tanto quanto os poemas de alguns vigorosos poetas jovens em língua inglesa que revolucionaram minha juventude. Desnecessário dizer que o poeta é Baby Flag. Baby Flag, quando nós vamos vê-lo de novo aqui no velho Recife? Realmente venha e traga Dodô com você. Novembro será uma boa estação para visitar os velhos engenhos; e tudo será feito para tornar fácil a sua viagem para o interior.” (tradução nossa).

⁶² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁶³ Referência a Antiógenes Ferreira de Castro Chaves. Amigo de Gilberto Freyre, formado em Direito, conviveu com os regionalistas de Pernambuco.

⁶⁴ Provável referência a Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), jornalista, crítico literário e historiador. Amigo de Manuel Bandeira e de Gilberto Freyre, já na década de 20, Sérgio Buarque era bastante ativo na vida literária brasileira, assinando artigos de crítica nos principais veículos da época. Fundou, com Prudente de Moraes, Neto, a revista *Estética* em setembro de 1924, que durou até 1925, totalizando três exemplares. Seus ensaios sociológicos *Raízes do Brasil* (1936), que inaugurou a série *Documentos Brasileiros* da Editora José Olympio, dirigida por Gilberto Freyre – que também o prefacia –, e *Visão do Paraíso* (1959), são hoje considerados clássicos. Sérgio Buarque também figura entre os poetas bissexto com o poema “Novas cartas chilenas”, apesar de Bandeira destacar a autoria duvidosa do texto, já que o escritor não assumira seus supostos versos (BANDEIRA, **Antologia dos poetas bissexto contemporâneos**, 1964, p.169-171).

⁶⁵ Stephen Crane (1871-1900), escritor e jornalista norte-americano. Publicou, dentre outros livros, *Maggie: a girl of the streets*, o elogiado *The red badge of courage* (1895), ambientado na Guerra Civil norte-americana, e *The open boat and other tales* (1898). Seus livros são caracterizados pelo forte realismo e pela profundidade psicológica.

⁶⁶ “Bigodão” e “Gric” eram os apelidos do irmão de Gilberto Freyre, Ulysses de Mello Freyre (1899-1962). Foi um grande apoio para o irmão Gilberto no seu período de estudos no estrangeiro e também dividiram a casa do Carrapicho, na Estrada do Encanamento, quando foi escrita a maior parte de *Casa-grande & senzala*. Em carta de Gilberto a Ulysses logo após a Revolução de 30, é assim que o sociólogo se refere aos últimos acontecimentos: “Devo aliás pedir que me desculpem escrever pouco. É que quando escrevo tenho que pensar no Brasil, o que no momento é um tanto doloroso. [...] V. fala no saque e no roubo da casa. Nada mais doloroso para mim em tudo isso e Deus sabe que eu preferia mil vezes que outra coisa tivesse sucedido, atingindo a mim e só a mim.” (FREYRE, G. **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1978. p.279). Ulysses casou-se em 1930 com sua prima Maria Elísia Meneses Freyre.

⁶⁷ Provável referência a Américo de Queirós Facó (1885-1953), jornalista. Integra a *Antologia dos poetas bissexto contemporâneos* (1964), de Bandeira, com o poema “Noturno” (p.13-16). Dirigiu a seção de Literatura da *Revista Fon-fon* e fundou as revistas *Pan* (1924) e *O espelho* (1930). Foi diretor da Seção de Enciclopédia e Dicionário do Instituto Nacional do Livro.

Nestor Vitor⁶⁸ pode dar quantos abraços quiser. Não quer que abrace por você os seus companheiros daqui na luta pela Idéia Moça (com licença do seu amigo^[69] Dr. Alcântara Machado⁷⁰) – os [Inojosa⁷¹], os Goes Filho, enfim a filharada pernambucana do Marcos de Andrade e do Octavio ou Olavo Andrade, da cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, A. S.?

Saudades do

Gilberto

⁶⁸ Nestor Vitor (1868-1932), crítico e professor. Aproximou-se do Simbolismo, tendo como grande amigo o poeta Cruz e Sousa. Em 1897, publicou o livro de contos *Signos* e a novela *Sapo*, seguidos pelo romance *Amigos* (1900) e pela coletânea de poemas *Transfigurações* (1902). Escreveu estudos sobre Cruz e Sousa, Maurice Barres, Raul Pompéia, Novalis, Balzac, Ibsen etc., e os ensaios *O elogio da criança* (1915), *Três romancistas do Norte* (Xavier Marques, Rodolfo Teófilo e Pápi Júnior) (1915), *Farias Brito* (1917) e *A crítica de ontem* (1919).

⁶⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “am^o”].

⁷⁰ Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), escritor e jornalista. Participou ativamente da vida literária modernista, colaborando com crônicas e artigos em jornais e em revistas, como *Terra roxa e outras terras* e *Revista de antropofagia*, e do cenário político no Brasil na década de 30. Com sua morte prematura, deixou obras como *Pathé Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), *Laranja da China* (1928), *Anchieta na Capitania de São Vicente* (1928) e as edições póstumas *Mana Maria* (1936) e *Cavaquinho e Saxofone* (1940).

⁷¹ Provável referência a Joaquim Inojosa (1901-1987). Inojosa, bacharel em Direito, jornalista, crítico literário, cronista, historiador e crítico literário, reivindicou para si o papel de introdutor do Modernismo no Recife. Publicou *Diário de um turista apressado* [1960], *O movimento modernista em Pernambuco* (1969), *Um “movimento” imaginário: resposta a Gilberto Freyre* (1972), *Carro alegórico: nova resposta a Gilberto Freyre* (1973), *Os Andrades e outros aspectos do modernismo* (1975), *A arte moderna (1924-1974)*; *O Brasil brasileiro (1925-1975)* (1977), *República de Princesa (José Pereira x João Pessoa, 1930)* (1980), *Sursum corda! Desfaz-se o “equivoco” do Manifesto Regionalista de 1926* (1981) e *A tragédia da Rosa dos Alkmins* (1985). Procurou, dentre outras polêmicas abertas com o sociólogo, evidenciar que o seu *Manifesto Regionalista de 26* (1952) foi na verdade escrito posteriormente. A figura de Inojosa passa a corporificar, de forma um tanto dicotômica, a polêmica disfarçada entre Gilberto Freyre e Mário de Andrade, assim como entre província e metrópole e entre Regionalismo e Modernismo. No prefácio a *Região e tradição*, Freyre assim descreve a presença do Modernismo do Rio e São Paulo: “Parece que nenhuma das duas influências se verificou de modo decisivo sobre a gente do Nordeste, a não ser em casos quase individuais ou isolados: o do sr. Joaquim Inojosa, por exemplo, por algum tempo discípulo intransigente, no Recife, de ‘modernistas’ do Sul; discípulo amado do então, como hoje, meio apostólico sr. Mário de Andrade – o extraordinário poeta do ‘Noturno de Belo Horizonte’ e crítico de Castro Alves, que será lembrado na história literária do Brasil não só por essas suas sólidas virtudes como pelos seus brilhos de General Booth do ‘modernismo’ de 1922” (FREYRE, G. Introdução do autor. In: _____. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. p.35).

- 4♦ -

Rio de Janeiro, 8 de junho de 1928.

GILBERTO FREYRE PALÁCIO RECIFE

ACEITAMOS VIVA PERNAMBUCO BABY FLAG

FREYRE BABY FLAG

* [Classificação original (FGF): doc 3. Telegrama. Datação: "08-06-1928"⁷²]. Papel cinza azulado, de gramatura média, com timbre da "Repartição Geral dos Telégrafos". Dimensões: 23,7 cm de largura e 13,3 cm de altura. Verso com mapa do Brasil e informações. Documento em boas condições. Parte referente à impressão do telegrama desgastada.]

- 5 -

GABINETE DO GOVERNADOR

DO

ESTADO DE PERNAMBUCO

Confidential^[73]

Recife, 6 de maio de 1929.

Meu caro Baby Flag:

Vai esta com a nota de confidential^[74] porque é assunto que desejo fique encoberto dos literatos. Agora que estou ganhando um pouco mais (embora reunindo responsabilidades e deveres de três indivíduos) estou empregando as economias na compra de livros referentes à vida íntima do Brasil (muitos deles só de passagem), a estudos sociais, em geral, sobre a família e especialmente sobre a vida e a história da criança, em vários países e em diferentes condições de cultura⁷⁵. Já estou com um bom começo de biblioteca especializada e outros

* [Classificação original (FCRB): 211. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "6 de maio 1929". Papel amarelado, de gramatura alta. Timbre do papel: "Gabinete do Governador do Estado de Pernambuco". Uma folha, quatro páginas manuscritas. Uma folha de 31,9 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: páginas quatro e um, nesta ordem. Segunda face: páginas dois e três. Dimensões: 15,95 cm de largura e 20,3 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁷³ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁷⁴ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁷⁵ Refere-se Gilberto Freyre ao projeto de escrever um livro sobre a "Vida de criança no Brasil", projeto sobre o qual fala no seu "diário" *Tempo morto e outros tempos*: "Não posso explicar bem ao bom do O. L. [Oliveira Lima] o trabalho em que estou empenhado na sua Brasiliana desde o meu primeiro contato com ela em 21: trabalho que me faz passar dias inteiros entre os livros e papéis que esse raro brasileiro doou à Pontifícia Universidade Católica. Disse-lhe vagamente que estou reunindo notas para uma história de vida de menino no Brasil: uma espécie de autobiografia ou de memórias de um indivíduo estendidas em histórias ou em memórias de todos os meninos do Brasil. [...] É o livro que espero em Deus escrever.[...] " (FREYRE, G. **Tempo**

desses livros me estão a chegar. Esse trabalho e essa reunião de livros – como você^[76] é um dos raros a saber – prende-se a um estudo, sob o ponto de vista psicológico e histórico, que há anos me prende, e adiado pela falta absoluta de entusiasmo e falta de recursos de estudo e leitura aqui. Sucede que apareceu uma fagulhazinha de entusiasmo e,^[77] em vez do miserável dinheiro que me trazia sempre em dívidas, estou ganhando (embora com sacrifício de conforto e saúde) o bastante para me dar ao luxo de adquirir livros sobre um estudo especializado como o que me vem há tempos ocupando a um estudo da vida de menino no Brasil. Esse estudo teria de começar pela vida de menino entre os nossos índios. Aqui você^[78] me pode ajudar no seguinte: na parte referente às cantigas de ninar meninos entre os índios; cantigas de brinquedos infantis entre eles; sobrevivência no moderno canto infantil brasileiro dessas influências. Roquette Pinto⁷⁹ fala um pouco – muito^[80] pouco – do assunto em *Rondônia*. Você^[81] não podia ver se ele tem outros estudos no assunto? E se no Museu Nacional não há mais a respeito? Tudo isso muito^[82] discretamente. Também se no Museu não há bonecas de palha ou outros brinquedos índios que pudessem ser fotografados. E livros alemães de etnografia sobre o Brasil – não há na Biblioteca^[83] Nacional? Seu Baby Flag, vamos ver se você^[84] se toma de interesse pelo assunto. Estou reunindo material. Toda a minha economia é para isso. (É claro que ninguém por fora sabe). Bigodão já acha demais

morto e outros tempos, 1975, p.197). Para detalhes do convívio entre Freyre e o historiador e embaixador Oliveira Lima, consultar *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre* (FREYRE; LIMA, 2005).

⁷⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”].

⁷⁷ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁷⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”].

⁷⁹ Trata-se de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), que foi um dos primeiros estudiosos da área de antropologia moderna no Brasil e membro da ABL. Escreveu *Rondônia* (1916) e *Ensaios de antropologia brasileira* (1933). Em parte elucidativa de estudo aprofundado sobre as influências intelectuais de Freyre na década de 20 e 30, Pallares-Burke chama atenção para a inspiração antropológica de Roquette-Pinto em um Freyre que ainda procurava bases sólidas para a construção de seu pensamento: “Não é, pois, por acaso que mais tarde Freyre iria falar de Roquette-Pinto como um dos ‘precursores esquecidos’ que, removendo as associações patológicas do termo ‘mestiço’, fora o primeiro a fazer a distinção fundamental entre ‘mestiço doente’ e mestiço em geral (FREYRE, G. Precursores esquecidos. *O Jornal*, Recife, 21 jul. 1942). E não é também por acaso que, no momento em que se discutia a nova Constituição brasileira, a resenha de Roquette-Pinto, publicada após o lançamento de Casa-grande & senzala, tenha privilegiado, acima de tudo, a seriedade, a clareza e a objetividade científica desse ‘volume soberbo’ que já nascera ‘obra clássica’” (PALLARES-BURKE, M.L. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005. p.344).

⁸⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “m^{to}.”]

⁸¹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

⁸² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “m^{to}.”]

⁸³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “B.”.]

⁸⁴ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

tanto livro caro. Mas o assunto é fascinante. Mais um ano e meio estou livre dessas complicações de governo e de enfrentar oposições sem escrúpulo – cousas que pedem [fala] e chicote. Não posso ficar em política. Acabaria mal. Mas daqui a um ano e meio estou livre – e só vejo uma cousa capaz de me interessar, que seria aquele estudo. É campo original, virgem. E não seria para ser tratado literariamente. Depois desse capítulo sobre índios, viria o sobre o *background* da criança dos colonizadores – muito^[85] interessante também – e os primeiros contatos das crianças de origem européia com os bichos do Brasil índio (de nomes tão arrenegados) os papões e mal-assombrados, os frutos, os pássaros etc. Depois o estudo até o presente. É um material deslumbrante. Você^[86] tem que me ajudar – com a sua simpatia pelo assunto, a sua rara inteligência, a sua cultura musical – e na parte referente ao “menino brasileiro na literatura”... Diga se está disposto a cair no assunto. Muita discrição para os literatos não saberem.

Já enviei ao Armstrong⁸⁷ a sua tradução de D. Isabel. Ótima. Quando vai aos outros sonetos? Tenho o palpite de que você^[88] vai ficar ligado ao nome dos Brownings⁸⁹ – que como sabe têm verdadeiros adoradores no *English speaking world*.

⁸⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m^{to}”].

⁸⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito original: “V.”].

⁸⁷ Referência a Andrew Joseph Armstrong (1873-1954), professor e crítico literário. Graduado no Wabash College em Crawfordsville, Indiana, e doutor pela Universidade da Pensilvânia, de 1912 a 1952 foi chefe do Departamento de Inglês na Universidade Baylor, onde Gilberto Freyre se graduou em 1920 no curso de Bacharel em Artes. Trouxe para a universidade vários poetas de renome, tais como W. B. Yeats, Amy Lowell e Vachel Lindsay, dentre outros, que Freyre conheceu pessoalmente. É também Armstrong que introduz Freyre aos ensaístas anglo-americanos em suas aulas de literatura, tais como Walter Pater, Cardeal Newman, Richard Steele, Joseph Addison, Charles Lamb, Mathew Arnold etc., além dos poetas Robert e Elizabeth Browning. Foi correspondente assíduo de Freyre até sua morte.

⁸⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”].

⁸⁹ Trata-se de Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), poeta inglesa. Escreveu *Sonnets from the Portuguese* (1850). Casou-se com o poeta e dramaturgo inglês Robert Browning (1812-1889) em 1846, seguindo logo após para a Itália. Publicou *Sordello*, a *Poem in Six Books* (1840) e *Men and Women* (1855). Freyre contrastou da seguinte forma a poesia do casal: “É pena que a clareza não seja uma de suas virtudes [de Robert Browning]; que a densidade o torne às vezes turvo como os mais difíceis textos das Escrituras; que a sua poesia, de tão agreste, se feche aos tradutores como mistérios do Thibet para sempre virgem dos olhos dos curiosos do Ocidente. Consegui que o grande poeta da nossa língua que é Manuel Bandeira traduzisse, há anos – na fase de sua colaboração regular para o jornal *A Província* – alguns dos sonetos de amor de Mrs. Browning – traduções depois tão inteligentemente louvadas pelo sr. Abgar Renault; mas não os poemas áspers do marido. Tarefa que Bandeira e Renault poderiam um dia empreender, para suprema delícia do meu velho mestre browningista fervoroso, o professor A. J. Armstrong.” (FREYRE, G. Leituras inglesas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 maio 1942). Bandeira também escreveu crônicas, espécie de perfil biográfico, que se enfeixaram sob o título de “Elizabeth Barret Browning”, publicado na seção “Outras crônicas” de *Crônicas da província do Brasil*, do qual se lê o trecho: “O amor é a nova invenção, e nenhum casal de criaturas humanas foi jamais tão longe, mesmo nos domínios da fábula, como Elizabeth Barrett e Robert Browning, cujo grande e inalterável sentimento tem, pelas circunstâncias e vicissitudes em que se formou e cresceu, a beleza cíclica e indestrutível dos mitos. Pertence às coisas ideais da vida, disse um comentador.” (BANDEIRA, M. Elizabeth Barret Browning. In: _____. *Crônicas da província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p.223-228).

Escreva-me. Lembranças e abraços aos amigos especialmente às Blank.

Abraços do Gilberto Freyre

- 6* -

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1929.

Gilberto

Recebi a sua carta felicitando-me pelo *Álbum de Canções*. Gostaria muito de saber quais as que lhe agradaram e quais não, ou os detalhes. A crítica de procuradores^[90] como você e a impressão dos próprios meninos poderão me guiar se eu insistir em outra tentativa. Não se esqueça. As minhas canções são o Nana Nanana, a da bandeira e outra que diz

*Brasil de meu Deus
Brasil de meu Senhor
Brasil de minha gente
Meu Brasil do meu amor.*

O tema musical dela foi dado a Heckel^[91] por mim. É uma coisa que aprendi menino com meu pai. É de Bumba-meu-boi ou cabocolinho daí de Pernambuco. Mas o Heckel estragou a idéia que era de fazer daquilo um cânon^[92] (você^[93] não sabe o que é isso mas

* [Classificação original (FGF): doc 4. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 12 julho 1929". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 16,2 cm de largura e 21 cm de altura. Documento em boas condições. No topo da primeira página, à direita, encontram-se as seguintes palavras com lápis vermelho: "Pareceres do procurador [...]". Na parte inferior da segunda página, à direita, encontram-se as seguintes palavras com lápis grafite: "1.0 Brasil é bom 10; 2.0 Brasil 9; 3 . Canção da Bandeira + Nanana". Provavelmente estas palavras – infere-se pela caligrafia – foram escritas por Gilberto Freyre.]

⁹⁰ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁹¹ Trata-se de Heckel Tavares (1896-1969), compositor alagoano erudito e popular. Musicou espetáculos para o Teatro de Revista e várias letras de Manuel Bandeira, como "O Brasil" e "Canção da Bandeira". Bandeira refere-se, no corpo da carta, à canção "Nana Nanana" (em "6 Canções Infantis Sobre Temas de Roda").

⁹² [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁹³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "v.."]

pergunte ao Ernani⁹⁴ que ele lhe explica). Ficaria formidável cantado por grande massa de meninos. Creio que o Heckel não soube compor o cânon e redigiu a simples melodia.

Dei o seu recado a Joanita⁹⁵. A Guita⁹⁶ se casa nos dias 8 e 9 de agosto com um rapaz inglês que é exatamente o oposto de outro noivo americano. *Both* maneiras e sentimentos. Gosta muito da Guita e dá-se muito bem com Joanita e M^{me} Blank⁹⁷. Estão todos muito contentes desta vez. O nome dele é aliterativo, agreste e grandioso: Victor Valentine Wilde (estou vendo você dizer: – Danou-se!). Mas ele tem *sense of humour enough* para rir do nome. De resto é Vic em casa das Blanks. No dia 10 embarcam num “cargozinho” e vão passar três meses na Europa – ele vai com licença da Light onde é empregado. Licença com todos os vencimentos, passagens pagas e gorjetas para bordo.

Rodrigo, Prudente⁹⁸, Dôdô bem. Os amores da moleca fizeram bem ao Dôdô. Instalou-se com ela no Catete. Está trabalhando como Engenheiro da Central e não bebe mais senão de raro em raro – como nós.

⁹⁴ Ernani Braga (1888-1948), professor, maestro, crítico de música, colaborador do jornal *A Província* durante todo o período em que este foi dirigido por Gilberto Freyre.

⁹⁵ Trata-se de Joanita Blank (1909-). Além de mestre de Joanita, que nunca freqüentara escola, Bandeira foi entusiasta de seu trabalho. Ela foi colaboradora de Bandeira no *Guia de Ouro Preto* (1938), ilustrando-o em parceria com Luís Jardim. Na sua *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, inclui Joanita Blank como uma “bissexta autêntica”, que “de quatro em quatro anos dá um ar de sua graça, ora em português, ora em francês, ora em inglês” (BANDEIRA, *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, 1964, p.87). Informa ainda Bandeira, na sua antologia dos bissextos – utilizando a terceira pessoa para tal –, que em 1937, à revelia da autora, editou 30 exemplares de uma plaquete contendo dez de seus poemas. Como artista plástica, deixou desenho a nanquim de Irene – a mesma de “Irene no Céu” de Bandeira – e um retrato a óleo de Portinari. Em 1955, casa-se com Gerard Elisa, barão van Ittersun e diplomata holandês, e segue para Belgrado a trabalho com o marido. A correspondência entre ambos se encerra somente com a morte de Bandeira (Cf. BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995).

⁹⁶ Referência a Guita Blank, irmã de Joanita e filha de Fredy Blank.

⁹⁷ A família Blank foi bastante próxima da família de Manuel Bandeira. A amizade entre as duas famílias começou quando o casal Frederique Henriette Simon Blank e Carlos Blank vem morar no Brasil, nos primeiros anos do século XX, já com a primeira filha, Guita, nascida. Joanita Blank, a segunda filha, nasce em 1909 no Brasil e quando Bandeira muda-se para a Rua do Curvelo, em Santa Teresa, a menina passa a ter aulas com o escritor, que se encarrega de toda sua formação educacional e intelectual, seguindo o modelo de preceptor. Bandeira mantém uma amizade fiel com as Blank até o final da vida, laço este que é motivo de vários poemas, tais como “Joanita”, “Joana e Pituca” (dedicado a Joanita e seu esposo Gerald Elisa), “Poema do mais triste maio” (sobre a despedida da adoecida M^{me} Blank ou Fredy, como era chamada Frederique Blank, e de Joanita, na partida definitiva de mãe e filha para a Europa em 1964), “Natal 64” (que fala sobre a tristeza da morte da grande amiga M^{me} Blank), “A Mossy” (também dedicado à M^{me} Blank) e da crônica “História de Joanita” (Cf. BANDEIRA, M. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966). Sobre o relacionamento de Bandeira com a família Blank, cf. BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo*, 1995. Ainda mais, é provável que relação entre Fredy e Bandeira tenha ido mais longe: “Naquele ano, os dois [Sérgio Buarque de Holanda e Maria Amélia Cesário Alvim] se casaram e foram morar no Leme, no começo da avenida Nossa Senhora de Copacabana. No mesmo prédio viviam J. O. e Vera, além de Madame Blank, grande amor de Manuel Bandeira, o que tornava o poeta presença assídua no edifício,” (SOARES, L. *Rua do Ouvidor 110*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006. p.53).

⁹⁸ Trata-se de Francisco de Paula Prudente de Moraes Neto (1904-1969), o Prudentinho, como era chamado pelos amigos, bacharel em Direito, escritor, crítico e professor. Com Sérgio Buarque de Holanda, dirigiu a revista *Estética*. Atuante como jornalista, foi professor de Literatura na Universidade do Distrito Federal. Com o pseudônimo literário Pedro Dantas, adotado em 1928, Bandeira apresenta o poeta bissexto em sua antologia (BANDEIRA, *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, 1964, p.145-167). Na crônica “O pensador Prudente de Moraes, Neto”, Gilberto Freyre escreve: “Os que o conheceram de perto sabem que alta figura humana ele foi. Que afetivo houve nele disfarçado pelo homem por vezes, na

Mário me escreveu dizendo que o editor do *Ensaio* e da *História da Música*⁹⁹ ia lhe mandar os livros. Recebeu? Não se esqueça de dar notícia da *História da Música* na secção dos livros novos¹⁰⁰. O Ernani pode fazer. Adeus. Abraços do

Flag

aparência e no sorriso, machadeamente irônico. Que amigo ele foi de Rodrigo Mello Franco de Andrade, de Manuel Bandeira, de Sérgio Buarque. Por vezes, que sentimental. Que lírico. Que o diga o seu poema 'A Cachoeira'. Um poema que consagra sozinho um poeta. / O irônico, em Prudente, era superado pelo supremo *sense of humour*. Nunca – suponho eu – num brasileiro houve tão profundo *sense of humour*. Esse *sense of humour* que talvez seja a expressão mais inconfundível de inteligência; e que quando presente em jornalista, ou em cronista, como Prudente, no Brasil, e Chesterton, em língua inglesa, faz deles pensadores cujo poder de reflexão nem todos percebem." (FREYRE, G. O pensador Prudente de Moraes, Neto. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.53-54. Texto originalmente publicado, com o título "Prudente de Moraes, Neto", no **Correio Brasileiro**, Brasília, 8 jan. 1978.)

⁹⁹ *Compêndio de História da Música*, de Mário de Andrade, lançado em 1929.

¹⁰⁰ Ernani Braga de fato publica resenha sobre o *Compêndio de História da Música*, de Mário de Andrade, na primeira página de *A Província* na seção "Livros Novos" em 30 de julho de 1929. No corpo da carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, datada de 12 de agosto de 1929, o poeta recifense escreve: "Mando-lhe um retalho da *Província* com a notícia sobre a *História da Música*. O Ernani Braga, que a escreveu, está sempre fazendo referências a você (simpáticas); é raro o artigo dele em que não aparece seu nome" (ANDRADE; BANDEIRA, **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**, 2000, p.431). Ernani Braga estampou outros artigos elogiosos a Mário de Andrade no referido jornal, como "A música brasileira na crítica do Sr. Mário de Andrade", de 25 de dezembro de 1928, e outros publicados em "Vida Musical", dos quais temos as seguintes chamadas: "Mário de Andrade, podendo ir a Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais" (21 de fevereiro de 1929) e "O que diz Mário de Andrade sobre o maracatu" (de 9 de junho de 1929). Percebe-se, assim, que a pretensa polêmica entre Mário de Andrade e Gilberto Freyre não existiu abertamente; caso existisse, Freyre, na qualidade de diretor do jornal, teria como vetar artigos como estes e outros, assinados por Manuel Bandeira ("Onde estão as riquezas do 'folklore' brasileiro?"), Adhemar Vidal ("O Sr. Mário de Andrade no Nordeste"), Olívio Montenegro [assinado O. M.] ("Macunaíma – Romance", na seção "Livros Novos") e pelo próprio Mário de Andrade ("O que o sr. Mário de Andrade viu pelo Nordeste", de 16 de fevereiro de 1929).

- 7 -

Lisboa, 4 de dezembro de 1930.

Dearest Baby Flag:

Há um mês que estou aqui. Vim acompanhando o Estácio¹⁰² que me pediu que viesse com ele. Eu ia ficar no Convento dos Franciscanos na Bahia – mais perto do meu querido Recife. Já sabe talvez de tudo, meu caro Bandeira, meu querido Manuel – minha casa saqueada e incendiada. Uma desgraça. Mas há de ser o que Deus quiser. Não há senão aceitar as coisas – talvez mais muçulmanamente do que à maneira cristã. Aqui estou “emigrado” como em qualquer romance russo. Veja, seu Baby Flag, eu a fugir do sentimental, do dramático – e creia que nestes dois anos o sentimental e o dramático não têm feito outra coisa senão me perseguirem. Mas não há de vencer. Não tivesse eu mais *humour* que mesmo

* [TEXTO-BASE: FREYRE, G. **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**. Seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1978. p.155¹⁰¹. Datação da carta na edição: “Consulado do Brasil – Lisboa – 4 de dezembro 1930.”]

¹⁰² Refere-se a Estácio de Albuquerque Coimbra (1872-1937). Bacharel em Direito, na década de 1890 começou sua carreira política, sendo eleito prefeito de Barreiros em 1894 em chapa ligada ao Partido Republicano Federal. Exerceu vários mandatos como deputado estadual e deputado federal. Em 15 de novembro de 1922, assumiu o cargo de vice-presidente da República, quando Artur Bernardes era o presidente. Em 1926, fica à frente do governo da província e Freyre é convidado para ser oficial de seu gabinete. Vale dizer que Estácio Coimbra era casado com Joana Castelo Branco de Albuquerque Coimbra, prima de Alfredo Freyre, pai de Gilberto Freyre. Em 1928, Freyre assume a direção do jornal *A Província* a pedido de Coimbra, sendo também nomeado professor da Escola Normal do Estado de Pernambuco. Com a vitória da Revolução de 30, ambos seguem para o exílio. Sobre os acontecimentos de outubro de 30 e a sua repercussão, escreve Manoel Correia de Andrade: “No Norte houve luta com grande participação popular no Recife, desde a madrugada do dia 4 até a tarde do dia 5, quando o presidente Estácio Coimbra fugiu em um rebocador para a Bahia. Nos demais estados foi fácil aos revoltosos tomar o poder. No Piauí o comandante Areia Leão tomou o poder sem luta a 4 de outubro, enquanto Juvenal Lamartine caía a 6 no Rio Grande do Norte, a 8 o presidente Matos Peixoto abandonava o poder no Ceará, a 9 caía Pires Sexto no Maranhão, a 10 Álvaro Pais abandonava o governo de Alagoas, fugindo para a Bahia, seguido a 16 pelo presidente de Sergipe, dr. Manuel Dantas. Só o Pará resistiu aos rebeldes; o presidente Eurico Vale expulsou-os da capital e manteve-se no poder até quando a revolução estava vitoriosa em todo o país. O presidente Washington Luís não compreendia a fraqueza dos presidentes de estados do Norte e recusou-se a receber qualquer um que o procurasse” (ANDRADE, M.C. de. **A Revolução de 30**. da República Velha ao Estado Novo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.51-52). Gilberto Freyre, no ensaio “Fidalgos pernambucanos”, afirma que Estácio Coimbra, como Pedro Luiz Paranhos Ferreira, eram dois perfeitos fidalgos, dois senhores de engenho de atitudes virtuosas, figuras em extinção: “Esse corpo curvado antes do tempo e esses cabelos brancos também precoces, como que característicos dos últimos aristocratas pernambucanos – os Pedro Paranhos, os Estácio Coimbra, os Manuel Caetano de Albuquerque e Mello, as Donas Flora Cavalcanti, os Julio Bello, os Ignacio de Barros Barreto, os Paulo Cavalcanti de Amorim Salgado, os Conde Correia de Araújo.” (FREYRE, G. **Fidalgos pernambucanos**. In: _____, **Região e tradição**, 1941, p.233).

lirismo luso-brasileiro. Vai para você^[103], meu caro Baby Flag, que é dos meus amigos um daqueles em quem mais tenho pensado nas minhas saudades de quarto de hotel, um grande abraço. (Muitas vezes me surpreendo a dizer baixinho “Me dá alegria, Santa Teresinha!”¹⁰⁴). Peço-lhe também que abrace por mim os bons amigos Blank, especialmente a colaboradora da *Província*¹⁰⁵, Prudente e Inah¹⁰⁶, Dôdô, Ovalle, Rodrigo, o gênio, o deputado (ex-).

Do Gilberto

¹⁰³ [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*: “V.”].

¹⁰⁴ Gilberto Freyre se refere ao poema “Oração a Teresinha do Menino Jesus”, publicado em *Libertinagem* (1930): “Perdi o jeito de sofrer. / Ora essa. / Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza. / Quero alegria! Me dá alegria, / Santa Teresa! / Santa Teresa não, Teresinha... / Teresinha... Teresinha... // Me dá alegria! / Me dá a força de acreditar de novo / No / Pelo Sinal / Da Santa / Cruz! / Me dá alegria! Me dá alegria, / Santa Teresa!... / Santa Teresa não, Teresinha... / Teresinha do Menino Jesus” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.216-217).

¹⁰⁵ Joanita Blank foi colaboradora regular do jornal *A Província*, escrevendo para a seção “A moda feminina”, sempre no suplemento de domingo. Joanita assinava e ilustrava cuidadosamente à mão matérias bastante atualizadas sobre moda, dando enfoque diverso sobre várias questões relacionadas ao tema: moda feminina, infantil, para ocasiões informais, formais, para carnaval, casamento, sobre as últimas tendências européias, sobre noções de etiqueta etc.

¹⁰⁶ Inah Novaes, esposa de Prudente de Moraes Neto.

- 8 -

Rio de Janeiro, natal de 1930.

Gilberto. – Sua carta de 4, recebida agora mesmo, me deu um alegrão. Tivemos muitas apreensões a seu respeito nos primeiros dias da revolução: não se sabia de nada do Recife senão pelos rádios que corriam nas mãos dos revolucionários¹⁰⁷. Até que por meu tio Antonico soubemos que você^[108] navegava com Estácio para Lisboa, o que nos fez respirar por sabê-lo a salvo de perseguições¹⁰⁹. Infelizmente veio depois por Bigodão notícia que a

* [Classificação original (FGF): doc 5. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Datação: "Rio de Janeiro, natal de 1930". Assinatura manuscrita com caneta tinteiro preta. Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas datiloscritas. Uma folha de 25,7 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: verso da página dois e página um. Segunda face: verso da página um e página dois. Dimensões: 12,85 cm de largura e 20,1 cm de altura. Documento ressecado, com rasgo na parte inferior da folha dobrada, atingindo as duas folhas. Timbre da folha: "Via aeropostale". Na parte inferior da primeira página, encontram-se as seguintes palavras: "Uma folha e um envelope aéropostal pesam 5 grammas".]

¹⁰⁷ O discurso de posse de Getúlio Vargas no Governo Provisório, em 3 de novembro de 1930, assinalou, já na sua abertura, o objetivo político de uma transformação do *status quo*: "O movimento revolucionário, iniciado, vitoriosamente a 3 de outubro, no Sul, Centro e Norte do país, e triunfante a 24, nesta Capital, foi a afirmação mais positiva que, até hoje, tivemos de nossa existência como nacionalidade. Em toda a nossa história política, não há, sob esse aspecto, acontecimento semelhante. Ele é, efetivamente, a expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro, afinal senhor de seus destinos e supremo árbitro de suas finalidades coletivas. / Todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade ou de sexo, comungaram em um idêntico pensamento fraterno e dominador: – a construção de uma Pátria nova, igualmente acolhedora para grandes e pequenos, aberta à colaboração de todos os seus filhos." (CARONE, E. **A Segunda República (1930-1937)**. São Paulo: Difel, 1978. p.13). A força que a movimentação revolucionária conseguiu, num primeiro momento, decorre de um descontentamento de grupos que se viam excluídos da chamada República "Café com Leite", período em que representantes do Partido Republicano Paulista (PRP) e do Partido Republicano Mineiro (PRM) revezavam-se na presidência da República. Nas eleições de 1930, Júlio Prestes, do PRP paulista, apoiado por dezessete estados, dentre eles Pernambuco, ganhou as eleições disputadas com Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal articulada pelos políticos descontentes de Minas Gerais – que esperavam a alternância após a presidência do paulista Washington Luís –, juntamente com Paraíba e Rio Grande do Sul. Posteriormente vem o movimento de deposição de Washington Luís liderado por Getúlio Vargas, que contou, de fato, com o apoio de amplos setores da população esperançosos de uma mudança que, ao final, se viu frustrada em muitos pontos: "O regime Vargas pôs fim à cultura política do período oligárquico da Primeira República (ou República Velha, 1889-1930), que se caracterizava por ser um sistema federativo sob o qual os estados mais ricos – todos no Centro-Sul – dirigiam o país, deixando apenas migalhas para as unidades mais pobres da federação. Uma minoria diminuta de brasileiros vivia confortavelmente. A imensa maioria vivia na pobreza. Havia milhões de brasileiros que não podiam comprar sapatos. Mas, embora Vargas soubesse disso, sua era dizia respeito a política e economia, e não à condição humana." (LEVINE, R.M. **Pai dos pobres?: o Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.17).

¹⁰⁸ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.".]

¹⁰⁹ Em prefácio a *Casa-grande & senzala*, afirma Gilberto Freyre: "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete." (FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.43). Ao passo que Freyre deixou Portugal em 1931, quando seguiu para os Estados Unidos, Estácio Coimbra retornou do exílio português em junho de 1933.

população tinha depredado e queimado a casa de Olímpio¹¹⁰. No Carrapicho¹¹¹ apareceu um caminhão com soldados e metralhadoras mas nada fizeram, nem chegaram a entrar e nenhum dos seus livros de viagem sofreu. Mas que desgraça, como diz você^[112],^[113] ou que esculhambação como diz Bigodão. Este, quando você^[114] ainda se achava na Baía,^[115] me passou um telegrama que entendi ser de aviso para você^[116] (naturalmente ele contava que você^[117] estivesse aqui: endereçado a Flag, assinado Whiskers e dizendo *Keep well covered advise other*^[118] *agents* etc. [Em] suma um telegrama com sentido comercial que supus encobrir outro.) De resto Whiskers continua gastando as linhas da Western como intermediadora de um jornal do Recife (*A Tarde*)^[119] ao fresco romano em mármore com esbeltas figuras de Tanagra, que anda em oposição acesa ao interventor. Este porém se interessa é pelo Pega, o que mandei dizer a Whiskers. Os amigos me perguntavam sempre por você^[120], especialmente os Blanks, Rodrigo e Prudente. Rodrigo virou Rimbaud¹²¹ do Largo

¹¹⁰ Trata-se da casa de Alfredo Freyre. Freyre chamava a seus pais, Alfredo e Francisca, de Olympios, como observamos por meio de sua correspondência endereçada aos pais: "Porto Alegre – 26-1-40. / Meus caros Olympios: / Grandes abraços para vocês e para todos de casa. Aqui estou há dias depois de uma viagem de automóvel, longa e interessantíssima: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, parte do Rio Grande, tudo de automóvel, através de paisagens novas. [...] Nossos abraços para vocês e lembranças para os amigos do filho muito amigo Gilberto (FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978, p.115). Em seu diário-memória, com datação "Recife, 1928", Freyre narra: "Bandeira é um entusiasta dos chamados 'Olímpios'. 'Olímpios é, como, não sei bem porque, Ulisses e eu chamamos os pais: meu Pai e minha Mãe. Bandeira diz que minha Mãe é para ele a imagem da pernambucana perfeita: muito mãe, muito discreta, muito fidalga. Muito fidalga, diz ele, com um perfil aquilino que em qualquer parte do Ocidente é fidalguia da melhor." (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.221).

¹¹¹ Foi no sítio chamado Carrapicho que Gilberto Freyre escreveu *Casa-grande & senzala*. A casa mourisca que pertencia ao seu irmão Ulysses Freyre ficava na Estrada do Encanamento, perto da Casa Forte. Em alguns momentos da correspondência, o bairro aparece com a grafia "Karrapicho". Veja-se a descrição que José Lins do Rego faz do lugar: "A casa do Carrapicho, onde Gilberto Freyre morava, era para mim como um refúgio que eu procurava com ansiedade e timidez. No seu quarto, debaixo daquela enorme jaqueira, dormiam Gilberto e seu irmão Ulysses. Com os livros ainda desarrumados, com os seus quadros e os emblemas das universidades por onde passara pelas paredes brancas, ali viveu os seus primeiros e grandes dias de volta ao Brasil. Soprava sobre o Carrapicho o nordeste camarada e no silêncio do sítio pernambucano, debaixo das jaqueiras matriarcais, Gilberto por muitas vezes me lia os seus artigos. Às vezes ficávamos calados, e o apito do trem da Paraíba, lá para as bandas de Macacos, trazia para o meio de nós uma tristeza de fim de tarde." (REGO, J.L. do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, **Região e tradição**, 1941, p.12, 15).

¹¹² [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

¹¹³ [Vírgula inserida nesta edição.]

¹¹⁴ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

¹¹⁵ [Vírgula inserida nesta edição.]

¹¹⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

¹¹⁷ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

¹¹⁸ [Forma da palavra no datiloscrito original: "others".]

¹¹⁹ [Emenda do autor com nome do jornal *A tarde* sobrescrito a mão com caneta tinteiro preta.]

¹²⁰ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

¹²¹ Referência a Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891), poeta francês. Grande influência para as principais correntes literárias do século XX, escreveu sua obra num espaço curtíssimo de tempo, entre os 16 e 19 anos. Deixou *Le Bateau Ivre* (1871), *Une Saison en Enfer* (1873) e *Les Illuminations* (1874).

da Mãe do Bispo e tem trabalhado pra se acabar. Chico Sciencia¹²² acaba dando cabo dele. Não sei se você¹²³ sabe que ele é o chefe de gabinete do novo Ministério da Educação. Por influência dele o Lúcio Costa¹²⁴, arquiteto pernambucano muito moço, foi nomeado diretor da Escola Nacional de Belas Artes¹²⁵ e o Gallet¹²⁶ do Instituto Nacional de Música¹²⁷. Imagine que me quis fazer diretor¹²⁸ do Museu Histórico¹²⁹. Ficou espantado que eu recusasse mas quando o Campos quis pregar-lhe a mesma peça também tirou o corpo. Então se lembrou do Tobias que recusou e indicou o Rodolfo¹³⁰ Garcia¹³¹ que aceitou: está ótimo, não acha? Rodrigo^{132,133} só fazia dizer: o Gilberto é que servia. Graciema¹³⁴ está safada porque Rodrigo¹³⁵ não pára. Apesar do trabalho excessivo Rodrigo está bem disposto.

Continuo parasita da nação e colaborador do *Diário Nacional* de São Paulo onde escrevo as mesmas cronicazinhas cínicas que já fizeram a delícia dos leitores de *A Província*¹³⁶. Quando não tenho assunto, conto algum porre do Dôdô. Por via marítima lhe

¹²² Chico Sciencia ou Chico Ciência era o apelido de Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968), advogado, jurista e político. Desempenhou inúmeros cargos públicos. Ficou conhecido como reformador do ensino no Estado de Minas segundo os preceitos da Escola Nova na década de 20. Foi ministro da Educação e Saúde no início do governo de Getúlio Vargas e secretário da Educação do Distrito Federal em 1935, em substituição a Anísio Teixeira, quando desestruturou a Universidade do Distrito Federal. Como ministro da Justiça de Vargas em 1937, ajudou-o a elaborar a nova Constituição, de caráter autoritário. Participou da elaboração dos Atos Institucionais (AI-1 e AI-2) do regime militar instaurado em 1964 e colaborou com a formulação da Constituição de 1967.

¹²³ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "v.."]

¹²⁴ Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa (1902-1998), arquiteto e urbanista. Estudou Pintura e Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, formando-se em 1924. Em 1930, assume a direção da Escola Nacional de Belas Artes. Em 1931, reformula o 38º Salão Nacional de Belas Artes, nomeando Manuel Bandeira e Anita Malfatti para o júri, dentre outros nomes. Traz Le Corbusier para o Brasil em 1936. Em 1938, projeta com Oscar Niemeyer o pavilhão brasileiro da New York World's Fair, parceria esta que se repete com a elaboração do Plano Piloto de Brasília, em 1957.

¹²⁵ [Forma do nome no datiloscrito autógrafa: "E. de B. Artes".]

¹²⁶ Referência a Luciano Gallet (1893-1931), compositor e crítico musical. Coursou Piano no Instituto Nacional de Música, em 1930, assumiu a diretoria do Instituto Nacional de Música. Publicou, postumamente, *Estudos de Folclore* (1934).

¹²⁷ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "I. de Música".]

¹²⁸ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "dir.."]

¹²⁹ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "Hist.."]

¹³⁰ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "Rod.."]

¹³¹ Trata-se de Rodolfo Garcia (1873-1949), bacharel em Direito, professor, diretor do Museu Histórico Nacional de 1930 a 1932, da Biblioteca Nacional a partir de 1932 e membro da ABL. Escreveu *Nomes de aves em língua tupi* (1913) e editou *Dicionário de brasileiro* (1915). Com Capistrano de Abreu, anotou a terceira edição da *História geral do Brasil*, de Varnhagen.

¹³² [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "Rod.."]

¹³³ Provável referência a Rodrigo Melo Franco de Andrade.

¹³⁴ Graciema Prates de Sá, esposa de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

¹³⁵ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafa: "Rod.."]

¹³⁶ Manuel Bandeira foi colaborador do jornal *A Província* quando este era dirigido por Gilberto Freyre. O sociólogo pernambucano, ao assumir a direção do jornal a pedido do então governador Estácio Coimbra, procurou desenvolver um trabalho diferenciado, seguindo uma linha editorial que o destacasse dos demais periódicos em circulação. Veja o que Luís Jardim afirma, em prefácio a *Retalhos de jornais velhos*, acerca da atuação de Freyre no cenário literário e cultural pernambucano: "E ainda de acordo com elas é que nos deu n'A *Província*, jornal que dirigiu de 1928 a 1930 e onde colaboraram alguns dos maiores talentos do Brasil – Pontes de Miranda, os dois Manoel Bandeira, o poeta e o desenhista, Mário de Andrade, Prudente de

mandarei umas delas e também uma oração que diz a Nossa Senhora da Boa Morte^[137] com quem me resolvi pegar porque fiquei convencido que Santa Teresinha não adianta, cadê que ela me dá alegria, dá o quê!

Eu e Cicinho¹³⁸ fizemos tudo pra descobrir o Anibal¹³⁹ [ilegível], não houve jeito.

Primeiro estive na sala da capela mas incomunicável. Depois que o soltaram ele sorveteu.

Estive em casa de uns Rego Monteiro¹⁴⁰ que moram na rua Santo^[141] Amaro e lá não puderam

Morais Neto, Cícero Dias, Múcio Leão, José Américo de Almeida, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Anibal Fernandes, Olívio Montenegro – um tipo de jornal provinciano, honestamente provinciano, refletindo de preferência a vida local em toda a sua pureza de cor. / *A Província* foi uma reação contra o jornal de Estado estandardizado pelo modelo do Rio – salientou uma vez Manuel Bandeira, o poeta. Gilberto Freyre, fugindo ao sensacionalismo da imprensa de ares dinâmicos, em províncias as mais pacatas, considera hoje o melhor jornal do Recife, não nenhum dos mais ricos e técnica e financeiramente mais poderosos – mas o *Jornal Pequeno*, dos irmãos Medeiros, por ser o menos estandardizado e o mais provinciano no bom sentido, o mais local, o mais recifense” (JARDIM, L. Prefácio. In: FREYRE, G. **Retalhos de jornais velhos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964).

¹³⁷ [Forma do nome abreviado no datiloscrito autógrafo: “N. S. da Boa Morte.”]

¹³⁸ Possível referência Cícero Dias.

¹³⁹ Possível referência a Anibal Fernandes (1894-1962), bacharel em Direito, professor e jornalista. Casou-se com a artista plástica Fedora do Rego Monteiro. Trabalhou nos jornais recifenses *O Pernambuco* e *Diário de Pernambuco*, ocupando neste o cargo de Redator-chefe, além de colaborar periodicamente com *Jornal Pequeno*, *Notícia* e *Estado*. Publicou vários estudos, tais como *Pernambuco no tempo do vice-rei* (1931), *Nabuco, cidadão do Recife* (1949), *Estudos Pernambucanos* (1956) e *Um senhor de engenho pernambucano* (1959). Em apreciação acerca da atuação dos colaboradores para *A Província* quando era diretor, afirmaria Gilberto Freyre em seu diário-memória: “Ótima a atuação de Anibal Fernandes. Esplêndidos editoriais. Apenas é preciso ter a gente cuidado com ele: opiniões excessivamente pessoais em artigos de responsabilidade da redação, por exemplo. E disparates com que às vezes me surpreende, sendo o homem admiravelmente inteligente que é. Por exemplo, pôr no fim de um artigo, a ser continuado em número seguinte do jornal, em francês: ‘La suite au prochain numéro’. Felizmente vi a coisa em tempo e eliminei a disparatada expressão francesa. É um afrancesado, o nosso A. F. Quanto a Olívio não tem o menor jeito para secretário de jornal. Ou para jornalista. Pouco jornalístico é também Sílvio Rabelo. É demasiado escritor, do tipo erudito, para ser jornalista. Enquanto em A. F. o escritor, o homem de letras, o erudito é superado pelo jornalista nato que ele é: ágil, plástico, sensível ao que o cotidiano tem de mais dramático e mais humano.” (FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1974, p.237).

¹⁴⁰ Da família pernambucana Rego Monteiro, fazem parte os artistas Fedora, Joaquim e Vicente. Vicente do Rego Monteiro (1899-1970) foi pintor, escultor, desenhista, ilustrador e poeta. Participou da *Semana de Arte Moderna de 1922* em São Paulo. Como poeta, publicou e imprimiu os livros *Poemas de Bolso* (1941), *A Chacun sa Marotte* (1943), *Litanie à la France Combattant* (1944), *Canevas* (1946) e *Le Petit Cirque* (1948). Dirigiu as revistas *Montparnasse* e *Renovação* e fundou a editora *La Presse à Bras*. A Joaquim do Rego Monteiro (1903-1934), pintor morto precocemente, Freyre dedica um artigo publicado em 17/02/1924 no *Diário de Pernambuco*, dizendo: “Os trabalhos de Joaquim do Rego Monteiro são todos paisagens e marinhas. Assuntos ingênuos: recantos de bairros quietos com as suas lojitas de telhado vermelho; trechos de cais batidos de sol; pedaços de ruas meio tristonhas onde habitam e negociam ‘petits bourgeois’ morosos e bons.[...] Às vezes, nesses quadros encantadores, as lojitas, os vapores e os sobrados parecem, pelo colorido, lojitas, navios e casas de brinquedo. Mas olhando-os bem, tomam aos nossos olhos um ar muito sério: o azul da água, de duro e claro, desfaz-se num azul negro e fluido; tem-se a sensação de profundidade.” (artigo incluído em FREYRE, G. **Tempo de Aprendiz**. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1, p.370). Fedora do Rego Monteiro (1889-1975), pintora e desenhista, é uma das fundadoras da Escola de Belas Artes do Recife. Seu percurso artístico se caracteriza por uma aprendizagem com as vanguardas européias e paulatina aproximação com temas locais. No *Livro do Nordeste*, no artigo dedicado à pintura, Gilberto Freyre assim se manifesta sobre a arte dos irmãos: “Dentre os novos pintores do Nordeste, um dos mais interessantes a destacar é D. Fedora do Rego Monteiro. Vitoriosa sobre o ‘academicismo’ de que se impregnara na Escola Nacional de Belas Artes e sobre o ‘impressionismo’ que era a onda renovadora no tempo dos seus estudos em Paris (1914-1919). D. Fedora de Rego Monteiro se nos apresenta nos últimos trabalhos com um frescor muito pessoal no colorido, coragem e clareza no jogo de luz e um como lirismo de sol. [...] Nos irmãos Vicente e Joaquim de Rego Monteiro, nestes domina o talento da composição e da decoração. Joaquim vem ultimamente fixando o seu jovem talento na estilização audaciosa e às vezes brilhante de motivos recifenses. Dos recortes do coqueiro e do mamoeiro já conseguiu agudos efeitos decorativos. / Em Vicente há que se lamentar o afastamento – aliás explicável – do país. *A pintura de composição não é por certo daquelas que possam prescindir de raízes: ela requer uma como base física por mais imaginosa que seja o artista. Pelo menos na fase formação.* [...] É um traço, o de Vicente de Rego Monteiro – o dos seus últimos trabalhos – vitoriosamente pessoal nas suas audácias, tantas vezes felizes, de simplificação. De simplificação de movimento.” (FREYRE, G. *A pintura no Nordeste*. In: _____ et al. **Livro do Nordeste**, 1979, p.129). Desta citação, toda a parte em itálico foi reescrita para a reedição do artigo em *Região e tradição*: “No caso, é o contato com alguma região brasileira – a nordestina ou talvez a amazônica – que faz falta a esse pintor residente em Paris, onde não é fácil fazer ‘arte brasileira’ sem estar impregnado, e bem impregnado, do espírito e da tradição do conjunto brasileiro ou de alguma das nossas regiões.” (FREYRE, G.. *A pintura no Nordeste do Brasil*. In: _____, **Região e tradição**, 1941, p.104).

¹⁴¹ [Forma do nome abreviado no datiloscrito autógrafo: “Sto.”]

ou não quiseram me dizer nada, embora eu declinasse a minha qualidade de amigo. Não sei porque esse mistério. Ovalle¹⁴² continua com medo de morrer embaixo de automóvel antes de produzir. O gênio esteve para ir ser professor num colégio de Lambary; está agora cavando emprego com a revolução: a verdadeira vocação do gênio não é a pintura, é a burocracia; infelizmente nenhum estadista nacional reconheceu isso ainda! Dôdô formou-se por decreto e vai trabalhar em Vassouras numa turma do cadastro da Central; há 4 dias que anda num porre só pra se despedir. O bacharel Pedro Dantas¹⁴³ o mesmo homem delicioso de sempre. O ex-deputado recolheu-se à Boa Viagem. Sereno. A ex-deputada é que ficou amarga com a revolução. Lembre-se que o Ribeiro^[144] Couto¹⁴⁵ está aí perto em Marselha. Muito breve ele terá de ir ao Porto porque o caso da herança de mãe afinal se decidiu a favor deles. Hoje é dia de natal, está chovendo e fazendo frio como nos natais europeus. Meu querido Gilberto, de todo o coração desejo que melhores dias venham para você^[146], que o elegante exílio não seja muito pau e que não tarde o dia de o podermos abraçar com todo o afeto que lhe queremos. Apresente por mim ao dr. Estácio os meus cumprimentos e os melhores votos de felicidade.

¹⁴² Trata-se de Jaime Rojas de Aragón y Ovalle (1894-1955). Como músico, Ovalle compôs "Azulão", "Modinha" e "Berimbau" a partir de letras de Bandeira. Ovalle foi amigo, parceiro, vizinho de Bandeira em Santa Teresa e, além disso, o poeta torna-o uma figura literária em vários dos seus poemas e crônicas. O "místico", como era chamado, levava Bandeira para as noites na Lapa, de modo que sua imagem também fica ligada à boêmia.

¹⁴³ Pseudônimo de Prudente de Moraes Neto.

¹⁴⁴ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "R.."]

¹⁴⁵ O poeta Ruy Ribeiro Couto (1898-1963), formado em Direito, acabou por seguir a carreira diplomática, tendo sido um grande divulgador da Literatura Brasileira no exterior. Um dos amigos mais próximos de Manuel Bandeira, foi seu vizinho na Rua do Curvelo, em Santa Teresa (RJ), na década de 20. No primeiro ensaio biográfico do livro *Três retratos de Manuel Bandeira*, "De menino doente a Rei de Pasárgada", Ribeiro Couto fala sobre a estreita convivência entre ambos: "A minha hospedeira, bondosa portuguesa, que sempre se recusara a fornecer comida aos hóspedes, acudiu ao meu apelo: para o Sr. Dr. Bandeira, ali tão sozinho, sem família, e meu amigo, com muito gosto. Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa que nos preparava dona Sara; e será negra ingratidão se um dia, em nossas reminiscências escritas, não levantarmos um monumento de glória àquelas galinhas da cabidela, àquelas papas, àqueles bifes de cebolada com que a paciente senhora nos compensava da imensa pena de existir" (COUTO, R. **Três retratos de Manuel Bandeira**. Introdução, cronologia e notas de Elvia Bezerra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. p.60). Foi o acadêmico Ribeiro Couto que recebeu Manuel Bandeira quando este integrou os imortais da ABL, em 1940. Entre seus livros, figuram *O Jardim das confidências* (1921), *Poemas de ternura e melancolia* (1924), *Noroeste e alguns poemas do Brasil* (1932) e *Cancioneiro de Dom Afonso* (1939). Segundo Bandeira, "foi por intermédio dele (Ribeiro Couto) que tomei contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui com Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Di Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald, quando Mário de Andrade veio ao Rio para ler em casa de Ronald e depois em casa de Olegário Mariano a sua Paulicéia desvairada, ainda inédita." (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.60). Por sua vez, Gilberto Freyre dedicou crônica ao escritor, que foi colaborador assíduo de *A Província* no período em que o sociólogo foi seu diretor, a propósito da publicação de seu livro de poemas *Longe* (1961): "Mas também retrata a figura romântica – que poeta brasileiro mais romântico do que Ribeiro Couto? – de um menino de sobrado brasileiro, que é outra imagem do Brasil em que sua saudade do país distante – distante para ele, tanto no espaço como no tempo – coincide com a minha recordação de um país distante mais no tempo que no espaço; e do qual nunca deveríamos nos desprender de todo, os brasileiros, sejam quais forem as lonjuras a que nos levem missões no estrangeiro ou adesões a modernices vindas do estrangeiro. Há alguma coisa de simbólico na figura do menino de sobrado brasileiro antigo, patriarcal, vindo 'os meninos da rua quando brincam de soldado' evocada pelo poeta de *Longe*." (FREYRE, G. O romântico Ribeiro Couto. In: _____, **Pessoas, coisas & animais**, 1979, p.41-42. Artigo publicado originalmente no **Jornal do Comércio**, Recife, 10 fev. 1963).

¹⁴⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

Inútil lhe dizer que o 51 sempre esteve e estará sempre ao seu dispor: as redes acabaram-se mas agora há duas camas. Um grande abraço

Flag.

- 9 -

Lisboa, 5 de janeiro de 1931.

Dear Baby Flag:

Recebi sua carta de 24 (por avião) a 3, da manhã. Já tinha lhe escrito respondendo quando o telefone toca e fico sabendo que a República Nova já permite que os seus *untouchables* voltem quando quiserem. Rompi a carta e vai agora esta. Porque na outra eu lhe dizia que não era favor, que a pedia a ninguém, nada de especial para mim, apenas queria saber qual o critério de emigrados, adaptado pela República^[147] Nova. Porque até anteontem, 3, a tarde, era inútil querer regressar: os consulados tinham ordem para *não usar* passaporte. Só a 3 veio telegrama suspendendo essa ordem. De modo que eu ficara admirado da sua ingenuidade e da de Rodrigo dizendo que *quem quisesse* podia voltar, porque o Dr. Aranha assim declarara. Parece que na República Nova a mão direita não sabe o que faz a esquerda. Agora com relação a *A Província*. Deve ter havido em tudo isso mal-entendido. Segundo você^[148] me escreve, resumindo o que Sérgio lhe mandou dizer pelo Prudente, parece que eu ofereci *A Província* ao Chateaubriand¹⁴⁹. Eu concluía de sua anterior e de cartas de Pernambuco que Chateaubriand queria ficar com *A Província*. Ora, nós aceitáramos a oferta,

* [TEXTO-BASE: FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978, p.155-156. Datação da carta na edição: "Consulado do Brasil – Lisboa – Portugal. / 5 de jan. 1931."]

¹⁴⁷ [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro* (1978): "Rep. Nova".]

¹⁴⁸ [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro* (1978): "V.".]

¹⁴⁹ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968), jornalista, empresário, político e membro da ABL. Construiu a maior cadeia de imprensa do país, os *Diários Associados*, que, na primeira metade do século XX, chegou a abranger jornais, agência de notícias, emissoras de rádio, estações de televisão, editora e as revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra*. Foi jornalista, ainda jovem, do *Diário de Pernambuco*, trabalhando, já no Rio de Janeiro, no *Correio da Manhã* e dirigindo *O Jornal* em 1924. Popularizando-se por seus métodos de ética duvidosa e pela sua habilidade de negociante, em 1931 Chateaubriand agregou à sua cadeia o *Diário de Pernambuco*. Foi pioneiro na transmissão televisiva no país com a TV Tupi em 1950 e fundou o Museu de Arte de São Paulo em 1947.

mas para uma *combinação*, não para passarmos *A Província* ao consórcio¹⁵⁰, desfazendo-nos de todos os nossos direitos. As condições eram aquelas. Quero que fique bem claro, e peço-lhe tornar bem claro ao Chateaubriand, que nada pedi a ele. Nada, absolutamente. Nem mesmo para colaborar nas suas folhas, ficando muito agradecido a oferta que me fez por intermédio do Sérgio e lamentando não poder aceitar tamanha honra. Não deixe de tornar isto bem claro. E você^[151], meu caro Baby, como vai? Espero que a gripe tenha passado de banda por você^[152], indo se regalar nos gordos, que é aliás a gente mais do gosto dela. Eu andei mole uns dias mas já estou bom, menos dos nervos, que só faltam ranger. Mas acho que ainda desta vez não fico doido. Vou agora à Espanha. Retardei minha viagem até lá por causa do frio. Já conheço o Norte: quero conhecer o Sul, isto é, Andalucia. Depois conto seguir para a República^[153] Nova. Meu irmão me escreve que não volte para o Recife como se não fosse meu dever voltar ao Recife. Quanto a ficarmos hei de me arranjar de qualquer modo. Ensinando inglês, por exemplo, passando uns dias por aí, já que as conveniências de vapor são maiores pelo Rio. Aqui fico. Escreva-me. O endereço continua Lisboa. Lembranças às^[154] Blank, Prudente, Sérgio, Rodrigo, Dôdô^[155], Ovalle. Um abraço do

Gilberto

¹⁵⁰ Gilberto Freyre provavelmente se referia aqui à cadeia dos *Diários Associados*, cuja estrutura inicial se notava desde 1924, com a compra, por Chateaubriand, do *Diário da Noite*, de São Paulo.

¹⁵¹ [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho* [...]: "V."].

¹⁵² [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho* [...]: "V."].

¹⁵³ [Forma da palavra abreviada na edição de *Cartas do próprio punho* [...]: "Rep."].

¹⁵⁴ [Forma da palavra na edição de *Cartas do próprio punho* [...]: "ao". Supomos que seja "às Blank" porque Gilberto Freyre termina muitas de suas cartas desta época a Manuel Bandeira dessa forma, referindo-se a Fredy, Joanita e Guita Blank.]

¹⁵⁵ [Forma da palavra na edição de *Cartas do próprio punho* [...]: "Dodô"].

- 10* -

CONSULADO DO BRASIL

~~PARK HOTEL~~^[156]

TELEFONE 2 7349

—
LISBOA

PORTUGAL

Lisboa, início de 1931.

Dear Baby Flag:

Mais um mês e estarei de partida para o U. S. A. donde acabam de me convidar – veja que a honra não é pequena, seu Flag – pra dar um curso de história social do Brasil na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade¹⁵⁷ Stanford¹⁵⁸. Venho pedir-lhe uma cousa: veja com Rodrigo tudo que for possível me enviarem – livros, estatísticas etc. – de interesse para a história social e econômico-social do Brasil, inclusive o que em inglês se entende por cultural. (Entre outras cousas que poderia lembrar, uma conferência do A. Taunay¹⁵⁹ feita no Rio pouco antes de estourar o movimento de que resultou a gloriosa República Nova.)

* [Classificação original (FCRB): 212. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Lápis grafite na margem inferior da segunda página (parte referente à nota de rodapé). Sem datação. Papel amarelado, de gramatura média. Timbre do papel: "Park Hotel – Telefone 27349 – Lisboa – Portugal"; "Park Hotel" tachado, ao qual se sobrepõe "Consulado do Brasil", manuscrito. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 13,7 cm de largura e 21,4 de altura. Documento em boas condições.]

¹⁵⁶ [Timbre com tachado manuscrito sobre impresso.]

¹⁵⁷ [Palavra "de" no manuscrito autógrafo, nesta posição, foi suprimida nesta edição.]

¹⁵⁸ Gilberto Freyre chegou aos Estados Unidos a convite da Universidade Stanford como professor extraordinário no início de 1931, o que permite inferir que a carta foi escrita no final de 1930 ou início de 1931, no período do exílio em Portugal, para onde seguiu com Estácio Coimbra.

¹⁵⁹ Afonso d'Escragno Taunay (1876-1958), formado em Engenharia Civil, foi historiador, lexicógrafo, romancista, professor e membro da ABL. De sua extensa obra, pode-se destacar *História: São Paulo nos primeiros anos* (1920), *Escritores coloniais* (1925), *História geral das bandeiras paulistas* (1924-1950, em 7 volumes), *História seiscentista da vila de São Paulo* (1926-1929, em 4 volumes.) e *História do café no Brasil* (1929-1941, em 11 volumes).

Você^[160] conhece o Azevedo Amaral¹⁶¹? Diga-lhe que me mande um outro exemplar do seu interessantíssimo *Problemas brasileiros*. Os livros dos sociólogos [Tristão Pontes], Delgado de Carvalho¹⁶² e mesmo Oliveira Vianna^{[163],164} também servem.^[165] Lembro ainda: Vicente L. Cardoso¹⁶⁶, Pandiá Calógeras¹⁶⁷, Manoel Bonfim^{[168],169}, Ronald¹⁷⁰, José Américo¹⁷¹, Chico Sciencia, marcações [de] Rondon¹⁷² do Departamento^[173] de Trabalho de São Paulo^[174]. Os de

¹⁶⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

¹⁶¹ Azevedo Amaral (1881-1942), formado em Medicina, foi jornalista. Trabalhou para jornais como *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e *A Notícia*. Escreveu *A aventura política do Brasil* (1935), *O estado autoritário e a realidade nacional* (1938) e *Getúlio Vargas estadista* (1941). Durante o governo Vargas, foi grande colaborador da revista *Cultura Política*, órgão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). É considerado o formulador de uma doutrina política para o Estado Novo; para ele, “a origem da autoridade do Estado estaria relacionada ao próprio ato de fundação, e sua legitimidade resultaria da eficácia demonstrada na tarefa de construção da nacionalidade. Esta nova autoridade, advinda da fundação do Estado Novo, objetivaria o progresso e o desenvolvimento industrial, valores tomados como indiscutíveis e representativos de um estágio superior de civilização” (OLIVEIRA, L. L. Autoridade e política. In: _____. VELLOSO, M.P.; GOMES, A.M. de C. **Estado Novo**: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.68.).

¹⁶² Delgado de Carvalho (1884-1980), geógrafo, sociólogo, escritor e professor. Dentre seus livros, encontram-se *Esboço histórico da origem e formação da língua inglesa* (1920), *Metodologia do ensino geográfico* (1925), *Sociologia* (1931) e *Sociologia educacional* (1933).

¹⁶³ [Emenda do autor com trecho “de Carvalho e mesmo Oliveira Viana” sobrescrito a mão indicado com sinal “^” no manuscrito autógrafo.]

¹⁶⁴ Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), bacharel em Direito, sociólogo, ensaísta, professor, jornalista e membro da ABL. Escreveu *Populações meridionais do Brasil – volume I: Populações do Centro-Sul* (1920), *O Idealismo da Constituição* (1920), *O ocaso do Império* (1925), *Problemas de Política Objetiva* (1930), *Formation ethnique du Brésil Colonial* (1932) e *Raça e assimilação* (1932), dentre outros. Muito lido na sua época, sua obra, de tendência racista, nacionalista e comprometida com o tema da formação do Brasil, foi tida como o referencial teórico para o governo de Getúlio Vargas e seu projeto de modernização do Estado e da sociedade brasileira.

¹⁶⁵ [Nesta posição, há uma indicação de nota, com sinal “(x)” sobrescrito com lápis grafite, que remete para o rodapé da página. O conteúdo do rodapé, também manuscrito com lápis grafite e introduzido pelo mesmo sinal, está em trecho “Lembro ainda [...] Departamento de Trabalho de São Paulo”, reinserido no corpo do texto do manuscrito autógrafo.]

¹⁶⁶ Referência a Vicente Licínio Cardoso (1890-1931), engenheiro civil, sociólogo e professor universitário. É o autor de *Arquitetura norte* (1916), *A filosofia da arte* (1918), *Vultos e idéias* (1924), *À margem da história do Brasil* e do livro póstumo *Maracãs* (1934). Foi organizador e prefaciador de *À margem da história da República* (1924), obra coletiva que tratou de questões importantes da época.

¹⁶⁷ Trata-se de João Pandiá Calógeras (1870-1934), político, ministro da Agricultura, Indústria e Comércio na presidência de Venceslau Brás, ministro da Guerra na presidência de Epitácio Pessoa e colaborador no governo de Getúlio Vargas. Escreveu *As minas do Brasil e sua legislação* (1903), em que defende a tese do direito do governo de explorar o subsolo, que daria origem à lei Calógeras, e *A Política exterior do Império (As origens – volume I, 1927) ; O Primeiro Reinado – volume II, 1928; Da Regência à queda de Rosas – volume III, 1933*. É considerado um dos primeiros estudiosos da Diplomacia Brasileira.

¹⁶⁸ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹⁶⁹ Referência a Manoel Bomfim (1868-1932), médico, professor de Pedagogia e Psicologia, escritor. Dentre seus livros, destacam-se *Lições de Pedagogia* (1915), *Noções de psicologia* (1916), *O methodo dos testes* (1926) e *Cultura do povo brasileiro* (1932). Com um pensamento original, defendeu a expansão da educação pública e a necessidade de se procurar a raiz dos problemas do Brasil e da América Latina analisando-se o processo colonial e o caráter dos colonizadores.

¹⁷⁰ Ronald de Carvalho (1893-1935), formado em Direito, jornalista, tendo exercido vários cargos diplomáticos. Participou ativamente da *Semana de Arte Moderna de 1922*. Escreveu *Luz gloriosa* (1913), *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919), *Poemas e sonetos* (1919), *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922) e *Toda a América* (1926).

¹⁷¹ José Américo de Almeida (1887-1980), escritor, advogado, político, professor, governador da Paraíba (1951-1956) e membro da ABL. Publicou *A bagaceira* (1928), considerado a primeira obra representativa do Romance de 30, *Reflexões de uma cabra* (1922), *O boqueirão* (1935), *Ocasos de sangue* (1954) e livro póstumo *Sem me rir, sem chorar* (1984), dentre outros livros. Seu livro *A bagaceira* é considerado um marco da literatura regionalista dos anos 30: “O texto que se costuma reconhecer o chefe-de-fila da narrativa radical brasileira dos anos 1930 e, em geral, da nova ‘Literatura do Nordeste’, é o romance de José Américo de Almeida *A bagaceira* [...] efetuando, na sua pessoa de político liberal, a síntese do pensamento e de ação teorizada por Gilberto Freire e posta em ato por alguns poucos intelectuais, em diversos níveis e em diversas direções, depois da Revolução de 1930.” (STEGAGNO-PICCHIO, L. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p.525).

¹⁷² Referência a Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), bacharel em Ciências Físicas e Naturais, militar, professor e sertanista.

¹⁷³ [Forma da palavra no manuscrito autógrafo: “Dep.”.]

¹⁷⁴ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

Roquette Pinto, Heloísa Torres¹⁷⁵, Fróes da Fonseca¹⁷⁶ (*Anthrommetrica*), inquéritos de [ilegível] Antipoff¹⁷⁷ e outros em Minas Gerais terão grande interesse^[178]. A Universidade tem aliás uma excelente livraria. Sabe, seu Flag, nestes meses passados em Portugal, tenho tomado muita nota e interessante pra aquele trabalho de que uma vez lhe falei – *Child Life in Brasil* – (de que lhe falei em reserva e como^[179] continuo a lhe falar em reserva). Você^[180] terá de me ajudar com a sua cultura musical e a sua fina compreensão do assunto na parte relativa a canções de fazer dormir crianças, cantos escolares^[181] e às crianças que aparecem na literatura brasileira. Vá trabalhando nisso mas caladinho. Não seja saco roto. Não se descuide sobre os livros que pedi. Podem ser logo enviados para a Universidade, onde chegarei a 31 de março. O endereço é Gilberto Freyre, Department of History, Stanford University, California^[182],^[183] U. S. A. Quando digo não se descuide, não é pra você^[184] ter muito trabalho ou qualquer vexame: é só pra se lembrar de ir falando com os sociólogos, cientistas, historiadores, economistas; e de falar com Rodrigo sobre estatísticas, inquéritos escolares de Minas Gerais e outros estados etc.

Muitas lembranças minhas aos nossos amigos comuns – as Blank, Prudente e Inah, Rodrigo, Sérgio, Dôdô, Ovalle. Cícero Dias¹⁸⁵ anda por aí? Um abraço nele que eu mando. O

¹⁷⁵ Heloísa Alberto Torres (1895-1977), antropóloga. Escreveu, dentre outros livros, *Arte indígena da Amazônia*. Ingressou no Museu Nacional como auxiliar de Roquette-Pinto em 1918 e tornou-se efetiva em 1925. Foi diretora do Museu Nacional de 1938 a 1955.

¹⁷⁶ Álvaro Fróes da Fonseca (1890-1988), catedrático de Anatomia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e antropólogo. Escreveu *Os grandes problemas da antropologia, conferência proferida no Congresso de Eugenia, reunido* (jul. 1929) e *Compêndio da anatomia médico-cirúrgica* (1923). Visitou o Recife para curso no Instituto de Antropologia Tropical em 1961 a convite de Gilberto Freyre.

¹⁷⁷ Possível referência a Helena Antipoff (1892-1974), formada em Psicologia pela Sorbonne, onde trabalhou com Pavlov, Jean Piaget e Bergson. Em 1929, migrou para o Brasil, onde, em Minas Gerais, criou o Laboratório de Psicologia Aplicada (Escola de Aperfeiçoamento de Professores – 1929), a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (1932) e o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, iniciado em 1939, dentre outras atividades. Seu trabalho foi postumamente coligido em *Psicologia experimental* (1992), *Educação do excepcional* (1992), *Fundamentos da educação* (1992), *Educação rural* (1992), *A educação do bem-dotado* (1992) e *Helena Antipoff: textos escolhidos* (2002).

¹⁷⁸ [Sublinhado no manuscrito autógrafa.]

¹⁷⁹ [Emenda do autor com palavra “como” sobrescrita à mão indicada pelo sinal “^”.]

¹⁸⁰ [Forma da palavra no manuscrito autógrafa: “V.”.]

¹⁸¹ [Segmento “cantos escolares” sobrescrito indicado pelo sinal “^”.]

¹⁸² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “Cal.”.]

¹⁸³ [Vírgula inserida nesta edição.]

¹⁸⁴ [Forma da palavra no manuscrito autógrafa: “V.”.]

¹⁸⁵ Cícero Santos Dias (1907-2003), pintor, gravador, desenhista, ilustrador, cenógrafo e professor pernambucano. Fez Escola de Belas-Artes no Rio de Janeiro e seguiu para a França, em 1930, como bolsista. Fixou residência em Paris a partir de 1937, a serviço do Itamarati, e frequentou o Ateliê Picasso. Em resposta à *Semana de Arte Moderna* de 22, liga-se aos intelectuais do

[Gênio?] Diga a Prudente e Inah que da Espanha – cabulosa viagem de descanso mais uma vez retardada – hei de escrever-lhes. Estão sempre na minha lembrança.

Um abraço e muitas saudades

do magro¹⁸⁶

Ainda há tempo de me escrever prá cá.

Vou-me embora pra Passárgada^[187]
lá sou amigo do rei
lá tenho a mulher que quero
na cama que escolherei.^[188]

Recife de tendência regionalista. Foi grande amigo de Gilberto Freyre e, para ele, ilustra *Casa-grande & senzala*. Segundo Freyre, “a arte de Cícero Dias não seria nenhuma intrusa de Feira de Santana. Os encarnados e os verdes da pintura de Cícero vêm tão de dentro que diante deles nenhum brasileiro, por mais do interior que seja, se sente diante de simples garatujas de um estranho ou de puros caprichos de um esteta sofisticado. / São cores, as dessa pintura, que sozinha exprimem aquele Brasil que um poeta de Paris, Éluard, descobriu haver tão inconfundivelmente em Cícero quanto a Espanha de Picasso.” (FREYRE, G. O regional e o universal na pintura de Cícero Dias. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 15 out. 1960). Indagado sobre os pintores brasileiros de sua predileção, Bandeira declarou para o “Flash autobiográfico de Manuel Bandeira”, artigo de João Condé publicado nos seus “Arquivos implacáveis” (**O Cruzeiro**, Rio de Janeiro), que são Portinari, Pancetti e Cícero Dias da primeira fase. (Cf. BANDEIRA, **Estrela da vida inteira**, [1992], p.29).

¹⁸⁶ “Magro” era um dos apelidos de Gilberto Freyre.

¹⁸⁷ [Gilberto Freyre escreve “Passárgada” tal qual, ao invés de “Pasárgada”.]

¹⁸⁸ [Trecho manuscrito “Ainda há tempo [...] pra cá” e os quatro versos da primeira estrofe do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, fora do corpo principal da carta, localizado na margem superior direita da primeira página, ao lado do timbre. Assinatura de Gilberto Freyre localizada logo após frase “Ainda há tempo de me escrever pra cá.”.]

- 11• -

STANFORD
DEPARTMENT OF HISTORY
STANFORD UNIVERSITY, CALIFORNIA

Stanford, 9 de junho de 1931.

Dear Flag: Sinto-me um mulambo. Acabo de ler, anotando, retificando, marcando com lápis [ilegível] cincoenta *blue book*, como aqui chamam aos cadernos de exame ou cadernos de 32 páginas! Alguns estudantes espalharam-se em 2 cadernos. Posso dizer que o curso foi um sucesso. Tive entre os estudantes, tanto os do *lecture*^[189] *course*, que são esses 50, como os do *Seminar*^[190] (5), alguns excelentes. Deixo neles bons camaradas – mais do que isso, começos de amizades que entretanto terão de morrer, com a distância, como outras que têm morrido. Que besta e triste esta vida de *scholar gipsy*^[191], um dia aqui, logo a 2000 milhas de distância, relações quebradas: Era contra isso que eu queria reagir encolhendo-me no meu retiro provinciano como um gato borralheiro. Que falhem os que andam atrás do Sucesso eu compreendo; mas que falhem os que^[192] fogem do sucesso^[193] me parece uma malvadeza de Deus ou do Destino – de seja lá que força sobrenatural nos dirija^[194]. Mando-lhe um exemplar

* [Classificação original (FCRB): 213. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “9 de junho 1931”. Papel amarelado, de gramatura média. Timbre do papel: “Stanford University – Department of History – Stanford University, California”. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 26,6 cm de largura e 20,35 cm de altura. Documento em boas condições.]

¹⁸⁹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹⁹⁰ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹⁹¹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹⁹² [Emenda do autor com palavra sobrescrita no manuscrito autógrafo.]

¹⁹³ [Nesta posição, vírgula presente no manuscrito autógrafo; vírgula retirada nesta edição.]

¹⁹⁴ [Emenda do autor com trecho “no dirija” sobrescrito indicado pelo sinal “^” no manuscrito autógrafo.]

do meu exame em História Social do Brasil. Também lhe devo [ilegível] que talvez você^[195] receba cartas de estudantes meus de Stanford; Não deixe de responder. Os livros, nada; não chegou um só. Mas é o mesmo pau o meu reconhecimento, que é grande, tanto à sua gentileza como à do nosso bom amigo Rodrigo. [ilegível] a Sociologia. Peço-lhe que mande seu *Libertinagem* a Isaac Goldberg¹⁹⁶, 65 Crawford St, [Grove] Hall Station, Boston, Mass. Lembranças aos amigos. Daqui da Califórnia, vou a Carolina do Sul visitar um amigo que se diz meu discípulo na maneira de interpretar história social; e que me dedicou o seu livro sobre a história da Carolina, uma espécie de Pernambuco americano. É de uma velha família. Depois a New York, onde quero principalmente estudar os *radicals*^[197]. Antes uma visita ao meu amigo Mencken¹⁹⁸ em Baltimore. De New York, Europa. E um desses dias, aí chegará num cargueiro ou na 3º classe de um alemão este provinciano (cosmopolita, cigano, romântico, *modern*^[199], *intellectual*, radical, reacionário, revolucionário, ortodoxo, Raul Dos Passos – (irmão do Dos Passos²⁰⁰, daqui, o de *Three*^[201] *soldiers*). Seraphim Jung, Jorge Rialto²⁰², Antonio Ricardo²⁰³ etc. etc. – oxoniano, M. A.²⁰⁴ Columbia, Stanfordiano, etc. etc. etc.). Raspado tudo isso, o provinciano, a quem todas as festas da California não fazem esquecer o *gosto amargo*^[205] (desculpe esse classicismozinho) de um maracatu do Outeiro²⁰⁶

¹⁹⁵ [Forma da palavra no manuscrito autógrafo: "V.".]

¹⁹⁶ Isaac Goldberg (1887-1938), escritor e crítico norte-americano. Publicou *Studies in Spanish American Literature* (1920), *Brazilian Literature* (1922) e *The Man Mencken* (1925), estudo sobre o crítico norte-americano Henry Louis Mencken, ambos bastante citados por Gilberto Freyre.

¹⁹⁷ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

¹⁹⁸ Trata-se de Henry Louis Mencken (1880-1956), conhecido como H. L. Mencken, escritor, jornalista, editor e crítico literário. Ensaísta de humor ácido e tendência conservadora, é hoje considerado um dos grandes intelectuais dos Estados Unidos de seu tempo. Escreveu *George Bernard Shaw: his plays* (1905), *The Philosophy of Friedrich Nietzsche* (1907), *The artist: a drama without works* (1912), *A book of burlesques* (1916), *A little book in C Major* (1916), *The American Language* (1919), *Prejudices* (1919-1927), *Notes on democracy* (1926), *Making a President* (1932) e outros. Gilberto Freyre conheceu H. L. Mencken após sua estada em Columbia, E.U.A., e costuma citá-lo como uma influência intelectual.

¹⁹⁹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²⁰⁰ John Rodrigo dos Passos (1896-1970), escritor e jornalista. Prosador experimental de tendências revolucionárias, teve grande sucesso no seu tempo. A partir de 1930, no ambiente tenso que antecede a Segunda Grande Guerra, assumiu uma postura de direita. Escreveu *Three soldiers* (1921), *A pushcart at the curb* (1922), *Rosinante to the road again* (1922), *Manhattan transfer* (1925), *Orient express* (1927) e *Prospects of a Golden Age* (1959), dentre outros livros. Foi amigo de Gilberto Freyre, que inclusive o recebeu em sua casa de Apícuos em visita ao Brasil.

²⁰¹ [Forma do numeral no manuscrito autógrafo: "3".]

²⁰² Jorge Rialto é um dos pseudônimos que Gilberto Freyre utilizou em artigos para *A Província*.

²⁰³ Antônio Ricardo é um dos pseudônimos que Gilberto Freyre utilizou em artigos para *A Província*.

²⁰⁴ Abreviação do título de *Magister Artium* ou *Master of Arts*, que Gilberto Freyre recebeu na Universidade Colúmbia apresentando a dissertação *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, defendida em 1922.

²⁰⁵ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

(sem Ascenso²⁰⁷ e sem “Regionalistas” presentes). Entretanto, eu posso raspar tudo isso de mim? Na província, a nostalgia do grande mundo não me deixará de todo; as memórias, que estavam secando, abriram-se de novo em verdadeiras feridas. Meu caro Flag, desculpe tanta literatura; não é só literatura.

Abraços do Gilberto

²⁰⁶ A palavra “Outeiro” significa morro, monte. No contexto das festas populares do final da década de 1920 e começo da década de 1930, o Outeiro de Santa Izabel, no Recife, era um ponto de convergência: “A rua Carolina, onde era a sede do maracatu, fica próxima também do local denominado Outeiro de Santa Izabel onde, de acordo com a memória de diversos moradores, funcionavam vários bordéis, e muitos se referem à região como violenta e perigosa. Em ruas transversais e paralelas funcionam muitos outros brinquedos além de outros maracatus: Maracatu Cambinda Nova, Maracatu Leão das Flores, Maracatu Pavão Dourado, Maracatu Som do Oriente. Todos estes maracatus são de orquestra, assim como o Cambinda Estrela, e começavam a chamar a atenção dos intelectuais da cidade, principalmente os caboclos de lança e os tuchaus, figuras que até então não circulavam com frequência pelas ruas centrais da cidade no período do carnaval” (GUILLEN, I. C. M. Por amor ao brinquedo: cotidiano e diversão na periferia do Recife. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. HISTÓRIA: GUERRA E PAZ, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 2-3). Também pode ser uma referência ao maracatu de Olinda, devido à altitude do centro histórico da cidade em relação ao Recife.

²⁰⁷ Provável referência a Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira (1895-1965), funcionário público, jornalista e poeta. Publicou os livros *Catimbó* (1927), *Cana caiana* (1941) e *Xenhenhém* (1951), entre outros. Ligou-se ao chamado Grupo dos Modernistas do Recife, sendo fortemente orientado pela *Semana de Arte Moderna de 22* e por nomes como Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Sobre ele, escreveu Manuel Bandeira em *Apresentação da Poesia Brasileira*: “Tem uma estatura gigantesca, que a princípio assusta como a catadura de um campeão de boxe da categoria dos pesos pesados. No entanto, basta ele abrir a boca para dissipar todos os terrores: é um sentimentalão, e sentimentalmente compreendeu e cantou o drama doloroso do matuto, a quem ama ainda quando é o cangaceiro marcado pela fatalidade mesológica com os estigmas do crime. Os seus poemas são verdadeiras rapsódias nordestinas, onde espelha fielmente a alma ora brincalhona, ora pungentemente nostálgica das populações dos engenhos.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 627-628). Em 1956 foi nomeado por Juscelino Kubitschek para a direção do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife, mas não assumiu o cargo devido à forte oposição de um grupo de intelectuais pernambucanos.

- 12* -

Rio de Janeiro, 1934^[208].

Gilberto,

Esta tarde fui ao escritório do Rodrigo e,^[209] quando estava lá, o Olívio telefonou para ele e eu soube então que ele vai embarcar amanhã. Combinei nos encontrarmos às 10h. no Café Belas Artes. Vou mandar por ele o dinheiro sentimental dos *Guias Práticos*²¹⁰. Os três foram vendidos – um ao Ribeiro Couto, que o viu no meu quarto e ficou entusiasmado, querendo logo comprar, outro ao Carlos Leão²¹¹ e outro ao meu primo Zé Cláudio²¹² (filho do carcomido). Você tinha ficado de mandar 5 e só mandou 3. Por isso tive que vender o meu. Portanto, trate de defender um para mim. Mando pelo Olívio os 400\$000. Estava com esse

* [Classificação original (FGF): doc 6. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Sem datação. No final do documento, há trecho manuscrito com lápis grafite. Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 20,2 cm de largura e 25,7 cm de altura. Documento em boas condições. No topo do documento, encontram-se as palavras “De Manuel Bandeira”, escritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de catalogação.]

²⁰⁸ [Datação aproximada. “1934” escrito a lápis grafite com provável intuito de catalogação por funcionários da Fundação Gilberto Freyre.]

²⁰⁹ [Vírgula inserida nesta edição.]

²¹⁰ Bandeira provavelmente se refere a exemplares do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, livro de Freyre publicado pela Editora do Autor, em 1934, com ilustrações de Luís Jardim.

²¹¹ Trata-se do arquiteto Carlos de Azevedo Leão (1906-1983), formado pela Escola Nacional de Belas Artes. Para Bandeira, Carlos Leão é um dos modelos profissionais em que gostaria de ter se espelhar em sua carreira, se não tivesse sido barrado pela tuberculose: “Não me julgava destinado à poesia, tomava minha veia versificadora como uma simples habilidade, o que eu queria era ser arquiteto e não só me matriculei na Politécnica como no Liceu de Artes e Ofícios; neste desenhava à mão livre e fazia aquarelas, porque eu desejava ser um arquiteto como são hoje Lúcio Costa, Carlos Leão e Alcides Rocha Miranda” (BANDEIRA, M. Confidências a Edmundo Lys. In: _____. **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 671).

²¹² Trata-se de José Cláudio, a quem Bandeira dedica o poema “José Cláudio”, publicado em *Belo Belo* (1948), registrando o sentimento de vazio causado pela morte precoce do primo. Sobre a convivência com Carlos Leão e José Cláudio, Elvia Bezerra registra os jantares do grupo de amigos que sentava ao redor de Bandeira: “Jayme Ovalle juntava-se ao grupo que, no final dos anos vinte, se reunia para jantar na casa de Tita Leão, mãe de Carlos Leão. Eram intelectuais e artistas entre os quais estavam Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz e muitos outros. Mais tarde os encontros aconteciam semanalmente, na casa de Magu (Maria Augusta Costa Ribeiro) e José Cláudio, o primo querido de Bandeira, no agradável apartamento que tinham no Leme.” (BEZERRA, **A trinca do Curvelo**, 1995, p. 83).

dinheiro sem saber como remetê-lo. Passei um telegrama para Alfredo Freyre²¹³ – Justiça Federal – Recife e não tive resposta.

A tradução do Clifford Beers²¹⁴ já apareceu. O Afrânio Peixoto²¹⁵ escreveu um prefácio a pedido da Casa Editora e diz nele que eu que pedi! Então escrevi-lhe uma carta chamando “Caro amigo e mestre”.

Rodrigo está de novo metido num inferno de trabalho com a tal sucursal do jornal dos primos – sem ganhar nada pois disso fez questão.

Bem, adeus, um abraço. Passo a pena a nossa querida amiga Fredy Blank.

Manuel

Gilberto o pessoal meio louco^[216] que está sentado à roda desta mesa (na sala de jantar que você conhece) está fazendo tanto barulho e quer que eu escreva a você em português^[217]!

Joanita está fazendo [penteadas] estapafúrdias em Manuel que me ajudou felizmente a escrever esta palavra gostosa. Estão se rindo de mim, *parce que je me suis lancée en portugais*²¹⁸ então vou deixar lugar para as outras. Volte breve e receba um grande abraço da sua

²¹³ Alfredo Alves da Silva Freyre (1874-1961), pai de Gilberto Freyre, foi professor, Juiz de Direito e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife. Escreveu as memórias *Dos 8 aos 80 e tantos* (Cf. FREYRE, A.A. da S. **Dos 8 aos 80 e tantos**. Introdução e anotações de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970).

²¹⁴ O livro a que Manuel Bandeira se refere é *Um espírito que se achou a si mesmo, autobiografia* (título original: *A mind that found itself: an autobiography*), tradução sua publicada em 1934 pela Casa Editora Nacional, de São Paulo. Seu autor, Clifford Whittingham Beers (1876-1943), fez a Universidade Yale e, após um colapso mental em 1900, ficou hospitalizado por três anos. Essa experiência deu origem à sua autobiografia, e Beers passou a atuar, até o final de sua vida, na melhoria das condições de tratamento psiquiátrico em seu país.

²¹⁵ Julio Afrânio Peixoto (1876-1947), médico psiquiatra, professor, escritor, historiador literário, político e membro da ABL. Publicou, entre outros livros, *Rosa mística* (1900), *Lufada sinistra* (1900), *A esfinge* (1911), *Maria Bonita* (1914), *Minha terra e minha gente* (1915), *Poeira da estrada* (1918), *Trovas brasileiras* (1919), *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922), *Dicionário dos Lusíadas* (1924), *Camões e o Brasil* (1926), *História da Literatura Brasileira* (1931) e *Panorama da Literatura Brasileira* (1940).

²¹⁶ [Forma da palavra no manuscrito autógrafo: “louca”.]

²¹⁷ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²¹⁸ “[...] porque eu meu lancei ao português [...]” (tradução nossa).

amiga Fredy Blank^[219]

um bom abraço

de Guita^[220]

e muitas saudades^[221]

de Joanita^[222]

Escrever mais é impossível porque o frige é tal!

²¹⁹ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²²⁰ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²²¹ [A partir desta linha, trecho escrito a lápis grafite.]

²²² [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

- 13^[223] -

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1934.

Gilberto,

As nossas cartas se cruzaram. Não há, pois, motivo para as lamuriuzinhas irônicas do sociólogo²²⁴.

O sociólogo está na ordem do dia com a publicação da grande *Casa-grande*²²⁵. Ficou um bichão de bom aspecto que já está ficando conhecido como o “Ulisses” pernambucano^[226]... A piada deve ser invenção do Murilo Mendes²²⁷. O que ficou bem safadinho foram os clichês das fotografias.

As informações dos livreiros é que o livro está tendo muita saída. O Cruls²²⁸ não esperou o exemplar dele e comprou e leu logo e ficou estarecido de admiração pelo

* [Classificação original (FGF): doc 6a. Carta. Datiloscrito autógrafo com tinta preta. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: “Rio, 10 de janeiro de 34”. Expressão “Ulisses pernambucano” com tinta vermelha, para destaque. Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 21,4 cm de largura e 27,9 cm de altura. Documento em boas condições.]

²²³ [PRIMEIRA EDIÇÃO PARA COTEJO: BANDEIRA, *Poesia e prosa*, 1958, v.2, p. 1407-1408.]

²²⁴ [A referida carta não foi localizada para compor esta edição.]

²²⁵ *Casa-grande & senzala : formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, foi publicado em 1933 pela Editora Maia & Schmidt, do Rio de Janeiro, contendo prefácio do autor e ilustrações de Cícero Dias. As segunda e a terceira edições do livro, em 1936 e 1938, foram realizadas pelo Editor Schmidt. A quarta edição, de 1943, publicada em dois volumes, é considerada definitiva, tendo feito parte da Coleção “Documentos Brasileiros” da Editora José Olympio. Conta com prefácios do autor, ilustrações de Tomás Santa Rosa e Cícero Dias.

²²⁶ [Trecho “o ‘Ulisses’ pernambucano” em tinta vermelha.]

²²⁷ Murilo Monteiro Mendes (1901-1975) estreou nas revistas *Terra roxa e outras terras* e *Antropofagia*. Poeta que se aproxima do Surrealismo e do Primitivismo, publicou *Poemas* (1930), *História do Brasil* (1932), *Tempo e eternidade* (1935), *Poesia em pânico* (1938), *O visionário* (1941), *As metamorfoses* (1944), *Mundo enigma* (1945), *Poesia liberdade* (1947), *Contemplação de Ouro Preto* (1954), *Tempo espanhol* (1959) e *Convergência* (1970), dentre outros livros.

²²⁸ Gastão Cruls (1888-1959), médico, romancista, contista, historiador, sociólogo e diretor da revista *Boletim de Ariel* (1931-1938), que teve grande influência literária e cultural na época. Sua obra de ficção compreende *Coivara* (1920), *Ao embalo da rede* (1923), *A Amazônia misteriosa* (1925), *Elza e Helena* (1927), *A criação e o criador* (1928), *Vertigem* (1934), *História puxa História* (1938) e *De pai para filho* (1954). Seus ensaios históricos e sociológicos abrangem *A Amazônia que eu vi* (1930), *Hiléia amazônica* (1944), *Aparência do Rio de Janeiro* (1941) e *Antônio Torres e seus amigos* (1950). Sobre sua ficção, escreveu Afrânio Coutinho: “A técnica é a mesma, a realista na descrição e exposição das minúcias, casos e observações, em desenvolvimento cronológico explícito. Reafirmam-se os dons vigorosos do romancista no estilo, no uso da ironia e até no sarcasmo, tudo, porém, dentro do espírito convencional que caracteriza sua obra, o que não impede que ela possa ser considerada das mais importantes da ficção brasileira.” (COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul

sociólogo. Disse que, apesar de esperar muita coisa, nunca pensou que fosse assim! que pensava “que fosse mais literário”...

O Roquette também está no auge da admiração. Recebeu o livro há três dias e ontem à noite, na hora educativa do Rádio Sociedade, encheu todo o tempo falando do livro, classificando-o de obra monumental. Eu e o Rodrigo ficamos inconsoláveis de ter perdido isso. Quem nos informou foi o Cruls. Disse o Roquette que,^[229] à parte qualquer outro valor da obra, só a bibliografia que você reuniu representa uma contribuição inestimável. Fez grandes elogios às suas opiniões sobre miscigenação. Não esqueceu a linguagem e leu trechos inteiros do livro.

Por enquanto é o que sei. Mas, à proporção que for sabendo mais, irei fazendo a reportagem.

O calor aqui está brabo. Anteontem jantei em casa do nosso Rodrigo, que continua ainda nas dores de parto da *Casa-grande*, num grande paraíso de amizade, interessadíssimo pelo sucesso do livro. O Joaquim Pedro²³⁰ está cada vez mais bonito, calmo, acho que vai dar um *scholar*.

E por falar em criança, eis a última de Sacha²³¹ (netinha de M^{me} Blank): viu um cartão de festas muito mozarlesco, desses com flores e estufadas e desse azul e cor-de-rosa bem lambido; ficou extasiada “*so pretty*”^[232] e não sabendo mais como exprimir a admiração e

Americana, 1970. p. 223). Gilberto Freyre e Gastão Cruls se aproximaram, prova disso é o prefácio que Freyre escreve ao livro *Aparência do Rio de Janeiro*. Para o sociólogo recifense, “nas páginas de Gastão Cruls, ilustradas por Luís Jardim com um admirável vigor de traço, como que se sente, do princípio ao fim, um ruído bom d’água, de natureza, de mar, de mata, e até de ressaca, a refrescar a erudição do pesquisador que, tendo conhecido o Rio de uma torre de observatório, com olhos de filho pequeno de cientista e de sábio, soube dedicar-se ao estudo do passado da cidade nos arquivos, nas bibliotecas e nos museus, com o rigor e a minúcia de um homem de ciência. O mesmo homem de ciência que soube completar o escritor na sua visão e interpretação da Amazônia.” (Cf. CRULS, G. **Aparência do Rio de Janeiro**: notícia histórica e descritiva da cidade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1949. (Coleção Documentos Brasileiros, 60).

²²⁹ [Vírgula inserida nesta edição.]

²³⁰ Trata-se de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), filho de Rodrigo Melo Franco de Andrade e de Graciema Prates de Sá, cineasta e roteirista. Estreou com o documentário sobre Manuel Bandeira *O Poeta do Castelo* (1959). Dirigiu, entre outros, *O Mestre de Apipucos* (1959), sobre Gilberto Freyre, *O Padre e a Moça* (1966), sobre um poema de Drummond, *Macunaíma* (1969), retomando o livro homônimo de Mário de Andrade, *Guerra Conjugal* (1975), baseado nos contos de Dalton Trevisan, e *O Homem do Pau Brasil*, adaptação livre da vida e da obra de Oswald de Andrade. Ao morrer, deixou prontos os roteiros de *Casa-grande & senzala*, baseado no livro homônimo de Gilberto Freyre, e *O Defunto*, baseado na vida de Pedro Nava.

²³¹ A convivência com Sacha, filha de Guita Blank, está registrada em alguns poemas de Bandeira, tais como “Sacha e o Poeta” (*Estrela da Manhã*), “Pardalzinho” (*Lira dos Cinquent’Anos*) e “Sacha” (*Matuá do Malungo*).

²³² [Trecho “*So pretty*” entre vírgulas na edição de *Poesia e prosa* (1958).]

a ternura: “*May I sleep with it?*” Tudo que ela gosta muito, quer dormir com. De noite, mete o dedão na boca, se atraca com o brinquedo predileto e cai no sono.

Adeus, sociólogo. Um grande abraço do

Flag

- 14* -

Rio de Janeiro, 20 de março de 1934.

Gilberto,

Não lhe tenho escrito porque andei tão cansado de bater na máquina, traduzindo um catatau alemão para a Civilização Brasileira, que acabada a tarefa do dia (6 horas em média) não tinha força nem para uma cartinha a um amigo. Nestes dois meses nem li nada. Imagine que nem a *Casa-grande* pude ainda acabar. De sorte que^[233] só conheço dela o que li nas provas dos dois primeiros capítulos. O Afonsinho²³⁴ me pediu colaboração para o número de aniversário do *Estado de Minas*. Mas como eu não tinha tempo para escrever artigo, me veio a idéia de uma sacanagem sobre *Casa-grande*²³⁵ e daí resultaram estes versinhos que lhe mando. Ainda não pude ler *O infame João Friend*²³⁶. Ainda não li o trabalho do Sylvio Rabello²³⁷!!! Quando você^[238] estiver com ele, por favor me desculpe. Eu não escrevi a ele,

* [Classificação original (FGF): doc 7. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: "Rio, 20 de março de 34". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas datiloscritas (frente e verso). Dimensões: 21,4 cm de largura e 27,9 cm de altura. Documento em boas condições. Na parte inferior da página, encontram-se as palavras "De Manuel Bandeira", escritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de catalogação.]

²³³ [Palavra "que" inserida nesta edição.]

²³⁴ Provável referência a Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), advogado, crítico literário, professor, político e membro da ABL. Dirigiu os jornais *O Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, da cadeia dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Fundou, com seu irmão Virgílio, a *Folha de Minas*. Foi um dos fundadores da UDN em 1945 e da ARENA em 1966. Quando deputado federal, em 1950, apresentou lei que determinava que a discriminação racial passasse a ser uma contravenção penal, que se transformaria na Lei Afonso Arinos. Foi ministro das Relações Exteriores no governo de Jânio Quadros. Na década de 80, exercendo mandato de senador, trocou o PFL pelo PSDB. Seus inúmeros livros tratam de assuntos os mais diversos, como nas áreas de História (*O índio brasileiro* e *a Revolução Francesa*, de 1937, *Um soldado do Reino e do Império; vida do Marechal Callado*, de 1942, *História das idéias políticas no Brasil*, de 1972 etc.), Política (*Introdução à realidade brasileira*, de 1933, *Problemas políticos brasileiros*, de 1976 etc.) e Direito (*Instituições políticas no Brasil e nos Estados Unidos*. *Direito comparado*, de 1974, *Direito Constitucional. Teoria da Constituição*, de 1976 etc.), só para citar alguns. Na área propriamente literária, escreveu os ensaios críticos *Espelho de três faces* (1937), *Mar de sargaços* (1944) e *O som do outro sino* (1978), dentre outros; e as memórias *A alma do tempo; formação e mocidade* (1961), *Diário de bolso seguido de Retrato de noiva* (1979) e *Amor a Roma* (1982).

²³⁵ Talvez Bandeira se refira aqui aos versos de "Casa-grande & senzala", poema publicado em *Mafuá do Malungo* (1948). O poema está reproduzido no capítulo 4 desta tese.

²³⁶ *The Infamous John Friend*, de 1909, foi escrito por Martha Roscoe Garnett (1869-1946). É um romance histórico ambientado em 1805, no período das Guerras Napoleônicas.

²³⁷ Sylvio Rabello (1899-1972), bacharel em Direito e professor especializado em Pedagogia. Publicou, dentre outros livros, *Psicologia do desenho infantil* (1935), *Farias Brito ou uma aventura do espírito* (1941), *Itinerário de Silvio Romero* (1944), *Euclides da Cunha* (1948). Selecionou, organizou e prefaciou *Cartas do próprio punho [...]*, edição de alguma correspondência ativa de Gilberto Freyre (Cf. FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978).

²³⁸ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v..".]

porque queria ler antes o trabalho, mas até hoje não me foi possível. Eu não sei como é que os parás²³⁹ fazem. Me afogo com muito pouca água.

Já entreguei ao Cícero os seus manuscritos, porque ele é que sabe quem vai p'ra Pernambuco, quem não vai. Tenho ido ao Olinda. Parece que o *surréaliste* anda meio descorçoado com o mundanismo. Pelo menos tenho notado alguma diferença.

O místico²⁴⁰ não escreve carta. De vez em quando passa um telegrama em que deve gastar os culhões, fazendo literatura a 7\$500 a palavra. Por exemplo: “Londres infinito humano inconcebível” etc. Uma pessoa que veio de lá contou que ele fez amizade com um padre. Não se sabe se é inglês, brasileiro ou... hispano-americano^[241]. Edgarzinho me disse outro dia que a Dédé caiu na gandaia. A irmã do Ovalle de vez em quando me segura no telefone que eu corto uma volta. Schmidt²⁴² finalmente noivo. Está para ser expulso da livraria. Mas instalou-se bem na nova companhia de seguros do Solano. Me disse o Schmidt^[243] que da livraria só queria levar os direitos de *Casa-Grande* para fazer presente a você^[244]. Mas de certo é que ele não^[245] tem esperança nenhuma de conseguir mesmo isso²⁴⁶.

²³⁹ Os “parás” são um dos cinco tipos de personalidades criadas por Jaime Ovalle e Augusto Frederico Schmidt e registradas na crônica “A nova gnomonia”, de Manuel Bandeira: “Ovalle explicou: o exército do Pará é formado por esses homenzinhos terríveis que vêm do Norte para vencer na capital da República; são habilíssimos, audaciosos, dinâmicos e visam primeiro que tudo o sucesso material, ou a glória literária, ou o domínio público. / Compreendi. O nome do Pará não implica desdouro, se não honra para o grande Estado, torrão natal do homem-símbolo ou Anjo da grande categoria. O meu Pernambuco tem dado muita gente para o exército do Pará, talvez os seus soldados mais típicos.” (BANDEIRA, **Crônicas da província do Brasil**, 2006, p. 157).

²⁴⁰ Trata-se de Jaime Ovalle.

²⁴¹ [Emenda do autor com palavra “hispano” sobrescrita a uma palavra tachada no manuscrito autógrafo.]

²⁴² Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), editor, jornalista e escritor. Da convivência com Schmidt, Bandeira escreveu “Poema desentranhado de uma prosa de Augusto Frederico Schmidt”, “Soneto em louvor de Augusto Frederico Schmidt”, “Soneto plagiado de Augusto Frederico Schmidt” (os três poemas de *Lira dos cinqüent’anos*), “Augusto Frederico Schmidt” e, na seção “À maneira de...”, “... Augusto Frederico Schmidt” (ambos de *Matuá do Malungo*). Em *Apresentação da poesia brasileira* (1944), diria Bandeira: “Contra o espírito dessa primeira geração modernista reagiu a poesia de Augusto Frederico Schmidt, a partir do *Canto do Brasileiro* e do *Canto do Liberto* (1928) seguidos de uma série de livros admiráveis – *Pássaro Cego* (1930), *Desaparição da Amada e Navio Perdido* (1931), *Canto da Noite* (1934), *Estrela Solitária* (1940), *Mar Desconhecido* (1942), *A Fonte Invisível* (1949), todos reunidos em *Poesias Completas* (1956) e acrescidos de *Sonetos*, *Mensagem aos Poetas Novos*, *Ladainha do Mar*, *Morelli*, *Os Reis*, *Novos Poemas* e *Meditação Sobre o Mistério da Ressurreição*. Seu último livro – *Aurora Lívida*, é de 1958. Nascido no Rio em 1906, Schmidt passara pela experiência modernista, assimilara-a e, embora sabendo aproveitar-lhe as lições, afastara-se dela, exprimindo-se num tom constantemente sério e grave, quase catastrófico, acometendo-nos a consciência como um eco dos versículos severos dos profetas judeus.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 633). Schmidt casou-se com Yedda Schmidt Lemos, sobrinha de Jaime Ovalle. É à Yedda Schmidt que Ovalle teria aparecido numa sessão espírita, com a mensagem “Aqui estamos todos nus”, que inspira o poema “Mensagem do além”, de Bandeira, publicado em *Estrela da Tarde* (Cf. BEZERRA, **A trinca do Curvelo**, 1995, p. 81).

²⁴³ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “Sch.”.]

²⁴⁴ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “v.”.]

²⁴⁵ [Emenda do autor com palavra “não” sobrescrita à palavra “tem” no datiloscrito autógrafo.]

²⁴⁶ Augusto Frederico Schmidt foi o editor de *Casa-grande & senzala* (1933). Sobre a experiência, diria anos mais tarde Gilberto Freyre: “Não posso dizer de Schmidt, editor, que fosse um modelo no gênero. Na fase em que escrevi esse livro, estava eu em situação mais que precária: angustiosa. Tendo, no exílio a que me forçara o movimento de 1930 – exílio de que nunca me

As Blanks vão bem, mas o wild²⁴⁷ tem que ser operado^[248] depois de amanhã de apendicite. O desquite ainda não se fez, mas a separação continua e definitiva.

A menina é que está um amor, inteligentíssima e com a mesma graça da avó.

Diga ao Jardim²⁴⁹ que os trabalhos dele foram muito^[250] admirados. Porém eu e o Rodrigo tivemos uma grande dor de corno por causa do que foi oferecido a D. Naná e Vera²⁵¹.

Aquilo está uma delícia. Agradeça muito em meu nome.

Adeus, modesto sociólogo. Ando com saudades^[252] de você. Quando atravessaremos juntos de novo a Praça Jaime Ovalle (antigo Largo da Lapa)? Talvez breve, pois os editores

mostrei ressentido a ninguém: sempre o considerei justo – me extremado em repelir quanta generosidade das que me foram oferecidas por membros do novo governo – um deles o excelente José Américo de Almeida – e, de regresso ao Brasil, me extremado, ainda mais, em não incomodar amigo algum com qualquer pedido de proteção ou de auxílio, é claro que não podia ser outra minha situação. Pelo meu contrato com Schmidt para a publicação do livro que se intitularia Casa-grande & senzala, ele se obrigava a pagar-me quinhentos mil-réis, por mês, enquanto eu estivesse no Rio empenhado na elaboração do livro: trabalho que deveria concluir no Recife. Raramente cumpriu Schmidt essa obrigação de editor. Deixou-me mais de uma vez nas piores aflições. Obrigou-me, por isto, a levar a casas de penhores quanto me restava de algum valor: relógio de platina, botões de ouro, anel de avô. / E o pior é que, uma vez editado o livro – do qual devo recordar ter tido, de súbito, imensa aceitação do público brasileiro, a despeito dos silêncios deliberados da imprensa da época e da crítica militante daqueles dias: um desses críticos, o hoje ultraliberal, mas muito meu conhecido, sob outro aspecto, Prof. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) – e das hostilidades, naqueles dias, quer de jesuítas ainda de feitiço antigo, quer de comunistas, assombrados com a força revolucionária do ensaio inclassificável – Schmidt, à base desse sucesso, passou a outro sua editora, incluindo na transação a publicação bem-sucedida. Daí resultaram duas edições, das chamadas piratas, terem sido feitas do meu livro, sem que o autor fosse beneficiado com um único mil-réis. Foi o advogado Trajano de Miranda Valverde quem, por iniciativa própria, livrou-me dessa escravidão. / Anos depois, encontrando-me com Augusto Frederico Schmidt já milionário, num almoço em casa de amigo comum – Nehemias Gueiros – disse, gracejando, ao meu primeiro editor: 'Lembre-se, Schmidt, que estou à base da sua fortuna'. / Não creio, de modo algum, que no seu procedimento para comigo e para com outros editados, houvesse de sua parte qualquer mesquinha de cru 'fazendo dinheiro'; e sim boemia. Pura boemia. Havia nele um boêmio nato que, aliado ao poeta, não deixou que o milionário se banalizasse, em tempo algum, num ricaço vulgar. Nunca Schmidt se vulgarizou num argentário preso só aos negócios."(FREYRE, G. Augusto Frederico Schmidt, poeta e homem de ação. In: FREYRE, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p. 43-44. Texto originalmente publicado com o título "O brasileiro Augusto Frederico Schmidt", no **Jornal do Commercio**, Recife, 14 fev. 1965).

²⁴⁷ Note-se que em carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre com datação "Rio de Janeiro, 12 de julho de 1929" (Documento 6), Bandeira apresenta o futuro marido de Guita Blank com seu nome completo: Victor Valentine Wilde. Portanto, "wild", grafado com letra minúscula, pode ser um apelido dado a ele.

²⁴⁸ [Emenda do autor que corrige a forma original datiloscrita "oparado", cortando a letra "a" e sobrescrevendo "e" a mão com lápis grafite.]

²⁴⁹ Luís Inácio de Miranda Jardim (1901-1987), também conhecido como Lula, foi desenhista e escritor pernambucano. Para Gilberto Freyre, ilustrou o *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* (1934) e a segunda edição de *Olinda – 2ª guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira* (1944), além de escrever prefácio ao seu *Retalhos de jornais velhos* (1964). Segundo Laurence Hallewell, "Luís Jardim, além de elogiado escritor, foi um dos mais assíduos capistas e ilustradores da José Olympio entre os decênios de 1940 e 1960." (HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. 2.ed.rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005. p.464). De fato, o artista produziu inúmeros retratos a bico-de-pena para a Editora José Olympio e foi ilustrador de obras de Gastão Cruls, José Lins do Rego e João Guimarães Rosa. Escreveu, dentre outros livros, *Proezas do Menino Jesus* (1968), *O Boi Aruá* (1940) e o romance *As confissões de Meu Tio Gonzaga* (1949), além de artigos sobre pintura e arquitetura. Ganhou o prêmio Humberto de Campos, em 1938, pela coletânea de contos *Maria Perigosa*. Seus romances, peças e histórias infantis tiveram muito sucesso na época. Com a morte de Santa Rosa, assumiu, até sua aposentadoria, a produção gráfica e a diagramação dos livros da Editora José Olympio (Cf. HALLEWELL, **O livro no Brasil**, 2005, p.463).

²⁵⁰ [Emenda do autor com palavra "muito" sobrescrita no datiloscrito autógrafo.]

²⁵¹ Provável referência a Vera Pacheco Jordão (1910-1980), escritora e professora. Sobre sua presença na Editora José Olympio ao lado do marido José Olympio, diria sua neta Lucila Soares: "Literatura estrangeira era uma área comandada por Vera, que continuava ativa no trabalho ao lado do marido e era dona de respeitável bagagem cultural, além de, diferentemente de J. O. e seus irmãos, dominar francês, inglês, espanhol, italiano e um pouco de alemão." (SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006, p.84). Rachel de Queiroz trabalhou ao lado de Vera neste setor depois que a escritora cearense se mudou para o Rio de Janeiro, em 1939. Vera escreveu livros voltados para a literatura infanto-juvenil, tais como *Maneco o byroniano* (1955), *Roteiro do museu de arte didática* (1972), *A índia que eu vi* (1975) e *A imagem da criança na pintura brasileira* (1979), dentre outros.

²⁵² [Emenda do autor que corrige a forma original datiloscrita "sausades", cortando a letra "s" e sobrescrevendo "d" a mão com lápis grafite.]

andam atrás do Rodrigo para conseguir do sociólogo a continuação de *Casa-Grande*. Um abraço do

Flag

- 15 -

Rio de Janeiro, 20 de maio de 1934.

Caro Gilberto,

Depois que o Ribeiro Couto entrou para a Civilização Brasileira tem sido um tal bater de máquina em serviço de traduções que não tenho tempo para mais nada: não escrevo aos amigos, não leio nem os livros dos amigos. Imagine que ainda não acabei de ler a *Casa-Grande & Senzala*! Ainda nem peguei no *Infamous John Friend*!

Mas vou reparar tudo isso fazendo desde já o propósito firme de ir ao Recife pelo carnaval que vem (caso você esteja aí). A sua última carta, falando de menino Elói e no Pai Adão²⁵³ e Pai Anselmo²⁵⁴, estava de pôr água na boca e li-a para o Rodrigo e para o Prudentinho.

* [Classificação original (FGF): doc 8. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Fita vermelha para destacar trecho "e não [...] for a de Londres". Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: "Rio, 20 de maio de 34". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, três páginas datiloscritas. Folha de 33 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: verso da página três e página um, nesta ordem. Segunda face: página dois e página três, na sequência. Dimensões: 16,5 cm de largura e 21,9 cm de altura. Documento levemente danificado.]

²⁵³ Possível referência a Felipe Sabino da Costa (1877-1936), segundo babalorixá do Sítio do Pai Adão. O Sítio de Pai Adão, ou Terreiro Obá Ogunté, está ligado ao culto Nagô de Pernambuco. Sobre a amizade de Freyre com Pai Adão, escreveu José Lins do Rego: "Vi Gilberto Freyre por esse tempo voltando à terra, querendo casar-se com a terra. Era ele então o amigo do arcebispo de Olinda, do pai Adão, do velho Dudu, sócio do Clube das Pás. O nativo aceitava a sua pátria, mas o seu amor não era de cego, de alucinado. Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos e se indignava contra os que, pretendendo melhorar, destruíam ou aleijavam o que havia ainda de realmente grande em Pernambuco e no Brasil." (REGO, J. L. do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, **Região e tradição**, 1941, p. 11). Na crônica "Pai Adão, babalorixá ortodoxo" (**O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 17, 4 fev. 1961), Gilberto Freyre manifestou por ele sua admiração: "Conheci (na verdade foi um dos meus melhores amigos) velho babalorixá nascido no Brasil que, tendo "voltado" à África, nunca se integrou de todo em meio africano, embora aí durante anos tivesse se aperfeiçoado nos seus conhecimentos como que teológicos; e feito muitas amizades. Refiro-me a Pai Adão: o grande babalorixá do Fundão, sub-área do Recife inconfundivelmente africanóide, proletária e plebéia na sua composição étnica e na sua estrutura sociocultural [...] / [...] Mais de uma vez almocei à sua mesa de sacerdote que tinha dignidade de um bispo. Quis escrever-lhe a biografia de perfeito afro-brasileiro. Sua morte impediu a realização, ou tentativa de realização, da biografia planejada; e para a qual cheguei a tomar notas como que taquigráficas de conversas." (FREYRE, G. Pai Adão, babalorixá ortodoxo. In: _____, **Pessoas, coisas & animais**, 1979, p. 29-30). Participou do I Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, entre 11 e 16 de novembro de 1934, em uma das reuniões preparatórias para cultos noturnos em terreiros: "Houve reuniões preparatórias entre os organizadores do congresso e os babalorixás, ocorridas na Diretoria Geral da Assistência a Psicopatas. O Pai Adão assistiu a uma dessas reuniões preparatórias, mas se negou a participar do congresso. Considerou que sua formação na África o colocava numa posição de superioridade perante os demais babalorixás, que não percebia como seus iguais. Outros babalorixás, porém, participaram do congresso, mas não sem medo ou desconfiança, já que era comum a polícia perseguir praticantes das religiões africanas." (GIUCCI, G.; LARRETA, E.

Vou agora responder a algumas perguntas suas. Dôdô recebeu a piteira e mandou agradecer muito a você. M^{me} Blank recebeu a carta de José Antônio²⁵⁵, mas ficou meio desapontada porque era em alemão e não em holandês. Diga ao primo para aprender depressa o holandês para escrever a ela uma carta na língua de Nassau²⁵⁶.

Você soube da morte da Amelinha²⁵⁷, a filha mais velha do Afrânio²⁵⁸, casada com o Múcio Sena? Foi uma coisa horrível e que ficou meio obscura, não sabendo bem os médicos a que atribuí-la ao certo. Em todo caso coração. Rodrigo, como era de esperar, sentiu muito. O nosso amigo esteve ultimamente uns quinze dias numa fazendola de Virgílinho²⁵⁹ em

R. **Gilberto Freyre**: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.509).

²⁵⁴ Babalorixá de Recife, contemporâneo de Pai Adão. Sobre a participação de Pai Anselmo no I Congresso Afro-Brasileiro, narra Giucci e Larreta: "Os filhos e filhas do terreiro de Anselmo estavam vestidos com as cores características de seus santos protetores – azul, vermelho, branco, violeta. No chão, folhas de canela exalavam um odor 'brasileiro'. O 'toque' ocorreu num palanque enfeitado, ao som de dois ilus e um agogô. [...] A cerimônia de culto nagô, realizada no terreiro do Pai Anselmo, emocionou o público presente. A observação do culto impôs aos visitantes a impressão de autenticidade. Artistas e público encontraram-se diante de uma singular revelação estética. O desconhecimento da linguagem do ritual contribuiu para cercá-lo de uma aura de mistério que realçou sua dimensão exótica." (GIUCCI; LARRETA, Gilberto Freyre, 2007, p.510, 511).

²⁵⁵ José Antônio Gonsalves de Mello (1916-2002), bacharel em Direito, filho do professor e médico psiquiatra Ulysses Pernambucano e de Albertina Carneiro Leão de Melo. Publicou *Tempo dos flamengos* (1947), *Estudos pernambucanos* (1960) e *Gente da nação: cristãos novos e Judeus em Pernambuco 1542-1654* (1989). Fez pesquisas históricas para o livro *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. Em 1949, a convite de Freyre, assume a Direção Executiva do recém-criado Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. A partir de 1950, passa a desempenhar a função de pesquisador na área de História do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Torna-se membro do Conselho Diretor da Fundação Gilberto Freyre em 1987. Participou, em 1934, do I Congresso Afro-Brasileiro do Recife, com trabalho sobre o negro durante a ocupação holandesa. Seu irmão Jarbas Pernambucano, um ano mais novo, apresentou no mesmo congresso ensaio sobre "A maconha em Pernambuco". O pai de ambos foi presidente da Comissão Organizadora do referido congresso.

²⁵⁶ Bandeira refere-se aqui a Johann Mauritius van Nassau-Siegen (1604-1679), Maurício de Nassau, nobre alemão que governou parte do Brasil, situada em Pernambuco, sob domínio holandeses, de 1637 a 1644, em nome da Companhia das Índias Ocidentais dos Países Baixos. Quando diz a expressão "na língua de Nassau", Bandeira se refere à língua do país adotado por Nassau, a Holanda, e não a do país de origem, a Alemanha. Vale dizer que Gilberto Freyre escreveu, em 1979, um opúsculo intitulado *The Johan Maurits van Nassau-Siegen [...]* (Cf. FREYRE, G. **The Johan Maurits van Nassau-Siegen from a Brazilian viewpoint**. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979).

²⁵⁷ Manuel Bandeira refere-se a Sylvia Amélia Cesário-Alvim de Melo-Franco, filha de Afrânio de Melo Franco, irmã do político, historiador, escritor e crítico literário Afonso Arinos de Melo Franco e do político Virgílio Alvim de Melo Franco. Foi casada com Mucio Senna Filho. Rodrigo Melo Franco de Andrade, referido no corpo da carta, era neto do Senador Virgílio de Melo Franco e sobrinho de Afrânio de Melo Franco. Portanto, ambos, Rodrigo e Amélia eram primos.

²⁵⁸ Afrânio de Melo Franco (1870-1943), político e diplomata. Foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicado Mineiro em 1902; deputado federal em 1906; articulador da Aliança Liberal que promoveu a Revolução de 30; Ministro das Relações Exteriores no Governo Provisório de Getúlio Vargas, dentre outros cargos políticos de projeção. Gilberto Freyre coloca o político no mesmo patamar dos "grandes fidalgos pernambucanos" e uma ponte sólida a ligar o Brasil tradicional e moderno: "Por mais enfático que tenha sido o republicanismo doutrinário de Afrânio de Melo Franco, sua figura trazia a marca da formação imperial. Nisto se parecia com Estácio Coimbra, com Antônio Carlos, com Manoel Villaboim, com Miguel Calmon, com outros políticos da chamada República Velha inconfundivelmente imperiais no gesto e nas tendências, embora republicanos nas idéias. Foram eles uma espécie de desertores e até renegados, a vida inteira marcados pelos seus dias de adolescente de formação monárquica; de quase moços fidalgos da Casa Imperial. O andar, o gesto, o nó na gravata, o modo de falar traíam neles os 'imperiais' de qualidade a se suporem republicanos completos e até demagogos autênticos. O caso, também, de Quintino Bocayuva e de Coelho Lisboa." (FREYRE, Gilberto. Afrânio de Melo Franco: seu bom-senso. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.125-127. Texto originalmente publicado no **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 fev. 1943).

²⁵⁹ Referência a Virgílio Alvim de Melo Franco (1897-1948), bacharel em Direito e político. Foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Mineiro em 1922, deputado federal em 1933 e grande colaborador da Aliança Liberal, tendo sido figura atuante na Revolução de 30. Foi um dos fundadores e presidente da UDN e apoiou o Manifesto dos Mineiros contra a Ditadura Vargas. Na ocasião da morte do atuante político, Gilberto Freyre, à época deputado federal pelo mesmo partido, escreveu: "Vi Virgílio morto, pálido, ensanguentado na sua casa da Rua Maria Angélica, sem acreditar nesta morte absurda. Ainda não acredito nela. [...] Seu modo belo e leal de ser político precisa de ser destacado num país em que o nome de político continua feio, sujo, suspeito. Ele só fez afidalgá-lo. Da política não tirou nunca vantagens nem proveitos. Enquanto outros à sombra do governo ou do prestígio político têm se tornado donos de empresas, inclusive de jornais, ele só fez gastar com a política e

Barbacena e melhorou bastante. Graciema e os meninos bem. O segundo está cada vez mais bonito. É mesmo uma beleza.

Outra notícia triste é a da morte do Ismael Neri²⁶⁰, que na ocasião da morte perdeu todas aquelas besteiras e parece que mostrou grande força de caráter e coragem. Foi um deperecimento rápido e um médico amigo atribui à tuberculina. Seu Gilberto, tenho visto muita gente morrer de tuberculina no Brasil: mais do que de tuberculose...

Cícero (*touch wood*) parece que anda mesmo descorçoado do mundanismo. Pelo menos tenho sentido sinais animadores. Já se mostra farto da praia e quer tomar um andar num sobrado da Travessa do Comércio (lembra-se que passamos uma vez num arco colonial ali perto do cais Pharoux? Pois é aí).

As notícias do Ovalle são sensacionais. Já fala inglês (erramos! O místico tem reservas desconhecidas!), só anda de chapéu coco e não compreende mais a vida fora de Londres^[261]! Tem cinco criados e está ditando um livro em inglês para uma inglesa magra e feia que “tem um verdadeiro fanatismo por ele” – palavras do sobrinho em carta.

Aqui^[262] espalharam a notícia que você viria fazer uma conferência na Sociedade Felipe de Oliveira. É verdade? Venha que há muito com que nos divertirmos agora. Anda uma intrigalhada braba entre a Felipe de Oliveira²⁶³ e a Fundação Graça Aranha e esta com a casa Heloisa Graça Aranha, que também arranhou uma espécie de Sub-Fundação. A sacanagem carioca está gozando. Venha engrossar as fileiras.

tentar honestamente construir jornais e revistas com seu próprio esforço. Mais de uma vez voltou as costas a convites sedutores de governos fortes. E continuou a caminhar pelo seu caminho áspero de homem às vezes errado, sempre, porém, honrado. Até que o tiro de um gatuno o derrubou. Roubou-o a Minas. Roubou-o ao Brasil. Nunca um gatuno roubou ao Brasil ou a Minas jóia ou diamante de mais alto valor.” (FREYRE, G. Virgílio de Mello Franco: seu modo belo e leal de ser político. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.189. Texto originalmente publicado, com o título “O crime da Rua Maria Angélica”, em **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 20 nov. 1948).

²⁶⁰ Ismael Neri (1900-1934), pintor, desenhista e escritor. Ingressou, em 1915, na Escola Nacional de Belas Artes e, em 1920, fez uma viagem à Europa, freqüentando, em Paris, a Academia Julian. Em nova viagem à Europa, em 1927, conheceu Marc Chagall (1887-1985) e, de volta ao Brasil, sua obra passa a ser marcada pelo Surrealismo. Morreu de tuberculose. Figura como poeta bissexto (BANDEIRA, **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**, 1964, p.79-83), com poemas originalmente publicados na revista *Ordem* por iniciativa de seu grande amigo Murilo Mendes.

²⁶¹ [O trecho “e não [...] fora de Londres” em fita vermelha no datiloscrito autógrafo.]

²⁶² [Emenda do autor com palavra “Aqui” sobrescrita a uma palavra tachada no datiloscrito autógrafo.]

²⁶³ Em 1934, Gilberto Freyre recebe o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira pela publicação de *Casa-grande & senzala*. No mesmo ano, apresenta, para a Sociedade, conferência sobre “O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império”, publicada em artigo na revista *Lanterna Verde*.

Um abraço saudoso de

Flag

- 16²⁶⁴ -

Recife, 28 de dezembro de 1934.

Viva 1935!^[265]

Bons anos! A você^[266] e às boas amigas Blank, inclusive a pequeninha – Bons Anos! Estou com saudade. Você^[267] não dá um ar de sua graça, deixa o provinciano sem notícias, fora das novidades da Metrópole. Mas o provinciano não esquece você^[268] nem as boas amigas de Santa Teresa. O provinciano atravessou um ano que não foi dos melhores de sua vida – doente quase todos estes últimos seis meses. Felizmente parece que voltou agora ao seu “equilíbrio biológico”. O provinciano está feliz no casarão velho onde mora agora com a família, numa puxada assobradada – puxado, dizem os requintados de Capiberibe, mas nós provincianos das margens do Capibaribe^[269] dizemos puxada. (Casa velha e boa, bem boa, mas não deixo de ter saudades do K.²⁷⁰ onde esperava viver toda a vida.) O provinciano está sentimental. O provinciano tem estado horivelmente sentimental, até mesmo atacado de *self-*

* [Classificação original (FCRB): 214. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “Re. 28 de dezembro 1934”. Papel amarelado, de gramatura alta. *Ex-libris* na margem superior da primeira página, centralizado. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 21,1 cm de largura e 27,6 cm de altura. Documento em boas condições. Desenho de uma bandeirola com os dizeres “Viva 1935!”, no alto, à esquerda da primeira página.]

²⁶⁴ Esta carta está reproduzida no Caderno de Ilustrações.

²⁶⁵ [“Viva 1935!” escrito dentro de uma bandeirola desenhada na abertura do primeiro parágrafo. Após desenho, há sinal de dois pontos.]

²⁶⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

²⁶⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

²⁶⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

²⁶⁹ [Forma da palavra incompleta no manuscrito autógrafo, “Capiba-”, sugerindo que a escrita da palavra foi interrompida ao passar de uma linha da carta à outra.]

²⁷⁰ “K.” provavelmente significa Carrapicho, sítio onde Gilberto Freyre morou com seu irmão Ulysses durante a escrita de *Casa-grande & senzala*.

pity. Já estive uma vez assim e curou-se lendo Nietzsche²⁷¹. Agora, com tanto trabalho, não tem recorrido a Nietzsche: tem recorrido ao fumo. Charuto, cigarro. Mas cigarro só inglês, que o provinciano tem coisas de requintado misturadas com o seu plebeísmo de *club* das Pás²⁷² e festas de igreja. Vou deixar essa história de “o provinciano” que está virando literatura e retomar o meu eu. Sabe que estou com um convite para dar um curso nos Estados Unidos^[273] no ano que vem? Desta vez é em Berkeley, na Universidade do Estado, que é um centro de estudos de antropologia, lingüística, história do continente. Vários batutas entre os professores. Mas querem contrato de um ano e meu sentimentalismo está lutando contra. Não quero saber de um ano inteiro fora d’aqui. Cada vez me sinto mais preso a isto aqui. Pode ser doentio, pode ser o diabo, será até um complexo, mas é assim. Vamos ver se consigo os seis meses. Seis meses todos os anos lá, os outros aqui – isto é que seria bom. Vamos ver se consigo. E você^[274]? Vem sempre para o Carnaval? Parece que vai ser bom este ano. Todos os sinais são de um carnaval de sustância. Apenas não apareceu uma marcha à altura. Mas há tempo. O Carnaval de 35 vai ser tarde: em Março. Há tempo para a inspiração de descer sobre os compositores. Você^[275] deve vir. O pintor vai bem. Ainda ontem estivemos juntos. E no dia 6 estamos planejando ir a Alagoas ver o Lins²⁷⁶. Meu segundo livro (estou um Felisberto de

²⁷¹ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão. Publicou *O nascimento da tragédia* (1872), *Humano, demasiado humano* (1878), *O andarilho e sua sombra* (1880), *Aurora* (1880), *A gaia ciência* (1882), *Assim falou Zaratrusta* (1885), *Para além do bem e do mal* (1886), *O caso Wagner* (1888), *Crepúsculo dos ídolos* (1888) e *Nietzsche contra Wagner* (1888), dentre outros.

²⁷² O Clube das Pás é uma agremiação carnavalesca do Recife. Segundo o folclorista Mário Souto Maior, “não podemos esquecer as manifestações *folclóricas* próprias do Recife como o pastoril do Velho Barroso, o Mamulengo de Tiridá e, quando chega o Carnaval, o Maracatu Leão Coroado, os caboclinhos, os La Ursas, as troças, o Zé Pereira, O Homem da Meia-Noite, O Galo da Madrugada, o Vassourinha, o Clube das Pás e muitos outros que enchem as ruas da cidade de gente, de cores, de frevo, de passo, de alegria.” (SOUTO MAIOR, M. *Folclore do Recife, de ontem e de hoje*. **Leitura**, São Paulo, 6 fev. 1988.).

²⁷³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “E. U.”.]

²⁷⁴ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

²⁷⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

²⁷⁶ Referência a José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957), jornalista e romancista. Ao longo de sua carreira literária, publicou *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Euridice* (1947), *Cangaceiros* (1953) e *Meus verdes anos* (1956 – Memórias), além de ensaios críticos e de crônicas. Bandeira dedicou a crônica “Lins do Rego: um romancista e o homem”, publicada em *Andorinha*, *Andorinha* (1965), ao autor paraibano, retratando-o do seguinte modo: “O homem Lins do Rego valia o romancista. Os seus defeitos eram todos defeitos nascidos da generosidade. Dizem que como fiscal do imposto de consumo nunca multou ninguém. Não estava certo, mas a falta resultava do seu bom coração. Nunca errou por mesquinhez. Era um homem sem ‘bondades’, como disse nordestinamente de certa personagem de um dos seus romances: sem ‘bondades’, quer dizer, sem maldades” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 679). Para Bandeira, os romancistas de sua predileção eram José Lins do Rego e Rachel de Queiroz (Cf. CONDÉ, J. *Flash autobiográfico de Manuel Bandeira*. In: BANDEIRA, **Estrela da vida inteira**, [1992], p. 29). O jovem José Lins do Rego segue da Paraíba para Recife para cursar Direito, aproximando-se de intelectuais como José Américo de Almeida, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre. Em

Carvalho²⁷⁷) vai indo. A doença me atrasou, mas,^[278] fazendo uma forcinha, termino em Março, pois tenho as notas, o plano, e já um bocado de coisa escrita e se passando a limpo. Faz tempo que não vejo um poema seu. A propósito: você^[279] podia me mandar uma cópia do poema sobre C.&S.? O pessoal de *Momento*^[280] deu fim à que Rodrigo me mandou. Escreva, seu Flag. Dê muitas lembranças minhas às Blank. Lembranças aos amigos comuns. Pelo primeiro portador devem seguir uns 10 Guias. 4 são seus^[281]. Os outros 6, para você^[282] ir vendendo, se achar quem queira. Um abraço e as saudades do

Gilberto

inúmeras ocasiões, há a manifestação de um grande respeito intelectual e amizade recíproca entre Freyre e José Lins. José Lins prefaciou *Região e tradição* (1941) e *Ingleses* (1942), de Gilberto Freyre. Este, por seu turno, escreveu inúmeros artigos dedicados ao “menino de engenho”, principalmente comparativos, enfocando sua relação intelectual e literária com o romancista, tais como “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu sobre o outro?” (FREYRE, G. **Alhos & bugalhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978) e “Recordando José Lins do Rego” (FREYRE, **Vida, forma e cor**, 1987). Para uma leitura comparativa da obra de Lins e Freyre, ver artigo “Auto-retrato no engenho: as formas autobiográficas em Gilberto Freyre e José Lins do Rego”, de minha autoria, Apêndice B.

²⁷⁷ Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho (1850-1898), professor e escritor especializado em livros didáticos. Publicou *Livros de leitura 1, 2 e 3* (1892), *Exercícios de escrita e redações* (1894), *Gramática* (1894), *Quarto e quinto livros de leitura* (1895), *Seleção de autores modernos* (1896), *Dicionário gramatical* (1896), *Exercícios de Língua Portuguesa* (1896) e outros livros largamente utilizados para alfabetização no Brasil do final do século XIX e primeira metade do século XX.

²⁷⁸ [Vírgula inserida nesta edição.]

²⁷⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

²⁸⁰ Provável referência à Editora Momento, sediada em Recife.

²⁸¹ [Sublinhado no manuscrito autógrafa.]

²⁸² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

- 17* -

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1935.

Gilberto.

Quem diria que o homem que não responde aos Armstrong e aos Mencken teria que escrever duas cartas ao literato para se benzer com uma resposta? ... Mas pode ficar certo que não foi “sacanagem carioca”. Ando tão abarbadado com a trabalhadeira da revisão de um dicionário para a Civilização Brasileira²⁸³, que fora disso não tenho ânimo para escrever uma linha. Estou em falta com todo o mundo, minha Nossa Senhora! Mas se não lhe tenho escrito, ando sempre a falar e a me lembrar de você, com Rodrigo, com as Blanks e outros gilbertistas. O seu nome anda num foco danado ultimamente com o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira²⁸⁴. É discussão p'r'aqui, discussão p'r'ali. Mando-lhe com esta uma seção do *Diário da Noite*, hoje dirigido pelo Alcântara Machado. É uma seção de comentários, sacanagens etc. Não sei quem foi o autor. O estilo desse tópico que lhe diz respeito parece-me com o do Alcântara, mas ele nega a pé firme que seja o Malasarte. Toda a gente anda intrigada com o pseudônimo.

* [Classificação original (FGF): doc 9. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita vermelha. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: “Rio, 17 de janeiro de 35”. Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas (frente e verso). Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento em boas condições. No topo do documento, encontram-se as palavras “De Manuel Bandeira”, escritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de catalogação.]

²⁸³ O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, publicado pela Civilização Brasileira, com primeira edição de 1938, é considerado o primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa publicado no Brasil. A partir da segunda edição, na capa, aparecem os nomes de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima, como organizadores, e Manuel Bandeira e José Baptista da Luz, como revisores.

²⁸⁴ Gilberto Freyre ganhou o prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira pela publicação de *Casa-grande & senzala* em 1934 – lembre-se de que o livro foi publicado em dezembro de 1933, de modo que a repercussão se deu sobretudo no ano de 1934.

Mas o seu sucesso não ficou só entre os literatos não. Com esta, você^[285] deve receber uma cartinha de Joanita em que ela lhe transmite as notícias de um baile que o secretário da Embaixada Francesa vai dar em 15 de fevereiro intitulado “Casa Grande & Senzala”. Todo o mundo tem que ir vestido a caráter. Imagine: vai haver iaiás deliciosas (Zaíndinha!). Veja se pode vir cá receber os cinco contos e assistir ao baile.

Não poderei ir ao carnaval do Recife. Decididamente morro sem ver mais o carnaval do Recife! Só posso acabar a revisão do tal dicionário em fevereiro e tenho que passar março numa estação de água senão o fígado acaba esbodegado de uma vez. Sinto-me cansado e necessitado de montanha.

O místico nunca mais deu notícia nem por telegrama. Mas pelo sobrinho manda espalhar uma porção de intrujices. A última novidade é que está escrevendo a vida de um santo: “São^[286] Sujo”. Em inglês, naturalmente. Mas Tatí mandou contar que ele não sabe uma palavra em inglês. E Dedé aqui, de pitinho cheirando a mijó, sempre esperando por ele para o competente minete...

Tenho lido os seus artigos da *Folha de Minas*. Você fez uma muito boa: aquele Davidoff Lessa é um barbadão, formado há muito tempo, autor de uma porção de livros publicados, – um figurão!

A última do Sérgio: a namorada (irmã da Germaninha) foi requisitada para trabalhar no Ministério da Educação. O Carlos Drummond²⁸⁷ engraçou-se com ela, uma coisa à toa, e o

²⁸⁵ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “v.”.]

²⁸⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “S.”.]

²⁸⁷ Trata-se de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Em 1930, Drummond começou a trabalhar com seu amigo Gustavo Capanema, que substituiu Cristiano Machado na Secretaria do Interior, em Minas Gerais. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde Pública. Deixou o cargo em 1945, assumindo, pouco tempo depois, função na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a convite de Rodrigo M. F. de Andrade, onde seria chefe da Seção de História na Divisão de Estudos e Tombamento. Drummond foi considerado o maior poeta brasileiro do século 20 tanto por Bandeira quanto por Freyre. Escreveu *Alguma poesia* (1930), *A rosa do povo* (1945) e *Claro enigma* (1951), dentre outros. Fazem parte do conjunto de sua prosa *Confissões de Minas* (1944), *Passeios na Ilha* (1952) e *Cadeira de Balanço* (1966). Drummond organizou a antologia *Andorinha, andorinha*, com crônicas de Bandeira, publicada em meio a comemorações pelos 80 anos do poeta recifense em 1966. Em *Ensaios literários*, Bandeira dá a seguinte nota crítica sobre o autor: “Carlos Drummond de Andrade, nascido em 1902, é o representante mais típico em poesia do homem de Minas. Os mineiros mais genuínos são dotados daquelas qualidades de reflexão cautelosa, de desconfiância do entusiasmo fácil, de gosto das segundas intenções, de reserva pessimista, elementos todos geradores de *humour*. [...] Carlos Drummond de Andrade é o primeiro azo dessa feliz conjunção. Sensibilidade comovida e comovente em cada linha que escreve, o Poeta não abandona quase nunca essa atitude de *humour*, mesmo nos momentos de maior ternura.” (BANDEIRA,

nosso Sérgio entrou pelo gabinete um belo dia e atracou-se com o Carlos. Acudiu o pessoal, o Peregrino²⁸⁸ levou uma sobra na cara, e o Sérgio gritava indignado para o Carlos: “Seu poetinha de merda!”²⁸⁹.

Por hoje, só. Um grande abraço para você e bons anos e recomendações a toda a sua família. Saudades aos amigos, Tasso²⁹⁰, Olívio²⁹¹, Anibal, Cicinho (que belo sinhô-moço daria o Cicinho no baile!), Bandeira, Jardim, Odilon²⁹², Júlio Bello²⁹³.

M

Mande o seu endereço. Não tenho fé na Justiça Federal!²⁹⁴

Poesia e prosa, 1958, v.2, p.1110). Carta inédita de Freyre enviada a Drummond mostra, por sua vez, como Freyre procurava cultivar esta amizade: “Meu Carlos Drummond: / Venho lhe pedir o que não deveria ousar lhe pedir. Mas v., tão sensível ao ‘it’ da adolescência, que é um tão envolvente ‘it’ como eu, entenderá e me desculpará. Que pedido é este? Que v., poeta máximo, como fez para os 15 anos de minha filha Sonia Maria, escreva palavras como só v. saberia escrever para os muito próximos 15 anos de minha primeira neta, filha de Sonia Maria, Ana Cecília. / O pedinte espera o seu sim e reafirma a grande admiração afetuosa por v./ Gilberto Freyre.” (**Carta de Gilberto Freyre a Carlos Drummond de Andrade**, de 10 de maio de 1978.). Em telegrama posterior a Drummond, sem data precisa, Freyre agradece pelo envio do poema: “Confesso-lhe telegraficamente acabo ler poema Ana Cecília chorando por ela por mim por Magdalena Sonia por toda [...]. / Também outras meninas do Recife inclusive dos mocambos do Recife que este ano fazem quinze anos todas glorificadas por sua palavra genial./ Grande abraço / Gilberto Freyre”. Gilberto Freyre dedicou a coletânea *Talvez poesia* (1962) a Drummond.

²⁸⁸ Provável referência a João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior (1898-1983), médico, professor universitário catedrático em Biometria da Universidade do Brasil, jornalista e escritor. Conhecido escritor versado em temas amazônicos, além de artigos científicos, publicou os livros *Vida fútil* (1923), *Pussanga* (1929), *Histórias da Amazônia* (1936) e *O Movimento Modernista* (1954), dentre outros.

²⁸⁹ Este episódio da briga por ciúmes foi o responsável pelo “esfriamento” do relacionamento entre Drummond e Sérgio Buarque: “[...] E alguns passaram a vida apenas cultivando uma admiração intelectual que não se traduziu em amizade. Caso de Drummond e Sérgio Buarque, que se viram envolvidos num episódio que tornou para sempre cerimoniosa e constrangida a relação dos dois. / Sérgio tinha uma namorada que trabalhava com Drummond, no gabinete do Ministério da Educação. Um belo dia, a moça teve a infeliz idéia de lhe dizer que estava sendo assediada pelo chefe. Se era verdade ou invencionice para provocar ciúmes, nunca se ficou sabendo. O fato é que Sérgio acreditou e foi tomar satisfações com Drummond. Os dois acabaram rolando pelo chão, numa briga que teve que ser apartada. / As conseqüências do entrevero persistiram por décadas. Os dois pertenciam ao mesmo círculo, se encontravam com freqüência e até se cumprimentavam, mas o constrangimento era indissfarçável. Esse mal-estar fez com que Sérgio morresse sem dizer a Drummond que o considerava o maior nome da poesia brasileira” (SOARES, **Rua do Ouvidor** 110, 2006, p.34).

²⁹⁰ Trata-se de José Jácomo Tasso, que fazia parte do grupo de amigos de Gilberto Freyre do Recife desde os anos 20.

²⁹¹ Olívio Bezerra Montenegro (1896-1962), bacharel em Direito, jornalista e professor. De 1940 a 1962, foi colaborador do *Diário de Pernambuco*. Publicou *A Igreja na Idade Média* (1926), *O romance brasileiro* (1938), *Memórias do ginásio pernambucano* (1943), *Um revolucionário da Praieira* (1949) e *Retratos e outros ensaios* (1959), dentre outros.

²⁹² Referência a Odilon Nestor de Barros Ribeiro (1874-1968), bacharel em Direito, jornalista e professor. Dirigiu o *Jornal do Commercio* do Recife, órgão oposicionista.

²⁹³ Júlio Celso de Albuquerque Bello (1873-1951) escreveu *Memórias de um senhor de engenho* (1938), prefaciado por Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

²⁹⁴ Gilberto Freyre oferecia aos seus correspondentes o endereço do seu pai, Alfredo Freyre, da Justiça Federal, talvez por temer perseguição política.

- 18* -

Recife, 29 de janeiro de 1935.

Dearest Flag:

Recebi sua carta, com os dois retalhos de jornal, o poema e^[295] o outro, que achei uma nota muito inteligente. A mesma impressão tive da de Sérgio, para a *Folha de Minas*, que recebi ontem. Não tenho visto o mais que esse tem escrito sobre o caso do prêmio. A carta de Joanita, a que você^[296] se refere, ainda não chegou: estou ansioso para saber de notícias gerais, sobre a nossa gente aí no Rio. Você^[297] quase não deu nenhuma e Rodrigo há tempo que não escreve. Eu, por minha vez, ando relaxado na correspondência, o que é devido em parte ao muito trabalho, que não tem sido caçoada – esse negócio de erudição é o diabo – mas também devido a não sei que desânimo; coisas de romântico, de solteirão, de scholar^[298] de província etc. Agora, esta hesitação diante da proposta da Universidade do Estado de Califórnia – contrato de um ano, 190 dólares por mês, 9 horas de trabalho por semana – proposta que não é nenhum presente das 1001 noites mas tem suas vantagens. Mas esse contrato de um ano, você^[299] não imagina como me aterroriza. Toda a vez que penso no assunto é para acabar fugindo covardemente de uma decisão. Como escrevi a Rodrigo, sinto que há alguma coisa, que há muito de [ilegível] em tudo isso, nesse apego ao Recife. Eu queria viajar, mas uma

* [Classificação original (FCRB): 215. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Pós-escrito manuscrito com lápis grafite. Datação: "Re. 29 de janeiro 1935". Papel amarelado, de gramatura alta. Ex-libris na margem superior da primeira página, centralizado. Uma folha, duas páginas (frente e verso). Dimensões: 21,1 cm de largura e 27,7 cm de altura. Documento em boas condições.]

²⁹⁵ [Emenda do autor com trecho "o poema e" sobrescrito no manuscrito autógrafo.]

²⁹⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "V.."]

²⁹⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "V.."]

²⁹⁸ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

²⁹⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "V.."]

viagem curta, que acabasse logo, que apenas^[300] me desse as impressões, os estímulos e contatos que eu preciso, senão dou para provinciano dos ruins, intelectual provinciano, que é uma coisa horrível; e adeus. Um ano inteiro, não. Justamente agora, nesta casa velha para onde viemos há meses, estou me sentindo o perfeito recifense, rodeado de mangueiras, de sapotizeiros (um deles que vem quase à janela) vendo uns fundos de quintais que só se vendo, amas de menino se espreguiçando na areia que é uma beleza etc. etc. E eu e Cícero^[301] temos às vezes vagado pelas ruas até alta noite, até de madrugada – e cada vez me sinto mais preso ao Recife, mas de modo a não querer sair daqui a não ser por muito pouco tempo, pensando na volta. Aos poucos venho me refazendo daquele desequilíbrio enorme que foi a amizade perdida de Bigodão; que foi sair do Carrapicho onde eu plantara tanta árvore, pensando romanticamente que havíamos de crescer e envelhecer juntos – eu e as árvores. Agora, é curioso, eu evito de uma maneira doentia o Carrapicho, não posso nem ver, nem passar por lá, por aquela casa que você^[302] conhece, e onde – incrível – cheguei a morar sozinho um ano inteiro, ou mais, já não me lembro. Era bem bom que você^[303] viesse para o Carnaval, seu Flag. Eu, Cícero e Zé Tasso temos, como você^[304] sabe, um atelier, um 1º andar na sua Estrada do Rosário. Seria sua estação de repouso. Um bocado de frevo, e estação, descanso, você^[305] podendo levar suas mulatas para lhe darem cafuné. Tem feito calor aqui. Parece o Rio. Vocês aí devem estar torrando. Tenho às vezes saudades enormes de você^[306], dos amigos daí, nosso grupo, e de outros amigos perdidos por esse mundo. É o diabo, haver distância, ser tão caro e complicado, ainda, viajar. É o diabo não ser tudo uma cidade – o Recife – uma só cidade. Aliás, a concepção de vez de alguns místicos tem sido essa – da

³⁰⁰ [Emenda do autor com palavra “apenas” sobrescrita no manuscrito autógrafa indicada pelo sinal “^”.]

³⁰¹ [Vírgula no manuscrito autógrafa, nesta posição, foi suprimida nesta edição.]

³⁰² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁰³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁰⁴ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁰⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁰⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

grande e única cidade. Você^[307] deve estar me achando um cacete de marca, com todas essas bobagens. É o sentimentalismo, o tal, de solteirão. Você^[308] talvez compreenda essas bobagens. Dôdô? Nunca mais soube dele. Vejo pelos jornais que o Zé Nabuco e Maria do Carmo³⁰⁹ estão para chegar aqui. Lembro-me de Ovalle – o amor mineiro de Ovalle, a viagem de trem, “era pra você^[310] tocar violão” etc. Que silêncio, do nosso místico! Escrevi duas cartas a ele, ou três, acho que três. Tudo sem resposta. Um desdém absoluto. Meu trabalho, espero terminar em Março. Estou fazendo um esforço tremendo. O Ribeiro Couto passou por aqui. Está perfeitamente homem ilustre, mas homem ilustre suave, sem afetação, sem artifício. Desceu, que nem um Fradique³¹¹, querendo cachaça e ver o Beco do Cirigado³¹². Whiskey não servia. Só cachaça. Tivemos que ir ao [ilegível], no Largo do Mercado, e aí bebeu-se cachaça, não um gole ou dois, mas muitos. Sabe o que ia sucedendo? O Couto perder o vapor, ficar no Recife. Quando chegamos ao cais, o vapor já ia a uma boa distância. Momento horrível. Couto perdeu a serenidade, não se despediu dos regionais, caiu na lancha que estava à espera numa ansiedade doida. Claro que pegou facilmente o vapor. De lá então, outra vez sereno, ele nos deu adeus, agitou o chapéu, o lenço. Mas foi um momento de angústia, que passamos todos, diante do navio andando. Veja você^[313] em que dá essa história de muito pitoresco. O tempo era pouco, devíamos ter ficado mesmo no whiskey do velho Ayres³¹⁴, que

³⁰⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

³⁰⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

³⁰⁹ Trata-se do casal José Nabuco, filho de Joaquim Nabuco (1849-1910), e Maria do Carmo Melo Franco Nabuco de Araújo (1907-2001), filha de Afrânio de Melo Franco e irmã de Afonso Arinos. Consta que uma das quatro exposições de pintura de Gilberto Freyre foi na residência do casal, que colecionava objetos de arte.

³¹⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

³¹¹ Referência a Fradique Mendes, personagem do escritor português José Maria Eça de Queirós (1845-1900). Romancista, crítico literário e diplomata, Eça escreveu *O primo Basílio* (1878), *Os maias* (1888), *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), dentre outros livros. É uma das grandes referências literárias para Gilberto Freyre, muito admirado também pelo seu pai, Alfredo Freyre.

³¹² Sobre o Beco do Cirigado, escreveu Gilberto Freyre em seu *Manifesto regionalista de 26*: “Reconheçamos a necessidade das ruas largas numa cidade moderna, seja qual for sua situação geográfica ou o sol que a ilumine; mas não nos esqueçamos de que a uma cidade do trópico, por mais comercial e industrial que se torne, convém certo número de ruas acolhedoramente estreitas nas quais se conserve a sabedoria dos árabes, antigos donos dos trópicos: a sabedoria de ruas como a Estreita do Rosário ou de becos como o do Cirigado que defendam os homens dos excessos de luz, de sol e de calor ou que os protejam com a doçura das suas sombras. A sabedoria das ruas com arcadas, de que o Recife devia estar cheio. A sabedoria das casas com rótulas ou janelas em xadrez, que ainda se surpreendem em ruas velhas daqui e de Olinda.” (FREYRE, G. **Manifesto regionalista de 1926**. Recife: Edições Região, 1952. p.36).

³¹³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

³¹⁴ Provável referência a Jack Ayres, amigo do pai de Gilberto Freyre, Alfredo Freyre.

é mesmo no caes, perto [dos vapores]. E o beco, via-se doutra vez, com mais vagar. Bem, seu Flag, escreva. Abraços e lembranças para os amigos. Um grande abraço para você^[315] do

Gilberto

P. S.^[316] Peço que veja com o Alcântara Machado se *Critica* não paga a colaboração (eu e Cícero mandamos um trabalho, a pedido, aliás, do Alcântara, para uma edição especial).

Agradeço

Gilberto Freyre

³¹⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "V.".]

³¹⁶ [Todo o trecho introduzido com símbolo de pós-escrito, que recupera a expressão latina *post-scriptum*, manuscrito com lápis grafite.]

- 19* -

Rio de Janeiro, 10 de março de 1935.

Gilberto,

Espero que você^[317] tenha tido um bom carnaval aí. O meu foi todo do trabalho. Sem beber não posso fazer carnaval. Aproveitei para acabar a revisão do tal dicionário. Voltava às 10 horas para o quarto e desenhava até o vavavú das ruas sossegar um pouco, lá pelas duas e pouco da madrugada. Imagine que não passei pela avenida nem uma só vez. Saía de casa às 5 da tarde, ia jantar com M^{me} Blank e Joanita, e só. Joanita foi ao tal baile e ficou muito bonitinha como sinhá-moça, metida em anquinhas ou cousa parecida. Rodrigo não passou o carnaval aqui. Foi para a fazenda do Virgílinho.

Tenho notícias frescas do místico. Indiretas, está claro. Ele não escreve^[318] nem à irmã. Sabe-se das cousas pelo sobrinho. A última novidade são poemas ingleses: Mando-lhe cópia e queria estar perto de você para gozar de suas gargalhadas espirradas. O sobrinho mandou isso com muito mistério, dizendo que foi tirado de um grosso caderno onde há para mais de cinquenta poemas assim. Quando a Leolina (a irmã do O.³¹⁹ casada com o Xiru) me perguntou o que eu achava, eu respondi sem pestanejar: Acho que deve ser mistificação!

* [Classificação original (FGF): doc 10. Carta. Manuscrito e datiloscrito autógrafos. Datação: "Rio, 10 de março de 35". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, duas páginas (frente e verso). Primeira página datiloscrita com fita preta, finalizando com assinatura manuscrita "Flag", com lápis grafite. Uso de fita vermelha para destacar título "Três poemas para Jaime Ovalle". Na margem inferior direita da primeira página, encontra-se a palavra "vire" manuscrita com lápis grafite. Segunda página manuscrita com lápis grafite, finalizada com rubrica "M". Dimensões: 21,4 cm de largura e 27,9 de altura. Documento com rasgamento na parte inferior à esquerda.]

³¹⁷ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.."]

³¹⁸ [Forma da palavra no datiloscrito original, com a qual Manuel Bandeira termina a linha, sem continuação na seguinte: "escre-".]

³¹⁹ Provável abreviatura para Jaime Ovalle.

Suponho que o nosso místico contou em língua de trapo alguns sonhos (“Sonhei que um passarinho etc. etc.”^[320]) e algum amigo inglês de bar ou a tal professora escanifrada reduziu a cousa a inglês³²¹. Isso me tem divertido a valer e traduzi três dos poemas com este título *Três Poemas ingleses de Jaime Ovalle*^{322,[323]}, para uma revista *chic*.

Quinta-feira devo partir para Cambuquira³²⁴, onde vou finalmente lavar o fígado. De lá lhe escreverei novamente.

Ainda não tive com o Alcântara, mas irei despedir-me dele e falarei sobre o caso da *Crítica*. Abraços do

Flag^[325]

No outro dia, o Schmidt voltava de Paquetá, onde tinha havido uma solenidade cívica integralista. Estava sentado sozinho num banco, quando se aproximou dele um integralista e perguntou: “O Sr. não é amigo do Jaime Ovalle?” – Sim, respondeu o Schmidt: “Eu sou o Onésimo Coelho...”.

Era o anjo dos Onésimos³²⁶ metido na camisa verde! Aliás ele já antes do integralismo tinha feito um discurso encomiástico a^[327] Pedro Ernesto.

³²⁰ [Sem estas aspas para fechar o período no datiloscrito autógrafo.]

³²¹ Provavelmente Bandeira se refere ao poema que reproduz na crônica “Ovalle”, publicada em *Flauta de Papel*: “Era uma virgem / A mais pura de quantas mais pura / Viviam na santa Jerusalém. / Uma noite depois de fazer as suas orações / Deitou-se adormeceu e na manhã seguinte / Acordou triste e doente de vergonha: / Sonhara este sonho / Um pássaro veio voando do céu / Veio voando voando / Pousou em sua cama / E dormiu assim a noite toda” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.491-492).

³²² O primeiro dos “Três poemas” de Jaime Ovalle traduzidos por Bandeira é: “Deus contempla em silêncio / As folhas que caem das árvores / E as folhas que permanecem nos galhos, / E vê que elas o fazem como deve ser. / Enquanto isso, os anjos se ocupam / De outros detalhes, menos difíceis, / Do mundo de Deus” (BANDEIRA, **Estrela da vida inteira**, [1992], p.379).

³²³ [O título “Três poemas ingleses de Jaime Ovalle” está datiloscrito com fita vermelha.]

³²⁴ Cambuquira é uma cidade do sul do estado de Minas Gerais conhecida principalmente pela água mineral, considerada uma das melhores do país.

³²⁵ [Fim da primeira página do datiloscrito autógrafo. Há uma indicação de que há uma segunda parte da carta, a qual, por sua vez, está manuscrita no verso do papel da primeira página com lápis grafite, pela colocação da palavra “vire” logo após a assinatura, na margem inferior direita, também manuscrita com lápis grafite.]

³²⁶ Lembre-se de que os Onésimos são um dos tipos de personalidades segundo classificação de Jaime Ovalle e Augusto Frederico Schmidt. Trata-se dos céticos, que desapontam. “O seu *sense of humour* sempre vigilante é o terror dos Mozarlescos avisados. Não é que o faça por maldade: os Onésimos não são maus. O drama íntimo dos Onésimos é não sentirem

Se não fosse o Rodrigo, com a famosa lei da gravitação dos anjos, a doutrina do místico estaria por terra!

M.

entusiasmo por nada, não encontrarem nunca uma finalidade na vida. Não obstante, se as circunstâncias os colocam inesperadamente num posto de responsabilidade, podem atuar (não todos é verdade) com o mais inflexível senso do dever.” (BANDEIRA, **Crônicas da província do Brasil**, 2006, p.160). Vale dizer que, para Bandeira, um exemplo de Onésimo é Gilberto Freyre.

³²⁷ [Palavra inferida, pois a decifração está prejudicada devido a rasgamento no papel.]

- 20* -

HOTEL SILVA
JOÃO SILVA
CORRESPONDENTE DO BANCO DO BRASIL
CAMBUQUIRA
TELEFONE 12

Cambuquira, 23 de março de 1935.

Meu caro Gilberto,

Afinal desencantei a viagem a Cambuquira. Estou aqui desde o dia 15, e parece que as águas estão me fazendo grande bem.

Gostei muito de Cambuquira, que é bem simples e bonitinha. O que estraga um pouco isto são os aquáticos – gente que tem quase todos um ar pará de favorecidos da sorte, muito irritante. Tenho levado uma vida de completo repouso, levantando às 6 da manhã e deitando às 9 da noite.

Anteontem fui numa excursão a Campanha, cidadezinha morta que fica a um $\frac{3}{4}$ de hora daqui. Faz agora justamente 30 anos que cheguei lá carregado. Verifiquei que era um camelo em 1905, pois não senti então a delícia que são aquelas ruas tão simples, tão modestas, com os seus casarões quadrados, quase todas com bicos de telhado em forma de asa de pombo. Há lá uma rua Direita (hoje tem nome de gente) que é um encanto: tão genuinamente

* [Classificação original (FGF): doc 11. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Datação: “Cambuquira, 23 de março de 1935”. Papel amarelado, de gramatura média. Timbre do papel: “Hotel Silva – João Silva – Correspondente do Banco do Brasil – Cambuquira – Telefone 12”. Pós-escrito na margem esquerda na posição vertical. Duas folhas, duas páginas. Dimensões: 20 cm de largura e 27,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

brasileira, tão boa, dando vontade de morar nela. O passeio que foi de noite, com o luar (uma lua sem nada de mozarlesco, lua-Dantas, simples e bom satélite),^[328] foi dessas cousas que a gente não esquece. Diante das duas casas onde morávamos, e onde passei o Diabo, me senti valado, com um nó na garganta. Assim como no interior da matriz, uma igreja tristíssima, que essa, sim, parece o “huge baru” que Luccock³²⁹ viu nas igrejas de Ouro Preto. Faziam a Via-Sacra e eu estive longo tempo imaginando quantas vezes minha mãe e minha irmã estiveram ali ajoelhadas rezando para que eu não morresse.

Esta vida é uma merda, seu Gilberto. Mas não quero acabar com amarguras esta carta. No descalabro que foi a minha vida, ainda me sobram amizades sólidas como a das Blanks, a sua, do Rodrigo e poucos mais. E quis escrever isto a você para dizer que a lembrança destes bons amigos me acompanhava enquanto eu andava como um fantasma sem eira nem beira pelas ruas desertas daquela cidadezinha morta.

Abraços do

Manuel

Volto a 10 para o Rio.^[330]

³²⁸ [Vírgula inserida nesta edição.]

³²⁹ John Luccock, escritor e comerciante inglês, chegou ao Brasil em 1808. Durante sua estada de 10 anos, procurou fazer negócios diversos e registrar suas impressões de viagem, que deram origem ao livro *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818* (1820). Também escreveu *The nature and properties of wool, illustrated: with a description of the English fleece* (1805), *Five years' residence in Buenos Aires, during the years 1820 to 1825* (1825) e *Grammar and vocabulary of the tupi language* (1880).

³³⁰ [Frase pós-escrita na margem esquerda da primeira página do manuscrito autógrafo, na posição vertical.]

- 21 -

Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1935.

Meu caro Gilberto,

Você^[331] deve estar me considerando um ingrato. Nunca mais lhe escrevi! *What a shame!* Mas lhe afianço que não passa dia em que não penso em você^[332] várias vezes, em que não fale a amigos (Blanks, Rodrigo etc.) Até nestes últimos dias o mestre do Recife anda nos preocupando muito, porque está nos parecendo que ele anda com pouca vontade de dar as caras por aqui para ensinar Sociologia na nova universidade. Veja se adia o curso prometido aos estudantes daí e vem. Quem sabe se a mudança de ares não acaba de vez com essa furunculose que o tem azucrinado? A sua nomeação³³³ (como a do Lélío Gama³³⁴, a do Sousa

* [Classificação original (FGF): doc 12. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: "Rio, 7 de agosto de 1935". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, uma página datiloscrita. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento em boas condições.]

³³¹ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "V.."]

³³² [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "V.."]

³³³ A Universidade do Distrito Federal foi fundada em 1935. Gilberto Freyre recebe então o convite de Anísio Teixeira para ser professor de Sociologia e Antropologia da Escola de Economia e Direito. Os textos de suas aulas estão publicados em *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943). A experiência desta fase como professor está registrada no texto de Leticia Vicenzi sobre a fundação da universidade: "Segundo os relatos dos ex-alunos entrevistados, as matérias mais temidas eram sociologia (com Gilberto Freyre, devido ao nível de exigência do professor) e antropologia física. / Sobre as aulas de Gilberto Freyre, informaram os entrevistados que todos esperavam dele uma grande atuação, por causa do enorme sucesso do seu livro *Casa-grande & senzala*. O professor era, porém, ainda muito jovem, mostrava-se excessivamente tímido, não encarava os alunos, e 'proferia suas lições com voz extremamente pausada e monótona, que levava ao estado de sonolência'. Uma estenógrafa ficava sempre a seu lado, e na semana seguinte os alunos recebiam um folheto com a aula do mestre datilografada. Mas ninguém teve, de início, curiosidade bastante para lê-las. No fim do primeiro semestre exigiu Gilberto Freyre, como trabalho de estágio, que os alunos classificassem como quisessem as matérias publicadas nos jornais do Rio de Janeiro, medissem-nas com régua e apresentassem suas conclusões sobre o que viessem a achar. Apesar de 'indignados', resolveram cumprir a tarefa, em grupo. Ao fazê-lo, porém, descobriram um mundo de excelentes novidades e, tomados de entusiasmo, decidiram ler as apostilas guardadas: verificaram, então, que elas constituíam verdadeiras obras literárias, com profundas observações do mestre sobre aspectos sociológicos da vida cotidiana. [...] Gilberto Freyre acabou sendo bem apreciado pela turma, embora alguns ainda lhe censurem o não ter sido muito sistemático em seu programa. As aulas fluíam poéticas, mais ou menos ao sabor da inspiração do momento, feitas preferentemente para serem lidas e não ouvidas." Mais adiante, a autora dá os motivos da saída de Freyre: "Em fins de 1937 ocorreu o golpe de Estado Novo, e uma nova Constituição, de inspiração tipicamente fascista, foi imposta ao país. [...] Gilberto Freyre foi um dos que saíram da UDF quando Alceu Amoroso Lima – o principal líder católico (secular) da época – foi chamado a substituir Baeta Viana, sucessor de Afonso Pena na reitoria." (VICENZI, L.J.B. A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil. *Forum Educacional*, Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set.1986). Coincidentemente o nome de Amoroso Lima aparece como catedrático de Sociologia em 1938.

da Silveira³³⁵ e alguns mais) pôs uma grande esperança na tal universidade. Se você^[336] rói a corda é o diabo. Venha. Se a coisa não lhe agradar, será só este rabo de ano que você^[337] terá que aturar, ao passo que em 1936 seria um ano inteiro. Estamos com muitas saudades. O Gastão Cruls não dorme! Volta e meia me telefona.

Também tenho cortado a minha volta com um diabo de um eczema que me deu no ouvido direito. Depois de alguns meses em que pensei que não era nada o dr. Públio³³⁸, de passagem por aqui, me levou a um especialista, um rapaz daí, de Bezerras, que todos dizem ser muito traquejado no ofício, Ermiro Lima. – Chi, Bandeira, isto está feio! ele disse e começou a tratar. Trata que trata, até agora não fiquei bom, e no outro dia a coisa se danou e passei duas noites^[339] sem dormir com uma dor danada. Ora já se viu?

Não tenho feito mais nada senão traduções para a Editora Nacional. Traduza até um romance da tal Elinor Glynn³⁴⁰! Hoje acabei a tradução de um sacana de um Curwood³⁴¹, com um vocabulário arrevesadíssimo que me fez desunhar no dicionário como um excomungado.

³³⁴ Lélío Gama (1892-1981), pesquisador em Ciências Exatas e professor catedrático de Análise Matemática e superior na Universidade do Distrito Federal e da Universidade do Brasil. Em 1935, quando foi criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, Lélío foi convidado para trabalhar como professor de Matemática na Escola de Ciência. Publicou inúmeras obras na área de astronomia e matemática.

³³⁵ Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1883-1967) foi nomeado professor da recém fundada Universidade do Distrito Federal, assumindo a cadeira de Filologia Portuguesa da Escola de Filosofia e Letras em 1935. Publicou *Lições de Português* (1921-1923), *Trechos Seletos* (1919), *Algumas Fábulas de Fedro* (1927), *Textos Quinhentistas* (1945) e *Dois Autos de Gil Vicente* (1949). Manuel Bandeira foi grande admirador do seu trabalho, além de vizinho e amigo de infância. Sobre o poeta, escreveu o filólogo: “Conheço Manuel Bandeira desde um ano que ainda não desapareceu na noite dos tempos, mas que já vai longe: o de 1897. Entráramos para o Ginásio Nacional, nome que tinha então, e perdeu mais tarde, o antigo Colégio Pedro II. Desde o primeiro momento prendeu-nos mútua simpatia, e Manuel Bandeira – na lista de aula Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, na minha intimidade o Bandeirinha, para o distinguir do irmão mais velho, também nosso condiscípulo – tornou-se no correr da vida o *animae dimidium meae* [a outra metade de minha alma].” (SILVEIRA, Sousa da. *Animae dimidium meae*. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. p. 219).

³³⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “V.”.]

³³⁷ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “V.”.]

³³⁸ Provável referência a Sebastião Públio Dias da Silva (1909-1992), médico e escritor pernambucano. Figura na *Antologia dos poetas bissexto contemporâneos*, de Bandeira, com o poema “Balada a Nossa Senhora dos Enforcados” (1964, p.193-194). Foi colaborador da Revista de Antropofagia.

³³⁹ [Emenda do autor com palavra “noites” sobrescrita com lápis grafite no datiloscrito autógrafo.]

³⁴⁰ Elinor Glyn (1864-1943), escritora norte-americana. Publicou *bestsellers* na primeira metade do século XX, tais como *The price of things* (1901), *Three Weeks* (1901) e *Beyond the Rocks* (1914). A tradução a que possivelmente se refere Bandeira é *Tudo se Paga*, editado pela Civilização Brasileira (número um da coleção “Biblioteca da Mulher Moderna”). Elizabeth Bishop, em uma das estrofes do poema “To Manuel Bandeira, with a Present”, escreve: “Smiled on by Fame and Miss Brazil: / Is this the man to keep so still? / The gallant man who rendered in / more graceful language Elinor Glyn?”. Elizabeth Bishop fala da maestria do Bandeira tradutor, que, ao trazer versos para a língua de chegada, segundo ela, o fazia com criatividade e grande consciência formal.

³⁴¹ James Oliver Curwood (1878-1927). Escreveu best-sellers como *The courage of Captain Plum* (1908), *The danger trail* (1910), *The valley of silent men* (1920) e *A gentleman of courage* (1924), dentre outros. A tradução de Bandeira é do livro *Nômade do Norte* (1935).

Bem que Bigodão (que leu o romance na nossa viagem de diurno para São^[342] Paulo) me disse: “Seu Flag, você vai cortar uma volta com esse danado!” Livro bom mesmo, até agora só me apareceu o do^[343] ciclóide americano.

Os seus últimos retratos foram muito apreciados. As mãos (coisa sua muito característica) estão ótimas. Joanita ia lhe escrever, mas,^[344] como a sua vinda se anunciava, ela não escreveu. Estão morando agora numa casinha muito simpática no Leme. A filhinha de Guita cada vez fica mais interessante. Apesar de toda a ambientação, é uma inglesinha. No outro dia no fim do jantar ofereci cigarros a ela: – *Cigarette?* Ela agradeceu: – *No, thank you.* Eu insisti: – *Please!* Pois não é que o diabinho virou-se para mim^[345] e com um sorriso mais *sophisticated* disse: – *No, I really couldn't!*

O Carlos Drummond de Andrade me arranhou uma fiscalização de colégio. É uma Fundação Osório, onde se educam órfãos de militares. Dirigido pela viúva do Enéas Martins. Uma beleza de colégio, no fundo do vale de Santa Alexandrina. Como o colégio é muito bem dirigido, não dá quase trabalho nenhum, senão aparecer por lá uma vez por semana e em tempo de provas parciais todos os dias.

O místico continua sem escrever a ninguém, nem à irmã querida. Sabe-se que está vivo pelas cartas do sobrinho. Quando Tatí chegou, contou que ele tinha uma amante chinesa. Abandonou o projeto da “Vida de São^[346] Sujo” e está escrevendo (*supposed*) um livro complicado em que há uma discussão entre Cristo e o diabo. Já veio nova fornada de poemas, todos parecendo mais obra da tal inglesa velha. Por sinal que um deles bem bonito.

Mas você precisa vir ver a chácara que o bacharel Pedro Dantas arranhou na Gávea! Uma coisa inacreditável. Parece realmente incrível que neste Rio de Copacabanas haja

³⁴² [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “S.”.]

³⁴³ [Emenda com palavra “do” subscrita com lápis grafite no datiloscrito autógrafo.]

³⁴⁴ [Vírgula inserida nesta edição.]

³⁴⁵ [Vírgula no datiloscrito autógrafo, nesta posição, foi suprimida nesta edição.]

³⁴⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “S.”.]

recantos daqueles. E segundo me conta o Rodrigo, o nosso Prudentinho naquele sossego voltou a escrever. Mas está cada vez mais exigente consigo.

Adeus, Gilberto. As Blanks se recomendam a você. Receba um grande abraço do

Flag

- 22* -

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1936.

Gilberto,

Por intermédio do Rodrigo recebi sua carta de Lisboa. Foi pena que a revolução na Espanha³⁴⁷ viesse transtornar os seus planos de trabalho. Por que não dá um pulo à Holanda para mexer nos arquivos de lá? M^{me} Blank recebeu resposta da amiga a quem mandou perguntar se havia alguma coisa interessante publicada sobre Nassau ultimamente. A amiga andou indagando com interesse e falaram-lhe^[348] das seguintes obras: um livro intitulado *Les Hollandais au Brésil*³⁴⁹, escrito em francês por um holandês P. M. Netscher, 1853, preço 20 florins; outro (este creio já seu conhecido, pois o nome do autor vem citado em *Sobrados e Mocambos*) de Hermann Wätjen, *Das holländische kolonialreich in Brasilien*³⁵⁰ (a amiga de M^{me} Blank diz ter visto o nome do modesto sociólogo citado nele); outro editado em Utrecht em 1914 por A. N. J. Fabius e intitulado *Johan Maurits, de Braziliaan*³⁵¹ (Johan Maurits, o Brasileiro), preço 2 a 3 florins; finalmente, de W. Arni, *Das Eindringen der Niederlandischen*

* [Classificação original (FGF): doc 13. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: "Rio, 7 de setembro de 36". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, duas páginas datiloscritas (frente e verso). Dimensões: 18,4 cm de largura e 25,3cm de altura. Documento em boas condições.]

³⁴⁷ Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), houve uma série de mudanças econômicas e sociais, às quais se denomina Revolução Espanhola, principalmente em regiões controladas sindicalistas revolucionários e anarquistas, como na Catalunha e em Aragão. A Guerra Civil Espanhola, liderada por frentes militares, foi vencida pelos nacionalistas ligados a Francisco Franco.

³⁴⁸ [Emenda do autor que corrige a forma original datiloscrita da palavra "falaram-lhe" sobrepondo a letra "f" manuscrita com lápis grafite.]

³⁴⁹ NETSCHER, Pieter Marinus. **Les Hollandais au Brésil**: notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII Siècle. La Haye: Belinfante frères, 1853.

³⁵⁰ WÄTJEN, Hermann. **Das holländische kolonialreich in Brasilien**: ein kapital aus der kolonialgeschichte des 17. jahrhunderts. Haag: M. Nijhoff, 1921.

³⁵¹ FABIUS, A.N.J. **Johan Maurits, de Braziliaan**: 1604-1679. Utrecht: Bruna & Zoon, 1914.

Elementen in der Kolonisation Brasiliens (A penetração dos elementos holandeses na colonização do Brasil) 1600-1674, Biel, 1918.

Falei a M^{me} Blank sobre a sua proposta de tradução dos panfletos da Biblioteca Nacional, e ela aceitou a idéia com grande interesse.

Tenho tido muito trabalho com uma antologia de poetas românticos para o Ministério. Fora dos bambinhas que toda a gente conhece (Dias³⁵², Alves³⁵³, Azevedo³⁵⁴, Junqueira³⁵⁵, Varela³⁵⁶, Rabelo³⁵⁷, Abreu³⁵⁸), aos quais convém juntar o Bernardo Guimarães³⁵⁹, só encontrei de realmente interessante a “Bodarrada”³⁶⁰ do Luís Gama³⁶¹, que vou incluir na íntegra.

³⁵² Referência a Antônio Gonçalves Dias (1823-64). Bandeira escreveu sobre o poeta romântico: “E é isto o que efetivamente se encontra em toda a lírica de Gonçalves Dias: uma funda nostalgia, a mágoa dos amores contrariados pelo destino, o consolo que tirava do espetáculo da natureza, do afeto dos amigos e da crença religiosa. [...] A maior parte da lírica de Gonçalves Dias inspira-se ora da natureza, ora da religião, mas sobretudo de suas próprias tristezas.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.561, 566).

³⁵³ Referência a Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871). Segundo Bandeira, o poeta era “vulgarmente melodramático na desgraça, simples e gracioso na ventura, o que constituía o genuíno clima poético de Castro Alves era o entusiasmo da mocidade apaixonada pelas grandes causas da liberdade e da justiça – as lutas da independência na Bahia, a insurreição dos negros de Palmares, o papel civilizador da imprensa, que ele pinta como uma deusa incruenta.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.579).

³⁵⁴ Referência a Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852). Sobre a obra do poeta romântico, escreve Bandeira: “[...] as notas desabusadas, irônicas, a miúdo intencionalmente prosaicas, alternam com outras que lhe eram mais sinceramente pessoais – o seu erotismo entravado pela timidez, as suas afeições familiares, os pressentimentos melancólicos derivados de uma saúde precária, a obsessão da morte.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.568).

³⁵⁵ Referência a Luiz José Junqueira Freire (1832-1855). Sobre o poeta, escreveu Bandeira: “o poeta das Inspirações do Claustro e das Contradições Poéticas, livros onde palpita um sentimento fundo e sincero, nascido não da imaginação ou de leituras, mas de sofrimentos reais. Junqueira Freire era de constituição doentia e muito peculiar.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.571).

³⁵⁶ Referência a Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875). Sobre o poeta, diz Bandeira: “As melhores inspirações lhe derivam da sua natureza de hipocondríaco, de inadaptado dentro da civilização das cidades, o que o levava muitas vezes a buscar refúgio no seio das matas, a levar uma vida andarilha de boêmio, munido da inseparável garrafa de cachaça.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.574).

³⁵⁷ Referência a Laurindo José da Silva Rabelo (1826-1864). Escreveu Bandeira sobre o poeta: “O talento satírico e repentista granjeou-lhe grande popularidade no tempo: chamavam-lhe ‘o poeta Lagartixa’ por causa do seu físico magro e desengonçado. A alegria exterior escondia porém uma funda mágoa das dificuldades e desdém que encontrava na vida.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.570).

³⁵⁸ Referência a Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860). Estas são as palavras de Bandeira que definem o poeta: “Casimiro de Abreu é seguramente o mais simples, o mais ingênuo dos nossos românticos e isso lhe valeu o primeiro lugar na preferência do povo. A nostalgia da pátria, os primeiros sobressaltos amorosos da adolescência, os encantos da paisagem brasileira foram por ele cantados com um acento de meiguice inconfundível.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.571).

³⁵⁹ Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884), segundo Bandeira, é: “Mais conhecido pelos seus romances, nele todavia o poeta é superior ao romancista. O seu poema em versos brancos ‘O Devanear de um Céptico’ é uma das produções mais características do estado de espírito de sua geração.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.570).

³⁶⁰ “Bodarrada” é o nome popular do poema “Quem sou eu”, de Luís Gama, editado em 1859.

³⁶¹ Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) foi filho de escrava e senhor branco. Freqüentou o curso de Direito do Largo São Francisco como ouvinte, tornou-se jornalista e orador libertário. Conhecido pelos seus versos satíricos, tem sua obra reunida nos livros *Trovas burlescas* (1859) e *Novas trovas burlescas* (1861).

As Blanks se recomendam. O Portinari³⁶² está fazendo um retrato a óleo de Joanita³⁶³.

Parece que vai ficar bom. Ele fez outro meu a fusain que todo mundo acha bom. Pretende passá-lo para óleo.

Adeus, mariposa. Um abraço do

Flag

³⁶² Trata-se de Candido Torquato Portinari (1903-1962), pintor, gravador, ilustrador e professor, consagrado internacionalmente. Deixou pinturas como *Café* (1934), com a qual recebeu o prêmio *Carnegie Institute* de Pittsburgh, tendo sido o primeiro pintor modernista brasileiro premiado no exterior. Com os painéis *Guerra e Paz*, inaugurados em 1956 na sede da ONU, em Nova York, recebeu o prêmio Guggenheim. No início da carreira, seu objetivo era criar uma pintura nacional, baseada em tipos brasileiros e cenas do cotidiano, dialogando intensamente com os escritores modernistas. Grande admirador de Picasso, também se nota, nele, certa tendência à abstração geométrica. Ilustrou *Perfil de Euclides e Outros Perfis* (1944), de Gilberto Freyre, juntamente com Santa Rosa. Sobre Portinari, Gilberto Freyre escreveu: "O meio brasileiro agiu, porém, sobre o meninozinho ruivo de origem européia com toda a força do seu sol, de suas tradições, de sua democracia de campina de subúrbio onde ruivos e pardos fraternalmente empinam papagaios e jogam football de bola de pano alheios a quanta convenção separa os meninos, em outros países socialmente menos democráticos em *brancos* e *pretos* ou em *européus* e *nativos*. Daí a sensibilidade desse pintor louro e de nome italiano aos assuntos mais íntima e complexamente brasileiros. Daí ser Portinari tão teluricamente do Brasil como Cícero Dias, quanto Vila-Lobos, quanto Luiz Jardim ou Santa Rosa." (FREYRE, G. O brasileiro telúrico de Portinari. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.80-82). A primeira parte do artigo, em que consta o trecho citado, foi originalmente publicada, com o título "Portinari", no **Diário de Pernambuco**, Recife, 20 dez. 1942, e a segunda parte, com o título "Portinari: seus painéis épicos, na **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 fev. 1978. Consta também, no *site* da FGF, que a primeira parte do artigo "O brasileiro telúrico de Portinari" saiu em **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1942.

³⁶³ Joanita Blank teve como professores de pintura Zita Aita (1900-1967) e Candido Portinari. É de sua autoria um retrato a óleo do pintor.

- 23^{•[364]}} -

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1936.

Gilberto,

Por intermédio de Rodrigo recebi a sua carta de Lisboa. Respondi para lá por via aérea, mas três ou quatro dias depois o Gastão (o Crâls, como chama M^{me} Blank) me deu a notícia de^[365] que você já estava de volta. Vou, pois, repetir o que disse na carta anterior.

M^{me} Blank ficou toda contente com a idéia de traduzir os panfletos holandeses e manda dizer-lhe que está esperando as suas instruções.

Ela recebeu resposta da amiga da Holanda, a quem consultou, a seu pedido, sobre literatura nassoviana. A amiga indagou e soube da existência dos trabalhos seguintes:

P. M. Netscher – *Les Hollandais au Brésil*, 1853. Escrito em francês por um holandês. Preço – 20 florins.

—————

A. N. J. Fabius, editor – *Johan Maurits, de Braziliaan* (João Maurício, o brasileiro) – Utrecht, 1914. Preço 2 ou 3 florins.

—————

* [Classificação original (FGF): doc 14. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Datação: "Rio, 22 de setembro de 1936". Papel marrom, de gramatura média. Uma folha, três páginas manuscritas. Uma folha de 33 cm dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: verso da página dois e página um. Segunda face: página três, em letras inclinadas, e dois, nesta ordem. Dimensões: 16,5 cm de largura e 22 cm de altura. Na pasta individual do documento, encontra-se também cópia datilografada. No topo do documento copiado, encontram-se as palavras "De Manuel Bandeira (Flag)", com caneta esferográfica azul; na parte inferior, a assinatura "Flag" e, ao longo da folha, lacunas preenchidas, todas manuscritas com caneta azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de preservação e divulgação. A cópia desta carta foi realizada em papel amarelado, de gramatura média; duas folhas, duas páginas datiloscritas. No verso da segunda página, encontra-se a seguinte informação, manuscrita com caneta esferográfica azul: "Cópias de cartas de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre".]

³⁶⁴ [PRIMEIRA EDIÇÃO PARA COTEJO: BANDEIRA, *Poesia e prosa*, 1958, v.2, p.1409-1410.]

³⁶⁵ [Palavra "de" inserida nesta edição.]

W. Arni – *Das Eindringen des Niederländischen Elementen in der Kolonisation Braziliens* (A penetração do elemento holandês na colonização do Brasil) – 1600-1674 – Biel, 1918.

Além desses citou um trabalho já conhecido seu, o de Hermann Wätjen³⁶⁶ – *Das holländische Kolonialreich in Brasilien*, dizendo que tinha visto o seu nome mencionado lá.

Tenho tido muito trabalho com a tal antologia dos românticos. Talvez eu devesse fazer a coisa com um critério mais objetivo. Fiz uma antologia para mim,^[367] que desse bem idéia dos temas, da sensibilidade, dos processos românticos, mas que não fosse uma versalhada pau: em vez de “*Terribilis Dea*”³⁶⁸, por exemplo^[369], três estrofezinhas mozarlescas de Vitoriano Palhares³⁷⁰, cuja última é:

*Foste a serpente, e eu, vil, inda te adoro!
Que vertigens meu cérebro percorrem!
Mente mais uma vez, para que eu possa
Morrer sonhando, como os doidos morrem!*

³⁶⁶ [Forma do nome em edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958): “Wätzen”.]

³⁶⁷ [Nesta posição, há sinal de ponto e vírgula no manuscrito autógrafo que foi suprimido nesta edição.]

³⁶⁸ O poema em tom épico “*Terribilis Dea*” foi composto por Pedro Luís Pereira de Souza (1839-1884). Escritor hoje fora do cânon do Romantismo brasileiro, foi, segundo José Veríssimo em *História da Literatura Brasileira*, na seção “Poetas Menores”, “um poeta brilhante, o precursor da inspiração política e social e do que depois se chamou condoreirismo, na nossa poesia, político de relevo, jornalista, conversador agradabilíssimo, segundo quantos o trataram, e homem do mundo de rara sedução. Deixou meia dúzia de poemas, os melhores no tom épico (‘Os voluntários da morte’, ‘*Terribilis Dea*’) que todo o Brasil conheceu, recitou e admirou. Mas a sua obra dispersa de mero diletante, se lhe criou um nome meio lendário como o de José Bonifácio e Francisco Otaviano, não basta a assegurar-lhe um posto de primeira ordem na nossa poesia.” (VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p.259).

³⁶⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “por ex.”.]

³⁷⁰ O poema a que Bandeira se refere é de autoria de Vitoriano José Marinho Palhares (1840-1890), escritor pernambucano. A estrofe transcrita por Bandeira é a última do poema “*Negro Adeus*”, de três quartetos. Os dois primeiros quartetos são: “Adeus! já nada tenho que dizer-te. / Minhas horas finais trêmulas correm. / Dê-me o último riso, p’ra que eu possa. / Morrer cantando, como as aves morrem. // Ai daquele que fez do amor seu mundo! / Nem deuses nem demônios o socorrem. / Dê-me o último olhar, para que eu possa / Morrer sorrindo, como os anjos morrem. [...]”. No capítulo sobre os últimos românticos em *História da Literatura Brasileira*, José Veríssimo faz a seguinte menção ao poeta: “O aparecimento simultâneo de Varella com o seu *Pavilhão Auriverde*, e de Vitoriano Palhares com o seu *A D. Pedro II*, a propósito do conflito anglo-brasileiro de 1862, e de numerosos poemas tão patrióticos como bombásticos de José Bonifácio e Pedro Luís, coincidindo com os de Castro Alves e Tobias Barreto, da mesma entoação, está atestando que não havia novidade essencial no chamado condoreirismo de 60 a 70.” (VERÍSSIMO, *História da literatura brasileira*, 1954, p.272-273).

Os amigos vão bem. Zé Lins – sofrendo muito, por se julgar “arrepunado”³⁷¹ pelo mestre. Para entrar de novo nas suas graças tem insultado o Schmidt^[372] em letra de forma, chamando-o “israelita voraz”³⁷³ etc.

Abraços do

Flag.

Morais e Vale 57
ap. 73

³⁷¹ A palavra “arrepunar” não consta em dicionários da língua portuguesa. Porém, segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a origem etimológica da palavra “repugnar” vem do latim *repugno*, com variantes registradas, ao longo da história da língua, tais como *repuna* (XIV), *rrepunar* (XV) e *repunhar* (XV) (Cf. HOUAISS; VILLAR, **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 2001). Desse modo, é provável que “arrepunar” seja uma variante coloquial em uso, na época, no Nordeste do Brasil, com acepção de recusado, não aceito, rejeitado.

³⁷² [Em lugar do nome “Schmidt”, encontra-se a letra “Z.” na edição de *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958).]

³⁷³ Talvez o apelido dado a Augusto Frederico Schmidt por José Lins do Rego seja por conta do episódio da venda da editora, incluindo os direitos de publicação de *Casa-grande & senzala*, evento referido detalhadamente em nota a “Schmidt” no documento 14 desta edição.

- 24* -

Recife, 26 de setembro de 1936.

Caro Flag:

Recebi ontem sua carta de 7 de setembro que primeiro foi a Lisboa e a Paris para acabar aqui à sombra dos cajueiros e das mangueiras, onde li com delícia todas as boas notícias que me dá. Esperava que o flamengófilo José Antônio fosse agora ao Rio para conversar com M^{me} Blank sobre os panfletos da coleção Salvador de Mendonça, escolhendo-se então^[374] os de mais interesse ou menos conhecidos para a tradução. Zé Antonio já remexeu na coleção e podia ser útil. Mas o pai dele, o meu querido Ulysses³⁷⁵, está doente e parece que muito doente – de qualquer maneira precisando de maior repouso. De modo que o melhor é

* [Classificação original (FCRB): 216. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro cinza. Datação: "Re. / 26 de set. / 1936". Na margem superior de cada página, centralizada, há numeração da página para indicação de leitura. Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, quatro páginas manuscritas. Uma folha de 26,8 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: páginas um e dois. Segunda face: páginas três e quatro. Dimensões: 13,4 cm de largura e 17,7 cm de altura. Documento em boas condições.]

³⁷⁴ [Emenda do autor com palavra "então" sobrescrita.]

³⁷⁵ Referência a Ulysses Pernambucano (1892-1943), médico psiquiatra e professor catedrático de Clínica Psiquiátrica e Clínica Neurológica. Foi fundador da *Revista de Neurologia* em 1938 e escreveu artigos científicos pioneiros na área de Psicologia e Psiquiatria. Primo de Gilberto Freyre, foi presidente da Comissão Organizadora do I Congresso Afro-brasileiro no Recife, em 1934. Durante a escrita de *Casa-grande & senzala*, Freyre é hospedado por algum tempo pelo primo, como se nota pela carta enviada a Rodrigo M. F. de Andrade, com datação "Recife. / 4 de nov. 1932: "Rodrigo: / Estou há muito tempo sem notícias suas. Mas antes de qualquer coisa: vai nova porção do livro e o portador é o meu primo e amigo de quem freqüentemente lhe tenho falado: Ulysses Pernambucano. Há um mês que estava essa maçaroca pronta, à espera de um portador idôneo que agora surgiu, magnífico, na pessoa de Ulysses. Na casa dele é que tenho estado nestes últimos meses como lhe terá dito Cícero. [...] Alheando-me o mais possível do desagradável ambiente brasileiro tenho trabalhado intensamente no livro [...] inclusive a mim próprio que sou às vezes uma companhia bem desagradável e impertinente de mim mesmo. Questão de higiene mental: não estivesse eu morando com um psiquiatra..." (FREYRE, **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**, 1978, p.247).

você^[376] ir à Biblioteca com M^{me} Blank e conversarem com o velhote Garcia que, estou certo, se prestará a vos orientar sobre a coleção e a vos franquear os preciosos panfletos. E mãos à^[377] obra. Zé Antonio aqui está traduzindo uns inéditos, que estavam nos arquivos do Instituto. Em Amsterdã (lembra-se que eu [uma vez] disse – Amsterdam deve ter riquezas – a Congregação dos Judeus – etc – e nesse sentido escrevi ao indolente Couto, dando-lhe indicações etc.), o Caio M. Faccó (que conheci agora e de quem gostei muito) descobriu um documento de que eu andava atrás: o poema de Abade da Fonseca sobre o Recife. Vai para a coleção. Falta traduzir. É ótimo. Como eu gostaria de ter ido até a Holanda! Mas se quase não agüento com as despesas até a França! Sabe que a Universidade não me paga, desde maio? Começa bem, no calote. Pela sua carta, vejo que você^[378] já andou folheando os *Sobrados*! Ainda não recebi um^[379] exemplar da Companhia³⁸⁰. Vi o artigo do Plínio Barreto³⁸¹. É um noticiaria – o resumo está admiravelmente bem feito. Mas quando comenta! E não são comentários de um burrego humilde, mas de um burrego pretensioso a chamar o livro de “engenhoso”, de “interessante” etc. – sem a coragem – que só a inteligência lhe daria – de reconhecer a grandeza e a originalidade do trabalho. Ainda não estou bom. Como sabe adoeci ainda em Portugal. Estou em dieta rigorosa. Desde que cheguei aqui só saí duas vezes para visitar Ulysses Pernambucano. Em Paris recebi telegrama do místico: queria que eu fosse a Londres. Disse-me Caio que o místico não sai nunca de casa. Escreva. Muitas lembranças minhas às Blank. Para você^[382] um abraço do amigo velho –

³⁷⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁷⁷ [Acento grave, indicando crase da preposição “a” com a forma feminina do artigo definido, inserido nesta edição.]

³⁷⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

³⁷⁹ [Nesta posição, há um sinal de dois pontos no manuscrito autógrafa que foi suprimido nesta edição.]

³⁸⁰ *Sobrados e mucambos* é publicado em 1936 pela Companhia Editora Nacional, Rio de Janeiro, como o volume 64 da Coleção Brasileira.

³⁸¹ Plínio Barreto (1882-1958), advogado, político, escritor e jornalista. Foi governador do Estado de São Paulo de 6 a 25 de novembro de 1930, em substituição a José Maria Whitaker, logo após a Revolução de 1930.

³⁸² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

Gilberto

P. S. Os livros de Netscher e Wätjen são meus conhecidos. Fiquei interessado pelo de W. Arni.^[383]

³⁸³ [Pós-escrito na margem superior da primeira página. Final do pós-escrito indicado por rubrica de Gilberto Freyre.]

- 25* -

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1936.

Gilberto,

Recebi a sua carta do Recife.

Acabei ontem de ler os *Sobrados e Mocambos*. Li devagar, porque fui logo fazendo a revisão, corrigindo erros ortográficos (como “atrito” com c, “tísica” com y etc.), assinalando lugares em que falta alguma palavra de sorte que o texto não forma sentido etc. Assim, se tirarem nova edição, você poderá servir-se do meu exemplar.

Naturalmente a minha impressão foi ótima. No prefácio da minha antologia dos românticos aludo ao seu capítulo sobre a mulher e o homem – ideal patriarcal da virgem pálida e lânguida –, pondo em destaque a ilustração do conceito na poesia romântica, prendendo-o ao tema do “amor e medo” assinalado pelo Mário de Andrade, ou melhor, subordinando isto àquilo – o homem fingindo medo da mulher para melhor dominá-la.

Não sei se já lhe falei da edição da minha *Estrela da Manhã*. O Luís Camilo³⁸⁴ tinha uma certa porção de bom papel que me ofereceu para fazer uma edição de 54 exemplares.

* [Classificação original (FGF): doc 15. Carta. Datiloscrito original, com fita preta. Datação: “Rio, 7 de outubro de 1936”. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Papel amarelado, de gramatura média. Um folha, uma página. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento ressecado, com pequenos rasgos laterais.]

Aceitei. Capa tipográfica de Santa Rosa. Retrato a fusain de Portinari em cópia fotográfica colada. 26 poesias. Como os exemplares são poucos e não dariam para todos os amigos, ficou resolvido que a coisa será na batata: 50\$000 o exemplar. Dez já foram subscritos em S. Paulo. Aqui é provável que haja maior número de subscritores. Vou reservar dez para o Recife. Não ofereça a ninguém aí, mas espalhe a notícia: quem quiser que mande o cobre ao meu endereço – Moraes e Vale 57, ap. 73.

Não vou dar aos amigos. Mas você – mestre querido viverás enquanto – de quem recebi o *Guia*, vai ter o seu exemplar.

Com o produto da venda farei imprimir uma edição de 500 exemplares de minhas *Poesias Escolhidas*³⁸⁵.

Li a sua carta para M^{me} Blank. Qualquer dia destes irei com ela ao velhote Garcia, com quem tenho estado ultimamente por causa da antologia. Lá no escritório dele tenho encontrado o Octávio Tarquínio³⁸⁶ – a ler coleções de jornais para o Bernardo de Vasconcelos – e o Primitivo Moacir. Você sabe como os empregados da Biblioteca chamam o carrinho onde transportam as cargas de livros e jornais pedidos pelos pesquisadores? – Fanchono³⁸⁷. Dizem a palavra naturalmente, como se dissessem “cadeira” ou “régua”. Quem me contou isso foi o Moacir. De sorte que no dia seguinte, estando ele melancolicamente à espera dos volumes pedidos, eu disse para ele: – Então, dr. Moacir, está à espera do fanchono?

³⁸⁴ O papel dado de presente por Luís Camilo de Oliveira Neto não é suficiente para a impressão de 50 exemplares de *Estrela da manhã*, como o anunciado. Saem, então, apenas 47 exemplares para subscritores. O livro foi publicado em 1936.

³⁸⁵ A edição de *Poesias escolhidas*, publicada pelos Irmãos Pongetti, foi custeada pelo próprio Bandeira, cujo trabalho de seleção também contou com a ajuda de Mário de Andrade.

³⁸⁶ Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), bacharel em Direito, historiador, biógrafo e jornalista. Foi colaborador de *O Estado de São Paulo* e *O Jornal*. Dirigiu a *Revista do Brasil* e a *Revista do Comércio*, ao lado de Afonso Arinos de Melo Franco. Substituiu Gilberto Freyre na direção da *Coleção Documentos Brasileiros* de 1939 até sua morte. Publicou os livros *Monólogo das coisas* (1914) e *História dos fundadores do Império do Brasil* (1957). Era casado com a escritora Lúcia Miguel Pereira.

³⁸⁷ “Fanchono” significa pederasta ativo. A palavra claramente dialoga com “fanchone”, que significa “tábua grossa dotada de rodízios, usada como carro para transportar pacotes em estabelecimentos comerciais” (Cf. HOUAISS; VILLAR, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2001.).

Bom, vou largar esta para continuar a revisão das *Histórias da Velha Totônia*³⁸⁸, já em primeiras provas. O menino de engenho³⁸⁹ vai brilhar nos contos para criança.

Um abraço do

Flag

³⁸⁸ O livro *Histórias da Velha Totônia*, classificado como literatura infanto-juvenil, é de José Lins do Rego, tendo sido publicado em 1936 pela José Olympio com ilustrações de Tomás Santa Rosa. O livro reúne quatro histórias: "O macaco mágico", "A cobra que era uma princesa", "O príncipe pequeno" e "O sargento verde". José Lins tomou contato com a Velha Totônia, contadora de causos, quando criança; ela é uma espécie de personagem que povoa o imaginário e a escrita de José Lins do Rego, como o escritor testemunha em várias passagens de sua obra: "A velha Totônia amanhecera na casa-grande. A tia Naninha pediu para ficar comigo no quarto meio escuro. A velhinha valia para mim mais do que todos os vomitórios. Aos poucos as princesas e príncipes, o rei e a rainha, as moças encantadas começavam a viver no meio de todos nós. A voz macia da velhinha fazia andar um mundo de coisas extraordinárias." (REGO, J.L. do. **Meus verdes anos**: memórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997. p.75).

³⁸⁹ Referência a José Lins do Rego, cujo primeiro livro, *Menino de engenho*, é romance de forte tendência autobiográfica, narrado em primeira pessoa – daí a tentação de Bandeira em assumir certo "pacto autobiográfico" (Cf. LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions du Seuil, 1975), transferindo para o plano da vida a identificação literária implícita que ocorre entre autor, narrador e personagem. *Menino de engenho* foi publicado em 1932 pela Editora do Autor e distribuído pelo editor Andersen, no Rio de Janeiro.

- 26³⁹⁰ -

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1936.

Gilberto,

Joanita todo fim de ano ganha umas centenas de mil réis com uns desenhos de *Season's Greetings* que vende às dúzias aos americanos das Empresas Elétricas. Este é um dos que ela fez este ano. Não está bonito?

Recebeu minha carta anterior? Nela lhe mandei dizer que M^{me} Blank estava pronta a começar o trabalho de tradução dos panfletos holandeses. Conviria que você mandasse uma cartinha apresentando-a ao Rodolfo Garcia e pedindo a este que os tais panfletos sejam entregues a ela, pois o trabalho na própria biblioteca seria penoso, não acha?

Já revi as primeiras^[391] provas de *Estrela da Manhã* e de *Antologia dos românticos*³⁹².

A *Estrela* foi toda subscrita.

Estive hoje com Jardim, que andou muito alarmado com a perspectiva de uma operação de apendicite. Parece que o Silva Melo³⁹³ o tranqüilizou com uns clisteres: as dores se aplacaram.

* [Classificação original (FGF): doc 2. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 30-X-36". Papel amarelado, de gramatura alta. Uma folha, duas páginas manuscritas. Uma folha de 28,8 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: verso da página dois e página um. Segunda face: verso da página um e página dois. Dimensões: 14,4 cm de largura e 18,7 cm de altura. Desenho no alto da página: paisagem de Copacabana, de autoria de Joanita Blank. Documento em boas condições.]

³⁹⁰ Esta carta está reproduzida no Caderno de Ilustrações.

³⁹¹ [Forma do numeral do manuscrito autógrafo: "1^{as}".]

³⁹² A *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, de Bandeira, foi publicada em 1937.

³⁹³ Provável referência a Antônio da Silva Melo (1886-1973), médico, professor, ensaísta, pesquisador na área de Medicina e membro da ABL. Escreveu *Problemas do Ensino Médico e da Educação* (1936), *Perspectivas para uma vida mais feliz* (1943), *Nordeste brasileiro. Estudos e impressões* (1953), *Estudos sobre o negro* (1958) e a *Superioridade do homem tropical* (1967), dentre outros livros.

Um abraço do

Flag

Morais e Vale 57

ap. 73

- 27• -

Recife, 11 de fevereiro de 1937.

Dear Baby:

Fiquei muito contente com a sua carta. Há quanto tempo não tinha uma carta sua! Em Março devo estar aí abraçando-o, já que você^[394] não veio ao Carnaval. Estou com saudade de você, das Blank, de Prudente, de Gastão, do nosso grande Rodrigo, dos renegados Lins e Jardim que me parecem agora de corpo e alma da Metrópole. Eu, Baby, é que me sinto cada vez mais daqui. Já me parece alguma coisa de freudiano, de regresso^[395], alguma coisa assim. Quando penso que estou menos preso me acontece uma coisa sentimental que me prende a algum recanto ou bairro do Recife que estava na sombra e descubro encantos novos. Isto é uma cidade profunda. Muito profunda mesmo. Cada ano me traz o conhecimento de coisas inteiramente novas do Recife, mas que só podem ser sentidas e compreendidas, tendo-se a experiência das outras. Se eu voltar à literatura, como pretendo, depois de findar meu trabalho de Sociologia com o *Ordem e progresso*³⁹⁶ (que será mais sobre o Sul que sobre o Norte e mais sobre o 1900 que sobre outras épocas) procurarei explicar esse mistério do Recife no

* [Classificação original (FCRB): 217. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Recife / 11 de fevereiro / 1937". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha de 27,4 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas de folhas manuscritas (frente e verso). Primeira folha: páginas quatro e um. Segunda folha: páginas dois e três. Dimensões: 13,7 cm de largura e 19,8 cm de altura. Imagem impressa no alto à esquerda da primeira página, com a inscrição "Air France / Brasil". Documentos em boas condições.]

³⁹⁴ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "V.".]

³⁹⁵ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

³⁹⁶ *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre: e da Monarquia para a República*, foi publicado em dois volumes pela Editora José Olympio em 1959. Compõe, juntamente com *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*, a chamada trilogia de nascimento, desenvolvimento, decadência e morte do patriarcalismo no Brasil.

meu diário^[397], ³⁹⁸. Você^[399] sentiu essa profundidade no “Evocação” e você^[400], quem sabe, devia ter sido do Recife mais do que do Rio. Há muito pernambucanismo e provincianismo em você^[401], como você^[402] próprio sente no seu grande “Provinciano que nunca soube⁴⁰³”; só os filólogos como seu amigo Nascentes⁴⁰⁴ não sentem isso⁴⁰⁵. Esses filólogos! Creio que os filólogos poderiam ter escrito coisas ótimas sobre você^[406], mas ao meu ver falharam, embora a nota do Nascentes tenha uns pedaços sentimentalistas e biográficos bem bons, beirando a pieguice mas sem cair nela. Gostei muito do artigo do Abgar Renault⁴⁰⁷. Eis aí um fino sem

³⁹⁷ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

³⁹⁸ *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930* seria o único livro de Freyre publicado na forma de diário, em 1975, pela Editora José Olympio. Como apontou Pallares-Burke, o livro deve ser mais precisamente chamado de “diário-memória”, tendo em vista que sua escrita não teria acontecido na época do desenrolar dos eventos, sendo livremente recriados em momento posterior. (Cf. PALLARES-BURKE, **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos, 2005).

³⁹⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁴⁰⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁴⁰¹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁴⁰² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁴⁰³ O poema a que se refere Gilberto Freyre é “Auto-retrato”. O poema, em documento manuscrito autógrafo, foi reproduzido na 13ª página da *Homenagem a Manuel Bandeira* (1936), tendo sido publicado posteriormente em *Mafuá do Malungo*. “Auto-retrato” está reproduzido no capítulo 4 desta tese.

⁴⁰⁴ Antenor -Vera Nascentes (1886-1972), filólogo, lingüista e lexicógrafo. Além de professor do Colégio Pedro II, junto com Manuel Bandeira, foi professor universitário, tendo ocupado a cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro. Escreveu, dentre outras obras, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1932), *Elementos de Filologia românica* (1954), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 4 volumes (1961-1967) e *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*, 4 volumes (1972). Nascentes publicou, na *Homenagem*, o artigo “Quarenta anos de amizade”, do qual seguem os dois primeiros e o último parágrafo: “Conheci os dois Bandeiras em março de [18]97 quando me matriculei no antigo Ginásio Nacional, com dez anos de idade. / Embora me desse bem com ambos, sempre me senti mais atraído pelo menor, o Bandeirinha, como o chamávamos; idade, temperamento inclinações iguais criaram entre nós uma camaradagem que o tempo se encarregou de transformar em amizade até hoje inquebrantada. / É verdade que ele nasceu no Recife, do qual aparecem reminiscências em suas poesias, mas eu, que o acompanho desde menino, posso afirmar que foi no Rio que o seu espírito se formou; por isso ele é na realidade um verdadeiro poeta carioca.” (NASCENTES, A. Quarenta anos de amizade. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.65-70).

⁴⁰⁵ A partir deste momento da carta, Gilberto Freyre tece comentários – desfavoráveis no geral, aliás, bem no estilo freyriano que Bandeira aponta na crônica “A nova gnomonia” (Cf. BANDEIRA, **Crônicas da província do Brasil**, 2006, p.157-161) – sobre a *Homenagem a Manuel Bandeira*, livro que a José Olympio publicou como parte das comemorações do cinquentenário do autor. A tiragem do livro foi de 201 exemplares e, nessas páginas, grandes intelectuais da época discorrem sobre a convivência com o autor e sobre sua poesia. Em *Itinerário de Pasárgada*, Bandeira fala sobre o contexto da *Homenagem*: “Em 1936, aos cinqüent’anos de idade pois, não tinha eu ainda público que me proporcionasse editor para os meus versos. A *Estrela da Manhã* saiu a lume em papel doado por meu amigo Luís Camilo de Oliveira Neto, e a sua impressão foi custeada por subscritores. Declarou-se uma tiragem de 57 exemplares, mas a verdade é que o papel só deu para 50. / Hoje nenhum de nós pode impunemente completar cinqüenta anos sem a publicidade de uma homenagem dos amigos. O costume foi invenção de Rodrigo M. F. de Andrade a propósito do meu cinquentenário. Já então se afirmara ele o meu amigo mais dedicado e mais delicado. [...] / Pois foi Rodrigo que promoveu a *Homenagem a Manuel Bandeira*, belo volume onde, ou em poemas, ou em estudos críticos, depoimentos, impressões, ou em desenhos, exprimiram muitos de meus amigos o seu sentimento a meu respeito ou a respeito da minha poesia. De todos eles – mais de trinta – só perdi um, e não creio que tenha sido culpa minha. Se perdi esse, ganhei outros novos, cuja crítica ou depoimento faz falta naquele repositório de generosas perscrutações de minha obra, especialmente as exegeses de Otto Maria Carpeaux e de Aurélio Buarque de Holanda, a longa análise de Adolfo Casais Monteiro. Quem quer que queira estudar a minha poesia e da minha geração não pode dispensar a leitura desse livro.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.82-83).

⁴⁰⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁴⁰⁷ Abgar de Castro Araújo Renault (1908-1995), bacharel em Direito, professor, político, escritor e membro da ABL. Fundou, com Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus e Pedro Nava, *A Revista* (1924), em Belo Horizonte. Foi deputado estadual por Minas Gerais (1927-1930), chefe da Secretaria do Interior e Justiça de Minas Gerais no governo de Olegário Maciel, diretor geral do Departamento Nacional de Educação e Cultura do Distrito Federal (1940-1946), Ministro da Educação e Cultura (1955-1956), dentre outros cargos públicos. Sua obra poética compreende os livros *Sonetos antigos* (1968), *A lápide sob a lua* (1968), *Sofotulafai* (1971), *A outra face da lua* (1983) e *Obra poética* (1990). Abgar Renault contribuiu com o artigo “Notas à margem de algumas traduções de Manuel Bandeira” para a *Homenagem a Manuel Bandeira*.

requisitos idiotas e compreendendo coisas de literatura inglesa que o brasileiro raramente compreende. Gostei de Rodrigo⁴⁰⁸, de Nava⁴⁰⁹, de outros. A nota de Sérgio⁴¹⁰ muito rápida. A de Afonsinho⁴¹¹ tem umas coisas boas, outras de que não gostei tanto. O meu grande Prudente⁴¹², bom mas seria chegar ao ótimo a que habituou as leituras de suas interpretações e críticas. A nota de meu querido Lins⁴¹³, embora tão carinhosa comigo (como sempre), achei fraca. A de Plínio boa, apenas uns pedaços frios. A do Dr. Jorge de Lima⁴¹⁴, característica, bem característica. Mas não estou fazendo um comentário ao livro que nem ao menos tenho

⁴⁰⁸ Rodrigo M. F. de Andrade, que promoveu a *Homenagem a Manuel Bandeira*, publicou nela o artigo "Tentativa de aproximação". Em momento em que disserta sobre a relação entre poesia e doença, afirma Rodrigo: "Certos poemas seus podem ser de facto interpretados como 'sonhos de menino doente', conforme Gilberto Freyre observou com sagacidade em relação ao *Vou-me embora pra Pasárgada* (tendo em vista provavelmente determinado trecho deste poema). Mas a verdade é que o próprio tema de Pasárgada não tem nada em si de doentio. Nem, tão pouco, o lirismo de Manuel Bandeira, em si mesmo, se ressentido de nada de mórbido." (ANDRADE, R. M. F. de. Tentativa de aproximação. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.211-216).

⁴⁰⁹ Pedro da Silva Nava (1903-1984), médico e escritor, foi um dos fundadores de *A Revista* (1924). Foi incluído na *Antologia dos poetas bissextos* por Bandeira. Estreou oficialmente na literatura com o livro *Baú de Ossos* em 1972, seguido por *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-mar*, *Galo das trevas* e *O cirio perfeito*, conjunto este considerado uma das grandes obras memorialistas brasileiras. Em *Homenagem a Manuel Bandeira*, Nava afirma: "Essa extraordinária importância que a poesia de Manuel Bandeira teve para mim, parece que posso afirmar sem medo de erro, – foi a mesma para quase todos os de minha geração –, ao menos para aquele grupo que por volta de 1923 ou 1924 começou a adivinhar o seu problema pelo lirismo, antes de passar a interpretá-lo pelo raciocínio." (NAVA, P. Itinerário para a rua da Aurora. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.184).

⁴¹⁰ Sérgio Buarque de Holanda contribui, na *Homenagem*, com o artigo "Notas sobre Manuel Bandeira", que ocupa uma página inteira e poucas linhas da página seguinte. Nelas, o crítico fala sobre a aparente facilidade que não exclui o rigor, sobre a concentração das emoções em sua poesia (HOLANDA, S. Buarque de. Notas sobre Manuel Bandeira. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.217).

⁴¹¹ Provável referência ao artigo "Manuel Bandeira ou o homem contra a poesia", de Afonso Arinos de Melo Franco, publicado na *Homenagem a Manuel Bandeira*.

⁴¹² Prudente de Moraes Neto, publicou, na *Homenagem a Manuel Bandeira*, o artigo "Acre sabor", assinado com o pseudônimo Pedro Dantas.

⁴¹³ José Lins do Rego escreveu, para a *Homenagem a Manuel Bandeira*, o artigo "Manuel Bandeira, um mestre da vida", que está reproduzido no capítulo 4 desta tese.

⁴¹⁴ Jorge Mateus de Lima (1895-1953) foi médico, político e professor de literatura na Universidade do Brasil. Publicou *XIV Alexandrinos* (1914), *O mundo do menino impossível* (1925), *Poemas* (1927), *Novos poemas* (1929), *Poemas escolhidos* (1932), *Tempo e eternidade* (1935, com Murilo Mendes), *Quatro poemas negros* (1937), *A túnica inconsútil* (1938), *Poemas negros* (1937), *Livros de sonetos* (1949), *Enunciação e encontro com Mira-Celi* (1950, incluído na *Obra poética*), *Invenção de Orfeu* (1952), *Castro Alves – Vidinha* (1952), além de romances e ensaios críticos. Sua convivência com o *Grupo Regionalista do Recife*, com figuras como Olívio Montenegro, José Lins do Rego e Gilberto Freyre, deixou marcas fortes na sua lírica, que incorpora a experiência com a terra, o povo, o mundo patriarcal, a opressão contra o negro. Segundo Bosi, "por trás do mosaico ingênuo e colorido, o poeta vai reconhecendo as matrizes da sua emotividade que coincidem com a de tantos meninos brancos do Nordeste: o convívio com o negro, portador de marcas profundas tanto na conduta mítica quanto nos hábitos vitais e lúdicos." (BOSI, *História concisa da Literatura brasileira*, 1994, p.453). Para a *Homenagem a Manuel Bandeira*, Jorge de Lima escreveu o artigo "Minha conversão", que aborda o contato do poeta com Recife: "O seu prestígio não era pois o de um simples precursor ou iniciador, mas de um apóstolo que tivesse visto a luz numa estrada galopando. O exemplo atraía os descrentes e desconfiados de que o novo movimento literário não passava de blague. A primeira poesia moderna grandemente divulgada de Bandeira foi a 'Evocação do Recife' publicada no 'Livro do Nordeste' em 1925. / O 'Diário de Pernambuco' lançava aos quatro ventos num número de comemoração de seu centenário uma edição numerosíssima e lá estava no meio de imensa colaboração grande parte medíocre – o esplêndido poema de Manuel. Todo mundo o leu e com este poema todo mundo pelo menos começou a odiar menos o modernismo." (LIMA, J. de. Minha conversão. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira, 1936, p.103-104). Sobre o poeta, Gilberto Freyre dedicou um ensaio, em que coloca: "Em Jorge de Lima o verbo fez-se carne neste sentido: no de sua poesia afro-nordestina ser realmente a expressão carnal do Brasil mais adoçado pela influência do africano. Jorge de Lima não nos fala dos seus irmãos, descendentes de escravos, com resguardos profiláticos de poeta arrogantemente branco, erudito, acadêmico, a explorar o pitoresco do assunto com olhos distantes de turista ou de curioso. De modo nenhum. Seu verbo se fez carne: carne mestiça. Seu verbo de poeta se torna carnalmente mestiço quando fala de 'democracia', de 'comidas', de 'Nosso Senhor do Bonfim', embora a metade aristocrática desse nordestino total, de corpo colorido de jenipapo e marcado por catapora, não esqueça que a 'bisavó dançou uma valsa com dom Pedro II' nem que 'o avô teve bangüê'." (FREYRE, G. A propósito de Jorge de Lima, poeta. In: _____, *Vida, forma e cor*, 1987, p.42).

perto de mim. Acabou-me o Carnaval. Morreu Aloysio Branco. Tasso parece que vai comigo ao Rio em Março. O Carnaval não foi grande coisa. Mas durante ele sucedeu uma das coisas mais extraordinárias de minha vida, uma das coisas mais líricas. Posso dizer que “vi os céus” como certo poeta nosso conhecido. Vi comunhões, capelas, [velas]. Estou vendo se convenço o nosso Cícero a ir ao Rio mas o provinciano está resistindo. Não quer mais saber do Rio. Eu, francamente, só me interessam^[415] aí vocês, meus amigos. O mais, só com esforço se tolera quando se chega, como Cícero, como eu, a um provincianismo onde há alguma coisa de místico e de [sennial] ao mesmo tempo. Manda lembranças às Blank. Abraços para os amigos. Você^[416] receba um grande abraço do

Gilberto

⁴¹⁵ [Forma da palavra no manuscrito autógrafo: “interessa”.]

⁴¹⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

- 28* -

Rio de Janeiro, 4 de março de 1937.

Gilberto,

De Londres chegaram os seguintes livros:

Wyndham – *The Atlantic and Slavery*⁴¹⁷

Harlow – *A History of Barbados*⁴¹⁸

Williamson – *The Caribbee Islands*⁴¹⁹

Phoebe^[420] Haggard – *Red Macaw*⁴²¹

Que devo fazer: remetê-los para aí ou guardá-los aqui?

Por intermédio do deputado mandei-lhe um exemplar das minhas *Crônicas da Província do Brasil*⁴²².

* [Classificação original (FGF): doc 16. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura com lápis cor-de-rosa escuro. Datação: "Rio, 4 de março de 37". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página. Dimensões: 18,5 cm de largura e 25,3 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁴¹⁷ WYNDHAM, H.A. **The Atlantic and Slavery**; a report in the study group series of the Royal Institute of International Affairs. London: Oxford University Press: H. Milford, 1935. 310 p. [Hugh Archibald Wyndham (1877-1963)]

⁴¹⁸ HARLOW, V.T. **A history of Barbados** . Oxford: Clarendon Press, 1926. 347p. [Vincent Todd Harlow (1898-1961)]

⁴¹⁹ Trata-se, provavelmente, da obra: WILLIAMSON, J.A. **The Caribbee islands under the proprietary patents**. London: Oxford University Press: H. Milford, 1926. 234p. [James Alexander Williamson (1886-1964)]

⁴²⁰ [Forma do nome no datiloscrito autógrafo: "Phaebe".]

⁴²¹ HAGGARD, Phoebe. **Red macaw**. London: J. Cape, 1934. 384p. Também foi editado pela C. Scribner's Sons, New York, em 1934.

⁴²² BANDEIRA, M. **Crônicas da Província do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. 268p.

O Lins me entregou 40\$000 para comprar um presente seu para Sacha. Ela gostou tanto do livro de *Babà, l'éléphant* que pediu a continuação. Vou ver se o descubro nas livrarias.

Recebi a sua carta com as impressões da *Homenagem*.

Dei as suas lembranças aos amigos. Rodrigo anda de novo às voltas com furúnculos na barriga. Gastão agora volta e meia vai a Angra para estudar o ambiente onde se passa um romance que pensa escrever.

As *Memórias*⁴²³ do Oliveira Lima⁴²⁴ estão fazendo grande sucesso com as anedotas que conta de Nabuco⁴²⁵, Graça Aranha⁴²⁶ etc. Soube que a viúva do Nabuco⁴²⁷ andava muito apreensiva com o aparecimento do livro.

⁴²³ LIMA, Oliveira. **Memórias**: (estas minhas reminiscências). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. 319p.

⁴²⁴ Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), diplomata, escritor, historiador brasileiro e membro fundador da ABL. Começou a carreira diplomática em 1890, tendo assumido postos em Lisboa, Berlim, Washington, Londres, Tóquio, Caracas, Bruxelas e Estocolmo. Em Londres, conviveu com Joaquim Nabuco, Eduardo Prado e Graça Aranha, sobre os quais discerniria em suas *Memórias*, publicadas postumamente. Dentre os seus principais livros, destacam-se *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico* (1894), *Aspectos da Literatura Colonial* (1896), *História do reconhecimento do Império* (1902), *Dom João VI no Brasil* (1909), *Formation historique de la nationalité brésilienne* (1911), *Evolução histórica da América Latina comparada com a América Inglesa* (1914) e *O movimento da Independência, 1821-1822* (1922). Os volumes *Pan-Americanismo* e *Coisas Diplomáticas* reúnem colaborações a jornais de Pernambuco e São Paulo. A estreita convivência entre o jovem Gilberto Freyre, que, lembre-se, morou nos Estados Unidos entre 1918 e 1922, e Oliveira Lima, intelectual também pernambucano já internacionalmente reconhecido e fixado em Washington após a interrupção de sua carreira diplomática, está registrada no livro *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre* (2005), com organização, introdução e notas de Ângela de Castro Gomes. Sobre o escritor, com enorme admiração, Freyre escreveria no ensaio biográfico "Oliveira Lima, Don Quixote Gordo": "No caso do livro de memórias de Oliveira Lima, publicado dez anos depois da morte do autor, sepultado entre as árvores tranquilas de Mount Oliver, com estas palavras simples, 'aqui jaz um amigo dos livros', gravadas sobre o túmulo – uma pedra que Arsenio Tavares mandou de Pernambuco – para se tornar tão vivo como o mais vivo dos escritores atuais do Brasil. Para afrontar de novo as iras dos seus inimigos e dos seus críticos. Para se tornar de novo Dom Quixote: o Bom Quixote gordo de Parnamirim lutando contra o Barão, contra a Santa Casa, contra Pinheiro Machado, contra o Presidente Epitácio Pessoa. / Várias das páginas de Memórias já disse que são minhas conhecidas velhas: ouvi-as ler o próprio Oliveira Lima. Outras só vim a conhecê-las o ano passado, em Lisboa, quando Dona Flora me franqueou a leitura do Ms inteiro." (FREYRE, G. Oliveira Lima, Dom Quixote Gordo. In: _____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. p.71.). A Biblioteca Oliveira Lima, situada na Universidade Católica de Washington, instituição para a qual prestou serviços após aposentar-se, é composta por 58 mil livros, além de outros documentos, e congrega uma das mais importantes brasileiras da atualidade.

⁴²⁵ Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), advogado, jornalista, político, escritor, diplomata e membro fundador da ABL. Em sua obra, destacam-se *Camões e os Lusíadas* (1872), *L'Amour est Dieu*, poesias líricas (1874), *O Abolicionismo* (1883), *Escravos*, poesia (1886), *Porque continuo a ser monarquista* (1890), *Um estadista do Império*, biografia, 3 tomos (1897-1899), *Minha formação*, memórias (1900) e *Escritos e discursos literários* (1901). Sobre ele, escreveu Gilberto Freyre em prefácio a *Minha formação*: "A Joaquim Nabuco não faltou a coragem de deixar claro, na sua parcial mas expressiva autobiografia, que nascera fidalgo; que crescera menino de engenho aristocrático, à sombra de uma madrinha um tanto matriarcal, pela imponência de sua figura e pela amplitude do seu prestígio; e, ainda, que se fizera homem público, por vocação apolíneamente patriciana para a alta política, já praticada por seu Pai 'na mais alta hierarquia...'. A verdade, porém, é que essa vocação o levava, na mocidade, a atividades antes dionisíacas do que apolíneas, de 'reformador social', por ele deixadas um tanto na sombra ao escrever *Minha Formação*. Pois mais do que simples abolicionista ele se afoitara a ser, quando jovem, 'reformador social', contra os interesses da própria casta - a nobreza territorial, a aristocracia escravocrática, a elite de brancos e quase brancos do império agrário - a que pertencia. E ao proceder assim, o processo do seu comportamento talvez tivesse sido um processo de deformação, em relação com o que foi, ortodoxamente, antes e depois dos seus dias de abolicionista, norma de formação, no desenvolvimento geral da sua personalidade. Daí, talvez, deixar de dar demasiado relevo nas suas recordações um tanto renaneanas de infância e de mocidade, aos seus excessos dionisíacos - ou assim considerados pelo Nabuco apolíneo que escreveu *Minha Formação* - de 'agitador social'; revolucionário em várias das suas idéias político-sociais; herético em algumas das suas atitudes com relação à Igreja; a negação do intelectual conformado com a ordem estabelecida no seu país em não poucas das inovações que pleiteou, para o Brasil, como homem público de feito literário, em comícios no Recife e em discursos na Câmara." (FREYRE, G. Joaquim Nabuco e sua formação. In: NABUCO, J. **Minha formação**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963. p.9-23.).

Não me estendo mais porque está um calor verdadeiramente infernal. E depois conto que você breve esteja por aqui.

Receba muitos abraços do

Flag

⁴²⁶ José Pereira da Graça Aranha (1868-1931), formado em Direito, magistrado, diplomata e membro fundador da ABL, da qual se desligou em 1924. Escreveu *Canaã* (1902), grande sucesso editorial e de crítica já no seu lançamento, *Malasarte* (1911), *A Estética da vida* (1921), *Espírito moderno* (1925), *Futurismo : Manifesto de Marinetti e seus companheiros* (1926) e *A viagem maravilhosa* (1929). Deixou incompleta sua autobiografia *O meu próprio romance*, publicada postumamente. Bandeira, depois de considerações que procuravam justificar sua ausência na homenagem a Graça Aranha na revista *Klaxon*, dizendo que “o que veio depois mostrou que eu tinha razão: o movimento passou a ser considerado obra de Graça Aranha, e embora ‘as datas estejam aí, e as obras’, como comentou Mário comigo em carta de 1924, não conseguimos até hoje impor a verdade, a saber, que nunca fomos discípulos de Graça Aranha.” (BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.65), arremata do seguinte modo sua visão sobre a participação do escritor no movimento modernista: “A verdade é que não houve influência de Graça Aranha sobre os moços, mas, ao contrário, estes é que influenciaram o confrade mais velho, como está patente no romance *A viagem maravilhosa*, em que o escritor abandona muitas vezes o seu processo de frase ampla e numerosa para adotar as formas breves e elípticas tão ao gosto dos inovadores. Graça Aranha não teve discípulos. Não foi um mestre, no sentido estrito da palavra, senão um companheiro mais velho, cuja adesão deu ao movimento o prestígio de sua glória pessoal e o calor do seu generoso entusiasmo.” (BANDEIRA, M. Apresentação da poesia brasileira. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.609).

⁴²⁷ Trata-se de Evelina Torres Soares Ribeiro Nabuco de Araújo.

- 29* -

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1938.

Gilberto,

Recebi o retrato, que achei ótimo. Obrigado.

Satisfazendo ao pedido da sua última carta, distribuí o seu inquérito a alguns professores do Pedro II: Pedro do Coutto⁴²⁸, meio positivista; Nelson Romero, católico;^[429] e José Oiticica⁴³⁰, anarquista. Até hoje só o primeiro me entregou a resposta, que vai com esta. O Oiticica me declarou ontem que positivamente não tem tempo. Ainda tenho esperança que o Romero responda. Sabendo que você tem interesse em obter o depoimento de alguém que tenha sido aluno do Caraça, lembrei-me de um amigo de Vasconcelos (aquele velhinho meu amigo, já falecido), o qual amigo foi contemporâneo dele no famoso colégio. É um certo Garcia Leão, que se dá com Vera Melo Franco. Por intermédio dela mandei um exemplar do inquérito a ele. Vamos ver se ele responde.

O Pedro do Coutto é, como você^[431] verá, um autêntico exemplar *Ordem e progresso*⁴³². Pena que procurasse brilhar em vez de^[433] depor apenas. Na conversa disse

* [Classificação original (FGF): doc 17. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Trecho "uma amiga" (terceiro parágrafo) manuscrito com caneta tinteiro preta. Assinatura manuscrita com lápis grafite. Datação: "Rio, 8 de agosto de 38". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, uma página datiloscrita. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁴²⁸ Pedro do Coutto foi um dos 183 brasileiros, nascidos entre 1850 e 1900, entrevistados para a composição de *Ordem e progresso*, que saiu em 1959 pela José Olympio. Na apresentação bibliográfica consta: "N.[nascido na] corte ou capital do Império, 1872. Afilhado de D. Pedro II e de Nossa Senhora da Glória, cresceu republicano e livre pensador. Estudos primários em casa e secundários no Mosteiro de São Bento (cursos gratuitos). Estudos superiores. Magistério. Formação católica seguida por atitudes anticatólicas." (FREYRE, G. **Ordem e progresso**. São Paulo: Ed. Global, 2004. p.121.).

⁴²⁹ [Sinal de ponto e vírgula inserido nesta edição.]

⁴³⁰ Os nomes dos professores do Pedro II José Oiticica e Nelson Romero não constam entre os entrevistados para a composição de *Ordem e progresso*.

⁴³¹ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "v.".]

coisas bem mais interessantes; duas você^[434] pode acrescentar. Contou-me que,^[435] por ocasião da Proclamação da República, tinha dezessete anos e já usava cartola. A respeito do problema da raça, contou que uma vez, mostrando-lhe uma amiga^[436] a sua árvore genealógica, muito ancha do arianismo esgalhado por ela acima, ele Pedro do Coutto fez-lhe a seguinte pergunta: – E você tem mesmo certeza que nenhum moleque trepou nesta árvore? Convém acentuar que até hoje ele conserva a ojeriza aos portugueses, o que foi muito característico da geração.

Tenho andado em grandes trabalhos. Não há meio de pôr um paradeiro nessa dobadura. A *Antologia dos parnasianos*⁴³⁷ está quase a sair. O que vai ficar uma beleza é o *Guia de Ouro Preto*⁴³⁸, graças à colaboração do nosso Jardim, que fez ótimo trabalho: 21 *hors-texte* e 24 ilustrações no texto. Os desenhos foram reproduzidos em litofotogravura e ficaram exatamente iguais aos originais. Anteontem eu e o Rodrigo estivemos fazendo a paginação. Dentro de dois meses sairá.

Continuo muito interessado nas lições do Pedro II. Infelizmente breve terei que largar o osso, porque vão abrir concurso e eu não tenho idade, saúde nem tempo para me meter na aventura de um concurso. Tenho gasto quase todo o dinheiro de professor em adquirir livros que sempre tive vontade de comprar e não comprava porque era preciso defender os cobres para o quarto e o bife do almoço.

⁴³² É possível observar a reprodução da primeira página do depoimento autobiográfico de Pedro do Coutto, escrito em caneta tinteiro com esmerada caligrafia, na sexta edição de *Ordem e progresso*, em imagem com legenda “Extratos de depoimentos autobiográficos utilizados na elaboração do livro *Ordem e progresso*.” (Cf. Ilustrações em folhas não numeradas em FREYRE, **Ordem e progresso**, 2004).

⁴³³ [Palavra “de” inserida nesta edição.]

⁴³⁴ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: “v.”.]

⁴³⁵ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁴³⁶ [Emenda do autor com segmento “uma amiga” sobrescrito a mão com caneta tinteiro marrom.]

⁴³⁷ BANDEIRA, M. (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

⁴³⁸ BANDEIRA, M. **Guia de Ouro Preto**. Ilustrações por Luís Jardim e Joanita Blank. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

Dos amigos, tenho visto sempre Zé Lins, Rodrigo, Prudente e Zé Cláudio. O místico anda arredio. Está muito envelhecido. Vinicius⁴³⁹ deve partir até o fim do mês para Oxford.

Adeus, Magro. Recomenda-me aos seus, e abraça o velho

Flag

⁴³⁹ Referência a Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes (1913-1980), que publicou, dentre outros livros, *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1933), *Novos poemas* (1938), *Cinco elegias* (1943). No ano de 1938, recebeu bolsa do Conselho Britânico e seguiu para Oxford, onde estudou Literatura Inglesa. Manuel Bandeira foi dos principais correspondentes de Vinicius ao longo da vida e, abrangendo o período inglês de Vinicius, temos um trecho que mostra a preocupação do poeta mais experiente em aconselhar o jovem estudante: "A propósito de seus estudos, quando eu digo: estude, estude, não é no sentido de ler tudo, mas de aprofundar o essencial em matéria de poesia inglesa, uns seis nomes, e coisas de que nós aqui nem temos idéia, o Milton dos poemas anteriores aos Paraísos, por exemplo. Não só ler, mas sobretudo conversar com alguns sujeitos que fatalmente deve haver aí, para sentir através deles o que há nos poetas ingleses de mais sutil ou escondido à nossa mentalidade. Estou me exprimindo mal, mas espero que você tenha compreendido o que quero dizer." (Carta de Manuel Bandeira a Vinicius de Moraes de 21 de dezembro de 1938. In: MORAES, V. de. **Querido poeta**: correspondência de Vinicius de Moraes. Seleção, organização e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.79).

- 30^[440] -

Rio de Janeiro, 23 de março de 1939.

Gilberto,

Recebi carta e conferências. Levei estas imediatamente ao Capanema⁴⁴¹, a quem li as suas recomendações. Ele pediu-me que lhe agradecesse em nome dele e fez-lhe uma porção de elogios. Agora vou ficar atento para que a impressão marche depressa e fique a seu contento.

De volta de São^[442] Lourenço e Petrópolis, vi-me de novo envolvido numa porção de trabalhos: revisão de provas da *Antologia dos parnasianos*, revisão de provas das *Poesias completas*⁴⁴³ de Alphonsus de Guimarães⁴⁴⁴ (edição do Ministério) e – o *Guia de Ouro Preto!*

* [Classificação original (FGF): doc18. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “Rio, 23 de março de 39”. Papel amarelado, de gramatura média. Duas folhas, duas páginas manuscritas. Dimensões: 21,4 cm de largura e 27,9 cm de altura. Documento bastante fragilizado, ressecado, com rasgamentos provavelmente causados pela acidez da tinta no papel. Na pasta individual do documento, encontra-se também cópia datilografada. No topo do documento copiado, encontram-se as palavras “Cópia de carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre”, manuscritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de preservação e divulgação. A cópia desta carta foi realizada em papel amarelo, de gramatura média, uma página datiloscrita em fita preta. Documento reproduzindo autógrafo original até trecho “tanto faz num como noutro lugar”.]

⁴⁴⁰ [PRIMEIRA EDIÇÃO PARA COTEJO: BANDEIRA, *Poesia e prosa*, 1958, v.2, p.1417-1418.]

⁴⁴¹ Gustavo Capanema (1900-1985), formado em Direito em 1923, fazia parte do grupo de “intelectuais da rua da Bahia”, juntamente com Abgar Renault, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade. Elegeu-se vereador de Pitangui (MG) em 1927; assumiu o posto de oficial de gabinete durante o mandato de seu primo, Olegário Maciel, como governador de Minas Gerais em 1930, depois secretário do Interior e da Justiça; assumiu a interventoria federal em Minas Gerais com a morte do primo em 1933 e, no ano seguinte, o Ministério da Educação e Saúde, no qual permaneceu até o fim do Estado Novo, em 1945. Na sua gestão, considerada centralizadora e com ideais nacionalistas, foram criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). O bom relacionamento com intelectuais neste período foi facilitado por Carlos Drummond de Andrade, então seu chefe de gabinete. Foi deputado federal por inúmeros mandatos após 1945 e, em 1964, apoiou o golpe militar. Com o bipartidarismo, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena) e encerrou sua carreira política como senador por Minas Gerais em 1979.

⁴⁴² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “S.”.]

⁴⁴³ BANDEIRA, M. (Org.). *Poesias, de Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

⁴⁴⁴ Alphonsus de Guimarães (Afonso Henrique da Costa Guimaraens, 1870-1921), bacharel em Direito, foi promotor de Justiça, juiz e escritor. Publicou, em 1899, *Dona Mística*, *O Sentenário das Dores de Nossa Senhora* e *Câmara Ardente*. Com o

Eu tinha vindo adiando o início desse guia, porque não sabia em que parariam as coisas na política. Afinal todo o trabalho preparatório estava pronto – 20 desenhos ótimos do Jardim, planta de Ouro Preto etc. Tive que vencer a preguiça e começar. O meu plano é dar primeiro os dados geográficos, em seguida um histórico, depois impressões de viajantes estrangeiros; passo então às minhas impressões de Ouro Preto atual, passeios a pé [lá] pela parte central, chamando aqui e ali atenção do turista distraído para um detalhe interessante; depois lista dos monumentos, com informações precisas. Penso também juntar uma bibliografia. Creio que ficará um livrinho útil para quem for viajar por lá.

A novidade que tenho para lhe dar de mim é que fui convidado pelo Gabaglia⁴⁴⁵, diretor do Pedro II, para reger interinamente a cadeira Literatura Geral. Hesitei um pouco, mas acabei aceitando. Rende 1:900\$, seis horas por semana, mas posso faltar duas horas. Vamos ver se dou para a coisa. O que concorreu para me fazer aceitar foi que no Departamento de Ensino apertaram as funções de inspetor de ensino e eu tinha que me cansar muito mais. Cansar por cansar, prefiro que seja uma tarefa mais interessante. E se tiver que arriar, tanto faz num como noutro lugar.

Ontem jantei com Manuel Leão em casa de Zé Claudio. Ele esteve dando notícias do grupo daí.

Cícero me escreveu um cartãozinho encantado com a Holanda: “nunca vi tanta canoa, tanta menina de trança!”

As Blanks vão bem e sempre perguntam por você e mandam lembranças.

pseudônimo de Alphonsus de Vimaraens, publicou *Kyriale* em 1902. Foi considerado um dos principais escritores do Simbolismo e, sobre ele, escreveria Manuel Bandeira: “Chamava-se Afonso Henriques da Costa Guimarães. A latinização do prenome data de 1894 e talvez indicava, com o desejo de fugir à vulgaridade, uma intenção mística nesse poeta que tinha o gosto dos hinos latinos da Igreja e traduziu em versos o ‘*Tantum Ergo*’ e o ‘*Magnificat*’. [...] Nesta quase morta cidadezinha mineira [Mariana], que parece dormir ‘no seio branco das litanias’, viveu o Poeta até morrer, e nas dificuldades de um lar pobre, onde os filhos chegaram a ser quatorze, sem outros consolos senão o carinho da família, a sua fé católica e a realização dos seus poemas, todos impregnados de unção cristã [...]” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p. 599).

⁴⁴⁵ Provável referência a Fernando Antônio Raja Gabaglia (1895-1954), formado em Direito, que atuou como professor de Geografia e diretor do Colégio Pedro II, professor de Fisiogeografia na Universidade do Brasil e Secretário de Educação do Distrito Federal. Escreveu *As fronteiras do Brasil* (1916) e livros didáticos na área de Geografia e História.

O místico telefonando sempre de manhã cedo. Não se desembaraçou ainda de Guinguinha...

Até. Um grande abraço do

Flag.

- 31* -

Petrópolis, 5 de abril de 1939.

Gilberto,

Desde fim de dezembro vim descansar na Serra em casa de Guita, que se mudou p'raqui – um velho sobrado na rua Ipiranga, que me deu saudades da casa em que meu avô Costa Ribeiro⁴⁴⁶ passava a festa em Monteiro. Com as boas comidas, o feijão diário no almoço, recuperei os três quilos perdidos na lufa-lufa do Rio. No fim desta semana volto à rua Moraes e Vale, retomar o curso no Pedro II.

Não tinha escrito a você, porque incendiaram que você vinha ao Rio em março. Agora vejo que os seus planos mudaram.

Soube que o *Açúcar*⁴⁴⁷ já saiu. Ainda não vi. Estou muito curioso é da *Introdução à Sociologia*⁴⁴⁸.

Tenho estado aqui algumas vezes com o Octávio Tarquínio, que comprou uma velha casa muito simpática, com grande terreno, para os lados do Bingen. Só em julho estarão

* [Classificação original (FGF): doc 19. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Datação: "Petrópolis, 5 de abril 1939". Papel com marca d'água "Basildom mail". Papel azul claro, de gramatura média. Uma folha, duas páginas manuscritas (frente e verso). Dimensões: 12,5 cm de largura e 20,1 cm de altura. Documento com orifícios causados pela acidez da tinta no papel e com partes esbranquiçadas.]

⁴⁴⁶ Sobre a presença de seu avô Costa Ribeiro no seu período de formação, diria o poeta: "Dos seis aos dez anos, nesses quatro anos de residência no Recife, com pequenos veraneios nos arredores – Monteiro, Sertãozinho de Caxangá, Boa Viagem, Usina do Cabo – construiu-se a minha mitologia, e digo mitologia porque os seus tipos, um Totônio Rodrigues, uma Dona Aninha Viegas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa de meu avô Costa Ribeiro, têm para mim a mesma consistência heróica das personagens dos poemas homéricos. A Rua da União, com seus quatro quarteirões adjacentes limitados pelas Ruas da Aurora, da Saudade, Formosa e Princesa Isabel, foi a minha Troada; a casa de meu avô, a capital desse país fabuloso. Quando comparo esses quatro anos de minha meninice a quaisquer outros quatro anos de minha vida de adulto, fico espantado do vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante." (BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.35.).

⁴⁴⁷ FREYRE, G. **Assucar**: algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste. Ilustrações de Manoel Bandeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.

⁴⁴⁸ Gilberto Freyre viria a publicar *Sociologia I (Introdução ao estudo dos seus princípios)* seis anos depois (Cf. FREYRE, G. **Sociologia**. Prefácio de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.).

terminadas as obras de reparo. O Octávio muito saudoso do netinho que embarcou com os pais para os Estados Unidos^[449] por seis meses.

Zé Lins apareceu aqui um domingo e as Blanks se divertiram muito ouvindo-o contar o novo romance que está escrevendo. Era para se chamar *Edna*, mas o J. Olympio⁴⁵⁰ vetou o título! De uma confabulação com o Tarquínio estava decidido chamar-se *Viagem ao Sol*. Achei ruim, e Joanita notou o equívoco implicado no título, como se fosse coisa de Julio Verne⁴⁵¹. Aconselhamos *Riacho Doce*⁴⁵² que é o nome de lugar onde a ação se passa. O fato de já 2 romances dele trazerem o nome do lugar da ação não tem importância, não acha?

M^{me} Blank desde já agradece a lembrança que você vai mandar pela Regina.

Tenho tido sempre cartas de Vinicius, que agora me parece mais ajeitado em Oxford.

Li numa entrevista do Arnon de Melo⁴⁵³ os seus projetos de trabalho. Este ano eu terei de trabalhar na *Antologia dos simbolistas*⁴⁵⁴, para o ministério, e talvez numa edição das poesias de Gonçalves Dias⁴⁵⁵ para a Civilização Brasileira.

⁴⁴⁹ [Forma do nome no manuscrito autógrafa: "Estados-Unidos".]

⁴⁵⁰ José Olympio Pereira Filho (1902-1990), como empregado da Casa Garraux na seção de livros, travou contato com intelectuais modernistas na década de 20, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo etc. Em 1931, comprou o acervo de Alfredo Pujol e, a partir do comércio de livros, conseguiu se lançar num bem-sucedido empreendimento editorial, que daria origem à Livraria e Editora José Olympio. José Olympio foi o editor de, entre outros, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Gastão Cruls e Guimarães Rosa. Vale dizer que José Lins do Rego foi uma das primeiras apostas da recém-fundada editora: "Convencido de que poderia vender Zé Lins, e bem, num mercado mais amplo, José Olympio resolveu tomar a incomum iniciativa de dirigir-se ao autor. Telegrafar-lhe-ia oferecendo-se para publicar uma segunda edição de Menino de engenho, de três mil exemplares, e uma edição de cinco mil exemplares de Bangüê, que fora anunciado na contracapa de Doidinho como o próximo romance de Lins. Na agência do correio, o bom jogador José foi levado, no último momento, por um impulso repentino, a dobrar as cifras, para cinco mil e dez mil. 'Você é doido mesmo', reagiu Vera à sua tímida confissão do que acabara de fazer. Lins do Rego, ainda mais atônito, telegrafou imediatamente de Pernambuco a resposta: 'Tomo o próximo navio', e enviou a Gastão Cruls um pedido de desculpas por sua deserção'... Já em 1940, José Olympio declarava, em entrevista, que Lins do Rego era o único autor brasileiro vivo com vendas comparáveis às de Humberto de Campos. Durante algum tempo chegou a conseguir o quase impossível feito de ser um autor brasileiro a viver de direitos autorais." (HALLEWELL, **O livro no Brasil**: sua história, 2005, p.440-442). Mais do que editor, José Olympio foi um grande amigo de Gilberto Freyre, assim como de vários intelectuais que giravam em torno da Livraria e Editora José Olympio. Na sede da José Olympio da década de 30, reuniam-se os mais próximos amigos de Freyre do Rio de Janeiro, como Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Octávio Tarquínio de Sousa, Lucia Miguel Pereira, Gastão Cruls, Candido Portinari etc. Outro endereço dos mais concorridos, já na década de 60, é o do restaurante Cantina Batatais, que continuou a catalisar a intelectualidade e, apesar da passagem dos anos e da perda de muito de seus amigos, foi um ponto de visita obrigatório do sociólogo quando na cidade do Rio de Janeiro. Foi também Gilberto Freyre quem, nos anos 30, deu o apelido de J. O. ao seu editor (Jotaó), "que o acompanhou pelo resto da vida", segundo Lucila Soares (SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006, p.27).

⁴⁵¹ Jules Verne (1828-1905), escritor francês. Com seus romances de aventura e de ficção científica, Verne foi *best-seller* em todo o mundo. Alguns de seus livros são *Voyage au centre de la terre* (1864), *Vingt mille lieues sous les mers* (1869) e *Le tour du monde en quatre-vingts jours* (1872).

⁴⁵² REGO, J. L. do. **Riacho Doce**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.

⁴⁵³ Arnon de Melo aproximou-se de Gilberto Freyre por ocasião da defesa dos direitos de *Casa-grande e senzala*, após a venda por Schmidt da editora que o lançou: "Um fato, porém, foi um transtorno para Gilberto. A primeira edição logo se esgotou e foram feitas outras que hoje chamaríamos piratas, o que levou Gilberto a ter que contratar advogados não sei por intermédio de

Desejo-lhe boa viagem. Se você vir por lá algum bom compêndio escolar de Literatura Geral, compre pra mim. Em língua inglesa só tenho o Drinkwater⁴⁵⁶.

Um abraço do

Flag

quem. Foi uma difícil querela judicial parece que resolvida por Arnon de Melo que anos depois se tornaria compadre de meus pais, convidados a ser padrinhos da filha dele e de Leda, Ana Luíza." (FREYRE, **Vidas vivas e revividas**, 2004, p.50).

⁴⁵⁴ Essa antologia seria publicada em 1965. (Cf. BANDEIRA, M. (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1965.).

⁴⁵⁵ Livro que seria publicado em 1944 (Cf. BANDEIRA, M. (Org.). **Obras poéticas de Gonçalves Dias**. São Paulo, Ed. Nacional, 1944.).

⁴⁵⁶ O escritor inglês John Drinkwater (1882-1937) publicou, dentre várias peças teatrais, poemas e ensaios críticos, o livro *An anthology of English Verse*. A obra traz poetas como John Milton, Alexander Pope, John Keats, John Dryden, George Meredith, William Butler Yeats, Robert Browning, além de outros, e foi publicada em 1924 pela W. Collins, de Londres. (V. tb. DRINKWATER, J. **An anthology of English verse**. Boston: Houghton Mifflin, 1924. 368p.).

- 32* -

Rio de janeiro, 4 de junho de 1939.

Gilberto,

Recebi sua carta e fiz os acréscimos de nomes nas conferências. Não houve traição de seu subconsciente: o nome de Eugenio de Castro já estava citado; a mim é que escapou, pois a leitura que fiz foi muito^[457] apressada: o Cruls é que reviu com maiores cuidados. Por estes dois ou três dias o livrinho ficará pronto. A demora tem sido por causa de uma infernal *Revista do Serviço Público*, coisa do Conselho Federal que está empatando tudo quanto é serviço gráfico do Ministério.

Distribuí alguns exemplares de seu inquérito no Pedro II: ao Nascentes⁴⁵⁸, cujo depoimento sobre a questão dos *colored* será muito importante, ao Pedro do Coutto, ao Oiticica e ao Nelson Romero. D. Cacilda tinha perdido o exemplar que eu dei: mandei-lhe outro e ela prometeu responder. Os outros a quem distribuí parece que desanimaram. O que se nota é que ao se falar na coisa todo o mundo fica [ilegível] de dar e interessado, mas quando vêem as minúcias, às vezes bem embaraçosas, do inquérito, bate-lhes a preguiça.

* [Classificação original (FGF): doc 20. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Datação: "Rio, 4 junho 39". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento frágil, com bordas com rasgamentos.]

⁴⁵⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "m^{to}".]

⁴⁵⁸ Em *Ordem e progresso*, Gilberto Freyre apresenta Antenor Nascentes do seguinte modo: "N. corte ou capital do Império, 1886. Cursos primário e secundário. Desejou ser lapidário ou cabeleireiro. Professor humanista. Filólogo. Formação católica." (FREYRE, *Ordem e progresso*, 2004, p.129).

Vinicius ganhou o páreo de Oxford! Ele e todos nós estamos radiantes.

Abrços do

Flag.

.

- 33* -

Petrópolis – Ipiranga 385

Dezembro de 1939.

Gilberto,

Vai aqui a lista de subscritores do *Guia de Olinda*⁴⁵⁹.

Já estou instalado na boa vida da casa da Guita, comendo *porridge* de manhã, dormindo a sesta depois do almoço, livre do telefone e outros flagelos do beco. No dia 1º estive de manhã em casa do Tarquínio. Ficou muito bonito o lar do ministro! Ele me disse que você sobe domingo para almoçar e embarcar de noite para S. Paulo. Havemos de nos ver. Um abraço e mais votos de felicidades para 40.

Baby Flag

Quarta-feira.

* [Classificação original (FGF): doc 21. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Sem datação precisa. Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 20,85 cm de largura e 27,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁴⁵⁹ Trata-se de: FREYRE, G. **Olinda**: 2º. guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira. Ilustrações de Manuel Bandeira. Recife: Ed. do Autor, 1939. A segunda edição, publicada pela Ed. José Olympio em 1944, vem com ilustrações de Luís Jardim.

- 34* -

Rio, Flamengo 122

19 de outubro de 1942.

Gilberto,

Muito obrigado pela participação do nascimento de Sonia Maria⁴⁶⁰. Que ela possa ver um mundo melhor que este de hoje, seja feliz e só dê motivos de alegria para você e Madalena⁴⁶¹ – são os votos que faço. Por Ulisses e das Dores soube que é uma menina muito bonita e esperta.

Fiz logo a comunicação às Blanks, que mandaram a vocês dois um grande abraço de felicitações. Guita teve no começo de março um menino. Nasceu com a cara do Churchill. É ao mesmo tempo macho e [manso]. Chama-se John Talbot e o [ilegível]^[462] velha lira já estremeceu encantada numa cantiga de ninar, assim:

* [Classificação original (FGF): doc 22. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, Flamengo 122 – 19 de outubro de 1942". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, duas páginas manuscritas. Uma folha de 29,3 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas. Dimensões: 14,6 cm de largura e 20,8 cm de altura. Primeira face: verso da página dois e página um. Segunda face: verso da página um e página dois. Documento muito frágil, com rasgamentos e manchas causados pela acidez da tinta no papel.]

⁴⁶⁰ Sonia Maria Guedes Pereira de Mello Freyre (1942-), atual presidente da Fundação Gilberto Freyre. Após o falecimento da mãe, Sonia assumiu a presidência da FGF, em 1997. Escreveu o livro de memórias *Vidas vivas e revividas*, que dá um destaque especial para sua convivência com o pai. Nele, sobre a convivência com Bandeira, Sonia Freyre afirma: "Não sei se o decepionei, mas era com muita alegria que sempre me acariciava quando nos reencontrávamos. Eu me sentia como a filha que ele nunca teve, pois me dava muita atenção." (FREYRE, **Vidas vivas e revividas**, 2004, p.36). Foi Manuel Bandeira quem abriu o caderno de autógrafos de Sonia, com o poema "Sonia Maria", depois publicado em *Mafuá do malungo* (ver Figura 27).

⁴⁶¹ Trata-se de Maria Magdalena Guedes Pereira de Mello Freyre (1921-1997), esposa de Gilberto Freyre. Ambos se conheceram e se casaram em 1941. Seus filhos, Sonia Maria Guedes Pereira de Mello Freyre e Fernando Alfredo Guedes Pereira de Mello Freyre, nasceram respectivamente em 1942 e 1943. Foi eleita presidente vitalícia da Fundação Gilberto Freyre, cargo assumido após seu falecimento, em 29 de novembro de 1997, pela filha Sonia Freyre.

⁴⁶² [Orifício no papel, que prejudica a decifração.]

“Acalanto de John Talbot”

*Dorme, meu filhinho,
Dorme sossegado.
Dorme, que ao teu lado
Cantarei baixinho.
O dia não tarda,
Vai amanhecer ...
Como [é frio] ^[463] o ar!
O anjinho da guarda
Que o Senhor te deu,
Pode adormecer,
Pode descansar,
Que te guardo eu.* ⁴⁶⁴

Ando cheio de trabalhos e não sei como dar conta deles. Recusei dois cursos – um na Califórnia, outro em Buenos Aires. E uma viagem a Montevideu. Mas era impossível arredar pé agora daqui.

Achei muito bem apresentada a segunda edição do *Guia do Recife*. Parabéns.

Receba, com Madalena, os abraços do amigo velho

Flag

P. I. Muitas recomendações a seus pais.

⁴⁶³ [Orifício no papel.]

⁴⁶⁴ Com pequenas alterações, esta é a versão do poema “Acalanto de John Talbot”, publicado em *Lira dos cinqüent’anos*: “Dorme, meu filhinho, / Dorme sossegado. / Dorme, que a teu lado / Cantarei baixinho. / O dia não tarda... / Vai amanhecer: / Como é frio o ar! / O anjinho da guarda / Que o Senhor te deu, / Pode adormecer, / Pode descansar, / Que te guardo eu.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.261.).

- 35* -

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1944.

Gilberto,

Recebi dois recados^[465] seus: um por intermédio do Barros de Carvalho,^[466] a propósito da eleição na Academia⁴⁶⁷; outro,^[468] por intermédio do Jardim,^[469] para prefaciar o novo livro do Odilon.

Ainda antes de tomar conhecimento do seu pedido a favor do Carneiro Leão⁴⁷⁰, já eu tinha prometido o meu voto a ele em todos os escrutínios. Infelizmente o nosso amigo perdeu no primeiro escrutínio a oportunidade de ser eleito. Por um voto apenas! O do Hélio Lobo⁴⁷¹, que se interessou pela eleição do Carneiro Leão, pediu o voto de alguns colegas da Academia,

* [Classificação original (FGF): doc 23. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Provável assinatura manuscrita danificada pelo rasgamento na margem inferior do papel. Datação: "Rio, 24 de julho de 1944". Papel amarelado, de baixa gramatura. Uma folha, uma página datiloscrita. Dimensões: 20 cm de largura e 26,6 cm de altura. Documento frágil, ressecado e com bordas danificadas. Carta com emendas do autor sobrepostas às respectivas formas incorretamente grafadas.]

⁴⁶⁵ [Emenda do autor no datiloscrito autógrafo, nesta posição, com sinal de barra manuscrito indicando separação entre palavras.]

⁴⁶⁶ [Emenda do autor com vírgula inserida no datiloscrito autógrafo, nesta posição, com caneta tinteiro preta.]

⁴⁶⁷ Referência à Academia Brasileira de Letras – ABL.

⁴⁶⁸ [Emenda do autor com vírgula inserida no datiloscrito autógrafo, nesta posição, com caneta tinteiro preta.]

⁴⁶⁹ [Emenda do autor com vírgula inserida no datiloscrito autógrafo, nesta posição, com caneta tinteiro preta.]

⁴⁷⁰ Antônio Carneiro Leão (1887-1966), professor, educador e escritor. Foi eleito em 30 de novembro de 1944 para a Cadeira número 14, sucedendo a Clóvis Beviláqua, e empossado em primeiro de setembro de 1945. Exerceu cargo junto ao governo estadual de Pernambuco como Secretário de Estado do Interior, Justiça e Educação (1929-1930). Colaborou com periódicos e escreveu inúmeros livros, dentre os quais se destacam *O Brasil e a educação popular* (1917), *Problemas de educação* (1919), *O ensino na capital do Brasil* (1926), *A organização da educação em Pernambuco* (1929), *A sociedade rural, seus problemas e sua educação* (1940), *Fundamentos de Sociologia* (1940) e *Panorama sociológico do Brasil* (1958).

⁴⁷¹ Hélio Lobo (1883-1960), advogado, historiador, escritor, diplomata e membro da ABL. Colaborou com diversos jornais do Brasil e do exterior, tais como *La Nación*, *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), *O Diário* (São Paulo) etc. Especialista em Direito e Diplomacia, escreveu os livros *Sabres e togas* (1906), *De Monroe a Rio Branco* (1912), *O Brasil e seus princípios de neutralidade* (1915), *Cousas americanas e brasileiras* (1925), *O pan-americanismo e o Brasil* (1939) e *O domínio do Canadá* (1942), dentre outros.

e no entanto não quis votar! Por causa da eleição do Getúlio^{472,473}, não frequenta mais a Academia e não quer tomar parte nos trabalhos.

O Jardim fez uns bonitos desenhos para o livro do Odilon. Farei o prefácio e tomarei altura pelo seu. Mas não será senão para a segunda quinzena de agosto, pois estou apertadíssimo, terminando uma *Apresentação da Poesia Brasileira*⁴⁷⁴ para o Fondo Econômico do México. Pelo contrato, tenho de entregá-la nos primeiros dias do mês que vem.

Você já deve ter sabido que deixei o Pedro II, com a extinção da cadeira de Literatura, e fui convidado pelo Santiago Dantas⁴⁷⁵ para tomar conta da cadeira de Literaturas Hispano-americanas na Faculdade de Filosofia. Depois de grandes hesitações, aceitei e comecei a lecionar lá em julho do ano passado. Por um lado melhorei: ordenado mais alto, meio mais disciplinado, turmas menores, três horas por semana; o diabo é que tenho de ler muito, e cadê

⁴⁷² Referência a Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), bacharel em Direito e político. Na década de 20, foi deputado estadual e federal pelo Rio Grande do Sul, ministro da Fazenda no governo de Washington Luís e presidente do Rio Grande do Sul. Em 1929, candidatou-se à presidência da República e, após a derrota nas urnas, assumiu a frente do movimento revolucionário de 1930. Em 1950, é eleito presidente da República pelo PTB, mandato que se encerra com seu suicídio em agosto de 1954, em meio a uma grave crise em seu governo. Em 5 de setembro, logo após o suicídio de Getúlio em agosto de 1954, Gilberto Freyre deixa registrada, n' *O Jornal*, do Rio de Janeiro, a sua homenagem ao presidente: "É certo que esses seus métodos de ação o fizeram dançar mais de uma vez estranhas danças dionisíacas para quem o julgasse do ponto de vista da coerência do bailarino apolíneo que ele era. Mas sem que nos últimos anos - os do seu trabalhismo mais intenso - ele deixasse um instante de ser fiel aos seus propósitos de reforma social do Brasil, no sentido que se poderia denominar trabalhista ao mesmo tempo que nacionalmente brasileiro. / Sempre que lhe era possível, procurava para os cargos que considerava decisivos e não apenas decorativos, para os governos de Estado, para os ministérios em fase de organização ou reconstrução, aqueles brasileiros que admirava e que respeitava, não só pelo que neles descobria de competência como de honestidade. Era um admirador dos homens ao mesmo tempo lúcidos e honestos, embora soubesse admirar os lúcidos, apenas lúcidos e não somente os honestos, apenas honestos. / [...] Se não lhe devo um único favor pessoal, a verdade é que tenho hoje o gosto de dizer: fomos amigos." (FREYRE, G. Getúlio Vargas, artista político. In: _____, **Pessoas, coisas e animais**, 1979, p.191. Texto originalmente publicado com o título "Getúlio Vargas: meu depoimento", em **O Jornal**, Rio de Janeiro, 5 set. 1954.).

⁴⁷³ O episódio da eleição de Getúlio Vargas para a Academia é descrito por Lucila Soares da seguinte forma: "Em 1940, a ABL ganhou prestígio junto ao grupo elegendo Manuel Bandeira para a cadeira 24, na sucessão de Luís Guimarães. [...] Em 1941, contudo, a ABL jogou por terra a ilusão dos que esperavam por uma renovação. Naquele ano, o presidente Getúlio Vargas manifestou desejo de ocupar uma cadeira no Petit Trianon. Getúlio não tinha propriamente uma obra literária, mas este era um obstáculo contornável porque já haviam sido publicados oito volumes de *A nova política do Brasil*. É verdade que boa parte dos discursos era de autoria de terceiros. Mas isso era algo que se podia relevar. Restavam dois obstáculos concretos ao pleito – sem contar o mais grave, que era o fato de Getúlio estar em pelo exercício de seu poder de ditador e ter no currículo a censura à imprensa e a prisão de escritores como Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. O primeiro: não havia vaga. O segundo: o regimento interno exigia que o candidato se inscrevesse. / Em abril de 1941, a morte de Alcântara Machado, autor de *Vida e morte do bandeirante*, resolveu a primeira questão. Restava o regimento, que acabou sofrendo uma mudança arquitetada e articulada por Cassiano Ricardo. O autor de Martim Cererê propôs, e a Academia aceitou, que uma candidatura pudesse ser apresentada por cinco acadêmicos. Getúlio obteve dez indicações, conseguiu 33 votos – um desempenho raro na história da ABL, que tem quarenta cadeiras – e, em visita à Academia, agradeceu a espontaneidade de sua eleição. / Depois disso não havia mais clima para nenhuma candidatura propriamente literária. A presença de Getúlio transformava o que era simples desprezo em verdadeiro asco. Alguns escritores chegaram a firmar um pacto de não-entrada na ABL. Entre os líderes desse movimento estavam Sérgio Buarque de Holanda, Octávio Tarquínio de Sousa e Carlos Drummond de Andrade." (SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006, p.116-117.).

⁴⁷⁴ BANDEIRA, M. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.

⁴⁷⁵ Francisco Clementino de San Tiago Dantas (1911-1964) bacharelou-se em Direito, foi advogado, professor e político. Participou da Ação Integralista Brasileira (AIB), dela se afastando na ocasião do preparo do levante para a deposição de Getúlio Vargas em 1938. Foi diretor da Faculdade Nacional de Filosofia e, mais tarde, professor catedrático da Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil. Foi assessor de Getúlio Vargas durante os estudos preparatórios para a criação da Petrobrás. Entre outros cargos públicos, foi eleito deputado federal por Minas Gerais em 1958, nomeado embaixador do Brasil na ONU por Jânio Quadros em 1961 e escolhido por João Goulart para chefiar o Ministério das Relações Exteriores em 1962.

tempo? e cadê os livros? Já consegui reunir com muito esforço, trepando pelas escadas dos sebos, uma pequena biblioteca de uns duzentos volumes. Mas ainda me faltam dezenas de obras indispensáveis. Eu gostaria de me limitar à minha tarefa de professor, com que aliás me dou bem. Não é possível: de todos os lados chovem as encomendas, e a gente se sente em falso para recusar certas coisas a que o patriotismo ou o simples dever de solidariedade humana obriga. Foi o caso do México e são assim outros casos.

Apesar de tantos trabalhos, a saúde vai resistindo.

Os amigos estão bem. As Blanks sempre falam de você e Madalena (soubemos do nascimento da segunda menina). Rodrigo sempre amofinadíssimo com as dificuldades do Patrimônio. Afinal o prefeito conseguiu derrubar a preciosa igrejinha de São^[476] Pedro⁴⁷⁷. Foi uma tristeza.

A semana passada estive em São Paulo para assistir à celebração do cinquentenário de Rio Preto, uma das bocas do sertão paulista. Fui e voltei de avião. Ainda não tinha voado, porque^[478] receava que os meus pulmões fraqueassem com a rápida diferença de pressão. O Clementino Fraga tranqüilizou-me, e de fato me dei muito bem. Viagem magnífica. Fiquei assombrado de encontrar naqueles cafundós de São Paulo uma enorme cidade, toda calçada, com excelentes prédios, um grande teatro e até um arranha-céu. Assisti na rua a uma congada muito interessante, que durou duas horas. O promotor dessa congada quem arranhou com a comissão dinheiro para compra da indumentária etc. foi um pernambucano que vive lá e é presidente da Ordem dos Advogados, um Tavares de Almeida, amigo do Nava.

⁴⁷⁶ [Forma da palavra abreviada no datiloscrito autógrafo: "S.."]

⁴⁷⁷ Manuel Bandeira provavelmente se refere à Igreja São Pedro dos Clérigos. Para a construção da Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, vários prédios e monumentos foram demolidos, como as igrejas de São Pedro dos Clérigos, a de São Domingos e a do Bom Jesus do Calvário, além da prefeitura. A Igreja de São Pedro dos Clérigos, construída em 1733 e demolida em 1944, era considerada uma das mais importantes da cidade. Representativa do Barroco, apresentava interior decorado por Mestre Valentim e talha em estilo Rococó (Cf. HOLLANDA, Daniela Maria Cunha de. **A barbárie legitimada: a demolição da Igreja de São Pedro dos clérigos do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007).

⁴⁷⁸ [Emenda do autor no datiloscrito autógrafo, nesta posição, com sinal de barra manuscrito indicando separação entre palavras.]

Breve sairá em *Autores e livros*, o suplemento literário do Múcio na *Manhã*⁴⁷⁹, a minha *Antologia dos poetas bissextos*⁴⁸⁰. Tive um trabalho danado com isso, mas creio que sairá bem interessante. Juntei você, o Nava, o Prudentinho, o Cardoso e outros, escrevi uma nota sobre cada um, arranjei os retratos, enfim acho que a coisa está boa.

Estou lhe escrevendo esta carta porque amanhã vou almoçar com o Olívio, que será portador dela. Não tenho escrito pelo Correio para não perder o meu tempo, pois me contaram que a sua correspondência é jogada fora. Receba com Madalena um abraço e as saudades do velho amigo.

⁴⁷⁹ [Sublinhado original.]

⁴⁸⁰ Cf. BANDEIRA, M. (Org.) **Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Z. Valverde, 1946.

- 36* -

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1945.

Gilberto,

Afinal estamos desafogados. Afinal podemos retomar a nossa correspondência, interrompida pelas violências do China Gordo⁴⁸¹. Quantas vezes nestes últimos anos tive vontade de lhe escrever, e não o fazia porque estava certo de que a censura dava sumiço a tudo o que lhe mandavam. Pelo Anibal Fernandes lhe mandei um exemplar dos *Poemas Traduzidos*⁴⁸² e o retrato que você me tinha pedido. Aquela fotografia foi tirada no restaurante da Praça José de Alencar, no dia do almoço oferecido ao Neruda⁴⁸³. Achei que você gostaria de ter também, com a minha, a fotografia da Lia Correia Dutra^{484, 485}.

* [Classificação original (FGF): doc 24. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura manuscrita com caneta tinteiro preta, parcialmente danificada por orifício no papel. Datação: "Rio, 20 de novembro de 45". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, duas páginas datiloscritas (frente e verso). Dimensões: 19,8 cm de largura e 26,9 cm de altura. Documento frágil e com bordas danificadas.]

⁴⁸¹ Referência a Agamenon Sérgio de Godói Magalhães (1983-1952), bacharel em Direito e político. Foi redator dos jornais *A Ordem* e *A Província*, de Recife. Posicionou-se contra o governador pernambucano Estácio Coimbra e apoiou a candidatura presidencial de Getúlio Vargas, lançada pela Aliança Liberal, em 1930. Foi Ministro do Trabalho e da Justiça e Negócios Interiores durante o governo de Vargas. Com o Estado Novo, foi nomeado interventor federal no estado de Pernambuco, substituindo seu antigo aliado, o governador Carlos de Lima Cavalcanti. Em seu governo, procurou implementar a produção de alimentos, estimulou a formação de cooperativas de pequenos produtores e criou a Liga Social contra o Mocambo, com o objetivo de encaminhar a questão da moradia. Deixou o governo de Pernambuco em março de 1945. Assumiu novamente o Ministério da Justiça e liderou o processo de redemocratização do país. Foi eleito governador de Pernambuco em 1950, vindo a falecer durante o mandato.

⁴⁸² POEMAS traduzidos, de Goethe e outros. Organização e tradução de Manuel Bandeira. Ilustrações de Guignard. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica, 1945.

⁴⁸³ Pablo Neruda (Neftalí Ricardo Reyes Basoalto, 1904-1973), cônsul, político, poeta, Prêmio Nobel de Literatura em 1971. Escreveu, dentre outros, os livros *Crepusculario* (1923), *Veinte poemas de amor y una canción desesperada* (1924), *España en el corazón. Himno a las glorias del pueblo en la guerra* (1937), *Odas elementares* (1954) e *Confieso que he vivido* (Memórias) (1974). Publicado em *Belo Belo* (1948), o poema de Bandeira "No vosso e em meu coração" mostra como o brasileiro procurou captar o lirismo de Neruda: "Espanha no coração: / No coração de Neruda, / No vosso e em meu coração. / Espanha da liberdade, / Não a Espanha da opressão. / Espanha republicana: / A Espanha de Franco, não! / Velha Espanha de Pelaio, / Do Cid, do Grão-Capitão! ... Espanha atual de Picasso, / De Casals, de Lorca, irmão / Assassinado em Granada! / Espanha no coração / De Pablo Neruda, Espanha / No vosso e em meu coração!" (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.278-279).

⁴⁸⁴ A referida foto, com Lia Correia Dutra, também traz João Condé e Astrojildo Pereira, em almoço de homenagem a Pablo Neruda. (V. Figura 57).

⁴⁸⁵ Lia Correa Dutra (1908-1989), escritora, chefe da revisão de debates da Câmara de Vereadores do antigo Estado da Guanabara. Publicou os livros *Sombra e luz* (1930), *O romance brasileiro* e *José Lins do Rego* (1938), *Navio sem porto* (1943), *História de um pracinha* (1947), dentre outros.

A Livraria José Olímpio me mandou, com o seu cartão, um exemplar da *Sociologia*⁴⁸⁶. Está bonito. Pretendo lê-la nas férias. Agora ando cheio de trabalhos, na faculdade [e]^[487] nas editoras. Está a sair por estes dias a edição em português do livro que escrevi para o Fondo de Cultura Economica – a *Apresentação da Poesia Brasileira*. Aqui edita-a a Livraria da Casa dos Estudantes, a quem já entreguei também um livro de *Estudos Literários*⁴⁸⁸ (discurso de posse na Academia⁴⁸⁹, conferências sobre Mallarmé⁴⁹⁰, Gonçalves Dias, Júlio Ribeiro⁴⁹¹, Sor Juana Inés de la Cruz, estudo sobre as *Cartas Chilenas*⁴⁹²). Preparei a terceira edição das *Noções de História das Literaturas*⁴⁹³, a que ajuntei novos capítulos (literaturas holandesa, polonesa, catalã e galega), desenvolvendo muito também o capítulo relativo às literaturas hispano-americanas. O Zélio Valverde⁴⁹⁴ vai dar em livro a minha *Antologia dos Poetas Bissexto*s, e a Livraria do Globo uma edição comum dos *Poemas Traduzidos* aumentada de mais uns dez poemas.

Por falar em Livraria do Globo, o Rosenblatt⁴⁹⁵ pediu-me que no lhe escrever eu indagasse se você quer confiar^[496] a eles a tarefa de editar em português o seu livro sobre a

⁴⁸⁶ Cf. FREYRE, *Sociologia*, 1945.

⁴⁸⁷ [Orifício no papel que prejudica a decifração.]

⁴⁸⁸ Não consta que o livro *Estudos literários* tenha sido publicado pela Livraria da Casa do Estudante, porém tais ensaios foram reunidos em edição da Aguilar de *Poesia e prosa* (1958).

⁴⁸⁹ O discurso de posse na ABL foi proferido em 30 de novembro de 1940.

⁴⁹⁰ A conferência “O centenário de Stéphane Mallarmé” foi pronunciada na Academia Brasileira de Letras.

⁴⁹¹ A conferência denominada “O centenário de Júlio Ribeiro” foi proferida em sessão pública da ABL no dia 16 de abril de 1945.

⁴⁹² Edição anterior: BANDEIRA, M. *A autoria das Cartas Chilenas*. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, 1940.

⁴⁹³ Primeira edição: BANDEIRA, M. *Noções de história das literaturas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

⁴⁹⁴ Zélio Valverde foi jornalista e editor. Publicou, em 1946, a primeira edição da *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, de Manuel Bandeira. Zélio Valverde foi quem assumiu, em 1939, a livraria e a editora de Schmidt quando ficou claro que seria difícil ao poeta persistir, sozinho, no ramo. A Livraria e Editora Zélio Valverde se tornou uma das mais importantes na década de 40. Sobre ele, escreveu Hallegwell: “Valverde (1921-1985), jovem e ‘espantosamente obeso’, iniciou-se nos negócios em 1937, com uma pequena livraria num primeiro andar de um prédio da rua do Rosário, voltada sobretudo para a história do Brasil e para os clássicos da literatura brasileira: Francisco de Assis Barbosa foi seu editor literário. [...] Valverde, depois diretor-gerente dos jornais Diário Carioca e Última hora e mais recentemente assessor técnico da gráfica do Senado Federal, morreu em 25 de abril de 1985, vítima de enfarte.” (HALLEWELL, *O livro no Brasil*, 2005, p.428-429).

⁴⁹⁵ Provável referência a Maurício Rosenblatt, que trabalhava para a Editora Globo e foi justamente encarregado de estreitar as relações entre o Rio de Janeiro e a editora, sediada no Rio Grande do Sul: “Esses triunfos pessoais tornaram-no [Érico Veríssimo] muito mais acessível à crítica segundo a qual a Globo desprezava autores nacionais, de tal forma que, em 1943, convenceu Henrique Bertaso a confiar a Maurício Rosenblatt, que ele mesmo recrutara para a Globo, a representação da editora no Rio de Janeiro. [...] De fato, Maurício conseguiu contratar autores de reputação nacional para o desenvolvimento de prestigiosos projetos de tradução.” (HALLEWELL, *O livro no Brasil*, 2005, p.412).

⁴⁹⁶ [Emenda do autor com palavra “confiar” sobrescrita a máquina e indicada por sinal de barra.]

evolução brasileira. Não sei que livro é esse⁴⁹⁷, estou transmitindo o recado, quem falou nisso à direção da Globo foi o Érico Veríssimo⁴⁹⁸, que estaria pronto a fazer a tradução.

Por aqui as coisas vão andando bem. Só que os amigos se acham bastante divididos: uns com o Prestes⁴⁹⁹, outros com a UDN⁵⁰⁰, outros com os que^[501] o Prestes chama a canalha trozkista. Prestistas são o Astrojildo⁵⁰², o Vinicius, o Dalcídio Jurandir⁵⁰³, o Portinari⁵⁰⁴, o Mignone⁵⁰⁵; udenistas, a maioria – Prudente, Rodrigo, Afonso, Octávio Tarquínio, Guilherme

⁴⁹⁷ Trata-se do livro de Gilberto Freyre *Brazil: an interpretation*, mencionado em detalhe no próximo documento.

⁴⁹⁸ Érico Lopes Veríssimo (1905-1975), escritor, professor e membro da ABL. Na Editora Globo, foi um ativo colaborador e um dos seus principais escritores. Escreveu *Clarissa* (1933), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Um lugar ao sol* (1936), *Incidente em Antares* (1971) e a trilogia *O Tempo e o vento: O continente* (1949); *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961), dentre outros.

⁴⁹⁹ Luís Carlos Prestes (1898-1990) foi uma das mais conhecidas personalidades políticas brasileiras do século XX. Engenheiro pela Escola Militar do Realengo, Rio de Janeiro, fez parte das reuniões de preparo para o levante de 5 de julho de 1922, que marcou o início das revoltas tenentistas. Depois de atuar em vários movimentos revolucionários e de sua prisão pelo governo de Getúlio Vargas, é libertado em 1945, quando já era secretário-geral do PCB, partido que, com a abertura política após o Estado Novo, conquistou breve condição de legalidade.

⁵⁰⁰ A UDN (União Democrática Nacional), de orientação liberal, foi fundada em 1945 com a abertura política levada a cabo pelo governo Vargas. “No ano decisivo de 1945 surgiram também os três principais partidos que iriam existir no período 1945-1964. A antiga oposição liberal, herdeira da tradição dos partidos democráticos estaduais, adversária do Estado Novo, formou, em abril, a União Democrática Nacional (UDN). A princípio, a UDN reuniu também o reduzido grupo dos socialistas democráticos e uns poucos comunistas.” (FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p.213). Os outros dois grandes partidos da época são o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos de inspiração getulista. No parágrafo de abertura de seu programa de 1945, fica assinalado o compromisso com o processo de abertura política pelo partido: “A União Democrática Nacional preconiza e apóia um processo de democratização do Brasil, de fim construtivo e social, capaz de promover o progresso político e econômico e o bem-estar de todos os brasileiros.” (In: CARONE, E. **A Terceira República (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1982. p.426). Gilberto Freyre foi eleito deputado federal em 1945 pela UDN.

⁵⁰¹ [Emenda do autor com segmento “os que” sobrescrito a máquina indicado pelo sinal de barra.]

⁵⁰² Referência a Astrojildo Pereira Duarte da Silva (1890-1965), jornalista. Quando jovem, aproximou-se de associações de orientação anarquista. Em 1922, participou do congresso de fundação do PCB e foi eleito secretário-geral da organização. Dois anos depois viajou para a União Soviética e, em 1927, procurou Prestes na Bolívia para uma aproximação deste com o partido. Em 1930 conduziu o processo de proletarianização do PCB, que levou à saída de intelectuais da direção; acabou sendo também afastado do cargo. Desligou-se do PCB logo depois. Passou, então, a se dedicar ao jornalismo e à crítica literária. Colaborou com os jornais *Diário de Notícias* e *Imprensa Popular*, com as revistas *Diretrizes* e *Novos Rumos*, assim como dirigiu as revistas *Literatura*, *Problemas da Paz e do Socialismo* e *Estudos Sociais*. Publicou também o livro de crítica literária *Interpretações* (1944). Com o golpe militar, foi preso em 1964, sua saúde ficou ainda mais precária e acabou falecendo no ano seguinte.

⁵⁰³ Dalcídio Jurandir (1909-1979), escritor e jornalista. Seguiu para o Rio de Janeiro em 1927. Colaborou com vários jornais e revistas, como *O Imparcial*, *Crítica*, *Estado do Pará*, *Guajaramirim* e *A Semana*. Como comunista militante, fez parte das atividades do movimento da Aliança Nacional Libertadora, sendo preso em 1935 por dois meses e em 1937 por três meses. Em 1938, retornou ao Pará para assumir cargo na área de educação. Em 1945 e 1946, era ativo jornalista para órgãos de imprensa como o *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *A classe operária* e a revista *O Cruzeiro*. Ao longo de sua vida, segue com suas atividades políticas de esquerda. Publicou *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1968), *Ponte do galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos lobos* (1976), *Ribanceira* (1978) e *Linha do parque* (1959).

⁵⁰⁴ Obras de Candido Portinari como *Os Retirantes* (1944) e *Meninos de Brodóski* (1946) mostram a intensificação de seu interesse pela temática social, quando também entra para o PCB lançando-se como candidato a deputado em 1945 e a senador em 1947.

⁵⁰⁵ Trata-se de Francisco Paulo Mignone (1897-1986), compositor e regente. Começou a estudar música com seu pai, Alferio Mignone, e, aos dez anos, com Sílvio Motto. Nessa idade já tocava em rodas de choro nos bairros tradicionais de São Paulo. Em 1913, começou a ter aulas no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde conheceu Mário de Andrade, amigo e parceiro, e já mostrou seu interesse pela temática nacional. Completou sua formação na Europa e, em 1929, retornou ao Brasil. Dentre suas peças mais conhecidas, estão o *Maracatu de Chico Rei*, *Quadros Amazônicos* – obra de 1939 censurada pelo governo Vargas – e *Festas das Igrejas*, além de peças para piano solo e canções compostas a partir de poemas de autores brasileiros. Em parceria com Bandeira, produziu *A estrela*, *Anjo da guarda*, *Berimbau*, *Solar do desamado* e *Pousa a mão na minha testa*. Com a abertura política de Vargas em 1945, filiou-se ao PCB.

de Figueiredo⁵⁰⁶, Carlos de Lacerda⁵⁰⁷ etc.; comunista anti-prestista Mario Pedrosa⁵⁰⁸, Rachel de Queiroz⁵⁰⁹, Caloca⁵¹⁰ e outros⁵¹¹. Carlos Drummond de Andrade⁵¹² andou com os prestistas e era um dos diretores da *Tribuna Popular*, mas depois do último manifesto do Prestes desligou-se do jornal.

⁵⁰⁶ Guilherme de Oliveira Figueiredo (1915-1997), escritor. Escreveu peças teatrais de sucesso na época, como *Um Deus dormiu lá em casa* (1949) e *A raposa e as uvas* (1953), além dos livros de poemas *Um violino na sombra* (1938), *Ração do abandono* (1974) e *Pássaro Quebrado* (1983).

⁵⁰⁷ Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977), escritor, jornalista, político e editor. Filho do político e escritor Maurício Paiva de Lacerda, participou da ANL em 1935, filiou-se à UDN após o rompimento com o comunismo em 1939, foi eleito deputado federal (1947-1955) e governador do estado da Guanabara (1960-1965). Fundou em 1949 o jornal *Tribuna da Imprensa*. Foi um grande crítico do governo de Getúlio Vargas, diretamente envolvido com o desfecho dos acontecimentos que resultaram no suicídio do presidente, assim como do governo de Juscelino Kubitschek, principalmente no que diz respeito à construção de Brasília. Também seu nome se liga à renúncia de Jânio Quadros. Apoiou o Golpe de 64 e depois dele se afasta, tendo sido cassado em 1968. Foi fundador da editora Nova Fronteira em 1965 e são de sua autoria vários livros, tais como *O caminho da liberdade* (1957), *O poder das idéias* (1963), *Brasil entre a verdade e a mentira* (1965), *A casa do meu avô; pensamento, palavras e obras* (1977) e *Discursos parlamentares* (1982).

⁵⁰⁸ Mário Pedrosa (1900-1981), escritor, crítico de arte e militante político. Colaborou com o jornal *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Filiou-se ao PCB e, depois, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT). Dentre os seus livros, destacam-se *A opção brasileira* (1966), *A opção imperialista* (1966), *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília* (1981) e *Forma e percepção estética* (1996).

⁵⁰⁹ Rachel de Queiroz (1910-2003), escritora. Lança *O Quinze* em 1930 e, no ano seguinte, começa a travar relações com o Partido Comunista. Tendo sido uma das fundadoras do PC cearense, rompe com o grupo por conta de seu segundo romance, *João Miguel*, não ter sido aprovado pelo partido, com a justificativa de que um operário é assassinado por outro. Em seguida, conhece membros do grupo trotskista em São Paulo. Com o Estado Novo, seus livros, considerados subversivos, assim como os de Jorge Amado e José Lins do Rego, são queimados em Salvador. Fica detida por três meses na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza. O afastamento da vida partidária se dá definitivamente quando tem a notícia de que Stalin havia mandado assassinar Trotski, em 1940, com uma picareta de quebrar gelo. Décadas depois, lhe é oferecido o Ministério da Educação pelo então Presidente Jânio Quadros, convite este recusado. Rachel apoia o golpe que afasta o presidente João Goulart em 1964 e passa a ser uma das colaboradoras da ditadura que se instala. De 1967 a 1985, foi integrante do Conselho Federal de Cultura. Foi a primeira mulher eleita para a ABL em 1977. Dentre seus livros, destacam-se os romances *O quinze*, *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937), *As três Marias* (1939), *Dora*, *Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992); os infanto-juvenis *O menino mágico* (1969), *Cafulé & Pena-de-Prata* (1986) e *Andira* (1992); e as peças teatrais *Lampião* (1953) e *A beata Maria do Egito* (1958), além de prefácios, traduções, livros didáticos, vários livros de crônicas compiladas ao longo de sua extensa produção para periódicos e outros. Sobre ela, escreveu Stegagno-Picchio: "O que conta, de qualquer modo, nesses textos é a intenção: arte instrumental, a serviço de uma idéia regionalista, em que seca e coronelismo são as duas chagas, a da natureza-inimiga e a dos homens, de uma sociedade que só em si, na solidariedade consciente dos seus filhos, pode encontrar uma via de salvação. Sente-se, talvez, nestes textos a falta daquela exigência política pela qual, num certo momento da sua parábola existencial, a autora parecia ter sido atingida. Mas esta curva ideológica, da esquerda para a direita e paralela em certo sentido à de Gilberto Freyre, pode encontrar sua explicação na saudade 'do bom tempo antigo', que caracteriza apesar de tudo alguns intelectuais do Norte e a que um crítico agudo como Alfredo Bosi batizou de lusotropicalismo." (STEGAGNO-PICCHIO, *História da Literatura Brasileira*, 2004. p.527-528.).

⁵¹⁰ Provável referência a Carlos Leão (V. SOARES, *Rua do Ouvidor 110*, 2006, p. 126).

⁵¹¹ Falando sobre a sociabilidade que se forma em torno da Livraria e Editora José Olympio e sua extensão "democrático-esquerdista" no bar Vermelhinho, Lucila Soares afirma que: "O ponto começou a se formar em 1942, tendo como fundadores Vinicius e Moacir Werneck. Rapidamente congregou-se ali um grupo que foi, aos poucos, roubando a freguesia do Amarelhinho. Não era uma roda exclusivamente literária. Pontificavam no Vermelhinho os arquitetos Oscar Niemeyer e Carlos Leão (Caloca), o jovem pintor Carlos Scliar e a bailarina Eros Volusia, estrela da noite carioca, famosa por suas coreografias que uniam balé clássico a ritmos populares do Brasil. Em 1943, a inauguração do novo prédio do Ministério da Educação engrossou a dissidência, por uma questão de comodidade. A sede nova era quase pegada ao bar, o que tornou Carlos Drummond de Andrade presença assídua." (SOARES, *Rua do Ouvidor 110*, 2006, p.126).

⁵¹² Carlos Drummond de Andrade foi convidado, em 1945, a assumir a co-editoria do jornal do PCB *Tribuna Popular*. Afastou-se do cargo, e da vida política, meses depois por divergências com o jornal. O período literário que se segue, principalmente marcado por *Claro Enigma* (1951), elucida o pessimismo do poeta acerca de qualquer possibilidade de ação no mundo. O livro *Drummond – da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*, analisa bem tal suposta guinada do poeta (Cf. CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2001.).

Escreva-me. Mande notícias de Madalena e dos meninos. Para eles e para você um grande abraço e as saudades de

Manuel

- 37* -

Para Manuel Bandeira

Apipucos - Recife, 3 de dezembro de 1945.

Dear Baby Flag:

Foi com grande alegria que recebi sua carta. É claro: passado, como parece ter passado, o régimen gestapiano, vamos voltar aos dias de correspondência. E antes que me esqueça: aquela fotografia que você^[513] nos mandou não serve. Reprovada. Queremos Baby Flag só e não em grupo. Nem ao menos conhecemos Dona Lia Correia Dutra. Só de nome. Andei pelo interior quase em santas-missões, com um grupo de estudantes, pregando Democracia e batizando pagãos deixados pelo “Estado Forte”. Foi uma grande excursão. Estão aparecendo os primeiros resultados das eleições aqui e seu velho amigo na dianteira⁵¹⁴!

* [Classificação original (FCRB): 218. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro cinza. Datação: “Apipucos, Recife / 3 de dezembro / 1945”. Papel amarelado, de gramatura baixa. *Ex-libris* no alto da primeira página à esquerda. Uma folha, duas páginas manuscritas. Uma folha de 29,2 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo duas páginas manuscritas (frente e verso). Primeira face: página um à direita. Segunda face: página dois à direita. Dimensões: 14,6 cm de largura e 25 cm de altura. Documento em boas condições. Na margem superior, à esquerda, da primeira página, trecho “Para Manuel Bandeira” manuscrito com letra de Gilberto Freyre.]

⁵¹³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁵¹⁴ Gilberto Freyre teve destacada ação política durante o processo de redemocratização do país que assinalou o fim do Estado Novo, estando à frente de comícios para estudantes do grupo democrático da Faculdade de Direito e bastante atuante na imprensa periódica. Manoel Correia de Andrade disserta sobre aquele momento: “Programadas as etapas da redemocratização, lançada a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República e composta a chapa da UDN para o Senado e a Câmara Federal, tiveram os estudantes, que haviam sido os pioneiros em Pernambuco, na luta contra o Estado Novo, o direito a indicar um candidato a Deputado e este foi, naturalmente, Gilberto Freyre, que eleito com expressiva votação, sobretudo no Recife, representou-os não só na Câmara dos Deputados, como nos trabalhos da Constituinte, de vez que o Congresso, que não fora eleito especificamente para elaborar uma Constituição, recebeu atribuições constitucionais. / Tivemos então a atuação destacada de Gilberto Freyre na Constituinte, procurando priorizar a problemática social frente aos problemas apenas jurídicos, defendidos por alguns constituintes, e levantando idéias e problemas profundamente

Povo bom, este nosso, do Recife, seu Flag^[515]. O brigadeiro⁵¹⁶ vai bem em Pernambuco. Mas que notícias tristes nos vêm de São^[517] Paulo! Enfim, são as primeiras notícias. Vamos ver o fim de tudo isso. Você^[518] por favor informe o Érico Veríssimo que o Olívio Montenegro^[519] já começou a traduzir o meu *Brazil: an interpretation*⁵²⁰. Neste caso, a Globo^[521] se interessaria em publicar uma tradução feita pelo Olívio com uma introdução? E em que condições? É claro que eu estimaria que a tradução fosse feita pelo Erico; mas no caso de não estar sendo feita já por Olívio, que desde o princípio de entusiasmos com o livro. Este vem tendo sucesso nos Estados Unidos e Canadá. E os críticos não têm destacado o que há no livro, segundo ele, de sugestivo pelas idéias, como o estilo, um chegando a dizer que é “fascinante”. Como vão nossos amigos? O Rodrigo, o Prudente, o Sérgio, o Ovalle, as boas amigas, as Blank? Vejo que você^[522] não deixa de trabalhar. Sabe – estou sem o seu endereço. Vai esta carta pelo Flamengo. Você^[523] quando escrever agora, mande seu endereço. Não esqueça o retrato. Vai um retratinho de Sonia Maria e Fernando Alfredo⁵²⁴. O velho Freyre se manda para a cidade, pede pressa. De modo que fico por aqui. Vamos todos bem, graças a

comprometidos com a realidade brasileira. Sua passagem pela Constituinte está bem documentada no prefácio escrito pelo político e escritor paraense, Bento Munhoz da Rocha, para o seu livro *Quase Política*, e em depoimento prestado pelo próprio Gilberto, em Ciclo de Conferências realizado pela Fundação Joaquim Nabuco, em 1986. Foi uma passagem marcante, demonstrando ter sido muito feliz a escolha que os jovens de 1945 fizeram ao elegê-lo seu representante.” (ANDRADE, M. C. de. Gilberto Freyre e a geração de 45. *Ciência & Trópico*, Recife, v.15, n.2, p.147-156, jul./dez. 1987.).

⁵¹⁵ [Sublinhado no manuscrito autógrafa.]

⁵¹⁶ Trata-se de Eduardo Gomes (1896-1981), militar de carreira e político. Participou do levante do Forte de Copacabana em 1922, marco do movimento tenentista, do levante de 1924, da Coluna Prestes e do movimento que culminou com a deposição de Washington Luís em 1930. A partir de então, seguiu a carreira militar. Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941, foi promovido a brigadeiro. Com a criação da UDN em 1945, filiou-se ao partido e aceitou lançar-se candidato à presidência nas eleições que dariam a vitória ao general Eurico Gaspar Dutra. Em 1950, novamente é candidato, derrotado, então, por Getúlio Vargas. Defendeu a renúncia de Vargas no segundo mandato após o atentado contra Carlos Lacerda e foi um aliado do Golpe Militar de 64. Foi Ministro da Aeronáutica no governo de Café Filho (1954-1955) e durante o regime militar (1965-1967).

⁵¹⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “S.”.]

⁵¹⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

⁵¹⁹ [Sublinhado no manuscrito autógrafa.]

⁵²⁰ FREYRE, G. **Brazil: an interpretation**. New York: Alfred A. Knopf, 1945. A primeira edição brasileira foi a seguinte: FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. Tradução e introdução de Olívio Montenegro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. O livro foi também publicado na Itália, no México e em Portugal.

⁵²¹ [Sublinhado no manuscrito autógrafa.]

⁵²² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

⁵²³ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “V.”.]

⁵²⁴ Fernando Alfredo Guedes Pereira de Mello Freyre (1943-2005), administrador de empresas, foi diretor executivo da Fundação Joaquim Nabuco, presidente da Fundação Gilberto Freyre e membro da Academia Pernambucana de Letras. Escreveu, dentre outros trabalhos, *Administração e pesquisa* (1978), *Breves considerações sobre alguns problemas das universidades brasileiras* (1981), *Engenharia social e outros temas* (1985), *Brasileiridade* (1992), *Fundação Joaquim Nabuco: dimensão da terra e do homem* (1992), *Tempo de Pernambuco: geração, tradição e cultura* (com Vamireh Chacon, 1999), *Presença de Odilon Ribeiro Coutinho* (2001), *Amaro Quintas: 90 anos de liberdade e história* (2002) e *Ruy João Marques: médico e humanista* (1996).

Deus – nós de Apipucos e Bigodão, das Dores e os rebentos. Lembranças aos bons amigos.

Para você^[525] um saudoso abraço

Gilberto

⁵²⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

- 38* -

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1945.

Gilberto,

Respondo à sua carta de 3.

Transmiti a sua resposta ao Rosenblatt, gerente aqui da Livraria Globo. Aceitam eles a tradução do Olívio e perguntam quanto devem pagar por ela. Quanto à sua parte, há duas propostas: o livro pode ser lançado na *Coleção Tucano*, toda composta de bons livros dos melhores autores, edição de divulgação popular ao preço de 12 cruzeiros, com uma tiragem de 3 a 4 mil exemplares; ou pode sair fora de coleção, em edição mais cara (uns 25 cruzeiros). Aos homens do Globo interessa mais que você entre na coleção *Tucano* para prestigiá-la definitivamente. Pagam dez por cento sobre o preço de capa.

Entreguei a eles para a tal *Tucano* uma segunda edição dos *Poemas Traduzidos*⁵²⁶, com acréscimo de quinze novas traduções.

Por estes dias sairá a minha *Apresentação da poesia brasileira*, editada pela livraria da Casa dos Estudantes. É um livro que vai despertar ressentimentos contra mim, porque, escrevendo para o estrangeiro, não deixei passar camarão pelas malhas.

Breve vocês receberão um retrato de Baby Flag sem acompanhamento. Mandeí o grupo porque todos acharam aquele meu retrato muito bom e eu pensei que você conhecesse

* [Classificação original (FGF): doc 25. Carta. Datiloscrito autógrafo com fita preta. Assinatura manuscrita com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 26 de dezembro de 1945". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página datiloscrita. Dimensões: 20,1 cm de largura e 26,9 cm de altura. Documento frágil e ressecado.]

⁵²⁶ POEMAS traduzidos. Tradução de Manuel Bandeira. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, [1948].

pessoalmente a Lia, cujo retrato no grupo está também ótimo. Fui ultimamente fotografado por dois excelentes fotógrafos – o Manzon⁵²⁷ e o Scliar⁵²⁸ (irmão do pintor-pracinha⁵²⁹). Ambos estão bons. É um destes que lhe vou remeter.

Aqui reina entre os nossos amigos muita desolação por causa da surpresa das eleições⁵³⁰. A verdade é que todo o mundo se enganou desta vez: o Getúlio que,^[531] se contasse com este resultado, ter-se-ia desincompatibilizado e certamente ganharia a eleição. Nós do Brigadeiro erramos ao imaginar que os católicos votariam em massa nele. Os comunistas, ou melhor, os prestistas (repugna-me chamar comunistas um partido de cambalachos oportunistas onde os princípios – veja bem, os princípios^[532] marxistas –^[533] são abandonados) pensavam ter a massa com eles e, no entanto, onde o Getúlio se apresentou ganhou com enorme dianteira sobre eles. O Dutra⁵³⁴, que parecia perdido um mês antes das eleições, ganhou afinal com os votos dos trabalhistas e dos católicos.

⁵²⁷ Jean Manzon (1915-1990), fotógrafo, repórter e cineasta. Nascido em Paris, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1940. Trabalhou para o Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo e colaborou intensamente com os periódicos dos *Diários Associados*, especialmente *O Cruzeiro*. À frente de sua empresa, produziu inúmeros documentários. A Figura 41, desta edição, traz a fotografia de Gilberto Freyre no Solar de Santo Antônio de Apipucos, de sua autoria.

⁵²⁸ Referência a Salomão Scliar (1925-1991), fotógrafo e cineasta. Chegou ao Rio de Janeiro, vindo do Rio Grande do Sul, em 1943 para morar com seu irmão, o pintor Carlos Scliar. Colaborou com as revistas *Diretrizes*, *Revista Rio*, *O Cruzeiro*, *Revista do Globo* e, mais adiante, passou a trabalhar com a produção cinematográfica, tendo dirigido e produzido o longa-metragem *Vento Norte* (1951).

⁵²⁹ Bandeira refere-se, aqui, a Carlos Scliar, irmão de Salomão Scliar. Carlos Scliar (1920-2001), nascido no Rio Grande do Sul, muda-se para São Paulo em 1940. Em 1943, foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), seguindo para a Itália em 1944. Ao retornar, em julho de 1945, traz consigo inúmeros desenhos realizados na Itália, que integram a exposição "Com a FEB na Itália". Os soldados da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial eram chamados de pracinhas.

⁵³⁰ Sobre o contexto da eleição de 1945 à presidência da República, observa Robert Levine: "Os dois candidatos declaravam-se agora 'liberal-conservadores' e, ao falar, usavam lugares-comuns, evitando mencionar Vargas e o Estado Novo. Embora Gomes ('um belo solteiro casadouro', registra a imprensa) fosse homem vistoso em comparação com o ministro da Guerra, 'baixote, sem graça' e que havia apoiado os nazistas antes de Vargas levar o Brasil à guerra, Dutra ganhou por uma margem de três a dois." (LEVINE, **Pai dos pobres?**: o Brasil e a Era Vargas, 2001. p.113). E o resultado das eleições, ao que tudo indica, teve, de fato, sua dose de surpresa: "Pelo comparecimento aos comícios, parecia que a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes ia em franca expansão, enquanto a de Dutra marcava passo. A campanha do brigadeiro atraiu setores da classe média dos grandes centros urbanos em torno da bandeira da democracia e do liberalismo econômico. Dutra não entusiasmava ninguém e chegou-se mesmo a pensar em substituir sua candidatura por outro nome que tivesse maior apelo eleitoral. Quase nas vésperas das eleições, Getúlio acabou por fazer uma declaração pública de apoio à candidatura Dutra. Mesmo assim, ressaltou que ficaria ao lado do povo contra o presidente se ele não cumprisse as promessas de candidato." (FAUSTO, **História concisa do Brasil**, 2001, p.219).

⁵³¹ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁵³² [Sublinhado do manuscrito autógrafo.]

⁵³³ [Travessão indicando fechamento de período inserido nesta edição.]

⁵³⁴ Eurico Gaspar Dutra (1885-1974), militar de carreira e Presidente da República no mandato 1946-1951. Participou da Revolta da Vacina em 1904 contra o governo de Rodrigues Alves, esteve ao lado das forças legalistas durante as revoltas tenentistas e na Revolução de 30, ajudou na repressão à ANL e, a partir de 1936, assumiu o Ministério da Guerra. Em 1945, o PSD, representado por membros governistas, lançou sua candidatura vitoriosa à Presidência da República. Apoiou Cristiano Machado nas eleições de 1950, que dariam a vitória a Getúlio Vargas. Foi um aliado do movimento para desestabilizar o segundo governo Vargas, para afastar João Goulart da presidência, e membro da ARENA durante o regime militar. Sobre o início do governo Dutra, analisaria Thomas Skidmore: "As eleições de 2 de dezembro de 1945 prepararam o terreno para a redemocratização do Brasil. Tendo empossado o seu novo presidente em janeiro de 1946, o país se preparava para refazer a

Quando na rua um filho-da-puta vem me falar com um risinho sacana na derrota do Brigadeiro, respondo com as últimas palavras da mensagem das senhoras cariocas ao Eduardo; citaram elas as de Cristo para as mulheres de Sião quando ia para o Calvário: “Não choreis por mim; chorai por vós mesmos e pelos vossos filhos”. Tenho dito por aí: Deus teve pena do Brigadeiro. A verdade é que a maioria dos brasileiros gosta é de sacanagens e peia no lombo. Como disse um sujeito no *Correio da Manhã*: apanham e beijam depois o nó da peia.

Os amigos mandam-lhes lembranças. Mostrei a fotografia dos seus meninos às Blanks, que ficaram encantadas; acharam a menina muito parecida com você.

Receba com Madalena e as crianças os melhores votos de Natal e Ano Bom do

Flag

sua Constituição pela quarta vez, desde a queda do Império, em 1889. [...] Dutra logo se mostrou um presidente tranqüilamente apolítico. O seu período presidencial foi caracterizado por freqüentes apelos por um retorno à 'tranqüilidade'. Dutra gozou de uma lua-de-mel política durante o seu primeiro ano, quando a UDN cooperou com o seu governo nas tarefas imediatas de reconstrução do após-guerra.” (SKIDMORE, T. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p.90-91.).

- 39* -

Para Manuel Bandeira^[535]

*Apipucos – Recife, 22 de janeiro de 1948*⁵³⁶.

Meu caro Baby Flag:

Um abraço. Foram tão curtos os dias que passei no Rio que não houve tempo para o nosso almoço ou jantar. Fica para abril. Envio-lhe agora já o seguinte: tendo eu escrito um artiguete sugerindo uma homenagem do Brasil, principalmente da Academia de Letras, ao Thomas Mann⁵³⁷, filho de brasileira, alguém mandou o artigo ao Mann e o velho comoveu-se. Escreveu a um amigo em São^[538] Paulo, o austríaco Carlos de Lustig-Prean, prestes a ser cônsul da Áustria ali, dizendo que a idéia era de sua “inteira satisfação” e “verdadeiramente comovente”. Que fazer-lhe agora? Convidá-lo a Academia com Ministério do Exterior a vir ao Brasil fazer conferências ou simplesmente receber uma homenagem? Elegê-lo sócio

* [Classificação original (FCRB): 221. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “Apipucos, Recife / 22 de janeiro”. Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 21,5 cm de largura e 27,1 cm de altura. Documento com manchas.]

⁵³⁵ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁵³⁶ Documento sem determinação de ano, porém supomos que se trata de janeiro de 1948, tendo em vista “os votos de felicidades em 48”, ao final da carta, e o esforço de Gilberto Freyre, ao longo de 1947, em fazer uma homenagem a Thomas Mann no Brasil: “Pois autorizado por Thomas Mann, através de amigo comum, é que procurei, em 1947, interessar instituições e personalidades influentes do nosso país - a Academia Brasileira de Letras e os Diários Associados - num convite que o grande escritor alemão, no fim da vida, muito desejou receber do Brasil. Desejava conhecer - dizia-me ele - ‘a terra da sua Mãe’. Infelizmente fracassei nesse esforço. A Academia de Letras não se interessou pelo assunto. Assis Chateaubriand, a princípio entusiástico, deixou de empenhar-se, absorvido por outros afãs, pela realização do que lhe parecera justíssima homenagem brasileira ao quase teuto-brasileiro Thomas Mann.” (FREYRE, G. **Em torno das relações culturais do Brasil com a Alemanha**. Recife: Ed. da UFPE, 1974).

⁵³⁷ Thomas Mann (1875-1955), escritor. Sua mãe, Julia da Silva Bruhns, era filha de um alemão com uma brasileira. Considerado um dos expoentes da literatura ocidental, escreveu, dentre outros, o livro de contos *Der kleine Herr Friedemann* (*O Pequeno Senhor Friedemann*, 1898); a novela *Der Tod in Venedig* (*Morte em Veneza*, 1913); os romances *Buddenbrooks – Verfall einer Familie* (*Os Buddenbrooks*, 1901), *Der Zauberberg* (*A montanha mágica*, 1924) e *Doktor Faustus* (*Doutor Fausto*, 1947), assim como ensaios. Recebeu o Nobel de Literatura em 1929.

⁵³⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “S.”.]

correspondente? Que acha você^[539]? Ao meu ver alguma coisa deve ser feita e sem demora. Peço a você^[540], que certamente concorda com a idéia, agir e transmitir a informação que lhe envio a Roquette, Múcio⁵⁴¹, Claudio de Sousa⁵⁴², Carneiro Leão, [Levy]⁵⁴³, Rodrigo, Octávio Filho⁵⁴⁴, [Artuzinho], Alceu Tavares, Cassiano⁵⁴⁵, Peregrino, Afonso Pena, Ataulfo e outros *cajones* [e] tornar uma homenagem a Mann realidade. E que essa homenagem não demore. O endereço atual de Thomas^[546] Mann é:

1550 San Remo Drive, Pacific Palisades

California^[547], USA

O do Lustig-Prean: Rua Luiz Coelho 206, São Paulo

⁵³⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁵⁴⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁵⁴¹ Múcio Carneiro Leão (1898-1969), jornalista e escritor. Foi eleito para a ABL em 19 de setembro de 1935, sucedendo a Humberto de Campos, e tomou posse em 16 de novembro de 1935. Trabalhou no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil* e fundou com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto o jornal *A Manhã*, onde criou o suplemento literário *Autores e Livros*. Exerceu inúmeros cargos públicos, publicou obras literárias e de crítica como *Ensaaios contemporâneos* (1923), o livro de poesia *Tesouro recôndito* (1926), *A promessa inútil e outros contos* (1928), o romance *No fim do caminho* (1930), os ensaios biográficos *João Ribeiro* (1954) e *José de Alencar* (1955), dentre outros.

⁵⁴² Cláudio Justiniano de Sousa (1876-1954), médico, professor e escritor. Foi eleito para a ABL em 28 de agosto de 1924 e tomou posse em 28 de outubro de 1924. Colaborou com jornais cariocas como *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio*. Ajudou a fundar a Academia Paulista de Letras. A partir de 1913, abandonou a Medicina para dedicar-se à literatura, tendo sido considerado o introdutor do teatro ligeiro de comédia. Deixou peças teatrais como *Flores de sombra* (1916), *O turbilhão* (1921), *O conto do mineiro* (1923) e *Pátria e bandeira, cinema* (1942); romances como *Pater* (1913), *Os infelizes* (1926) e *As mulheres fatais* (1928); ensaios como *Os últimos dias de Stefan Zweig* (1942) e *Pirandello e seu teatro* (1946).

⁵⁴³ Possível referência a Levi Fernandes Carneiro (1882-1971), advogado e escritor. Foi eleito para a ABL em 23 de julho de 1936 e tomou posse em 7 de agosto de 1937. Foi fundador e primeiro presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-1932), dirigiu a *Revista Brasileira* (1941-1944) e foi presidente da ABL em 1941. Escreveu, dentre outros trabalhos, o *Livro de um advogado* (1943).

⁵⁴⁴ Rodrigo Octavio Filho (1892-1969), advogado e escritor. Foi eleito para a ABL em 10 de agosto de 1944 e tomou posse em 19 de junho de 1945. Colaborou com periódicos como a revista *Fon-Fon!* e o jornal *Correio da Manhã*. Foi um dos fundadores do PEN Clube do Brasil. Escritor de linhas penumbistas e simbolistas, deixou, dentre outras obras, a coletânea de poesia *Alameda noturna* (1922) e os ensaios *Velhos amigos, estudos e ensaios* (1938), *Figuras do Império e da República* (1944) e *Simbolismo e Penumbismo* (1970).

⁵⁴⁵ Provável referência a Cassiano Ricardo Leite (1895-1974), jornalista e escritor. Foi eleito para a ABL em 9 de setembro de 1937 e tomou posse em 28 de dezembro de 1937. Trabalhou em jornais como *Correio Paulistano* (de 1923 a 1930) e *A Manhã* (Rio de Janeiro, de 1940 a 1944), assim como fundou as revistas *Novíssima*, em 1924, *Planalto*, em 1930, e *Invenção*, em 1962. Escreveu clássicos do Modernismo brasileiro como *Vamos caçar papagaios* (1926), *Borrões de verde e amarelo* (1927) e *Martim Cererê* (1928). Mais adiante, dá uma guinada introspectiva com *O sangue das horas* (1943) e *Um dia depois do outro* (1947). Com *Jeremias sem-chorar* (1964) mostrou pleno domínio das técnicas vanguardistas. Como ensaísta e crítico literário, deixou os livros *Marcha para Oeste* (1940), *A poesia na técnica do romance* (1953) e *Algumas reflexões sobre a poética de vanguarda* (1964).

⁵⁴⁶ [Forma do nome abreviado no manuscrito autógrafo: “Th.”.]

⁵⁴⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “Cal.”.]

Vamos todos regularmente – Magdá, eu, crianças, velho Freyre, Bigodão e família. A
você^[548], nossos votos de felicidades em 48. Iguais votos a nossas boas amigas as Blank.

Outro abraço do

Gilberto

⁵⁴⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

- 40* -

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1952.

Gilberto,

Seu amigo José Antonio de Souza Leão apresentou-se aqui armado de sua carta e trazendo-me a sua lembrança de Sofala⁵⁴⁹, o delicioso porquinho. Muito obrigado a você. Ficou o José Antônio de voltar ao meu apartamento antes de regressar ao Recife. Mas jacaré voltou? Nem ele! Ora, eu queria aproveitar o portador de confiança para lhe mandar o seu exemplar do *Opus 10*⁵⁵⁰. Umas semanas depois, estive em casa do Thiago de Mello⁵⁵¹ com o Mauro Mota⁵⁵², que embarcava para o Recife uns dois dias depois e se ofereceu para levar-lhe o livro. Diga-me agora: o volumezinho chegou às suas mãos?

* [Classificação original (FGF): doc 26. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 5.9.52". Papel amarelado, de gramatura média. Duas folhas, duas páginas manuscritas. Dimensões: 16,2 cm de largura e 22,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁴⁹ A viagem a Sofala, província da região central de Moçambique, está descrita em *Aventura e rotina* (1953), de Gilberto Freyre. A viagem a regiões de Portugal e África, quando Freyre procura encontrar elementos para fundamentar a lusotropicologia como ciência, foi feita entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952. A chegada do escritor a Sofala é em janeiro de 1952, lugar descrito da seguinte forma: "Manica e Sofala têm por capital Beira; e na Beira me espera um dos mais cultos e mais gentis governadores de Província que já encontrei no Ultramar Português: o engenheiro militar Ferreira Martins. Recebem-me ele e a esposa com a melhor das hospitalidades lusitanas. [...] É uma gente de um encanto verdadeiramente singular, a luso-chinesa de Manica e Sofala [...]" (FREYRE, G. **Aventura e rotina**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953, p.496). Vale dizer que Sofala foi o nome dado a uma feitoria e fortaleza construída pelos portugueses na costa de Moçambique, na região da província, e que Manica, hoje, é outra província moçambicana que tem como capital a cidade de Chimoio.

⁵⁵⁰ BANDEIRA, M. **Opus 10**. Niterói: Hipocampo, 1952.

⁵⁵¹ Amadeu Thiago de Mello (1926-), escritor e tradutor. Esteve à frente do Departamento Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro em 1957, foi adido cultural na Bolívia e no Peru, entre 1959 e 1960, e em Santiago, entre 1961 e 1964, tendo sido afastado do cargo por dar abrigo a refugiados políticos brasileiros. Foi ele próprio refugiado político durante o regime militar. Publicou os livros de poesia *Faz escuro mas eu canto* (1965), *A canção do amor armado* (1966), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975), *Os estatutos do homem* (1977) e *Campo de milagres* (1998); o ensaio *Borges na luz de Borges* (1993); e o infantil *Amazonas* (1998), dentre outros.

⁵⁵² Mauro Ramos da Mota e Albuquerque (1911-1984), jornalista, escritor, professor de História, diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e membro da ABL. Foi redator-chefe e diretor do *Diário de Pernambuco* e colaborou com os jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Jornal das Letras*, do Rio de Janeiro. Dentre seus livros, estão *Elegias* (1952), *A tecelã* (1957) e *O galo e o catavento* (1962), dentre outros. Mauro Mota, juntamente com Ledo Ivo, ajudou Gilberto Freyre a reduzir trechos de prosa na forma de poema, publicados em *Talvez poesia* (1962).

Há três dias mandei pelo correio um exemplar da minha *Biografia de Gonçalves Dias*⁵⁵³, escrita para a Ipê de São^[554] Paulo, que quebrou, e agora editada pelos irmãos Pongetti. É coisa sem importância mas feita com cuidado.

Receba com Madalena e as crianças o velho [melhor] afeto do velho

Manuel

⁵⁵³ BANDEIRA, M. **Gonçalves Dias**: esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

⁵⁵⁴ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "S.".]

- 41 -

Apipucos – Recife, 9 de setembro de 1952.

Dear Baby Flag:

Voltando da Paraíba, aonde fui com a família – Magdalena e os meninos – e mais o casal Gurvitch⁵⁵⁵, entregar ao Governador José Américo um quadro que me ofereceu o Governador de Moçambique, encontrei sua carta. Estimo que tenha gostado do porquinho. O que eu lamento é já estarmos um tanto velhos, você^[556] e eu, pra irmos juntos a [Moçambique]: aquela África já tocada pelo Oriente mas ainda tão África, tão primitiva no

* [Classificação original (FCRB): 219. Carta. Manuscrito autógrafo em caneta tinteiro preta. Datação: “Apipucos, 9 de setembro 1952”. Papel amarelado, de gramatura baixa. Ex-libris na margem superior esquerda da primeira página. Uma folha, duas páginas manuscritas. Uma folha de 27,7 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: página manuscrita um à direita. Segunda face: página manuscrita dois à direita. Dimensões: 14 cm de largura e 21,3 cm de altura (primeira metade da folha) e 13,7 de largura e 21,3 cm de altura (segunda metade da folha). Documento com rasgamentos.]

⁵⁵⁵ Georges [Georgii] Davidovich Gurvitch (1894-1965) é sociólogo nascido russo e naturalizado francês. Publicou, dentre outros livros, *L'expérience juridique et la philosophie pluraliste du droit* (1935), *Essai de Sociologie* (1939), *La vocation actuelle de la sociologie* (dois tomos, 1950), *Dialectique et sociologie* (1962) e *Les Cadres sociaux de la connaissance* (1972). Em 11 de agosto de 1971, Gilberto Freyre apresentou palestra na Faculdade de Direito de Caruaru sobre Gurvitch. Nela, o sociólogo brasileiro fala da aproximação tensa entre ambos na década de 40 e da amizade sólida construída ao longo dos anos seguintes. O primeiro contato entre os sociólogos foi no conclave realizado em Paris em 1948 pela UNESCO, organizado por Julian Huxley, para a discussão de questões relacionadas às fortes tensões internacionais – para o combate das quais, supunha-se, o Brasil poderia oferecer um modelo alternativo válido. Na época Freyre exercia mandato de deputado federal e foi questionada a sua isenção política, por Gurvitch, para tratamento de tema tão espinhoso: “Foi um conclave interessantíssimo. Dele participaram, além de Gurvitch, um filósofo norueguês, Naes, o psiquiatra angloamericano Sullivan, o famoso sociólogo alemão Horkheimer, um mestre de Harvard, de Psicologia Social – Gordon Allport – um psicanalista inglês – Richman – um sociólogo economista soviético – Szalai – todos, com uma exceção, única, figuras do maior destaque nas suas especialidades; e tidos por altamente representativos dos diferentes saberes convocados para tão importante reunião. Nenhum de nós representava Estado-Nação, muito menos governo. Nenhum de nós ali se encontrava por escolha oficial do seu governo ou do seu país. Tínhamos sido escolhidos como representantes – ou supostos representantes – daqueles diferentes saberes considerados básicos ou essenciais para o estudo de ‘tensões internacionais’: o antropológico, o sociológico – o ocidental e o soviético – o psicológico, o psiquiátrico, o filosófico. / Foi nessa reunião que conheci pessoalmente Gurvitch. Encontro que quase resultou em inimizade entre nós; é que, sem mais aquela, o ilustre mestre de Sociologia do Direito da Sorbonne acusou-me de ter sido convocado para aquela reunião indevidamente, não – acentuou – por não ser competente em Ciências Sociais – era-o, decerto, segundo ele – mas pelo fato de, como político, no meu país, não ter isenção para o trato do problema a ser ali discutido com toda a crueza científica ou todo o rigor científico-filosófico. Atitude de uma estreiteza absoluta. E Max Weber político? E Ortega político? E Karl Marx político?” (FREYRE, G. **Meu amigo Gurvitch**. Caruaru: Faculdade de Direito de Caruaru, 1972). Mas, posteriormente, o estranhamento foi se transformando em sólida amizade e admiração mútua, e Gurvitch, acompanhado por sua esposa, esteve no Brasil por duas vezes. Foi Gurvitch, juntamente com Lucien Lebre, quem procurou promover o doutoramento *Honoris Causa* pela Sorbonne, que viria a acontecer em 1965, e para cuja solenidade Gilberto Freyre não conseguiu passagem pedida ao governo brasileiro e nem representação diplomática. No encontro com José Américo de Almeida, inclusive, Gurvitch teria proposto a fundação de uma extensão da Escola Normal Superior de Paris na Paraíba.

⁵⁵⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

melhor sentido e que você^[557] e eu saberíamos compreender e, mais moços, nos fazer compreender plenamente por ela. Recebemos o *Opus* trazido pelo Mauro Mota. Nossa casa de Apipucos, em que sua presença é um fato, adquire mais este valor para a nossa Bandeiriana. A velha casa está em conserto e um dos recantos que está sendo reparado é o quarto de hóspedes – que é mais seu do que de⁵⁵⁸ ninguém. Creio que,^[559] com a lentidão atual dos nossos operários, estará a casa pronta lá para São João. Há três meses que se trabalha nela. Pernambuco, coitado, cada dia menos Pernambuco. É uma tristeza. Sinto que hoje é quase só a paisagem que nos prende a isto aqui, e esta mesmo no Recife e arredores e em cidades do interior, como a hoje intolerável Caruaru, vem sofrendo o diabo dos arrivistas. Às vezes penso que sou eu que estou ficando velho. Mas abro bem os olhos e procuro ver as coisas como se fosse não daqui, mas de Niterói, e a impressão é a mesma. Enfim, vai-se atravessando. Receba você^[560] um grande abraço nosso e abrace por nós nossos amigos – as Blanks, Rodrigo e Graciema, o nosso grande Prudente, Octavio e Lúcia, Lins e Jardim e as caras metades e o Aníbal Freire⁵⁶¹.

Gilberto

⁵⁵⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁵⁵⁸ [Palavra “de” inserida nesta edição.]

⁵⁵⁹ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁵⁶⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “V.”.]

⁵⁶¹ Aníbal Freire da Fonseca (1884-1970), advogado, magistrado, político, professor e jornalista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de setembro de 1948 e empossado em 10 de maio de 1949. Foi redator e diretor do *Diário de Pernambuco* e deputado estadual na década de 1900; na década de 20, foi deputado federal e diretor do *Jornal do Brasil*, cargo que volta a ocupar no final da década de 30 e, posteriormente, de 1951 a 1961, após aposentadoria compulsória pelo Supremo Tribunal Federal. Publicou, dentre outros livros, *Do Poder Executivo da República Brasileira* (1916), *Pareceres do Consultor Geral da República* (2 volumes, 1951) e *Conferências e Alocuções* (1958).

- 42* -

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1952.

Gilberto,

Esta paisagem não quer dizer que eu já tenha subido para Petrópolis. Ainda fico por aqui este mês de dezembro, que aliás está bastante quente.

Escrevo-lhe para desejar a vocês e a todos os seus feliz Natal e um próspero 1953. Peço-lhe que transmita os mesmos votos a Ulysses e Maria.

Um grande abraço do velho amigo

Manuel

* [Classificação original (FGF): doc 27. Cartão-postal da Avenida 7 de setembro (Petrópolis). Manuscrito autógrafo. Datação, na margem inferior do trecho manuscrito: "18.12.52". Papel amarelado, de gramatura alta. Dimensões: 13,7 cm de largura e 9,2 cm de altura. Documento em boas condições. Informações impressas na margem inferior da face da imagem: "PE – Foto-Postal Colombo – 177", à esquerda, e "Avenida 7 Setembro – Petrópolis Est. do Rio", à direita.]

- 43* -

Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1953.

Aos queridos amigos Gilberto, Magdalena e filhos

Abraço muito^[562] afetuosamente, agradecendo e retribuindo os votos de Ano Bom.

Manuel

* [Classificação original (FGF): doc 28. Cartão de apresentação pessoal. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação, na margem inferior do trecho manuscrito: "Rio, 1.1.53". Papel amarelado, de gramatura alta. Página única manuscrita. Dimensões: 11,25 cm de largura e 7,35 cm de altura. Documento em boas condições. Informações impressas na margem superior esquerda: "Manuel Bandeira – Av. Beira Mar, 406 – Ap. 409".]

⁵⁶² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "m^{to}".]

- 44* -

Rio de Janeiro, 15 de março de 1953.

MANUEL ~~BANDEIRA~~

AV. BEIRA MAR, 406 – APTO 409

envia a

Gilberto e a Magdalena as suas saudades, abraçando-os pelo dia 15 e desejando-lhes muitos anos de felicidade.

* [Classificação original (FGF): doc 29. Cartão de apresentação pessoal. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação na margem inferior do trecho manuscrito: "Rio, 15.3.53". Papel amarelado, de gramatura alta. Página única manuscrita. Dimensões: 11,25 cm de largura e 7,35 cm de altura. Documento em boas condições. Informações impressas na margem superior, à esquerda: "Manuel Bandeira – Av. Beira Mar, 406 – Ap. 409".]

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1953.

Meu querido sociólogo,

Aqui tem você, muito canhestramente esquiçada⁵⁶⁴,^[565] a vista que eu tenho do meu novo apartamento no mesmo edifício São Miguel. Estou agora no 8º andar, apartamento^[566] 806. A área é a mesma, o aluguel (perdi a proteção da lei do inquilinato) passou de 650 a 3.000! Mas vale a pena. O sol entra de manhã pelo quarto adentro e vai [puxar] as roupas no armário ao fundo. A paisagem é como uma feijoada completa: tem de [um] tudo – aeroporto com aviões entrando e saindo a cada momento, um portozinho de caíques e moles de regatas, lanchinhas e *motor-boats* e até uma casinha lacustre com cão de guarda: é a água que você^[567] vê no primeiro plano. [Disponha].

* [Classificação original (FGF): doc 30. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Desenho de autoria de Manuel Bandeira na parte superior da folha. Datação: "Rio, 26.10.53". Papel amarelado, de gramatura média. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 20 cm de largura e 26,5 cm de altura, sendo de 13 cm a altura do desenho, localizado na parte superior da folha. Documento em boas condições.]

⁵⁶³ Esta carta está reproduzida no Caderno de Ilustrações.

⁵⁶⁴ O verbo "esquissar" não se encontra em edições brasileiras recentes de dicionários da língua portuguesa. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), porém, registra o substantivo "esquisso", que significa, no campo das artes plásticas, croqui. Palavra relacionada etimologicamente à palavra francesa "esquisse", que significa primeira forma de um desenho; esboço, ensaio. O vocábulo é considerado um galicismo pelos puristas, que sugeriram em seu lugar "esboço, bosquejo, rascunho, debuxo".

⁵⁶⁵ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁵⁶⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "apartam^{to}".]

⁵⁶⁷ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "v.".]

Um abraço do velho amigo

Flag

- 46 -

Rio de Janeiro, 29 de março de 1954.

Estou à espera de minha *Aventura e Rotina*⁵⁶⁸. O Roquette, que já leu o livro, me disse: “Que presente bonito você ganhou!”

Receba um grande abraço do seu muito^[569] grato e desvanecido

Manuel

• [Classificação original (FGF): doc 31. Cartão de apresentação pessoal. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação, na margem inferior do trecho manuscrito: “Rio, 29.3.53”. Papel amarelado, de gramatura alta. Frente e verso manuscritos. Dimensões: 6,8 cm de largura e 5 cm de altura. Documento em boas condições. Impressão localizada no centro: “MANUEL BANDEIRA”.]

⁵⁶⁸ Cf. FREYRE, **Aventura e rotina**, 1953. O livro traz a seguinte dedicatória: “A Manuel Bandeira / Sem quê nem para quê, só por pura e velha amizade”. O poeta é também uma referência constante ao longo da obra.

⁵⁶⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m^{to}”.]

- 47* -

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1954.

Caro Gilberto,

A portadora destas linhas – Pilar Vázquez Cuesta⁵⁷⁰ – é uma bolsista da Espanha, muito interessada em nossa cultura (co-autora, com os irmãos Pórto, de um livro *Tres poetas del Brasil*⁵⁷¹), pessoa muito de minha amizade e estima. Vai agora visitar o Recife, e eu vim pedir-lhe que a receba em sua casa, que a apresente aos nossos amigos, de sorte que ela possa conhecer o que há de melhor em nossa terrinha.

Receba por ela um grande abraço do velho amigo

Bandeira^[572]

* [Classificação original (FGF): doc 32. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: "Rio, 21 de julho 54". Papel amarelo esverdeado, de gramatura alta. Uma folha, duas páginas manuscritas. Uma folha de 32,5 cm de largura dobrada ao meio, perfazendo quatro páginas (frente e verso). Primeira face: verso da página dois e página um. Segunda face: verso da página um e página dois. Dimensões: 16,2 cm de largura e 20,5 cm de altura. Documento em boas condições. No centro da segunda página manuscrita, encontram-se as palavras "De Manuel Bandeira", escritas com lápis grafite, com provável intuito de catalogação.]

⁵⁷⁰ Pilar Vázquez Cuesta (1926-), professora da Universidade de Santiago de Compostela e tradutora, escreveu, com Maria Albertina Mendes da Luz, a *Gramática da Língua Portuguesa* (VÁSQUEZ CUESTA, P.; LUZ, M.A. **Gramática da língua portuguesa**. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Lisboa: Edições 70, 1971.).

⁵⁷¹ Pilar Vázquez Cuesta participou da tradução e apresentação do livro: *TRES poetas del Brasil*: Bandeira, Drummond Schmidt. Traducción y prólogo de Leonidas Sobrino Porto, Pilar Vazquez Cuesta, Vicente Sobrino Porto. Madrid: Estaees 1950).

⁵⁷² [O nome "Manuel Bandeira" encontra-se logo abaixo da assinatura.]

- 48* -

Rio de Janeiro, 9 de maio de 1956.

Gilberto,

A minha cabeça está pronta, com pedestal e tudo. Creio que ficou boa obra. O Celso Antonio⁵⁷³ pediu-me que pedisse a você uma inscrição para ser gravada no granito do pedestal: quatro ou cinco palavras (não podem ser muitas). A mim também agradará muitíssimo que essas palavras sejam de sua autoria.

O meu septuagésimo foi comoventemente festejado. Os amigos me deram uma vitrola espetacular – *high fidelity* –^[574], um rádio de cabeceira, e ainda sobraram vinte contos que transformaram num crédito na Casa Palermo para eu tirar discos. De Portugal o franciscano Armindo Augusto me trouxe uns vinhos e dois queijos da Serra da Estrela – adoro queijo da Estrela, tenho comido queijo p’ra me acabar: é o que se leva desta vida – queijo da Serra de Estrela!

Quanto à literatura, participo-lhe que acabo de traduzir *Macbeth*⁵⁷⁵ e traduzo neste momento *La machine infernale*⁵⁷⁶ de Cocteau, ambos para o TBC⁵⁷⁷.

* [Classificação original (FGF): doc 33. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “Rio, 9 maio 1956”. Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 20,4 cm de largura e 26,3 cm de altura. Documento em boas condições. Na margem superior da página manuscrita, encontram-se as palavras “Poeta Manuel Bandeira”, escritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, com provável intuito de catalogação.]

⁵⁷³ Celso Antônio Silveira de Menezes (1896-1984), pintor, escultor e professor. Considerado um artista plástico representativo do Modernismo, foi convidado por Lúcio Costa para ser professor de escultura na Escola de Belas Artes, foi colega de Portinari quando professor na Universidade do Distrito Federal e realizou inúmeras encomendas oficiais, como as esculturas para o prédio do Ministério da Educação e Saúde durante o governo Vargas. Dentre suas obras mais conhecidas, estão *A moça reclinada*, *Moça ajoelhada* e o busto de Getúlio Vargas, no prédio do atual Palácio Gustavo Capanema (antigo prédio do MEC), assim como a cabeça de Manuel Bandeira, provável assunto desta carta, disposta diante do Espaço Pasárgada (v. Figuras 58 e 59).

⁵⁷⁴ [Travessão indicando fechamento de período inserido nesta edição.]

⁵⁷⁵ SHAKESPEARE, W. *Macbeth*. Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961.

Mande notícias. Há muito não as recebo. É certo que você^[578] vai à Europa agora?

Aceite, com Magdalena e os filhos, as saudades e um grande abraço do

Bandeira

⁵⁷⁶ COCTEAU, J. **A máquina infernal**: peça em quatro atos. Tradução de Manuel Bandeira. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁵⁷⁷ O TBC – Teatro Brasileiro de Comédia – foi criado em 1948 por Franco Zampari, italiano radicado no Brasil desde 1922, e um grupo de empresários de São Paulo. Considerado um dos grandes renovadores do teatro brasileiro, possibilitou a profissionalização de atores, diretores, dramaturgos, técnicos etc. Dentre os jovens atores do TBC, estavam Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Fernanda Montenegro, Cleyde Yáconis, Paulo Autran e Tônia Carrero. A encenação, num primeiro momento, foi levada a cabo por europeus, como Adolfo Celi, Ziembinski, Faminio Bollini Cerri e Gianni Ratto, que trabalharam com autores como Sófocles, John Gay, Goldoni, Pirandello, Tennessee Williams e Arthur Miller. Posteriormente, num último momento, brasileiros como Flávio Rangel e Antunes Filho passaram a se encarregar das encenações, com textos de Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri e Jorge Andrade. Em 1949, Zampari inicia a expansão das atividades com a criação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, e ambos são fechados em 1964. O TBC é considerado um marco na história do teatro no Brasil, pela profissionalização das atividades, pelo domínio técnico e pela qualidade de sua produção artística.

⁵⁷⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafa: “v.”.]

- 49* -

Rio de Janeiro, 19 de maio de 1956.

Gilberto,

Muito desvanecedoras as palavras sugeridas por você para o pedestal. Tenho, porém, contra elas duas objeções:

1º – aquilo “ser maior poeta” suscita susceptibilidades;

2º – o auxílio pedido à Assembléia pelo Nilo Pereira⁵⁷⁹ implica adesão de todo o meu querido Pernambuco⁵⁸⁰. Se puséssemos assim:

DE PERNAMBUCO

A

MANUEL BANDEIRA,

O POETA DE

EVOCAÇÃO DO RECIFE^[581]

* [Classificação original (FGF): doc 34. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Datação: “Rio, 19 de maio 56”. Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 20,4 cm de largura e 26,3 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁷⁹ Nilo de Oliveira Pereira (1909-1992), advogado, jornalista, professor, escritor e político. Trabalhou para jornais de Recife como *Jornal do Commercio* e *Folha da Manhã*. Exerceu inúmeros mandatos como deputado estadual. De sua obra, destacam-se *O período regencial brasileiro* (1939), *Camões e Nabuco* (1949), *Província e Academia* (com Mauro Mota, 1954), *Elogio do poeta morto* (1954), *O destino das faculdades de filosofia na Universidade* (1957), *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil* (1966), *Ensaio de História Regional* (1972) e *Pernambucanidade* (3 vols., 1977), dentre outros.

⁵⁸⁰ A cabeça de bronze de Manuel Bandeira, de autoria de Celso Antônio, acabou gerando celeuma na cidade, polêmica esta registrada nos jornais da época, como afirma o estudioso da obra de Freyre e Bandeira Edson Nery da Fonseca (FONSECA, E.N. da. Morte e estrelas em Manuel Bandeira. *NordesteWeb*, 28 maio 2001). Apoiando-se na Constituição do Estado de Pernambuco, o jornalista Mário Melo fez campanha para que a mesma não fosse colocada em via pública, uma vez que, segundo a lei estadual, era proibido nome de pessoas vivas em ruas e praças. A escultura, encomendada pela Assembléia Legislativa de Pernambuco, acabou sendo paga por Odilon Ribeiro Coutinho. Entristecido com o episódio, Manuel Bandeira não compareceu à inauguração da cabeça (chamada, erroneamente, como bem lembra Fonseca, de busto), deixando registrado o episódio em seu poema “Recife”, datado de 20 de março de 1963: “Há que tempo que não te vejo! / Não foi por querer, não pude, / Nesse ponto a vida me foi madrastra, / Recife. // Ah Recife, Recife, non possidebis ossa mea! / Nem os ossos nem o busto. / Que me adianta um busto depois de eu morto? / Depois de morto não me interessará senão, se possível / um cantinho no céu, / ‘Se o não sonhavam’, como disse o meu querido João de Deus, / Recife.” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.334). Cabeça de Manuel Bandeira, em frente ao Espaço Pasárgada e com réplica na Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre no Caderno de Ilustrações.

Mande a sua impressão pela volta do correio.

Parabéns pela viagem à Europa, sobretudo pela visita a Oxford. Desejo a você e Magdalena ares de rosas, ida e volta, e feliz estada lá.

Grande abraço

Baby Flag

- 50• -

CADOGAN HOTEL

SLOANE ST.

LONDON S. M. L.

Recife, 23 de maio de 1956.

Caro Flag

Respondo às pressas – já sob o nervosismo da véspera de viagem, deixando os filhos, o velho Freyre, o Recife, Pernambuco, o Brasil – a sua carta. As palavras que você^[582] sugere são boas porém me parecem, para o caso, e dentro das convenções, frias. Além disso, no caso, Pernambuco me parece representar não expansão^[583] porém restrição^[584] da homenagem. O Recife é capital do Nordeste e não apenas de Pernambuco. Sua grande ligação visível é com o Recife, embora eu saiba que no íntimo você^[585] é, como eu sou, muito pernambucano. Daí não aderir inteiramente à sua sugestão. Susceptibilidade quanto ao maior? De quem, Santo Deus? Quando foi que o Recife produziu poeta que chegasse à altura do seu umbigo? Dentre os mais jovens também não vejo nenhum com a possibilidade de ultrapassar essa medida. Repito, entretanto, que suas palavras extremamente simples me parecem boas. Mas como lhe disse na

* [Classificação original (FCRB): 220. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta azul de ponta grossa. Datação: "Recife – 23 maio 1956". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, duas páginas (frente e verso). Dimensões: 14,60 cm de largura e 25 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁸² [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "v.."]

⁵⁸³ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁵⁸⁴ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁵⁸⁵ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "v.."]

outra carta, ando me reconciliando com Acácio em vários assuntos. E no caso, Acácio diria: – bem, não sei ao certo, o que Acácio diria.

Abraços do

Gilberto

- 51^{♦586} -

Sr.

Gilberto Freyre

R. Dois Irmãos 320

(Apipucos)

Recife

Brasil

Paris, 28 de setembro de 1957.

Gilberto,

Minha escapada à Europa tem se saído bem, salvo a gripe que apanhei em Londres (acho que foi a asiática, tive que entrar na penicilina). Estou aqui desde o dia 24 e volto já a Holanda no próximo dia 2⁵⁸⁷. Ao Brasil no dia 24 de outubro. Adorei a Holanda. O tempo me

♦ [Classificação original (FGF): doc 36. Cartão-postal de "*Chimères de Notre-Dame – Le Rongeur*". Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro azul. Datação, na margem inferior do trecho manuscrito: "28.9.57". Papel amarelado, de gramatura alta. Dimensões: 14 cm de largura e 8,8 cm de altura. Documento em boas condições. Informações impressas na face manuscrita: "203 Paris – Chimères de Notre-Dame – Le Rongeur", no alto à esquerda; "Editions Chantal, 74, Rue des Archives – Paris", ao centro, inclinado; e selo e carimbo com inscrição "Paris 96 – 16h-15; 28-9;1957; R. Cluck (9^a)", à direita.]

⁵⁸⁶ Cartão-postal reproduzido no Caderno de Ilustrações.

⁵⁸⁷ De 31 de julho de 1956 a primeiro de setembro de 1957, Bandeira realizou viagem à Europa em navio, que está registrada no "Diário de Bordo", publicado em *Flauta de Papel* (1956).

tem favorecido, variável mas com muitos^[588] dias bonitos. Já estive com Cícero e o Vinicius. Cícero tem me ajudado muito^[589] com o seu Chevrolet. Adeus, mestre. Receba com Madalena e os meninos um abraço de

Baby Flag

⁵⁸⁸ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m^{tos}”.]

⁵⁸⁹ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m^{to}”.]

- 52* -

Rio de Janeiro, 15 de março de 1960.

Gilberto,

Vejo aqui no meu *Birthday Book* que hoje é dia dos seus anos. Venho trazer-lhe o meu abraço, tanto mais afetuoso quanto sei que você andou menos bem de saúde. Li nos jornais que você foi operado na garganta. Espero que tudo já pertença ao passado e que você tenha entrado na nova primavera livre de micróbios que o impediram de viajar para a Europa.

Tenho acompanhado com tristeza o drama das inundações no Nordeste. Por aqui também as tem havido. Tivemos um verão muito chuvoso e com freqüentes ondatadas de frio. O calor foi, por isso, bastante suportável. No entanto o serviço de meteorologia havia prognosticado um verão quentíssimo. Fiquei tão assustado que comprei um aparelho de refrigeração. E quase não tem funcionado!

Nosso amigo Chateaubriand⁵⁹⁰ continua em alternativas. Melhora e piora. Já estive uma vez na casa de saúde. Mas ninguém o pode ver. Conversa com Athayde⁵⁹¹:

— Para um temperamento como o dele, sem recuperação completa é melhor morrer.

— Mas para nós será terrível. Vai haver luta.

* [Classificação original (FGF): doc 38. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação: "Rio, 15.3.60". Papel azul claro amarelado, de gramatura baixa. Duas folhas, duas páginas manuscritas. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁹⁰ Em 1960, Assis Chateaubriand sofreu uma trombose que o deixou paralisado e com dificuldades de comunicação; ainda assim, trabalhou até sua morte, ocorrida em 4 de abril de 1968. Deixou os *Diários Associados* para um grupo de 22 funcionários, o que pode ter suscitado problemas com seus herdeiros.

⁵⁹¹ Austregésilo de Athayde (1898-1993), escritor e jornalista. Foi uma das principais figuras atuantes nos *Diários Associados* e ocupou, por 34 anos, a presidência da ABL (1959-1993).

— Luta?

— O Fernando não se conformou com a doação e irá a juízo⁵⁹².

Mande notícias – as melhores, desejo. Aceite com Magdalena as minhas saudades

M.

⁵⁹² Com a instituição dos Diários Associados, tendo à frente Assis Chateaubriand, ficou firmado que seu grupo dirigente seria formado por um condomínio acionário de 22 cotas fixas, não transmissíveis sequer por herança, distribuídas entre funcionários da empresa que mostrassem destacado desempenho profissional. É possível que o referido diálogo versasse sobre a limitação dos direitos dos herdeiros de Assis Chateaubriand.

- 53* -

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1961.

Meu caro Gilberto,

Só muito tarde tive notícias, pelo Antiógenes, do falecimento do velho Freyre. Pensei muito em você e no Ulysses. Lembrei-me com vivas saudades daqueles dias que passei no Karrapicho com seu pai e sua mãe. Mando-lhe após o meu abraço de pesar.

Joanita andou por cá em visita à mãe, cuja saúde vai declinando devido à arteriosclerose cerebral. Tem a nossa querida Fredy perdido a memória, o que freqüentemente produz estados de confusão. Isso me põe apreensivo e triste. Por outro lado, os acontecimentos políticos recentes (da renúncia de Jânio⁵⁹³) me deprimiram bastante. Que Brasil este! Como é difícil amá-lo! Entreguei os pontos: seja o que Deus quiser.

* [Classificação original (FGF): doc 39. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação, na margem inferior da página, após a assinatura: "Rio, 8.9.61". Papel azul claro amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 21,5 cm de largura e 28 cm de altura. Documento com mancha no centro.]

⁵⁹³ Referência a Jânio da Silva Quadros (1917-1992), advogado, professor e político. Assumiu os cargos de vereador por São Paulo em 1948, de deputado estadual pelo estado de São Paulo em 1951, de prefeito pela cidade em 1953 e de governador pelo estado em 1955, empunhando, sempre, a bandeira da moralização dos serviços públicos. O governo de Juscelino Kubitschek favoreceu o crescimento econômico de São Paulo, o que provavelmente influenciou o desempenho de Jânio na disputa eleitoral de 1960, ao lado de João Goulart. Críticas suas ao governo de Juscelino, medidas poucos populares como cortes no funcionalismo público e a aproximação com países socialistas antecederam sua renúncia no mesmo ano da posse, 1961. Filiou-se ao PTB em 1980, foi governador de São Paulo entre 1986 e 1988 pelo partido e filiou-se, em 1989, ao PSD (Partido Social Democrata). Manoel Correia de Andrade analisa da seguinte forma seu mandato como Presidente da República: "O candidato do PSD, que se caracterizou por sua inabilidade política, o gen. Teixeira Lott, foi fragorosamente derrotado pelo candidato udenista Jânio Quadros, que, representando um partido ultra-oligárquico, usava uma linguagem populista. Na presidência ele realizou uma série de jogadas dúbias, apresentando-se como interessado em uma maior aproximação com os países africanos e com a área socialista – chegando a condecorar o guerrilheiro cubano Che Guevara –, favorecendo, ao mesmo tempo, a burguesia nacional e o capital estrangeiro. Preocupou-se com coisas de pouca importância e desenvolveu uma política moralizadora – de grande simpatia para a classe média –, descuidando dos grandes problemas

Receba, com Magdalena e os filhos, o meu constante afeto.

Bandeira

- 54• -

*Rio de Janeiro, janeiro de 1962.*⁵⁹⁴

GILBERTO FREYRE DOIS IRMÃOS

320 – APIPUCOS RECIFE PE

RECEBA COM MADALENA E FILHOS / O MEU DESOLADO ABRAÇO.

PERDA NOSSO QUERIDO ULYSSES MANUEL BANDEIRA

• [Classificação original (FGF): doc 40. Telegrama. Sem datação. Papel amarelo, de gramatura alta, com timbre do "Departamento dos Correios e Telégrafos". Dimensões: 20,6 cm de largura e 19 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁹⁴ A datação foi inferida pela data da morte de Ulysses, irmão de Gilberto Freyre, em janeiro de 1962.

- 55⁵⁹⁵ -

Sr.

Gilberto Freyre

R. Dois Irmãos 320

(Apipucos)

Recife

Pernambuco

Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1963.

A Magdalena e Gilberto, com as minhas grandes saudades, envio os meus votos de bons anos.

Quando dará um ar de suas graças por aqui?

Queremos tomar conhecimento do casal logo com o aspecto de vovôs⁵⁹⁶. Grande abraço do velho

Baby Flag

* [Classificação original (FGF): doc 41. Cartão-postal com imagem de retrato de Jan Six, feita por Rembrandt. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação, na margem inferior do trecho manuscrito: "25.XII.63". Papel amarelado, de gramatura alta. Dimensões: 14,9 cm de largura e 10,5 cm de altura. Documento em boas condições. Informações impressas na margem inferior à esquerda na face manuscrita: "erie I. N° 11 – Burgemeester Jan Six – (Rembrandt, B. 285) – Jan Six". Cartão-postal com selo datado de seis de janeiro de 1964.]

⁵⁹⁵ Cartão-postal reproduzido no Caderno de Ilustrações.

⁵⁹⁶ Manuel Bandeira provavelmente se refere aqui à neta de Gilberto e Magdalena Freyre, Ana Cecília, filha de Sonia. Antônio Alves Pimentel Filho e Sonia Freyre tiveram dois filhos, Ana Cecília e Antônio.

- 56* -

Rio de Janeiro, 23 dezembro de 1965.

Meu caro Gilberto,

Receba com Madalena os meus agradecimentos pelo cartão de Natal e Ano Bom. A todos vocês desejo saúde e alegrias em 66.

Você me deu um alegrão. Eram as palavras que escreveu para a nova edição de minhas *Poesias Completas*. O Daniel⁵⁹⁷ mostrou-me ontem (almocei lá). Achado ótimo e bem dos seus melhores aquela aproximação do oito e do oitenta. Estou desvanecedíssimo.

Como vão vocês de calor aí? Aqui está uma coisa tremenda! Há 68 anos que moro no Rio e nunca senti calor maior. Mas fisicamente vou resistindo bem. O moral é que anda muito baixo: depois da perda de M^{me} Blank, amiga incomparável, perdi o mês passado outra muito

* [Classificação original (FGF): doc 42. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação: "Rio, 23 dezembro 1965". Papel amarelado, de gramatura baixa. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 19,9 cm de largura e 25,7 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁹⁷ Referência a Daniel Joaquim Pereira, irmão de José Olympio. Sobre sua presença na livraria e editora do irmão, diz Lucila Soares: "A essa altura, os irmãos de José Olympio estavam incorporados à editora fundada pelo primogênito. [...] Daniel, nascido em 1914, incorporou-se ao staff da editora em 1936, quando se formou em Direito (ele foi o único dos irmãos a concluir o curso superior). Ao se mudar para o Rio, tornou-se o braço direito de J. O. Daniel (Beléo, em família) cuidava da produção editorial. Encomendava a datilografia dos originais, supervisionava a revisão, cuidava dos contratos com as gráficas. [...] Volta e meia sugeria (às vezes, impunha) mudanças nos títulos. Por interferência sua, Alceu Amoroso Lima trocou *Três ensaios de psicologia diferencial por Idade, sexo e tempo*. E Graciliano Ramos não lançou *O mundo coberto de penas*, e sim *Vidas secas*." (SOARES, **Rua do Ouvidor 110**, 2006, p.80). A estreita relação entre Daniel Pereira e os autores da José Olympio pode ser notada pelo volume da correspondência, ainda inédita, entre este e Gilberto Freyre.

querida e que era um refúgio nas horas de tempestade – a Dulce Pontes (a que figura na minha *Antologia dos bissextos* sob o pseudônimo Lucila Godoy)⁵⁹⁸.

Grande abraço do velho amigo

Manuel

⁵⁹⁸ Manuel Bandeira usou as seguintes palavras para apresentar a poeta Lucila Godoy na sua *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*: “Publicou alguns poemas curtos em *Revista Brasileira*, número de março de 1945. A nota da redação informava: ‘Nascida em Niterói. Tem em preparo um romance. Res.: Rua Evaristo de Veiga, 47-A, Rio’. Tudo indicava tratar-se de uma autêntica bissexta, desde o nome, que não parecia seu nome verdadeiro (Lucila Godoi é, sim, o nome verdadeiro de Gabriela Mistral). Como quer que seja, merece ‘presa en laurel la planta fugitiva’ desta ‘Marola’, com o seu ritmo embalador, e desta ‘Tentação’, tão suavemente feminina.’ Isso escrevemos na primeira edição desta antologia. Agora podemos revelar que o nome verdadeiro da autora é Dulce Ferreira Pontes.” (BANDEIRA, **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**, 1964, p.105). A antologia ainda traz os poemas “Tentação”, “Marola” e “Terceto de junho”.

- 57• -

Teresópolis, 20 de março de 1966.

Caro Gilberto,

Estou lhe escrevendo de Teresópolis, aonde vim recuperar as forças perdidas durante o verão, o mais arrasador e prolongado que vi no Rio nos setenta anos que vivo lá. Os médicos me aconselharam ir para a montanha por duas ou três semanas – Petrópolis ou Teresópolis. Vera, irmã do Rodrigo, pôs à minha disposição a casinha dela no alto de Teresópolis e eu subi com a Lourdes no fim de fevereiro e descemos no fim de março. Tenho apreciado enormemente a estada aqui: há que tempo eu não me via cercado de verde, há que tempo eu não desfrutava o prazer de avistar um cavalo solto pastando na rua!

Assim estou me fortalecendo para enfrentar as maçadas do próximo 19 de abril. A duas solenidades não poderei furtar-me: sessão da Academia e almoço na José Olympio. Haverá nas proximidades de data lançamento de várias reedições e uma edição do livro novo; este é de prosa escrita depois da edição Aguilar (1958)⁵⁹⁹; a reedição das *Poesias Completas*⁶⁰⁰, incluindo traduções e o *Mafuá do Malungo* aumentado –, ambos os volumes sairão da José Olympio e que também lançará um livro biográfico do Stefan Baciú⁶⁰¹. A

* [Classificação original (FGF): doc 43. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação, na margem inferior da segunda página, após a assinatura: "20 de março de 1966". Papel amarelado, de gramatura baixa. Duas folhas, duas páginas manuscritas. Dimensões: 19,8 cm de largura e 26,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁵⁹⁹ É possível que Manuel Bandeira se refira à coletânea de crônicas *Andorinha, andorinha* (1966), com seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade.

⁶⁰⁰ BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. Edição comemorativa do octogésimo aniversário do poeta.

⁶⁰¹ BACIU, S. **Manuel Bandeira de corpo inteiro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. (Coleção Documentos Brasileiros, 122). 181 p.

Editora do Autor reeditar a *Antologia Poética*⁶⁰², o *Itinerário de Pasárgada* e uma seleção de crônicas sob o título *Os Reis Vagabundos*⁶⁰³ com a declaração “Seleção de Rubem Braga aprovada pelo autor”. As *Edições de Ouro*⁶⁰⁴ (livros de bolso) também lançará uma pequena antologia poética (umas cento e dez poesias) sob o título *Meus poemas preferidos*⁶⁰⁵. Com os direitos autorais que vou receber poderei completar o pagamento de uma casinha que comprei aqui para passar os possíveis verões que ainda viverei.

Subi para aqui às pressas, sem trazer meus papéis, de sorte que, sem o meu *Birthday Book*, deixei passar o dia 15 sem lhe mandar o meu abraço pelo seu aniversário. Aqui lhe mando ele com os melhores votos de felicidades e alegrias. Gostei muito de almoçar na José Olympio com a Sonia Maria e o marido, que me pareceu muito⁶⁰⁶ simpático. Quem me lembrou o seu aniversário foi o João Condé⁶⁰⁷, que subiu a Teresópolis para colher dados destinados a uma página do *Cruzeiro* relativa ao meu octogésimo.

Adeus, meu velho. Receba com Madalena um afetuoso abraço e as grandes saudades do

Flag

⁶⁰² BANDEIRA, M. **Antologia poética**. Edição aumentada. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1961.

⁶⁰³ BANDEIRA, M. **Os reis vagabundos e mais 50 crônicas**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966.

⁶⁰⁴ [Sublinhado no manuscrito autógrafo.]

⁶⁰⁵ BANDEIRA, M. **Meus poemas preferidos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

⁶⁰⁶ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: “m^{to}”.]

⁶⁰⁷ João Ferreira da Silva Limeira Pepeu Condé, jornalista especializado na área cultural, escritor, adido cultural do Brasil em Lisboa e fundador do *Jornal de Letras*, no Rio, com seus irmãos José e Elysio. Condé teve fundamental importância para que o *Itinerário de Pasárgada* fosse publicado, como explica Bandeira no início de sua autobiografia: “Confesso que já me vou sentindo bastante arrependido de ter começado estas memórias. Fi-lo a instâncias de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. O compromisso que assumi com eles nada tinha de irrevogável, porque um e outro são criaturas humanas, compreensivas. Mas a revista a que eles se destinavam gorou, e quando eu dei por mim, estava nas mãos do João Condé, amigo sabidamente implacável, que me faz viver trabalhando para os seus Arquivos [de *O Cruzeiro*] e para o *Jornal de Letras*, valendo-se para isso dos expedientes mais inconfessáveis, como sejam a sua simpatia pessoal, a televisão, o nome de Caruaru etc. (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.39).

- 58* -

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1966.

Meu caro Gilberto,

Soube agora pelo que verifiquei que você estava pronto a se candidatar à Academia na vaga do Maurício de Medeiros⁶⁰⁸, mas que à vista da candidatura do José Américo⁶⁰⁹ você não se apresentaria. Aprovo-o.

Fiquei muito^[610] satisfeito de saber que futuramente podemos chamá-lo com aceitação sua. Venha, seu mano. A Academia não é cenáculo, nem isto, nem aquilo: é uma casa de família onde às quintas a gente tem a certeza de encontrar alguns amigos queridos e você é um deles que está faltando terrivelmente.

Grande abraço para você e Madalena.

Baby Flag

* [Classificação original (FGF): doc 44. Carta. Manuscrito autógrafo com caneta esferográfica azul. Datação, na margem inferior da página, após a assinatura: "Rio, 13.7.1966". Papel amarelado, de gramatura alta. Timbre da "Livraria José Olympio Editora" na margem superior esquerda. Uma folha, uma página manuscrita. Dimensões: 17,6 cm de largura e 26,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

⁶⁰⁸ Maurício Campos de Medeiros (1885-1966), médico, político, professor, jornalista, Ministro da Saúde nos governos de Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek, escritor e membro da ABL, eleito e empossado em 1955. Publicou *Peço a palavra* (1924), *Segredo conjugal* (1933), *Idéias, homens e fatos* (1934) e *Homens notáveis* (1964).

⁶⁰⁹ José Américo de Almeida foi, de fato, o ocupante da cadeira 38 da ABL, eleito no dia 27 de outubro de 1966 e sucedendo a Maurício de Medeiros. Sua posse foi no dia 28 de junho de 1967, tendo sido recebido pelo acadêmico Alceu Amoroso Lima.

⁶¹⁰ [Forma da palavra abreviada no manuscrito autógrafo: "m^{to}".]

- 59* -

Gilberto,

Afinal vai uma carona para a Província. Desculpe a demora. Ando numa preguiça safada e farto “das letras”, salvo de meus versinhos que faço uma vez ou outra.

Iná anda braba com você porque não escreveu nada ao Prudente. Não quer mais saber da Província. Escreva!

Abraços do

Flag.

* [Classificação original (FGF): doc 46. Bilhete. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Sem datação. Papel amarelado, de gramatura alta. Uma folha, uma página. Dimensões: 21,5 cm de largura e 13,1 cm de altura. Documento em boas condições.]

- 60⁶¹² -

ENCOMENDA DE BANDEIRA / CAVIEDES – *EL DIENTE DEL PARNASO*⁶¹³. / MARIÁTEGUI
(JOSÉ CARLOS) – *SIETE ENSAYOS DE INTERPRETACIÓN DE LA REALIDAD PERUANA*⁶¹⁴

Estive aqui às 10h para abraçá-los: Muito boa viagem e até a volta...

Manuel

* [Classificação original (FGF): doc 48. Bilhete. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Sem datação. Papel amarelado, de gramatura média. Folha datiloscrita com fita vermelha e preta com a seguinte informação: "Encomenda de Bandeira / Caviedes – *El Diente del Parnaso*⁶¹¹. / Mariátegui (José Carlos) – *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*". Uma folha, uma página. Dimensões: 20,8 cm de largura e 14,1 cm de altura. Documento em boas condições. Anotações diversas com lápis grafite, grafia de Gilberto Freyre.]

⁶¹² Segundo documentação organizada pela Fundação Gilberto Freyre, intercalada entre o bilhete manuscrito de Manuel Bandeira de número 59 e o bilhete manuscrito de Manuel Bandeira de número 60, está uma folha datiloscrita, não transcrita aqui, que coincide com o final da Carta 30, de Manuel Bandeira, datada de 23 de março de 1939. Provavelmente esta folha foi copiada com intuito de catalogação e posteriormente anexada como parte da correspondência passiva de Gilberto Freyre.

⁶¹³ VALLE Y CAVIEDES, Juan del. **Diente del Parnaso**: manuscrito de la Universidad de Yale. Edición, introducción y notas de Luis Garcia-Abrines Calvo, con la colaboración de Sydney Jaime Muir den. [Jaén]: Diputación Provincial de Jaén, [1993?]. 444 p. A obra *Diente del Parnaso*, considerada a mais importante do poeta espanhol e peruano Valle y Caviedes (1652-1692), satiriza a Medicina e os médicos do final do século XVII. Hoje é possível encontrar somente 10 cópias do manuscrito original, distribuídas em diferentes bibliotecas e universidades do mundo. A edição preparada por Calvo é tida como a mais rigorosa.

⁶¹⁴ MARIÁTEGUI, José Carlos. **7 ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Lima: Biblioteca Amauta, 1928. 264p. Este livro do jornalista, escritor, político e teórico marxista peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930), considerada a sua obra mais conhecida, passou a ser uma referência para o socialismo latino-americano.

- 61* -

MANUEL BANDEIRA

Que fim levou, bichão?

Vai esta carta para o Magro, e para você, das Dores e rebentos, abraços e felicitações de Ano Bom.

* [Classificação original (FGF): doc 49. Cartão de apresentação pessoal. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro preta. Sem datação. Papel amarelado, de gramatura alta. Uma folha, uma página, colada em outra folha de gramatura alta, como etapa de procedimento de restauro. Dimensões: 7,4 cm de largura e 5,6 cm de altura. Dimensões da folha do restauro: 10 cm de largura e 8,3 cm de altura. Documento em boas condições. Impressão localizada no centro do documento original em letras tachadas: "Manuel Bandeira".]

- 62⁶¹⁵ -

ALFREDO FREYRE – DOIS IRMÃOS 320

APIUCOS RECIFE PE

QUEIRA ACEITAR PREZADO AMIGO AS MINHAS CONDOLÊNCIAS

MANUEL BANDEIRA.

* [Classificação original (FGF): doc 50. Telegrama destinado a Alfredo Freyre. Sem datação. Papel azul amarelado, de gramatura alta. Timbre da “Repartição Geral dos Telégrafos”. Dimensões: 20,7 cm de largura e 17 cm de altura. Documento em boas condições. Carimbo, entre endereço e mensagem, com número 03758.]

⁶¹⁵ O carimbo dos documentos de número 50 e 51 (classificação da FGF), respectivamente 03758 e 03759, permite afirmar que ambos se encontram na sequência. Como o teor parece ser condizente com luto, é provável que Manuel Bandeira os tenha enviado pela ocasião da morte da mãe de Gilberto Freyre, Francisca Teixeira de Melo Freyre, ocorrida em 1943, depois de um longo período de convalescença. Porém, como ainda resta dúvida sobre isso, preferimos mantê-los ao final do conjunto.

- 63⁶¹⁶ -

GILBERTO FREYRE DOIS IRMÃOS 320

APIPUCOS RECIFE PE

RECEBA COM MADALENA UM APERTADO ABRAÇO MANUEL BANDEIRA.

* [Classificação original (FGF): doc 51. Telegrama. Sem datação. Papel azul amarelado, de gramatura alta. Timbre da "Repartição Geral dos Telégrafos". Dimensões: 20,7 cm de largura e 17 cm de altura. Documento em boas condições. Carimbo, entre endereço e mensagem, com número 03759.]

⁶¹⁶ V. nota anterior, de Documento 62.

- 64⁶¹⁷ -

Para o Magro

Abraços

do

Flag

• [Classificação original (FGF): doc 52. Bilhete. Manuscrito autógrafo com lápis grafite. Sem datação. Papel amarelado, de gramatura média, provavelmente retirado de um livro. Emblema do "Institute of International Education – New York". Uma folha, uma página. Dimensões: 14,8 cm de largura e 18,7 cm de altura. Documento em boas condições. Manuscritas com caneta esferográfica azul, grafia de Gilberto Freyre, encontram-se as palavras "Magro = Gilberto Freyre", ao lado da palavra "magro", e "Flag = Manuel Bandeira", ao lado da palavra "Flag". No verso, encontra-se trecho de uma obra em língua inglesa manuscrito com lápis grafite, grafia de Gilberto Freyre.]

⁶¹⁷ É possível que o referido documento, classificado como bilhete, seja uma página recortada de uma dedicatória de um livro de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre.

- 65* -

DR ALFREDO FREYRE

JUSTIÇA FEDERAL

QUEIRA RECEBER E TRANSMITIR A GILBERTO AFETUOSO ABRAÇO

MANUEL BANDEIRA

* [Classificação original (FGF): doc 54. Telegrama destinado a Alfredo Freyre. Sem datação. Papel amarelado, de gramatura média. Timbre do "Departamento dos Correios e Telegraphos". Dimensões: 21,4 cm de largura e 21,4 cm de altura. Documento em boas condições.]

4 TEXTOS SELETOS

Neste capítulo, estão editados textos seletos de Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. São textos que trazem referências um ao outro, permitindo ampliar a leitura da correspondência e flagrar afinidades literárias e ideológicas. A prosa de ambos, em geral, é exemplar de um estilo muito singular, que combina, em maior ou menor medida, retrato literário, ensaio crítico e crônica. Dentre os artigos de Gilberto Freyre que tangencialmente tocam em Manuel Bandeira, há “Ainda Amy Lowell” e “Em defesa da Saudade”. O primeiro, ao focar Amy Lowell numa perspectiva ampla, observa a questão das ressonâncias anglo-americanas presentes em Bandeira, o que permite, por extensão, pensar um pouco o papel do poeta como tradutor, atividade esta constantemente citada nas cartas. O segundo texto possibilita lançar luz sobre a província, na medida em que articula temas como a memória, a expressão autêntica, a saudade, a infância e terra natal. Já de Manuel Bandeira, a crônica “Pernambucano, sim, Senhor”, menos do que focar Gilberto Freyre, vem para reforçar o quanto a ligação com a terra, ancorada pelo tema da província, é especialmente visceral para essa geração, determinando, em alguma medida, a ressonância estética que se torna paradigmática no Modernismo da década de 30. Os demais textos são explicitamente dedicados um ao outro.

Ainda há um conjunto de poemas selecionados, como “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados” e sua outra versão, “Bahia”, ambos de Gilberto Freyre, ao lado dos poemas de Manuel Bandeira “Evocação do Recife”, “Casa-grande & Senzala” e “Auto-retrato”. Nas linhas e nas entrelinhas da obra de ambos – inclusive na correspondência trocada –, bem como na história da relação artística e intelectual entre Freyre e Bandeira, tais poemas são constantemente referenciados.

Finalmente, como os textos foram publicados em diferentes suportes – livros, revistas e jornais –, cada um possuindo, portanto, sua própria história editorial, não houve um critério uniforme de escolha de texto-base que pudesse unificá-los. Procurei, no entanto, para o estabelecimento do texto, partir daqueles que poderiam ser considerados a materialização da última vontade autoral. Quando este procedimento não foi possível – no caso de dificuldade de localização de algum texto – ou não desejável – como no caso do poema “Evocação do

Recife”, que aliás já possui uma excelente edição crítica¹ –, optei por estabelecer como textos-base aqueles que tinham uma função dentro da história editorial de cada autor². Por exemplo, no caso de “Evocação do Recife”, como o maior elo entre Freyre e Bandeira foi justamente a edição do poema no *Livro do Nordeste*, preferi estabelecer como texto-base essa edição, de forma que o leitor possa ter acesso ao poema na sua versão tal como discutida na primeira carta trocada entre os autores³. Inclusive procurei respeitar sempre a disposição gráfica dos poemas. Nos textos de Bandeira, duas edições foram particularmente buscadas para a definição do texto-base: a primeira edição de *Andorinha, andorinha*, com seleção de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1966, e *Estrela da vida inteira*, edição de 1966⁴. A edição da Aguilar de 1967⁵ não tem sido tomada como referência, apesar de ser a última publicada em vida pelo autor, uma vez que, por conta de deslizes editoriais, a situação textual apresentada não parece reproduzir, de modo confiável, a última vontade Bandeira. Com relação aos textos de Gilberto Freyre, os textos-base foram estabelecidos a partir de obras diferentes, pois são vários os títulos que reúnem crônicas e ensaios críticos do sociólogo.

Para cotejo, o número de textos foi variável, os quais foram sempre explicitados em nota de edição em rodapé. Vale dizer que, em sua maior parte, o cotejo foi realizado com primeiras edições. Para dar suporte ao aparato crítico, composto sobretudo por notas de edição entre colchetes, a partir dos mesmos critérios estabelecidos para a edição da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, foi decidido também realçar, ao longo do texto tomado como base, as passagens que se diferenciavam dos textos para cotejo. Assim procedendo, o objetivo foi auxiliar o leitor a localizar, prontamente, os trechos que apresentam variantes com relação a outras edições selecionadas para cotejo⁶. As notas de

¹ BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem : Estrela da manhã** : edição crítica. Coordenação de Giulia Lanciani. [Paris]; Nanterre : Edições UNESCO: ALLCA XX, Université de Paris X, 1998.

² Guimarães, ao discutir a publicação de poemas em periódico, aponta para a importância de se considerarem estes textos como participantes ativos do sistema de organização da obra de um autor. Assim, não se trata apenas de distinguir fases do texto, mas também de olhar a publicação no periódico como participante de uma rede mais ampla de relações. Conclui o pesquisador em seu artigo: “Numa situação limite, seria possível dizer que um poema publicado num jornal e publicado em um livro não é exatamente o mesmo poema ou, pelo menos, não seria lido do mesmo modo.” (GUIMARÃES, Júlio Castañon. Bandeira, Murilo e Drummond em periódicos. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Sússekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.641.).

³ Cf. cap.3, Documento 1, carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre, com datação “Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925”.

⁴ Especificamente a escolha desta edição para o estabelecimento dos poemas de Bandeira foi, por exemplo, adotada para a edição crítica de *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto* (BANDEIRA, M. **A cinza das horas ; carnaval ; o ritmo dissoluto**. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães e Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994. p.25.).

⁵ BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967.).

⁶ A cuidada edição da biografia intelectual de Gilberto Freyre, por Maria Lúcia Pallares-Burke (PALLARES-BURKE, M.L. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005), traz, em Apêndices, dois textos do sociólogo editados de forma semelhante, com grifos simples para as modificações no texto-base e colchetes para destacar as variantes. A solução que encontrei, no que diz respeito à explicitação de modificações no texto-base, parte daquela empregada pela historiadora, com algumas diferenciações.

edição em rodapé, entre colchetes, evidenciam exatamente quais foram as modificações, ou seja, as formas preteridas ou assumidas no correr dos anos.

Será possível observar, ainda, duas atitudes bastante diversas com relação à gênese textual: enquanto os textos de Gilberto Freyre são prolíferos, possuem diversas versões e com diferenças bem visíveis, Manuel Bandeira não costumava reescrever seus textos ou inserir modificações acentuadas. Tal fato mostra que estamos, apesar das afinidades artísticas e ideológicas, diante de estilos bastante diversos, em certo sentido até complementares, de escrita⁷.

Freyre e Bandeira, porém, numa espécie de gozação literária de fundo polemista, publicam na *Revista do Brasil*, com os pseudônimos Esmeraldino Olympio e J. J. Gomes Sampaio, artigos paródicos que interessam não só pelo estilo, mas também pela leitura do contexto literário da época e por mostrar sua atitude irreverente quando o assunto era a tradição parnasiana e a orientação retórica ainda dominante. A crônica “Na academia em 1926”, originalmente publicada na *Revista do Brasil* e posteriormente em *Andorinha*, *andorinha*, é reproduzida tendo como determinação de autoria o pseudônimo coletivo.

Este capítulo também traz dois textos de autoria diversa que têm sua função na economia desta tese. O artigo “Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira”, de Joaquim Cardozo, é um texto crítico de grande sensibilidade que foi publicado no *Livro do Nordeste*. Na primeira carta de Bandeira a Freyre, o artigo é bastante elogiado⁸. Por sua vez, o artigo “Manuel Bandeira, um mestre da vida”, de José Lins do Rego, publicado na *Homenagem a Manuel Bandeira*, de 1936, auxiliou a condução de alguns argumentos do estudo presente no capítulo 2 desta tese. Trazê-los na íntegra poderia ser de interesse especial ao leitor para o aprofundamento dessas “correspondências”, de certo modo, tortuosas entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira.

⁷ Quanto às notas de edição desse capítulo, as reticências que evidenciam cortes efetuados por mim aparecem entre parênteses, de modo a diferenciar dos colchetes envolvendo o texto da nota.

⁸ Cf. cap. 3, Documento 1, com datação “Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925”. São palavras de Manuel Bandeira: “O artigo do Cardozo... Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa dele”. Surpreendentemente, apesar das qualidades indiscutíveis da obra de Cardozo, admirada por poetas como João Cabral de Melo Neto e pelo próprio Bandeira, ainda hoje ela continua dispersa.

4.1 A Propósito de Manuel Bandeira^[9]

Gilberto Freyre

Versos cheios da dolorosa coragem^[10] de ser doente, os versos do Sr. Manuel Bandeira trazem para a nossa pobre poesia toda uma onda de sangue vivo e jovem. Uma^[11] riqueza toda nova de emoção.

Emoção a que não falta “restraint” – antes se agita dentro de certo ritmo grave de latim, por vezes parecido com o de igreja^[12]. É uma voz que se diria educada em Solesmes, a desse brasileiro que canta sem gritar. Voz de acentos como que gregorianos^[13].

Sente-se nos versos do poeta pernambucano, como em certas páginas de Proust, um homem que a emoção da doença aproximou da alma. Daí talvez a sua voz baixa: por ser a de um homem perto da alma.

É o que mais nos afasta a saúde: da alma. Por isso o padre Lapuente escreveu para os enfermos aquele livro delicioso: *La perfección en las enfermedades*¹⁴.

Morre quase ignorante da própria alma o homem que morre sem ter estado, uma vez, longamente doente. Morre quase pagão. Pela doença Beardsley¹⁵ tanto se alongou de corpo que se diria ir partir-se de magro e alto. Mas^[16] a alma de Beardsley também tanto se alongou, durante a fina doença – tanto se alongou para cima – que terminou uma alma cristã. Alongou-se goticamente. Beardsley morreu com os lábios secos beijando um crucifixo.

Do “Rendez-vous With Death” – que homem não sai^[17] o homem novo de que falam as Escrituras?^[18]

⁹ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. A propósito de Manuel Bandeira. In: _____. **Tempo de aprendiz**. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.2, p.177-179; TEXTO PARA COTEJO: FREYRE, G. A propósito de Manuel Bandeira. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 jun. 1925. Consideramos como primeira edição o texto de 23 de junho de 1925, porém o mesmo foi publicado dois dias antes, em 21 de junho de 1925, no mesmo jornal, com incorreções, e, por isso, foi reproduzido posteriormente.]

¹⁰ [Forma da palavra em edição de 1925: “volúpia”.]

¹¹ [Forma da palavra em edição de 1925: “: uma”.]

¹² [Forma do segmento em edição de 1925: “latim de Igreja”.]

¹³ [Forma da frase em edição de 1925: “Voz de acentos gregorianos no seu frescor deliciosamente pessoal”.]

¹⁴ PUENTE, L. de la. **La perfección en las enfermedades**. Madrid: La España Editorial, [1900?].

¹⁵ Aubrey Vincent Beardsley (1872-1898), ilustrador e caricaturista inglês, conhecido pelos seus desenhos eróticos, atuou como editor de arte e se estreitou com o Estetismo inglês, que mantinha relações com os decadentes e os simbolistas. Suas criações estiveram presentes, por exemplo, na peça *Salomé*, de Oscar Wilde, em 1893, em performance francesa, assim como em ilustrações para a edição de luxo de *A morte de Artur*, de Thomas Malory. Sem ter nunca deixado de ser extremamente ativo, morreu com apenas 25 anos de tuberculose.

¹⁶ [Forma do segmento em edição de 1925: “magro: mas”.]

¹⁷ [Forma da palavra em edição de 1925: “sabe”.]

¹⁸ [Este e o próximo parágrafo fazem parte de um único em edição de 1925.]

E não é senão um voluptuoso^[19] noivado com a morte – mais que o “rendez-vous” de um dia – a longa doença. Noivado que eleva o doente; que o refina; que o exalta. À antecipação da noite mística de núpcias ele se sutiliza e afina.

O homem vitoriosamente são, que apenas “flirta” de longe com a morte, expondo-se aos possíveis riscos duma corrida de auto ou dum vôo de aeroplano – esse passa pela vida, virgem de uma de suas maiores volúpias: o místico noivado com a morte que é a longa doença. Assunto de um dos melhores poemas modernos em língua inglesa.^[20]

E entretanto é preciso saber ser doente para que a doença não seja apenas o negativo irritante da saúde. Ou^[21] não reduza o indivíduo à pieguice. É tão preciso saber ser doente como saber ser rico e saber ser poderoso. Há doentes que são uns como novos-ricos: fazem de sua doença um motivo de ostentação. E dizendo-se às vezes doentes do peito gritam que estão doentes como se tivessem peitos de Stentor^{[22], [23]}.

Para o Sr. Manuel Bandeira a emoção da doença é antes uma cultura íntima. De sua “fina e doce ferida” lhe escorre o fio da emoção por alguns versos nada mórbidos ou doentios.

Ninguém lhe vê a ferida^[24]. Ele não desabotoa o casaco nem abre a camisa para ostentar a ferida: sua emoção conhece o pudor. O que se sente nos seus versos é a emoção íntima da doença criando no poeta um estado de alumbramento. Um estado de alumbramento que lhe permite ver uns céus muito seus e muito vivos.^[25]

“Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!
... E vi a via-Láctea ardente
Vi comunhões... Capelas... véus...
Súbito... alucinadamente.”

Mas nesses aparentes olhos de menino em dia de Primeira Comunhão que vêem os céus e a Via-Láctea ardem volúpias em torno de coisas da terra. Requeimes em que ardem

¹⁹ [Forma da palavra em edição de 1925: “vultuoso”.]

²⁰ [Frase “Assunto (...) inglesa.” não presente na edição de 1925.]

²¹ [Forma do segmento em edição de 1925: “, ou”.]

²² “Sténtór” ou “Estentor”, segundo a mitologia grega, foi um guerreiro grego cuja voz era tão forte quanto a de cinquenta homens (Ilíada, V, 785) (Cf. HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.). Foi um trácio que disputou aos gritos com Hermes, o arauto dos Deuses e, vencido, foi morto por ele (GUIMARÃES, R. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1993. p.142.).

²³ [Forma da frase em edição de 1925: “E dizendo-se às vezes doentes como se tivessem peitos de Stentor”.]

²⁴ [Forma do segmento que abrange dois parágrafos em edição de 1925: “fio de sangue da emoção, pelos versos todos. /Mas ninguém lhe vê a ferida”.]

²⁵ [Forma das duas últimas frases em edição de 1925: “O que se sente nos seus versos é a emoção íntima da doença criando no poeta um estado de alumbramento que lhe permite ver os céus:”.]

também lúbricas pontas de dedos em busca de formas de mulher; de contornos de coxas largas; de relevos de peitos adolescentes, rijos e em bico.^[26]

E entretanto são versos que por vezes^[27] terminam no desencanto da volúpia erótica, os versos eróticos do Sr. Manuel Bandeira. É uma volúpia com o gosto de “fruto que ainda verde apodrece” a que faz tremer o poeta de “Pierrot Místico” para logo o desencantar. E nesse “Pierrot Místico” se lê como numa página medieval daquela esquisita *Anatomy of Melancholy*^[28] de Robert Burton²⁹:

“A volúpia é bruma que esconde
Abismos de melancolia.”

E lendo “Pierrot Místico” – parente dos Pierrot de Laforgue; e lendo “Dona Branca” e “Na Solidão das noites úmidas” e “Chama e Fumo” e “Murmúrio d’água” e “Mar Bravio” e “Soneto” e “O Gesso” e “Os Sinos” – a mim próprio pergunto se é mesmo em português que estou a ler. Se não é de uma outra língua, estranhamente plástica e melodiosa, a música de um líquido fluxuoso de latim de igreja por vezes com um toque de “maldito” em que aí se alongam carícias moles de som; em que se afinam adstringências de um acre, provocante sabor; em que se aguçam sentidos sob uma interior vibração. Música “di Camera” é a desses versos; – e mais que isso, de quarto de doente, onde todo o mover é um brando mover de pontas de pé; onde as vozes são meias-vozes debussianas. Onde o silêncio é cheio.^[30]

“de sentido místico, grave
ferindo a alma de um enleio
mortalmente agudo e suave.”

Nunca se falou em voz tão baixa na poesia brasileira. Nunca, entre nós, poeta nenhum cantou o amor por mulher nessa voz misticamente grave, a que, entretanto, não falta aguda vibração emotiva.^{[31], [32]}

²⁶ [Forma do parágrafo em edição de 1925: “Mas esses doces olhos de menino em dia de Primeira Comunhão que vêem os céus e a Via-láctea ardem também na volúpia das coisas da terra; no requieime – em que ardem também lúbricas pontas de dedos – de formas de mulher; de contornos de coxas longas; de relevos de peitos adolescentes, rijos em bico.”]

²⁷ [Segmento “por vezes” não presente na edição de 1925.]

²⁸ [Título do livro entre aspas nas edições de 1925 e 1979; em itálico nesta edição.]

²⁹ Robert Burton (1577-1640), da Universidade de Oxford, escreveu *The Anatomy of Melancholy* (1621), um tratado de estilo informal sobre as causas e os efeitos da melancolia.

³⁰ [Forma do segmento do parágrafo em edição de 1925: “; se não é duma outra língua estranhamente plástica e melodiosa, a música de um líquido fluxuoso de latim de Igreja em que se afinam adstringências de um acre, provocante sabor; em que se aguçam sentidos palavras de uma interior vibração. Música “di Camera” é a desses versos; – e mais que isso, ver é um brando mover de pontas de pé; onde as vozes são meias-vozes debussianas; onde o silêncio é cheio.”]

³¹ [Forma do parágrafo em edição de 1925: “Nunca se falou em voz tão baixa na poesia brasileira, nunca entre nós poeta nenhum cantou nessa voz misticamente grave, a que entretanto não falta aguda vibração emotiva.”]

Esse poeta tem o seu ritmo próprio – sem o que nenhum poeta é verdadeiramente escritor^[33]. É verdade que às vezes – raras vezes – repontam no livro do Sr. Bandeira influências exóticas como nesse “O inútil luar” que parece uma tradução de Dario. E há no livro versos positivamente convencionais^[34]: “A Camões”, “D. Juan”, “Renuncia”. Dir-se-iam versos do Sr. Alberto de Oliveira.

O Sr. Manuel Bandeira tem tanto motivo para acreditar escrever em^[35] água como Keats para acreditar ter deixado o nome escrito com água: “one whose name was written in water”.

Seus versos são escritos em tinta melhor que a Stephens. O papel é que é pobre. A^[36] língua é que é melancolicamente ignorada: quase a areia de que fala Brandes.

³² [Este parágrafo e o próximo fazem parte de um único em edição de 1925.]

³³ [Forma do segmento em edição de 1925: “sem o que nenhum é verdadeiramente poeta e nenhum escritor é verdadeiramente escritor”.]

³⁴ [Forma da palavra em edição de 1925: “banais”.]

³⁵ [Forma da palavra em edição de 1925: “na”.]

³⁶ [Forma do segmento em edição de 1925: “; a”.]

4.2 Manuel Bandeira, Recifense ^[37]

Gilberto Freyre

Porque esta nota não tem pretensão nenhuma a “crítica” ou a “estudo” e é só um depoimento, permitam que comece falando de mim, como nas memórias e nos diários. Permitam que vá adiante: que me aproveite um pouco da glória do poeta.

O admirador tem sempre alguma coisa de gato – aquela manha já célebre do gato, que parece estar somente agradando, afagando e fazendo festa à pessoa amada, quando na verdade está se aproveitando dela para alisar o próprio pêlo. Não me julgo exceção à regra geral. Conjugo o verbo “admirar” como todos os admiradores: aproveitando-me um pouco das glórias da pessoa admirada; convencendo-me de que a admiro por causa das semelhanças, das afinidades, dos pontos de contato agradáveis. A mesma técnica voluptuosa do gato.

Sucede, no caso, que o poema em certo sentido mais brasileiro de Manuel Bandeira – “Evocação do Recife”^[38] – ele o escreveu porque eu pedi que ele escrevesse. O poeta estranhou a princípio o pedido do provinciano. Estranhou que alguém lhe encomendasse um poema para edição especial de jornal como quem encomenda um pudim ou uma sobremesa para uma festa de bodas de ouro. Não estava acostumado – me escreveu de Santa Teresa – a encomendas dessas. Parece que teve vontade de não escrever poema nenhum para tal edição – que se tornou depois o *Livro do Nordeste*, organizado em 1925 para comemorar o primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*. Mas um belo dia recebi^[39] “Evocação do Recife”.

Nesse tempo eu não conhecia pessoalmente Manuel Bandeira. Só de nome. Nem mesmo de retrato. E dos seus poemas – apenas uns três ou quatro. Entre eles, “Os Sinos”, que até aprendi de cor:

“Sino da Paixão
Bate bão-bão-bão”.

Nossa amizade começou por carta. Começou com a carta que um dia recebi dele; que li com uma alegria enorme e que devo ter guardada entre os meus papéis mais queridos. Era

³⁷ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In: _____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. p.173-181; TEXTO PARA COTEJO: FREYRE, G. Manuel Bandeira e o Recife. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do “Jornal do Commercio”, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.]

³⁸ [Título do poema entre aspas nas edições de 1936 e 1944; em itálico nesta edição, nesta e nas ocorrências subsequentes.]

³⁹ [Nesta posição, artigo “a” presente na edição de 1936.]

uma carta cheia de simpatia pelos artigos meio líricos que eu andava então escrevendo no *Diário de Pernambuco*, num português ainda mais burro que o de hoje, português de quem tinha saído daqui quase menino para voltar homem feito, depois de cinco anos maciços de língua inglesa. Artigos sobre coisas de Pernambuco, do Recife, do Norte. Sobre a paisagem, sobre os nomes da rua, sobre a cozinha tradicional do Norte do Brasil.

Precisamente um artigo sobre a cozinha pernambucana, sobre o munguzá, o doce de goiaba, a tapioca molhada, é que fez que Manuel Bandeira me escrevesse. Eu respondi afoito: pedindo-lhe o poema sobre o Recife da sua meninice^[40]. Pedindo só, não: quase exigindo. Os admiradores são quase sempre mais arrogantes que os indivíduos simplesmente admirados. É preciso ser um grande, um magnífico cabotino, tipo Gabriel D'Annunzio⁴¹, para manter certos admiradores à distância ou no lugar que lhes compete. Manuel Bandeira é o que não tem: cabotinismo, mesmo em dose profilática. E embora não seja nenhum adulator de admiradores, ele se iguala franciscanamente aos lobos que lhe trazem sua admiração às vezes com exigências tremendas, pedindo intimidades, pedindo elogios, pedindo autógrafos em álbum. Eu lhe pedi o poema sobre o Recife e agora me gabo do pedido. Porque é um dos maiores poemas que já se escreveram na nossa língua. O pedido foi uma sem-cerimônia; foi mesmo um atrevimento. Mas deu certo. Deu esplendidamente certo. O poema de encomenda deu certo.

* * *

Esse poema de Manuel Bandeira creio que no gênero não tem nada que se compare com ele. É o que a geografia lírica do Brasil tem de maior. O Recife tinha sido cantado pelo outro:

“Salve, terra formosa...
Veneza americana...
Boiando sobre as águas...”

Mas veio Bandeira e não quis saber de “Veneza Americana”, nem mesmo do Recife das “revoluções libertárias” ou dos Mascates, nem do Recife de Mauricio de Nassau, a “Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais” – mas do Recife que ele tinha conhecido menino: o Recife “sem história” e “sem literatura”. “Recife sem mais nada”.

Exagero, de certo: porque não se evoca uma cidade sem fazer história; e, quando se é Manuel Bandeira, sem fazer literatura. O poema de Manuel Bandeira é história e é literatura.

⁴⁰ [Segmento “de sua meninice” ausente na edição de 1936.]

⁴¹ [Forma do nome em edição de 1936: “Dannunzio”.]

Mas é acima de tudo poema. É de uma grande pureza poética e de uma grande pureza humana, sendo ao mesmo tempo uma crônica, com nomes de gente, de rua, de coisas regionais. Nomes certos, definidos, exatos: Dona Aninha Viegas, Totônio Rodrigues, Santo Antonio, São José, Rua da União, Rua da Saudade, Rua da Aurora, Caxangá, midubi.

Raros poemas com a mesma riqueza de substância. Cada palavra é um corte fundo no passado do poeta, no passado da cidade, no passado de todo^[42] homem, fazendo vir desses três passados distintos, mas um só verdadeiro, um mundo de primeiras e grandes experiências da vida. Não há uma palavra que seja um gasto de palavra. Não há um traço que seja de pitoresco artificial ou de cenografia. O poema é compacto: tem alguma coisa de um bolo tradicional do Norte chamado “Palácio encantado”, bolo muito rico, bolo de casa-grande de engenho, com sete gostos por dentro, sete gostos profundos em cada fatia que se corte dele.

Mas se é certo que o poema se baseia nos primeiros gostos e nas primeiras experiências da vida de todo^[43] homem, e não nas de um só, nem nas do homem de determinada cidade, é impossível desprezar em “Evocação do Recife” o que há de liricamente autobiográfico e de liricamente geográfico. O que há de regional, de provinciano, de recifense, de Souza Bandeira.

Ninguém hoje pode falar de Manuel Bandeira sem ter lido esse poema; nem falar do Recife, de sua história – de sua história no sentido mais lógico, e até no mais cronológico e mais convencional – sem saber quase de cor a “Evocação”.

É o grande poema do Recife. Só lhe falta o barulho de *Maracatu*, que se ouve com insistência através dos últimos poemas de Manuel Bandeira, dando à sua música um gosto mais africano, mais afro-brasileiro, mais nortista. Mas,^[44] naquele tempo, o poeta, há muito tempo fora de sua terra, estava esquecido do *Maracatu*.

* * *

Creio que foi só em 29 – 1929 – que Bandeira, visitando pela segunda vez o Recife, pôde reavivar suas memórias de *Maracatu*. Ele voltava uma vez para casa, tarde da noite, com um amigo, quando se encontrou com um *Maracatu*^[45]. Era o *Estrela d’Alva*^[46]? Era o *Leão*

⁴² [Nesta posição, artigo “o” presente na edição de 1936.]

⁴³ [Nesta posição, artigo “o” presente na edição de 1936.]

⁴⁴ [Vírgula inserida nesta edição.]

⁴⁵ [Forma da palavra “*Maracatu*” sem itálico e grafada com letra minúscula na edição de 1944; forma original reconstituída conforme edição de 1936.]

⁴⁶ [Forma do nome “*Estrela d’Alva*” sem itálico em edição de 1936.]

Coroado^[47]? Era o *Maracatu* da rainha Albertina de Fleury (uma negra de Casa Amarela com esse nome aristocrático que José Lins do Rego acha parecido com nome de heroína de Proust)? Não me lembro qual era. Sei que vinha por Cruz das Almas, levantando um desadorno de poeira. Talvez fosse Cambinda:

*Eu sou de Cambinda
Cambinda de valor
Eu quero é louvor
Pra Boneca do amor.*^[48]

Ou então:

*Se o Recife fosse meu
Eu mandava ladriá
Com pedrinha diamante
Pra Cambinda passeá.*

Ou seria o velho Leão?

Isso é^[49] *um a, isso é um b, isso é um c*_̣^[50]
Isso é um c, isso é um b, isso é um a.

Manuel Bandeira ficou numa grande alegria e nem ligou à^[51] poeira que a negrada do Maracatu levantava com suas danças na areia seca de Cruz das Almas. Ele não queria deixar o Recife sem ver um *Maracatu*. Estava satisfeita sua vontade. E satisfeita, magnificamente, como a vontade de um rei; satisfeita sua vontade que nem em Passárgada.

O *Maracatu* se aproximou do poeta como no propósito de o impressionar o mais possível: com vagares maiores que os comuns. Porque os Maracatus que se prezam se movem devagar. Seus vagares são os místicos, das procissões. Ninguém confunda *Maracatu* com clube^[52] de Carnaval.

O *Maracatu* do beco de Cruz das Almas se aproximou do poeta com todo o vagar_̣^[53] O barulho foi aumentando aos poucos. Era noite e noite profunda e o Maracatu dominava sozinho o silêncio da grande noite pernambucana. O poeta esperou-o parado, até que se

⁴⁷ [Forma do nome "*Leão Coroado*" sem itálico em edição de 1936.]

⁴⁸ [Letra de maracatu, nesta estrofe nas duas seguintes, em itálico na edição de 1944; sem itálico na edição de 1936.]

⁴⁹ [Nesta posição, vírgula presente, por uma possível incorreção tipográfica, na edição de 1936.]

⁵⁰ [Ponto parágrafo ausente na edição de 1944; forma original reconstituída conforme edição de 1936.]

⁵¹ [Forma da palavra como artigo "a", sem acento, na edição de 1944; como contração de artigo e preposição, com acento ("á"), na edição de 1936; forma original reconstituída conforme edição de 1936, com atualização ortográfica.]

⁵² [Forma da palavra em edição de 1936: "club".]

⁵³ [Ponto parágrafo em edição de 1936.]

encontraram, o barulho do Maracatu já enorme. A emoção do poeta creio que foi também enorme naquele instante. Seus olhos se arregalaram. Por um momento, o menino que nunca morreu nele^[54] dominou o homem. O homem é que ficou pequeno e secundário. Quase ridículo, com seus óculos e seu dente chumbado a ouro.

Nessa noite, completou-se a intimidade profunda, que se rompera no Rio e em São Paulo, de Manuel Bandeira com o Recife. Talvez eu não exagerasse dizendo que foi um dos instantes mais dramáticos na vida de Manuel Bandeira. O que faltava à “Evocação do Recife” se apossou dele no silêncio daquela noite; o ritmo do *Maracatu*.

* * *

Já o passeio de lancha que fizemos juntos uma tarde, pelo Capibaribe, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e eu, não teve o mesmo gosto de reconciliação dramática do poeta com o seu meio de menino, que o instante em que ele se encontrou tarde da noite com o Maracatu. O gosto do Capibaribe lhe tinha ficado mais vivo nos olhos que o do *Maracatu* nos ouvidos. Não tinha havido afastamento tão profundo.

Todo o tempo que a lancha levou subindo o rio, até Caxangá, pensei em Manuel Bandeira, através de sua “Evocação do Recife”. E pensei no Recife de há trinta anos, de há quarenta, de há cinquenta, de há cem, em todos os Recifes que o rio viu nascer e morrer; em todos os Recifes que estão no poema de Manuel Bandeira. Aquele rio, aquela terra, aquela cidade, aquele poeta magro dentro da mesma lancha comigo e com Mário de Andrade, estavam ligados para sempre.

“Capibaribe
Capibaribe”^[55]

Vi nas margens verdes, saindo do meio dos cajueiros, da sombra das mangueiras, meninazinhas, meninos, muleques iguais aos que há quarenta anos brincavam de roda na rua da União, quebravam os vidros da casa de D. Aninha Viegas, mangavam do pince-nez de Totônio Rodrigues; vi a própria D. Aninha Viegas (com outro nome, decerto) sentada numa cadeira de balanço num terraço de casa de beira do rio, tomando fresco; vi banheiros de palha tristonhos, negros lavando cavalos, muleques nadando na água suja onde já não tomam banho moças nuas como no tempo em que o poeta menino passou as festas em Caxangá e um dia:

⁵⁴ [Nesta posição, vírgula presente nas edições de 1936 e 1944; vírgula retirada nesta edição.]

⁵⁵ [Ponto parágrafo ausente na edição de 1936.]

“Um dia vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu”.

Porque o Capibaribe é hoje um rio porco. Todos os rios da zona chamada da mata em Pernambuco são hoje uns rios porcos, onde as usinas de açúcar mijam, defecam, fazem as suas precisões; e o resto da gente que se dane. As moças bonitas desapareceram dos rios.

O poema de Bandeira está cheio de memórias de um outro Capibaribe, um Capibaribe íntimo das famílias. O que nós subimos naquela tarde era, como o de hoje, um rio cativo e desprezado, por onde quase ninguém passeia, para onde as casas e os homens voltam as costas. O poeta o procurou como a um velho amigo, com qualidades permanentes, mesmo através do cativo. Os dois – o rio e o poeta – passaram uma tarde inteira juntos.

Também o poeta quis ver o sobrado amarelo que foi do avô e está ainda de pé, com a escada rangendo de velha. Quis ver a rua da União. Quis ver a rua da Saudade. A do Sol. A da Aurora, esta se ofereceu de longe aos seus olhos. Vimos juntos alguns desses lugares,^[56] que se amanhã desaparecerem do mapa do Recife – cidade que há cinco anos serve de brinquedo a amadores de urbanismo para suas experiências gostosas de derrubar casas e igrejas velhas – ficarão para sempre, enquanto houver língua portuguesa, enquanto houver literatura brasileira, no poema de Manuel Bandeira:

“Recife
Rua da União
A casa de meu avô
Nunca pensei que ela acabasse
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife meu avô morto
Recife morto Recife bom Recife brasileiro como a casa de meu avô”^[57]

⁵⁶ [Vírgula ausente na edição de 1936.]

⁵⁷ [Ponto parágrafo ausente na edição de 1936.]

4.3 Dos Oito aos Oitenta^[58]

Gilberto Freyre

Um dito clássico, em língua portuguesa, repele os extremos *oito* e *oitenta*. “Nem oito nem oitenta”, diz a sabedoria popular através desse dito.

No gênio poético de Manuel Bandeira os dois extremos vêm se conciliando. Desde que se revelou poeta, Bandeira nunca deixou de ser menino. De conservar-se na “aurora da vida”. Mas, ao mesmo tempo, não lhe faltou, por antecipação, nem sequer aos vinte anos, a maturidade que o comum dos homens só adquire na tarde, e, mesmo, na noite da existência. Aos oitenta ou perto dos oitenta anos.

Essa rara combinação de menino sempre instintivo e de sábio com a reflexão dos velhos^[59] é um dos característicos mais expressivos da poesia, por vezes tocada de filosofia e até de religiosidade, desse brasileiríssimo Manuel que se lembra de ter visto, com olhos de menino do Recife, moças nuinhas no banho, no rio Capibaribe. E de ter, com ouvidos também de menino, ouvido vozes de meninas cantando canções alegres de roda na cidade do Recife. A propósito do que filosofa com tristeza em versos célebres:

“Dessas rosas muita rosa
terá morrido em botão.”

Meditações semelhante a estas ocorrem em vários outros dos seus versos, escritos quando ainda jovem:

“Aquele pequenino anel que tu me deste
Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...”^[60]

Ainda jovem, ele escreveu muito verso em que à voz do menino, de oito anos,^[61] se segue a do velho de oitenta, que por antecipação como que sempre existiu no poeta de *Carnaval*. Nem o menino de oito anos se deixou, em Bandeira poeta, vencer, em tempo algum, por esse precoce velho de oitenta, nem o antecipado velho de oitenta, pelo renitente

⁵⁸ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Dos oito aos oitenta. In: BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.26-30.]

⁵⁹ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1966; vírgula retirada nesta edição.]

⁶⁰ [Aspas ausentes na edição de 1966; aspas fechando a citação nesta edição.]

⁶¹ [Vírgula inserida nesta edição.]

menino de oito. Sempre se completaram, sem muita desarmonia entre os dois. Como avô e neto dentro do mesmo indivíduo.

O que é certo da própria pessoa do poeta. Do seu físico. Manuel Carneiro de Souza Bandeira chega, em pessoa, aos oitenta anos, com alguma coisa do menino da Rua da União. Seu próprio cabelo conserva-se, ao natural, um cabelo que resiste ao tempo sem precisar de tintura: não embranqueceu. Seu sorriso e até seu riso são mais de menino – menino feio e dentuço porém espontâneo – do que de homem gasto pela vida e marcado pela fadiga. Só a surdez é nele, agora, afirmação de velhice: do desgaste pelos oitenta anos que já viveu. Pois,^[62] nos próprios olhos, ele guarda alguma coisa de olhos de menino. De menino de oito anos. De menino na aurora da sua vida.

Mesmo sob o impacto da velhice, Manuel Bandeira tem se firmado no menino de oito anos que nele vem subsistindo. Daí, talvez, sua devoção de poeta por “Santa Teresa, não” mas por “Teresinha ... Teresinha ... Teresinha do Menino Jesus”. E a quem ele pede não só que lhe dê “alegria” – a alegria dos oito anos – mas “a força de acreditar de novo”.

“No
Pelo Sinal
Da Santa Cruz!”

A força da sua fé de menino de oito anos. Porque antes dos oito anos, ele talvez não soubesse bem o que era ter fé em Deus ou devoção aos santos:

“Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci.”

O menino acordado, o menino de olhos abertos para a vida e para o mundo, o menino que via o fim das festas de São João e surpreendia as moças nuinhas no banho no Capibaribe, era o menino já com oito anos. “Aurora da vida!” Aurora clara da vida. Essa a aurora que a poesia de Manuel Bandeira tem resistido ao crepúsculo. Em vão o espelho veio dizer ao homem de cinquenta anos que começava a envelhecer. Fosse esse espelho, em vez de realista, mágico, e descobriria

“... O menino que sustenta esse homem,
O menino que não quer morrer.”

⁶² [Vírgula inserida nesta edição.]

Que não morreria, em Bandeira, nem no homem de cinquenta, nem no de sessenta, nem no de setenta, nem no de oitenta. Que não morrerá no de noventa. Pois

“... não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera de Natal
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos trás da porta.”

Mais: Manuel Bandeira chega aos oitenta anos não só pai como avô do menino de oito anos que não morrerá senão com ele:

“... trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.”

Não só o filho: o neto. Repita-se que há três gerações dentro do poeta Manuel Bandeira: o menino de oito anos, o seu pai e o seu avô. Os três alternam. Os três desentendem-se por vezes. Mas quase sempre se entendem e um completa o^[63] outro. O central, o básico, o mais constante, é o menino de oito anos. O romântico que sabe de cor “Meus Oito Anos” de José Casimiro de Abreu e não esquece nunca os seus próprios oito anos:

“Aí tantas lembranças boas!
Massangana de Nabuco!
Muribara de meus pais!”

Aos contrastes que o tempo cria na vida de um indivíduo, não é alheia a poesia, por vezes, a seu modo, proustiana, de Manuel Bandeira. Sente-os e chega a comentá-los à sua maneira um tanto filosófica. E como para Dante o número nove, parece que para Bandeira o número oito tem alguma coisa de número-chave. No seu caso, número-chave para a interpretação dos efeitos do tempo não só sobre ele próprio como sobre pessoas queridas. Sobre mulheres amadas, até. Sobre certa Beatriz que o poeta primeiro conheceu menino:

“Era eu menino e tu menina.
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina.”

⁶³ [Forma da palavra em edição de 1966: “e”. Possível incorreção tipográfica.]

E que voltou a ver, ela já moça; e, ainda oito anos depois, ela, já um tanto gasta pelo tempo:

“Quanta mudança o tempo traz
Em sua atroz monotonia!”

Em contraste com a imagem da última vez que lhe aparecera a antiga menina – talvez de oito anos – “airosa e fina”, “pequena” e “franzina”, tornada moça, ela se tornara outra criatura. Uma mulher marcada pela tristeza. Pela tristeza e pelo tempo:

“Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...”^[64]

Noutros versos, o poeta, em 1944, nos fala de velha casa em^[65] que viveu, menino, aos oito anos:

“A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho

Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinquenta anos)
Tantos que a morte levou!
(E a vida ... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...
– Mas o menino ainda existe.”

Um menino fiel à sua meninice e ao Pernambuco do tempo da sua meninice – de oito a dez anos. Fiel principalmente ao Recife: cidade que, pelo seu gosto, não teria se acatitado, como se acatitou, num Recife um tanto banal de “avenidas e arranha-céus”:

“Saí menino de minha terra
Passei trinta anos longe dela.
[...] Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!”

Essa terra amadíssima ele a deixou com pouco mais de oito anos – aos dez anos:

⁶⁴ [Aspas ausentes na edição de 1966; aspas fechando a citação nesta edição.]

⁶⁵ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1966; vírgula retirada nesta edição.]

“Com dez anos vim para o Rio.
Conhecia a vida em suas verdades essenciais.
Estava maduro para o sofrimento
E para a poesia.”

Dos dez anos aos oitenta, Manuel Bandeira tem vivido quase o tempo todo no Rio – em Santa Teresa, em Petrópolis, no Beco – sem haver se desprendido nem do Recife, para ele vivo, da sua meninice nem da sua meninice vivida no Recife. É um espaço-tempo potentemente vivo na sua poesia, esse do verdor da sua vida. Amadureceu Manuel Bandeira à base de suas experiências decisivas nesse espaço-tempo irredutível. Mesmo quando, quase aos oitenta anos, se diz “trôpego, reumático, surdo” é para sentir, como um Schmidt magro, que “a poesia restabelecerá”...“o equilíbrio perdido”. O equilíbrio entre o verdor lírico dos oito anos e a maturidade sabiamente poética dos oitenta. Entre a avidez de vida a viver e o gosto por vezes amargo de vida já vivida.

4.4 Amy Lowell: Uma Revolucionária de Boston ^{[66], 67}

Gilberto Freyre

^[68]Eu era um simples estudante da Universidade⁶⁹ Columbia, e ainda não tinha 21 anos^[70] quando um telegrama de Miss Amy Lowell me trouxe um dia o convite para ir visitá-la na velha casa dos Lowell em Brookline, perto de Boston. Foi como fiquei conhecendo em alguns dos seus aspectos mais característicos e justamente no meio do outono – com o arvoredo todo amarelado^[71] ou já sem as folhas – o fim de civilização aristocrática^[72] que é a antiga Nova Inglaterra: dying culture^[73] em que Keyserling acharia "um grande e original encanto", duvidando porém de sua sobrevivência por muito tempo^[74] tal "o etéreo do seu lirismo", a "beleza essencialmente estéril" de seu intelectualismo ou, antes, de sua cultura exclusivista, ou^[75] alguma coisa de neurótico de tantos dos letrados que ainda a representam: e que são, na verdade, quase uns fantasmas para o resto dos Estados Unidos.

Em Amy Lowell havia traços inconfundíveis desse intelectualismo ou dessa cultura exclusivista e um tanto mórbida da Nova Inglaterra, que se exprimiu com tanta pureza nos Lowell e em muitos deles se aguçou por uma espécie de endogamia^[76] intelectual junto à de sangue. Mas havia, por outro lado, certo vigor quase plebeu, certa vitalidade criadora, certo espírito de pioneiro e de revolucionário que ela adquirira^[77] de Walt Whitman. Alguma coisa

⁶⁶ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Amy Lowell: uma revolucionária de Boston. In: _____. **Vida, forma e cor**. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: Record, 1987. Este artigo foi composto a partir da inclusão de "Recordação de Amy Lowell" e de "Ainda Amy Lowell", ambos publicados em sequência no *Correio da Manhã*. TEXTOS PARA COTEJO: FREYRE, G. Recordação de Amy Lowell. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1940; FREYRE, G. Ainda Amy Lowell. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1940; Trecho de Documento 2 da *Correspondência de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. Carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre, com datação "Rio de Janeiro, 4 de junho [de 1927]".]

⁶⁷ Gilberto Freyre esclarece, no "Prefácio do autor" a *Vida, forma e cor*, que: "O ensaio acerca de Amy Lowell inclui trechos de um trabalho, também escrito em inglês, aparecido num jornal dos Estados Unidos, quando o autor era ainda estudante da Universidade de Baylor." (FREYRE, G. Prefácio do autor. In _____. **Vida, forma e cor**, 1987, p.17). Não temos conhecimento dessas anotações; por isso, para fixação do texto, utilizamos somente publicações que conseguimos localizar.

⁶⁸ [A partir do início do texto até o ponto que será posteriormente assinalado, Gilberto Freyre utilizou, como referência para a escrita de "Amy Lowell: uma revolucionária em Boston", o artigo "Recordação de Amy Lowell". Portanto o aparato de notas de edição, neste trecho, assinalarão as peculiaridades de cada texto a partir do cotejo entre as duas edições – ou seja, a de 10 dez. 1940 e a de 1987.]

⁶⁹ [Palavra "de" suprimida nesta edição.]

⁷⁰ [Vírgula não presente na edição de 1987; vírgula reconstituída conforme edição de 10 dez. 1940.]

⁷¹ [Forma do segmento em edição de 10 dez. 1940: "manchado de amarelo".]

⁷² [Forma do segmento em edição de 10 dez. 1940: " , ao mesmo tempo puritana e aristocrática, ".]

⁷³ [Forma do segmento entre aspas em edição de 10 dez. 1940.]

⁷⁴ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁷⁵ [Forma da palavra em edição de 10 dez. 1940: "o".]

⁷⁶ [Forma da palavra em edição de 10 dez. 1940: "endogamica".]

⁷⁷ [Forma da palavra em edição de 10 dez. 1940: "adquirida".]

de plebeu que não deixava^[78] as suas palavras^[79] se alongarem todas em expressões do^[80] intelectualismo ou no lirismo etéreo^[81] da tradição aristocrática, assexual e esterilmente estética^[82] de Boston. Daí ela ter sido^[83] uma figura um tanto áspera de renovador das letras não só da^[84] Nova Inglaterra mas dos Estados Unidos, a cuja pluralidade^[85] de culturas acrescentou novas técnicas^[86] de expressão poética, escandalizando a crítica conservadora e a opinião acadêmica do seu tempo^[87].

Eu conhecera Amy Lowell quando ainda estudante na Universidade de Baylor. Quase menino^[88] escrevera sobre sua poesia nova – seu imagismo^[89] – umas notas de aula^[90] que o professor A. Joseph^[91] Armstrong generosamente se apressara em publicar em jornal. Pois foram essas notas quase de colegial que me aproximaram de Amy Lowell.

Para gozo de minha vaidade de adolescente, vi-me em correspondência com uma mulher em quem os estudantes anglo-americanos^[92] do meu tempo, interessados em assuntos literários, exaltavam uma das expressões mais fortes da nova poesia^[93] ou, mais do que isso, do modernismo^[94] estético e – mais ainda – cultural, naquele país. E hoje que a distância nos permite ver tranqüilamente, em exata perspectiva, o movimento chamado de New Poetry^[95] nos Estados Unidos, a situação de Amy Lowell entre as grandes figuras do movimento continua de destaque: a situação de quem não hesitou em fazer face ao ridículo, à caricatura, à crítica morrinhenta dos acadêmicos fechados nas suas becas de mestres caturras,^{[96], [97]} para abrir novos caminhos à expressão poética de um povo cujo arrojo em assuntos de experimentação^[98] artística – exceção feita de arquitetura – estava – e continua – longe de

⁷⁸ [Nesta posição, palavra “todas” presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁷⁹ [Nesta posição, segmento “de letrada fina” presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁸⁰ [Nesta posição, palavra “na” presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁸¹ [Forma do segmento “lirismo etéreo” entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

⁸² [Forma do segmento “esterilmente estética” em edição de 10 dez. 1940: “esteril.”]

⁸³ [Nesta posição, segmento “, paradoxalmente” presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁸⁴ [Forma da palavra em edição de 10 dez. 1940: “de.”]

⁸⁵ [Forma do segmento em edição de 10 dez. 1940: “cujo pluralismo.”]

⁸⁶ [Forma do segmento no singular em edição de 10 dez. 1940: “nova técnica.”]

⁸⁷ [Segmento “do seu tempo” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

⁸⁸ [Segmento “Quase menino” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

⁸⁹ [Palavra entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁰ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁹¹ [Forma do nome “A. Joseph” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

⁹² [Forma da palavra na edição de 10 dez. 1940: “norte-americanos.”]

⁹³ [Segmento “nova poesia” entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁴ [Palavra “modernismo” entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁵ [Segmento “New Poetry” entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁶ [Segmento “de mestres caturras,” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁷ [Nesta posição, segmento “e dos tradicionalistas hieráticos,” presente na edição de 10 dez. 1940.]

⁹⁸ [Nesta posição, segmento “literária e” presente na edição de 10 dez. 1940.]

corresponder à sua audácia, à sua intrepidez e ao seu gosto de aventura noutras esferas: a da mecanização das indústrias, a do comércio, a do esporte^[99], a da aeronáutica^[100].

Amy Lowell, pelo físico, prestava-se à caricatura e ao ridículo mais do que outro qualquer poeta da new poetry^[101]. Era gorda, vermelha, bochechuda, de pince-nez^[102]: a negação do tipo poético, em geral, e do tipo modernista^[103], ^[104] em particular. Quem a avistasse,^[105] como eu a vi pela primeira vez, a estourar de gorda das rendas amarelas e das sedas pretas de um vestido que me pareceu extremamente justo para o seu corpo, não a supunha capaz de lirismo tão fino, de estetismo tão agudo, de experimentalismo tão arrojado e ao mesmo tempo tão preciso,^[106] nos seus efeitos, como os dos seus poemas mais característicos. A impressão que ela primeiro nos comunicava era a de uma governante alemã vestida para ir ao ofício luterano; ou a de *menagère* de hotel suíço. Mas essa impressão, ela a desmanchava lendo-nos os seus próprios^[107] poemas ou os de Keats. Ou conversando, maliciosa, sutil, às vezes cruel, sobre os poemas alheios, sobre^[108] os críticos, sobre^[109] os doutores das universidades – um deles o seu próprio irmão, por alguns anos reitor da Universidade de Harvard^[110]. Ou sobre porcelanas, pintores, charutos.

Amy Lowell tinha essa outra condição apoética: além de gorda,^[111] era rica. E além de rica, fumava charuto como qualquer burguês de caricatura socialista. Sua casa de Brookline era uma velha casa dos Lowell, família antiga da região que depois de ter dado ao país personalidades austeras, acinzentadas pela formação puritana, explodira naquela antipuritana gulosa de cores vivas e de imagens pagãs, gostando de saborear seus quitutes franceses,^[112] de fumar seus^[113] charutos de Manilla,^[114] de viver entre telas de impressionistas e pós-impressionistas, de^[115] jarros da China, de^[116] leques do Japão, de^[117] pratos da Índia; de pisar

⁹⁹ [Forma da palavra em itálico na edição de 10 dez. 1940: “sport”.]

¹⁰⁰ [Nesta posição, segmento “, a da política, a da religião, a da ética” presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰¹ [Forma do segmento entre aspas na edição de 10 dez. 1940: “New Poetry”.]

¹⁰² [Palavra sem itálico na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰³ [Forma da palavra entre aspas na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰⁴ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰⁵ [Vírgula ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰⁶ [Vírgula ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰⁷ [Forma da palavra na edição de 10 dez. 1940: “primeiros”.]

¹⁰⁸ [Palavra “sobre” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹⁰⁹ [Palavra “sobre” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁰ [Segmento “– um deles (...) Harvard” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹¹ [Vírgula ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹² [Em vez de vírgula, palavra “e” presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹³ [Nesta posição, palavra “bons” presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁴ [Em vez de vírgula, dois pontos presentes na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁵ [Palavra “de” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁶ [Palavra “de” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

tapetes de Pérsia. Em Brookline ela recebia seus amigos com jantares excelentes;¹¹⁸ com vinhos, licores e charutos finos,^[119] guardados em estantes, na vizinhança dos livros raros e sob o olhar de retratos a óleo de avós severíssimos^[120].

Não sei se para se castigar a si própria, à boa moda puritana, do^[121] fato de ser volutuosamente gorda e largamente rica, os vagares do seu outono de vida, Amy Lowell dedicou-os ao trabalho de escrever a biografia de um poeta ortodoxamente poético: Keats. Ortodoxamente poético pela magreza, pela pobreza, pelo perfil de adolescente romântico com o qual contrastava^[122] o de Amy Lowell.^[123]

Mas já escrevera outro livro interessantíssimo;^[124] de interpretação e de crítica de alguns dos^[125] poetas modernistas dos Estados Unidos, seus companheiros na bela aventura de experimentação literária com que se iniciou naquele país – fenômeno que se repetiria no Brasil – a renovação das letras: primeiro, a poesia; depois a prosa,^[126] a^[127] poesia – na segunda fase –^[128] como que sumindo-se, os poetas inovadores afastando-se, abrindo alas^[129] para a prosa triunfalmente nova passar, afirmar-se, dominar. Mas^[130] uma prosa poética, tornada possível pela revolução poética^[131] e esta,^[132] facilitada pela crítica também revolucionária. Amy Lowell afirmou seu talento tanto na poesia como na prosa; tanto na crítica como na chamada criação pura dos que erradamente insistem em separar “crítica” de “criação”; e, de modo absoluto, “prosa” de “poesia”.^{[133], [134]} Seu modo de desenvolver uma “prosa polifônica” creio ter tido alguma influência sobre minhas primeiras tentativas de aprendiz de prosador: tentativas que, por sua vez, influíram sobre outros escritores brasileiros, então jovens e à procura de novas formas de expressão. Novas tanto na sua música como na

¹¹⁷ [Palavra “de” ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁸ [-Em vez de dois pontos, vírgula presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹¹⁹ [Vírgula ausente na edição de 10 dez. 1940.]

¹²⁰ [Forma da palavra na edição de 10 dez. 1940: “puritanos e magros”.]

¹²¹ [Forma da palavra na edição de 10 dez. 1940: “pelo”.]

¹²² [Nesta posição, palavra “tanto” presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹²³ [Ponto parágrafo presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹²⁴ [Dois pontos ausentes na edição de 10 dez. 1940.]

¹²⁵ [Forma do segmento “alguns dos” em edição de 10 dez. 1940: “seis”.]

¹²⁶ [Em vez de vírgula, ponto presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹²⁷ [Forma da palavra grafada com letra maiúscula na edição de 10 dez. 1940: “A”.]

¹²⁸ [Forma do segmento “na segunda fase –” em edição de 10 dez. 1940: “depois do primeiro ímpeto de ofensiva.”.]

¹²⁹ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 10 dez. 1940.]

¹³⁰ [Nesta posição, segmento presente “lá como aqui,” na edição de 10 dez. 1940.]

¹³¹ [Forma da palavra em edição de 10 dez. 1940: “dos poetas”.]

¹³² [Nesta posição, segmento presente “por sua vez,” na edição de 10 dez. 1940.]

¹³³ [Forma da frase “Amy Lowell afirmou (...) ‘prosa’ de ‘poesia’.” em edição de 10 dez. 1940: “princípios afirmando-se na ‘poesia’ e na ‘prosa’, ao mesmo tempo; na ‘crítica’ e na chamada ‘criação pura’ dos que insistem em separar crítica de criação; e, de modo absoluto, prosa, de poesia.”.]

¹³⁴ [A partir desse momento, finaliza-se o cotejo com o texto original publicado em 10 dez. 1940, com o título “Recordação de Amy Lowell”. Texto fixado nesta edição continua conforme edição de 1987 de “Amy Lowell: uma revolucionária de Boston”.]

sua plástica. Tanto nos seus ritmos como até nos seus ajustamentos a formas, também novas, de arte gráfica.

Amy Lowell – de quem guardo um grupo de cartas interessantíssimas, recordação de mais de três anos de correspondência – pertence um pouco à geração de críticos revolucionários, pelo estudo que consagrou aos poetas novos do seu país.^[135] Mas seu nome^[136] há de ficar principalmente ligado às experiências^[137] à procura de novas técnicas^[138] de expressão^[139] para a poesia americana dos Estados Unidos^[140]. Para a poesia e para a prosa através da chamada “prosa polifônica”.^[141]

Como sentido^[142], como substância, como experiência.^[143] sua poesia não terá a mesma proximidade do^[144] atual e do humano^[145] que a de Vachel Lindsay, a de Carl Sandburg, a de Claude McKay – este,^[146] grande poeta negro. (Só em estudo à parte se^[147] poderia tratar da revolta cultural do negro nos Estados Unidos através da poesia e da música^[148]).^[149] Mas aquelas suas experiências de artista, seu desassombro de atitudes novas, sua visão concentrada, nítida, definida dos homens e das coisas, com algum^[150] desprezo pelo que fosse^[151] ostensivamente didático, pelo que se destacasse como convencionalmente^[152] ético, dão à sua arte um forte^[153] significado revolucionário.^[154]

Ela libertou a poesia americana dos Estados Unidos^[155], salienta o crítico irlandês^[156] Padraic Colum¹⁵⁷ – que também conheci em Nova York nos meus dias de estudante de universidade, depois de ter conhecido de perto o maior dos irlandeses da época: William

¹³⁵ [A partir deste momento, inicia-se o cotejo entre o texto “Amy Lowell: uma revolucionária de Boston”, em edição de 1987, texto-base para fixação do texto nesta edição, e “Ainda Amy Lowell”, em edição publicada em 17 dez. 1940.]

¹³⁶ [Forma do segmento “Mas seu nome” em edição de 17 dez. 1940: “O nome de Amy Lowell”.]

¹³⁷ [Forma do segmento “às experiências” em edição de 17 dez. 1940: “a suas experiencias quasi de laboratorio”.]

¹³⁸ [Forma do segmento “novas técnicas” em edição de 17 dez. 1940: “uma nova technica”.]

¹³⁹ [Segmento “de expressão” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴⁰ [Segmento “dos Estados Unidos” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴¹ [Frase “Para a poesia (...) polifônica.” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴² [Forma da palavra com aspas na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴³ [Segmento “como substância, como experiência,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴⁴ [Forma da palavra em edição de 17 dez. 1940: “de’.]

¹⁴⁵ [Vírgula ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴⁶ [Nesta posição, palavra “um” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴⁷ [Palavra ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁴⁸ [Forma do segmento “através (...) música” em edição de 17 dez. 1940: “, através da poesia”.]

¹⁴⁹ [Ponto parágrafo presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁵⁰ [Forma do segmento “, com algum” em edição de 17 dez. 1940: “do seu tempo com”.]

¹⁵¹ [Forma do segmento “que fosse” em edição de 17 dez. 1940: “elemento”.]

¹⁵² [Forma do segmento “, pelo (...) convencionalmente” em edição de 17 dez. 1940: “ou vagamente”.]

¹⁵³ [Forma da palavra em edição de 17 dez. 1940: “largo”.]

¹⁵⁴ [Nesta posição, segmento “Um significado vigorosamente cultural e não apenas estético.” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁵⁵ [Segmento “dos Estados Unidos” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁵⁶ [Segmento “o crítico irlandês” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁵⁷ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 17 dez. 1940.]

Butler Yeats ^[158] do “ritmo tradicional da poesia inglesa”, tornando as palavras independentes, tirando-lhes o último ranço de colonialismo, adaptando-as às necessidades líricas do filho dos imigrantes sueco, russo, sírio, grego. Criou uma nova música, um novo ritmo, distintamente americano. Muito combatida a princípio – inclusive, é curioso salientar, por críticos como H. L. ^[159] Mencken – podem-se ^[160] hoje encontrar nos seus poemas excessos de tecnicismo ^[161] mas sua ação de revolucionária cultural ^[162] é das mais significativas.

Natural que ^[163] nos seus primeiros poemas, ^[164] Amy Lowell tenha escandalizado ^[165] os ouvidos habituados às formas tradicionalmente inglesas. Ela é que, sempre cheia de si, nunca duvidou do valor de suas inovações. Lembro-me da carta que me escreveu, a propósito daquele artigo ^[166] que, ainda estudante da Universidade de Baylor ^[167], eu escrevera em inglês, e que foi publicado num jornal anglo-americano ^[168] sobre os seus primeiros livros de “poesia nova” – artigo de que outro, escrito quase na mesma época, seria a extensão em língua portuguesa ^[169] : “*It is pleasant indeed to meet with so much appreciation and understanding and I am happy to know that you find melody in my work as well as* ^[170] *pictorial qualities. I know it has it, but few people have ears delicate enough to hear as well as you have done.*” ¹⁷¹ Trecho de ^[172] outra carta: “*I am also glad to know that you liked Gavotte in D Minor because that is one of my favourites ... the reviewers,* ^[173] *as a rule,* ^[174] *have passed it by. I suppose it is too subtle* ^[175] *for them*” ¹⁷⁶. (A indireta ia atingir Mencken e outros críticos).

¹⁵⁸ [Segmento “– que também (...) Yeats –” ausente na edição de 17 dez. de 1940.]

¹⁵⁹ [Iniciais do nome “H. L.” ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶⁰ [Forma da palavra em edição de 17 dez. 1940: “pode-se”.]

¹⁶¹ [Em vez de dois pontos, ponto e vírgula presentes na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶² [Forma do segmento “revolucionária cultural” com aspas em edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶³ [Vírgula inserida nesta edição.]

¹⁶⁴ [Vírgula ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶⁵ [Forma da palavra em edição de 17 dez. 1940: “chocado”.]

¹⁶⁶ [Forma do segmento “daquele artigo” em edição de 17 dez. 1940: “das notas”.]

¹⁶⁷ [Segmento “da Universidade de Baylor” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶⁸ [Segmento “em inglês (...) anglo-americano,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁶⁹ [Segmento “de ‘poesia nova’ (...) língua portuguesa” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷⁰ [Nesta posição, palavra “its” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷¹ “É realmente prazeroso encontrar tamanha apreciação e entendimento e estou feliz em saber que você percebeu melodia no meu trabalho, assim como qualidades pictóricas. Eu sei que é assim, mas poucas pessoas têm ouvidos suficientemente delicados para perceber do mesmo modo que você.” (tradução nossa).

¹⁷² [Nesta posição, palavra “uma” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷³ [Vírgula ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷⁴ [Vírgula ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷⁵ [Forma da palavra na edição de 1987: “subtile”; forma da palavra na edição de 17 dez. 1940: “subtle”; dada a ausência da palavra “subtile” na língua inglesa moderna (Cf. CROWTHER, J. (Ed.). **Oxford Advanced Learner’s Dictionary**. 5thed. Oxford: Oxford University Press, 1955), retomamos a forma adotada na primeira edição.]

¹⁷⁶ “Estou contente em saber que você gostou de ‘Gavotte in D Minor’ porque este é um dos meus favoritos... os críticos, em geral, passam ao largo dele. Eu suponho que seja muito sutil para eles” (tradução nossa).

Ainda^[177] noutra carta,^[178] ela me diria que seu desejo era que eu me tornasse o embaixador^[179] da poesia nova^[180] dos Estados Unidos e inglesa^[181] – a dos imagistas, revolucionários intelectuais – como ela e Ezra Pound (que quis que eu conhecesse em Paris, do mesmo modo que desejou que eu visitasse, também em Paris, o então esquisitíssimo James Joyce) – no Brasil. Também o Brasil devia estar precisando de uma revoluçãozinha não só de técnica de expressão poética como na sua inteira sistemática literária. E, a seu ver, eu deveria concorrer para essa necessária revolução, trazendo para o Brasil o seu imagismo e o de Pound e o psicologismo estético de James Joyce.^[182]

“Embaixador”^[184], “propagador”^[185], “missionário”^[186] da “poesia nova” dos “imagistas” e dos ismos de^[187] outros revolucionários norte-americanos, irlandeses e ingleses, das letras e das artes,^[188] no Brasil –^[189] país então muito quieto na sua economia colonial^[190] e literariamente bem comportado,^[191] o café ainda^[192] equilibrado nos seus preços, equilibradas ainda nas suas atitudes passivamente subeuropéias, quase todas as inteligências literárias^[193] – nada disso fui, no meu país, depois de ter conhecido de perto Yeats, Vachel Lindsay, Amy Lowell^[194].^[195] A não ser que se dê atenção a uma insignificância: certa^[196] tentativa de poema a que me aventurei em 1926 – poema chamado^[197] “Bahia de todos os santos e quase todos os pecados” – distinguido, aliás, com uma espécie de “menção honrosa” pelo ilustre crítico e doutrinador daqueles dias, mestre Tristão de Ataíde; e^[198] se enxergue, nesse talvez

¹⁷⁷ [Palavra ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷⁸ [Vírgula ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁷⁹ [Palavra entre aspas na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁰ [Segmento entre aspas na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸¹ [Segmento “dos Estados Unidos e inglesa” em edição de 17 dez. 1940: “norte-americanos e ingleses”.]

¹⁸² [Segmento “– a dos imagistas (...) estético de James Joyce.” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, encontra-se, na primeira edição, segmento “no Brasil. Principalmente da seita ‘imagista’.”]

¹⁸³ [Adentramento de parágrafo ausente na edição de 1987; adentramento de parágrafo presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁴ [Aspas da palavra ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁵ [Aspas da palavra ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁶ [Aspas da palavra ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁷ [Segmento “ismos de” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁸ [Segmento “, irlandeses (...) artes,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁸⁹ [Em vez de parêntese conforme edição de 17 dez. 1940, emprego de travessão na edição de 1987.]

¹⁹⁰ [Segmento “na sua economia colonial” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹¹ [Nesta posição, segmento “Graça Aranha todo voltado para a Europa,” presente na edição de 17 dez. 1987.]

¹⁹² [Palavra ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹³ [Segmento “nos seus preços (...) inteligências literárias” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “, equilibrados os espíritos” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹⁴ [Segmento “, no meu país (...) Amy Lowell” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹⁵ [Nesta posição, segmento “Nem por correspondência nem depois de voltar a Pernambuco.” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹⁶ [Segmento “se dê (...) certa” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, palavra “numa” presente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹⁷ [Segmento “poema chamado” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

¹⁹⁸ [Segmento “distinguido, (...) Ataíde; e” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

poema,^[199] como outro crítico ilustre, este anglo-americano,^[200] o professor William Berrien, já enxergou^[201] – repercussão do “imagismo” anglo-saxônico no Brasil; sua repercussão com imagens e vozes brasileiras e até afro-brasileiras^[202]. Vaga repercussão, porém; e muito mais vaga, ainda, propagação direta de um *ismo*, de que não se chegou a fazer nenhum reclame nem no Rio nem em São Paulo nem mesmo no Recife daquela época^[203].

Eu que, menino de dezesseis anos, entusiasmado pelo exemplo romântico do doutor Livingstone, chegara a pensar gravemente em tornar-me missionário protestante na África, no Amazonas ou no Brasil central, aos 19 ou vinte^[204], quando conheci de perto, pessoalmente, intimamente,^{[205], [206]} Amy Lowell e outros poetas novos de língua inglesa – o maior de todos, a meu ver, Vachel Lindsay, depois, é claro, do irlandês genial, William Butler Yeats –^[207] já não era capaz de grandes^[208] entusiasmos evangélicos^[209] na propagação dessa outra espécie^[210] de boas novas: as estéticas. As literárias^[211].

^[212]Quando^[213] voltei ao Brasil, depois de cinco anos de estudos universitários nos Estados Unidos,^[214] tendo estado também na Europa e aí vivido vida ainda de estudante em Oxford, em Paris, na Alemanha, em Coimbra – freqüentando cursos, conferências, museus de antropologia, de arte e de história cultural, convivendo mais com *undergraduates* do que com *graduates*, embora já fosse *Magister Artium* à moda inglesa, por uma universidade então ainda muito anglófila nos seus ritos como a de Colúmbia e a essa dignidade juntasse estudos essenciais ao doutorado de estilo germânico, já feitos ou realizados na mesma universidade, com mestres de formação também germânica: um deles, Boas –^[215] não cumpri^[216] o desejo

¹⁹⁹ [Segmento “nesse talvez poema,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰⁰ [Segmento “outro crítico (...) anglo-americano” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “recentemente um crítico norte-americano de origem irlandesa,” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰¹ [Segmento “, já enxergou” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰² [Segmento “anglo-saxônico (...) afro-brasileiras” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰³ [Segmento “, e muito mais vaga (...) daquela época” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰⁴ [Forma do segmento “19 ou vinte” em edição de 17 dez. 1940: “vinte e um”.]

²⁰⁵ [Segmento “de perto (...) intimamente,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰⁶ [Nesta posição, palavra “melhor” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰⁷ [Segmento “de língua inglesa (...) Yeats –” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “dos Estados Unidos,” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁰⁸ [Forma do segmento “de grandes” em edição de 17 dez. 1940: “do menor”.]

²⁰⁹ [Forma do segmento “entusiasmos evangélicos” em edição de 17 dez. 1940: “entusiasmo”.]

²¹⁰ [Segmento “dessa outra espécie” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹¹ [Segmento “: as estéticas. As literárias” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “. Nem estéticas nem científicas; nem religiosas nem políticas” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹² [Nesta posição, palavra “E” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹³ [Nesta posição, segmento “alguns anos depois” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹⁴ [Segmento “depois (...) Unidos,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹⁵ [Segmento “também (...) Boas –” ausente na edição de 17 dez. 1940; sem seu lugar, segmento “antes na Europa e aí – em Oxford, em Paris, na Alemanha, na Espanha – vivido mais vida de diletante do que de rígido especialista,” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹⁶ [Nesta posição, palavra “decerto” presente na edição de 17 dez. 1940.]

de miss^[217] Lowell de tornar-me “missionário” ou^[218] “embaixador da poesia nova” – particularmente da seita “imagista” – entre minha gente, meus companheiros brasileiros e portugueses de geração; ou junto a adolescentes; a indivíduos mais moços do que eu^[219]. Não só porque me agradava conservar-me até certo ponto, diletante, num Brasil a que eu regressava sem orientação certa quanto às minhas futuras atividades – decidido apenas a não resvalar nas mais convencionalmente burguesas e a procurar, num esforço heróico, ser escritor: empenho a que Oliveira Lima comparou o de um louco que pretendesse patinar em areia tropical –^[220] como por não me ter parecido que para a propagação daquela e de outras novas houvesse já ambiente no mesmo^[221] Brasil. Ambiente em^[222] que^[223] não me sentia com forças para improvisar do simples canto de província em que decidi fixar-me, deixando amarelecer, virgens e inúteis, as cartas que me recomendavam ao então presidente da República, Washington Luís, e ao então presidente de São Paulo, Carlos de Campos^[224].

Se em 1923, depois de regressar^[225] da Europa ao Recife, fiz-me^[226] “missionário”^[227] de alguma coisa^[228] foi de certo regionalismo ao mesmo tempo tradicionalista e experimentalista, modernista e brasileiro^[229] – não confundir com nacionalista: o “nacionalismo” que então me repugnava, mesmo quando pregado pelo Barrès de *Les déracinés*. Também procuraria desenvolver certas idéias ao mesmo tempo democráticas (democracia social) inspiradas ou sugeridas por estudos de antropologia com o professor Franz Boas e “antidemocráticas” (antidemocracia política de sentido antiburguês, antiliberal, antiplutocrático). Idéias contraditórias, desenvolvidas, a meu modo, de Maurras e, sobretudo, de Georges Sorel. Idéias que me pareceram dignas de ser combinadas mesmo contraditoriamente, para uso brasileiro. O curioso é que algumas dessas idéias se propagariam, no pior sentido possível, como consequência dos artigos que então escrevi e de conferências que então pronunciei, resultando de sua má apropriação e imperfeita

²¹⁷ [Forma da palavra na edição de 17 dez. 1940: “Amy”.]

²¹⁸ [Segmento “‘missionário’ ou” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²¹⁹ [Segmento “, meus companheiros brasileiros (...) do que eu” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “: entre os meus companheiros de geração e os brasileiros mais moços que eu” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁰ [Segmento “num Brasil (...) areia tropical –” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²²¹ [Palavra ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²²² [Palavra “em” inserida nesta edição.]

²²³ [Segmento “Ambiente que” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, palavra “E” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁴ [Segmento “para improvisar (...) Carlos de Campos” ausente na edição de 17 de dez. 1940; em seu lugar, segmento “nem entusiasmo para improvisá-lo de um canto de província” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁵ [Segmento “, depois de regressar” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, palavra “cheguei” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁶ [Segmento “fiz-me” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁷ [Aspas da palavra ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁸ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 17 dez. 1940.]

²²⁹ [Segmento “modernista e brasileiro” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “personalista e universalista.” presente na edição de 17 dez. 1940.]

compreensão por indivíduos semiletrados, seitas políticas, que furiosamente se voltaram contra mim: seu inspirador mal compreendido ou mal assimilado.

Não deixei, porém, de, entre certos intelectuais e certos artistas, a meu ver capazes de assimilar valores que haviam se tornado parte de mim mesmo e que representavam uma cultura por mim antes desenvolvida que simplesmente adquirida no estrangeiro, de procurar contagiar com o gosto por esses valores aqueles intelectuais e aqueles artistas. Valores antes modernos que “modernistas”. Mas bastante “modernistas” para a sua irradiação ter sido um aspecto independente do “modernismo” no Brasil.^[230]

De modo que posso falar, não de conversões literárias ou artísticas ao “imagismo” anglo-americano ou ao “expressionismo” germânico ou ao “folclorismo” irlandês ou a outra qualquer seita “modernista”, que se tivesse realizado por meu intermédio, mas de contatos que tornei possíveis entre brasileiros e *ismos* então de todo ou quase de todo ignorados no Brasil: mesmo os “modernistas” mais sofisticados do Rio e de São Paulo. Inclusive contatos de poetas brasileiros com a poesia nova em língua inglesa. Foram encontros facilitados por aquelas minhas amizades com poetas e escritores daquela língua: amizades feitas nos meus dias de estudante, quando ao estudo das ciências chamadas do homem juntei sempre o gosto pelas artes e pelas letras chamadas belas. Primeiro, nos Estados Unidos; depois, na Europa^[231]. Com Amy Lowell, principalmente – e daí o destaque que dou ao fato nesta ampliação de velha nota em inglês a seu respeito: mas também com William Butler Yeats,^[232] com Constance Lindsay Skinner, com Vachel Lindsay, com Muna Lee (a quem não consegui convencer da vantagem de traduzir para o inglês o *Toda América*²³³ de Ronald de Carvalho, conforme o pedido do ilustre “modernista”^[234] brasileiro), com A. Joseph Armstrong – especialista, ao mesmo tempo, no estudo dos dois Browning, Robert e Elizabeth, e no dos poetas novos dos Estados Unidos; com Carl Van Doren; com Leon Kobrin: amigo fraterno de Trotsky e um dos melhores escritores iídiches da sua época. Henry L. Mencken – com quem me correspondi desde meus dias de cigano de beca parado em Oxford – este só vim a conhecê-lo pessoalmente, em Nova York, mais de cinco anos depois de iniciada essa amizade epistolar. E em Paris, por intermédio de Regis de Beaulieu, com os discípulos então ainda

²³⁰ [Segmento “– não confundir (...) ‘modernismo’ no Brasil.” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²³¹ [Segmento “De modo que (...) depois, na Europa” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “Ainda assim, posso hoje falar senão de conversões literárias ao ‘imagismo’ ou a outra qualquer seita modernista que se tivesse realizado por meu (...) contatos de brasileiros com o romance e a poesia nova em língua inglesa facilitados pelas amizades com poetas e escritores americanos que eu fizera nos meus dias de estudante nos Estados Unidos e na Europa” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²³² [Segmento “com William Butler Yeats,” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²³³ CARVALHO, Ronald de. **Toda a América**. Rio de Janeiro: Ed. Pimenta de Melo, 1926.

²³⁴ [Aspas da palavra ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

ardentes e Mistral – alguns deles maurrasianos; com os adeptos de Georges Sorel – revolucionários com alguma coisa de espanhóis na sua violência; e também por intermédio dos pintores brasileiros, então fixados na França, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, com Bourdel, com Foujita e com as várias novas tendências na escultura e na pintura européias. Por intermédio de Vicente, conheci em Paris Tarsila do Amaral e Brecheret – paulista que então se impregnava na Europa de “modernism” estético. Mas a quem faltava, decerto, a inteligência de Vicente^[235].

Um daqueles brasileiros – digo-o um tanto ancho de vaidade ao recordar que em livros dados a mim por Amy Lowell, Constance Lindsay Skinner e A. Joseph Armstrong, iniciaram-se vários brasileiros na *new poetry* – que, por meu intermédio, se aproximaram da *new poetry* em língua inglesa^[236] foi^{[237], [238]} Manuel Bandeira. Outro^[239] foi Ronald Carvalho.^[240] Em interessantíssima carta, de que vou aqui revelar alguns trechos, o próprio de *Libertinagem* e crítico dos “parnasianos” e “românticos” do Brasil, me comunicou, ainda alvoroçado, suas primeiras impressões dos poetas novos dos Estados Unidos, cujo conhecimento ele acabara de fazer através de uma antologia com que me presenteara não me lembro se Constance Lindsay, se Amy Lowell^[241]. Conhecimento que seria seguido por descobertas noutra zona de sensibilidade poética em língua inglesa: os poemas de Elizabeth Barrett Browning, de quem Manuel Bandeira acabaria traduzindo para o português e para o jornal *A Província*, a pedido meu e^[242] a pedido do professor Armstrong, alguns dos sonetos admiráveis^[243] que nos deixou a inglesinha doente. Dessas traduções acaba de^[244] escrever um crítico brasileiro da penetração e da cultura de^[245] Abgar Renault que revelam um aspecto novo no talento de Manuel Bandeira. Pois para esse “aspecto novo” modestamente contribuí, pondo o poeta brasileiro em contato com os Browning e com numeroso grupo de “poetas novos” em língua

²³⁵ [Segmento “; com Carl (...) inteligência de Vicente” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²³⁶ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1987; vírgula retirada nesta edição.]

²³⁷ [Segmento “ – digo-o (...) foi” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²³⁸ [Nesta posição, segmento “seria o admirável poeta” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²³⁹ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1987; vírgula retirada nesta edição.]

²⁴⁰ [Frase ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴¹ [Segmento “Em interessantíssima (...) se Amy Lowell” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “Ainda há pouco, remexendo papéis velhos, encontrei a carta interessantíssima em que o autor de *Libertinagem* e crítico dos ‘parnasianos’ e ‘românticos’ do Brasil me dá suas primeiras impressões dos poetas novos dos Estados Unidos, cujo conhecimento ele acabara de fazer através da antologia que eu lhe emprestara” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴² [Segmento “a pedido meu e” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴³ [Palavra “admiráveis” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “de amor” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴⁴ [Segmento “acaba de” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, palavra “poderia” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴⁵ [Palavra “de” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “do Sr.” presente na edição de 17 dez. 1940.]

inglesa. Não só novos pela²⁴⁶ técnica: também pela mensagem. O caso do autor de “I have a rendez-vous with death”, poema que a meu pedido Manuel Bandeira traduziria para a língua portuguesa.^[247]

Que me permita o velho e querido amigo de Santa Teresa^[248] a transcrição – omitidas as^[249] expressões demasiado íntimas – de alguns trechos de sua carta de 1926^[250] “Tua antologia já está comigo. Vou ficar com ela mais alguns dias para^[251] travar relações com os irmãozinhos de língua inglesa. Quanta mulher batuta. Felizmente as nossas poetisas^[252] não têm a poesia das Alice Corbin, das Mary Carolyn Davies, das Hildegard Flanner. Se não^[253], que seria do amarelo?

*I am going to die too, flower,^[254] in a little while
Do not be so proud^[255]*

[...]^[256] também aquele Orrick Johns [...]^[257] que^[258] poeta estupendo! Que^[259] mocidade insolente! E o tal de Ford Madox Hueffer do poema “Antwerp”^[260] e o Kreymborg^{[261][262]} e o xará^[263] Emanuel Carnevali que achou expressão lírica para a observação do meu médico de^[264] sanatório da Suíça. (Ele^[265] me disse um dia que os meus

²⁴⁶ [Forma da palavra em edição de 1987: “pelas”.]

²⁴⁷ [Segmento “Pois para (...) língua portuguesa.” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴⁸ [Segmento “de Santa Teresa” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “, e poeta de ‘Passárgada’,” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁴⁹ [Palavra ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁵⁰ [Em vez de ponto, dois pontos presentes na edição de 17 dez. 1940.]

²⁵¹ [Forma da palavra no manuscrito original da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “pra”.]

²⁵² [Forma do nome no manuscrito original da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “Rosalinas”.]

²⁵³ [Forma fixada nesta edição: “Se não”.]

²⁵⁴ [Vírgula ausente na edição de 1987 e presente no manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁵⁵ [Nesta posição, ponto parágrafo presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁵⁶ [Colchetes entre reticências ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

²⁵⁷ [Colchetes entre reticências ausentes na edição de 17 dez. 1940.]

²⁵⁸ [Segmento “[...] também aquele Orrick Johns [...]” em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “Putá que a pariu! Putá que pariu também a aquele Orrick Johns “that glories in his parasites. Que”.]

²⁵⁹ [Palavra iniciada em letra minúscula no manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “que”.]

²⁶⁰ [Nesta posição, presença de vírgula no manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁶¹ [Segmento “e o Kreymborg” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁶² [Nesta posição, presença de vírgula no manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁶³ [Palavra iniciada em letra maiúscula no manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁶⁴ [Forma da palavra em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “do”.]

²⁶⁵ [Forma do segmento “. (Ele” em edição de 17 dez. 1940: “(Ele, (o médico),”.]

pulmões apresentavam lesões teoricamente^[266] incompatíveis com a vida^[267]). O delicioso Carnevali diz:

*I do not understand the cosmic^[268] humour
that lets foolish impossibilities,^[269] like me, live.*

E mais abaixo,^[270] na mesma “Invocation of Death”:

*If she would only come quietly like a lady
The first lady and the last.*

Quanto eu pensei isto!^[271] Mas só em inglês é possível dizer.^[272]

If she would only come quietly...^[273]

Amy Lowell – é curioso – não impressionou fortemente Manuel Bandeira. Deixou-o um tanto frio. A verdade, porém, é que^[274] Amy Lowell, a experimentalista, concorreu para tornar possível o poeta ou o escritor dizer em língua inglesa coisas que só pareciam ter gosto em francês, em italiano, em alemão^[275] . Já Elizabeth Browning fizera o mesmo com relação a um lirismo que parecia só ter graça em língua portuguesa, conseguindo transferi-la para a língua inglesa.^[276] Da mesma maneira Manuel Bandeira – tão experimentalista quanto essas duas poetisas^[277] – tornaria possível dizer-se em verso português o que só parecia possível em

²⁶⁶ [Palavra “teoricamente” com sublinhado em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁶⁷ [Segmento “teoricamente incompatíveis com a vida” em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição) entre aspas.]

²⁶⁸ [Forma da palavra em edição de 1987: “comic”. Em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição), a palavra aparece grafada como “cosmic”.]

²⁶⁹ [Ausência de vírgula na edição de 1987. Presença de vírgula em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁷⁰ [Ausência de vírgula em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁷¹ [Forma do segmento em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição): “Quanta vez pensei isto!”.]

²⁷² [Ausência de dois pontos em manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição).]

²⁷³ [Cotejo com manuscrito autógrafo da carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre (Documento 2 desta edição) finaliza-se aqui. Aspas, ausentes em edição de 1987, inseridas nesta edição para indicar fim de citação. Não explicitamos diferenças de paragrafação entre versão de 1987 e manuscrito por da mesma não estar clara no documento original. V. reprodução da carta em Caderno de Ilustrações desta tese.]

²⁷⁴ [Segmento “Amy Lowell (...) , é que” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁷⁵ [Segmento “concorreu (...) em alemão” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, segmento “tornou possível dizer em inglês coisas que só pareciam ter gosto em francês ou em italiano” presente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁷⁶ [Segmento “Já Elizabeth Browning (...) língua inglesa.” ausente na edição de 17 dez. 1940.]

²⁷⁷ [Segmento “essas duas poetisas” ausente na edição de 17 dez. 1940; em seu lugar, palavra “ela” presente na edição de 17 dez. 1940.]

inglês.^[278] Elizabeth Barrett Browning foi, aliás, outro valor da literatura inglesa, então ignorada no Brasil, para o qual tive o gosto de atrair Manuel Bandeira. Tive também a ventura de conseguir que ele lhe traduzisse alguns dos seus sonetos de amor.

Em artigo escrito para o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro – quase dez anos depois da carta das “primeiras impressões” de que acabo de transcrever alguns trechos por me parecerem de interesse para o estudo do contato dos atuais poetas brasileiros com “imagistas” e com outros “modernistas” dos Estados Unidos e da Inglaterra – Manuel Bandeira salientaria, na poesia nova dos americanos dos Estados Unidos, a tendência para tornar-se interpretação ou expressão profunda de vida; para abandonar o vocabulário *soi-disant* poético e os *clichés*^[279] e contrações convencionais; para empregar a linguagem cotidiana; para abusar do verso livre. E do “imagismo”, em particular (do qual aproxima, ao meu ver arbitrariamente, os nossos poetas Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, cujas imagens me parecem algumas vezes mais oratórias – como aliás as do grande Castro Alves e as do engenhoso Ronald de Carvalho – do que poéticas – embora de Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida existam poemas de uma forte pureza lírica) – destaca os seis mandamentos característicos: empregar linguagem cotidiana, mas usar sempre o termo exato; criar novos ritmos como expressão de novos estados de espírito; absoluta liberdade na escolha do assunto; sintetizar o conceito numa imagem, sem se perder em generalidades vagas; e “a poesia nova deve ser clara e nítida, nunca confusa e indefinida; a concentração é a essência mesma da poesia”.

Da “poesia nova” há quem ache difícil separar a prosa; e afinal, a separação torna-se, a certa altura, convencional. O “imagismo” tanto se fez sentir na poesia como na prosa poética de “modernistas”; inclusive, na Inglaterra, na de D. H. Lawrence, companheiro de “imagismo” de Amy Lowell em Londres. E no Brasil – onde alguns dos seus “mandamentos” correspondem a condições e necessidades tão nossas: país novo e de cultura plural, tradicionalmente portuguesa mas enriquecida de outras influências (indígena, africana, espanhola, polonesa, Síria, judia, italiana, alemã) – ainda hoje, talvez haja lugar para alguma das sugestões do “imagismo”. Principalmente para aquela: “criar novos ritmos”.

Ainda hoje, nos esforços de experimentação daqueles que procuram os “ritmos novos” para “novos estados”, chamados de espírito, mas na realidade complexamente culturais e psicossociais e não apenas individuais, o “imagismo” pode vir em nosso auxílio. Amy Lowell

²⁷⁸ [Finaliza-se aqui o cotejo entre “Amy Lowell: uma revolucionária de Boston”, edição de 1987, e o texto original publicado em 17 dez. 1940, com o título “Ainda Amy Lowell”. Texto fixado nesta edição continua conforme edição de “Amy Lowell: uma revolucionária de Boston”, de 1987.]

²⁷⁹ [Forma da palavra em edição de 1987: “*chichés*”.]

e seus companheiros americanos e ingleses de “revolução cultural” nos oferecem ainda sugestões para a solução não de simples problemas de técnica literária,^[280] mas^[281] de problema mais vasto: o da pluralidade de cultura em países como o Brasil, no qual o idioma tradicional precisa de tornar-se cada dia mais plástico, para alargar-se em expressão de descendentes não só de portugueses e de espanhóis, como de italianos, poloneses, africanos, sírios, alemães, judeus, ameríndios.

De Amy Lowell, mais do que de William Butler Yeats – que de certa altura em diante foi um imagista – é que recebi os esclarecimentos mais exatos sobre a revolução que o imagismo pretendia realizar – e vinha realizando – na literatura de língua inglesa, contra a retórica, a própria eloquência, a palavra abstrata. Era uma revolução, a meu ver, conservadora, tradicionalista: vinha do que na língua inglesa era e é vigor anglo-saxônico contra a pompa latina; John Bunyan contra Milton; Chaucer contra Shakespeare. Essa interpretação, sugeri-a a Amy Lowell, uma tarde em Brookline^[282]; e ela a aplaudiu.

Mas não sem advertir: “Não se esqueça que é uma revolução em língua inglesa vinda, em grande parte, da língua francesa.” Referia-se a sugestões de Gautier, de Baudelaire, de Rimbaud^[283], de Mallarmé, de Verlaine, de Laforgue e, sobretudo, do Remy de Gourmont: o Remy de Gourmont que escreveu estas três obras-primas de inteligência e de sensibilidade francesas que são *Livre des marques*, *Problèmes du style* e *Chemin de velours*. Na França o imagismo se desenvolvia com Romaine e com Duhamel; com todo um grupo de renovadores das letras francesas com os quais Ezra Pound entrara em íntimo contato, comunicando algumas das suas assimilações dessa outra revolução francesa a escritores de língua inglesa, que lhe dariam um desenvolvimento maior e mais sistemático que o alcançado na própria França. Pois,^[284] além de Yeats, foram influenciados pelo imagismo de que Pound, “H. D.” e Richard Aldington se tornaram pioneiros em língua inglesa, escritores como D. H. Lawrence e John Gould Fletcher, como o próprio Eliot. Mas, principalmente, como Amy Lowell.

Que novo – ou renovado – tipo de expressão literária terá sido, afinal, esse? O baseado no chamado “*visual appeal*”, é certo. Numa mais aguda sensibilidade às formas e às cores e às suas relações com a vida e com o homem. Mas sem que deixasse de caracterizá-lo uma estrutura rítmica; rítmica e musical; e esta, adstringente em vez de eloquente. A aproximação de línguas ocidentais como a inglesa, de línguas orientais, como a chinesa, no sentido de

²⁸⁰ [Vírgula inserida nesta edição.]

²⁸¹ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1987; vírgula retirada nesta edição.]

²⁸² [Forma da palavra em edição de 1987: “Blookline”; provável incorreção tipográfica.]

²⁸³ [Forma da palavra em edição de 1987: “Rimbaut”; provável incorreção tipográfica.]

²⁸⁴ [Vírgula inserida nesta edição.]

procurar-se, nas ocidentais, uma apresentação visual de imagens e de ritmos em que a sugestão dos objetos concretos se realize o mais possível através de sinais verbais semelhantes aos da expressão pictórica, por um lado, e aos da expressão musical, por outro. Daí a importância atribuída por alguns dos escritores que no segundo decênio do século atual mais se empenharam em desenvolver uma sistemática imagista – um desses escritores, Amy Lowell – ao livro de Ernest Fenollosa^[285], *The chinese written character as a medium for poetry*²⁸⁶, em que se nega que o objeto da arte ou da poesia seja o geral ou o abstrato; e se pretende que, ao contrário, a maior preocupação do artista ou do poeta deve ser com o que é concreto na natureza.

Daí, em literatura, a necessidade de serem empregadas “palavras ativas”; os verbos transitivos (tão constantemente usados por Shakespeare); as palavras justapostas que pela justaposição criem novas combinações e expressão de música e de *visual appeal*. E criem essas combinações novas, valendo-se o escritor moderno não de uma fonte única de inspiração ou de informação, porém – já o notou mr. Herbert Read precisamente a propósito de Ezra Pound – de várias – política, ética, economia, anedotas, sugestões vindas de várias línguas (inglês, grego, latim, italiano, provençal, chinês, no caso de Pound e, até certo ponto, no de Amy Lowell); e esse material vário e até contraditório apresentado sem coesão ostensiva e aparentemente sem estrutura. Mas, na verdade, estruturalmente: sob aquela *forma* que Pound tantas vezes escreveu assim *forma*; e não em inglês. Forma desembaraçada de quanto seja supérfluo; de quanta palavra não revele alguma coisa de significativo no objeto que o escritor ou o artista procure evocar ou revelar, distanciando-se do historiador ou do físico ou do biólogo ou do sociólogo²⁸⁷ ou do economista que apenas descreva, como puro informante, o que seja o mesmo objeto do ponto de vista da sua especialidade; e distanciando-se, também, de quanto objetivo se afaste do objeto natural ou concreto; de quanta generalidade, por mais sedutora, prejudique os particulares exatos; de quanto seja “cósmico” por incapacidade do escritor ou do poeta ou do artista para lidar com os difíceis problemas de apresentação artística ou poética daqueles particulares, através de imagens sugestivas e por vezes simbólicas.

É evidente que, de modo desajeitado, foi um poema imagista que procurei escrever ao evocar a Bahia como cidade de “todos os santos e de quase todos os pecados”; suas casas, “como um grupo de gente se espremendo para sair num retrato de revista ou jornal”; suas

²⁸⁵ [Forma do nome em edição de 1987: “Fenelosa”.]

²⁸⁶ FENOLLOSA, E.F. **The Chinese written character as a medium for poetry**: an ars poetica. With a foreword and notes by Ezra Pound. London: Stanley Nott, 1936.

²⁸⁷ [Forma da palavra em edição de 1987: “sociológico”.]

igrejas como “igrejas gordas” em contraste com as “magras” do Recife; seus morros, como “ventres empinados” dos quais estiveram para sair novas cidades. Evidente, também, que foi sob remota influência de um imagismo simbolista, folclorista, mitologista, um tanto *à la* Yeats que procurei dar forma, além de sociológica, poética, na língua portuguesa, do Brasil, à imagem do “amarelinho”, à imagem da “casa-grande”, horizontalmente gorda, completada pela da “senzala”, à figura – já entrevista, aliás, de modo vago, por Pereira da Costa, do “triângulo rural”, à imagem do “sobrado”, sobretudo do verticalmente “magro”, como expressão de civilização urbana no Brasil em que a herança portuguesa de arquitetura fora modificada pela norte-européia tanto em suas funções como em suas formas, tanto em sua técnica como na sua estética.

4.5 Em Defesa da Saudade^[288]

Gilberto Freyre

Mostraram-me um dia desses furiosas palavras contra “a saudade” e contra “os saudosistas”, proferidas já há tempo, em discurso, aparentemente nacionalista – que não li naquela ocasião, senão em breve resumo de jornal – por distinto homem público, hoje afastado da atividade política, ou, antes, demagógica. Distinto mas incoerente. Não há nacionalismo que seja inimigo tão cru da saudade, a não ser quando excessivamente demagógico no seu repúdio à tradição.

Por que dizer-se mal da saudade como se ter saudade fosse ou particularidade de indivíduo doente ou de mulher velha ou de povo inferior, incapaz, por fraqueza de ânimo, de encarar corajosamente o presente e mesmo o futuro? Não é. Ao contrário: aos grandes criadores e até inovadores em política, em arte, em ação social, não tem faltado a capacidade de encontrar no passado, individual ou nacional, evocados pela sua saudade, estímulos para os seus arrojos de criação e para as suas audácias de renovação.

Quem mais dado à “saudade amorosa” – “enquanto houver no mundo saudade” – que o grande Camões? *Os Lusíadas* são um poema em que o saudosismo reponta muito lusitanamente de alguma de suas melhores efusões. Mas, ao mesmo tempo, é poema de energia viril e de fé máscula no esforço do homem e no ânimo do cristão. Joaquim Nabuco destacou em Camões precisamente este aspecto: o mestre de energia. Com efeito, foi graças a Camões – o saudosista – que Portugal veio a reerguer-se em 1640. O que mostra que saudade do passado e fé no futuro podem completar-se de modo magnífico.

Completoou-se também em Tolstoi. Completoou-se em Michelet. Completoou-se em Unamuno.

A saudade do Brasil fez com que José Bonifácio renunciasse às vantagens que lhe eram oferecidas pela Europa e viesse ser, em sua terra – terra onde não faltavam medíocres que lhe detestassem a incômoda superioridade de inteligência e de saber – o campeão da independência nacional e o primeiro grande organizador do futuro brasileiro. A saudade do Brasil fez com que Gonçalves Dias escrevesse no exílio os, há mais de um século,

²⁸⁸ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Em defesa da saudade. In: _____. **Pessoas, coisas e animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. TEXTO PARA COTEJO: FREYRE, G. Em defesa da saudade. **Jornal do Commercio**, Recife, 3 out., 10 out. 1965.].

popularíssimos e brasileiríssimos versos “Minha terra tem palmeiras”. A saudade da Bahia nunca deixou de inspirar maternalmente Rui Barbosa^[289] sem nunca ter impedido que ele fosse homem tão em dia com os saberes jurídicos da sua época^[290] e se conservasse, como político,^[291] tão preocupado com o futuro brasileiro. A saudade de Pernambuco inspirou ao pernambucano Manuel Bandeira sua *Evocação*^[292] imortal do Recife. Sem a saudade da sua meninice de filho de gente de casa-grande, criado tanto por negras de senzala, como por iaiás brancas, José Lins do Rego não teria escrito o “Ciclo da Cana-de-Açúcar”²⁹³ e aberto novas perspectivas à reforma agrária que o Nordeste reclama. E a saudade da casa-grande e da senzala do Engenho Massangana – entre as quais se criou, recebendo também, além dos carinhos da madrinha branca, ternuras de mães-pretas e brincando no engenho com os malungos da senzala, seus verdadeiros irmãos, desde que dos oficialmente seus irmãos, os brancos, todos residentes com os pais no Rio, nhô Quim vivia separado – já fazia que Joaquim Nabuco, filho de pai baiano e de mãe pernambucana, nascido em sobrado do Recife e criado em casa-grande de Pernambuco, se tornasse o maior campeão brasileiro da causa abolicionista no Brasil. O homem público do seu tempo mais lúcido em sua visão do futuro brasileiro.

Como, então, dizer-se mal da saudade, vendo-se nela sentimento rasteiro e lamentavelmente “reacionário”? Como condenar-se na saudade o que nela é ternura pelo que há de bom no passado – o passado do indivíduo e o passado do grupo a que ele pertence? A saudade da infância. A saudade dos pais. A saudade dos avós. A saudade dos mortos – pai, mãe, irmão, esposa, mestres, namoradas, mortos – esses mortos que os próprios *Positivistas*^[294] não concebem senão orientando em muita coisa os vivos.

Que povo pode viver hostil ou indiferente ao seu passado – *do*^[295] muito que no seu passado é valor essencial ao seu desenvolvimento e não apenas acontecimento histórico? Houve, logo após a Revolução de 1917, quem tentasse separar o povo russo de quanto fosse valor que o ligasse ao seu passado. Quem quisesse proibir a gente russa^[296] mais russa de dançar suas velhas danças, de cantar suas velhas canções, de adorar seus velhos santos. Mas a saudade desses valores fez que o povo russo resistisse aos teóricos tão cruamente empenhados

²⁸⁹ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 3 out. 1965.]

²⁹⁰ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 3 out. 1965.]

²⁹¹ [Vírgula ausente na edição de 1979; vírgula reinserida conforme edição de 3 out. 1965.]

²⁹² [Forma da palavra “Evocação” sem itálico na edição de 3 out. 1965.]

²⁹³ Os romances de José Lins do Rego que fazem parte do “ciclo da cana-de-açúcar” são *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936). Por extensão, se inclui também *Fogo morto* (1943), que trabalha com uma espacialidade e uma temporalidade cíclicas, girando em torno do mundo da casa-grande, espécie de complexo que engloba a vivência e as contradições do Brasil patriarcal, de herança colonial.

²⁹⁴ [Forma da palavra grafada com letra minúscula na edição de 3 out. 1965: “positivistas”.]

²⁹⁵ [Forma da palavra na edição de 3 out. 1965: “ao”.]

²⁹⁶ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1979; vírgula retirada nesta edição conforme edição de 3 out. 1965.]

em desnacionalizá-lo para torná-lo apenas Comunista^[297], desde que o Comunismo^[298] era, para esses teóricos, o Futuro^[299] – era do futuro que os russos tudo deviam esperar. O povo russo não obedeceu àqueles teóricos do Comunismo^[300]. Continuou russo. Russo pela saudade: saudade até dos seus Pedros imperadores que a esperança no futuro pode completar, muitas vezes, a saudade do passado: mas nunca a substituir de todo. Uma completa a outra.

* * *

Ainda a propósito de saudade, voltemos ao caso russo. Que se viu, em conseqüência daquele viril desobedecer de um povo a alguns dos seus governantes? Viu-se nova geração de teóricos do Comunismo^[301] na Rússia surgirem e deixarem de ser internacionalistas integrais e futuristas absolutos para admitirem e até, em alguns casos, estimularem, entre os russos, a saudade do passado russo, o culto do passado nacional, a devoção à memória de grandes imperadores, o carinho pelas relíquias de arte religiosa, as danças, as canções, os quitutes, o folclore das várias regiões russas.

Só assim pôde^[302] a União Soviética enfrentar a Alemanha Nazista na Segunda Grande Guerra: juntando ao culto da esperança,^[303] nos valores socialistas – os do futuro, segundo os revolucionários de 1917 –,^[304] o culto da saudade de irredutíveis valores nacionais e regionais provados pelo tempo e por ele enobrecidos.

Quem,^[305] por ignorância ou por ceticismo aprendido com algum Anatole France retardatário, duvidar do que aqui se diz^[306] que procure instruir-se sobre o assunto em fontes idôneas. Um dos males de certos homens públicos no Brasil de hoje é, além de serem por vezes insinceros ou levianos no que dizem às multidões, servirem-se de assessores pouco instruídos nas matérias em que tais assessores se dizem especialistas.

Não: a saudade não é expressão de baixa pieguice “reacionária”. Não é sentimentalismo rasteiro a que recorram apenas os adeptos do chamado *status quo*. Não é recurso a que se agarrem os “regressistas” incapazes de acompanhar os “progressistas” que

²⁹⁷ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 3 out. 1965: “comunista”.]

²⁹⁸ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 3 out. 1965: “comunismo”.]

²⁹⁹ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 3 out. 1965: “futuro”.]

³⁰⁰ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 3 out. 1965: “comunismo”.]

³⁰¹ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 10 out. 1965: “comunismo”.]

³⁰² [Forma da palavra sem acento em edição de 1979; acento reinserido nesta edição conforme edição de 10 out. 1965.]

³⁰³ [Vírgula ausente na edição de 10 out. 1965.]

³⁰⁴ [Vírgula inserida nesta edição.]

³⁰⁵ [Vírgula ausente na edição de 1979; vírgula reinserida conforme edição de 10 out. 1965.]

³⁰⁶ [Nesta posição, vírgula presente nas edições de 1979 e 10 out. 1965; vírgula retirada nesta edição.]

representam a seu modo o que consideram determinismo histórico ou econômico. É afirmação, no indivíduo, quer com relação ao seu passado pessoal, quer com relação ao seu passado nacional, daquela autenticidade de caráter que encontra,^[307] na identificação do mesmo indivíduo com os valores do seu passado, a sua base mais sólida.

Só aos maus aventureiros, aos maus filhos que têm horror à memória dos pais, aos maus adultos incapazes de ternura para com a própria meninice e para com a memória dos seus antepassados e dos seus mortos e dos seus irmãos mais velhos, a saudade repugna como aos diabos dos mitos medievos repugnava a cruz de Cristo. Ou o nome de Maria Santíssima.

Não nos deve inspirar inteira confiança nem o homem público nem o sociólogo nem o historiador nem o economista que se apresentem, no Brasil, aos seus compatriotas, como inimigos tais do Passado^[308], inimigos tais da Tradição^[309], inimigos tais do que é ibérico no passado brasileiro e no seu modo de tornar-se presente e transformar-se em futuro, americanizando-se no sentido de renovar-se sob o estímulo de novas condições – as americanas – de vida, que lhes repugne quanto seja sentimento de saudade do brasileiro de hoje para com o Brasil de um tempo mais aparentemente que efetivamente morto. Porque sem esse sentimento, um tanto amoroso, de saudade do passado,^[310] substituído de todo por outro, de repúdio total ao mesmo passado, não há povo que se compreenda profundamente a si mesmo. Que compreenda o que nele é presente e o que nele é possível futuro.

Não há compreensão inteira de qualquer desses tempos e de qualquer aspecto da realidade que elas formam, interpenetrando-se, se falta um pouco de amor pelo passado ao analista que tente compreendê-los e ouse interpretá-los. Daí, nas modernas Ciências do Homem, a tendência para uma compreensividade que é a negação mesma de quanto seja Sociologia apenas sociométrica. Antropologia somente antropométrica. Economia apenas estatística ou unicamente matemática. Os números aos quais se chegou a atribuir uma nova e decisiva eloquência^[311] não bastam nessas ciências: os analistas que procuram estudar o homem, desejando compreendê-lo, sabem que precisam de ir além dos números e além dos determinismos; e de recorrer à própria tradição ibérica de introspecção^[312], além de pessoal, social, para aprofundarem seus estudos e aprofundarem suas compreensões.

³⁰⁷ [Vírgula inserida nesta edição.]

³⁰⁸ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 10 out. 1965: "passado".]

³⁰⁹ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 10 out. 1965: "tradição".]

³¹⁰ [Vírgula ausente na edição de 1979; vírgula reinserida em edição de 10 out. 1965.]

³¹¹ [Nesta posição, vírgula presente nas edições de 1979 e 10 out. 1965; vírgula retirada nesta edição.]

³¹² [Palavra em edição de 1979: "introspeção"; incorreção tipográfica; a palavra está corretamente grafada na edição de 10 out. 1965.]

4.6 Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados^{[313], [314], [315], 316}

Gilberto Freyre

Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra
[sair num retrato de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes)
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem pra sair.
ar mole oleoso
cheiro de comida
cheiro de incenso
cheiro de mulata
bafos quentes de sacristias e cozinhas
panelas fervendo
temperos ardendo
o Santíssimo Sacramento se elevando
mulheres parindo
cheiro de alfazema
remédios contra sífilis

³¹³ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados. In: _____. **Talvez poesia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.9-11]

³¹⁴ [Para a transcrição do poema, procurei respeitar a disposição gráfica.]

³¹⁵ [O poema “Bahia e Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados (1926)” foi pela primeira vez publicado no livro *Talvez Poesia* (1962). Porém, o mesmo já tinha sido divulgado na imprensa periódica; primeiro, em 1926 pela *Revista do Norte*, editada por José Maria de Albuquerque Melo; depois – com muitas alterações, segundo o próprio Bandeira afirma no ensaio crítico “Gilberto Freyre poeta”, também reproduzido nesta tese –, na revista *O Cruzeiro*, em edição de 20 de junho de 1942. Foi editado no livro, organizado por Bandeira, *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos* (1964). Na *Antologia*, o poema foi publicado com o título “Bahia”. É interessante observar que há diferenças entre ambos, a ponto de ser mais útil, para o pesquisador que se interessar pelo confronto entre as versões, reproduzir “Bahia” na íntegra, editado no próximo sub-capítulo].

³¹⁶ No texto “Gilberto Freyre poeta”, de Manuel Bandeira, editado neste capítulo da tese, o poeta aprecia algumas diferenças entre versões de “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”, de Gilberto Freyre.

letreiros como este:
 Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo
 (Para sempre! Amém!)
 automóveis a 30\$ a hora
 e um ford todo osso sobe qualquer ladeira
 saltando pulando tilitando
 pra depois escorrer sobre o asfalto novo
 que branqueja como dentadura postiça em terra encarnada
 (a terra encarnada de 1500)
 gente da Bahia!
 Preta, parda, roxa, morena
 cor dos bons jacarandás de engenho do Brasil
 (madeira que cupim não rói)
 sem rostos cor de fiambre
 nem corpos cor de peru frio
 Bahia de cores quentes, carnes morenas, gostos picantes
 eu detesto teus oradores, Bahia de Todos os Santos
 teus ruisbarbosas, teus otaviosmangabeiras
 mas gosto das tuas iaiás, tuas mulatas, teus angus
 tabuleiros, flor de papel, candeirinhos,
 tudo à sombra das tuas igrejas
 todas cheias de anjinhos bochechudos
 sãojões sãojosés meninozinhosdeus
 e com senhoras gordas se confessando a frades mais magros
 [do que eu
 O padre reprimido que há em mim
 se exalta diante de ti Bahia
 e perdoa tuas superstições
 teu comércio de medidas de Nossa Senhora e de Nossosse-
 [nhores do Bonfim
 e vê no ventre dos teus montes e das tuas mulheres
 conservadores da fé uma vez entregue aos santos
 multiplicadores de cidades cristãs e de criaturas de Deus
 Bahia de Todos os Santos

Salvador

São Salvador

Bahia

Negras velhas da Bahia

vendendo mingau angu acarajé

Negras velhas de xale encarnado

peitos caídos

mães das mulatas mais belas dos Brasis

mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a

[todos os meninos do Brasil.

Mulatas de mãos quase de anjos

mãos agradando ioiôs

criando grandes sinhôs quase iguais aos do Império

penteando iaiás

dando cafuné nas sinhás

enfeitando tabuleiros cabelos santos anjos

lavando o chão de Nosso Senhor do Bonfim

pés dançando nus nas chinelas sem meia

cabeções enfeitados de rendas

estrelas marinhas de prata

tetéias de ouro

balangandãs

presentes de português

óleo de coco

azeite-de-dendê

Bahia

Salvador

São Salvador

Todos os Santos

Tomé de Sousa

Tomés de Sousa

padres, negros, caboclos

Mulatas quadrarunas octorunas

a Primeira Missa

os malês
 índias nuas
 vergonhas raspadas
 candomblés santidades heresias sodomias
 quase todos os pecados
 ranger de camas-de-vento
 corpos ardendo suando de gozo
 Todos os Santos
 missa das seis
 comunhão
 gênios de Sergipe
 bacharéis de pince-nez
 literatos que lêem Menotti Del Picchia e Mário Pinto Serva
 mulatos de fala fina
 muleques
 capoeiras feiticeiras
 chapéus-do-chile
 Rua Chile
 viva J. J. Seabra
 morra J. J. Seabra
 Bahia
 Salvador
 São Salvador
 Todos os Santos
 um dia voltarei com vagar ao teu seio moreno brasileiro
 às tuas igrejas onde pregou Vieira moreno hoje cheias de
 [frades ruivos e bons
 aos teus tabuleiros escancarados em x (esse x é o futuro
 [do Brasil)
 a tuas casas a teus sobrados cheirando a incenso comida
 [alfazema cacau.

4.7 Bahia^{[317], [318]}

Gilberto Freyre

Bahia de todos os santos (e de quase todos os pe-
[cados)
casas trepadas umas por cima das outras
como um grupo de gente se espremendo
p'ra sair num retrato de revista ou jornal
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem p'ra sair.

ar mole oleoso com cheiro de comida
automóveis a 30\$ a hora
e um “ford” todo osso sobre qualquer ladeira
saltando, pulando, tilitando
p'ra depois escorrer sobre o asfalto novo
que branqueja como dentadura postiça
entre as casas velhas

gente da Bahia!
preta, parda, roxa, morena
cor dos bons jacarandás de engenho

³¹⁷ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: FREYRE, G. Bahia. In: BANDEIRA, M. **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1964. p.61-64.].

³¹⁸ [Para a transcrição do poema, procurei respeitar a disposição gráfica.]

do Brasil
(madeira que cupim não rói)
sem caras cor de fiambre
nem rostos cor de peru frio
sem borões de manteiga francesa
(cabelo ruivo de inglês e de alemão)
Bahia ardendo de cores quentes
Carnes morenas gostos picantes

eu detesto teus oradores Bahia de todos os santos
teus ruys barbosas teus otávios mangabeiras
mas gosto dos teus angus e das tuas mulatas
tabuleiros flores de papel candeirinhos
tudo à sombra das tuas igrejas
todas cheias de anjos bochechudos
sãojoões, sãojosés, meninozinhos-Deus
e com senhoras gordas se confessando
a frades mais magros do que eu
(o padre reprimido que há em mim
se exalta diante de ti, Bahia
e perdoa tuas superstições
teu comércio de medidas de Nossa Senhora
e de Nossos Senhores do Bonfim)

negras velhas da Bahia
vendendo mingau e vendendo angu
negras velhas de xale encarnado
e de mole peito caído
mães das mulatas mais quentes do Brasil

mulatas de gordo peito em bico
 como p'ra dar de mamar
 a tudo quanto é menino do Brasil
 Bahia de quase todos os pecados
 escorrediza lama de carne
 ranger de camas de lona
 sob corpos ardendo, suando de gozo
 moquecas de preta Eva
 caruru vatapá azeite de dendê
 cachos de gordas bananas
 balaios de enormes laranjas
 bacharéis de pince-nês
 gênios de Sergipe
 bonecas de pano
 mulatos de fraque
 estudantes de medicina
 chapéus do Chile
 botinas de elástico
 mulatinhos de fala fina
 literatos que tomam a sério Mário Pinto Serva
 requintados que lêem Guilherme de Almeida e Me-
 [notti del Picchia
 patriotas que dão vida ao sr. Pedro Lago
 chegada do Rio pelo Ruy Barbosa
 e outros com saudade do doutor Seabra

 Bahia
 um dia voltarei com vagar ao teu seio brasileiro
 ao teu quente seio brasileiro

às tuas igrejas cheirando a incenso
aos teus tabuleiros escancarados em X
(esse X é o futuro do Brasil)
e cheirando a mingau e a angu.

4.8 Sou Provinciano^[319]

Manuel Bandeira

Sou provinciano. Com os provincianos me sinto bem. Se com estas palavras ofendo algum mineiro requintado peço desculpas. Me explico: as palavras “província”, “provinciano”, “provincianismo” são geralmente empregadas pejorativamente por só se enxergar nelas as limitações do meio pequeno. Há, é certo, um provincianismo detestável. Justamente o que namora a “Corte”. O jornaleco de município que adota feição material dos vespertinos vibrantes e nervosos do Rio – eis um exemplo de provincianismo bocó. É provinciano, mas provinciano do bom, aquele que está nos hábitos do seu meio, que sente as realidades, as necessidades do seu meio. Esse sente as excelências da província. Não tem vergonha da província – tem é orgulho. Conheço um sujeito de Pernambuco, cujo nome não escrevo porque é tabu e cultiva com grandes pudores esse provincianismo. Formou-se em sociologia na Universidade de Colúmbia, viajou a Europa, parou em Oxford, vai dar breve um livrão sobre a formação da vida social brasileira... Pois timbra em ser provinciano, pernambucano, do Recife. Quando dirigiu um jornal lá, fez questão de lhe dar feitio e caráter bem provincianos. Nele colaborei com delícia durante uns dois anos. Foi nas páginas da *A Província* que peguei este jeito provinciano de conversar. No Rio lá se pode fazer isso? É só o tempo de passar, dar um palpite, uma bola, como agora se diz, nem se acredita em nada, salvo no primeiro boato...

³¹⁹ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Sou provinciano. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.4. TEXTO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. Sou provinciano. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.668. Segundo nota de edição em *Andorinha, andorinha*, o texto foi escrito para o **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 mar. 1933.]

4.9 Segredo da Alma Nordestina^[320]

Manuel Bandeira

Gilberto Freyre: “Nordeste”^{[321], [322]}

Este livro constitui uma novidade na obra do sociólogo pernambucano. Se o fundo, as idéias, o sentimento geral são os mesmos dos seus livros anteriores, a composição é sensivelmente diferente: mais simples, mais clara, mais despojada. Como se neste livro de contatos com a terra ele tivesse renunciado ao contraponto formidável da *Casa-grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos* para deixar cantar livremente a melodia amorável dos canaviais, tão deliciosamente transposta em valores plásticos pelo pintor Cícero Dias. O rigor do sociólogo, a documentação exaustiva não tinham impedido que nos dois livros anteriores repontasse aqui e ali o grande poeta que coexiste no seu autor ao lado do cientista. Em *Nordeste*, porém, o poeta está sempre presente. Um poeta que,^[323] sem perturbar de modo nenhum o desenvolvimento objetivo e preciso dos temas tratados, lhe comunica uma força lírica e exata ambientação. Esses temas se distribuem em cinco capítulos: a cana e a terra; a cana e a água; a cana e a mata; a cana e os animais; a cana e o homem. Estudo ecológico, em que se estuda o homem em suas relações com a terra, o nativo, as águas, as plantas, os animais da região ou importados da Europa ou da África.

O autor foi excessivamente modesto quando nos diz que o seu ensaio tenta apenas esboçar a fisionomia do Nordeste^[324] agrário e o apresenta como um estudo esquemático e quase impressionista. A verdade é que não ficou apenas a fisionomia: antes, em cortes profundos, tanto no substrato do passado como no subconsciente do presente, soube captar e apresentar-nos a alma mesma daquele Nordeste^[325] agrário cujo segredo e encanto foi o primeiro a penetrar e possuir integralmente.

³²⁰ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Segredo da alma nordestina. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.242-244. TEXTO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. Segredo da alma nordestina. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Circulo do Livro, 1978. p.270-273. Consta, nas edições, que a resenha sobre o livro *Nordeste*, de Gilberto Freyre, foi publicada em 22 jun. 1937, sem especificar o veículo.]

³²¹ FREYRE, G. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Com ilustrações de Manoel Bandeira e fotografias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.

³²² [O autor e o nome do livro resenhado postos em destaque no início do texto aparecem na edição de *Andorinha, Andorinha* pela editora Circulo do Livro.]

³²³ [Vírgula inserida nesta edição.]

³²⁴ [Forma da palavra grafada com letra minúscula na edição de 1978: “nordeste”.]

³²⁵ [Forma da palavra grafada com letra minúscula na edição de 1978: “nordeste”.]

No primeiro capítulo^[326] “A cana e a terra”^[327] faz Gilberto Freyre o elogio do massapê em termos de uma sensualidade que irritará talvez os pedantes da ciência sociológica. Como que sentindo de antemão alguma possível estranheza, o autor lembra que José da Silva Lisboa fez o elogio do massapê “em palavras tão quentes que não parecem de um economista frio”. Um nordestino amoroso e conhecedor de sua terra é que nunca estranhará o “óleo gordo” que ressuma das palavras de Gilberto Freyre quando ele escreve, por exemplo: “A terra aqui é pegajenta e melada, agarra-se aos homens com modos de garanhona. Mas ao mesmo tempo parece sentir gosto em ser pisada e ferida pelos pés da gente, pelas patas dos bois e dos cavalos. Deixa-se docemente marcar até pelo pé de um menino que corra brincando, empinando um papagaio; até pelas rodas de um cabriolé velho que vá aos solavancos de um engenho de fogo morto a uma estação da Great Western”.

Mas o capítulo que entre todos me dá a sentir o encanto envolvente da minha terra é o da água. Tenho em meu quarto uma estampa de Schlappriz representando um trecho do Capibaribe na passagem de Madalena: fundo de velhos sobrados patriarcais, coqueiros, mangueiras, banheiros de palha, botes de vela e de vara com figurões de grande barba e chapéu alto, um escravo lavando um cavalo branco... É o Capibaribe que Gilberto Freyre retrata em suas páginas, o Capibaribe ainda não emporcalhado pelas caldas fedorentas das usinas, o Capibaribe onde as moças tomavam banho em camisa na sombra úmida dos banheiros de palha, onde os estudantes pálidos, de fraque preto, colarinho duro e botinas de verniz faziam serenatas de bote. Lamento que Gilberto Freyre não tenha posto na boca desses estudantes os versos de alguma modinha imperial – o *Se te amei*, ou *Quando as glórias que gozei*, ou *Vem, noite silenciosa, mitigar minha paixão...*, em vez de *Desperta, abre a janela, Stela*, modinha de 1907 (os versos são de Ademar Tavares) ou da italianíssima^[328] *Ai, Maria, ai Maria, quantas noites sem ti sem dormir*.

No capítulo “A cana e a mata” mostra Gilberto Freyre como a monocultura da cana acabou separando o homem da água dos rios, dos animais, das árvores. E ataca os estetas “que em diferentes épocas nos têm querido impor aos parques ou às ruas, numa generalização contra toda a harmonia da natureza regional, o *Ficus Benjamin*, o *Cactus* mexicano, o *Eucalyptus* australiano, a *Accacia* de Honolulu”.

Em “A cana e os animais” há páginas excelentes sobre o boi e o cavalo, sobre o bumba-meu-boi, companheiro de trabalho do africano, o negro animal, em contraposição ao

³²⁶ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1978.]

³²⁷ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1978.]

³²⁸ [Nesta posição, vírgula presente na edição de 1966; vírgula retirada conforme edição de 1978.]

cavalo, companheiro do senhor; o cavalo, espécie de capanga branco, muito bem tratado, “maricas-meu-bem”, mesureiro e cheio de laçarotes.

Em “A cana e o homem”, a parte mais desenvolvida, o autor nos dá um pano de amostra do que será o seu livro *Açúcar* quando nos fala das receitas de doce conservadas como verdadeiro patrimônio das grandes famílias pernambucanas. E fica-se com água na boca, curioso de provar esses bolos – bolo^[329] Sousa Leão, bolo^[330] Cavalcanti, bolo^[331] dr. Constâncio, bolo^[332] do Major, bolos que por natureza complexa resistem à industrialização em que decaiu a goiabada, a araçazada. Nesse mesmo capítulo o autor se estende sobre um movimento tão mal conhecido de desafogo popular, a revolta do Pedroso, a revolta de 1823. E defende o mulato do Nordeste^[333], dizendo que “não se pode generalizar, dando-o como elemento por excelência perturbador da civilização aristocrática do açúcar: o mesmo grande e violento elemento revolucionário que foi em São Domingos, por exemplo”. E acrescenta: “Decerto ele foi, aqui, em muitos casos, um insatisfeito, um mal-ajustado, dentro do sistema terrivelmente simplista de senhores e escravos. Mas não por ódio radical de raça ou de classe: por desajustamento psicológico, principalmente. Este é que fez dele um introspectivo, não só individual como social.”

O livro conclui observando que a civilização do açúcar, patológica em tantos sentidos, sobretudo por tornar o homem, o homem do povo um desajustado, um ser terrivelmente isolado, foi contudo mais criadora de valores políticos, estéticos, intelectuais do que outras civilizações – a pastoril, a da minas, a da fronteira, a do café – civilizações mais saudáveis, mais democráticas, mais equilibradas quanto à distribuição da riqueza e dos bens.

Quanto à linguagem, ao estilo, *Nordeste* renova o mesmo sabor sensual, denso, oloroso de *Casa-grande & Senzala*. Há aqui o mesmo jeito tardo e como preguiçoso de fazer ponto e abrir período para elementos de igual categoria sintática, tique peculiar que dá tanta personalidade à prosa tão genuinamente brasileira e até pernambucana de Gilberto Freyre. Ele escreve, por exemplo: “Organização cheia de contrastes. Inimiga do indígena. Opressora do negro. Opressora do menino e da mulher...” Quase não há página em que não se possa colher um exemplo desses.

³²⁹ [Forma da palavra grafada com letra maiúscula em edição de 1978: “Bolo”.]

³³⁰ [Forma da palavra grafada com letra maiúscula em edição de 1978: “Bolo”.]

³³¹ [Forma da palavra grafada com letra maiúscula em edição de 1978: “Bolo”.]

³³² [Forma da palavra grafada com letra maiúscula em edição de 1978: “Bolo”.]

³³³ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 1978: “nordeste”.]

Merece menção especial o soberbo desenho de M. Bandeira representando o Triângulo^[334] rural do Nordeste: engenho, casa e capela. Nunca o desenhista pernambucano foi tão forte como neste bico-de-pena magistral. [22.VI.1937]

³³⁴ [Forma da palavra grafada com letra minúscula em edição de 1978: “triângulo”.]

4.10 Gilberto Freyre^[335]

Manuel Bandeira

Nasceu no Recife em 1900. Fez os estudos primários e secundários no Colégio Americano Batista daquela cidade. Seguindo para os Estados Unidos, estudou primeiro na Universidade de Baylor e depois na de Colúmbia, onde completou o curso de Ciências Políticas e Sociais. Antes de regressar a Pernambuco, viajou pela Europa, demorando-se na Inglaterra, França e Alemanha. Desde os Estados Unidos iniciou a sua colaboração para o *Diário de Pernambuco*, continuada depois do seu regresso ao Recife, onde passou a exercer influência de verdadeiro mestre e guia da mocidade. De 1928 a 1930, dirigiu o diário *A Província*, imprimindo-lhe uma feição inteiramente diversa do tipo estandarizado segundo a imprensa do Rio. Depois de 1930, esteve na Europa e só após o seu regresso escreveu o primeiro volume da numerosa obra que o tornou uma das personalidades mais dominadoras do meio cultural brasileiro – a famosa *Casa Grande e Senzala*. Livro que revelava, não só um sociólogo forte e original, mas, também, um poeta. Em 1962 a editora José Olympio editou-lhe o volume intitulado *Talvez Poesia*, onde está reunida a sua obra de importante bissexto.

³³⁵ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1964. p.61-68. A antologia inclui os poemas "Bahia", "O outro Brasil que vem aí", "Luz de Olinda" e "A menina e a casa", de Gilberto Freyre. A primeira edição, publicada pela Livraria Editora Zélio Valverde em 1946, vem com o título *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*.]

4.11 Pernambucano, Sim, Senhor^[336]

Manuel Bandeira

Acordei, tomei meu café, puxei para a cama a minha Hermes Baby e disse muito decidido: vou bater uma crônica sobre o Natal. Mas aconteceu-me a mim o mesmo que ao poeta no famoso soneto: a folha branca pedia inspiração e ela não vinha. Não fiquei perplexo, porém. Sei que mudei, que o Natal mudou, que todos mudaram, que tudo mudou, e isto é sem cura... No meu tempo de menino não havia Papai Noel, esse grande palerma francês de barbaças brancas, havia era “a fada”, assim, sem nome, o que lhe aumentava ainda mais o encanto.

Mudei. Mudei muito. Menos numa coisa: continuo me sentindo profundamente, de raiz, de primeira raiz, pernambucano (com *e* bem aberto – pérnambucano). No *Itinerário de Pasárgada* escrevi ter nascido para a vida consciente em Petrópolis, frase que alguns interpretaram erradamente como atestado de verdadeiro nascimento fora do Recife. No entanto, a oração seguinte explicava cabalmente: “pois de Petrópolis datam as minhas mais velhas reminiscências”.

Dizer-se que nasci no Recife por acidente quando sou filho de pais recifenses, neto de avós recifenses e por aí acima, é inverter as coisas: digam antes que por acidente deixei o Recife duas vezes, aos dois anos para voltar aos seis, e aos dez para só o rever de passagem. Mas esses quatro anos, entre os seis e os dez, formaram a medula do meu ser intelectual e moral, e disso só eu mesmo posso ser o juiz. Me sinto tão autenticamente pernambucano quanto, por exemplo, Joaquim Cardozo, Mauro Mota e João Cabral de Melo. Se não fosse assim, não poderia jamais ter escrito a “Evocação do Recife”, poema do qual disse Gilberto Freyre (e que maior autoridade na matéria?) que cada uma de suas palavras representa “um corte fundo no passado do poeta, no passado da cidade”. Alegam que é sermão de encomenda. Mas a encomenda veio por causa de uma carta escrita a Ascenso Ferreira, carta essa que foi a matriz do poema. O poema já se gestava no meu subconsciente. E aqui chego ao cerne da minha verdade: sou pernambucano na maior densidade do meu subconsciente.

³³⁶ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Pernambucano, sim senhor. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.26-27. TEXTO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. Pernambucano, sim, senhor. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.34. Consta, nas edições, que o texto foi publicado em 24 dez. 1958. Forma do título conforme edição de 1978.]

Estas linhas vão como amical protesto à entrevista dada a José Condé pelo poeta Carlos Moreira dos belos sonetos e das encantadoras poesias. Compreendi que ele me quis honrar mais do que mereço dando à homenagem do meu busto no Recife um sentido mais largo, ainda que para mim menos amável. Carlos amigo, pode acreditar que nestes meus quase setenta e três anos de vida virei e mexi, andei certo, andei errado, corri, parei, prossegui, quis voltar, não pude não, que os caminhos percorridos prenderam meus pés no chão carioca. Chão de asfalto – este terrível asfalto carioca onde tudo pode acontecer, até morrer-se afogado, como nas enchentes do Capibaribe! [24.XII.1958]

4.12 Gilberto Freyre Poeta^[337]

Manuel Bandeira

Que assistem no sociólogo Gilberto Freyre as virtualidades de um grande poeta é coisa que salta aos olhos em cada página de sua obra, já na pertinência e graça de uma imagem, já na escolha de um adjetivo ou no gostoso número de um movimento rítmico. Mais sustentadamente em certas passagens, de que posso citar de memória, sem recorrer à releitura, a história do negro do surrão em *Casa-Grande & Senzala* (pág. 458 da 9.^a edição brasileira³³⁸), a situação da solteirona no regímen semipatriarcal do sobrado (*Sobrados e Mucambos*, pág. 308 da 2.^a edição³³⁹), a enumeração de “alegrias caracteristicamente brasileiras” (ceias de siri com pirão, galos de briga, canários do Império, caçadas de onça ou de anta nas matas das fazendas, banhos nas quedas-d’água dos rios de engenho^[340] etc.) em *Atualidade de Euclides da Cunha*³⁴¹, pág. 34.

Aliás para Freyre não existem fronteiras rígidas entre a região da poesia e a região da ciência. Da ciência criadora, como ele precisa, aquela ciência como que apocalíptica e quixotesca, tantas vezes tão próxima do ridículo e do obscuro, que é a mais alta das ciências. E há nele, assiduamente, aquilo que lhe parece qualidade essencial do fato realmente poético: “o constante descobrimento de um mundo novo no mundo já conhecido e gasto” (prefácio a um livro de Otávio de Freitas Júnior). E aquela vontade permanente de “aventura, contato e solidariedade com a terra, com os outros homens, com os outros seres, até mesmo com as plantas e com a água”, em que se implica o movimento poético. (Prefácio a um livro de Antônio Rangel Bandeira).

Mas esse poeta em potencial alguma vez já liberou a sua carga lírica em poemas formais? Sim, e um eu conhecia – o poema “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”^[342], que incluí na minha *Antologia dos Bissextos*. Versos escritos em 1926 e

³³⁷ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Gilberto Freyre poeta. In: AMADO, G. et al. **Gilberto Freyre**: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.79-83.]

³³⁸ FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 9.ed. Prefácios do autor. Ilustrações de Tomás Santa Rosa e desenho de Cícero Dias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.

³³⁹ FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano). 2.ed. Ilustrações de Lula Cardoso Ayres, Manoel Bandeira, Carlos Leão e do autor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.

³⁴⁰ [Vírgula retirada nesta edição.]

³⁴¹ FREYRE, G. **Atualidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: [Casa do Estudante do Brasil], 1941.

³⁴² [Par de aspas inserido nesta edição. Título do poema no texto-base em itálico.]

editados em poucos exemplares pela *Revista do Norte* de José Maria de Albuquerque Melo, republicados com muitas alterações em *O Cruzeiro*, do Rio, número de 20 de junho de 1942.

A lista das obras completas de Gilberto Freyre na programação da Editora José Olympio inclui um volume sob o título *Talvez Poesia*³⁴³. Quando li isso, pensei alegre que haveria outros poemas inéditos; não é segredo que Madalena Freyre, esposa de Gilberto, guarda uma coleção de poemas a ela dedicados. Ninguém os leu nunca senão a destinatária. O autor recusou-me a leitura deles, alegando que não têm nenhuma importância literariamente. Que poemas então constituem a matéria do livro *Talvez Poesia*? Está informado numa entrevista dada recentemente ao *Correio da Manhã* que são poemas resultantes da redução de certos trechos da prosa de Freyre a forma poética, trabalho que vem sendo realizado por ele próprio e pelos poetas Mauro Mota e Tiago de Melo. Alguns já foram publicados em jornais e deles nos ocuparemos adiante.

Restam, pois, como poemas formais conhecidos, um soneto feito aos 11 anos, o poema “Outro Brasil”, escrito aos 24 anos e publicado no *Jornal do Comércio* do Recife em 12 de junho de 1955, e as duas versões do poema sobre a Bahia.

O soneto da meninice, com ser ruinzinho, revela certa precocidade fora do comum em alguns detalhes. Intitula-se “Jangada Triste”:

*“Ao longe, mui longe, no horizonte,
além, muito além, daquele monte,
como ave que voa desdenhada,
flutua tristemente uma jangada.*

*Nos zangados soluços do oceano,
quase desaparece o canto humano
de quem no mar e céu ainda confia,
porque em terra tudo lhe é melancolia.*

*Isso de terra firme e mar traiçoeiro
nem sempre é certo para o jangadeiro
mais preso ao fiel sal que à ti incerta areia.*

*Mistura ao grande azul as suas mágoas
e encontra no vaivém das verdes águas
consolo às negras dores cá da terra.”*

Há no segundo verso a reminiscência da Iracema de Alencar, mas o que todo o soneto trai é a influência de Camões, influência bem assimilada, o que é surpreendente num menino de onze anos. Bem assimilada, digo, pois resultou no achado de três belos versos: “*Nos*

³⁴³ FREYRE, G. **Talvez poesia**. Prefácio de Mauro Mota. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

zangados soluções do oceano”, “de quem no mar e céu ainda confia”, “mais preso ao fiel sal que à incerta areia”, os quais poderiam estar na lírica do mestre. O que soa nada camoniano é a irregularidade das rimas em parêntese nos quartetos. O poeta mirim acusava curiosamente os seus dons de colorista na aproximação que no segundo terceto fez das três cores – o azul do céu, “o grande azul”, o verde das águas e o negro das dores “cá da terra”.

Gosto muito menos do poema dos 24 anos, o “Outro Brasil”. Lembra o Ronald whitmaniano de *Toda a América*. Senão vejam este começo:

*Eu ouço as vozes
Eu vejo as cores
Eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.*

Não há nada de Gilberto nessas linhas de entusiasmo enfático, sem vestígio de humour corretivo.

Onde Gilberto Freyre está todo, ou quase todo, é nos versos realmente felizes de “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”^[344]. A “maternal cidade gorda”, “com casas trepadas umas por cima das outras como gente se espremendo pra sair num retrato de revista ou jornal”, e o seu “ar mole oleoso com cheiro de comida”, “ardendo de carnes morenas e de gostos picantes” foi integralmente captada no poema quase todo enumerativo de Gilberto. As duas versões se equivalem. Há coisas que estão melhor ditas numa do que na outra, e vice-versa. Assim “mulatas mais quentes do Brasil, mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a tudo quanto é menino do Brasil” (1.^a versão) é melhor do que “mulatas mais gordas do Brasil, mulatas de peitos em bico para dar de mamar a multidões de brancos” (2.^a versão). Mas faltam na 1.^a as mãos dessas mulatas “criando os grandes sinhôs do Império, penteando iaiás, dando cafunés nas sinhás”^[345] etc. O poema merece que o seu autor faça um estudo das variantes, fixando a melhor, pois é um dos mais saborosos do ciclo das cidades brasileiras.

“Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”^[346] é um poema gordo, como convinha ao tema. Magríssimo, no extremo despojamento de artifícios poéticos, saiu o que extraí, sem tirar nem acrescentar uma só palavra, da prosa do *Guia de Olinda*:

³⁴⁴ [Par de aspas inserido nesta edição. Título do poema no texto-base em itálico.]

³⁴⁵ [Vírgula retirada nesta edição.]

³⁴⁶ [Par de aspas inserido nesta edição. Título do poema no texto-base em itálico.]

OLINDA

*Praias muito brancas. Montes verdes.
 Monte principal: o da torre de Duarte Coelho.
 Para o lado, do norte mais sete montes.
 A primeira praia é a dos Milagres.
 Para o norte mais três praias grandes:
 Carmo, S. Francisco, Farol.
 Umas curvando-se para receber o mar.
 Outras parecendo resistir às ondas.
 Olinda:
 Quatro praias e oito montes.*

Poema em que Olinda é vista como que de muito alto, falta-lhe o claro-escuro da luz tão peculiar da cidade, e que Gilberto celebrou nestas palavras por mim distribuídas em versos livres:

A LUZ DE OLINDA

*Luz que deixa ver o fundo de areia do Beberibe
 – Rio mais de Olinda que do Recife –,
 Tornando mais gostosos os seus banhos.
 Que dá vida às ruínas de igrejas e fortalezas sufocadas pelos matos.
 Que dá brilho aos azulejos velhos das sacristias e corredores dos conventos,
 Das frentes dos sobrados,
 Mas não deixa que eles nos doam cruamente nos olhos.
 Que não deixa que os vultos dos mosteiros
 Dominem a cidade
 Com abafados de sombras clericais povoadas de corujas e morcegos,
 Mas que os adoça em sombras tão doces
 Que no meio delas
 Não há quem não se sinta brasileiro
 Sem se sentir ao mesmo tempo,
 Ao menos por um instante,
 Ou pelo menos franciscanamente,
 Católico.*

Toda vez que nos seus livros fala Gilberto Freyre de aspectos e arredores urbanos, sobretudo de Pernambuco, o poeta se entremostra no movimento rítmico e na surpresa das imagens. Mauro Mota assinalou em *Assombrações do Recife Velho*³⁴⁷ vários trechos que são autênticos poemas. Assim o do Encanta-Moça, com a sua aparição que, nas noites de lua, assombra

³⁴⁷ FREYRE, G. **Assombrações do Recife Velho**. Ilustrações de Lula Cardoso Ayres. Rio de Janeiro: Ed. Condé, 1955.

*A homens morenos e até pretos
 Enfeitando-os com a sua nudez de Branca de Neve
 Mas desmanchando-se como sorvete
 Quando alguém se aventura a chegar perto
 Do seu nu de fantasma.
 Desmanchando-se como sorvete
 E deixando no ar um frio de gelo e de morte.*

Gilberto Freyre sempre foi um amigo de fantasmas. Desconfio mesmo que inventa assombrações para as casas onde monta residência. Ou escolhe-as entre as que oferecem probabilidades de aparições, como o Karrapicho, com os seus tetos de telha-vã onde dormiam morcegos, ou a de Apipucos, velha mansão que pelas fotografias me pareceu sítio ideal para esparecimento de almas do outro mundo entediadas do além. Para Gilberto uma das tristezas dos hotéis velhos é esta:

*não retêm fantasmas,
 como as casas e os conventos,
 os castelos e os conventos.*

Isso pertence a um dos poemas tirados das páginas do prosador por Tiago de Melo. Atrás ficou um poema sobre a luz de Olinda. Tiago descobriu outro sobre a luz em qualquer cidade e intitulou-o “A Cidade e o Sol”:

*Quando a luz é muito forte,
 ninguém entende o que dizem
 as coisas nem as paisagens
 de uma cidade,
 assim abrilhantadas pelo sol.
 Tornam-se claras demais
 para se fazerem compreender.
 Brilhantes demais para serem
 amadas à primeira vista,
 difícil como é o amor
 sem um pouco de compreensão
 e um pouco de sombra.*

Outro belo poema desentranhado por Tiago de Melo são as palavras inspiradas a Gilberto pelo Mosteiro da Batalha:

*Em suas pedras encanta
 aos que se dão ao trabalho
 de contemplá-las com amor,
 certo tom cor-de-rosa
 que à luz da tarde parece*

amaciar a pedra em carne.

*Mas uma carne
antes de santa que de mulher,
tão suave parece aos nossos olhos
de pecadores e tão distante de nós,
pessoas banalmente vivas:
uma distância criada pelo tempo.*

Paisagens, velhas cidades brasileiras, sobretudo de seu Pernambuco, velhos monumentos, velhas casas, velhas histórias são os temas que mais habitualmente movem a sensibilidade poética de Gilberto Freyre. Mas não raro é ela também acionada por motivos sociais e até políticos. Edson^[348] Nery da Fonseca sabe de cor certo discurso pronunciado por Gilberto quando na redação do *Diário de Pernambuco* se inaugurou o retrato de Demócrito de Sousa Filho, estando o jornal fechado pela polícia. Discurso de onde Edson extraiu dois ou três poemas, é verdade que um tanto “impuros”. De um deles tirei eu, por minha vez, as seguintes linhas, tão marcadas pelo ainda indeciso frêmito da madrugada:

*O dia seguinte, camaradas de Demócrito,
se aproxima, de nós.
Já é quase madrugada.
Das redes pulam os operários madrugadores.
Os pássaros vão cantar.
O clarim vai soar.
As mulheres vão fazer fogo para o café.
Os trens vão partir.
Os aviões vão voar.
Os padres vão dizer as primeiras missas do quase dia.
O pão vai chegar.
Já é quase madrugada.*

Pelas amostras de poemas transcritos acima já se pode concluir não ter cabimento o título escolhido por Gilberto Freyre para o volume dos seus versos. *Talvez Poesia?* Não: certamente poesia.

Balbina, a velha preta cozinheira de Ribeiro Couto em Campos do Jordão (a essa São Pedro deve ter dito também, como à Irene: “Entra, Balbina, você não precisa pedir licença!”), costumava dizer do patrão: “Qual! Seu dotô tem outro dentro...” De Gilberto Freyre se pode repetir o mesmo: dentro do sociólogo há um poeta, e a poesia deste está de vez em quando repontando na prosa magistral daquele.

³⁴⁸ [Forma do nome, nesta e na próxima ocorrência, em edição de 1962: “Edison”.]

4.13 Evocação do Recife^[349], 350, 351

Manuel Bandeira

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois – Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças

[da casa de Dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê^[352] na ponta do nariz

Depois do jantar a gente tomava a calçada com cadeiras mexericos

[namoros risadas^[353]

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam^[354]

³⁴⁹ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Evocação do Recife. In: FREYRE, G. et al. **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p.121-123. TEXTO PARA COTEJO EM: BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.114-117; BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Altaya, [1992]. p.133-136; BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. p. 212-214. O texto tomado como base foi respeitado inclusive no que diz respeito à diagramação do poema, que foi levemente alterada em edições subseqüentes, principalmente na diferenciação de distanciamentos de início de parágrafos. A diagramação do poema no *Livro do Nordeste*, facilitado pelo tamanho da página (27 cm de largura e 40 cm de altura), é sensivelmente mais solta. Optei por tomar como base a edição do *Livro do Nordeste* tendo em vista a importância histórica da mesma e também porque, em carta a Gilberto Freyre (Cf. Carta 1 desta edição), Manuel Bandeira comenta a referida publicação. Pelas notas de edição, poder-se-ão observar as variantes no cotejo com edições subseqüentes.]

³⁵⁰ O poema saiu pela primeira vez no *Livro do Nordeste* (1925). Posteriormente, foi incluído na coletânea *Libertinagem* (Cf. BANDEIRA, M. **Libertinagem**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930). Na edição do *Livro do Nordeste*, as palavras, de provável autoria de Gilberto Freyre, que introduzem o poema são: “Manuel Bandeira escreveu para este livro os versos que se seguem. Versos de um lirismo [...] música de voz de menino de coro e de uma [...] e de sugestões. Neles se sente bem o Recife onde o poeta brincou menino – Recife não de todo desaparecido, O Recife da Rua da União, da Rua Aurora, dos sinos de igreja anunciando incêndio em São José [...] vendedoras de banana e de chales [...] repintados de cor [...] rolete de cana. Manuel Bandeira é hoje, no Brasil, o mais intenso dos nossos líricos”. Ressalte-se que a decifração ficou prejudicada devido à baixa qualidade da impressão da edição.

³⁵¹ Para ter-se uma exaustiva pesquisa de variantes deste poema, consultar: BANDEIRA, **Libertinagem : Estrela da manhã**, 1998, p.24-27. Edição crítica coordenada por Giulia Lanciani.

³⁵² [Forma da palavra em edição de 1925: “picenê”. A forma “pincenê” foi corrigida em edições subseqüentes.]

³⁵³ [Forma do verso em edições subseqüentes: “Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros, risadas”.]

³⁵⁴ [Dois pontos presentes no final deste verso em edições subseqüentes.]

Coelho sai^[355]

Não sai

Lá embaixo as vozes macias das meninas politonavam^[356]

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Destas^[357] rosas muita rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

nos longes da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia:

– Fogo em Santo Antônio!^[358]

Outro^[359] contrariava: – São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José^[360]

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União^[361]

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade^[362]

³⁵⁵ [Ponto de exclamação presente neste e no verso seguinte em edições subseqüentes.]

³⁵⁶ [Forma do verso em edições subseqüentes: “A distância as vozes macias das meninas politonavam:”]

³⁵⁷ [Forma da palavra em edições subseqüentes: “dessas”.]

³⁵⁸ [Travessão neste e no verso seguinte foi suprimido em edições subseqüentes.]

³⁵⁹ [Forma da palavra em edições subseqüentes: “Outra”.]

³⁶⁰ [Ponto parágrafo presente neste verso em edições subseqüentes.]

³⁶¹ [Reticências presentes no final deste verso em edições subseqüentes.]

... onde se ia fumar escondido
 Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora^[363]
 ... onde se ia pescar escondido

Capiberibe

Capibaribe^[364]

Lá longe o sertãozinho de Caxangá
 Banheiros de palha^[365]

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
 Fiquei parado o coração batendo
 Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias!

barro^[366] boi morto árvores destroços redemoinho^[367] sumiu^[368]

E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jangada de
 [de bananeiras]

Novenas

Cavalcadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos

Capiberibe

Capibaribe^[369]

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com xale vistoso
 [de pano da Costa]

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

³⁶² [Reticências presentes no final deste verso em edições subsequentes.]

³⁶³ [Reticências presentes no final deste verso em edições subsequentes.]

³⁶⁴ [Travessão presente no início deste verso em edições subsequentes.]

³⁶⁵ [Este verso não marca final de estrofe em edições subsequentes.]

³⁶⁶ [Forma da palavra iniciada por maiúscula em edições subsequentes: "Barro".]

³⁶⁷ [Forma da palavra em edições subsequentes: "redomoinho".]

³⁶⁸ [Este verso não se desdobra do verso anterior em edições subsequentes.]

³⁶⁹ [Travessão presente no início deste verso em edições subsequentes.]

– que se chamava midubim e não era torrado era cozido^[370]

Me lembro de todos os pregões^[371]

– “Ovos frescos e baratos^[372]

Dez ovos por uma pataca”

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que se não entendia bem^[373]

Terras que eu não sabia onde ficavam

Recife^[374]

Rua da União

A casa de meu avô

Nunca pensei que ela acabasse^[375]

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife meu avô morto^[376]

Recife morto Recife bom Recife brasileiro como a casa de meu avô^[377]

³⁷⁰ [Travessão presente neste verso foi suprimido em edições subseqüentes.]

³⁷¹ [Dois pontos presentes no final deste verso em edições subseqüentes.]

³⁷² [Travessão presente no início deste verso e aspas presentes neste e no verso seguinte foram suprimidos em edições subseqüentes.]

³⁷³ [Formas deste e do verso seguinte fixadas em edições subseqüentes: “A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem / Terras que não sabia onde ficavam”. Cf. Documento 1. Carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre, com datação “Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925”.]

³⁷⁴ [Reticências presentes no final deste e dos dois versos seguintes em edições subseqüentes.]

³⁷⁵ [Ponto de exclamação presente no final deste verso em edições subseqüentes.]

³⁷⁶ [Formas deste e do verso seguinte fixadas em edições subseqüentes: “Recife... / Meu avô morto. / Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô”.]

³⁷⁷ [Datação presente em edições subseqüentes: “Rio, 1925”.]

4.14 Casa-Grande & Senzala^{[378], [379]}

Manuel Bandeira

“CASA-GRANDE & SENZALA”

Grande livro que fala

Desta nossa leseira

Brasileira.

Mas com aquele forte

Cheiro e sabor do Norte

– Dos engenhos de cana

(Massangana!)

Com fuxicos danados

E chamegos safados

De mulecas fulôs

Com sinhôs.³⁸⁰

A mania ariana

Do Oliveira Viana

Leva aqui a sua lambada

Bem puxada.

³⁷⁸ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Casa-Grande & Senzala. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. TEXTO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. Casa Grande & Senzala. In: _____. **Mafuá do Malungo**. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1948. p.70-71; BANDEIRA, M. Casa Grande & Senzala. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.397-398].

³⁷⁹ [Em todas as ocorrências de “Casa-grande & Senzala”, tanto título quanto versos, nas edições para cotejo aparece “Casa grande & Senzala”, sem hífen.]

³⁸⁰ [Nas edições para cotejo, em vez de ponto parágrafo, aparece ponto de exclamação.]

Se nos brasis abunda
 Jenipapo na bunda,
 Se somos todos uns
 Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?
 Essa história de raça,
 Raças más, raças boas
 – Diz o Boas –

É coisa que passou
 Com o franciú Gobineau.
 Pois o mal do mestiço
 Não está nisso.

Está em causas sociais,
 De higiene e outras que tais:
 Assim pensa, assim fala
Casa-Grande & Senzala.

Livro que à ciência alia
 A profunda poesia
 Que o passado revoca
 E nos toca

A alma de brasileiro,
 Que o portuga femeeiro
 Fez e o mau fado quis
 Infeliz!

4.15 Auto-retrato^{[381], [382]}

Manuel Bandeira

Provinciano que nunca soube
 Escolher bem uma gravata;
 Pernambucano a quem repugna
 A faca do pernambucano;
 Poeta ruim que na arte da prosa
 Envelheceu na infância da arte,
 E até mesmo escrevendo crônicas
 Ficou cronista de província;
 Arquiteto falhado, músico
 Falhado (engoliu³⁸³ um dia
 Um piano, mas o teclado
 Ficou de fora); sem família,
 Religião ou filosofia;
 Mal tendo a inquietação de espírito
 Que vem do sobrenatural,
 E em matéria de profissão
 Um tísico profissional.

³⁸¹ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: BANDEIRA, M. Auto-retrato. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. TEXTO PARA COTEJO: BANDEIRA, M. Retrato. In: _____. Retrato. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. p.13. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986. p.13. O poema, na edição da *Homenagem a Manuel Bandeira*, foi reproduzido em sua versão manuscrita.]

³⁸² [Forma do título em edição de 1936: "Retrato".]

³⁸³ [Forma da palavra em edição de 1936: "enguliu".]

4.16 A Academia em 1926^[384]

Esmeraldino Olympio³⁸⁵

O sr. Luís Carlos chamou de “ninho de relâmpagos” ao espadim acadêmico que pertenceu a Raimundo Correia. Foi imprudência. O espadim tomou à letra o que, no espírito do ilustre poeta das *Colunas*, não passava, sem dúvida, de um tropo imaginoso para arrematar com chave de ouro a sua bela peça oratória. À hora em que o novo acadêmico se vestia a fim de comparecer à sessão solene de recepção, ao tomar da arma insigne, o “ninho de relâmpagos” desferiu a mais viva fuzilaria de raios que já desabou sobre a nossa capital. Os efeitos foram lamentáveis. O poeta caiu desacordado, como se já estivesse ouvindo o discurso do paraninfo, e não pôde comparecer ao Trianon. Substituindo-o o diretor de tráfego da Central que, embora apanhado de improviso, e sem dispor materialmente de tempo para enfrentar um problema tão complexo como o que se lhe deparava, apresentou um volumoso relatório em que historiou a vida das academias, desde o famoso jardim de Atenas, que teria ficado como o ideal dos institutos congêneres, se não fosse a falta de *jeton*, invenção muito posterior à da roda, mas evidentemente bem mais importante para um acadêmico. A pedido de várias famílias o orador tornou a narrar, com inexcedível graça de pormenores, a anedota do copo d’água e da pétala de rosa, ocorrida na Academia dos Silenciosos da Pérsia. Depois veio o elogio dos predecessores, e a propósito do sr. Alberto Faria, o digno engenheiro explicou à douta companhia que a palavra “folclore” é de origem inglesa: “*folk*”, povo; “*lore*”, conhecimento, estudo; “*folk-lore*”, ciência que tem por objeto estudar o povo. Foi a nota erudita do discurso. Causou também a melhor impressão a belíssima imagem de “condor do orgulho humano”, com que o orador saudou Vargas Vila, “o Revoltado genial a cujo diadema os adversários arrancam estrelas para com elas mesmas agredirem-no!”...

O paraninfo do poeta foi o sr. Osório Duque Estrada que entre os títulos de glória do novo acadêmico citou o de ter ele merecido de sua pena as honras de um “Registro” inteiro. Realmente o eminente crítico não podia dizer mais. O preciso “Registro” foi lido de cabo a rabo. É uma crítica de escada acima e abaixo, no qual o profanador da “Oração na Acrópole” analisou exaustivamente as poesias das *Colunas*, verificando que em cento e trinta e duas

³⁸⁴ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: OLYMPIO, E. A Academia em 1926. In: BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, andorinha**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. TEXTO PARA COTEJO: OLYMPIO, E. A Academia em 1926. In: BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, andorinha**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.167-168.]

³⁸⁵ Preferi manter o pseudônimo Esmeraldino Olympio por conta da possível autoria coletiva da crônica, publicada na *Revista do Brasil*, no dia 30 de dezembro de 1926.

composições só quatro versos, num total de três mil e oitenta e oito, são duros, além de uma única estrofe com rimas homófonas. O ilustre homem de letras leu em seguida vários outros folhetins do “Registro literário”, contendo apreciações sobre os *Astros e Abismos*, a *Vida Doméstica* e outros magazines do lar e da mulher, terminando por contar a História da Princesa Magalona, vertida para a língua dos pp.

Os espíritos de Platão e Academus, invocados no exórdio da oração do seu novo confrade, sorriam encantados...^[386] [30.XII.1926]

³⁸⁶ [Ao final da crônica, nesta posição, encontra-se a seguinte nota do editor da coletânea, Carlos Drummond de Andrade: “Publicado com pseudônimo *Esmeraldino Olympio*. Esta e mais a de J. J. Gomes Sampaio eram as assinaturas com que, na *Revista do Brasil* dirigida nominalmente por Pandiá Calógeras, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e Plínio Barreto, porém na realidade sob a direção exclusiva de Rodrigo M. F. de Andrade, este, Gilberto Freyre e o Autor, em 1926 e começo de 1927, satirizavam aspectos da vida literária brasileira.” (OLYMPIO, E. A Academia em 1926. In: BANDEIRA, **Andorinha, andorinha**, 1978, p.168).]

4.17 Um poeta Pernambuco Manuel Bandeira^[387]

Por Joaquim Cardozo

Acerca de Manuel Bandeira, o poeta pernambucano cujos versos estão a enriquecer a poesia brasileira de uma beleza toda nova de acentos e de vozes e de um frescor todo íntimo de emoção, escreveu o Sr. Joaquim Cardozo para o Diário de Pernambuco o pequeno estudo que se segue. É um estudo carinhosamente feito com simpatia e penetração. De uma viva sensibilidade, é Joaquim Cardozo um dos poetas jovens mais interessantes de Pernambuco.³⁸⁸

De Manuel Bandeira, maravilhoso temperamento de poeta, até ontem quase desconhecido em Pernambuco apesar de aqui ter nascido e vivido alguns anos, e que em boa hora a distinta “disease” Margarida Lopes de Almeida revelou a nossa gente, fazendo-se aplaudir nos “Sinos”, muito se tem falado; na comovedora^[389] melancolia, na tristeza deste homem doente, tristeza que impressiona, se aprende e se lastima à mais ligeira leitura dos seus livros.

Poesia feita de “mágoa, de desalento, de desencanto” é na verdade a deste poeta amargurado e além disso versos formados no mais agudo individualismo, até mesmo aqueles do *Carnaval* cuja impersonalidade aparente apenas acentua o relevo pessoal numa criação simbólica.

No entanto, se a melancolia é o estilo de Manuel Bandeira, o seu sentimento expressivo das cousas, a fatal contingência da sua força emotiva, diversos são os ritmos que caracterizam os seus três livros *Cinza das horas*, *Carnaval* e *Ritmo dissoluto* ultimamente enfeixados num único volume.

No primeiro destes, *Cinza das horas*, publicado em 1917, onde qualquer coisa da alma comovida de Antonio Nobre paira religiosa e serena como o reflexo da Bondade de

³⁸⁷ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO: CARDOZO, Joaquim. Um poeta pernambucano Manuel Bandeira. In: FREYRE, G. et al. **Livro do Nordeste**. Edição fac-similar à de 1925. Introdução de Mauro Mota e prefácio de Gilberto Freyre. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p.124-125. Edição comemorativa do primeiro centenário do Diário de Pernambuco.]

³⁸⁸ O artigo “Um poeta pernambucano Manuel Bandeira”, de Joaquim Cardozo, foi publicado no *Livro do Nordeste* (Comemorativo do 1º centenário do Diário de Pernambuco) e está citado na primeira carta de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre presente nesta edição da correspondência entre os escritores. Grande parte dos artigos publicados no *Livro do Nordeste* são introduzidos por uma pequena nota que situa o assunto a ser tratado e apresenta o seu autor. A nota a este artigo – assim como as outras da edição –, que está transcrita acima, provavelmente foi elaborada pelo próprio Gilberto Freyre.

³⁸⁹ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “commemovedora”. Como a palavra “commemovedora” ou, com grafia atualizada, “comemovedora” não está presente nos dicionários consultados (Cf. AULETE, **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**, 1964; HOUAISS; VILLAR, **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 2001; MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa 1998), supõe-se que tenha havido incorreção tipográfica, uma vez que este tipo de descuido não é típico de Joaquim Cardozo, assim como o autor não costuma praticar neologismos (veja que a palavra poderia ser interpretada como a junção dos radicais de “comemorar” e “comover”). Portanto, para esta edição, a forma fixada foi “comovedora”.]

Deus no êxtase de um santo, há a poesia de um angustiado mas de um angustiado que procura a consolação no amor e na paisagem, onde a inteligência se dispersa na retenção de modalidades expressivas:

— As grandes mãos da sombra evangélicas pensam
As feridas que a vida abriu em cada peito

uma consolação abstracta cheia de vagas incertezas e tristes
[pressentimentos^[390].

Até que te surpreenda a carne dolorida
Aquele sensação final de eterno frio
Abre-te à luz do sol que à alegria convida
E enche-te de canções, o coração vazio.

mal percebida nas vozes simultâneas que vem da sombra.

Um carneiro bale^[391]

Ouvem-se pios funerais

... ..

Os tanoeiros do “brejo”

Malham nos aguaçais

... ..

E o luar úmido... fino

Amávico tutelar

Anima e transfigura a solidão
cheia de vozes

entrevista numa esperança de cura

E tudo isto vem de vós mãe natureza
Vós que cicatrizais minha velha ferida^[392].

³⁹⁰ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “presentimentos”. Provavelmente, por incorreção tipográfica, a letra “s” da palavra “pressentimento” foi subtraída.]

³⁹¹ [A palavra “bale” está incompreensível na edição fac-similar do *Livro do Nordeste*. A lacuna foi preenchida com base na edição de *Poesia completa e prosa* (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.121).]

³⁹² [“Paisagem noturna”, poema de *A Cinza das horas*, foi sensivelmente alterado pelo que percebemos ao contrastar com os versos citados por Joaquim Cardozo: “A sombra imensa, a noite infinita enche o vale... / E lá no fundo vem a voz / Humilde e lamentosa / Dos pássaros da treva. Em nós, / – Em nossalma criminosa, / O pavor se insinua... // Um carneiro bale. / Ouvem-se pios funerais. / Um como grande e doloroso arquejo / Corta a amplidão que a amplidão continua... / E cadentes, metálicos, pontuais, / Os tanoeiros do brejo, / – Os vigias da noite silenciosa, / Malham nos aguaçais. // Pouco a pouco, porém, a muralha de treva / Vai perdendo a espessura, e em breve se adegaja // Como um diáfano crepe, atrás do qual se eleva / A sombria massa / Das serranias. // O plenilúnio vai romper... Já da penumbra / Lentamente reslumbra / A paisagem de grandes árvores dormenes. / E cambiantes sutis, tonalidades fugidias, / Tintas delinqüescentes / Mancham para o levante as nuvens langorosas. // Enfim, cheia, serena, pura, / Como uma hóstia de luz erguida no horizonte, / Fazendo levantar a fronte / Dos poetas e das almas amorosas, / Dissipando o temor nas consciências medrosas / E frustrando a emboscada a espiar na noite escura, / – A Lua / Assoma à crista da montanha. / Em sua luz se banha / A solidão cheia de vozes que segredam... / Em voluptuoso espreguiçar de forma nua / As névoas enveredam / No vale. São como alvas, longas charpas / Suspensas no ar ao longo das escarpas. / Lembram os rebanhos de carneiros / Quando, / Fugindo ao sol a pino, / Buscam oitões, adros hospitaleiros / E lá quedam tranqüilos ruminando... / Assim a névoa azul paira sonhando... / As estrelas sorriem de escutar / As baladas atrozes / Dos sapos. / E o luar úmido... fino... / Amávico... tutelar... / Anima e transfigura a solidão cheia de vozes...” Teresópolis, 1912 (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.121-2).]

Assim como a natureza com o enternecido encanto dos rumores distantes e a música misteriosa das águas, o Amor também lhe proporciona momentos de verdadeiro conforto espiritual e neste sentido todos os poemas ferindo a mesma nota melancólica estão repassados de uma ternura inconfundível “bendizando amor que Deus lhe deu” como “um dom sagrado”, o “único para o seu coração” e de uma freqüente e saudosa lembrança do tempo de menino, falando da esperança como a “arca de todos os mortais” notando que “ainda perdura no coração da irmã o seu afeto de criança”, sentindo sangrar tudo que há nele de infantil quando escreve aquela “Elegia para minha mãe”.

Nem sempre, porém, o poeta alcança este contentamento, este alívio triste e vago. Assim, por vezes confundindo a lembrança das afeições mais caras ao ambiente que o envolve enche-se de desânimo, julga-se desamparado e esquecido, fala com repugnância do passado e da saudade, odeia a solidão e o silêncio:

O tempo. Horas de horror e tédio da memória
Ah! Quem mo reduzira ao momento que passa

Cinza das Horas^[393].

Ou abandonando a sua grande sensibilidade interior se apraz em fazer ironia, num esforço difícil de se tornar alegre e escreve “O luar inútil”, “Poemeto irônico”. No entanto este humorismo não consegue esconder a dolorosa mágoa que domina e freqüenta a grande alma contemplativa que ele possui e sente vibrar no segredo harmonioso da vida.

Livro de fina espiritualidade, de vivo contato amoral com a natureza, flor estranha de graça e amor é o primeiro livro deste poeta bizarro.

UM SORRISO

Vinha caindo a tarde. Era um poente de Agosto.^[394]
A sombra já enoitava as moitas. A umidade
Aveludava o musgo^[395]. E tanta suavidade
Havia, de fazer chorar nesse sol-posto.

A viração do aceano acariciava o rosto
Como incorpóreas mãos. Fosse^[396] mágoa ou saudade,

³⁹³ [A partir deste momento do texto, há várias ocorrências em que os títulos dos livros *Cinza das horas*, *Carnaval* e *Ritmo dissoluto*, de Bandeira, se apresentam sem diferenciação tipográfica indicando se tratar de um livro. A forma adotada no *Livro do Nordeste* para indicar título de obra são as aspas; para fixação do texto, adotamos a forma corrente nesta edição da correspondência, ou seja, o itálico.]

³⁹⁴ [Na edição do *Livro do Nordeste*, o verso não apresenta ponto parágrafo. Porém, em confronto com a edição da *Poesia completa e prosa*, de Bandeira (p. 149), é possível confirmar que o mesmo foi omitido devido a uma provável incorreção tipográfica.]

³⁹⁵ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “usgo”. Em confronto com a edição de *Poesia completa e prosa*, é possível confirmar que a forma correta é “musgo” (BANDEIRA, *Poesia completa e prosa*, 1974, p.149).]

Tu olhavas, sem ver, os vales e a cidade.
— Foi então que senti sorrir o meu desgosto...

Ao fundo o mar batia a crista dos escolhos...
Depois o céu... E mar e céus^[397] azuis: dir-se-ia...
Prolongarem a cor ingênua de teus olhos...

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia
Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada...

A ânsia de alegria ardentemente desejada que, nesta análise da poesia de Manuel Bandeira, já fiz notar no primeiro livro, se desenvolve e amplia no segundo, *Carnaval*, onde na posse de uma maior liberdade de técnica (nota-se nele muitos versos inteiramente livres) descreve com certa impetuosidade o amor material, viciado, diabólico, num desejo fremente de abafar e ocultar a sua alma dolorida e desalentada.

Alegria nervosa, e ilusória,³⁹⁸ que ele busca ansiosamente e que lhe foge como o encanto das sereias passa no grande destino desesperado de Lenau.

No entanto vestido de Pierrot, a cara pintada de bistre e alvaiade, desejando, querendo ser alegre, o poeta não faz do seu *Carnaval* uma festa de alegria coletiva, expansão vertiginosa das multidões que se deslocam e se embaralham num desejo de mútua penetração, numa necessidade de sentimento unânime, alegria que se goza a hora marcada sem evocações e sem lembranças, vagando à superfície das sensações brutais, à sorte dos imprevistos e da aventura, alegria de paixões instantâneas e entusiasmos efêmeros.

Este *Carnaval*, que daria a um poeta mais dominado pelas impressões diretas um poema de ação simultânea e geral, tem no poeta dos “Sinos” um caráter fragmentário e analítico, apanhado na complexidade da vida quotidiana; é a história trágica diurna e noturna de todos os vícios e de todas as nevroses, é a sua própria ilusão da alegria; prazeres artificiais, almas postiças, máscaras sombrias dos decadentes e degenerados. E isto é escrito e sentido de tal forma sutil que muitas composições do livro parecem fugir a esta perspectiva, tão aparentemente dispersiva a natureza dos assuntos.

O soneto “Verdes mares” é um flagrante carnavalesco, carnavalesco é a “Vulgivaga” e ironia eterna de “Menipo”. A morte fantasia-se de dama branca e aparece sorrindo ao poeta, corporizando a imagem subjetiva de uma grande dor sofrida, guardada por muitos anos na memória, conservada com a força de uma superstição cristalizada na memória.

³⁹⁶ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “Tosse”. Em confronto com a edição de *Poesia completa e prosa*, é possível confirmar que a forma correta é “Fosse” (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.149).]

³⁹⁷ [Vírgula presente em edição de 1925; vírgula retirada conforme edição de *Poesia completa e prosa*, de Bandeira (p. 149).]

³⁹⁸ [Vírgula inserida nesta edição.]

Carnaval [ilegível] da vida quotidiana, alegria mentirosa,^[399] refúgio das almas simples e ingênuas, Pierrot, Pierrete, Colombina e Arlequim, eterna e monótona ironia da Felicidade.

Pierrot neste livro é símbolo estranho, símbolo de fé, de esperança, de humildade, é o homem vencido, desprezado cujas aspirações se abismam, que se deixa empolgar pelos vícios ruinosos, subitamente reintegrado na vida sedutora, pária que surge homem forte para a luta e diante do destino.

Ele que estava de rastros
Pula e tão alto se eleva
Como se fosse na treva
Romper a esfera dos astros.

Este Pierrot lembra o Clown de Banville.

Ce clown saut si haut
Qu'il creva le plafond de [toile]
... ..
El le coeur devore d'amours
Allá rouler dans les étoiles.

No *clown* porém está a ânsia sempre renovada de alcançar, de atingir mais, cada vez mais pela força interior, pelo valor espontâneo e próprio; Pierrot é a validade concreta de um insucesso que afina, modela, espiritualiza a alma sequiosa de seduições materiais, tornando-a sonhadora, edificando-a, iniciando-a numa moral religiosa.

Esse é o Pierrot da canção das lágrimas que passa dolorosamente cheio de sonho e de desgraça e que se acolhe sofredor, místico e resignado, à alma tristemente lírica das rimas e da música.

Além disso o Clown, homem de músculos elásticos, de esgares funambulescos, criação ridículo-trágica do humorismo inglês, é a ação desenvolvida e ágil, saltando sobre trampolim, e trapézios, numa exibição de atitudes que se dinamizam. Pierrot é espírito, a elegância e a graça, preciosa, envolvente e amável como o criou Willette, como o pintou Watteau.

Mas desta expressão inicial que transformações deram-lhe uma história infeliz, fizeram-no triste e desventurado. Manuel Bandeira^[400] envolveu-o num ar de bondade e de desprendimento místico.

³⁹⁹ [Virgula ausente na edição de 1925; a opção por colocá-la é que o contexto indica que ela foi omitida por descuido do autor ou por um problema tipográfico, o que é mais provável.]

Este *Carnaval* assim sem multidão, sem música barulhenta, ruidosa, estonteante, carnaval, que ele pesquisou na sua vida interior como bem confessa no último trabalho do livro, se lhe deu a criação mística de Pierrot não teve poder expressivo para explicar a liturgia, a religiosidade dos gestos, das danças, das fisionomias, das gentes que vão de noute com em procissão pelas ruas, satisfeitas porque conseguiram ser alegres, à luz das lâmpadas que enlivescem os rostos cansados, ao som do batuque bárbaro dos ranchos e cordões, vestidas de todas as cores como numa volúpia liberdade, de liberdade de se criar um tipo próprio e isolado, livre das leis da moda, livres dos costumes prosaicos de todos os dias.

Mas se lhe falta este grande aspecto místico está muito longe todavia daquele carnaval sarcástico e trocista, sensual e grosseiro de Gavami; é menos irônico e mais diabólico.

Desse *Carnaval* subjetivo ao *Ritmo Dissoluto*, saindo do realismo artificial, o poeta volta ao espiritualismo da *Cinza das Horas*, porém de uma feição diversa, mais comovente, mais suave, cheio de segredos e de confidências, o ouvido atento espreitando os ruídos que vêm de fora, murmúrio d'água, voz dos sinos, clamor do mar, como se todas as cousas, a natureza toda sofresse com ele a mesma dor, descobrindo uma música em tudo, sentindo a música do próprio silêncio.

Do silêncio musical, cheio
De sentido místico e grave,
Ferindo a alma de um enleio
Mortalmente agudo e suave.

Ah, tão suave e tão agudo!
Parecia que a morte vinha...
Era o silêncio que diz tudo
O que a intuição mal advinha.

Nos versos deste livro há o quer que seja de religioso e de santo, uma piedade cristã que afaga, envolve as cousas, que sonoriza todos os ruídos, uma bondade infantil e meiga.

Aliás este sentimento infantil enche as páginas do *Ritmo Dissoluto* em que o poder emotivo, libertando-se dos velhos moldes da poesia, infunde ao poeta uma sensibilidade nova, longe das idéias gerais, das idéias comuns e assisadas da gente grande; é o menino que quer, que sente, que fala, não atende às leis, nem aos conselhos do bom senso e deixa crescer, brilhar a individualidade pelo prazer intuitivo e pela harmonia dos sentidos.

Pobre menino doente a olhar através da vidraça os balõezinhos que sobem, os pequenos vendedores de carvão, as carroças de leite, os sapos e os vaga-lumes, a observar na

⁴⁰⁰ [Forma do nome conforme edição de 1925: "Baideira".]

rua pequenos detalhes deprezados, quase impercebidos como qualquer garoto se volta para apanhar um objeto insignificante abandonado no chão; esse olhar amoroso para as cousas esquecidas, esse interesse pela ingenuidade dos brinquedos se vêem em “Noite morta”, “Na rua do sabão”, “Meninos carvoeiros”, “Balõezinhos”.

Em “A mata” é o desejo de saber tudo, a vontade compreender os ruídos das cousas vendo na agitação das árvores uma multidão em delírio.

A “Balada de Santa Maria Egípcíaca”, que desprezando as leis conserva entretanto o espírito deste velho sistema poético, é a história contada com uma clara ingenuidade de criança, com esse ar de estranheza e de candura de quem começa a discernir entre o bem o mal e nessa iniciação toma-se de uma inquietação.

E quando na tarde que desce os sinos batem claros,^[401] lentos e graves:

Sino de Belém
Sino da Paixão

o som dos sinos é para o poeta unicamente o ritmo das pancadas, música evocadora e mágica que enche a alma e faz vibrar toda a paisagem. Livros que cantam, sinos que dobram, continuamente por toda a vida.

A música dos sinos que vem pelo ar lembrando os seus mortos queridos, sua mãe, sua irmã, é como uma carícia material à sua triste felicidade resignada:

Que mais a vida me pode dar
Tenho vontade de me matar
Sou tão feliz.

Com este espírito^[402] infantil muitas das poesias de Manuel Bandeira estão impregnadas de uma volúpia de ser triste, de uma satisfação prazente do sofrimento; no “Gesso”, no “Soneto” há ainda um certo intimismo que em nada se assemelha ao de François Coppée porque é mais íntimo e mais discreto, é a alma de um homem silenciosa e mansa que empresta aos objetos mais familiares uma confortante qualidade moral fazendo-os sofrer e viver.

⁴⁰¹ [Vírgula ausente na edição de 1925; a opção por colocá-la explica-se porque o contexto indica que a mesma foi omitida por descuido do autor ou por um problema tipográfico, o que é mais provável.]

⁴⁰² [Forma da palavra conforme edição de 1925: “epirito”. Vê-se um provável caso de incorreção tipográfica.]

Ah! esta volúpia amarga de viver, esta “tristeza dos que perderam o gosto de viver” e que em tudo e acima de tudo adoram a vida!

O que eu adoro em tua natureza
 Não é o profundo instinto maternal
 Em teu flanco aberto como uma ferida
 Nem a tua pureza. Nem a tua impureza
 O que eu adoro em ti – lastimamente e consola-me
 O que eu adoro em ti, é a vida.

Mas o poeta ouve na sombra o murmúrio d’água^[403], som tão freqüente aos seus ouvidos e ele diz que a “vida passa, que a vida passa e a mocidade vai a acabar; e vem a noute mansa, a noute vem e a morte se aproxima; e dentro da noute e perto da morte sente-se a alma do poeta brilhar como uma luz viva na treva.

Antes de adotar a inteira liberdade do verso moderno, de abandonar a rima e a métrica já o poeta Manuel Bandeira possuía desde o primeiro livro um espírito original e independente, algo de irreconciliável com o estabelecido até então e que lembrava de alguma forma a influência do valor intuitivo nas obras artísticas, este valor que levado ao exagero e calcado no “inconsciente” de Hartman produziu os poemas de Triston Tsara, os desenhos de Picabia e em suma toda a falange destes incompreensíveis e simpáticos “Dadas”.

Há freqüência de trabalho intuitivo na maioria dos seus últimos versos de que os sinos são um exemplo frisante – poema musical escrito para o prazer intelectual de interpretação entre os leitores; é o sino de Belém alegre que bate pelos batizados, é o sino da Paixão dobrando pelos que morreram, é o sino do Bonfim^[404], íntima repercussão da voz do sino.

E esta intuição caracteriza-se nele pelo particularismo de sua visão infantil, conhecida como é a liberdade, a intransigência e o trabalho metódico da observação pitoresca entre os meninos, sem o recurso de idéias eruditas, exprimindo apenas a maneira de ver pessoal, sem o recurso quase sempre ordenado, uniforme e metódico das inteligências cultivadas.

Porém isto não equivale a dizer que a arte de Manuel Bandeira não tenha método e que a sua inteligência não seja cultivada, apenas que o seu método e a sua cultura não prejudicam a sua interessante faculdade de sentir e não destruíram a sua voluntariosa apreensão infantil.

⁴⁰³ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “dagua”.]

⁴⁰⁴ [Forma da palavra conforme edição de 1925: “Bomfim”.]

As incoerências notadas nos seus poemas, as oscilações de sentimento, a música opulenta da sua frase, as felizes e novas associações de adjetivos revelam o trabalho conjunto da inteligência e da intuição.

E o que se poderia chamar *surenfance* tomando o termo de empréstimo de Jean Cassou.

4.18 Manuel Bandeira, um mestre da vida^[405]

Por José Lins do Rego

Nada se parece mais com Manuel Bandeira que a sua poesia. O homem não é no seu caso o outro lado da sua arte como sucede com Augusto Frederico Schmidt que a gente lê espantado, sem encontrar um jeito de ligar a poesia com o seu autor. A poesia de Manuel Bandeira é ele mesmo. Tem a sua sensibilidade, o lirismo pungente de sua vida, o humour mais inglês que já tivemos desde Machado de Assis. Poesia e poeta não se separam, numa simulação criminosa. Quem se aproxima de Bandeira há de sentir por força o grande tipo humano que ele é, o homem que traz consigo uma riqueza de vida, de lirismo como poucos hajam aparecido pelo nosso Brasil.

Lembra-me de quando o li pela primeira vez. Foi em 1924.

Gilberto Freyre chegara da Europa e eu quis aproximá-lo da nova poesia brasileira. Não houve porém contato que satisfizesse o jovem que chegava cheio de tantas prevenções contra a nossa pobre literatura. Ele mesmo dissera, sobre Gonçalves Dias, que nós não havíamos tido ainda um grande poeta, mas pedaços de grandes poetas, em Castro Alves, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias. Dei-lhe Raul de Leoni que aparecia por esse tempo com todo o fulgor do seu estro. Gilberto Freyre não lhe deu a mesma importância que a crítica da terra.

Isto foi em 1923. Separamo-nos. E mais tarde, um ano depois, o trem do Recife das 2 horas me trazia ao Engenho Itapuá, com o *Diário de Pernambuco*, uma grande surpresa: Gilberto Freyre encontrara um grande poeta no Brasil. E aparecia com um longo artigo de 2 colunas, falando de um Manuel Bandeira que eu ainda não conhecia. O artigo do meu amigo vinha banhado de um entusiasmo de quem houvesse descoberto uma terra nova. O grande poeta brasileiro já não era um esperado ou um pedaço de grande poeta. O pequeno ensaio que Bandeira inspirara ao seu conterrâneo valia para mim como uma descoberta real.

E fui ler Manuel Bandeira. O meu conceito de poesia ainda era um tanto primário. A rima, a palavra bonita, o puro efeito verbal ainda prevaleciam para mim. E os grandes poetas

⁴⁰⁵ [TEXTO-BASE PARA FIXAÇÃO REGO, J.L. do. Manuel Bandeira, um mestre da vida. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. p.105-107. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.]

franceses não me haviam tocado. Os meus poetas maiores seriam os que como Olavo Bilac atingiam a uma grandeza de pompa real.

Fui ler Bandeira, quase ao mesmo tempo em que Olívio Montenegro me dera Antonio Nobre. E poesia começou a ser para mim o que é realmente a verdadeira poesia: a mais comunicativa força humana de expressão.

Na nossa literatura haviam corrompido este instrumento poderoso de vida, por falta de verdadeiros agentes ou por qualquer outra coisa, haviam feito do poeta um homem de falar diferente dos outros. Antonio Nobre, com a sua mágoa, a sua tísica, o seu ardor pela terra e pelo sol de Portugal cantava com um pássaro de asas cortadas, com campos e árvores para voar, e no entanto reduzido “ao pobre luziada, coitado”. Nenhum poeta a não ser Bandeira me daria em língua portuguesa maiores emoções. Mas a sensibilidade de Nobre era feminina demais. Faltava-lhe aquilo que em Bandeira nunca o abandonou, uma compreensão viril da vida.

Bandeira é um poeta que não dissolveu a sua sensibilidade no canto de quem vai se acabar. Os seus versos são tristes, profundamente tristes, mas de uma tristeza que alimenta, que fecunda, que nos dá substância para a alma e para os sentidos. É aí que o poeta pernambucano mais cresce. É quando ele vence a sua melancolia com o seu dom de criador.

A sua poesia em relação ao amor se nutre então de um alto poder expressivo. O poeta amou muito e parece que muito sofreu de amar. Mas não amoleceu, não se entregou, não se perdeu no mar tempestuoso, chegando ao fim para falar, para nos contar de sua experiência, com a penetração e com a força melódica de um Baudelaire. Em língua francesa estaria ele hoje ao alcance de toda a humanidade. Em português, no doce brasileiro de sua língua, será quando muito o grande poeta da América Latina. Sobre isto não tenhamos dúvida. Nem Dario e nem Nervo tiveram este conhecimento do coração humano, do amor que Bandeira possui.

Poeta que chega aos cinquenta anos com o mesmo vigor dos vinte. Pelo contrário, mais íntimo de sua poesia. Basta se ler *Libertinagem* para se sentir que o poeta da *Cinza das Horas* não se perdeu na técnica, e nem no rigorismo prosódico. E que foi mais longe, com aquela mesma tristeza criadora da adolescência, ele mais se aproximou dos outros com seu maravilhoso instrumento. A língua e o ritmo de Bandeira se humanizaram ainda mais, mais se familiarizaram com a vida, mais se integraram com seus comparsas, com os que como ele têm amado e sofrido. Nem Bilac e nem os românticos falaram com mais profundidade de amor que Bandeira. Porque não há uma palavra perdida no vocabulário deste grande poeta. Todas as suas palavras vão ao coração, tocam nas cordas sensíveis, se aderem à sensibilidade. E no entanto quando ele deixa a sua vida de lado, quando ele se dirige aos pobres, aos meninos da

rua do Sabão, aos sapos tanueiros, é com a mesma tenção, com a mesma força, com a mesma ternura. É um poeta que faz pensar, que não é somente para se situar no coração. É um poeta que pensa. Mas que pensa através da sua experiência, da sabedoria pungente da sua vida, do seu caso particular. Aquele *courant souterrain de pensée non visible* de que falava, salvo engano, o próprio Baudelaire, é de que se serve o poeta Bandeira. (Isto uma vez eu já salientava nele há dez anos atrás). Bandeira não quer ensinar coisa nenhuma. Nada de querer tornar visíveis, berrantes, aquelas correntes subterrâneas. (Isto é o que faz de muita coisa tida em conta de poesia um amontoado de palavras). No entanto o poeta pode penetrar no coração mais íntimo das cousas por meio de forças que escapam às exigências da lógica e da dialética.

Pelo canto Carlyle queria que pensassem os poetas porque para ele todas as cousas, as mais íntimas, são melodiosas.

Ler Bandeira é para mim mais que um deleite, que a sorte de me encontrar em terra estranha com um compatriota querido. Eu sinto neste poeta um mestre da vida, no grande sentido da expressão.

Porque até hoje não houve um grande poeta no mundo que não fosse senhor desta fabulosa sabedoria.

APÊNDICES

Os artigos de minha autoria aqui reunidos foram escritos ao longo do doutorado. Eles procuram destacar questões que concernem à obra de Manuel Bandeira e, sobretudo, à obra de Gilberto Freyre. A escrita foi mantida, no geral, tal qual o original publicado. Contudo, foi preciso, em poucos casos, fazer alterações tendo em vista a normalização dos textos para a tese.

APÊNDICE A – *Os guias de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira: viagem prática ou sentimental?*[♦]

Silvana Moreli Vicente

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.
Esta agência postal era a Casa de Entrada...
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto

MANUEL BANDEIRA¹

Uma leitura exaustiva da obra de Gilberto Freyre e de Manuel Bandeira pode revelar várias facetas de profundo diálogo que se estabeleceu entre ambos no contexto do modernismo da década de 20 e 30. Seus guias de viagem são, no mínimo, uma prática literária inusitada para a época, cuja manifestação, ainda nos dias de hoje, pode causar algum estranhamento. São textos que funcionam como trabalhos paraliterários dentro da obra de ambos, predominantemente ensaística no caso de Gilberto Freyre e poética no caso de Manuel Bandeira. Talvez a melhor abordagem para se apreender certa especificidade dessas formas de escrita seja aquela afim aos textos ensaísticos e crônicas, ou seja, tratar-se-ia de formas em que o aspecto literário funcionaria *in potentia*², como possibilidade, potencialidade, virtualidade. Realmente seria impossível traçar constantes formais nessa prática literária absolutamente moderna, em que cada caso deve lido como um caso diferente dos demais.

Guias jamais fariam parte das tradicionais categorias normativas de classificação dos gêneros literários. Nem épicos, nem dramáticos, nem líricos, são formas, porém, que potencializam certo poder de criação. A qualificação dos guias, dada por Gilberto Freyre, como um tanto “prático”, um tanto “histórico” e um tanto “sentimental”, confirma, por outro lado, a disposição épica de um eu que procura abarcar a história, cronológica e simbólica, de uma cidade a partir, sobretudo, de imagens líricas, de “invenções” bastante pessoais. É assim que Freyre arma o seu guia, a partir de uma visão extremamente subjetiva de paisagens,

♦ Texto integral de comunicação apresentada no X Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada (Rio de Janeiro, agosto de 2006).

¹ Trecho do poema “Ouro Preto”, de Manuel Bandeira (BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.247).

² Tomo por base Obaldia, que procura definir a forma “ensaio” como literatura *in potentia* em: OBALDIA, C. de. **The essayistic spirit: Literature, modern criticism, and the essay**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

físicas e humanas, com as quais conviveu durante sua vida. Porém, mais do que a história objetiva da cidade, o que entra em questão é a imagem escrita que o eu tem do espaço, que se revela em muitos momentos um tanto dramática, cheia de lacunas e contradições.

Em 1934, um ano após o lançamento bem-sucedido de *Casa-grande & Senzala* pelo selo “Maia & Schmidt Ltda.”, Gilberto Freyre publica, de forma independente e impresso nas Oficinas The Propagandist, o seu segundo livro, *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. A primeira edição consiste em apenas 105 exemplares com papel especial e coloridos a mão pelo artista plástico e escritor Luís Jardim, sem numeração de página e com uma diagramação de extremo bom gosto para a época. Sua forma artesanal e seu estilo fogem dos guias acentuadamente comerciais, destinando-se, em princípio, não a turistas ou a viajantes, mas a colecionadores ou simples amantes de livros raros e sofisticados³.

Em 1939 é a vez de à cidade de Olinda ser dedicado outro guia, o *Olinda - 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Como o primeiro, trata-se de uma edição originalmente de forma quase artesanal, em edição para bibliófilos, ilustrada pelo artista plástico recifense Manoel Bandeira. À margem do mercado editorial que está, na época, em franca expansão, tais guias saem primeiro com uma tiragem extremamente reduzida para, em seguida, serem encampados pela José Olympio⁴.

Gilberto Freyre acreditava ser um precursor do gênero no Brasil⁵. De fato, seus guias não necessariamente recebem o tratamento dos guias que surgem na Europa do século XIX impulsionados pela expansão do turismo, atividade que guarda estreita relação com o desenvolvimento de uma sociedade burguesa pautada pelo individualismo e pelo fetichismo da viagem. O mais impressionante é que, seguindo o caminho aberto por ele, dois outros escritores de relevo nacional dedicam-se à escrita de guias de cidade: Manuel Bandeira, com o *Guia de Ouro Preto*, e Jorge Amado, com o *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos*

³ Trata-se de um dos primeiros livros para bibliófilos publicados no Brasil, segundo informação contida na 14ª edição de *Sobrados e Mucambos* (FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003. p.898).

⁴ As segunda e terceira edições do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de 1942 e 1961, vêm com ilustrações de Luís Jardim. Já a quarta, de 1968, atualizada e aumentada, traz ilustrações de Luís Jardim e Rosa Maria e fotografias. Por sua vez, a segunda edição de *Olinda - 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*, de 1944, revista, diferente da primeira, traz ilustrações de Luís Jardim. A terceira edição, de 1960, vem com ilustrações de Manoel Bandeira. Já a quarta traz ilustrações de Manoel Bandeira e Rosa Maria, com fotografias. Todas essas edições saem pela José Olympio. Dados colhidos em: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 37.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁵ No “Post-scriptum” de *Olinda - 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*, Freyre procura defender sua posição de precursor de um gênero não só no país, mas no mundo: “Escrito este meu segundo guia de cidade brasileira, ao qual talvez se siga um terceiro, da cidade do Salvador da Baía e um quarto, de Belém do Pará, e até – audácia das audácias – um quinto, do Rio de Janeiro, com ilustrações de uma ilustre austríaca, a ex-ministra da Áustria no Brasil, Senhora Maria Retschek, devo tornar claro, não só por vaidade como para me defender da possível acusação de ter adaptado à nossa língua e ao nosso país, tranquilamente e sem dizer nada, um tipo de guia hoje triunfante noutros países – especialmente nos Estados Unidos, com a sua magnífica American Guide Series, em que os guias têm sido principalmente trabalho de escritores sem emprego, sob a direção do Federal Writer’s Project amparado pelo Governo Americano – que o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* foi escrito em 1933 e publicado no ano seguinte. Antes, portanto, das publicações norte-americanas” (FREYRE, G. **Olinda**: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1944. p.233).

*mistérios da cidade do Salvador*⁶, de 1945, para citar os casos mais exemplares inseridos na mesma conjuntura política da era Vargas (1930-1945).

O guia de Manuel Bandeira é, dos mencionados, o que mais guarda relação com o formato tradicional do gênero. Sua linguagem simples e informativa dá mais elementos para o turista sequioso de novidade. A primeira edição, com ilustrações de Luís Jardim e Joanita Blank, sai patrocinada pelo Ministério da Educação e Saúde em 1938. Segundo o poeta, é o amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade, então diretor do recém fundado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quem o convence a escrevê-lo⁷. Trata-se, pois, de um livro que teve os auspícios do Estado.

A eficiência informativa, porém, não camufla a visão lírica que emoldura a descrição de Ouro Preto. De fato, de todos os mencionados, o guia de Manuel Bandeira toca por sua sobriedade. Menos lírico como afim a certa profusão sentimental, mas apresentando uma visão extremamente singular da história da cidade, seu guia chama a atenção principalmente pela possibilidade de se ler nele uma visão intimamente paradoxal dos destinos dos homens e suas cidades. É lírico pela beleza com que dota pequenos gestos de uma profunda grandeza, escritos a partir de uma contradição fundamental. A abertura do seu guia destaca dois elementos centrais para a composição do todo: de um lado, é a visão do outro que alimenta, corrobora e dá vida à sua própria abordagem da cidade, que facilita uma mediação particular e íntima entre o eu e o espaço, entre o autor e a paisagem – são as narrativas dos viajantes que auxiliam o escritor, como Antonil, John Mawe, Auguste Saint-Hilaire, John Luccock, Reverendo Walsh, George Gardner, Francis de Castelnau, Milliet de Saint-Adolphe e Richard Burton; de outro, as contradições cercam a História, em que o pequeno das histórias pessoais pode conter os maiores lances de toda uma civilização, à revelia das vontades e das autoridades:

Narra Antonil que numa estrada de paulistas de Taubaté ao sertão dos Cataguás um mulato da comitiva desceu das alturas do serro do Tripuí, antigo nome da região de Ouro Preto, às margens do córrego do mesmo nome, hoje chamado de Antônio Dias, meteu a gamela até o fundo, raspando as areias, e quando a retirou viu que vinham com a água uns granitos negros, cuja natureza não reconheceu, embora já tivesse trabalhado nas minas de

⁶ A primeira parte do guia de Jorge Amado, "Atmosfera da cidade", mostra que a ligação com Gilberto Freyre não é incidental ou mero acaso: "Gilberto Freyre já notou que o espírito de moleque rompe sempre, na Bahia, o excesso conservador que tenta impor-se. O conservador e o revolucionário coexistem no espírito da cidade, chocam-se, fundem-se por vezes, são quase palpáveis no seu contraste" (AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador. São Paulo: Martins, 1970. p.19). A prosa plástica de Jorge Amado reflete, no equilíbrio de contrastes, a força da teoria de formação da nacionalidade de Gilberto Freyre como um amálgama de antagonismos.

⁷ "Só no chão da poesia piso com alguma segurança. No entanto fui aceitando tarefas em outros campos. Em 1938 Rodrigo M. F. de Andrade, como diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, me convenceu a escrever um *Guia de Ouro Preto*..." (BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. In: _____, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.86).

Paranaguá e Curitiba. Levou-os, de volta, a Taubaté, onde os vendeu a um certo Miguel de Sousa por meia pataca a oitava. Mais tarde, mandados alguns desses granitos ao governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Meneses, este, trincando-os nos dentes, pôs a descoberto o brilho próprio do metal, que era ouro do mais fino quilate. Aquilo atrás do que as bandeiras sôfregas e sempre desenganadas cortavam o sertão havia século, descobriu-o o mulato naquele gesto humilde de quem apanha uma pouca água para matar a sede.⁸

A pequena narrativa de abertura funciona como uma espécie de articulador de elementos antagônicos, que tomam sentido a partir do momento em que são lidos na suposição de autenticidade de uma história verídica e sem pretensões de uma grandiosidade artificiosa. Ou ainda, o autor foi buscá-la na origem profunda e simbólica de Ouro Preto: foi um gesto humilde de mulato, de um pária desta civilização que se ergue, que possibilitou elevar-se uma cidade encravada no Brasil de dentro, a qual passa a ser, por sua herança colonial, um símbolo também da nacionalidade. Interessante observar nesse gesto que vai às sombras, que escava o elemento profundo, as imagens que recorrem nessas primeiras palavras: “desceu das alturas”, “meteu a gamela até o fundo”, “raspando as areias”, “pôs a descoberto o brilho próprio”. Considerando-se que certa abordagem do moderno, dizem, peca pela fragilidade com que se depreendem o passageiro, o transitório, o que não deixa rastros, este guia parece lançar suas bases em outra direção: a da busca pelo perene, pelo sempiterno, que congrega o superficial, a história oficial, os grandes gestos, ao elemento menor, ao humilde, à virtude da modéstia. Foi no rastro do mulato, seguindo a intuição, “a inspiração de entrar por onde os primeiros caçadores de índio haviam saído”, que Antônio Dias de Oliveira, nas vésperas de São João, vislumbra o milagre:

No dia seguinte, ao alvorecer, o céu estava muito limpo, e do outro lado do vale o perfil inconfundível da pedra se recortava nítido na primeira luz da manhã, como um milagre do santo.⁹

Vê-se que a mitologia cristã funciona como uma espécie de argamassa para a escrita de Bandeira. A pedra revela sua beleza dourada no amanhecer, aproximada, numa metáfora recorrente do autor, ao milagre do santo, que se corporifica como uma espécie de prolongamento do efeito festivo dos fogos de artifício que teriam fechado a madrugada. Com o pé na realidade, no dia-a-dia, ergue-se, então, a essência de um mundo na contramão de uma modernidade voltada para o progresso, para o futuro, fragmentária e individualista. Todos os

⁸ FREYRE, G. **Guia de Ouro Preto**. 3.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, [194-?]. p. 12.

⁹ BANDEIRA, **Guia de Ouro Preto**, [194-?], p. 12.

gestos, por mais pessoais que sejam, são congregados a uma beleza superior; e nesse mundo a transcendência é, de fato, possível. Trata-se, então, de uma forma de se relacionar com o mais ínfimo da experiência ainda capaz de revelar um sentido maior, divino. Como a poesia e a crônica de Bandeira constantemente apresentam, é uma busca, na origem, do fundamento para o que fomos e somos. Pode parecer algo patético, mas esta também é uma perspectiva freyriana, que fez dela a base para a elaboração de uma ensaística em que as fronteiras entre o literário e o científico permanecem esfumadas, de propósito.

Os pequenos gestos de grandeza infinita também dão o mote para o guia de viagem de Freyre. Uma rápida olhada no índice do guia de Olinda revela como o interesse pelo menor é a porta de entrada para o maior. A organização é por tópicos, que recebem nomes como “O rio”, “O mar”, “A luz”, “O vento”, “As praias”, “Jangadeiros”, “A faca de ponta”, “Jangadas”, “Barcaças”, “Canoas”, “Os montes”, “Os livros”, “Os animais”, “Sepulturas velhas”, “Sinos”, “Casas velhas”, “Outras casas”, “Quitutes”, “Jardins modernos” etc. São relatos sobre o baixo cotidiano que se misturam com outros sobre a história oficial, como bispos e jesuítas. Mas também é marcante um registro intermediário, sobretudo quando o autor discorre sobre ruínas do passado colonial, sobre o que restou de conventos, de igrejas e de sobrados. As imagens, mediadas pelas lentes de fotógrafos e pintores de renome, também ressaltam aspectos da história do lugar condenados pela ação implacável do tempo, como sugerem as legendas do guia de Olinda: “Coqueiros da Praia dos Milagres”, “Cais de bargaçãs”, “Jangadas”, “Detalhes e apetrechos da jangada”, “Barcaça”, “Janela velha – rua do Amparo”, “Macaibeiras dos arredores de Olinda”, “Velho sobrado da rua do Amparo com abalcoado mourisco”, “Velha bica de São Pedro”, “Mucambo de pescador”, “Resto de fortim”, “Velha porta da rua do Amparo” etc. A sensibilidade do escritor que procura ver a paisagem à distância também lê nela os dramas de uma formação híbrida, que mistura o alto ao baixo, o grandioso ao rasteiro. É nessa linha que Freyre vê a dialética entre o dramático e o lírico, entre o trágico – que aborda os feitos grandiosos e sublimes – e o cômico – dos pequenos momentos de boêmia provinciana:

O rio Beberibe desce até Olinda de um pequeno olho d’água do lugar Cabeça de Cavalo. Antes de chegar à Olinda banha vários sítios, outrora cheios de matas, de frutas e de passarinhos: Pimenteiras, Quibuca, Passagem das Moças, Passarinho. Chegando a Olinda volta-se para o sul, seguindo ao longo do istmo nem sempre istmo para o Recife até encontrar-se com o Capibaribe. São os dois rios mais cheios de tradições de Pernambuco. O Capibaribe mais dramático: mais ligado a engenhos grandes, a canaviais, a senzalas, aos horrores da escravidão, ao abolicionismo, a crimes, a cheias, a raptos de moças, a revoluções. O Beberibe mais lírico: ligado menos a

engenhos grandes que a sítios e baixas de capim; que a troças e banhos de estudantes de Olinda; que a passeios alegres de rapazes do Recife com atrizes, cantoras e cômicas. Um desses rapazes diz a tradição que foi Castro Alves.¹⁰

Interessante ainda notar que a trajetória de ambos os escritores foi de aproximação do chão cotidiano a partir de uma aprendizagem modernista à brasileira. Um gesto possível e até necessário nos trópicos, em que a conciliação ainda é mais premente quando se considera a grande massa de marginalizados, sempre à parte em um país voltado, naquela época, para as modas européias e para um academicismo que coroava tão somente os elementos elitistas e superficiais da cultura. Pelo menos é esta a visão dos dois autores. Tanto os temas quanto as formas aproximaram-se do popular de um modo inovador para aquele contexto e, ainda mais, comprometeram-se a escarafunchar a fundo as bases da formação da nacionalidade, assunto que estava em alta no contexto da era Vargas.

Mas qual seria a relação que esses três guias, os de Freyre e de Bandeira, mantêm com a forma “guia turístico”?

O guia turístico, tal como o conhecemos hoje, apenas em parte mantém relação com os guias de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. O tema da viagem é um denominador comum das formas que ficam sob o leque da literatura de viagem, e o guia turístico é, juntamente com as viagens de descoberta e as viagens científicas, uma das formas modernas de escrita de viagem _ que se desenvolveu no lastro das viagens épicas e das viagens dos romances de cavalaria¹¹. Antes, porém, de procurar compreender algumas de suas balizas, vale a pena refletir sobre as implicações da palavra “turismo”.

O turismo como atividade moderna se diferencia do conceito tradicional de viagem. O turismo não implica o deslocamento no espaço por motivos como a fome, o clima e o comércio, como em sociedades tradicionais; seria, ao contrário, uma escolha individual, que só poderia nascer numa sociedade burguesa. O viajante moderno, em vez de empreender as viagens épicas e míticas cansativas e cheias de sofrimento, é um aventureiro, um desbravador de novos caminhos, com fantasias e anseios jamais imaginados pelos viajantes tradicionais. Viajar não é uma necessidade, um pragmatismo; é, de outro modo, uma escolha, e seu

¹⁰ FREYRE, *Olinda*, 1944, p. 27-8.

¹¹ ZANETTE, R.I.C. **A permanência de estereótipos sobre o Brasil nos guias turísticos em língua italiana**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. (Dissertação de Mestrado)

desenvolvimento se dá no cerne da sociedade capitalista em formação. As raízes simbólicas do turismo moderno estão, segundo Enzensberger¹², no romantismo inglês, francês e alemão, em autores como Wordsworth, Rousseau e Eichendorff. Aqui, em via de formação, está a possibilidade de concretizar uma liberdade individual a partir da dialética que se forma com relação à sociedade do trabalho e do consumo, ou seja, viajar passa a significar formas de fuga da sociedade capitalista. Ainda segundo Enzensberger, a força imaginativa age de forma ambígua diante dessa liberdade: ela a transfigura, mas a faz recuar no tempo e no espaço, tornando-se “folclore” e “monumento”.

Estas, a paisagem intocada e a história intocada, são as imagens-guia do turismo até hoje. Ele não é senão a tentativa de concretizar o sonho romântico projetado na distância. Quanto mais a sociedade burguesa se fechava, mais o cidadão tentava esforçadamente dela escapar como turista.¹³

A revolução e a civilização industrial chegam por uma porta, e o viajante sai por outra. Não é, portanto, nada surpreendente que o turismo como atividade mercadológica com fins de entretenimento tenha nascido na Inglaterra do século XIX, em uma sociedade em que a viagem, como bem mostram os símbolos do romantismo, já tinha seu lugar.

Importa também abordar as diferenças que os conceitos de “turismo” e “viagem” guardam entre si:

A viagem como conhecimento complexo é a descoberta/produção de significados do significado imprevisto em cotidianos, em banalidades que se tornam complexos pela distância, pela diferença, pelo imprevisto aos olhos sagazes e alvoroçados do viajante. A complexidade marca-se pela diferença. Como atividade planejada, o turismo procura simplificar, amenizar, prever a diferença e o imprevisto. O turista desloca-se prudentemente para reencontrar seu cotidiano, seu espaço habitual, porém à distância.¹⁴

Quando a viagem se torna indústria, nasce o turista moderno e, com ele, uma ideologia essencialista que privilegia os signos da pureza, da aventura, do intocado, mas que se dá dentro de uma lógica da previsibilidade¹⁵. Certas paisagens ganham uma aura desconhecida no seio da sociedade moderna e o passado, mitologizado, periga o folclórico, o pitoresco, quando perde, fixado em imagens estanques, a complexidade da história. A distinção entre o

¹² Cf. ENZENSBERGER, Hans Magnus. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência**: ensaios sobre literatura, política e colonialismo. Seleção e introdução de Wolfgang Bader. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985. p.205-225.

¹³ ENZENSBERGER, H. M. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência**, 1985, p. 214.

¹⁴ FERRARA, Lucrécia d'Alessio. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 76.

¹⁵ ENZENSBERGER, H. M. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência**, 1985, p. 215.

viajante e o turista serve para destacar quanto a sociedade moderna pode abrigar diferentes perspectivas: o viajante aponta para a abertura, para a imprevisibilidade; o turista, para o fechamento, para a previsibilidade.

Os guias são formas textuais que nascem nesse contexto e, dessa forma, não podiam senão carregar essa ligação aparentemente simples e ingênua, na verdade acrítica e diluída, com as paisagens e seus habitantes. A análise que Roland Barthes faz do *Guide bleu* é precisa:

Em geral o *Guide bleu* testemunha quanto é vã toda a descrição analítica que recusa, simultaneamente, a explicação e a fenomenologia: de fato, o *Guide* não responde a nenhuma das perguntas que se possa fazer um viajante moderno ao atravessar uma paisagem real, e viva. A seleção dos monumentos suprime a realidade da terra, assim como a dos homens, não testemunha nenhuma realidade presente, isto é, histórica; e, deste modo, o próprio monumento se torna indecifrável, logo estúpido.¹⁶

O guia de viagem como um gênero textual nasce na Europa em que as formas de exploração mercadológica se expandem. Nasce dirigindo as massas para os lugares que devem ser vistos e desenvolve métodos de classificação de atrações turísticas que não deixa nada a desejar a qualquer gerenciamento industrial bem regrado e eficaz. Thomas Cook e outros empresários do turismo, antes mesmo do século XX, são responsáveis por uma grande revolução no setor, com a invenção dos cheques de viagem e o turismo em grupo: “Como todo o bem de consumo, também a viagem precisava ser produzida em série, caso a indústria do turismo quisesse firmar-se no mercado”¹⁷. E “o turismo, inventado para libertar seus seguidores da sociedade, levava-a consigo na viagem”¹⁸.

Recuando para o período que foi o pano de fundo para os guias de viagem de Freyre e Bandeira, vemos que se trata de um dos momentos mais intrigantes do Brasil do século XX. A transição do Estado patrimonial ao Estado gerencial, que se dá ao longo do século, conhece suas formas particulares de intermediação: uma delas, a aliança política que nasce em 1930 tendo à frente Getúlio Vargas, procura romper com o Estado dominado pelas oligarquias¹⁹. O resultado foi a composição de um Estado autoritário e burocrático que buscou,

¹⁶ BARTHES, Roland. *O Guide Bleu*. In: _____. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p. 72.

¹⁷ ENZENSBERGER, H. M. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência**, 1985, p. 219.

¹⁸ ENZENSBERGER, H. M. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência**, 1985, p. 220.

¹⁹ Uso, aqui, a nomenclatura de Luiz Carlos Bresser Pereira em “Do Estado patrimonial ao gerencial”, que reconhece, nas formas históricas de estado e sociedade no Brasil, basicamente três momentos. O plano político abrange os seguintes: o Estado oligárquico, até 1930; o Estado autoritário-capitalista, de 1930 a 1945 e de 1964 a 1985; e o Estado democrático, de 1946 a 1964 e a partir de 1985. Com relação ao plano administrativo, seriam: o Estado patrimonial (ou patrimonial-mercantil), até 1930; o Estado burocrático (ou burocrático-industrial), entre 1930 e 1985; e o Estado gerencial (ou gerencial pós-industrial), a partir de 1985 (PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Do Estado patrimonial ao gerencial*. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P.S. (Org.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.222-259).

contraditoriamente, formas de modernização centralizadora. Tanto a indústria, de um lado, quanto a cultura, de outro, desenvolvem formas particulares de interação com o Estado. A atividade turística, que se coloca a meio caminho destes campos, também parecia depender, muitas vezes, desse Estado patrocinador, o que pode ser confirmado pelo simples fato de que o *Guia de Ouro Preto*, de Bandeira, é encomendado pelo diretor do SPHAN, o também modernista Rodrigo Melo Franco de Andrade, e patrocinado pelo Ministério da Educação e Saúde, que tinha à frente Gustavo Capanema. Assim, o contexto brasileiro que vê o surgimento desses guias parece um pouco mais complexo do que, por exemplo, a realidade europeia do século XX, em que as forças capitalistas são predominantemente a mola propulsora para o nascimento dos guias de viagem.

Recuperar a história dos guias de viagem e procurar as conexões com a sociedade que o “enforma” vem no sentido de mostrar quanto, aqui, nos nossos exemplos, são construídas formas particulares de relação entre texto e contexto.

Tanto os guias de Gilberto Freyre quanto o de Manuel Bandeira ficam à margem da indústria do turismo. A interação com a sociedade é de outro nível: não ganham os circuitos comerciais e nem sequer encontram, no lançamento, o abrigo de uma das editoras que crescem espantosamente ao longo da década de 30 – e talvez, especialmente no caso de Freyre, nem quisessem encontrar. Os valores agregados à paisagem também não parecem seguir o critério de possibilidade de exploração financeira: não há estrelas classificatórias de *sights*, não há menções a hotéis ou restaurantes, senão àqueles que simplesmente fazem parte do dia-a-dia da população. Para o turista que queira saborear um dos pratos típicos do Recife, eis a recomendação de Gilberto Freyre:

Pelas esquinas das velhas ruas de S. José, - do Passo da Pátria, da Direita, da Tobias Barreto – que outrora teve o grande nome de rua dos Sete Pecados Mortais – ainda se encontram negras de fogareiro vendendo milho, tapioca, peixe frito. A negra Elvira. A Joana. Sinhá Maria. Várias outras. Também vendedoras de gelada, muleques de midubí, vendedores de bolo e de caldo de cana.²⁰

Os elementos que são destacados nesses textos são claramente vistos a partir de uma ótica subjetiva e, eu diria até, afetiva. Não se trata, assim, de um simples guia turístico: é um

²⁰ FREYRE, G. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942. p.155.

guia de viagem que estimula, pela opacidade de algumas informações (a localização das ruas e das pessoas é apenas aproximada), o vagar descomprometido, aberto para o encontro fortuito, para o acaso. Pela sua abertura, são textos que, em igual medida, se distanciam dos guias turísticos convencionais e se aproximam de outros gêneros limítrofes, como o ensaio e a crônica. De ambos, são essas as características que sobressaem: o inacabamento e a abertura ensaísticos e a fragmentação e fluidez da crônica²¹. Desse modo, os guias de Freyre e Bandeira podem ser lidos no prisma da composição de um modo peculiar de escrita que mistura guia de viagem, ensaio e crônica. A abertura do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* mostra bem como o escritor elabora categorias simbólicas para a percepção da cidade, construções possíveis de se darem somente por meio de um texto ensaístico que se distanciasse de um arcabouço racionalista. Veja, a seguir, como o autor, ao mesmo tempo em que fala do recato da cidade, coloca à prova o próprio conceito de turismo, já que aquele que quisesse conhecer a cidade deveria saber explorá-la na sua condição “sem saliências, nem relevos”, como um “namorado sentimental”, e não “admirador imediato”:

O viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Quem vem do Rio ou da Baía, cidades francas, cenográficas, fotogênicas, um ar sempre dia de festa, as igrejas mais gordas que as nossas, casas trepadas umas por cima das outras como grupos de gente se espremendo pra sair num retrato de revista, uma hospitalidade fácil, derramada – talvez fique a princípio desapontado com o Recife. Com o recato quase mourisco do Recife, cidade acanhada, escondendo-se por trás dos coqueiros; e angulosa, as igrejas magras, os sobrados estreitos.²²

Sem aprofundar, por enquanto, o valor social dessa cidade tímida, de um plano só, com suas touças de bananeiras que saem dos quintais dos sobrados burgueses, com seus vendedores matutos, negras gordas de fogareiro e feiras pitorescas, vale a pena discutir uma outra questão que logo aflora: por que “escritores literários” do primeiro time da época escreveriam guias?

²¹ Textos que abordam com precisão o conceito de ensaio e crônica são, respectivamente, “O ensaio como forma”, de Theodor W. Adorno (ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In: COHN, G. (Org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p.167-187) e “A vida a rés-do-chão”, de Antonio Candido (CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Para gostar de ler** : crônicas. São Paulo: Ática, 1989. v.5., p.4-13). Modos de imbricação dessas duas formas literárias foram abordados por Afrânio Coutinho em *A literatura no Brasil* (COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: _____. (Dir.) **A Literatura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1971. v.6, p.136) e por Alexandre Eulálio no texto “O ensaio literário no Brasil” (EULALIO, Alexandre. O ensaio literário no Brasil. In: _____. **Escritos**. Organização de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.11-67).

²² FREYRE, **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**, 1942, p. 15.

Sob o ponto de vista da autoria, os guias de Gilberto Freyre fogem a uma outra constatação quando se fala sobre guias de viagem como gênero: guias normalmente são escritos não por residentes, mas escritores especialistas que viajam e se dedicam a destacar o que a nova paisagem, rural ou urbana, poderia oferecer de atraente para seus leitores-turistas. É uma espécie de caminho aberto que pode ou não determinar um fluxo de massa para lugares precisos, apresentados com algumas informações diretas e breve e plana tentativa de historicização. O texto resultante não pretende nada mais do que ser guiado pela função referencial da linguagem, para usar termo de Roman Jakobson, com uma percepção subjetiva aparentemente fiel à realidade que descreve. À autoria não caberia ficcionalizar ou empregar uma linguagem opaca, cifrada, enigmática – uma viagem realizada sem precisas informações só poderia ser uma viagem imaginativa. Mas, certamente, a objetividade também tem, para os guias de turismo, suas armadilhas, revelando-se uma pretensão que, por sua simplificação demasiada, beira o estereótipo ou o senso comum, o que não deixa de ser uma mistificação do real²³.

Freyre parecia saber do perigo que a simplificação exagerada poderia oferecer. Procura proporcionar ao leitor um painel de paisagens e personagens típicos do lugar. Exagerando certos traços físicos ou de caráter, o autor consegue criar um estilo inimitável. Seus guias parecem beirar o estereótipo de consumo para as massas, porém seu uso comercial não é tão evidente, muito menos a possibilidade de um emprego prático ou técnico. Uma outra questão: o que estaria por trás dessa simplificação da realidade que beira a caricatura, mas não cai nela, que procura desvendar os meandros da história íntima do lugar, destacando das paisagens e das pessoas suas constantes? A meu ver, a resposta está no centro mesmo de suas opções como escritor: Freyre desenvolveu em seus ensaios um método próprio, por vezes narrativo, por vezes descritivo, um texto entremeado por tensões, por antagonismos, que, sem dar a precisa resposta, aponta para uma certa verdade. Freyre acredita nas constantes de caráter e procura buscá-las quando discorre livremente sobre temas da vida comezinha, uma atitude que tem algo da investigação fisionômica tão em voga no século XIX. As paisagens, para ele, não são únicas e eternas, mas podem revelar as diversas camadas,

²³ Veja, neste caso, o exemplo de Ulpiano T. Bezerra de Menezes, quando, ao falar da imagem visual da paisagem, afirma que “paisagem e representação da paisagem muitas vezes se equivalem no senso comum, particularmente quando o suporte é a pintura (gravura) ou a fotografia. Paradoxalmente, a relevância da representação paisagística muitas vezes chega a inverter os termos, restringindo ou anulando o próprio objeto da apresentação” (MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.34). O exemplo disso seria um guia impresso no século passado que traz promessas tentadoras, como a revelação de um painel de Claude pela paisagem de Coniston Lake. Os valores agregados à paisagem podem também se revelar vazios principalmente quando, submetidos à análise crítica, mostram-se como simples armadilha mercadológica.

duradouras e nem sempre lógicas, que uma sociedade nelas pode imprimir. Daí seus guias distanciarem-se da tradição do gênero e aproximarem-se dos ensaios do tipo familiar inglês e das crônicas. Apresentam-se como quadros aparentemente fragmentados, em uma linguagem informal e viva, eivada de humor, e que sempre se dirigem para a vida prática, como uma forma de ação política, papel que lembra o desempenhado por Mário de Andrade como um artista engajado na cena paulistana. Veja-se um trecho da parte “As igrejas e o passado sentimental do recifense”, do guia do Recife, em que esse movimento que apreende um sentido maior a partir de pequenos fatos da vida cotidiana se apresenta:

Outro que ia se afogando no mar, pegou-se com o santo e as ondas o trouxeram à praia vivinho da silva. Não tem dúvida em proclamar bem alto sua gratidão de homem de fé: reproduz a cena horrível para todos os outros recifenses verem de que é capaz um poderoso e bom. Mas o turista talvez não ache sabor nenhum nessas cousas sentimentais; e só nas pitorescas e históricas.²⁴

A pequena narrativa segue num ritmo de prosa, com grande oralidade, e procura recuperar cenas que estão na memória da cidade. Nesse sentido, quando o autor fala em “sentimental”, o que está em jogo é uma tentativa de elaborar uma escrita que sensibilize, que toque no íntimo, aquele não sei quê de “introspecção proustiana”²⁵ que penetre em verdades essenciais. Mas a verdade é buscada, muitas vezes, entre tachos, danças, remédios mágicos, brincadeiras de moleque, crenças da senzala. Na pequena crônica sobre a vida de um crente que oferece sua própria vida, é como se, num ápice, numa revelação súbita, o leitor tomasse conta de quanto um gesto elevado, de verdadeira abnegação, pode guardar de trágico. Mostrar essa devoção cristã, esse sentimento de renúncia em solo concreto por meio de uma escrita simples, afeita à oralidade, é uma demonstração do caráter sentimental do texto-guia. O pitoresco e o histórico, esses estariam a serviço daquela outra necessidade mais objetiva, técnica ou superficial, mais ao gosto do turista. É o que o autor promete, ao final daquele trecho, depois de enumerar promessas recifenses. Mas Freyre, ao contrário, não muda muito o seu tom. Veja-se a descrição bastante imagética e de cadência enumerativa que faz da igreja do Livramento em algumas páginas que seguem a narrativa do afogado:

Uma igreja que não tem título nenhum de glória, mas apenas o encanto do seu pitoresco, é a do Livramento. Aí, outrora, não havia noite que o nicho não estivesse aceso, dominando do alto todo o bairro, como um olho de

²⁴ FREYRE, **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**, 1942, p.79.

²⁵ FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.56.

peessoa acordada que vigiasse pela gente dormindo. Que visse tudo o que se passava de noite. Os namoros. Os assassinatos. As festas com sereno na janela. E os casamentos, os batizados, os enterros de segunda classe.²⁶

Os movimentos do texto de Freyre, na verdade, parecem seus olhos quando passam pelos espaços íntimos da cidade: espantosamente sentimentais e gulosos de pitoresco. O espanto diz respeito à sua capacidade de se estranhar com os detalhes, de enxergar o novo no antigo, por meio de pequenos choques perceptivos possíveis somente quando a “técnica” do olhar seja transposta para a arte da escrita. Observe-se também como Freyre utiliza a linguagem figurativa neste trecho: “o nicho iluminado da igreja” é, numa imagem metafórica inusitada que remete à bisbilhotice do baixo provinciano, como “um olho de pessoa acordada”. E, em profusão figurativa com algo de barroco, a imagem se desdobra em uma oração subordinada adjetiva, separada por pontos, portanto ao mesmo tempo deslocada e relacionada sintaticamente à oração precedente. A seqüência de orações nominais acaba por fechar o círculo de enumeração quase caótica de elementos. Uma espécie de arabesco discursivo que congrega pictoricamente elementos em tensão.

Todo esse jogo pode parecer gratuito, mas o pitoresco não embaça seus olhos. É nesta mesma parte, das “Igrejas pitorescas e históricas”, que, num tom ácido, o autor, ao falar da igreja de São José onde Frei Caneca foi “arcabuzado”, deixa claro que a decadência do espaço pode ser resultado de falta de profissionalismo:

Só vá visitá-la quem quiser ver, por curiosidade mórbida, a que extremos chegou o mau gosto das restaurações nas igrejas do Recife.²⁷

Este é um exemplo de franca ligação entre leitor e autor. Este recomenda sem cerimônias e promove o que poderíamos chamar de “des-turismo”.

Outra questão que surge quando se fala nos guias de Freyre e Bandeira diz respeito ao conjunto de colaboradores que ambos organizam ao seu redor. Como já se disse, Freyre tem, para a ilustração desses livros, a cooperação de Luís Jardim e de Manoel Bandeira. Já Bandeira conta com Luís Jardim e Joanita Blank²⁸. Todos são artistas plásticos inseridos no cenário moderno. Luís Jardim foi também um escritor reconhecido e um dos grandes

²⁶ FREYRE, **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**, 1942, p.84.

²⁷ FREYRE, **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**, 1942, p.85.

²⁸ Para mais detalhes sobre a presença dos artistas Luís Jardim, Manoel Bandeira e Joanita Blank como colaboradores de Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, vejam-se respectivas notas na edição da *Correspondência Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. Para mencionar outros trabalhos de artistas plásticos inseridos no cenário moderno desenvolvidos especialmente em colaboração com Gilberto Freyre, Lula Cardoso Ayres ilustrou a coletânea de contos populares *Assombrações do Recife Velho* (1955) e Cícero Dias ilustrou *Casa-grande & Senzala* (1933), dentre outros.

colaboradores da editora José Olympio. Ambos, Luís Jardim e Manoel Bandeira, têm em comum o fato de terem desenvolvido seu estilo no contexto de um modernismo que procurava, na dialética entre cosmopolitismo e localismo, enfatizar o segundo termo, o que lançava a luz nas questões regionais. Sobre o pintor Manoel Bandeira e sua relação com Recife, diria o poeta Bandeira:

Essa cidade tinha necessidade de dar um artista magro capaz de refletir em sua arte aquela graça característica das suas linhas. Deu-o de fato na pessoa de Manuel Bandeira. / Há muita gente que toma como meus os desenhos do meu xará. Quem me dera que fossem! Eu não hesitaria um minuto em trocar por meia dúzia de desenhos do xará toda a versalhada sentimentalona que fiz, em suma, porque não pude nunca fazer outra coisa.²⁹

A José Olympio é a editora que abraça os artistas vindos da província, ou, melhor ainda, de regiões afastadas do eixo econômico-político do Brasil. Dentre esses novos escritores, vale mencionar Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. O grande influxo do romance que se dedica a destrinchar a sociedade e suas mazelas ocorre principalmente na década de 30, impulsionado pela onda nacionalista do período pós-revolucionário. É nesse contexto que “o público leitor da nova classe média recebia com evidente satisfação obras sobre a decadência da velha aristocracia rural, tais como os romances do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, ou os textos de história social de Gilberto Freyre”³⁰. A profissionalização dos escritores obviamente não conta somente com uma disposição psíquica favorável, mas também com um conjunto de situações políticas, econômicas e administrativas, da era Vargas, que estimulam o seu desenvolvimento. Assim, a atmosfera que cerca esse contexto é das mais instigadoras quando se pensa que realizações tão aparentemente desgarradas de um quadro de grandes intenções, em verdade, podem estar profundamente interligadas às forças que lhes servem de base, sobretudo às forças político-econômicas³¹.

²⁹ BANDEIRA, Manuel. Um grande artista pernambucano. In: _____. **Poesia completa e prosa**, 1974, p.454-5.

³⁰ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005. p.421.

³¹ Segundo Sergio Miceli, “a concentração de investimentos das principais editoras nas diversas modalidades da literatura de ficção foi o eixo dinâmico do processo de substituição de importações no setor editorial, estimulando a produção local de obras que passaram a concorrer com traduções. A montagem de editoras comerciais de médio e grande porte, a rentabilidade da literatura de ficção e o surgimento de um núcleo de romancistas produzindo para o mercado interno compõem o tripé em que se alicerçou a infra-estrutura da produção de livros” (MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.241). Miceli também destaca que é ao longo da década de 30 e 40, portanto durante o governo de Vargas, que são construídos os alicerces para a produção editorial.

Os guias de Freyre e Bandeira mostram um lugar particular de conciliação de forças antagônicas sob o signo da tradição e da modernidade. Porém, ampliando a percepção da zona de interesses que os cercam, revelam-se como produtos de uma sociedade que, naquele preciso momento, começava a operar uma estreita, e em certa medida obscura, relação entre ações políticas e produção cultural. Mas esta é uma outra questão que mereceria desenvolvimentos posteriores. Sobre os epítetos “prático” e “sentimental”, eles se complementam num vácuo em que prático pode dizer muito, assim como sentimental. Bastaria afirmar que os guias são práticos na medida em que os leitores podem tomá-los como forma eficiente de aproximação de uma paisagem ou, ainda, que possibilitam uma entrada eficaz num terreno simbólico que procura construir monumentos da nacionalidade tomando como basilares ruínas carcomidas pelo tempo. E, por essa capacidade particular de dar uma unidade ao todo, de elevar a ruína ao símbolo, são guias sentimentais:

E o turista europeu nota que não está diante de ruínas líricas em que a natureza apenas refresque a tradição, mas de ruínas dramáticas e até trágicas: os trópicos reagindo contra a intrusão européia – conventos, fortalezas, casas-grandes – com todos os seus ácidos; inundando todas essas massas de pedra e cal de uma água que corre por dentro das paredes como se fosse um pús vegetal; atacando-as a cupim; desfazendo suas traves em pó.³²

Semelhante beleza trágica também está na descrição que Bandeira faz de Aleijadinho, o homem que “era, em sua disformidade, formidável”³³. Ou ainda no consistório da igreja São Francisco de Paula, com suas arcas e cômodas de jacarandá, “simples e arruinadas”³⁴. Desse modo, sentimental, especialmente em Freyre, num sentido bem diferente do que lhe deu teóricos como Friedrich Schiller, pode ser abordado como uma visão subjetiva, mas que não se esgota no particular. E dessa força imaginativa, de contornos dramáticos, certamente os guias de Freyre e Bandeira estão plenos.

³² FREYRE, **Olinda**, 1944, p.107.

³³ BANDEIRA, **Guia de Ouro Preto**, [194-?], p.56.

³⁴ BANDEIRA, **Guia de Ouro Preto**, [194-?], p.129.

APÊNDICE B – *Auto-retrato no engenho: as formas autobiográficas em Gilberto Freyre e José Lins do Rego*[♦]

Silvana Moreli Vicente

[O escritor] deve ser, escrevendo, assim como é o trigo na terra, a fecundar. O essencial do escritor não está na sua capacidade de raciocinar, mas no seu poder de amar, de concluir a sua obra, como se fosse uma árvore a florir... Não há método para fazer-se romance, como não existiu método para a criação do mundo. Deus não teve sistema para o seu trabalho. Como não teve Tolstói para compor o Guerra e Paz. Ambos trabalharam como agentes fecundadores, pela força do grande instinto criador.³⁵

José Lins do Rego, um dos principais escritores brasileiros do século XX, em sua poética explícita, situa sua concepção de fazer literário em posição diametralmente oposta à moderna concepção de literatura como trabalho de linguagem, arte de criar, de burilar. Se, por um lado, a arte moderna seria caracterizada por uma grave consciência das fendas e dobras da linguagem, José Lins busca seu modelo de escrita e composição na mais remota concepção de fazer poético: aquela que faz da vida e da arte uma coisa só, uma totalidade. São estas as duas linhas de força da sua obra: de um lado, um forte lirismo de tom confessional; de outro, uma fidelidade à realidade a ser representada. A obra nasceria como um organismo acabado, como um fruto espontâneo da natureza, cujo modelo seria a poesia que reside em algum lugar, em algum tempo, e que pode ter sua unidade escavada num ápice de vida. Nesse seu mundo, as causalidades parecem naturais, e o produto gerado parece ter nascido das forças simples, e não do engenho (ou artifício) do homem. Diz o autor: “gosto que me chamem telúrico e muito me alegra que descubram em todas as minhas atividades literárias forças que dizem de puro instinto”³⁶. De fato, o eu e o Nordeste são as pedras basilares da escrita de José Lins, cuja representação mimética tem como modelo último a onipotência divina.

Na busca dessa unidade fundamental, vale focar, em primeiro plano, a realidade sobre a qual se debruça preferencialmente José Lins. *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), que constituem o chamado ciclo da cana-de-açúcar, e *Fogo Morto* (1943), têm espacialidade e temporalidade cíclicas,

♦ Texto integral da comunicação apresentada no I Simpósio Internacional “Escrever a vida: novas abordagens de uma teoria da autobiografia” (São Paulo, setembro de 2005).

³⁵ José Lins do Rego apud TRIGO, L. **Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: ABL: Topbooks, 2002. p.31.

³⁶ José Lins do Rego apud BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p.398.

que giram em torno do mundo da casa-grande, espécie de complexo do Brasil colonial. A obra de José Lins procura um sentido para a representação deste mundo por meio da memória e da análise social, aproximando-se da autobiografia e da crônica ensaística. A matéria bruta da vida enriquece a ficção. Nesses livros, caminhos já percorridos pelo narrador-personagem na vida seriam traçados novamente pela escrita, de modo a reatar os nós de um mundo em decadência. Assim, a escrita articula, de um lado, a autobiografia do sujeito, cuja expressão se torna mais aguda no romantismo, e de outro a paisagem, cuja necessidade de objetivação chega quase à exaustão no realismo e no naturalismo.

O Nordeste de José Lins é o mesmo sobre o qual o ensaísta paradigmático da região, Gilberto Freyre, volta sua obra, da qual sobressai seu mais conhecido ensaio de formação do Brasil, *Casa-grande & Senzala*, de 1933. Nele, a casa-grande traduz o complexo colonial herdado pelo Brasil, gerado a partir das *plantations*. De fato, esta grande propriedade seria a matriz de sociabilidade no mundo rural brasileiro até a primeira metade do século XX, e sua estrutura centralizadora determinaria os padrões sociais herdados: “É no interior do grande domínio que se exerce a vida familiar, onde se nasce, se casa, se procria, por vezes onde se enterram os mortos”³⁷. Em torno dela se organiza o mundo produtivo, social, eleitoral, cultural e religioso. Nada foge a essa força de centralização, cujo paralelo no mundo ocidental está nas sociedades simples, emblemáticas, por exemplo, da época medieval. Assim, as marcas da subjetividade são assimiladas pelo ensaio de formação do Brasil como uma tendência autobiográfica, representação do eu que é modelar em outros escritos, tais como no diário *Tempo Morto e Outros Tempos*³⁸. Aliás, é nele que, nos idos da década de 20, Freyre diz partilhar seu grande segredo com o amigo José Lins: o desejo de escrever uma história de menino que fosse a história de todos os meninos do Brasil.

Mas esta história da infância quem conta é José Lins, algum tempo depois do anúncio do amigo. Nesse sentido, o romancista assume, com maior força, o teor autobiográfico em *Menino de Engenho*, tendência esta trabalhada no “auto-retrato do Brasil” *Casa-grande & Senzala* mais enquanto uma forma de compreensão analítica do real. O referente em ambos é o da “terra gorda e de ar oleoso... da cana-de-açúcar”³⁹. Já o estilo tem um pouco da clareza e do envolvimento da conversa de rede. Ambos são de uma informalidade que congrega e dignifica o baixo cotidiano, ressaltando figuras típicas de um universo em desagregação: o

³⁷ GARCIA, A.; PALMEIRA, M. Transformação agrária. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P.S. (Org.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.45.

³⁸ FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

³⁹ FREYRE, G. **Nordeste**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. p. 5.

patriarca, o moleque, a mucama, a ama de leite, o escravo de oito etc. É como se ambos explorassem os gêneros literários pelas beiradas, pelas fronteiras: num movimento em princípio “autêntico” e “sincero”, falam sobretudo sobre suas próprias experiências, em obras que recebem o rótulo de memórias, diário, romance e ensaio autobiográfico. São as formas simples, não paradigmáticas dentro dos gêneros literários, que exploram procedimentos que vão do andamento coordenado de frases e de imagens à narração direta de peripécias e meditações.

A proposta de escrita de Freyre, já exposta desde a década de 20, procura mostrar a importância das “escritas do eu” para a composição dos arabescos do auto-retrato:

Do mesmo modo, ninguém é capaz de evocar, em livro de memórias ou em autobiografia, um passado de todo separado do seu presente ou do seu futuro.

Creio mesmo que a autobiografia ou o livro de memórias precisa de se deixar impregnar [...] de um sentido einsteiniano de tempo-espaco que dê variedade de métodos de investigação e de pontos de vista à sua unidade de interpretação ou, antes, de revelação [...] O brasileiro culto já sabe estimar o escritor honestamente autobiográfico [...] [que] procura revelar-se e interpretar-se sem falsas modéstias, por um lado, nem vaidades convencionais, por outro, através de revelações e interpretações pessoais capazes de se tornarem “impessoais” e, por conseguinte, literatura da mais alta.⁴⁰

Desse lugar de inscrição original da subjetividade – neste caso, autobiografia e memórias – destacar-se-ia a dimensão mais objetiva, impessoal ou universal da criação literária, de forma a repor a centralidade perdida no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a virtude do auto-retratado estaria no despir-se das máscaras e, “sem falsas modéstias” “nem vaidades convencionais”, revelar-se. Na ficção, o modelo moderno mais próximo desse procedimento seria o de Proust⁴¹.

Em Freyre, tanto nos seus ensaios quanto nos seus romances, há uma espécie de amálgama entre autor-narrador-personagem. O narrador, extremamente interessado e comprometido com a matéria narrada, dirige sua criação, assim como atua como personagem. Uma das manifestações do comprometimento pessoal que confirma uma operação tradicional de escrita, menos problemática e mediada, é o interesse pela verossimilhança. A interpenetração dos elementos da vida na ficção como forma de realçar o mundo objetivo surge com força, por exemplo, no romance *Dona Sinhá e o Filho Padre*:

⁴⁰ FREYRE, G. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 211-212.

⁴¹ AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 24.

“O Senhor está abusando do meu nome. Não se faz isto com uma senhora.”
 Era Dona Sinhá que me falava. Houve de repente uma aspereza na sua voz, que a princípio me parecera descansada e até arrastada, como a de todos os Wanderleys autênticos...
 Ela foi incisiva em interromper-me: “O Senhor não imaginou coisa nenhuma. O senhor não tinha que inventar uma história da minha vida, procurando já fora de tempo – pensa que eu não sei? – ser romancista à minha custa. O senhor bem sabe que eu existo.”⁴²

A narrativa abre com a necessidade de aliciamento da personagem para que se deixe participar do tecido textual. A primeira questão que surge é a seguinte: a quem pertence a história? É parte do mundo anônimo ou é criação? Fica o espaço da indecisão. Nesse romance em que as personagens não possuem outra força senão a da exemplaridade realista, o narrador é seduzido pelo singular na medida em que este sirva como modelo:

Não me pareceu que Dona Sinhá se apresentasse vestida pelos figurinos do dia: mas no seu trajo talvez um pouco arcaico não havia para meus olhos nem ridículo nem grotesco. E com aquela sala de visitas de São José do Ribamar, um tanto parada no tempo, ela se harmonizava de um modo que me pareceu perfeito; e me fez pensar que estava num teatro de arena, a funcionar só para mim. Ou no qual eu fosse atuar como ator e não apenas permanecer como espectador.⁴³

Aqui, vemos a seguinte operação: o narrador, dono da história, busca no particular o elemento típico. A figura recuperada pelo narrador não possui força devido à sua relação com a modernidade ou a contemporaneidade; ao contrário, se harmoniza com o retrato porque “um tanto parada no tempo”. Quando a personagem-criatura ameaça sair de cena, os olhos compreensivos do analista a tranqüilizam: não havia nada de ridículo ou grotesco nesta figura, que, de fato, se revela em enquadramento quase caricatural. Assim, a personagem se defende: não quer ser lembrada porque anacrônica; quer preservar a dignidade do elemento comum, quase anônimo, que ainda pode viver os requintes de vida dos antepassados aristocráticos, solidão esta intensificada pela morte prematura do filho, criado para ser padre. Ainda nas primeiras páginas, conta-nos o narrador: “(Dona Sinhá) se imaginava objeto não de um romance mas de uma biografia”⁴⁴. Criação literária e biografia são inseparáveis para esta figura remanescente da casa-grande. O narrador, no entanto, a convence da possibilidade de

⁴² FREYRE, G. **Dona Sinhá e o filho padre**: seminovela. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. p. 3.

⁴³ FREYRE, **Dona Sinhá e o filho padre**: seminovela, 1964, p.6.

⁴⁴ FREYRE, **Dona Sinhá e o filho padre**: seminovela, 1964, p.7.

fazer parte de uma narrativa: vai entrevistá-la e mostrar os originais periodicamente. Assim, pede – e obtém – permissão à vida para ficcionalizá-la.

Afinal – refleti – não nasci para romancista inventor de casos e de personagens; e sim para outro gênero de bisbilhoteiro das intimidades da natureza humana: a bisbilhotice do real ou do mais real que o real.⁴⁵

Gilberto Freyre parecia saber da força da narração desses fragmentos de vida condenados à ruína, mas não quer que sejam vistos como “mera” invenção. Dessa forma, na busca da mimese do real, as estratégias criativas são do romance realista. Mas isso não impede que se perceba uma força por demais controladora: a presença excessiva do narrador faz o conjunto se aproximar do romantismo sentimental. O resultado imediato disso é a impressão de uma escrita excessivamente subjetiva. O sujeito busca, de forma interessada, preencher as lacunas deixadas pela modernidade ou pela excessiva tecnicização com elementos de um século já passado, procurando restaurar, com muitas respostas e pouco enigma, a aura perdida.

As escritas tanto de Gilberto Freyre quanto de José Lins procuram dar expressão ao mundo simples, cujos signos orientadores são poucos, básicos, mas com força de expansão infinita, como os relatos de confissão. São escritas que, se correm algum risco, não é o da estagnação, mas o da dilatação. Tal como a casa-grande que está no centro e organiza os elementos ao redor, há uma zona de confluência a partir da qual todo o resto se organiza. No mundo antigo, a expressão disso é Deus. No mundo moderno, não poderia acontecer senão por meio da forja de uma centralidade impossível. Daí que o engenho (ou artifício) comunicar-se-ia com a arte: ao falar da decadência, a unidade surge somente como expressão do mundo pretérito, pelas estratégias de representação, já que é impossível no presente. O presente é o tempo da ruína iminente, da provável fragmentação do mundo rural e personalista. O futuro, por sua vez, tendo algo de utópico, não se destaca do passado; dá-se somente como possibilidade de continuidade de um fio persistente que não desata as partes graças aos permanentes retoques na textura. E como prender tais fios? Pela memória, pelo peso que o tempo e a experiência tomam na escrita, pela forja de uma realidade cujo modelo não pode ser outro senão o antigo, o perfeito porque original e fundador.

Nesse sentido, Freyre parece realizar o caminho inverso do mito original: cria-se um lugar onde o movimento adquire configurações estáveis, fazendo com que constância e

⁴⁵ FREYRE, **Dona Sinhá e o filho padre: seminovela**, 1964, p.7.

multiplicidade se reconheçam⁴⁶ num tempo cuja experiência avassaladora dessa impossibilidade é comunicada pela dinâmica histórica. Nesta época de desreferencialização, cuja tendência é bombardear os discursos por dentro, Freyre perfaz o Discurso e procura conectá-lo a uma verdade que, paradoxalmente, parece não mais existir – ou, pelo menos, não deveria, tendo em vista a construção de sociedades democráticas e igualitárias guiadas, na esfera pública, por supostas relações impessoais.

Sobre o caráter problemático do texto, o ensaio de Freyre salta de um argumento para outro, de uma imagem para outra, focalizando cada elemento sob perspectiva diversa. Veja-se, neste trecho, como as estripulias dos rapazes dos tempos coloniais são iluminadas, simultaneamente, pelo olhar dos pais patriarcas, do padre Lopes Gama e da negra ou da mulata:

Era essa atitude dos pais, tolerando nos filhos a estupidez e a malvadeza e até estimulando-os a bravatas, que o padre Lopes Gama não compreendia nem perdoava. Não compreendia que deixassem os meninos de família viver pelos telhados como gatos e pelas ruas empinando papagaio; jogando a pedrada e o pião “com a rapaziada mais porca e brejeiral” [...]

Daí fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne.⁴⁷

Este autor-narrador interessado nos destinos de cada fragmento escrito se embebe da experiência alheia agregando-a como sua própria experiência. É como uma colcha de fuxicos, que depende de uma agulha a articular cada micro-universo. Daí as “escritas do eu” funcionarem como uma forma de reavivar o auto-retrato do Brasil. Digo auto-retrato porque há uma nítida presença de fragmentos de vida, que parecem possuir voz própria, unindo-se para compor uma narrativa maior, a do Brasil, neste ensaio de formação⁴⁸.

Assim, o tatear pelas respostas é o que caracteriza *Casa-grande & Senzala*. Diferentemente de sua narrativa, em que a convergência é maior que a divergência de vozes, há uma espécie de afastamento da perspectiva possível somente pela forma do auto-retrato

⁴⁶ JOLLES, A. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 101.

⁴⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 371.

⁴⁸ Faço uma leitura que se aproxima à de Roberto Ventura, que aborda Casa-grande & Senzala entre o ensaio e a autobiografia, na medida em que o texto se converteria “em autobiografia sexual, em que o notável apetite priápico de seu autor ganha dimensões histórico-sociais” (VENTURA, Roberto. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 57). Proponho, então, a expressão “auto-retrato”, que deve ser lida como metafórica, pois o “eu” do auto-retratista se identificaria com uma voz do Brasil, num esforço, por certo problemático, de objetivação. Tal concepção, pelo menos, se desvencilha da concepção de autobiografia como eventos narrados com certa lógica, em tempo e em espaço definidos, sem perder a idéia de que existe uma voz que articula, pelas “escritas do eu”, a própria experiência. A concepção de ensaio, neste caso, também pode ser excessivamente genérica, já que não se atém às especificidades desta construção de linguagem tão brasileira.

que articula heterogeneamente as “escritas do eu” – o que não significa dizer que não há uma visão pessoal que opera à distância. Num livro de exaltação do sistema de “plástica contemporização” entre duas tendências, a escrita procura recriar o aspecto dialógico dessas forças originárias em permanente embate. O mosaico, como a justaposição de peças variadas sobre a superfície, parece ser o modelo construtivo da escrita, pois aponta para a edificação de diversos pontos de vista diante de um fundo estático. As figuras movem-se num passado longínquo, reproduzindo a dinâmica relativa entre a casa-grande e a senzala. Assim, a escrita de Freyre teria algo do seu grande modelo de povo, o britânico, que seria capaz de violentos dramas sem perder o fundo angelical⁴⁹. Tragédia com ares de épica, ou seja, violentas paixões amenizadas pelo sentido de totalidade. Mas isso como parte de um tempo e de um espaço pretérito, em que, a despeito de “certa doçura e simplicidade franciscana”⁵⁰, havia:

[...] desbocados jurando pelo ‘pentelho da Virgem’; sogras planejando envenenar os genros; cristãos-novos metendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-os nos urinóis; senhores mandando queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas”.⁵¹

Para tal (re)composição da vida na casa-grande, as “escritas do eu” foram fundamentais. Como assinala Freyre, “o confessionário absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos”⁵². Dessa forma, para a reconstituição do passado, na ausência relativa de testemunhos do calor da hora, o escritor também lança mão, além de outros registros, da própria memória, que assimila a dos antepassados.

Esse espírito agregador também pode ser estendido a certa mistura de estilos, o *sermo sublimis*, ou elevado, e o *humilis*, do mais baixo cotidiano, que, segundo Auerbach⁵³, caracteriza as Sagradas Escrituras. Tal impulso agregador lembra aquele que anima os escritos de Freyre como quando fala, como já apontado por Araújo⁵⁴, no estilo franciscano ou cristão, que se expressa no culto da simplicidade, no “gosto em conviver com iletrados, em deliciar-se

⁴⁹ FREYRE, G. **Inglese**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942.

⁵⁰ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 1999, p.v.

⁵¹ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 1999, p.xviii.

⁵² FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 1999, p.xvi.

⁵³ AUERBACH, **Mimesis**, 1971.

⁵⁴ Cf. ARAÚJO, R.B. de. **Guerra e paz**: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

com o saber dos intuitivos, com a espontaneidade [...] como se começasse sempre [...] ‘caminhando com a vida [...] para não ser ultrapassado por ela’”⁵⁵. Mas tal empatia pelas formas simples, que poderia colocar Freyre no âmbito dos criadores ingênuos, não vai tirar dele o sentido de uma escrita arquitetada por um sujeito consciente do alcance e da limitação do seu fazer: daí conviver com o sublime, com certa postura conservadora por vezes até orgulhosa (de sua estirpe, de sua ascendência aristocrática, de sua formação culta). Talvez aquela humildade mais se aplicasse aos elementos subordinados do que aos centrais, ou seja, às formas marginais da sua própria escrita como a autobiografia, as memórias e a crônica, do que ao auto-retrato, o qual trabalha, desde Montaigne, com figuras de choque como o paradoxo e a ironia.

Falando sobre a influência decisiva que teria tido sobre José Lins, Freyre afirma com uma certa altivez dissimuladora:

Não resisti à sedução de sê-lo, tratando-se de alguém da minha idade que se oferecia à minha influência com a maior plasticidade, com a maior receptividade, com uma doçura de espírito por vezes absoluta, de noviço de jesuíta para mestre de noviços [...] Fui por algum tempo senhor quase absoluto dessa personalidade indecisa. Poderia ter abusado dela como um mestre convencional de um discípulo fácil, submisso, passivo. Salvou-me desse crime minha repugnância à função específica de mestre⁵⁶.

Mestre sem o ser; senhor benevolente: expressões quase retóricas. Aliás, o paradoxo, como choque de posturas antagônicas, como a confraternização de duas metades que não se comunicam, toca de ponta a ponta a obra de Freyre. Neste caso, há uma espécie de paralipse, já que o escritor se nega a nomear-se como mestre centralizador e autoritário, nos moldes tradicionais, mas seu discurso revela, como subtexto, uma intenção um tanto diferente.

Assim, a importância da autobiografia como forma literária é mais adjetiva que substantiva em Freyre. Esta, como o auto-retrato, não se furta à matéria pessoal, mas ficcionaliza a partir dela. No auto-retrato, porém, ao contrário da autobiografia, não há uma subordinação à ordem cronológica ou uma seqüenciação precisa dos acontecimentos; primeiro, há uma ordem temática, organizada de forma lógica e dialógica, depois uma ordem externa, que segue o ritmo do pensamento, uma espécie de poética do intelecto. Este seria, segundo Lejeune, o projeto secreto de cada autobiografia⁵⁷. O auto-retrato, cujo procedimento comum é a colagem, passa a ser incluído no auto-retrato do Brasil feito por Freyre: a

⁵⁵ FREYRE, G. **O camarada Whitman**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948.

⁵⁶ FREYRE, **Vida, forma e cor**, 1987, p. 70.

⁵⁷ Apud BEAUJOUR, M. **Poetics of the literary self-portrait**. New York: New York University Press, 1991. p. 2.

argamassa deste é obtida pela constante articulação dos inúmeros auto-retratos (de tendência autobiográfica) disseminados no texto e reunidos, em última instância, como um universo objetivo pela forma bem lograda. A implicação desta consciência é que, ao contrário da simplicidade franciscana desinteressada, o edifício que se forma se rende aos desígnios do sujeito: dessa forma, mais do que aquele impulso telúrico que anima a poética explícita de José Lins, o que se vê em Freyre é um grande poder de articulação, de enfrentamento da realidade, de imaginação criadora e devoradora a fazer uso de tudo o que possa servir de matéria de sustentação ao seu discurso.

De modo diferente, em José Lins haveria uma tonalidade autobiográfica mais forte, já exaustivamente apontada pelos seus críticos⁵⁸. Isso acontece talvez pelo fato de que o gênero que pratica seja a prosa ficcional e os eventos narrados dependam tradicionalmente da articulação do tempo e do espaço. Nesse sentido, a simplicidade franciscana que prega Freyre parece ser mais forte em José Lins, o qual, como salientaria Pedro Dantas [Prudente de Moraes Neto], trabalha com o estilo oral, que “atrai e liga os episódios, delinea as personagens, dá unidade à obra e em certo sentido a compõe”, chegando a uma interpretação lírica do mundo⁵⁹. Segundo Freyre, em uma investida analítica comparando a obra de José Lins à de William Faulkner, o Nordeste do brasileiro era “o velho Nordeste brasileiro da cana-de-açúcar, o das últimas casas-grandes e bangüês, o dos restos de senzalas, o dos sobrados e dos mocambos do Recife”⁶⁰, mas sem a densidade psicológica e a polifonia do americano. A resposta de José Lins àquele aspecto dramático, de verdadeiro conflito com relação ao presente, seria uma escrita simples e monofônica:

O trecho de vida recriado por ele sob a aparência de quem apenas rememorasse passivamente e quase sem mudar de ritmo nem de tom, como um cego ou cantador de feira do Norte, o que se passou no recanto decadente do Brasil que é o Nordeste, contém mais do que parece conter⁶¹.

De fato, podemos observar na escrita de José Lins um estilo baseado na oralidade, mais paratático do que hipotático e com uma simplicidade morfológica que se liga à matéria narrada pela voz da gente humilde. O perigo é o de fusão com o sonho, atolando-se na doce e fértil terra nordestina que sustenta o “verde coração”:

⁵⁸ CASTELLO, J.A. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961; VILLAÇA, A. **Menino de engenho**. In: REGO, J.L. do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999; VILLAÇA, A. **Meus verdes anos**. In: REGO, J.L. do. **Meus verdes anos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997; TRIGO, **Engenho e memória**, 2002.

⁵⁹ Apud VILLAÇA, A. **Menino de engenho**. In: REGO, **Menino de engenho**, 1999, p.xviii.

⁶⁰ FREYRE, G. **Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça: de José Lins do Rego ao cartão-postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 36.

⁶¹ FREYRE, **Alhos & bugalhos**, 1978, p.37.

A noite toda foi um sonho só com Maria Clara. Ia com ela no navio não sei por onde. E o mar batia com raiva no meu barco. Chovia que a água começava a encher o casco. Só se via mar e céu. Eu tinha medo de afundar. Maria Clara dizia que não havia perigo. E nós chegávamos nos cajueiros e ficávamos nas folhas secas, dormindo [...] E meu amor crescia, dilatava o meu verde coração de menino⁶².

Menino de Engenho é um romance narrado em primeira pessoa, e a ligação definitiva entre vida e narração (portanto seu teor autobiográfico) é patente ao compará-lo às memórias *Meus Verdes Anos*, de 1956⁶³. Esse tipo de narrativa dos anos de formação teria como perspectiva “um tipo humano e estrutura de ação... condicionados aqui pela necessidade formal de que a reconciliação entre interioridade e mundo seja problemática, mas possível; de que ela tenha de ser buscada em penosas lutas e descaminhos, mas possa no entanto ser encontrada”⁶⁴. Esse e outros romances de José Lins falam do desejo e da esperança, bebida quase na seiva, de reencontrar a totalidade perdida.

Sobre Freyre, a uma ânsia devoradora e transfiguradora, já apontada por Antonio Candido, acrescente-se a tentativa de recriar uma totalidade perdida. Para tanto, valem todos os procedimentos: desde os mais impessoais dados objetivos e científicos às reminiscências, suas e alheias. Como diz Freyre no prefácio à *Casa-grande & senzala*, “o estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os Goncourt já o chamavam ‘ce roman vrai’”⁶⁵.

Mas a busca pela unidade não descaracteriza o drama em *Casa-grande & senzala*. Os conflitos são recriados por uma sintaxe imprevisível e pela narração de lances desarticuladores. Recriando o dialogismo e a imprevisibilidade do auto-retrato, diferentemente da unidade autobiográfica, tais aspectos dramáticos são fundamentais para o andamento da escrita freyriana.

A causa trágica dos textos de Freyre coincide com os romances de José Lins do Rego: ambos falam tendo como ponto de referência um Nordeste que sofre as investidas nefastas da modernidade, em sua crescente pauperização e imitação acrítica de um modelo de vida importado das nações desenvolvidas do hemisfério norte. A consciência desse mundo em

⁶² REGO, J.L. do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999. p. 65.

⁶³ VILLAÇA, A. *Meus verdes anos*. In: REGO, **Meus verdes anos**, 1997.

⁶⁴ LUKÁCS, G. **Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000. p.138.

⁶⁵ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 1999, p.xv.

ruína já estava presente nos primeiros e bastante argutos ensaios do jovem Freyre⁶⁶, para quem “o regalo do pitoresco”, mesmo que a modernidade o repelisse, era bastante atraente.

Dessa forma, pode fazer sentido a constante afirmação de Freyre de ser o mestre, o idealizador da escrita de José Lins⁶⁷. O estilo franciscano, modelo de vida e de arte para Freyre, parece ter sido assumido sem reservas por José Lins, cujo modelo é o narrador tradicional, que se orienta pelo intercâmbio de experiências, a partir da qual o homem pode vislumbrar a harmonia com a natureza e a comunidade⁶⁸. Tendo como modelo a obra de arte orgânica, a escrita de José Lins segue a trilha das marcas do eu e da realidade experimentada, procurando a espontaneidade e a autenticidade cuja forma literária modelar é a autobiografia e a crônica, que possuem um modo simples de representação. O caráter precário da linguagem e da realidade na modernidade, que determina uma auto-referencialização obsessiva e problemática, num enrosco autocentrado entre função poética e metalingüística⁶⁹, é preterido pelo autor. Sua busca é por compreender, de forma sincera, pela escrita, o mundo e as pessoas. Daí a força de preenchimento do seu teor autobiográfico. A expressão da ruína não está na linguagem, porque o narrador se preserva; ao contrário, está na vida, condição que ele procura constantemente transcender ao buscar reatar, pela memória que retém a experiência, os fios de uma realidade que se esvaece, se desintegra. Freyre, por seu turno, já seria mais irônico e, nesse sentido, assumiria, devorando, a desfaçatez da sociedade e dos tempos que procura combater.

Mas se, por um lado, o modelo de José Lins vem dessa unidade umbilical entre vida e linguagem, por outro, tal transcendência se revela, no final, somente como possibilidade remota. É dessa impossibilidade, que não tem outro modelo senão o apre(e)ndido com a experiência, que fala o romance mais intrincado de José Lins, *Fogo Morto*. Daí sua indecisão entre verdade e memória, entre drama e épica, entre criação e inspiração, oscilação criativa fundamental que também reaviva o sentido da ambigüidade dinâmica⁷⁰ que caracteriza o estilo freyrano:

Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles tomou a colonização do Brasil, a

⁶⁶ Cf. FREYRE, G. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. 2v.

⁶⁷ FREYRE, **Nordeste**, 1967; FREYRE, **Alhos & bugalhos**, 1978.

⁶⁸ Cf. BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁶⁹ CHALHUB, S. **Metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1988.

⁷⁰ CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

formação sui generis da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos”.⁷¹

Portanto, o último José Lins, de *Fogo Morto*, se encontra com o primeiro Gilberto Freyre, de *Casa-grande & Senzala*, pela realidade do entre-lugar, em que a experiência autobiográfica é plasmada no conjunto – no caso do primeiro, pelo romance, do segundo, pelo auto-retrato do Brasil. Ao contrário do paradigma do Bildungsroman, cujo aspecto autobiográfico é enfático, recordação e invenção parecem se articular, neste momento, de modo que nenhuma ponta do torvelinho se aliene. Mais do que recordação do passado, seria preciso dizer a tentativa de transfiguração do passado por meio da criação artística⁷².

Assim, o mais simples e arcaico, de teor autobiográfico, encontra uma forma bem lograda no tecido textual ao realizar-se também como tragédia, como dramatização do choque do antigo com o novo, do desejo com a impossibilidade de sua concretização, do eu com o mundo. Sua verdade, assim, é incorporada pela ficção. O resultado disso são formas, o romance e o auto-retrato, que, de modo diferente, trazem:

Aquela sua constância de ânimo belicoso tão dos fidalgos arruinados e da qual decorre tanto embate da sua personalidade arcaica com o meio-embate de sua condição de sobrevivente de uma ordem morta com uma sociedade brutalmente nova⁷³.

Neste contexto, o trágico da experiência autoral, apesar de não completamente incorporado pela linguagem, é intensamente vivido. As escritas de Freyre e José Lins tomam como formas exemplares as formas simples, que se revelam incapazes de sobreviver no mundo “brutalmente novo” senão como negatividade total⁷⁴. Ainda assim, resistem, procurando fixar “escritas do eu”, cuja verdade o tempo ou o destino, e suas vicissitudes, ao revés, se incumbem de destruir.

⁷¹ FREYRE, *Casa-grande & senzala*, 1999, p.8.

⁷² CANDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.51-69.

⁷³ Freyre analisando o personagem Vitorino de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, em: FREYRE, *Alhos & bugalhos*, 1978, p.37.

⁷⁴ LUKÁCS, *Teoria do Romance*, 2000.

APÊNDICE C – *Esboço de retrato: o jovem Gilberto Freyre em retalhos de jornal*^{*}

Silvana Moreli Vicente

O escritor Gilberto Freyre, em introdução à coletânea de artigos *Tempo de aprendiz*⁷⁵, que abrange artigos escritos entre 1918 e 1926 e foi publicada em dois volumes em 1979, situa, com singular imodéstia, a amplitude estilística e temática desses primeiros escritos⁷⁶. Após narrar o memorável episódio em que seu professor de Literatura na Universidade de Baylor A. Joseph Armstrong o aconselha a concentrar-se “na língua literária por excelência – a inglesa – abandonando a portuguesa”, comparando-o a Joseph Conrad, afirma o maduro Freyre na introdução à coletânea:

Desprezando tal conselho, o desde os dezoito anos colaborador do “Diário de Pernambuco”, através de artigos nesse jornal a princípio – quando escritos nos Estados Unidos – intitulados *Da Outra América*, concentrou-se no esforço, através de tais artigos, de procurar escrever um português, além de jornalístico, literário, que, dentro de suas fracas forças de um ainda quase menino, fosse um arremedo daquele do ideal do Fradique de Eça: como ainda não existia. Ou, talvez: como não pudesse haver. Impossível. Inatingível. Mas, mesmo assim, digno de ser buscado. Busca sugerida pelo grande escritor português em rompante de imaginação irônica. E tentada pelo brasileiro de dezoito anos com um quixotismo de adolescente desvairado⁷⁷.

Se, por um lado, a imaginação autobiográfica, com certa tendência narcisista, pode conduzir uma leitura mistificadora do autor, por outro, talvez não haja modo mais preciso para dizer esta sede de expressão; daí a pertinência da expressão “quixotismo de adolescente desvairado”.

Aos dezoito anos, o promissor Gilberto deixa Recife e segue para os Estados Unidos para cursar Artes Liberais na Universidade de Baylor, no Texas. Lá, em meio a uma intensa atividade acadêmica e cultural, passa a colaborar regularmente com o *Diário de Pernambuco*. Em 1920, Freyre segue para Nova York como estudante de pós-graduação em Ciências

* Texto integral de comunicação apresentada no Encontro Regional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada (Rio de Janeiro, julho de 2005).

⁷⁵ Os artigos de juventude de Freyre tinham sido anteriormente reunidos em outras coletâneas do autor, *Artigos de Jornal* (1935) e *Retalhos de Jornais Velhos* (1964).

⁷⁶ A “Introdução do Autor” para *Tempo de Aprendiz* foi escrita em fevereiro de 1978. Ver FREYRE, G. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. 2v.

⁷⁷ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.27.

Políticas, Jurídicas e Sociais. Pelos artigos de 1918 a 1922, publicados na seção *Da Outra América*, começava a delinear-se o perfil de um escritor que viria a marcar o século XX. Freyre segue viagem pela Europa e, em 1923, retorna ao Brasil, mantendo esta colaboração com o jornal pernambucano. O conjunto revela a postura de desbravador incansável, que passeia pelas formas e pelas idéias como com um “à-vontade que é o da rede”⁷⁸, permitindo antever o futuro intelectual devorador e multifacetado, que se dá, aparentemente sem resistências, em espetáculo.

Crônicas, impressões de viagem, crítica literária, crítica de arte ou ensaios, esses artigos, de início, podem ser genericamente abordados como “prosa literária cultivada”⁷⁹. Alexandre Eulalio, em sugestivo texto sobre *O ensaio literário no Brasil*, para se aproximar do tema, registra três modalidades dessa forma literária, cuja essência limítrofe a impede de ser considerada um gênero literário nos moldes que possibilitam a caracterização da narrativa, da poesia e do drama. Tais modalidades podem ser assim resumidas: primeiramente, há o ensaio subjetivo ou *familiar essay*; depois, o ensaio crítico enquanto discussão estética do fato literário; por fim, o ensaio descritivo, narrativo e interpretativo de intenção estética⁸⁰. Para nos aproximarmos do ensaísmo literário freyriano, a linhagem que parece mais produtiva é aquela do *familiar essay*, cuja expressão paradigmática tem seu momento de grande vigor na Inglaterra do século XVIII com o desenvolvimento da imprensa periódica inglesa⁸¹, acompanhando os primeiros movimentos da industrialização e da solidificação da sociedade burguesa. No Brasil, Freyre atua em contexto parecido: os artigos são publicados com regularidade na imprensa diária pernambucana (recorde-se que o *Diário de Pernambuco* é o primeiro jornal diário não só do Brasil, mas também da América Latina, cuja fundação data de 1825), numa fase em que o capitalismo de base agrária, ainda abalizado na grande propriedade monocultora, no latifúndio da cana-de-açúcar, com antecedentes escravistas, está em transformação com a mecanização do campo e com migração do meio rural para as cidades. É a partir desse contexto que o ensaio de Freyre fala, sempre bastante receoso com relação ao avanço do “progresso” e revelando uma “natural” tendência nostálgica e idealizadora do passado. Observem-se estes trechos de um artigo de 27 de novembro de 1921:

⁷⁸ MELO NETO, João Cabral de. *Casa-grande & Senzala*, quarenta anos. In: _____. **A Educação pela Pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.62.

⁷⁹ EULALIO, Alexandre. *O ensaio literário no Brasil*. In: _____. **Escritos**. Organização de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.12.

⁸⁰ EULALIO, A. *O ensaio literário no Brasil*. In: _____. **Escritos**, 1992, p.12.

⁸¹ WILLIAMS, W.E (Ed.). **A book of English essays**. Baltimore: Penguin Books, 1954. p.12-13.

Ao contrário de “Americanite” (doença causada pelo comer às pressas e a enormes garfadas) e “Serenite” (mal dos nervos que lavra entre atores e atrizes de cinema, parecendo a alguns especialistas o resultado do “desejo de agradar”), “Telefonite” não é peculiar aos Estados Unidos... “Telefonite” é a mania do americano de tudo fazer pelo telefone – as coisas mais banais e as coisas mais sérias: negócio, política, tagarelice mundana, amor, consultas profissionais. Execrável mania, ou doença. Vem roendo, como um rato a um pedaço de queijo, o que resta ao cidadão do Estados Unidos de fino, de amável, de século “XVIII”, de “gentleman-like” e de “lady-like” [...] Porém sou tentado a exclamar um tanto liricamente como nos discursos de 1830: de quanta infelicidade doméstica, do arrojo ao crime sangüinoso, de quanto azedume, inimizade, ódio, tem sido causa o telefone!⁸²

“Fantasioso, pessoal, egotista”⁸³, este ensaio que potencializa a expressão subjetiva se caracteriza por uma grande liberdade ao transitar pelas formas e temas, sendo tangenciado por uma qualidade imaginativa peculiar ao discurso literário. Porém o artigo, em que o ensaísta fala de modo exaltado não só contra o telefone, mas também contra os avanços da modernidade, com suas conseqüências avassaladoras como a rapidez, a aspereza dos contatos interpessoais e, mais especificamente, o desemprego de rapazes que poderiam estar “servindo de moços de recado e ganhando honestamente seu pedaço de pão e sua xícara de café com leite”⁸⁴, não é chistoso, como o próprio autor prontamente antecipa nas primeiras linhas:

[...] não estou a gastar meu tempo e nem papel e a paciência dos meus leitores neste jornal, num tateante esforço de ser chistoso. Só o mais puro idiota verá neste curto ensaio mera tentativa a chiste ou a paradoxo. Luxo fácil é o paradoxo e confesso, às vezes, tentador. Porém não é a mim, criatura de espírito cândido, remexedor das coisas e com um velho horror à insinceridade, que há-de atrair o luxo do paradoxo. Com esta advertência, prossigo, indo reto ao assunto.⁸⁵

Nesse sentido, o ensaio freyriano é uma forma literária que, trazendo uma visão conservadora, quer falar abertamente para um público que se aburguesa, para uma sociedade que se moderniza, em rápida transformação. E utiliza uma linguagem que pode parecer anacrônica, uma vez que apresenta um tom que já não pode mais ser compreendido pelos leitores sem que ao texto seja atribuído um sentido jocoso.

De fato, o autor, na contramão das tendências literárias da época, procura firmar-se como estilista e polemista, dialogando muito mais com o século precedente e empregando, para tanto, tintas vivas e contrastantes, sem medo de que seja paradoxal a idéia de uma escrita

⁸² FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.161.

⁸³ EULALIO, A. O ensaio literário no Brasil. In: _____, **Escritos**, 1992, p.12.

⁸⁴ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.162.

⁸⁵ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.160.

sinceramente irônica e livre do paradoxo. Na verdade, Freyre afasta o paradoxo como um jogo frívolo de linguagem: o paradoxo só o é na medida de sua necessidade. Freyre põe a nu sua sinceridade, numa modéstia que tem um quê de irônica, remetendo ao exercício intelectual montaigniano:

Prefiro, porém, que me veja na minha simplicidade natural, sem artifício de nenhuma espécie, porquanto é a mim mesmo que pinto. Vivos se exibirão meus defeitos e todos me verão na minha ingenuidade física e moral, pelo menos enquanto o permitir a conveniência.⁸⁶

O sentido da “pintura do eu” tão bem colocado por Montaigne exprime como a ficcionalização deste eu é tangencial à tentativa de representação fiel dos fatos e das idéias. Em outra passagem, Freyre, ao dissertar sobre o declínio das aristocracias intelectuais, que estaria acontecendo precisamente em Oxford, o “último refúgio desse ideal de cultura agora em crise”⁸⁷, adverte que sua opinião acerca do “analfabetismo plástico e ingênuo do grande número” que está a serviço do ideal de alta cultura, que poderíamos dizer no mínimo bastante polêmica tendo em vista os rumos daquele Brasil em acelerada transformação, é sincera:

Meus amigos acharam muita graça nesse artigo; descobriram em mim um jeito delicioso para o paradoxo e para a malícia. E como eu saboreio elogios como quem saboreia bombons ou goles de curaço ou anisete faltou-me coragem para dizer a tão gentis camaradas que não havia no tal artigo nenhum paradoxo; nem ironia; nem malícia; nem humorismo bizarro. Naquele artigo, ou antes borrão de artigo, eu pusera, com a maior candura, idéias sinceras, idéias a que chegara pela tortura do meu próprio pensar.⁸⁸

Quem escreve é egotista, sendo qualquer discussão elogiosa ou polêmica o combustível para uma personalidade que tem a necessidade de chamar atenção sobre si. Oferecer-se em espetáculo, compondo uma espécie de arte do intelecto, parece ser o sentido desta primeira escrita freyriana. E esse movimento que oscila entre o eu e o mundo, tentando fixar, compor a partir de algo que escapa, que não se concretiza de imediato, mas sim por fragmentos, se harmoniza com a abordagem do ensaio como um “‘gênero do intervalo’ entre o ficcional e o não-ficcional, que é um gênero da passagem”⁸⁹.

⁸⁶ MONTAIGNE, M. Do autor ao leitor. In: _____. **Ensaaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.11.

⁸⁷ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, v.1, p.305.

⁸⁸ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.305.

⁸⁹ PINTO, M.C. **Albert Camus: um elogio do ensaio**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p.89.

Ampliando o sentido de que o autor “se converte, até certo ponto, em personagem de si mesmo, como se escrevesse não só um ensaio histórico-sociológico⁹⁰, mas também suas íntimas memórias”⁹¹, o Freyre que se revela nesses pequenos escritos, empregando em justa medida a parataxe, o paradoxo, a metáfora, a oralidade, constrói uma complexa *persona* literária, que idealiza o perfil oitocentista de homem aristocrático e vitoriano, mas que se aproxima do povo como aquele ideal de Fradique Mendes⁹². Daí existir a tensão entre esta pintura imaginativa e as formas da vida, que leva às contrastantes recepções da obra do autor.

Sobre a relação de Freyre com o século precedente, é pertinente a comparação a Fradique Mendes. Na introdução que o Freyre já maduro faz à coletânea de artigos de jornal *Tempo de aprendiz*, afirma que procura “escrever um português, além de jornalístico, literário, que... fosse um arremedo daquele do ideal do Fradique de Eça”⁹³. Fradique Mendes é quase um personagem a passear livremente por esses artigos de juventude. Mistura-se, na galeria de notáveis, com personalidades reais, que Freyre procura imortalizar, praticando a escrita com técnica semelhante à do retrato realista que elabora, pela imagem, tipos, figuras alegóricas que representam, em largos traços às vezes de incipiente complexidade, a dinâmica social:

Morreu Lord Bryce aos oitenta e quatro anos e de repente. Doce morte, a sua. Pode-se mesmo dizer de Bryce, como de Fradique o doutor parisiense: “toujours de la chance, ce Lord Bryce”⁹⁴.

Em outro artigo, ao falar do escritor português Júlio Dantas, Freyre afirma que:

Pelo que, de muito júbilo nos deve encher a todos, brasileiros e portugueses, o ter o Sr. Júlio Dantas, com a melhor das bravuras, enfrentado aquelas amolecedoras “fadigas atlânticas” que a Carlos Fradique Mendes obrigaram a muitos dias de repouso.⁹⁵

⁹⁰ Aqui Araújo se refere especialmente a *Casa-grande & Senzala* e, por extensão, aos outros ensaios histórico-sociológicos do autor, como *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso* (Cf. ARAÚJO, R.B. de. **Guerra e paz**: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994).

⁹¹ ARAÚJO, **Guerra e Paz**, 1994, p.189.

⁹² Nas “Introduções e Notas” para *A Correspondência de Fradique Mendes*, escreve o crítico-narrador: “Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo – o povo que não mudou, como não muda a natureza que o envolve e lhe comunica os seus caracteres graves e doces. Amava-o pelas suas qualidades, e também pelos seus defeitos; pela sua morosa paciência de boi manso; pela alegria idílica que lhe poetiza o trabalho; pela calma aquiescência à vassalagem com que depois do Senhor Rei venera o Senhor Governo; pela sua doçura maviosa e naturalista; pelo seu catolicismo pagão, e carinho fiel aos deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus trajes, pelos seus cantos... ‘Amava-o ainda (diz ele) pela sua linguagem tão bronca e pobre, mas a única em Portugal onde se não sente odiosamente a influência do lamartinismo ou das Sebentas de Direito Público’” (QUEIRÓS, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Ediouro, [197-?]. p.48).

⁹³ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.27.

⁹⁴ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.200.

⁹⁵ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.276-277.

Carlos Fradique Mendes, descendente da aristocracia açoriana, esta espécie de duplo arguto, viajado e vivido de Eça, é o interlocutor ideal de Freyre, cuja presença é constante nesses artigos de juventude. O refinado *gentleman* é retratado por meio da sua correspondência com personalidades, reais ou fictícias. Da mesma forma que a personagem literária, Freyre inicia sua colaboração com o *Diário de Pernambuco* por correspondência, com uma intimidade e liberdade no manejo de temas que muito se aproximam do gênero epistolar⁹⁶. A *Correspondência de Fradique Mendes*, publicada após a morte do escritor português, é um tipo de ficção intelectual de que Freyre se aproxima não só em termos formais, mas também pela visão de mundo. Veja-se esta passagem de uma carta de 1888 ao monarquista brasileiro, católico tradicional e filho da aristocracia Eduardo Prado:

Não; o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI, se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmônica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu queria (e o que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços de Europa, levados pelo pacote e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que faz ressaltar mais o bolor e as nódoas [...] um Brasil brasileiro! Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; idéias claras e simples e uma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis...⁹⁷

Mestre da objetividade realista, Eça de Queirós dá vida, numa escrita com grande vigor descritivo e intelectual, a um personagem que procura reviver mitos idealizantes característicos do espírito romântico. O Brasil, que teria conhecido em uma de suas viagens, seria uma espécie de espaço recuado e que poderia resistir à corrupção social, que poderia edificar uma civilização alternativa à européia a qual teria criado, por sua vez, o homem

⁹⁶ O primeiro ensaio de Gilberto Freyre publicado na coletânea traz cabeçalho que informa ter sido a carta escrita em Louisville, em setembro de 1918. Esta carta, publicada no jornal de 3 de novembro de 1918, após tratar de diversos aspectos da vida e paisagem de Louisville, num tom que vai de diário de viagem a crônica, é assim finalizada: "Começo a ter saudades da nossa natureza tropical, clara, florida, cheia de sol. / As cartas do Brasil são muito irregulares. / Como irá o nosso Recife?" (FREYRE, G. *Tempo de aprendiz*, vol. I, p.42). O segundo ensaio da coletânea, escrito em Waco, Texas, em 22 de novembro de 1918 e publicado no *Diário de Pernambuco* em 12 de janeiro de 1919, inicia-se assim: "Escrevo esta carta junto do meu fogão de gás. Faz frio. Mas frio, de verdade. Avalie que tivemos neve de manhã. Durou pouco e nem sequer deu para embranquecer os telhados das casas. O dia, porém, continuou frio" (FREYRE, *Tempo de aprendiz*, v.1, p.43).

⁹⁷ QUEIRÓS, *A correspondência de Fradique Mendes*, [197-?], p.113-114. Esta carta contém sintomaticamente refrão de célebre canção popular de cunho nacionalista de 1939: "Brasil / Meu Brasil brasileiro / Meu mulato inzoneiro [...] ah, este Brasil lindo e trigueiro / É o meu Brasil brasileiro / Terra de samba e pandeiro / Brasil! Brasil! / Prá mim... prá mim..." ("Aquarela do Brasil", de Ari Barroso).

moderno, este que, “mesmo nas alturas sociais, é um pobre Adão achatado entre as duas páginas de um código”⁹⁸. Freyre, por sua vez, testemunharia de perto o que para Fradique era uma evidente ameaça: a apropriação passiva de elementos da cultura hegemônica:

A mocidade de São Paulo que eu suponho a mais culta do Brasil sofre neste momento a nevrose do que entre nós se chama indistintamente *futurismo*. É pena... está, sem nenhuma noção do ridículo, arremedando Dada. Compreende-se, explica-se, justifica-se até Dada na Europa, onde o cansaço dos museus, das bibliotecas, das grandes coisas estratificadas amolece o espírito criador que não é senão o espírito de juventude. Mas entre nós!^{99, 100}

Ainda mais, Fradique faz reviver o ideal do bom selvagem, do homem que não foi corrompido pela civilização, numa oposição à modernidade com seu poder pobremente mediano. Mas, ao mesmo tempo, melancolicamente lamenta a constatação de que, aqui, há uma apropriação indevida do outro: “E a minha impressão é que os brasileiros, desde o imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil”¹⁰¹. Ao contrário desse brasileiro simples e bom que resistiria às forças modernizadoras de fora, desabafa a Eduardo Prado, encontra um país enfezado como a Europa, envolvido em intrigas da politiquice, com “uma desproporcionada legião de doutores” que envolve o lugar numa atmosfera de doutorice, regendo o país pelas regras dos compêndios, uma ainda colônia que não soube se constituir criadoramente sob o sol do trópico. Para Fradique, a única solução para o Brasil seria romper com a História, quando o país, com a ruína da “República jacobino-positivista”, se entregaria a um novo imperador ou rei, que deveria ser “um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro”¹⁰². Essa solução para o impasse, que, na verdade, vai contra a história e retorna à natureza, num movimento explicitamente reacionário, conflui para a ideologia que prega utopicamente ser este o país do futuro:

Ora, uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) – pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original, do que um doutor mal traduzido do francês.¹⁰³

⁹⁸ QUEIRÓS, **A Correspondência de Fradique Mendes**, [197?], p.67.

⁹⁹ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, 1979, v.1, p.261.

¹⁰⁰ Por este trecho de um artigo publicado no *Diário de Pernambuco* em 20 de maio de 1923, percebe-se a postura crítica com relação aos rumos do movimento modernista paulista. É em contraposição a este que, alguns anos depois, o movimento regionalista do nordeste procurará consolidar suas bases, como informa o polêmico *Manifesto Regionalista* (FREYRE, G. **Manifesto regionalista**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996).

¹⁰¹ QUEIRÓS, **A Correspondência de Fradique Mendes**, [197?], p.113.

¹⁰² QUEIRÓS, **A Correspondência de Fradique Mendes**, [197?], p.116.

¹⁰³ QUEIRÓS, **A Correspondência de Fradique Mendes**, [197?], p.116.

Esse país de qualidades eufóricas é semelhante àquele que fez um intelectual da envergadura de Stefan Zweig afirmar, em seu *Brasil, país do futuro*: “Quem teve a sorte de conhecer uma parte apenas da inesquecível superabundância do Brasil, já viu beleza suficiente para o resto da vida”¹⁰⁴.

O primeiro Freyre também já mostra seu encanto pela simplicidade do povo e seu desdém pela doutorice nos artigos de juventude. Tal simplicidade natural é não só uma qualidade ética como estética, de que o ensaio, em sua aparente modéstia e informalidade, é expressão máxima. A ética da gente humilde encontra, segundo o autor, sua expressão na poesia de Walt Whitman, que foi

[...] franciscano pelo seu gosto em conviver com iletrados, em deliciar-se com o saber dos intuitivos, com a espontaneidade e com a frescura da inteligência dos próprios analfabetos, tão diferente da inteligência dos acadêmicos e dos doutores, tão impregnada do prazer de aproximar-se o homem dos problemas como se fosse sempre um aprendiz e nunca um mestre; como se começasse sempre, a todo momento, a aprender ‘caminhando com a vida [...] para não ser ultrapassado por ela’¹⁰⁵.

Whitman, criador de uma expressão genuinamente americana, pregador de um amor irrestrito pelos seus “camaradas” (“*I loved well those cities, loved well the stately and rapid river, / The men and the women I saw were all near to me, / Others the same – others who look back on me because I look’d forward to them*”¹⁰⁶) era, na interpretação de Freyre, como que a expressão daquele ideal de homem americano, por sua vez semelhante ao que o brasileiro representava para Fradique Mendes de Eça. Tal ética sincrética e agregadora, que combina harmonicamente antagonismos num lirismo distenso e expansivo, dá margem para a construção de uma literatura alegórica, que, menos do que apresentar, representa abstratamente os ideais (revolucionários no caso de Whitman e reacionários no caso de Freyre, segundo a recepção crítica média) de homem, civilização e país.

A doutorice em relação à qual Freyre mantém uma atitude crítica impiedosa também se liga ao seu horror à retórica pomposa e vazia, que, ao florear o discurso, mascara intenções pouco nobres, ou melhor, desconectadas das necessidades de uma sociedade que deve procurar uma modernidade alternativa, que valorize as formas simples e genuínas. Em um dos

¹⁰⁴ ZWEIG, S. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Delta, 1953. p.226.

¹⁰⁵ FREYRE, G. **O camarada Whitman**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948. p.42.

¹⁰⁶ Apud SCHOLLES, R. et al (Ed.). **Elements of Literature**: essay, fiction, poetry, drama, film. 4thed. New York: Oxford University Press, 1991. p.641.

últimos textos do Freyre dessa época, datado de 15 de março de 1925¹⁰⁷, o autor publica uma criativa fábula que, ao invés de apresentar animais como personagens, faz passear, na narrativa, elementos da gramática normativa juntamente com uma seleção lexical que sugere a eloquência da retórica. Tudo isso é encabeçado pelo Novo-Culto, cujo irmão é o politicamente influente Coronel Novo-Rico, este, por sua vez, protegido pelo primo General Novo-Poderoso. Os dois últimos o narrador já conhecia, o Coronel Novo-Rico e o General Novo-Poderoso. Restava entrar na intimidade do Novo-Culto, morador notável da República de Altruria, que convida o narrador, a quem chama de “cintilante, incomensurável e fúlgido Sr. Gilberto Freyre, moço de incontestável, fecundo e altaneiro talento e de abalizada, sólida e profundíssima cultura”, para uma “modesta e humilde chávena de ‘Thea Chinensis’”.

Tal visita vai aos poucos revelando a intimidade desse personagem altivo. Na Avenida Novíssima passeia o “possante ‘Superabundância’”, que conduz o narrador para o encontro. Os criados eram Adjetivos, diversos, que se acotovelavam e gritavam. Os meninos da casa, filhos diletos do Dr. Novo-Culto, eram os Pronomes, “todos com um arzinho sardônico de anões mil-e-uma-noites a brincar de quatro cantos em toda a parte”¹⁰⁸. O narrador se acomoda em um dos “focos lugares-comuns que enchiam a sala” (*Idem, ibidem*). O Dr. Novo Culto aparece em um de seus autos pequenos, a “Diátese”. Ao seu lado vinha a mulher, a Dona Interjeição, “senhora de horrível voz estridente de brasileira do Norte”¹⁰⁹. Para um passeio, todos tomaram outro auto, o vasto e possante “Constitucionalidade”. Durante este passeio por “paisagens deliciosas”, o narrador sente-se tomado por uma loquacidade, mas logo volta ao normal, lembrando as palavras de Chesterton, segundo o qual “as palavras compridas poupam-nos o esforço de pensar”¹¹⁰. Em meio a vários incidentes, como quando a Dona Interjeição explode com os tirânicos Adjetivos que permitem que os meninos-diabos quebrem a casa, o narrador vai descrevendo essa visita, a quem inclusive são mostradas as roupagens do Estilo, usadas nos discursos do Novo-Culto no Instituto Paleontológico e Corográfico da Altruria. O narrador vai embora no auto “Poliformismo”, escolhido num conjunto de doze autos postos a sua disposição.

Nesta fábula de humor afiado, Freyre constrói, em linhas claras, personagens alegóricas cujas relações explicitam uma verdadeira crítica contra os artificialismos e excessos da retórica que dominam, segundo o autor, o cenário cultura, político e jurídico brasileiro na passagem do século XIX para XX. É esta atmosfera que influencia a época de

¹⁰⁷ FREYRE, *Tempo de aprendiz*, v.2, p.131-133.

¹⁰⁸ FREYRE, *Tempo de aprendiz*, v.2, p.132.

¹⁰⁹ FREYRE, *Tempo de aprendiz*, v.2, p.132.

¹¹⁰ FREYRE, *Tempo de aprendiz*, v.2, p.133.

transformações em que Freyre está inserido, já de volta ao Brasil. Em *Sobrados e Mocambos*, que se ocupa da decadência do patriarcado rural e do desenvolvimento do urbano no país, no capítulo “O brasileiro e o europeu”, o autor, ao discorrer sobre o ensino da religião no Brasil, sobretudo com os jesuítas, afirma:

Daí a tendência para a oratória que ficou no brasileiro, perturbando-o tanto no esforço de pensar como no de analisar as coisas, os fatos, as pessoas. Mesmo ocupando-se de assuntos que peçam a maior sobriedade verbal, a precisão, de preferência ao efeito literário, o tom de conversa em vez de discurso, a maior pureza possível de objetividade, o brasileiro insensivelmente levanta a voz e arredonda a frase como se estivesse prestando exame de retórica em colégio de padre.¹¹¹

Assim se explica a tendência dos escritores que falam berrando, dando a idéia de gargantas que se vão partir, segundo o autor. Mas o que haveria de surpreendente nessa “nossa natureza, que nos ensina a todos, na sua indisciplina selvagem, senão a berrar?”¹¹²

Como espetáculo de idéias, tão intrinsecamente atrelado a uma cuidadosa edificação da argumentação, os ensaios de Freyre também se aproximam do grande fundador dessa forma literária: Michel de Montaigne. Precursor da forma literária ensaística, no ensaio “Vãs são as palavras”, Montaigne também disserta sobre os males da retórica vazia, que são, para ele, como ervas daninhas que “em um campo abandonado ou não roteado ainda crescem com mais rigor”¹¹³. Em governos debilitados, segundo o autor, a força da eloquência teria como função manipular o povo com o “doce som daquela música, sem que possa pesar nem conhecer a verdade das coisas pela força da razão”¹¹⁴.

Porém, se, pelas peculiaridades da expressão, que denunciam a desconfiança acerca dos grandes temas do seu tempo, esses escritores podem ser aproximados, cabe delimitar algumas distinções. O racionalismo cético de Montaigne aponta para uma autoconsciência peculiar de uma época de individualismo nascente, que leva a uma expressão comedida, moderada, que valoriza o equilíbrio. Neste autor, o edifício de linguagem é construído do alto da torre, relativamente protegida dos acidentes cotidianos. Freyre, por sua vez, é um escritor que se forma no calor da hora e seu método, se é que existe algum, não se alimenta de um edifício racional como Montaigne. Os acidentes cotidianos, acompanhados muitas vezes por

¹¹¹ FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003. p.438.

¹¹² FREYRE, **Tempo de aprendiz**, v.2, p.338.

¹¹³ MONTAIGNE, **Ensaaios**, 1972, p.148.

¹¹⁴ MONTAIGNE, **Ensaaios**, 1972, p.148.

misticismos, superstições, intuições e desejos obscuros, informam uma construção de linguagem que, para Freyre, é sempre, em última instância, uma forma de ação ou de intervenção social. Focalizando o Freyre notado principalmente a partir de *Casa-grande & senzala*, ainda que do alto de sua posição, como o senhor no alpendre da casa-grande, o poder de sua escrita é corruptivo, age no subterrâneo, nem sempre deixando às claras as forças que a dirigem. Tem um algo mais invasivo, devorador, que se coaduna com os então recentes desenvolvimentos da psicanálise. Num certo sentido, é uma escrita que traz também certo antídoto para seu veneno autoritário. Ao se expandir de forma extrovertida e irreverente, permite que se observem suas fraturas. E *Casa-grande & senzala*, de fato, pode ser lido como a autobiografia de uma sociedade que, confessando transgressões como a gula e a luxúria e tocando corajosamente o espinhoso (e culposos) tema da escravidão, pretende finalmente elevar a categoria de homem, povo e nação a um sentido pleno¹¹⁵.

Contudo este Freyre mais conseqüente, que procura combinar as matrizes irracionalista e racionalista, a meu ver, liga dois Freyres que estão em lugares em princípio contraditórios – trata-se de uma oposição relativa, visto que depende muito mais de uma oscilação da parte do estilo em direção a uma maior preocupação temática, sem que, para isso, haja uma mudança estrutural profunda. De um lado, há o Freyre comedido mas corajoso, em procura de estilo, com pendor literário, com grande liberdade na abordagem de temas, que vão do mais nobre ao menos nobre, do mais abstrato ao mais concreto, do mais sério ao mais jocoso. Já o outro Freyre, que se avulta com maior clareza após a década de 50, quase se reduz a uma repetição ritualística do velho estilo e dos velhos temas, como se fosse uma derradeira tentativa de fazê-los (re)viver ou de elaborar a cura pela confissão. Ou, talvez, simplesmente procurasse responder aos seus críticos mais impiedosos, que o acusavam de falta de método, como se o exercício *ametódico* apenas enfatizasse os limites de uma escrita anti-racional, avessa às conquistas da clareza e do rigor iluminista¹¹⁶, e que nenhum questionamento proveitoso pudesse trazer à reflexão moderna.

Enquanto o jovem Freyre se aproximaria mais do *familiar essay*, sendo informado por uma tradição literária de língua inglesa que tem representantes em Francis Bacon, Joseph Addison, Richard Steele, Charles Lamb, Thomas Carlyle, G. K. Chesterton, Walter Pater,

¹¹⁵ Roberto Ventura afirma que Gilberto Freyre, com obra que transita entre o ensaio e a autobiografia, “nessa busca de autoconhecimento, tanto pessoal quanto coletivo, procurou redimir e conciliar as elites brasileiras com seu passado escravocrata e seu presente autoritário” (VENTURA, Roberto. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Publifolha, 2000. p.70).

¹¹⁶ Nesse sentido, o “Ensaio como forma”, de Adorno, é bastante sugestivo, quando lido como uma alternativa ao pensamento cartesiano: “O ensaio, contudo, elege essa experiência como modelo, sem entretanto, como forma refletida, simplesmente imitá-la; ele a submete à mediação através de sua própria organização conceitual; o ensaio procede, por assim dizer, metodicamente sem método (ADORNO, T.W. **Notas de Literatura**, 1. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p.30).

Matthew Arnold e Aldous Huxley, autores cuidadosamente lidos e constantemente citados, o terceiro Freyre, após a década de 50, neste recorte bastante arbitrário, estaria mais próximo do tratadista, ou do autor especialista, mais disciplinar e acadêmico. O segundo Freyre seria aquele dos ensaios de fôlego de interpretação do Brasil, que envolveriam tanto o dinamismo do primeiro quanto o esforço de síntese do terceiro – que muitas vezes se revelaria extremamente precário, por isso ainda estimulante, como em *Casa-grande & senzala*. Nesse sentido, podemos entender a Tropicologia¹¹⁷ como uma tentativa de estabelecimento de disciplina acadêmica, paradoxal em um autor que sempre se mostrou completamente avesso a um saber particularizador e institucional. Ademais, o último Freyre é também o intelectual oficial e com carreira acadêmica consolidada, aclamado dentro e fora do país. Essas contradições de superfície mostram-se, porém, absolutamente compreensíveis se considerarmos esta figura como empreendedor de uma “modernidade alternativa, polifônica e nada estetizante, capaz de aliar a degustação de iguarias estrangeiras com o consumo da comida regional, o envolvimento pessoal com a distância acadêmica, a ciência, enfim, com a boemia”¹¹⁸.

Assim, o Freyre dos grandes ensaios de interpretação do Brasil seria aquele que alia o apetite voraz e a intensidade estilística do primeiro ensaísta a algo da clareza didática das idéias do quase-tratadista, características que, uma vez inteligentemente articuladas, só poderiam contribuir para provocar e ampliar o debate intelectual no país.

¹¹⁷ “De agosto de 1951 a fevereiro de 1952, G. F. viajou por terras lusófonas da Europa, Ásia e África: viagem ‘à procura das constantes portuguesas de caráter e ação’, como diz o subtítulo do livro *Aventura e Rotina*. Nessa viagem avivou-se nele o conceito de tropicalismo, exposto em conferência lida na Universidade de Coimbra em 24 de janeiro de 1952: ‘Em torno de um novo conceito de tropicalismo’ [...] O conceito de tropicalismo alongou-se, depois, aos de lusotropologia, de hispanotropologia e, finalmente, ao de tropicologia tout court ...” (FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre de A a Z**. Rio de Janeiro: Mário Editor, 2002. p.196).

¹¹⁸ ARAÚJO, **Guerra e Paz**, 1994, p.199.

APÊNDICE D – *Entre o inferno e o paraíso: o ensaio de Gilberto Freyre*[♦]

Silvana Moreli Vicente¹

Resumo: *Este artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos do ensaio do escritor, sociólogo, antropólogo e historiador social Gilberto Freyre (1900-1987), enfocando seu mais importante trabalho Casa-grande & Senzala (1933). Pretende-se discutir em que medida o ensaio de Freyre, que foi bastante prolífico no contexto do debate modernista no Brasil da primeira metade do século XX, pode ser incluído no paradigma de um gênero ou forma literária caracterizado pela abertura, fluidez e ambigüidade.*

Palavras-chave: *Gilberto Freyre; ensaio brasileiro; Casa-grande & Senzala.*

Abstract: *This article intends to discuss some aspects related to the essay of the writer, sociologist, anthropologist, and social historian Gilberto Freyre (1900-1987), focusing on his more important work Casa-grande & Senzala (1933). Freyre's essay, which was definitely very prolific in the context of the Brazilian Modernist debate in the first half of the 20th Century, may be included in the paradigm of a literary genre or form characterized by its openness, fluidity, and ambiguity.*

Keywords: *Gilberto Freyre; Brazilian essay; Casa-grande & Senzala.*

1 . Esboço de uma Figura Controversa

Escritor polêmico, Gilberto Freyre pouco se presta a enquadramentos. Ao se perguntar sobre sua obra, a referência a sua multiplicidade é necessária. O aparecimento de seus principais trabalhos *Casa-grande e Senzala*, de 1933, *Sobrados e Mocambos*, de 1936, e *Ordem e Progresso*, de 1959, que compõem a trilogia ensaística de nascimento, vida, decadência e morte do patriarcalismo no Brasil, marcaram o cenário intelectual. Dialogando com o passado e apresentando uma sensível visão do país e sua cultura, sua extensa obra

[♦] Texto integral de comunicação apresentada no 52º Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (julho de 2004, Campinas-SP). Artigo publicado na *Revista de Estudos Lingüísticos XXXIV* (2005, p. 680-5).]

trouxe, no seu bojo, questões extremamente originais, polêmicas e, quiçá por isso, ainda vivas.

Gilberto Freyre foi revolucionário em vários sentidos. Fixou seu olhar investigativo e contemplativo no local, especialmente no espaço da intimidade doméstica, mas seu reconhecimento se transbordou para além-fronteiras. Procurou, como ninguém, elaborar um discurso ajustado à realidade do país, casando criativamente o local e o internacional, o presente e o passado, a intuição e a indução, a oralidade e a escrita, as artes e a ciência, a poesia e a prosa.

Revigorou os estudos sociais e históricos no Brasil da primeira metade do século XX, tentando convencer seu leitor sobre a viabilidade da civilização brasileira, dialogando, desse modo, com seus antecessores que, de forma pessimista, sustentavam a fraqueza genética do mestiço. Em meados do século, porém, foi duramente criticado por pretensamente apresentar uma visão idílica do passado e sustentar a idéia da democracia racial no Brasil. Os altos e baixos de sua trajetória política apontam para uma particular capacidade de participar ativamente dos debates do seu tempo: “evoluiu da esquerda democrática nos 1930 e 1940 para a direita autoritária nas décadas de 1960 e 1970”¹¹⁹ para, na década de 1980, ser considerado precursor da “nova história”.

2 . Gilberto Freyre: Escritor Impuro?

Na medida em que abordou a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida em seus ensaios de interpretação do Brasil, Freyre definiu o “caráter do brasileiro” como uma “combinação harmônica de antagonismos”, resultante da mistura de três raças: o branco, o índio e o negro. Tal mistura, intrinsecamente impura, terminaria por deslocar-se do seu objeto para sua escrita, caracterizada por uma impureza literária horizontal a contaminar os diversos gêneros textuais aos quais o escritor se dedicou, como o ensaio, o romance e a poesia. Definindo-se como praticante da forma literária impura, desenvolveu o termo no livro de crítica literária *Heróis e vilões no romance brasileiro*:

¹¹⁹ VENTURA, Roberto. Sexo na senzala: Casa-grande & senzala: entre o ensaio e a autobiografia. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.6, p.220, 2001/2002.

[...] O público [...] o escritor que adota é, sempre, o que lhe traz em poemas, em ensaios, em romances, temas e figuras, senão viventes e existenciais, fantásticos e ultra-existenciais, em linguagem que seja sempre vivente e existencial; ligada à vida e até ao cotidiano [...] E para haver essa vivência em obras literárias e essa convivência de autor com leitor, de escritor com público, é preciso que o autor seja [...] *impuro*. *Impuro* que acrescente ao que é *literário* nos seus objetivos e na sua linguagem, elementos *não-literários*, vindos das ruas, das praças, das multidões, da boca do povo, da tradição oral [...] das superstições, do sobrenatural [...] ¹²⁰.

A impureza da escrita, um atributo, aqui, formal, teria a ver com o fato de a mesma colar-se intimamente à vida cotidiana, à vivência do homem inserido em seu meio. Tal impureza formal não caminharía sozinha; liga-se não só ao ecletismo do estilo freyriano, mas também a um dos temas centrais de sua prosa ensaística, a miscigenação ou ainda o hibridismo, qualidades assimilativas, segundo o autor, típicas do povo brasileiro. Para Freyre, do português, o brasileiro teria herdado tal propensão para a fácil miscibilidade: “nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços...”¹²¹.

Assim, a plasticidade, a sensualidade e a originalidade, produtos dessa miscigenação nos trópicos, são avivadas por uma escrita com estilo bastante pessoal, afeita ao coloquial, oral, antiformal e inconclusivo. Para a elaboração de sua obra, conseguiu conjugar conhecimento das ciências da época e notável destreza e imaginação literária. O que se circunscreveria à ciência, pelo seu sentido sobretudo referencial, procura constantemente transpassá-la, com o emprego de uma linguagem com renovado poder de impacto. Tal é uma faceta daquela tendência assinalada por Antonio Candido, no ensaio “Gilberto Freyre, crítico literário”, acerca da *ambigüidade dinâmica* que permeia sua obra:

Uma vez constatado que é difícil e desnecessário classificá-lo, dada a natureza da sua personalidade intelectual, a fecunda diversidade do seu pluralismo, compreendemos melhor a ambigüidade dinâmica sentida na leitura da sua obra, - onde, quando saímos à busca do sociólogo, deslizamos para o escritor; e quando procuramos o escritor, damos com o sociólogo. Se procuramos especificamente o crítico, acharemos quase sempre o estudioso que utiliza impuramente a literatura para fins da sua construção sociológica; mas a impura utilização torna-se de súbito tratamento vivificante, que retorna sobre a literatura a fim de esclarecê-la¹²².

¹²⁰ FREYRE, G. **Heróis e vilões no romance brasileiro**. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1979. p.26.

¹²¹ FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.83-4.

¹²² CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p. 120-121.

Tal vivacidade do método e do estilo de Freyre pode ser vista como o modo de atuação de uma personalidade rebelde que procurava, a todo preço, não parecer acadêmica, retórica, artificial ou demasiadamente apegada à técnica. O objetivo de Freyre seria tornar-se um escritor independente, daqueles que “pode dar-se ao luxo desses devaneios com um desembaraço difícil de ser atingido por intelectuais comprometidos com instituições ou com sistemas ideológicos”¹²³. Porém, é esta mesma fluidez e plasticidade que é, muitas vezes, objeto da mais pesada crítica. Costa Lima, em “A Versão Solar do Patriarcalismo: *Casa-grande & Senzala*”, conclui que a fluidez conceitual de Gilberto Freyre é nociva na medida em que corrige a distância social e contraria a tendência à aristocratização. Para ele, “seria o caso de dizer-se que tal flexibilidade seria um engodo ‘humanista’ com que justificamos o faz-de-conta a que as palavras então se submetem”¹²⁴.

3 . Alguns Diálogos de Gilberto Freyre

De fato, o texto eclético de Gilberto Freyre é, como o caráter do brasileiro, “um rico amálgama de antagonismos” – o que traz evidentes complicações – e, em sua gênese, comunica-se com importantes textos da modernidade. Um dos diálogos mais produtivos que estabelece é com o ensaísmo brasileiro e internacional, principalmente com a tradição de língua inglesa representada por Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton, Arnold Bennett, Daniel Defoe, Jonathan Swift, Richard Steele, Joseph Addison, Cardeal John Henry Newman, Matthew Arnold, Charles Lamb e Walter Pater. Sobre estes, afirmou em seu diário de adolescência e juventude: “Desde que li Pater a primeira vez, ainda em Baylor, tornou-se ele tão parte da minha vida como Charles Lamb, que eu supunha não pudesse ser excedido por nenhum outro escritor na arte do ensaio”¹²⁵. Do ensaísmo hispânico, destaca Ganivet, Unamuno e Ortega y Gasset, ao lado dos místicos S. Juan de la Cruz, Santa Teresa e Ramón Lulio. Freyre também entrou em contato com o culturalismo de Franz Boas, com a psicanálise de Sigmund Freud, com a sexologia de Havelock Ellis e com o materialismo histórico de Marx e Engels. Ainda o estetismo do fim-de-século de Nietzsche e Simmel, segundo Larreta, teria inspirado em Freyre “um vívido senso de uma dimensão erótica e afetiva da cultura,

¹²³ FREYRE, G. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Prefácio de Roberto Lyra Filho. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968. p.187.

¹²⁴ LIMA, Luiz Costa. A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & Senzala. In: _____. **A aguarrás do tempo**: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 216.

¹²⁵ FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p. 46.

destacando seus aspectos sensoriais, estéticos e concedendo um grau importante à subjetividade”¹²⁶.

É também sabido que o ensaio foi o gênero textual predominante no Pré-modernismo e no modernismo brasileiro¹²⁷, e é também com esta fecunda tradição que Freyre dialoga. Procurou rever as posturas deterministas e racistas da época, adotadas, por exemplo, pelos ensaístas Sílvio Romero e Oliveira Vianna. Sua obra oferecia um contraponto ao pessimismo de Paulo Prado, como pode-se notar em “Contradições de Paulo Prado”, publicado em *Pessoas, coisas e animais*¹²⁸. Era admirador dos estilos de Euclides da Cunha e de Oliveira Lima, sobre os quais escreveu sugestivos ensaios, publicados em *Perfil de Euclides e outros perfis*¹²⁹. Do abolicionista Joaquim Nabuco, destaca, no prefácio para o livro de memórias *Minha Formação*, uma certa inflexão autobiográfica velada, “por esconder seus excessos de reformador social ou revolucionário político, que lutara quando jovem contra os interesses de sua própria casta, a elite de brancos e de quase brancos do Império agrário”¹³⁰, caráter dúbio que Freyre parece compartilhar.

O ensaio, considerado gênero de intervalo, de transição ou literatura *in potentia*, segundo Obaldia¹³¹, foi a forma textual a que mais se dedicou Freyre, apesar de também ter escrito ficção e poesia. No seu caso, essas formas foram constantemente submetidas ao avanço daquela impureza horizontal, resultando em obras híbridas, ou seja, cujas fronteiras que delimitam os gêneros textuais (como o ensaio, o romance ou a poesia) não parecem tão nítidas. Seria interessante, pois, observar como o escritor opera tal impureza em sua obra. Nos limites deste artigo, faremos algumas considerações sobre o ensaio de Freyre. Observar alguns procedimentos empregados pelo autor para conquistar a forma impura em sua prosa ensaística, especialmente frutífera e sugestiva no Brasil da primeira metade do século XX, é nosso objetivo nas linhas que seguem.

4 . Gilberto Freyre, Ensaísta

Para Georg Simmel, cujos escritos transitam da filosofia à sociologia, “mesmo afirmando sua natureza artística, o ensaio é um gênero totalmente adequado à apreensão de

¹²⁶ LARRETA, E. Itinerário da formação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2000. Mais!, p.24-25.

¹²⁷ Cf. GAIO, A.M. **Modernismo e ensaio histórico**. São Paulo: Cortez, 2004.

¹²⁸ Cf. FREYRE, G. **Pessoas, coisas e animais**. São Paulo: MPM Propaganda, 1979.

¹²⁹ Cf. FREYRE, G. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.

¹³⁰ VENTURA, Sexo na senzala, 2001/2002, p. 216.

¹³¹ OBALDIA, C. de. **The essayistic spirit: Literature, modern criticism, and the essay**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

objetos novos e que escaparam à investigação da filosofia tradicional”¹³². No sentido das sugestões de Simmel, para quem o processo de apreensão deste objeto novo deve ser dinâmico e por meio de uma prosa clara, Freyre escreveu sobre os temas mais inovadores, como a cachaça e a batida, histórias em quadrinhos, o cartão-postal e a saudade, sempre com base em aspectos concretos, como pode-se observar em seus livros *Alhos & Bugalhos: Ensaios sobre Temas Contraditórios, de Cachaça; de José Lins do Rego ao Cartão-postal*¹³³ e *Pessoas, coisas & animais*. Ainda mais, em sua trilogia da História da Sociedade Patriarcal no Brasil, para falar sobre a formação, decadência e desintegração da sociedade patriarcal brasileira, trouxe ao tecido textual aspectos inusitados da intimidade familiar. A mulher, a criança e o escravo são flagrados no seu cotidiano doméstico, revelando hábitos sexuais, alimentares, de lazer, de higiene, de vestimenta, de moradia que estão na base da formação do novo país. Assim, Freyre surpreendeu ao trazer para o corpo do texto aspectos do cotidiano e impressões memorialísticas que, mais além, tomam verdadeira dimensão erótica.

O discurso de Freyre, como que para adequar a linguagem à concretude de seu objeto, apreendendo-o em sua opacidade constitutiva, configura-se com idas e vindas, afirmações e negações, avanços e retrocessos que tipificam o universo impuro próprio da nova civilização. Tal aspecto descontínuo do ensaio de Freyre tem a ver com a natureza aberta e fragmentária deste gênero textual destacada por Adorno¹³⁴. Um painel descritivo-impressionista da sociedade toma vida própria e, no detalhe, o espaço textual da *casa-grande* e da *senzala* pode ser visto como um mosaico de micro-narrativas cujo objetivo seria evocar o universo recuado no tempo dos antepassados:

Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.¹³⁵

Segundo o autor, não é a dedução científica que conduz a feitura do seu texto, mas uma empatia inexplicável como objeto maior, o homem e a sociedade. Freyre constrói um texto, em que pese a possibilidade de troca intersubjetiva com o leitor, aberto para leituras

¹³² Apud GAIO, **Modernismo e ensaio histórico**, 2004, p. 11.

¹³³ FREYRE, G. **Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça: de José Lins do Rego ao cartão-postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

¹³⁴ Cf. ADORNO, T.W. **Notas de Literatura**, 1. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.

¹³⁵ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.56.

como aquelas que vêm, em certos momentos, uma perigosa visão idílica do passado colonial por trás de suas escolhas. Porém, só por meio de um tenso equilíbrio operado pela forma, o autor consegue sugerir, no horizonte da possibilidade, aquela “esperança e desilusão”¹³⁶ como percalços do destino da civilização brasileira. É um tal equilíbrio precário que, mesmo que o ensaio provoque a grata sensação de que nos traz a chave “para poder entrar não só nos palácios encantados, nos casarões mal-assombrados, solares, engenhos, senzalas, sobrados e mocambos, como para descermos aos desvãos e camadas inferiores de onde emergiu o Brasil de nossos dias”¹³⁷, também nos desperta para o fato de que, no suposto idílio colonial, nem tudo são maravilhas.

Para o autor, a chave para a compreensão da tradição conservadora no Brasil está, de um lado, no gosto pelo mando e pelo autoritarismo, cujo contraponto é obediência servil. Nesse sentido, “transforma-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar na surra, de mandar arrancar dente de ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários”¹³⁸. Manejando uma estilística marota plena de imagens, o autor prepara a ampliação do tema: “sadismo [...] manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento e perverso”¹³⁹. O sadismo do menino e do homem brasileiro se daria no inverso sentido das tendências masoquistas da mulher e do escravo. Como no “tempo tríbico” da circularidade, o brasileiro traria o gérmen daquilo que faz suportar “a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático”¹⁴⁰. O Brasil torna-se, assim, numa extensão do cenário contraditório em que se forma a família patriarcal brasileira, símbolo daquele equilíbrio precário entre Ordem e Liberdade, Autoridade e Democracia, dualidade que, para Freyre, tem lá suas vantagens:

[...] uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do grande número e, de outro lado, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa.¹⁴¹

O destino do Brasil seria manter essa dualidade em bons termos. O resultado disso é uma assimilação aparentemente homogênea, mas, no fundo, com borbulhantes disparidades,

¹³⁶ Cf. ADORNO, T.W. O Ensaio como Forma. In: _____, **Notas de Literatura**, 2003.

¹³⁷ Gilberto Amado apud FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.76.

¹³⁸ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.122.

¹³⁹ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.122.

¹⁴⁰ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.123.

¹⁴¹ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p.123.

já que no brasileiro ainda persistiriam os extremos, como bem destaca Araújo¹⁴². Trata-se de uma paradoxal resistência assimilativa, que faz retornar sempre a ambigüidade constitutiva do homem e de seu meio. Esses reencontros com o descontínuo são postos em cena nas últimas páginas de *Casa-grande & Senzala*:

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandigueiros. O banzo deu cabo de muitos... Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando de aguardente, da maconha, masturbando-se¹⁴³.

O ensaio termina na seqüência com uma espantosa enumeração de diversas doenças que teria sofrido o negro como consequência dos maltratos pelos brancos, da péssima alimentação, da má higiene, das condições de habitação e trabalho, dentre outras causas de fundo social. Seguem suas últimas palavras: “‘Os vermes e particularmente a toenia, e as ascarides lombricoides abundão muito’, acrescenta Jobim”¹⁴⁴. Para quem havia, já nas primeiras páginas do ensaio, anunciado “a democratização social no Brasil” como fruto de uma miscigenação que corrigia os extremos, Freyre termina muito bem com essa descrição do próprio inferno na terra, um mais que sugestivo contraponto ao paraíso brasileiro. Em *Casa-grande & Senzala*, Freyre encarna o espírito ensaístico ao apresentar, como em fascinante mosaico, uma multiplicidade de perspectivas que mantém o leitor sempre desperto. Nessa senda, para McCarthy¹⁴⁵, é fundamental que o ensaio literário seja marcado por uma qualidade discursiva, aberta, dinâmica e viva. Oscilando com o emprego de imagens eufóricas e disfóricas, com a elaboração de inúmeras pequenas narrativas de melhoramento e degradação, fica a sensação de que a disparidade é constitutiva não só do sentido como também da forma, e negá-la seria um retrocesso. Este exato acabamento formal seria a chave para correção dos excessos de personalismo e saudosismo aristocrático. Assim, sobretudo neste momento de sua prosa ensaística, Freyre consegue tornar produtiva aquela impureza literária que procuraria fazer participar sempre, como verdadeiro ideal, de sua atividade como escritor.

¹⁴² Cf. ARAÚJO, R.B. de. **Guerra e paz**: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

¹⁴³ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p. 514.

¹⁴⁴ FREYRE, **Casa-grande & senzala**, 2000, p. 515.

¹⁴⁵ MCCARTHY, J. **Crossing boundaries**: a theory and history of essay writing in German, 1680-1815. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 58.

APÊNDICE E – *Cruzando fronteiras: a arte do ensaio em Gilberto Freyre e Walter Pater*[♦]

Silvana Moreli Vicente

Este trabalho pretende problematizar alguns aspectos do ensaio como forma literária em dois escritores: o ensaísta, sociólogo, antropólogo e historiador social Gilberto Freyre (1900-1987) e o ensaísta, filósofo e crítico de literatura e de arte inglês Walter Pater (1839-1894). Ambos foram figuras proeminentes do seu tempo, ajudando a ressaltar aspectos centrais para a compreensão da modernidade nas respectivas tradições em que se inserem. Suas obras são marcadas por notável diversidade, abrangendo o romance, o conto, o ensaio e o artigo em periódico, em áreas como as de sociologia, história, crítica literária e de arte.

Freyre foi nome destacado no cenário cultural brasileiro do século XX, sendo conhecido, sobretudo, pelos seus ensaios de interpretação do Brasil *Casa-grande & Senzala*, de 1933, *Sobrados e Mucambos*, de 1936, e *Ordem e Progresso*, de 1959, que compõem a trilogia de nascimento, vida, decadência e morte do patriarcalismo no Brasil. Dono de uma obra que vai da poesia à prosa ficcional e ensaística, Freyre trabalhou, de forma peculiar, com as vanguardas da sua época, procurando, quase obsessivamente, elaborar uma articulação original entre regionalismo e modernidade, assim como entre nacionalismo e internacionalismo. Ainda mais, como escritor e intérprete da cultura, Freyre levantou e discutiu questões caras ao seu tempo, além de criar um dos estilos mais sugestivos e peculiares do modernismo brasileiro, como bem escreveu seu primo João Cabral de Melo Neto no poema “*Casa-grande & Senzala*, quarenta anos”:

Ninguém escreveu em português
no brasileiro de sua língua:
esse à-vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem se espreguiça¹⁴⁶.

♦ Texto integral de comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada (Porto Alegre-RS, julho de 2004).

¹⁴⁶ MELO NETO, João Cabral de. *Casa-grande & Senzala*, quarenta anos. In: _____. **A Educação pela Pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.61-62.

Por seu turno, na contramão da tradição vitoriana, Walter Pater não só foi um intelectual de peso no cenário cultural britânico do século XIX, como também deixou sua marca nas vanguardas européias modernas. Ao contrário de Freyre, que parecia ter verdadeiro horror à atividade acadêmica, Pater realizou quase toda sua obra como acadêmico ligado à Universidade de Oxford. Dentre suas obras de crítica, podem-se citar *Studies in the History of the Renaissance*, de 1873, *Appreciations with an Essay on Style*, de 1889, e *Greek Studies*, de 1895, que atestam a multiplicidade de seus interesses. Afastando-se da representação literária mimética, Pater, na trilha da “arte pela arte” de origem francesa, defendia a necessidade de uma arte desinteressada, livre de qualquer sistema apriorístico. O contraponto hermenêutico dessa nova arte seria a chamada crítica impressionista, cujos instrumentos de observação sensível flagrariam o objeto em sua complexidade:

Modern thought is distinguished from ancient by its cultivation of the ‘relative’ spirit in place of the ‘absolute’ [...] To the modern spirit nothing is, or can be rightly known, except relatively and under conditions [...] The philosophical conception of the relative has been developed in modern times through the influence of the sciences of observation¹⁴⁷.

Esta observação aderente ao objeto procura justificar a posição privilegiada de uma crítica que estabelece seus próprios parâmetros tendo como fundamento a experiência do observador, a captar aspectos de uma realidade múltipla em constante fluxo. Para Freyre, foi este Pater, considerado um estilista em língua inglesa, “a revelação de um novo sentido da relação da arte – assim como da ciência ou do saber – com a vida”¹⁴⁸.

Gilberto Freyre via em Walter Pater, com seu “inglês helenicamente perfeito”, a realização de um equilíbrio estilístico ideal. Pater, para Freyre, seria o escritor mais representativo de uma rica linhagem de ensaístas britânicos, dentre os quais podem-se citar Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton, Arnold Bennett, Daniel Defoe, Jonathan Swift, Richard Steele, Joseph Addison, George Gissing, Charles Lamb, Cardeal John Henry Newman e Matthew Arnold. Desses parece advir um gosto pela liberdade da escritura, pela originalidade, pela polêmica da reflexão, pela fruição desinteressada de idéias, muitas vezes calcadas na materialidade do cotidiano, e pela dimensão subjetiva da escrita. O estudo desses escritores foi iniciado por Freyre quando ainda estudante de graduação na Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, nos cursos de literatura do professor A. Joseph Armstrong. Sobre Pater, diria

¹⁴⁷ Walter Pater apud FLETCHER, Iain. **Walter Pater**. London: Longmans, Green & Co., 1959. p. 13.

¹⁴⁸ FREYRE, Gilberto. **O outro amor do Dr. Paulo**: seminovela: continuação de Dona Sinhá e o Filho Padre. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

Freyre: “Desde que li Pater a primeira vez, ainda em Baylor, tornou-se ele tão parte da minha vida como Charles Lamb, que eu supunha não pudesse ser excedido por nenhum outro escritor na arte do ensaio”¹⁴⁹. Um pouco mais adiante, no ano de 1924, Freyre revela, em seu diário *Tempo Morto e Outros Tempos*, que vinha relendo Pater¹⁵⁰. Em 1927, teria recebido Pater completo de Londres¹⁵¹.

A convivência literária com Walter Pater transmite a Gilberto Freyre sugestões estéticas distintivas, como a singular interpenetração entre prosa e poesia: “a literatura inglesa é uma literatura de poetas. Mesmo quando grandes ensaístas: o caso dos Pater”¹⁵². De fato, em ambos os escritores, cujas obras, ainda que sistemáticas, são eivadas pelo memorialismo e pela autobiografia, não é fácil estabelecer uma nítida distinção entre gêneros e formas literárias. Pater, além de estudioso de literatura, de arte e de cultura, escreveu retratos imaginários autobiográficos, como *Emerald Uthwart*, de 1892, e *The Child in the House*, de 1878. Transcorridos na Inglaterra vitoriana, esses retratos dramatizam experiências autobiográficas de um narrador em plena fase de desenvolvimento, trabalhando questões especialmente delicadas para a época, como relações interpessoais e familiares, formação autoritária, violência, punição e desejo de morte. Nessa mesma senda, encontram-se seus *Imaginary Portraits*, de 1887, que tratam, em quatro histórias, das vidas de jovens rapazes de diferentes períodos e nacionalidades. Porém, no rol de suas obras intrinsecamente literárias, destaca-se *Marius the Epicurean*, de 1885. Neste romance que conta a história de Marius, seguidor da filosofia do prazer, Pater levanta pontos sugestivos sobre a interação entre o mundo pagão da Antigüidade Clássica Românica e o Cristianismo. É interessante notar que, mesmo com a precisa marcação de tempo e espaço e com a focalização das relações interpessoais do protagonista, com destaque para aquela com Flavian, a narrativa é bastante estática, marcada pela penetração de outras formas discursivas, como ensaísmo, na medida em que trata livremente de questões de crítica, filosofia e história.

Semelhante tom ensaístico marca várias passagens dos romances de Gilberto Freyre *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de 1964, e *O outro amor do Dr. Paulo*, de 1977. O autor emprega, como técnica de narração mais inovadora, tempos e espaços fluidos, em que personagens reais convivem com personagens fictícios, assim como a meditação convive com a ação. Seu objetivo maior é construir, por meio da ficção literária, um estudo sociológico de

¹⁴⁹ FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p.46.

¹⁵⁰ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.135.

¹⁵¹ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.207.

¹⁵² FREYRE, **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1,p. 359.

tipos genuinamente brasileiros, que justifica a tonalidade discursiva de muitas passagens da obra. O primeiro romance toca na relação veladamente amorosa entre dois jovens ainda em formação, Paulo Tavares e José Maria, tendo como fundo o Recife de herança patriarcal e monárquica. No segundo romance, o já adulto médico-antropólogo Paulo Tavares, brasileiro formado na Europa e amante dos prazeres do ócio, buscando esquecer a morte do primeiro amor e a rejeição do segundo, a Dona Sinhá, mãe de José Maria, descobre-se envolvido por Maria Emília, caso que termina em casamento e morte da jovem esposa.

Autor, narrador e protagonista são instâncias que se interpenetram nas narrativas de Gilberto Freyre recuperando a técnica do auto-retrato imaginário de Walter Pater. Ambos os escritores, empregando formas narrativas híbridas, procuram soluções estéticas inovadoras no tratamento de temas como o impulso erótico frustrado, a violência, o prazer e a morte. Sem entrar no mérito estético das obras ficcionais de Pater e Freyre, importa destacar o interesse de ambos em desvendar os interstícios de uma realidade recuada a partir da memória e da experiência, assim como observar certo impulso ensaístico que percorre, de ponta a ponta, suas narrativas.

Tal subjetividade pervasiva, que mina qualquer pretensão à objetividade, participa também dos ensaios ditos sérios de ambos os escritores. Sempre com base fincada na experiência, ambos conseguem, em momentos muitas vezes predominantemente ensaísticos, explorar variados temas no extremo da mobilidade formal.

Num volume de aulas ministradas sobre *Plato and Platonism*, de 1893, Pater afirma que o ensaio é a forma literária mais adequada para tratar de questões do seu tempo. O ensaio é, segundo o autor, “*that characteristic literary type of our own time, a time so rich and various in special apprehensions of truth, so tentative and dubious in its sense of their ensemble, and issues*”¹⁵³. O ensaio, para Pater, é a forma que não aspira à verdade absoluta. Tal processo, antipositivista, terminaria por emprestar ao tecido textual um sentido mais complexo e vivo. Em breve passagem sobre Montaigne, diz Pater que o ensaio:

[...] provided him with precisely the literary form necessary to a mind for which truth itself is but a possibility, realizable not as general conclusion, but rather as the elusive effect of a particular personal experience; to a mind which, noting faithfully those random lights that meet it by the way, must needs content itself with suspension of judgment...¹⁵⁴

¹⁵³ PATER, Walter. **Plato and platonism**. London: Macmillan, 1917. p. 175.

¹⁵⁴ PATER, **Plato and platonism**, 1917, p. 176-177.

No mundo moderno, marcado pela perda da totalidade, da auto-suficiência, o ensaio ofereceria, então, uma resposta à sua imprevisibilidade a partir da própria experiência do sujeito. Enquanto texto que adere ao real, o ensaio considera como válida qualquer experiência, assim como guarda, em suas linhas, as marcas de um processo dinâmico de idas e voltas:

As skepticism replaces an overall view with the vision of the individual, the flexible essay opens itself up to the sensual and the inner vision; it describes, narrates, articulates, and thus testifies to its capability of articulating truth more adequately and less imposingly than any discursive analysis is able to achieve¹⁵⁵.

Tanto para Freyre quanto para Pater, o ensaio constitui uma forma de indagar uma realidade caótica, e o trabalho do ensaísta seria procurar captar a experiência humana em sua fluidez e complexidade, reorganizando-a formalmente. Para Pater, ao contrário do tratado que é, por essência, fechado, o ensaio ou diálogo é um instrumento dialético, que se encarrega de um processo que pode ser co-extensivo à vida. Porém, como ressalta Iser¹⁵⁶, a dialética de Pater nada teria a ver com o sentido hegeliano de síntese integrativa, mas como um modo particular de combinar perspectivas, um modo de colecionar impressões e observações agudas. Se, por um lado, o pensamento discursivo penetra na narrativa ficcional de Pater e de Freyre, num movimento contrário, o pensamento discursivo, por ele mesmo, tem sua base conteudística minada. O ensaio, assim, se instaura justamente no intervalo entre a ficção e o tratado, na medida em que é “a form which deconstructs itself in order to represent openendedness, unrelatedness and endlessness as facts of experiential reality”¹⁵⁷.

Trabalhemos um pouco mais com o conceito de “impressão”, tão cara a Pater, considerando sua componente subjetiva. As obras tanto de Pater como de Freyre foram consideradas impressionistas, ou seja, não teóricas ou rigorosamente fundamentadas, assentadas objetiva e coerentemente num sistema. Para ambos, essa perspectiva ametódica - lembrando o método ametódico no “Ensaio como Forma” de Adorno - comprometeria a validade científica de suas indagações; ou, ainda em outro extremo, seu fascínio pelas formas do real denunciaria uma falta de envolvimento crítico conseqüente, a que se chegaria com menos adesão e mais distanciamento. Nesse sentido, a componente impressionista de suas obras coincidiria com a visão de que a mesma seria, segundo Max Picard, “a expressão formal

¹⁵⁵ Walter Pater apud Iser, Wolfgang. **Walter Pater: the aesthetic moment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 18.

¹⁵⁶ Iser, **Walter Pater: The aesthetic moment**, 1987, p.18.

¹⁵⁷ Iser, **Walter Pater: The aesthetic moment**, 1987, p.19.

de uma época que não acredita em nada”¹⁵⁸. Tal renovação formal parece trazer, como pano de fundo, a mesma perspectiva cética que animou Montaigne a escrever seus ensaios no ano de 1580, na época do Pós-renascimento.

Voltando a Freyre, a configuração do ensaio *Casa-grande & senzala* inova ao operar a partir dessa dimensão textual subjetiva, versando sobre um tema, a formação do Brasil colonial, normalmente limitado pelos contornos da pretensa objetividade. Personalidade que “atacava vorazmente a realidade, disposta a esclarecê-la e mesmo transfigurá-la a qualquer preço”¹⁵⁹, Freyre toma como formas literárias privilegiadas também aquelas que escapariam a qualquer definição precisa. Nesse sentido, o escritor opera, ao longo de sua obra, um elogio de formas híbridas, recriando, no tecido textual, aquela plasticidade distendida que caracterizava as relações pessoais nos espaços da casa-grande e da senzala. Na elaboração de um discurso que não nega seu pendor mimético, o escritor conta a história da origem do povo brasileiro cujo material é buscado, sobretudo, nas marcas da experiência, sua e dos outros agentes. O texto freyriano torna-se, assim, como que o retrato épico de uma civilização construído graças a esse poder de interação entre sujeito e experiência:

Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos¹⁶⁰.

Devido a essa aderência à vida, tanto em Pater como em Freyre ocorre o processo de intersecção entre ensaio e autobiografia. O caráter subjetivo do ensaio como forma literária em potencial pode ser mais bem vislumbrado em suas formas fronteiriças: a autobiografia, as memórias e o diário. Segundo Gómez-Martínez, a diferença entre essas formas está no tratamento do aspecto narrativo: na forma ensaística, este se apresenta como fragmentário, circular, marginal, desordenado e aparentemente sem propósito; já na autobiografia, memórias e diário, o aspecto narrativo toma forma linear e cronológica¹⁶¹. No ensaio de Freyre, assim como no de Pater, a narratividade é marginal e fragmentária, sem deixar de ser autobiográfica e memorialística no sentido de reconstituir cenas, situações, personagens, sensações, que se realizam, no texto, como representação latente de sua vida ou da vida de qualquer indivíduo.

¹⁵⁸ ISER, Walter Pater: *The aesthetic moment*, 1987, p.37.

¹⁵⁹ VENTURA, Roberto. Sexo na senzala: Casa-grande & senzala: entre o ensaio e a autobiografia. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n.6, p.216, 2001/2002.

¹⁶⁰ FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 56.

¹⁶¹ GÓMEZ-MARTÍNEZ, J.L. *Teoría del ensayo*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1992. p. 114.

Assim são abordadas, em Freyre, as experiências sexuais com mulheres negras, as brincadeiras de menino, as experiências gastronômicas, enfim, experiências diversas com sugestão erótica às vezes velada, às vezes manifesta, marcadas pelo sado-masiquismo que seria próprio do brasileiro. Tais experiências são presentificadas por um discurso oscilante entre a parte e o todo, a imagem e o conceito, a poesia e a prosa.

É interessante observar como Freyre disserta sobre a preferência sexual dos brancos, na linha daquele intercuro quase doentio próprio da nova colônia tropical. O primeiro contato do português, longo e memorável, teria sido com a moura-encantada, “tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual”, a qual o colonizador viria a encontrar algo parecido nas “índias nuas de cabelos soltos do Brasil”¹⁶². Um pouco adiante, dirige sua atenção para a mulher morena, fundamental para o sustento da miscibilidade na colônia portuguesa:

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual da mulata. Aliás, o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas”¹⁶³.

Tal como Pater, Freyre também recorre ao método dialético, engendrando antíteses que, pelo menos neste texto, não são superadas. No sentido da ambigüidade dinâmica¹⁶⁴ assinalada por Candido, este quase idílio também sustenta uma vida sexual nos limites da depravação em que a morena é vítima das mais severas atrocidades, conforme Freyre teria registrado a partir do testemunho de cronistas e da tradição oral:

Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou

¹⁶² FREYRE, **Casa-grande & Senzala**, 2000, p. 84.

¹⁶³ FREYRE, **Casa-grande & Senzala**, 2000, p. 85.

¹⁶⁴ CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma espécie de judiarias¹⁶⁵.

Se em Freyre de *Casa-grande & senzala* a experiência autobiográfica e memorialística toma dimensão histórico-social, Pater constrói o conto *The Child in the House*¹⁶⁶ a partir de uma dimensão mais introspectiva, permeada por um tom meditativo. Nele, um encontro inesperado com um pobre homem numa tarde quente é o motivo desencadeador das reminiscências de Florian Deleal. Em meio às histórias contadas pelo homem, Florian percebe que ambos têm a mesma origem. À noite, um sonho o transporta para o lugar onde nascera, e a casa toma, no seu sonho, contornos nítidos, com paredes, móveis, cores, cheiro, cercada por uma atmosfera de segurança e conforto. A importância que a casa recebe ao longo do conto atesta o valor dessa reconstrução mental e textual operada pelo narrador: “*a peculiarly strong sense of home – so forcible a motive with all of us – prompting to us our customary love of the earth, and the larger part of our fear of death*”¹⁶⁷. É também curioso salientar que o tema da infância, normalmente tratado como o período idílico da vida, foi também a motivação maior para Freyre escrever seu primeiro grande ensaio: “um livro sobre a minha própria meninice e sobre o que tem sido nos vários Brasis, através de quase quatro séculos, a meninice dos vários tipos regionais de brasileiros que formam o Brasil”¹⁶⁸.

Desse modo, o trabalho de ambos, Walter Pater e Gilberto Freyre, convergem em muitos pontos. Escolhem como forma de escrita preferencial o *ensaio*. Forma fronteiriça, o ensaio, nas mãos de ambos, ganha aquele acabamento característico da “arte autônoma”. Ambos constroem retratos e paisagens literárias, do eu e do social, a partir de antinomias em equilíbrio, oferecendo um lugar privilegiado para as impressões do sujeito a partir de suas experiências no mundo. Uma curiosa mistura de gêneros é praticada ao longo de suas atividades, tendência pós-moderna que vem reforçar, por exemplo, a idéia de Harold Bloom, para quem o autor britânico seria uma espécie de romântico tardio precursor do pós-modernismo.

Ainda mais, tanto em Walter Pater quanto em Gilberto Freyre, alguns perigos passaram a rondar suas escritas. Por exemplo, o da perda de um certo dinamismo problemático, que pode assegurar o interesse do leitor pelo texto. Se, por um lado, seus

¹⁶⁵ FREYRE, *Casa-grande & Senzala*, 2000, p. 393.

¹⁶⁶ Para uma leitura atenta de *The Child in the House*, de Walter Pater, tendo como contraponto a obra de Gilberto Freyre, assim como para observar algumas relações mais amplas entre o escritor brasileiro e a Inglaterra, consultar: PALLARES-BURKE, M.L. Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor. *Tempo Social*, São Paulo, v.9., n.2, p.13-32, out. 1997.

¹⁶⁷ PATER, Walter. The child in the house. In: ALDINGTON, Richard (Ed.). *Walter Pater: selected works*. London: William Heinemann, 1948. p. 36.

¹⁶⁸ FREYRE, *Tempo morto e outros tempos*, 1975, p.175.

ensaios se enriquecem com momentos narrativos memoráveis, as narrativas ficcionais nem sempre se harmonizam com o tom discursivo, o que acaba muitas vezes por impor um ritmo demasiadamente estático à escrita. Inclusive, assumir como invariavelmente eficaz uma postura ensaística, em sua franca abertura a diferentes idéias, estilos e gêneros literários, pode ser um modo velado de apriorismo, mesmo que a motivação cética primeira para a prática ensaística tenha sido a aversão a qualquer verdade única ou sistema fechado. De qualquer modo, sobre essas armadilhas da linguagem, ambos os escritores pareciam estar atentos, como atestam suas riquíssimas obras.

APÊNDICE F – Leituras modernas da antiga província: nordestes, Gilberto Freyre e a vanguarda anglo-americana*

Silvana Moreli Vicente (DTLLC-FFLCH-USP)

RESUMO: Pretendo abordar, em linhas gerais, como aspectos da vanguarda anglo-americana estiveram presentes no cenário cultural do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. Tomando como referencial a obra do escritor Gilberto Freyre (1900-1987), veremos de que modo algumas das lições estéticas dos movimentos internacionais de vanguarda, especialmente representados pelo Imagismo e pela poeta Amy Lowell (1874-1925), estimularam a busca por uma forma artística comprometida com o regional. Assim, encarnando o paradoxo entre tradição e modernidade, a proposta moderno-regionalista parece refletir o lugar controverso de um Brasil plural.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre; vanguardas anglo-americanas; Imagismo; Amy Lowell.

Modern readings of the old province: Brazilian Northeast, Gilberto Freyre and the Anglo-American vanguard

ABSTRACT: This article proposes to discuss how aspects of the Anglo-American vanguards developed in the cultural background of the Brazilian Northeast in the first half of the twentieth century. Discussing some topics concerning Gilberto Freyre's work (1900-1987), it will be possible to observe how aesthetics lessons of the international vanguards, mainly represented by the Imagism and by the poet Amy Lowell (1874-1925), encouraged the search for an artistic form committed with the regional material. Thus, assuming the paradox between tradition and modernity, the modern-regionalist proposal seems to reflect the controversial place of a plural Brazil.

KEYWORDS: Gilberto Freyre; Anglo-American vanguards; Imagism; Amy Lowell.

* Texto base de comunicação apresentada na VII International Conference of the Brazilian Studies Association – BRASA – em junho de 2004; artigo aceito para o número 9 da Revista Terra Roxa e Outras Terras (Londrina: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina), com previsão de publicação no final de 2007.

1 . Gilberto Freyre: breve perfil

O interesse que me levou a aproximar-me da obra do escritor, antropólogo e historiador social Gilberto Freyre nasceu do contato que tive com seus ensaios de interpretação do Brasil, em especial *Casa-grande & Senzala*. A complexidade tanto de sua linguagem quanto de certa *persona* autoral é revelada por uma escrita ensaística de contornos singulares. Tomando como chave conceitos como miscibilidade, hibridismo e confronto de antagonismos, o escritor construiu uma obra que versa sobre os temas mais diversos – de Joyce à Cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão-Postal, das vanguardas internacionais à formação da civilização brasileira.

A multiplicidade de temas e de formas em Gilberto Freyre está amplamente sugerida nos seus ensaios monumentais, cujos títulos já chamam a atenção para uma cuidadosa seleção lexical que privilegia a coordenação de elementos contraditórios entre si. Assim, a popular trilogia ensaística do autor, formada por *Casa-grande & Senzala*, de 1933, *Sobrados e Mucambos*, de 1936, e *Ordem e Progresso*, de 1959, que fariam parte da série intitulada “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” juntamente com *Jazigos e covas rasas* (inconcluso), é considerada pela crítica como bastante inovadora, na esteira das novidades modernistas que alimentavam o cenário cultural brasileiro na primeira metade do século XX. Muitos são os que consideram *Casa-Grande & senzala* o maior livro já escrito no Brasil, como Darcy Ribeiro.

Ainda mais, a preocupação recorrente de Freyre com a escrita, sua e de outros, aliada ao seu interesse pela literatura, levou-o a redigir inúmeros ensaios, mais sintéticos – próximos à agilidade e à fluidez da crônica – do que aqueles de interpretação do Brasil, sobre escritores brasileiros e estrangeiros. Elabora, dentre outros ensaios críticos que merecem especial atenção, os perfis de José de Alencar e Euclides da Cunha, publicados em *Perfil de Euclides e outros perfis* (1944), e o estudo *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979). Escreveu também obras propriamente literárias. Dentre as ficcionais, podem-se elencar os romances *Dona Sinhá e o filho padre: seminovela* (1964) e *O outro amor do Dr. Paulo: seminovela* (1977), assim como os contos reunidos em *Três histórias mais ou menos inventadas* (2003). Seus poemas, por sua vez, foram coligidos em *Talvez poesia* (1962). As reflexões freyrianas sobre arte e literatura também são documentos importantíssimos para se traçar uma história da literatura e da cultura brasileira do século XX, principalmente naquela vertente que desembocaria nas frutíferas obras regionalistas dos anos 30.

2 . Panoramas freyrianos da literatura em língua inglesa

O fenômeno literário seria um dos assuntos sobre os quais Gilberto Freyre versaria preferencialmente ao longo de sua atividade de escritor. Já nos textos dos anos 20, pode-se notar este interesse especial, quando demonstra capacidade de estabelecer sugestivo confronto crítico entre a literatura brasileira e a estrangeira, sobretudo norte-americana e britânica. De fato, as balizas teóricas do também futuro crítico da literatura e da cultura Gilberto Freyre – faceta menos estudada da obra do escritor, como bem mostram os concisos ensaios de Antonio Candido¹⁶⁹ e Antonio Dimas¹⁷⁰ – já estariam lançadas. O escritor, atendo às novidades literárias modernas vindas de fora, mostra-se desde então bastante interessado no que elas podem trazer de possibilidades formais. Um dos pontos de suas teorizações é o necessário esforço de síntese não alcançada a partir de elementos aparentemente contraditórios, como a técnica e o sentido, a forma e a vida, que tem sua correspondência na tentativa de unir, de forma orgânica, o regional ao universal, o tradicional ao moderno, o brasileiro ao estrangeiro. Esta combinação, problemática por certo, de elementos contraditórios foi amplamente discutida pelo escritor:

O que neles se projeta é a influência recebida pelo autor, quando mal saído da adolescência, nos Estados Unidos, e na Inglaterra, do Imagismo e do próprio Walt Whitman, e, na França, do Regionalismo de renitentes discípulos de Mistral, dos quais se aproximou tanto quanto de discípulos do anarquismo de Georges Sorel. Mas influência à qual se juntou o próprio envolvimento no trópico e no Brasil nativos – o Brasil com uma formação tão peculiarmente brasileira – ao regressar da Europa e dos Estados Unidos, depois de cinco anos de estudos universitários no estrangeiro.¹⁷¹

É pela senda das sugestões inspiradas a partir da leitura dessas diferentes tradições literárias – a inglesa, a norte-americana, a francesa – que, no cuidadoso tatear da técnica naquilo que ela pode compor com um sentido do humano situado (no Recife, em Pernambuco, no trópico), pode-se inserir o líder de um “regionalismo ao mesmo tempo tradicionalista e experimentalista, modernista e brasileiro”¹⁷² no contexto da cultura brasileira. Isso sem

¹⁶⁹ CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p. 120-4.

¹⁷⁰ DIMAS, A. Gilberto Freyre e a crítica literária. In: FALCÃO, J. de A.; ARAÚJO, R.M.B.de (Org.) **O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão.** Rio de Janeiro: Colégio do Brasil: UniverCidade, 2001. p.94-100. Publicado em coedição com a Fundação Roberto Marinho e a editora Topbooks. p. 94-100.

¹⁷¹ FREYRE, G. **Poesia reunida.** Ilustrações de Marcos Cordeiro. Recife: Edições Pirata, 1980.

¹⁷² FREYRE, G. **Vida, forma e cor.** Prefácio de Renato Carneiro Campos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p. 32.

negar – pelo contrário, enfatizando – a carga de inequívoca ambigüidade dos textos de Freyre, armadilhas textuais estas que uma interpretação não mediadora dessas contradições tão freyrianas pode deixar escapar.

Assim, é pelas marcas do ensaísmo do jovem Gilberto Freyre que vou desenvolver este texto sobre alguns aspectos da presença da nova poesia de língua inglesa no Brasil, principalmente no Nordeste do século XX. Duas questões nortearão este artigo. Primeiro, em que medida as lições estéticas anglo-americanas contribuem para a elaboração de um estilo literário singularmente freyriano? Segundo, qual o sentido e a eficácia da divulgação das novidades estéticas modernas em língua inglesa para a configuração de uma literatura brasileira de forte vínculo documental e de crítica social? Nesse sentido, o ponto que permanece mais problemático é em que medida se pode afirmar que a literatura brasileira, sobretudo a estética do regionalismo nordestino da primeira metade do século XX irradiada a partir da capital pernambucana, seria tocada pelas propostas do vanguardismo anglo-americano, como Freyre – frequentemente num tom incisivo e até polêmico¹⁷³ – parece defender, mais que de modo crítico, apaixonado.

*

A relação de Gilberto Freyre com a cultura inglesa e norte-americana pode ser localizada nos primeiros anos de sua formação, fato este amplamente considerado por vários estudiosos de sua obra. Filho de Alfredo Freyre, um anglófilo, teve como primeiro professor, quando ainda menino, o inglês anglicano Mr. Williams, que o salva do diagnóstico de retardo mental aplicando uma metodologia de ensino baseada na técnica do desenho. Foi aluno do Colégio Americano Gilreath do Recife (1908-1917), bacharelando-se em Humanidades; da Universidade de Baylor (1918-1920), cursando Letras e Ciências Humanas; e da Universidade de Columbia (1920-1922), tendo finalizado seu mestrado com a dissertação *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century* (1922). Conheceu, durante seus estudos, poetas como o irlandês William Butler Yeats (1865-1939) e os norte-americanos Vachel Lindsay (1865-1939) e Amy Lowell, contatos estes facilitados pelo seu professor de Literatura Inglesa

¹⁷³ Gilberto Freyre procurou, ao longo de sua produção ensaística e crítica, e já desde os anos 20, afirmar sua liderança na construção de um modo diverso de ser moderno e, concomitantemente, regional e tradicional, numa linha que convergiria nacionalmente com as tendências literárias e artísticas da década de 30. Dentre as inúmeras figuras que polemizam com ele, vale a pena se referir à Joaquim Inojosa, que, na contramão de sociólogo, reivindicou insistentemente sua precedência como introdutor do Modernismo no Recife. Para acompanhar a polêmica, consultar: INOJOSA, J. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Graf. Tupy, 1969. 3v. E para se verificarem as proporções do estranhamento entre ambos, Inojosa é quem “esclarece” as condições do *Manifesto Regionalista de 1926*, que teria sido escrito, ou no mínimo finalizado, em 1952, e não em 1926, conferir: INOJOSA, J. **Sursum corda!**: desfaz-se o “equivoco” do Manifesto Regionalista de 1926: foi redigido em 1952, escreve Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Graf. Olímpica Ed., 1981. O fato é que, enquanto Joaquim Inojosa se filia aos modernistas que se reúnem em torno de Mário de Andrade e outros escritores do eixo Rio-São Paulo, com relação aos quais Gilberto Freyre se coloca mais como parceiro e crítico do que como aprendiz e divulgador, o sociólogo procura elaborar seu “modo de ser moderno” com base bastante eclética, se aproveitando, de modo especialmente fecundo, como veremos, da sua experiência norte-americana e européia.

A. J. Armstrong, especialista em Robert Browning (1812-1889), que, convencido da vocação de Freyre para as Letras, desejava que o jovem estudante se tornasse um novo Conrad, um escritor em língua inglesa¹⁷⁴. Nos cursos de Armstrong, conheceu a fundo poetas, romancistas e ensaístas em língua inglesa, dando início a uma profícua convivência literária.

A reflexão de Gilberto Freyre sobre o fenômeno literário foi conduzida de forma magistral já nos ensaios do jovem recém saído da adolescência. Trata-se de artigos publicados por ele no *Diário de Pernambuco* de 1918 a 1926, reunidos nos dois volumes da coletânea *Tempo de Aprendiz* (1979), em que, dentre vários assuntos, apresenta movimentos culturais e escritores até então desconhecidos no Brasil. Nele, encontram-se artigos pioneiros sobre Amy Lowell em “Uma escritora americana: Miss Amy Lowell”, de 1920; “Rabindranath Tagore”, de 1921; “Oscar Wilde”, de 1922; “Arnold Bennett”, de 1922; “Amy Lowell” novamente, de 1922; “Yeats”, de 1923; “Conrad”, de 1924; Vachel Lindsay com “Recordação de um Poeta”, de 1925; James Joyce com “A Propósito de Ulysses”, de 1926; Santayana com “Acerca de Santayana”, de 1926; “Amy Lowell” novamente, de 1926; George Meredith com “Atualidade de George Meredith”, de 1926; e “Rainer Maria Rilke”, de 1926, dentre outros. Os mesmos assuntos são tratados, de forma recorrente, em ensaios posteriores, mas são estes primeiros trabalhos que tomarei como base para compreender a ressonância da poesia anglo-americana no Brasil da década de 20, numa época que antecede a grande atividade criadora do regionalismo nordestino.

3 . Das sugestões imagistas

Apesar de os princípios do Imagismo, em sua busca por uma nova poética dura e seca, já terem sido objeto de discussão em grupo que girava em torno de T. E. Hulme por volta de 1909, muitos consideram o poeta e crítico Ezra Pound o fundador do movimento. Em 1912, sob a liderança de Pound, o Imagismo toma a forma de uma doutrina estética verdadeiramente ambiciosa. Contudo, devido a divergências internas, Pound se afasta do grupo, cunhando pejorativamente os seguidores que permanecem na sua proa de “amygistas”. Esse nome, que tem algo de jocoso e ressentido, refere-se a Amy Lowell, que passa a tomar a frente nas atividades de divulgação do grupo. Alguns pontos dessa doutrina eram o uso da linguagem coloquial, com o emprego da palavra exata; a criação de novos ritmos como expressão de

¹⁷⁴ FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p. 42.

novos estados de espírito, por exemplo, o verso livre; a liberdade na escolha do assunto; a apresentação da imagem incisiva; a produção de uma poesia que fosse difícil, porém clara; e, por fim, a concentração como a essência da poesia¹⁷⁵. Em *Tendencies in Modern American Poetry*, texto publicado em 1917, Amy Lowell coloca que os membros ativos do movimento são os ingleses Richard Aldington, F. S. Flint, D. H. Lawrence e os norte-americanos H. D., John Gould Fletcher e ela mesma. Ao movimento, congregam-se vários expoentes da poesia anglo-americana, como W. B. Yeats, D. H. Lawrence, T. S. Eliot, Wallace Stevens, Robert Frost, Carl Sandburg, Hart Crane, William Carlos Williams e Marianne Moore.

O movimento agitou o cenário cultural anglo-americano na década de 10 e, quando era aluno do professor Armstrong, o jovem Freyre pôde sentir a viva ressonância do mesmo nos Estados Unidos. No seu “Diário de adolescência e primeira mocidade – 1915-1930”, *Tempo morto e outros tempos*, temos o testemunho deste encontro, para ele, dos mais memoráveis:

Waco, 1920.

Grande impressão, a de Vachel Lindsay. De Vachel e de Amy Lowell. Talvez ele, Vachel, tão diferente de Yeats, seja, como pessoa humana, maior que mesmo William Butler Yeats [...] Sei que o demônio do irlandês é dos três o maior poeta e também o mais homem de letras. Mas tanto Amy Lowell como Vachel Lindsay tem um vigor de personalidade humana, para além da personalidade literária, que dá uma força à sua presença e à sua palavra, que deve se assemelhar à força do Walt Whitman, nos seus grandes dias de renovador da poesia em língua inglesa.¹⁷⁶

O primeiro contato de Freyre com esses poetas se deu nas comemorações do jubileu da universidade, em 1920, quando o Professor Armstrong organizou uma série de conferências com importantes escritores da época. Freyre, ao registrar sua impressão do encontro com Amy

¹⁷⁵ Escrito por Richard Aldington, revisto por Lowell e publicado na edição de 1915 de *Some Imagist Poets*, o novo credo imagista é assim definido: “1. To use the language of common speech, but to employ always the exact word, not the nearly-exact, nor the merely decorative word; 2. To create new rhythms – as the expression of new moods [...] We do not insist upon free verse as the only method of writing poetry. We fight for it as a principle of liberty; [...] 3. To allow absolute freedom in the choice of subject [...] ; 4. To present an image [hence the name Imagist] [...] ; 5. To produce a poetry that is hard and clear, never blurred nor indefinite; 6. Finally, most of us believe that concentration is the very essence of poetry” (LOWELL, A. **Tendencies in modern American poetry**. New York: Macmillan, 1917). No número da *Poetry* de março de 1913, também foi publicada uma entrevista de Pound a Flint, considerada como o primeiro manifesto imagista. Nela, Pound argumenta: “Não use palavra supérflua [...] Não use expressões como ‘vagas paragens de paz’. Isso embota a imagem. Mistura uma abstração com o concreto [...] Tema as abstrações. Não retome em versos mediocres o que já foi feito em boa prosa (...) Não imagine que a arte da poesia seja minimamente mais simples do que a arte da música” (ZACH, N. Imagismo e vorticismismo. In: BRADBURY, M.; MCFARLANE, J. (Org). **Modernismo: guia geral 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 188). Vale ainda dizer que, na revisão da amplitude do Imagismo, parece não haver completo consenso sobre a percepção do mesmo como uma vanguarda moderna, sendo descrito por uns como uma verdadeira revolução na literatura inglesa (Graham Hough), como realizações mais críticas do que criativas (T. S. Eliot) ou como “simples reconhecimento de que algo ia mal na poesia” (F. R. Leavis) (Idem, p. 185).

¹⁷⁶ FREYRE, *Tempo morto e outros tempos*, 1975, p.41.

Lowell e Vachel Lindsay, nota a presença vigorosa de ambos, que remeteriam ao ímpeto renovador de Walt Whitman no século XIX. Mais adiante, escreve em seu diário:

Amy Lowell surpreendeu-me na sua conferência de ontem: começou por elogiar de modo superlativo o autor de um artigo a seu respeito que ela acabara de ler. O artigo é meu. Fui-lhe apresentado depois da conferência: ela repetiu os elogios. Chamou-me até de gênio. E o inglês, onde eu aprendera inglês para escrevê-lo como o escrevia? Convidou-me a visitá-la em Boston¹⁷⁷.

As visitas de Freyre à casa de Amy Lowell em Boston passam a ser freqüentes, principalmente quando o escritor segue para a Universidade Columbia. Também, depois de sua volta ao Brasil, trocam cartas até a morte de Lowell, em 1925. O artigo mencionado por Freyre foi escrito em inglês, tendo sido aproveitado para a elaboração dos seus ensaios sobre a poeta, texto misto de retrato literário e de crítica. O primeiro desses ensaios foi publicado em 15 de agosto de 1920 no *Diário de Pernambuco*, antecipando a importância daquele primeiro encontro para a escolha dos seus rumos intelectuais e artísticos. O impacto deste diálogo está bem sugerido pela comparação entre a natural perspicácia dos bons literatos, seletos grupo dos artistas das letras, e a inútil pretensão dos simples garatujaadores, espécie de planos operários do ofício, paradigma este ao qual o escritor, com humildade um tanto retórica, se filia:

Para Miss Lowell uma sentença é digna da mesma atenção que o laço de gravata para o mundano famoso que Julian Ellis descreve tão engraçadamente no seu recente livro *Fame and Failure*. E por que não? Escrever bem não é garatujar uma folha de papel. Nós, os garatujaadores, é que temos essa idéia. Daí ser a literatura o templo mais infestado de falsos profetas. Pessoas que diante de um piano não ousam tocar nem de leve na dentadura escancarada do instrumento, com medo de ofender o instinto melodioso do gato que ronrona sobre o sofá, garatujam uma folha de papel com a maior sem-cerimônia deste mundo. E supõem que escrevem.¹⁷⁸

Freyre, em tática ensaística de humilde (com algo de cínica) apreciação de sua própria prática literária, se inclui no grupo dos “garatujaadores impertinentes”. Mas mesmo que, neste momento, o escritor assuma uma atitude de aparente modéstia diante de uma figura já consagrada, não hesita, em muitos outros, em se filiar ao paradigma de Lowell.

Tal como Freyre, Amy Lowell vem de uma tradicional família de New England, cujos membros ocupavam altos cargos do governo. Era uma figura daquelas que não passavam despercebidas: rica, gorda, homossexual, amante de charutos e dos bons livros, conforme

¹⁷⁷ FREYRE, **Tempo morto e outros tempos**, 1975, p.41.

¹⁷⁸ FREYRE, G. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1, p. 80.

descreve o brasileiro neste sugestivo ensaio de cunho biográfico. Sua primeira obra foi publicada somente aos 37 anos. Para uma poeta que assumiu como desafio levar às últimas consequências o virtuosismo técnico, o escrever jamais seria um “curso triunfal de uma criatividade absoluta”¹⁷⁹, que não impusesse obstáculos e dificuldades; pelo contrário, assumiria o trabalho de arte, o ofício laborioso do verso, como elemento fundamental no processo da criação literária. Segundo Freyre, numa observação analítica sintonizada com seu tempo, elaborada a partir da personificação do código da língua inglesa que se entrega a uma bela sucessão de imagens analógicas, afirma que “ninguém hoje, nos Estados Unidos, excede a Miss Lowell no manejo do inglês que ao toque mágico de suas mãos canta, ondula, sorri, distende músculos e tendões suavemente, obedientemente, em movimentos impossíveis, em raras posturas rítmicas”¹⁸⁰. Ainda em vida, Amy Lowell gozou de reputação não somente como um dos principais escritores a traduzir as urgências renovadoras do seu tempo, mas também, em seus anos mais ativos, foi considerada líder intelectual no país¹⁸¹.

O primeiro livro de Lowell, *A Dome of Many-Coloured Glass* (1912), não foi bem recebido, tendo sido considerado como ainda marcado pelo tratamento convencional do tema e pela influência de Keats e Tennyson. Já *Sword Blades and Poppy Seed* (1914) chamou a atenção da crítica, principalmente porque trazia novidades formais que a identificavam com os imagistas. Porém, o mais distintivo desse livro foi o aparecimento da “prosa polifônica”, sua grande contribuição teórica para a nova poesia de língua inglesa. Segundo Lowell, que descreve esta técnica no ensaio “A Consideration of Modern Poetry”, publicado no *North American Review* (1917), “‘Polyphonic’ means ‘many-voiced,’ and the form is so-called because it makes use of the ‘voices’ of poetry, namely: meter, vers libre, assonance, alliteration, rhyme and return. It employs every form of rhythm, even prose rhythm at times”¹⁸². As experiências com a prosa polifônica seguiram-se ao longo das obras seguintes da poeta e, sem dúvida, constituem uma das mais produtivas sugestões estéticas para a constituição do estilo freyriano.

No poema “Aquarium”, publicado em *Men, Women, Ghosts* na parte “Towns in Colour”, é possível notar como a expressão poética de Amy Lowell está fincada na busca da objetividade por meio da impressão que o objeto, por ele mesmo, causa. O enfoque cerrado do

¹⁷⁹ PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins, 1997. p. 192.

¹⁸⁰ FREYRE, **Tempo de Aprendiz**, v.1, 1979, p. 80.

¹⁸¹ Cf. HIGH, P.B. **An outline of American literature**. London: Longman, 1986.

¹⁸² UNTERMEYER, L. (Ed). **Modern American poetry: a critical anthology**. New York, Harcourt, Brace, and Co., 1919. Disponível em: <<http://www.cwru.edu/artsci/engl/VSALM/mod/hallman/bibliography.html>>. Acesso em: mar. 2004.

mesmo permite que o olhar cuidadoso do observador flagre a matéria por diversos ângulos, recordando o modo expressionista:

Streaks of green and yellow iridescence,
Silver shiftings,
Rings veering out of rings,
Silver – gold –
Grey-green opaqueness sliding down,
With sharp white bubbles
Shooting and dancing,
Flinging quickly outward.
Nosing the bubbles,
Swallowing them,
Fish.

[...]
Shadows and polished surfaces,
Facets of mauve and purple,
A constant modulation of values.
Shaft-shaped,
With green bead eyes;
Thick-nosed,
Heliotrope-coloured;
Swift spots of chrysolite and coral;
In the midst of green, pearl, amethyst irradiations.

Outside,
A willow-tree flickers
With little white jerks,
And long blue waves
Rise steadily beyond the outer islands.¹⁸³

Na tentativa de presentificar, para o leitor, a impressão sensorial que a poeta teria tido ao se entregar à observação minuciosa do aquário, vários recursos são empregados, como o verso livre, aliterações, assonâncias e rimas [*“Silver shifthing, / Rings veering out of rings, / Silver – gold – [...] Shooting and dancing, / Flinging quickly outward. / Nosing the bubbles, / Swallowing them”*], todos esses elementos compondo um ritmo que parece seguir a dança do peixe ziguezagueante nas águas. Para esta construção icônica, até mesmo a disposição ondulante do poema é significativa. Recria-se uma *“constant modulation of values”*, mas não de valores abstratos, senão uma dança de cores e formas em contraste com a luminosidade, presentificando, dessa forma, a viva atmosfera em que está inserido o olhar do leitor-observador. Assim, a clareza e a precisão da apresentação singularizadora da imagem do peixe são conseguidas por um grande esmero técnico. O poema, com seu jogo de sons e

¹⁸³ LOWELL, A. An aquarium. In: _____. **Man, women, and ghosts**. New York: MacMillan, 1916. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~HYPER2/ModPtryAnthol/lowell.html>>. Acesso em: mar. 2004.

imagens, parece querer nada mais que ativar a percepção do leitor, conduzindo-o também para o mundo de puras formas, em que as matérias da escrita e do mundo parecem se corresponder como frutos de uma poderosa intuição estética.

Amy Lowell, no seu tempo, foi severamente atacada pelos seus primeiros críticos, que a acusavam da falta da integridade e do talento que deveriam marcar o verdadeiro poeta, pelo excessivo destaque de detalhes sensoriais em detrimento do conteúdo, competente somente na imitação – não criativa, diriam eles – das formas do real¹⁸⁴. Se, para alguns críticos da modernidade, principalmente orientados por leituras materialistas, este é o sinal da decadência da sociedade capitalista e burguesa, do esfacelamento do indivíduo no mundo moderno, para Freyre, Lowell ajudou a criar formas revolucionárias de expressão numa sociedade de imigrantes, crescentemente marcada pelas diferenças. Haveria em Lowell, segundo o brasileiro, uma certa contradição que enriqueceria o impacto de sua figura, em que a face exclusivista conviveria com um algo de plebeu à maneira de Whitman:

Em Amy Lowell havia traços inconfundíveis desse intelectualismo ou dessa cultura exclusivista e um tanto mórbida da Nova Inglaterra, que se exprimiu com tanta pureza nos Lowell e em muitos deles se aguçou por uma espécie de endogamia intelectual junto à de sangue. Mas havia, por outro lado, certo vigor quase plebeu, certa vitalidade criadora, certo espírito pioneiro e de revolucionário que ela adquirira de Walt Whitman. Alguma coisa de plebeu que não deixava as suas palavras se alongarem todas em expressões do intelectualismo ou do lirismo etéreo da tradição aristocrática, assexual e esterilmente estética de Boston.¹⁸⁵

Trata-se de um ímpeto revolucionário que dialoga com a tradição, ajudando a despertar um sentido elitista que se desprende dos limites materiais e sensoriais e absorve, de forma intensa e contraditória, as urgências culturais e artísticas do próprio tempo.

Segundo o ponto de vista de Freyre, Lowell seria uma poeta que, mesmo que trouxesse fortemente marcada uma ideologia de classe ou uma visão de mundo, pela criação de formas claras e objetivas, isentas de grandes sistemas de valores, mais contribuiria para a constituição de uma voz genuinamente norte-americana, a suavizar as contradições e antagonismos de uma sociedade capitalista e imperialista:

Ela libertou a poesia americana dos Estados Unidos [...] tornando as palavras independentes, tirando-lhes o último ranço de colonialismo, adaptando-as às necessidades líricas do filho do imigrante sueco, russo, sírio, grego. Criou

¹⁸⁴ BRADSHAW, M. **Modernizing excess: Amy Lowell and the aesthetics of camp**. 2000. 196f. Thesis (Ph. D.) - State University of New York at Stony Brook, 2000. Disponível em: <<http://www.cwru.edu>>. Acesso em: mar. 2004.

¹⁸⁵ FREYRE, **Vida, forma e cor**, 1987, p.27.

uma nova música, um novo ritmo, distintamente americano. Muito combatida a princípio [...] podem-se hoje encontrar nos seus poemas excessos de tecnicismo: mas sua ação de revolucionária cultural é das mais significativas.¹⁸⁶

Por certo, construiria uma poesia aristocrática, mas, paradoxalmente, agregadora. E, nesse sentido, para o bem comum, é como se as formas tradicionais precisassem se revigorar para permanecerem vivas dentro de uma sociedade caracterizada pelo dinamismo e pelas diferenças sob a égide da democracia. E a democracia liberal, especialmente para um Freyre de reconhecimento já consolidado, oferecia mais perigo que um conservadorismo esclarecido.

4 . Roçando um estilo original

Esta perspectiva otimista e agregadora, na interpretação de Freyre, teria sido antecipada por outro escritor norte-americano, Walt Whitman (1819-1892), que definiu um estilo próprio o qual não só se distanciou das formas clássicas tradicionais, mas também se aproximou do homem comum numa sociedade que passava por uma profunda transformação nas bases de produção. Segundo o brasileiro, Whitman foi um franciscano “pelo seu culto da simplicidade às vezes perigosamente vizinha do simplismo. Franciscano pelo seu gosto em conviver com iletrados, em deliciar-se com o saber dos intuitivos [...] tão diferente da inteligência dos acadêmicos e dos doutores”¹⁸⁷. Este movimento “sincero e autêntico” da subjetividade para as coisas da vida seria o ponto de partida para a universalização das formas artísticas numa sociedade crescentemente capitalista, individualista, marcada pelas diferenças de classe.

Tal como a dualidade moderna, que democratiza as formas de expressão pelo paradoxal domínio da técnica capitalista, as perspectivas freyrianas mantêm-se de pé graças a um equilíbrio extremamente precário, nunca sintético ou resolvido, como afirma Araújo (1994). Mesmo com sua postura aristocrática, orgulhoso de suas raízes, Freyre é um defensor da anti-retórica, da simplicidade franciscana, do estilo humilde aprendido nos modos de vida do escravo, do boi e da criança como formas de correção contra a hegemonia dos discursos oficiais, visão esta bem perceptível no seu ensaio *Nordeste*, de 1937. Assumir-se falando de um ponto de vista de classe não o impede de realizar aquele movimento de agregação

¹⁸⁶ FREYRE, **Vida, forma e cor**, 1987, p.31.

¹⁸⁷ FREYRE, G. **O camarada Whitman**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948. p. 42.

franciscana semelhante ao que aponta em Amy Lowell e em Walt Whitman.

Dessa forma, em Freyre, o estilo baixo, ligado (mas não preso) ao cotidiano, cujo modelo maior é o ritmo plástico e distenso de Whitman, é enriquecido pelas experiências formais da nova poesia de língua inglesa. Veja-se este trecho de abertura de seu ensaio *Nordeste*:

[A palavra “Nordeste”] quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. [...] O outro Nordeste. Mais velho do que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de côco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer terra¹⁸⁸.

Em Freyre, os objetos, retirados do mundo prosaico, tomam forma literária pelo tratamento cuidadoso da imagem de relevo pictórico, de contornos nítidos, aliado a uma sintaxe singular que parece se desdobrar para criar, junto a outros procedimentos como aliterações e assonâncias, um ritmo que recupera a prosa polifônica de Amy Lowell. Assim, o sentido distenso, vagaroso, mole de tanta gordura, doçura e preguiça é ativado pela forma que se contorce para, numa recriação metalingüística, também significar. Gilberto Freyre é indiscutivelmente um criador de ricas paisagens literárias, como também acontece em “Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados”:

Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra sair num
retrato de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quase saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem pra sair
ar mole oleoso
cheiro de comida
cheiro de incenso
cheiro de mulata
bafos quentes de sacristias e cozinhas
panelas fervendo
temperos ardendo

¹⁸⁸ FREYRE, G. **Nordeste**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. p. 5.

o Santíssimo Sacramento se elevando
mulheres parindo
cheiro de alfazema
remédios contra sífilis
letreiros como este:
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo
(Para sempre! Amém!
Automóveis a 30\$ a hora
e um ford todo osso sobre qualquer ladeira
saltando pulando tilitando
pra depois escorrer sobre o asfalto novo
que branqueja [...])¹⁸⁹

Empregando a enumeração caótica¹⁹⁰, os paralelismos, a palavra poética condensada e despojada, uma linguagem rica em sugestões sinestésicas, esse poema é exemplar no sentido de mostrar como Freyre assimila técnicas modernas da vanguarda norte-americana e inglesa e as congrega com o intuito de tornarem vivos aspectos que remetem ao universo baiano. Este, com seus apelos sensoriais, moleza oleosa e erotismo, tem muito a ver, como o senso comum de hoje pode confirmar, com aquele Nordeste de cana-de-açúcar do litoral, que funciona como paisagem modelar capaz de contemporizar antagonismos, uma espécie de coluna vertebral que dá ao Brasil todo o gingado necessário para se inserir, ainda que sub-repticiamente, ou pelas portas do fundo – como os negros da senzala ou a mulata brejeira –, no seleto grupo dos países desenvolvidos.

5 . Estéticas tropicais

O diálogo que Freyre manteve com a tradição literária anglo-americana, desde os primeiros anos de sua formação, e, particularmente, o contato precoce com representantes de movimentos literários de vanguarda, como o Imagismo, não parecem constituir problemas periféricos na sua escrita, mas centrais, na medida em que se apresentam de modo a esclarecer a própria condição híbrida e dialógica de sua obra. Ademais, Freyre, tal como Lowell, considerava-se “líder intelectual da província” (mas não um representante do Imagismo, como ela queria, conforme desejo expresso em uma de suas cartas ao jovem Freyre) e seria natural que suas reflexões, pelo que tinham de moderno e revolucionário, tivessem impacto no cenário cultural do país daquela época.

¹⁸⁹ FREYRE, G. **Talvez poesia**. Prefácio de Mauro Mota. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p. 9-11.

¹⁹⁰ Cf. SPITZER, L. **Lingüística e história literária**. Madrid: Gredos, 1955.

Além de Gilberto Freyre, no contexto da literatura de temática nordestina, outro escritor que dialoga com as propostas vanguardistas norte-americanas é João Cabral de Melo Neto, leitor sistemático de Ezra Pound, T. S. Eliot, William Carlos Williams, Marianne Moore etc., todos, se não partidários, herdeiros dos primeiros imagistas. Livros como *O Cão sem Plumas* (1950) – a despeito da evidente crítica cabralina ao sociólogo formulada neste poema – e *A Educação pela Pedra* (1966) parecem dar um renovado alento à proposta de Freyre de buscar uma forma poética moderna intrinsecamente vinculada à matéria regional, aproveitando de forma criativa as lições vanguardistas para construir uma imagem original de Nordeste. Ressalte-se, porém, que a apreensão objetiva da realidade por uma lírica enxuta adquire não só valor simbólico, mas também apresenta um teor de crítica social e ceticismo de que, no geral, a poética freyriana de sexta passa ao largo. Em *O Cão sem Plumas*, em que João Cabral leva a cabo aquele procedimento criativo e crítico da desmontagem metafórica de que fala Benedito Nunes¹⁹¹, o rio, em certo momento, está tão espesso e seu habitante tão embebido de lama que a própria linguagem se contamina:

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul, [...]

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras. [...]

Algo da estagnação
dos palácios cariados,
comidos
de mofo e erva-de-passarinho.
Algo da estagnação
das árvores obesas
pingando os mil açúcares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde se veio arrastando.¹⁹²

Dessa forma, Freyre, ao enfocar o Nordeste então decadente da cana-de-açúcar, mesmo trazendo à tona os dilemas do presente, o faz com certo otimismo e confiança, numa atitude muitas vezes nostálgica com relação ao passado. Ou seja, cacos de ruína são

¹⁹¹ Cf. NUNES, B. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Vozes, 1971.

¹⁹² MELO NETO, J.C. de. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.73,75.

positivamente revalorizados. Ao contrário, Cabral instila um pessimismo corrosivo ao falar da paisagem putrefata da várzea do Capibaribe ou da secura material e existencial que a paisagem sertaneja encerra. Portanto, se em ambos lições modernas norte-americanas e inglesas são aproveitadas para o mesmo referente, a visão de mundo ocupa, aqui, um lugar diametralmente oposto.

Mas isso não impede que a visão cabralina se aproxime, num momento posterior, da perspectiva freyriana. Para Cabral, Freyre tinha um estilo inimitável. Esta admiração fica patente, por exemplo, no poema “Casa-grande & Senzala, quarenta anos”, publicado em *Museu de Tudo*, de 1975, em que o poeta dá o testemunho do encanto – palavra esta, diria o senso comum, bem anti-cabralina – que lhe causa o movimento sensorial da escrita do primo – e poder-se-ia dizer amigo, mas isso só na segunda metade do século XX, já que divergências políticas os separavam, sobretudo, na década de 40. O contexto da obra de João Cabral, depois de *Museu de Tudo*, também revela uma certa liberdade no tratamento de temas líricos, que até aquele momento estavam, poderíamos dizer, na sombra, como a infância, o período formativo, a família e as paisagens com as quais o poeta conviveu, que passaram, nesta fase, a serem inscritas com “sinal de mais”, ou seja, mais positivamente tratadas, aproximando-se, de certa forma, do lirismo, do sensualismo e até do erotismo freyriano.

*

Sobre o Modernismo brasileiro depois da fase combativa da década de 20, é comum a apreciação crítica de que, no processo de invenção literária, buscou-se uma dialética entre técnica cuidadosamente elaborada e referência regional, assumida por personalidades sensíveis aos dilemas nacionais. Outro movimento dialético que daí deriva diz respeito às transformações assimiladoras e criadoras de outros sistemas artístico-culturais, cujo intuito seria uma recriação e não a plana transposição de tendências estrangeiras. De fato, se não se pode falar em uma recepção direta das propostas das vanguardas de língua inglesa pela literatura brasileira moderna – e do mesmo modo seria difícil falar numa indiscutível influência de Freyre em poetas brasileiros da época –, ao menos se pode apontar para um diálogo bastante sugestivo entre duas culturas, duas tradições literárias, entre escritores que elaboram, cada qual ao seu modo, formas de expressão poética conectadas às questões de seu tempo. Este, no geral, é o sentido das propostas de Freyre, que propaga o desejo, com todas as contradições que lhe são características e das quais não se esquivava, de ver realizadas formas artísticas inovadoras que signifiquem para além dos valores morais, de credo, de classe, de nacionalidade:

Ainda hoje, nos esforços de experimentação daqueles que procuram os “ritmos novos” para “novos estados”, chamados de espírito [...] o “Imagismo” pode vir em nosso auxílio. Amy Lowell e seus companheiros americanos e ingleses de “revolução cultural” nos oferecem ainda sugestões para a solução não de simples problemas de técnicas literárias, mas de problema mais vasto: o de pluralidade de cultura em países como o Brasil, no qual o idioma tradicional precisa de tornar-se cada dia mais plástico, para alargar-se em expressão de descendentes não só de portugueses e de espanhóis, como de italianos, poloneses, africanos, sírios, alemães, judeus, ameríndios¹⁹³.

Assim, Freyre procura articular plasticamente – e positivamente – forma artística e referente social. Porém, distante das concepções de arte como resistência à ideologia dominante ou como afirmação de uma classe, Freyre procura ser sincrético, assimilador, sem ignora o problema que tal atitude afirmativa implica. Fica evidente que a estética do autor conduz a certa ética de partilha, com base na qual a convivência de formas, perspectivas e culturas, mesmo que permeada por paradoxos, parece ser uma solução formal, social e mesmo política viável para aqueles – e por que não estes? – tempos de contradições aparentemente insolúveis.

Mas não seria este desejo de forma partilhável, como espécie de lugar simbólico que todos pudessem habitar, uma construção literária que disfarçaria certa arbitrariedade fazendo valer, em última instância, a vontade do sujeito e de sua classe? Ou, ainda, não seria uma forma de recriar, para uso político e paradoxalmente personalista, um ambiente idílico impossível na modernidade? Essas são questões, de implicações formais, que mereceriam desenvolvimentos futuros. Porém, se a finalidade social pode ser discutida, é inquestionável o vigor e o dinamismo da escrita de Freyre, que, entre curvas e arestas, como um peixe lépido e escorregadio, continua a admirar.

¹⁹³ FREYRE, **Vida, forma e cor**, 1987, p.36.

ANEXOS

A seção Anexos é composta por três documentos, originalmente classificados, na Fundação Gilberto Freyre, como correspondência de Bandeira, os quais, após verificação, constatou-se não serem de autoria do poeta. Tais documentos foram criteriosamente editados e anotados.

Ademais, disponibilizamos cópia de páginas do jornal *A Província* quando este era dirigido por Gilberto Freyre (1928-1930), com destaque para artigos e crônicas de autoria de Manuel Bandeira e do próprio Freyre.

ANEXO A – Carta de Manuel Bandeira a Godofredo Filho[♦]

Recife, 28 de janeiro de 1957.

Godofredo,

Godô¹⁹⁴, saudades de você.

Saudades da Baía.

Em Recife – dor de corno: Gilberto fez o poema da Baía: definitivo¹⁹⁵.

Viagem ruinzinha¹⁹⁶. Vim pensando nisto: como é que o Renato nasceu na Baía?
Com certeza foi por equívoco. Ou mau jeito.

Mulata bonita um dia

Por um mau jeito se peida

Essa mulata é a Baía

O peido, Renato Almeida.

Um abraço do

Manuel!

♦ [Classificação original (FGF) na pasta da correspondência de Manuel Bandeira: doc 35. Carta. Manuscrito autógrafo, com caneta tinteiro preta. Datação: "Recife, 28 janeiro 1957". Papel amarelado, de gramatura alta. Uma folha, uma página. Dimensões: 15,8 cm de largura e 19,2 cm de altura. Documento em boas condições].

¹⁹⁴ Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (1904-1992) foi professor, poeta e pintor. Membro da Academia de Letras da Bahia (1959), é considerado introdutor do movimento modernista em Salvador. A visita de Bandeira à Bahia no ano de 1927 é tema da crônica "Bahia", que registra impressões do pernambucano guiado pelo jovem escritor Godofredo Filho: "Foram dias de tocante contemplação esses em que andei pelas praças, ruas e becos da Bahia na companhia do guia mais inteligente e mais solícito que se me podia deparar: Godofredo Filho. / Foi graças a Godofredo Filho que pude conhecer muita curiosidade escondida da boa terra." (BANDEIRA, **Poesia completa e prosa**, 1974, p.442). Sobre Godofredo Filho, Bandeira ainda deixa esse encantado testemunho em carta a Mário de Andrade: "Esse Godofredo tem 23 anos e é um poetão. Hoje vou com ele ver a Sé, a Catedral e os conventos do Carmo e de S. Francisco.[...]" (ANDRADE; BANDEIRA, **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**, 2000, p.332).

¹⁹⁵ Bandeira provavelmente se refere a "Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados", reproduzido no capítulo quatro desta tese.

¹⁹⁶ Bandeira, quando viajava para o Nordeste, normalmente fazia uma parada em Salvador. Supomos que a carta foi escrita por Bandeira ao chegar ao Recife, em viagem que incluía parada em Salvador, quando o poeta teria se encontrado com Godofredo Filho; porém, possivelmente a mesma não foi enviada, estando mantida na Fundação Gilberto Freyre.

ANEXO B – Telegrama de Manoel Bandeira a Gilberto Freyre*

*23 de agosto de 1971.*¹⁹⁷

SEGUIU PASSAGEM. ABRAÇOS = MANOEL BANDEIRA.

* [Classificação original (FGF) na pasta da correspondência de Manuel Bandeira: doc 45. Telegrama. Datação: "23 ago. 1971.].

¹⁹⁷ Uma vez que a datação "23.ago.1971" é posterior à morte de Manuel Bandeira, ocorrida em 1968, foi levantada a dúvida quanto à correta classificação do documento. Segundo Sonia Freyre, havia um funcionário, com este nome, do Conselho Federal de Cultura, órgão do governo para o qual Gilberto Freyre prestava consultoria, que enviava periodicamente passagens para o sociólogo. Concluímos, portanto, que o remetente era um homônimo de Manuel Bandeira e, portanto, desconsideramos o referido telegrama do conjunto.

ANEXO C – Bilhete de Joanita, Guita e Fredy Blank a Gilberto Freyre ♦

Rio, sexta-feira.

Gilberto,

O Manuel de cá leva um abraço bem amical do trio Blank *who is hoping to see you soon in Rio. Always remembering both to much pleasure the short moments I've had you here in the little house on the hill.*

♦ [Classificação original (FGF) na pasta da correspondência de Manuel Bandeira: doc 53. Bilhete. Manuscrito autógrafo com caneta tinteiro marrom. Autoria provável da família Blank (Fredy, Guita e Joanita Blank). Datação imprecisa: "Rio, sexta-feira". Papel amarelado, de gramatura alta. Uma folha, uma página. Dimensões: 20,9 cm de largura e 26,6 cm de altura. Documento em boas condições.]

ANEXO D – Páginas de *A Província* (1928-1930)

O Anexo D apresenta artigos publicados no jornal recifense *A Província*, no período em que este foi dirigido por Gilberto Freyre. Entre os autores com artigos e crônicas presentes nesta seção, destaco Manuel Bandeira, o próprio Gilberto Freyre por meio de pseudônimo (Antônio Ricardo, Raul dos Passos, Jorge Rialto e Seraphim Jessing), Jorge de Lima, Prudente de Moraes Neto, José Lins do Rego, Ribeiro Couto, Olívio Montenegro, Joanita Blank e Mário de Andrade. Também há nomes que ficaram mais conhecidos localmente, tais como Anibal Fernandes, Júlio Bello e Ernani Braga, dentre outros.

3. "Anna Pavlowa", de Manuel Bandeira

Anna Pavlowa

MANOEL BANDEIRA

(especialmente para "A Província")

A companhia de baillados russos dirigida por Anna Pavlowa acaba de passar pelo Municipal. Como das outras vezes foi grande o successo financeiro. O artistico foi pequeno. Anna Pavlowa, como Bertha Suigerman, como Guiomar Novaes, tornou-se um idolo desse povo, desde a noite em que dançou na pontinha dos pés o divertissement da Morte do Cysner: uma imagem griezista que elle tomou por grande arte. Na realidade Anna Pavlowa, sobrevivente da grande epocha dos baillados russos, reduziu — a arte de Vignistay e Karsavonia a uma successão de numeros de cabaret, com uma ou outra pantomima tão banal quanto os intermezzos de dança nas operas lyricas: os scenarios são quaesquer, a musica, insignificante; os bailarinos, mediocres como meros comparsas. Eis o que resta dos tempos de Shcherazade, de Thamar, das mulheres de Ham Hamor, da Tarde do Tanno?

O baillado russo pertence ao passado. Foi uma coisa que aconteceu. A collaboração de um grande decorador, Bakst, e de um grupo de bailarinos que renovaram o baillado classico pela introdução de novos passos de origem oriental, a revelação da musica symphonica dos cinco russos, concorreram para levar de sabida ao fastigio uma forma de arte que era uma embriaguez

de todos os sentidos e parecia fechar o cyclo de duas estheticas moribundas — o symbolismo e o impressionismo. Depois disso vieram outros ideaes de tendencia mais constructiva e o baillado russo, embora houvesse tentado adaptar-se, foi decahindo rapidamente. Hoje o astro que representa a nova concepção do baillado está na Allemanha e se chama Mary Vygman. Não é uma mulher bonita. Não tem a leveza nem a graça quasi immaterial

Transporte por estrada de ferro e por automoveis

Recebemos:

- 1) Fazem-se muitas vezes comparações entre os transportes feitos pela Estrada de Ferro e pelos auto-caminhões, attribuindo-se a estes a virtude da economia.
- 2) A comparação não é justa porque as condições não são eguaes como se vê do seguinte quadro:

a) As estradas de ferro constroem em geral e conservam sempre á sua custa a Via Permanente.

b) Os passageiros e as mercadorias transportadas nas estradas de ferro pagam os impostos federaes de Viação e de Transito.

c) As estradas de ferro são obrigadas a transportar certas mercadorias pelo custo e por vezes abaixo do custo, como acontece com a canna na Great Western.

d) As estradas de rodagem são construidas e conservadas á custa da Nação ou dos Estados.

e) Os passageiros e as mercadorias transportados nas estradas de rodagem escapam ainda aos impostos.

f) Os autos-caminhões só transportam as mercadorias que escolhem, pelos preços que lhes convem e quando lhes convem.

de Pavlowa. Tanto ella como as alumnas de sua escola dançam sem musica mas as suas criações plasticas são ineditas, impressionam profundamente e correspondem aos novos conceitos que orientam a vanguarda em todas as artes

Resta á Pavlowa a gloria de conservar aos 56 annos todo o prestigio da primeira mocidade, pois é sempre com a mesma flexibilidade, a mesma frescura ingenua dos 18 que ella encanta o publico pela illusão de um sabio artifício.

5. "O velho Recife", com desenho de Manoel Bandeira

O velho Recife. — Recife ainda demorara em desenhar trechos de curiosos aspectos que infelizmente século passado que o não alista. Mansfield achou tão cheio de caracter, nas suas casas de tipo português, com telhas acanaladas e azas de andorinhas nos beirões, encontrou em Manoel Bandeira um traço do tempo.

Antes d'elle nenhum artista se

Reuniu Manoel Bandeira uma admiravel collecção de todos esses

curiosos aspectos que infelizmente vão aos poucos desapparecendo. Quando na verdade elles se podem conservar nas suas linhas e no seu espirito, conciliados com a necessidade de melhoramentos urbanos.

O desenhado de Manoel Bandeira que hoje publicamos fixa um recado do velho bairro de São José.

6. "A curiosa vida de um santo", de Jorge de Lima

A curiosa vida de um santo

Causa um bem estar na gente
ler a vida de Filippo nesta época
de conversões cabotinas

JORGE DE LIMA

(Depoente para A PROVINCIA)

Não sei porque o abade Irmão monastês a R. Filippo de No-
rr, — padroeiro dos humeritas,
se o chamasse assim teve as suas
razões. Eu, del para chamar ao
Filippo Pippo — o inventor da hu-
militação intelectual. Quero deste
modo conferir-lhe um outro título
de lavoura — que ao do inventor
da Ordem do Oratório já a huma-
nidade lhe deu com a aprovação
de Roma e de Deus.

Chegastes quando desceste das
lavouras, deveria ter posto a sal-
va esta generosa invenção de pro-
gresso espiritual que não as milhas
deante da relativa utilidade das
outras. Entre ellas ha porem dife-
renças pueras: as lavouras ma-
terias são additivas e se contam
pelo aproveitamento e pelas modifi-
cações muerdas da machina; as
lavouras do progresso espiritual
no caminho da salvação são supres-
sivas: conseguem a mudança da al-
ma para santificação.

O Buon Pippo fabricou na offi-
cina das humilhações a machina de
desmudar a alma. A machina de
inventor é curiosa. Erausto Helle
e physiologista do santo, não con-
seguiu descrever a lida muito in-
teressante de Nery. E se não fosse o
conhecimento que eu tivei ha me-
ses com Paulo Dancour não teria
descoberto a grande descoberta de
Filippo.

A VIDA BOHEMIA DE UM SANTO

A 12 de Março de 1622, Gregorio
XV canonizava com a festa mais
derramada que Roma já teve, ele-
co santo de uma vez: Ildardo,
Izaurio de Loyola, Francisco Xa-
vier, Theoria de Jesus e Filippo
Nery. Mas nenhum delles nem mes-
mo Ignazio teve a glorificação po-
pular de Roma Santo Filippo. Não
era cur e os outros falassem ao co-
ração de Roma uma lingua barba-
ra e Filippo a sonoridade artifi-
cial de Corte Savelia ou de Monte-
rigione. Roma fremia, porque Pip-
po era o ratão de Roma. E Ro-
ma gozava um bonade deuses bohe-
mias suaves, amigos de suas ruel-
las excessas quer esses bohemios
sejam santos ou defiaes. Quando Pi-
ppo Nery appareceu em Roma,
Roma apodreca. Roma era lida que
Paulo Dancour descreve: "Chalhe-
reusement, une suite de pontifi-
cates splendides compromettant l'ov-
re des constructeurs; un pape de
dix-sept jours, Urban VII: un pape
de dix mois, Gregoire XIV, qui n'a
que la temps de mourir; et vint en-
fin Clement VIII dévot, austère,
travailleur, qui va vivre un long
a viege dont Filippo Nery ne verra
pas fin. Autour du Trône pontifi-
cal, on voit les papes, étonnantes
promettant, Des jeunes saints,
comme Charles Borromée, glori-
fient la pourpre, et de jeunes bandes
violées, comme Innocent de Mon-
te, la courront des pires hontes".
De Roma de 1529 dis Tolius Bis-
diers em seu De-konstant: "Zu Je-
ner Zeit war Rom durch Lautes
korrupt".

A esta Roma decadente chegou
um dia de 1522 o Pippo bohemio, com
seus 13 annos e seu batão de ga-
nha. Vinha de Florença que elle
mimouso do alto da Costa do Sor-
to Gregorio esbaldado com Savonarola
em San Marco e com san Catharina
de Ricci que elle não e coequen-
tancia. O Pippo fora o bom garoto
que Florença mimara com o leite
de sua vida aventureira e mystica.
Pude as lanchas retribuições de
Palladian da cidade as proci-
sões, ao Christo-Rei do Piemonte,
as quantias da Mantua, dos deha-
tra da Liberdade, a sua Juventude;
Occurren tanta, mas, heróica. Via-
va a Roma para ser ermita a seu
o jello "jerail et mystique, toujours
riant, toujours un peu cocasse". E
o jai por dez annos em que o em-
la bohemio encute de suas grava-
to chertas os revólutos da cidade, mo-
vando suas "excesses" pela Via
e Appia lina de Cecilia Metella sob
os pinheiros plantados de lina que
sechem a solidão de S. Sebastião
na como freires contemplativos "reap-
to de as horas das grandes vigílias,
la foi anos vagabundagem uns set-
e coudouso Persilano Roma o veto re-
tirar para ser padre malgré lui.
"Por esse tempo de Cencião E de
e Insuperado, este eremitismo sem re-
gra, é mesmo uma provocação. E
preciso ser padre, é preciso fa-
u-serie padre, Deus o quer". E
Persil lembra-lhe até o exemplo
dessa peregrina trilha e lida, esse
lido da Brevete que pregava um
de jargon lapomable e que fizera tanto
de jola Igreja como os matões da
Igreja.

A VIDA SANTA DE UM BOHEMIO

"Et, c'est ainsi que Pippo sera
"pretre forcé". Et c'est là. Poi lido
bohemio padre como o foi bohemio. En-
ves de cações no lina, erções no
etras. E o jaiem. E as contem-
plações. E o sofrimento. E Pippo
fico santo. O seu o atribula nos
etras. Matos de sua compaña-
po de bohemio o form encontrar
lido, destiguado, lido como um

cadaver. E esse Pippo era um in-
tellectual. Aluda muito joven na
sua phase de vagabundagem vira
de costume.
Persilano affirmava "que elle era
inclinado ás meditações mais pro-
fundas e diavris como um philo-
sopho inquieto". E o bom Pippo é
sant forcé. Affinem os curtos, as
navidades de sua existência. E a
justamente a essa gente que elle
detesta. Donceur affirmava que "il
n'y a rien en il abominable comme ces
putation de sainteté. Pour obtenir
le mépris, il jovera le stupide, il
fera le bêtise, formes plus aures,
pensées, de l'humilité. "Et non
son sainto, dit elle, en não faço mi-
lagres. Os meus doentes se curam
porque lida c'e. Mas o povo não
quer saber de nada: Messer Filippo
é um santo, lida Messer Filippo fo-
ra da lida e fada o Oratório.

Ao Oratório chegam as intelligen-
cias mais brilhantes de Roma, des-
de o elegante Francesco Maria Te-
rrenti a Giovanni-Battista Salviati,
sobrinho de Lido X.

Com os sobrios Filippo diuente e
enima. Mas sem preoção sem
atitude, sem premeditação de fazer
o grande homem. E se algum o de-
quer mesmo, forçar-lhe o ermita-
xi ou lioonger-lhe o talento é elle que
arremette: Grosse besta!" Insuper-
alinho! "Eile un homme de lida,
nó se sente esquerdo em ir da tar-
da parlar com os seahores botica-
rios e flandinos ignorantes conce-
sar horas seguidas com os vendido-
res de legumes das portadas do Coli-
tyseu.

AS PREDILEÇÕES DO "BUON PIPPO"

Donceur, acrescenta: Car il est
délitieux uni. Mais ceus qu'il a le
plus chéris, ce sont les jeunes gens
et les petites bêtes. Les dévots, il
les abomine. "Na verdade nada mais
abominavel para o santo que os
ratos de martiria, certa gente ro-
busta e mal cheirosa que anda á
rolha dos padres como varais zimo-
bideras. O bom Pippo por lida ama
a patinha de San-Girolamo pos-
que ella era toda e sempre bichinha.
"qui sentait le mme, à cause de sa
virginité".

Mas a quem Filippo mais amou:
mais do que os elegantes Tarrati,
mais do que Salviati, primo de Ca-
tharina de Medici, mais do que o
cardel Cusano, mais do que o car-
deal Santa Fiora foi a este intelli-
gente Curioso — que era mesmo o
cho de cardinal Santa Fiora.

Um dia, vicem polares entrevis-
ti-lo.

Precediam mais habilitar que
oovir. Filippo foi lido a R. Eace,
claus de Mainardi.

E o lido que eu mais gosto de

de.

Os vilantes ficaram escondi-
sados: um santo a lido Mainardi
Filippo comprehendendo o dena
pontamento e lido tres paginas
pientes do "laxuriosus Arletto". E
alio satisficte com lida: "lida livro
este de Mainardi".

CABOTINISMO RELIGIOSO

Causa um bem estar na gente
ler a vida de Filippo nesta época
de conversões cabotinas. Mas dia
menos dia se jorram annuários e
conversões de um siernao qualquer
como se estivessem chamando a at-
tencão do publico para um ratão de
dano. No dia seguinte os novos
convertidos — les nouveaux saints
— mandam o retrato para os jor-
nais contem por mudo como sa-
deu o milagre.

Ora, um individual que nos tem-
pes do hoje parou em lido, de
a lida de um sujeito vestido do
frack de 2 botões e chapéo cido
como se usava ha vinte annos. São
Filippo gostaria de encobrir a sua
santidade com o frack desses mo-
distas. Porver que zanzalida mais
a Deus a humilhação desses conver-
tidos, se continuassem vestidos de
Voltaire ou de maneco de lido do
que o espalhado que elles fazem
ocazancando o quarto nos reporte-
res mostrando a lidação de Chris-
to á cabeciera, e em suas mecas de
estado prepositamente commenta-
dos e Martinis em o Vesiliet.

Que differença. Pippo Bonoi! R-
ta a lida e tos Mainardi para en-
robrires a sua santidade. Tu, Pippo
Bohemio — lido de Roma e lido-
eiro dos humeritas em creador do
Oratório, mas para mim o Inven-
tor da mais edificante humilhação
intelectual.

Independencia do
Uruguay

Penna hoje o aniversario da in-
dependencia nacional da Republica
Oriental do Uruguay.
Commemorando a data, servio
bastrado em todos os conselhos
os servilios respectivos, não ha-
vendo porém recepção official no
consulado daquella piz amiga.

8. "Jornais de sensação e jornais discretos", de Manuel Bandeira

Jornais de sensação e jornais discretos

Em artigo para A PROVINCIA o sr. Manuel Bandeira faz o confronto entre os jornais de sensação e os discretos; e critica o ar desmanchado dos primeiros, sempre exagerados, a começar pela chantage do sublime nas cabeças das notícias.

A imprensa do Rio conta mais um órgão de valor no matutino "Diário Carioca", lançado à circulação pelo sr. E. de Macedo Soares.

O "Diário Carioca" satisfaz, desde o número inicial, a primeira exigência que se faz a um jornal: o bom aspecto gráfico. Nesse ponto ele é infinitamente superior à primeira folha editada pelo mesmo sr. Macedo Soares, "O Imparcial", que materialmente não passava de uma espécie de edição Quaresma do "Excelsior" de Paris.

O "O Jornal" do sr. Assis Chateaubriand

O cabeçalho, os títulos, a distribuição da matéria, os tipos, tudo isso que entra para definir a fisionomia de um jornal, dá ao novo diário uma aparência de elegância que até agora, na imprensa carioca, só "O Jornal" possuía. Como a folha do sr. Assis Chateaubriand, o "Diário Carioca" é um jornal "bem forte".

A reportagem nos jornais do Rio

O Rio, todos sabemos, tem uma imprensa de primeira ordem, sobretudo no que respeita à reportagem, que é ágil e dotada daquele instinto de oportunidade que faz os bons "forwards" e os bons "reporters". Em todo jornal carioca a "linha", como se diz na gíria do

"football", é veloz. Sabe escapar e shootar a "goal".

O defeito que estraga tão belas qualidades é o de certos "teams" que jogam para a galeria das gerais. Dá uma lamentável quebra de elegância, que é a falha mais sensível da imprensa do Rio.

A chantage do sublime

Os jornais têm um ar desmanchado; "fussy", às vezes repugnantemente sentimental, sempre exagerado, a começar pelas cabeças das notícias, nas quais se faz todos os dias a chantage do sublime.

Depois de um crime menos banal ou de um vôo transatlântico para o Brasil, a imprensa do Rio me dá impressão de uma casa de comodos da rua Senador Eusebio quando a d. Julia Lavadeira acabou de meter a mão na cara da Chica do Alfredo.

Reserva e concentração

"O Jornal" nesse ponto é mais controlado que os seus colegas. Por isso me agrada. Acho um prazer para os olhos correr a vista em gazetas desse feitio. Me dão, pela reserva e concentração da matéria editorial, uma sensação de boa educação, daqueles hábitos vigilantes que suprimem os reflexos inúteis e... a pouca-vergonha útil.

9. "A cidade de Pernambuco", de Júlio Bello

A CIDADE DE PERNAMBUCO

Em artigo para A PROVÍNCIA o sr. Julio Bello acha que as cidades de Recife e Olinda, reunidas, devem no futuro constituir a grande cidade sonhada por Souto Mayor.

Quero as vezes acreditar que aquelle sonho de Souto Mayor de ver o Recife ligado a Olinda para constituir a cidade de Pernambuco seja, dentro de alguns annos uma realidade.

O actual proposito dos poderes publicos de juntarem a capital Beberibe e Arruda, desmembrados de Olinda, e Tigipió de Jaboatão, que não é mais que a consolidação de uma propria conquista natural do Recife prolongando-se para o norte e para o centro, quem sabe se não será dentro de alguns annos ampliado com a addição de Olinda?

Acreditando na boa fé e na sinceridade de alguns que protestam contra o desmembramento cogitando daquelles districtos do centro, penso, no entanto, que não as inspira reflectido e bom patriotismo.

Beberibe e Arruda

Beberibe e Arruda não poderão passar á categoria de uma especie de Alsacia-Lorena que duas nações estrangeiras disputem com as armas na mão, ou a plebiscito como Tacna e Arica.

Veremos talvez mesmo os da geração actual talvez constituida a grande cidade de Pernambuco, sonho daquelle illustre espirito que tão devotado foi ás causas do nosso passado e que com tão bom e tão legitimo pernambucanismo servio galhardamente aos interesses da reconstituição historica da nossa provincia e das nossas boas tradições de honra e patriotismo na Colonia e na Monarchia.

Olinda ligada ao Recife

Olinda ligada ao Recife mereceria o desenvolvido carinho da elite administrativa do Estado, naturalmente a serviço da Capital.

Sob esta guarda mais escrupulosa e mais intelligente e capaz ficariam os thesouros que ella encerra dentro de seus templos, os monumentos mutilados da longinqua epoca colonial que a vigilância dos poderes publicos do Estado preservaria melhor de absoluta ruína e perdimto.

Dentro de seu ambito e para compensal-a de se elevarem no Recife as sedes dos tres poderes publicos do Estado, se levantaria então o Palácio Municipal da grande cidade de Pernambuco, e Olinda voltaria a ser também a capital da antiga região, renascendo no seu esplendor da epoca colonial vinculada á competidora daquelle tempo da guerra dos Mascates.

Pernambuco, em vez de Recife

Alfás essa designação. — Recife para nossa cidade é toda regional e quando muito brasileira. Na Europa e nos Estados Unidos ninguém a conhece senão pelo nome — Pernambuco. Foi a pedra furada do porto que lhe deu origem do vocabulo indigena que a corruptela da lingua transformou.

Isto afinal, pode ser apenas um sonho que já mais se corporise, um sonho que vá apenas pelos annos

continuando a se esboçar nas imaginações que a influencia de Souto Mayor impressione.

As duas cidades têm aspectos muito differentes. Não creio que o plano que se venha a adoptar para a urbanisação moderna do Recife possa interessar Olinda. Olinda constituirá, a meu ver, sempre um problema a parte para ser estudado e resolvido.

A presença do sr. Agache entre nós e um interessantissimo artigo sobre urbanismo publicado n' A Província, de quinta-feira passada, suggerem-me estas reflexões incidentes.

O problema do trafego no Recife

Parece-me a mim, absolutamente profano no assumpto, que antes mesmo de fixado qualquer projecto de remodelação da Capital, ha dentro do Recife um grande inconveniente que precisa ser removido: é o congestionamento do trafego na grande arteria que começa no Cans do Porto e vai até a Matriz da Boa Vista.

Esse interesse do trafego tem que ser capitulado entre os maiores e mais urgentes assumptos do urbanismo porque delle depende até a vida dos cidadãos.

Sem querer falar dos electricos que não poderão circular senão por sobre seus trilhos assentados no correr de toda aquella arteria, parece que os automoveis não querem ou não podem passar por outras vias transversaes, ou que se sentem diminuidos e amesquinhados se por ellas circularem.

Isto dá lugar a consequentes desastres, muita vez com as perdas de vida que se registram.

Bondes e automoveis

Tem-se até a impressão de que bonde e automovel antes se combinam como facelhoras para asspasmarem transeuntes incautos na via publica. Diz um para o outro: — "Você atira-o em cima de mim e eu corto-lhe as pernas em dois tempos".

Voltando, porém, ao assumpto do principio não vejo que haja na sonhada conjuncção das duas riveas do tempo da Colonia senão a addição de duas quantidades distintas que não perderiam o seu valor e o seu caracter proprio ligando-se para constituir Pernambuco que seria tanto criação de uma como de outra.

União com igualdade

Ligar-se-lam por uma avenida como por um grande traço de união ou mesmo por duas avenidas como essas duas linhas parallelas que em mathematica significam sempre igualdade. De uma ou de outra forma reunidas Olinda e o Recife sel-o-lam, assim, por signaes muito sympathicos: união ou igualdade.

Cidades, nomes, lugares, templos, monumentos, tradições subsistiriam. Apenas ellas duas, irmãs e rivas alladas, convergeriam para a criação da grande capital sonhada por Souto Mayor: Pernambuco.

10. "O desencanto da ideologia do século XX", de Anibal Fernandes

**O DESENCANTO DA IDEOLOGIA DO
SÉCULO XIX**

+++

**"O mundo de após guerra des-
fez os erros, as ilusões e as char-
latanices de um século infectado
pelo verbalismo".**

ANIBAL FERNANDES

O fenómeno político de após-guerra

O fenómeno político de após-guerra é a falência integral de certos princípios que nos vieram do século passado. De um século morto que não pode mais inspirar e educar a humanidade. De um século diante do qual se ergue uma outra imensa que é a guerra de 1914, operando a maior inversão de valores, depois da aparição do cristianismo.

A primeira reacção anti-democrática

Toda gente viu como o parlamentarismo inglês, importado para os países latinos, deu humilhação da sua incapacidade.

Por sua vez, o fetiche das cortas, noções repudiatamente empíricas e vagas como "liberalismo", "democracia" e "democracia liberal" perdeu integralmente a sua influência quasi mystica.

A primeira reacção anti-democrática e anti-parlamentar que surgiu como consequência do espírito novo de após-guerra foi a russa. Ninguém menos romântico, menos idealista do que Lenine.

Pierre Lafue que o encontrou ainda em Lausanne como o conspirador silencioso que aguarda a sua hora, dá-nos um retrato impressionante desse conquistador.

Lenine appareceu a esse homem de milha geração como o interprete do dynamismo universal, como um realista que não se detinha a nenhuma phantasia os resultados do seu empreendimento, como o descendente daquelles grandes autocratas voltadas para a Ásia, o demolidor da ideologia liberal, desprazendo os torneios oratorios e os vãos exercícios da intelligencia. O que Lenine, esse educador imprevisto, ensinou a Pierre Lafue foi a desbaratar-se de todos os detritos de uma epocha extinta.

A reacção de Lenine

Lenine operou dentro da velha doutrina marxista uma reacção violenta contra aquellas idéas que pareciam a expressão da mentalidade burguesa.

E si hom que o marxismo integral resultou numa utopia e que o espírito revolucionario se teve que adaptar a contingencias economicas e politicas, a verdade é que da terra russa onde se ptyende haver instaurado o paraíso das classes trabalhadoras e produtores, com o cancelamento dos elementos tidos parasitarios, tanto o parlamentarismo como o liberalismo romantico de 89 foram banidos de uma vez.

Lenine reagia contra a ideologia do século 19 e revivia o movimento comunista dos séculos XI e XII.

A experiencia fascista

A experiencia russa operada no sentido de extrema esquerda mostrou que era possível rever dentro de outra orientação as idéas politicas que nos legou o mundo de antes da guerra. O fascismo, escreve Pierre Lafue, procede dos ensinamentos tecticos de Lenine. O phenomeno bolchevismo é puramente russo. Por isso é que o auctor de livro "La France perdur et retrouve" pergunta si o bolchevismo rural não é, no lugar em que se installou, senão a expressão de nossas doutrinas conservadoras.

"Não se modelam todos os povos do mesmo modo, dizia Lenine."

E Mussolini confirmou-o na Italia. Mussolini é outro educador imprevisto, é outro physico.

A Italia era um dos países mais atacados pela doença do liberalismo e do parlamentarismo postigo. O estado de inquietação e de desequilibrio a que chegou esse país traduz positivamente uma tensão nervosa das mais alarmantes. Golliti era aquelle homem velho e acabado que assistiu impassivel como um budha a invasão das cidades e dos campos pelas massas proletarias subvertidas.

A infespacidade dos velhos partidos e dos velhos politicos para resolver os problemas do após-guerra culminara na passividade oriental do giolitismo.

Quando Mussolini decidiu-se a intervir, operando a revolução dos elementos da ordem contra os da desordem, a Italia estava dominada pela anarquia.

O fascismo operou o surgimento nacional, realçando as formas sociais mais avançadas e reintegrando o país no papel que lhe cabia desempenhar no Continente.

A reacção fascista não se contentou a propaganda comunista na Europa, como provocou nos países attingidos pelo mal estar parlamentar o democratico reacções benéficas. Foi o caso da Hespanha, onde as Cortes perturbavam a vida politica e administrativa do país. Foi o caso de Portugal, onde pequenos focos de infecção revolucionaria espalhados pelos dois grandes centros urbanos favoreceram a explosão de levantes periodicos.

A Polonia seguiu a orientação italiana e o marechal Pilsudski que a principio recusara o cargo de presidente da Republica por lhe parecer um lugar puramente decorativo, acabou impondo a sua vontade.

Todos esses movimentos operaram na Europa o descredito das antigas phantasias politicas e o fim da ideologia liberal.

O que nos incumbe fazer

O regimen presidencial não deu tempo a que nos países americanos o parlamentarismo postigo produzisse os seus máis efeitos. Os presidentes, tanto no Brasil, como na Argentina, como nos Estados Unidos, são personalidades fortes e não simples figuras protocolarias. Isso não quer dizer, porém, que não tenhamos que combater o verbalismo politico de praça publica e as ilusões de uma democracia de contrabando. No verdadeiro sentido da palavra, nada temos que fazer para attingir as reformas democraticas. Carecemos de reformas sociais. E quanto ao systema eleitoral, si tivessemos que fazer qualquer reforma, seria no sentido de acabar com o sufrágio universal, e substituí-lo pelo sufrágio profissional, o qual correspondendo de facto ás aspirações e anseios do povo.

O mundo de após guerra desfaz todos os erros, todas as ilusões, todas as charlatanices de um século infectado pelo verbalismo e restaurou o senso das realidades que ha de orientar os povos para melhores destinos.

11. "O sentido universal da obra de Maurras", de Anibal Fernandes

O sentido universal da obra de Maurras

A nós, brasileiros, o pensamento maurrasiano transmite o sentimento da tradição, da ordem moral, o horror á anarchia

ANNIBAL FERNANDES

(Especial para A PROVINCIA)

Um logico e um intensivo

Maurras não é um theorico ou um aerobata de phantasias politicas ou um mystificador: é um logico, um cerebral e um intensivo.

A sua obra é um monumento de clareza, de ordem e de precisão scientifica.

Ella não tem apenas um sentido nacional, mas um aspecto universal e humano que interessa a todos nós.

O horror á anarchia

Si é verdade que todo o esforço do pensamento maurrasiano converge na França para a restauração da monarchia, a nós ella transmittio o sentimento da tradição, da ordem moral e o horror á anarchia, seja ella qual fôr.

O que devemos ao positivismo

Nós devemos ao positivismo o regimen presidencial que nos libertou do caos do parlamentarismo democratico. Ora é o positivismo que dá ao conjunto architectural da obra de Charles Maurras qualquer coisa de rude austeridade. E

ART. 3.º — No contracto a ser lavrado, serão dadas providencias sobre o pagamento dos juros dos adiantamentos feitos pelo Estado e sua amortização, de maneira que, no prazo de dez annos, a contar da conclusão do ultimo grupo de predios, o emprestimo esteja integralmente resgatado.

ART. 4.º — Os predios serão do tipo, dimensões e altura estabelecidos por accordo da Prefeitura com a pessoa ou firma contractante.

ART. 5.º — As apolices serão do tipo commum, juros de 7 por cento e amortização em dez annos, e serão putregues pelo pregu de sua cotação.

ART. 6.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Comissões, em 10 de Setembro de 1923.

A. Moraes Coutinho — Presidente.
Anísio Galvão — Relator.
Affonso Baptista.

O sr. Rangel Moreira, tambem membro da comissão de Fazenda, assignou com restricções o parecer, dando o seguinte typo em separado: "Sou de parecer que o embelezamento do Bairro de S. Antonio seja uma realidade — que vem provar mais uma vez os bons propósitos do Governo pelo engrandecimento de nossa vida economica e par do embelezamento de nossa urbe — provado que seja a idoneidade financeira da firma requerente ou de outra qualquer firma que se proponha a entrar em negociações com o Estado.

Sala das Comissões, em 10 de Setembro de 1927. S. de Rangel Moreira".

como a través do pensamento de Augusto Comte não é difficil encontrar um forte sentimento poetico, assim de toda a vasta construção maurrasiana se desprende um perfume de poesia.

Entre o positivismo e o catholicismo ha pontos de contacto tão intimos que se impoem á evidencia e por isso elles coexistem no pensamento de Maurras. Intolizmente os homens de 89 ainda se não haviam libertado da infecção liberal a ponto de realisarem entre nós as reformas sociais e politicas pregadas pelo comtismo. Dahi o suffragio universal que terá de ser logicamente substituido pelo suffragio corporativo. Em compensação a concentração do poder executivo nas mãos de um só, directamente responsavel, foi uma conquista do positivismo sobre a mystificação democratica.

As grandes reformas sociais

Todas as reformas sociais realisadas na Russia pelo marxismo e as que Mussolini effectou na Italia com o fascismo estão dentro da obra de Maurras.

O que Lenine fez na Russia foi reviver o movimento communalista dos seculos XI e XII na França.

O que é ser maurrasiano

Ser maurrasiano não é concluir pela monarchia. Barrés tinha bem o pensamento de Maurras e concluiu pela Republica. Aliás concluir pela Republica ou pela Monarchia é uma questão puramente subjectiva. A monarchia em certos paizes é uma necessidade, uma contingencia fatal e organica. Quando Mussolini executou a marcha sobre Roma a bandeira que elle tinha nas mãos era a da monarchia. Na Hespanha, o movimento de Primo de Rivera foi essencialmente monarchico e dynastico. A monarchia está visceralmente ligada ás populações do antigo imperio Austro-hungaro. A Republica na Grecia quer dizer anarchia. Em outros paizes fieis á tradição monarchica a Republica é a desordem.

Concluamos pela Republica

Concluamos pela Republica, por uma Republica em que a auctoridade seja cada vez mais forte, eliminados os preconceitos e as mystificações liberais.

O que é preciso rever

O suffragio universal é um principio a ser revisto. E a revisão seria não no sentido de instituir o voto secreto que não resolve nada, mas o suffragio corporativo. É preciso tambem rever a noção re-

12. "Uma grande festa popular", de Manuel Bandeira

Uma grande festa popular

Nenhuma festa no Rio é mais brasileira, mais tradicional, mais poética que a da igreja da Glória, diz o sr. Manuel Bandeira em artigo para A PROVINCIA.

MANUEL BANDEIRA.

(Especial para a A PROVINCIA)

O mês passado, neste jornal, alguém falando da festa de Santa Cruz notava que onde o brasileiro mais sente nos olhos o gosto do Brasil é deserto quando fica parado num pato de igreja em dia de festa do Nossa Senhora. O cronista da "A Província" acentuava como aspecto dominante nessas festas a democracia sincera da gente de toda a cor que se mistura.

Esse prazer, que ainda subsiste forte no ambiente mais tradicional das províncias, quasi desapareceu na capital do país. São sempre as mesmas as festas de igrejas, mas sem aquele pitoresco popular que desenvolvia no adro o movimento ruidoso das romarias.

Dois festas tradicionais

Hoje no Rio só há duas solenidades religiosas a sustentar a tradição da cidade: a festa da Penha e a festa da Glória.

Nunca fui à festa da Penha. Parece que ela é cara sobretudo aos portugueses. Na minha infância eu olhava com uma certa repugnância para os magotes de labregos que deado cado acudiam de todos os pontos da cidade para o longínquo subúrbio da batenda, emprestando às ruas uns tons exóticos de aldeia lusa. Iam a pé ou em caminhões ou carros abertos. Levavam em evidência grandes garrafas de vinho verde ou uísque, o que fez dizer a Arthur Azevedo "que pareciam mais amigos do virgem do que da Virgem". A tiracolo traziam corações fiadas de rosas coloridas. Estas rosas coloridas eram o complemento indispensável, o distintivo, mais característico do folião da Penha.

De tudo aquilo me ficou uma recordação de brodo português. Por isso a Penha nunca me interessou.

Memória de um desenho de Debrat

Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa do Nossa Senhora da Glória em agosto. O pequeno outeiro da Glória com a sua capelinha duas vezes acicular é um dos sítios, mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas cascas de encosta, cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igreja tem tanto carácter na sua simplicidade que ela só e mais uma, meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina. Embaixo a paisagem se renovou completamente. Lembrou-me bem do largo da Glória e da Praça da Lapa da minha meninice, um desenho de Debrat. Desapareceu o casarão do mercado que servia de caserna e despertou o interesse público quando abrigou por algum tempo as jagunças e jagunzinhos traídos de Canudos. O largo estendeu-se ali à falta do outeiro. O caminho da praia alargou-se em ampla avenida arborizada. O velho edifício onde no império estava instalada a Secretaria dos Negócios Estrangeiros foi substituído pelo Palácio do Arcebispo. Todas essas mudanças vieram realçar ainda mais a graça ingenua da igrejainha. Só uma coisa a prejudicou: a mole pesada do Hotel Glória. O observador que olha do morro de Santa Tereza não vê mais o perfil da capela recortado no fundo das águas.

A festa da glória no romance de Alencar

O romance "Luciola" começa por um encontro no adro da poética ermida no dia de N. S. da Glória. Já naquele tempo, 1855, diz Alencar pela boca do herói, era aquela uma das pomposas festas populares da

corte. Descreve-a o romancista: "Todas as raças, desde o caucasião sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nullidade até a vil lisonja desfilaram..."

O que Alencar não destacou

O cortejo de Alencar não está completo. Faltam a ele as figuras principais que eram as das sobranas. Os imperadores do Brasil, e antes deles os vice-reis e governadores gerais, compareciam todos os anos à festa, prestigiando com a sua presença a tradicional solenidade, e isso dava aos festejos um cunho de comunhão democrática que singularizou entre todas as comemorações eclesásticas o dia da Glória do Outeiro. Era uma festa a um tempo popular e aristocrática. D. Pedro II, a Imperatriz, a Princesa, acompanhados de numerosos seqüitos onde se viam os homens mais ilustres e as senhoras mais lindas da corte, saíam à luzerna colina e de volta da solenidade desfilavam na Secretaria dos Estrangeiros. Foi pena que na república se quebrassem essa tradição. Ela merecia cultivo.

Com a queda da monarquia os festejos perderam inteiramente o elemento aristocrático. O progresso da cidade rombon-lhe muito da concorrência. Em todo o curso o dia de Nossa Senhora da Glória ainda não desceu à categoria de festa de bairro. Ainda é uma das raras festas populares da cidade.

Um presépio que se confirma

Tive este ano particular interesse em visitar a ermida porque sabia que a irmandade levava a efeito grandes obras internas de restauração. Entrei o portão, reconheci, embora tivesse lido nos jornais uma entrevista em que um dos membros daquela irmandade assegurava o respeito que presidira aos trabalhos de restauração. O meu recibo infelizmente se confirmou. A pequenina nave, despolida dos seus ornatos e das suas arcaicas pinturas, perdeu o encanto que lhe vinha da idade. Tudo está novo ou renovado. Batizei os olhos e saí depressa para guardar nos olhos a imagem das velhas capelinhas e tribunas, como eu as vi até o ano passado.

O pato da festa

Fôra, no adro, faziam o clássico leilão de prendas. Itapuzes e moças namoravam. Isso "ao menos" não mudara! Só que a concorrência amultou-se bastante. A festa é hoje exclusivamente do povo ou de um raro artista ou não tão raro amante de negras e quadrins.

As ladeiras de aceno rápida regorritavam quando descia às onze da noite. Não havia mais como nos outros anos, as bandeirinhas e galhardetes enfileirados o largo da Glória, nem casela cheirosa espalhada no chão. Olhei ainda uma vez para o "comero octogono" dos venos, detestáveis de Porto Alegre; a ermida luzia docemente. Não se viam as luzes, estando o templo iluminado pela projecção de fortes focos eléctricos dissimulados na amurada do adro. O efeito é muito bonito porque não mascara as linhas ingenuas da igreja. Todavia não dei de ter saudades da iluminação primitiva que formava em tórção da capelinha um como manto brilhante de Nossa Senhora.

14. "O senhor de engenho virou tema da moda", de José Lins do Rego, e "Cartas do Rio", de All Right

O senhor de engenho virou tema da moda

A literatura entre nós tomou conta do senhor de engenho antigo e num excesso de saudosismo está criando uma figura falsa, de um colorido de estampa de santo.

JOSÉ LINS DO REGO
(Especial para A PROVÍNCIA)

Um meu amigo quando ha' uns meses esteve em Recife mostrou-me um livro d'um americano onde se fazia a mais justa critica aos senhores de engenho da vida brasileira, nos Estados Unidos, isto é, de velhos senhores de engenho de guerra civil. Aos senhores que foram para Chicago, e, principalmente, sobre umas boas traduções de sua terra, dando por esta muito especulação dos dinheiros de copa e espada de suas saguões.

As vivas que primeiro se casam
Gentilmente as vivas que mais
gritam são as que primeiro se casam.
— derramam lágrimas, como
uma torrente, e depois de seis me-
ses de olhos começam a chorar por
outro que é diferente. Essa crítica
po' que é honesta gritar com o cul-
do do marido a porta.

Logo se dá também ao com as
vivas de verdade. As vivas des-
te gênero por toda a parte. Vivas
nos assumptos literários, por
exemplo.

Nesta história de senhor de en-
genho em Pernambuco, há uma
viva bem destrutiva, das que
deixam os olhos de engenho e
excedem de gritar, sem salidas de
entregas. Está falando uma suc-
ção de dentes, ridículo o maxillismo
pelo passado rural do Brasil.

O caso de entusiasmo actual pe-
lo "senhor de engenho" antigo, em
contraste com a attitude de ha' tre-
s ou quatro annos é tipico.

O senhor de engenho antigo, obra
prima de realidade. Quando se
queria escrever se sugeria a crudi-
dade dos tempos de extratido, fa-
zendo-se o retrato de um velho
senhor de engenho.

para o Rio assim de serem submitti-
das á apreciação da administração
federal, que não se pode reafir-
mar com a solidiedade fragiliza-
da, que seja porque for, vem to-
do o mundo se sentir traído.

Assistindo com solidão, os ju-
ros e reclamos da lavoura, da indus-
tria e do commercio impiedosamente
atalhados nos seus intercalos lo-
gicos, o Governo do Estado re-
põe, que a base da federação, inte-
rindo no debate do projecto, que
censuras do estado pelas condi-
ções da obra federal e de trans-
missão da mensagem presidencial, a
que nos referimos, feita a indica-
ção de apresentar remessa assina-
da a encampação da Great West-
ern e a reintegração posterior com
Brazão para exploração das linhas
nos seus territorios.

A empresa autorizada a supri-
mido da clausura é era desmone-
jada e sua apresentação cheios a
uma trivial manipulação de política
tha, que se imprompto a hesitação
os incautos.

Eridontemente na autorização su-
tal para a novidade do contracto se
incide a facilidade da supressão
desta clausula, e consequente re-
combinação das partes contractua-
es, e não pôde ser imposta pelo Go-
verno sem compensação, que a Great
Western se resolve a aceitar.

Na obra elaborada hánter em-
bida pelo illustrador da banca-
da mineira, sr. José Bonifacio, no
qual o assumpto é manifestamente
traição, contra o Sr. Bani, um
detalle interessante, francamente
abandonado nos meandros apro-
prios pelo Governo do Estado do
do Brasil, sobre desposas exagere-
das da Great Western com sua ad-
ministração.

A manutenção de tres escripto-
res em Londres, Rio e Recife, e
altos honorarios attribuidos aos
seus directores, entre os quaes um
do Brazil porche realistas au-
periores aos que até o quadriplado
pagoço precepto o Presidente do
Republicano, premio de elegas nos
meandros em camalotes de hua dos
grandes "transmittidos", piffe dos
salários em moeda metalla nos
seus funcionarios estrangeiros, e
outras liberalidades, preciosa no
reclamação no mesmo estio.

Após um exame mais fundo da
quando o Governo Federal se pa-
receder, que se faz patas impo-
ficarças foveas eritadas, com o re-
crescimento da illuistracão e forte-
mente normal da produção a re-
cota do trafego se desenvolve
ral do mundo a hater de necessida-
da da Great Western, sem appello con-
tinuado a um remédio de effeitos
indistinctivamente contraprodu-
ra-
tes.

Costamos, que, estudando com a
ao comprehendendo, que tem revelado, de
o sua responsabilidade tão grave ma-
teria, affectando a vida do quatro De-
fector, o embaixador sr. Washington
do Luis impedida, que a Great Wes-
tern continue a dar de sobre tur-
ta, nos applicação contribuinte e
absterse até ser adoptada, com a
encampação, e a solução definitiva.

Na liberdade e Nordeste da barreira
fortidivida nos nos prazeroso
representação e cometo para expli-
cação de uma huaa foveas, mas
não illuistracão de sua em-
pção contraprodução.

CARTAS DO RIO

As eleições municipais e a imos-
sível moralização do Conselho

ALL RIGHT

(Especial para A PROVÍNCIA)

Clamo-se milis, e a proximo dia
se que se effectua aqui a eleição
municipal, para a renovação do
Conselho. Até agora, entretanto,
as noticias politicas não apresen-
taram nenhuma clausa. A forma-
ção da hualidade, decorrente da ex-
tremada desorganização politica da
Direcção, não permitia ainda que
se "chafas" convencessem os cha-
fetes de que nem todos podem ser
intendentes ao mesmo tempo, con-
fessam desolados.

A adopção do systema de voto
cumulativo, e por pontos em pontos
nos fletos toques pela primeira
vez, previou as ambições dos ca-
nos electores, que, agora, dada a
circunstancia do elector poder vo-
tar ate vezes num só nome, ou
algum com abstrata possibilidade
de de victoria e por hua mem-
oria no vendendo cristiano. Os
curios monstros da eufanetada
politica do capital estão, assim,
numa situação não vexatória. Não
podem, entao, no certo, com o
seu "alguma", e no intimo, cada qual
escolhe uma directiva, restando
huas a respectiva apresentação.

O que se verifica, pois, é que a
idea do sr. Henrique Dadevito
moralizandando nome lei a tal
história do voto cumulativo, foi
contraproducente para o Sr. Bani,
e para os demais directores da ban-
da politica da terra.

Uma lista, facilitada a entrada pa-
ra o Conselho da todos ementa
possuem pelo menos mil victo-
rias contadas, isto é, ate mil votos
quodiente que o Sr. Frontin acha
bastante para a victoria de qual-
quer candidato.

Ora, o que se dá, eviden-
temente, é o seguinte: em calha es-
cortas que disparem em o numero
de sufratagos deima, referido, em
vez de se distribuir da huaa de
sufratagos de Frontin, sr. Bani,
dos Tavares, dos sr. Penteado etc.,
se provavelmente ficar nombrado o
candidato de illes moneas é eili-
dade, certo, como deveria estar,
da "priori", de hua huaa e eili-
dade.

É isso, precisamente, que tem
difficuldade e entendiemento dos
partidos locais, dando em con-
sequencia á desorganização reban-
do.

Falando apenas a que para se
fazer o recenseio, até este momen-
to, no entanto, não se conhece
alguma clausa, ignora-se qual-
clausa em candidato á renovação da
desempenhada assembleia do Pri-
meiro de Maio, não se sabe mes-
mo os nomes dos novos rep-
resentantes elegidos.

O sr. Irineu Machado, a quem
tes muito bem, não recusa a
sua huaa que está tendo em
Pernambuco, pela maioria do ambiente
electoral da Metropole. Para elle,
pouco importa que seja eleito fa-
lano ou heitramo. Estado com o
mandato completo de senador, os
votos que se arrastam. A com-
respeito, e intelligente represen-
tante do povo carido em Franco,
é um vultuoso philosopho, mui-
to diverso do sr. Frontin, por ex-
emplo, e do sr. Bani, por ex-
emplo, que levam avocadamente a
sua sua historia de prestigio elec-
toral, terra de populista
fictil de se impressionar como é
a noem.

De qualquer forma, o que se
é a perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

Racionalmente, o que os votantes
a prever é que o futuro Conselho
ainda vai ser mais indesejavel do
que o actual, e se podesse admit-
tir-se em coactura.

No Conselho present, vê-se a
figura de um senado, que, embora
um tanto demodada, é, honesta-
mente, um homem de bem,
relativamente aos demais politi-
cos que se namoram naquella tou-
ra. Vê-se Maurício de Lacerda, o
fazer epigramas apbolicamente a
tudo e a todos, despoilando o flig-
do dos indifferentes. E, no Con-
selho futuro, que é que se vê?
O "sr. Bani, Jacarandá, com o seu fa-
moso programma de defender os
"senhores mercadores".

Finalmente, a expectativa é posi-
tiva e o sr. Washington Luis que
se vê, pretendendo para diminuir
de uma vez aquelle ajuntamento,
se elle não se moraliza, como con-
tem.

Na perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

Racionalmente, o que os votantes
a prever é que o futuro Conselho
ainda vai ser mais indesejavel do
que o actual, e se podesse admit-
tir-se em coactura.

No Conselho present, vê-se a
figura de um senado, que, embora
um tanto demodada, é, honesta-
mente, um homem de bem,
relativamente aos demais politi-
cos que se namoram naquella tou-
ra. Vê-se Maurício de Lacerda, o
fazer epigramas apbolicamente a
tudo e a todos, despoilando o flig-
do dos indifferentes. E, no Con-
selho futuro, que é que se vê?
O "sr. Bani, Jacarandá, com o seu fa-
moso programma de defender os
"senhores mercadores".

Finalmente, a expectativa é posi-
tiva e o sr. Washington Luis que
se vê, pretendendo para diminuir
de uma vez aquelle ajuntamento,
se elle não se moraliza, como con-
tem.

Na perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

Racionalmente, o que os votantes
a prever é que o futuro Conselho
ainda vai ser mais indesejavel do
que o actual, e se podesse admit-
tir-se em coactura.

No Conselho present, vê-se a
figura de um senado, que, embora
um tanto demodada, é, honesta-
mente, um homem de bem,
relativamente aos demais politi-
cos que se namoram naquella tou-
ra. Vê-se Maurício de Lacerda, o
fazer epigramas apbolicamente a
tudo e a todos, despoilando o flig-
do dos indifferentes. E, no Con-
selho futuro, que é que se vê?
O "sr. Bani, Jacarandá, com o seu fa-
moso programma de defender os
"senhores mercadores".

O tema da moda

O senhor de engenho virou tema
de moda.

"Não quero dizer com isto que não
tenham apparecido no meio de tan-
ta coisa boa retrato, bem visto e
bem reus."

O velho Jeronymo de Noronha,
de Luis Cotta e o Wandorfo do
Rozario de Julio Bello não são re-
tratos dignos de se postar em pa-
rede de sala de visita de qualquer
casa grande.

É' que os vellos escriptores por-
tuguezes, senhores de engenho
de verdade, não quiseram compor
estampas para quarto de sala, mas
retratos fiels que nos obrigam a
cruar a vida do doze homem do
bem.

O presidente eleito da Parahyba

O sr. João Pessoa passou hon-
tem pelo Recife

Pelo Recife chegou hontem o
hoito o sr. ministro João Per-
ssoa Cavalcanti de Albuquerque,
presidente eleito do Estado
de Parahyba.

O Hileiro viajante foi recebido
pelo sr. dr. Renato Calmon, go-
vernador do Estado, que lhe ofe-
receu ao Pabellão do Governo um
banquete.

Na perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

Racionalmente, o que os votantes
a prever é que o futuro Conselho
ainda vai ser mais indesejavel do
que o actual, e se podesse admit-
tir-se em coactura.

No Conselho present, vê-se a
figura de um senado, que, embora
um tanto demodada, é, honesta-
mente, um homem de bem,
relativamente aos demais politi-
cos que se namoram naquella tou-
ra. Vê-se Maurício de Lacerda, o
fazer epigramas apbolicamente a
tudo e a todos, despoilando o flig-
do dos indifferentes. E, no Con-
selho futuro, que é que se vê?
O "sr. Bani, Jacarandá, com o seu fa-
moso programma de defender os
"senhores mercadores".

Na perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

Racionalmente, o que os votantes
a prever é que o futuro Conselho
ainda vai ser mais indesejavel do
que o actual, e se podesse admit-
tir-se em coactura.

No Conselho present, vê-se a
figura de um senado, que, embora
um tanto demodada, é, honesta-
mente, um homem de bem,
relativamente aos demais politi-
cos que se namoram naquella tou-
ra. Vê-se Maurício de Lacerda, o
fazer epigramas apbolicamente a
tudo e a todos, despoilando o flig-
do dos indifferentes. E, no Con-
selho futuro, que é que se vê?
O "sr. Bani, Jacarandá, com o seu fa-
moso programma de defender os
"senhores mercadores".

Finalmente, a expectativa é posi-
tiva e o sr. Washington Luis que
se vê, pretendendo para diminuir
de uma vez aquelle ajuntamento,
se elle não se moraliza, como con-
tem.

Na perspectiva da eleição do
proximo dia 28 é a poder possivel,
só o ponto de vista da desmone-
moralização do Conselho estadual.

15 . “Dois temperamentos que se completam”, de José Maria Bello

Dois temperamentos que se completam

O inglez Conrad e o francez Proust são dois escriptores modernos que se completam.

JOSE MARIA BELLO

"Logo alguns summario julgamen-
to de Joseph Conrad sobre Marcel
Proust. O romancista inglez nao si-
quer podera comprehender o roman-
cista francez. Nada mais sincero
Se fossemos procurar no mundo li-
terario duas figuras, dois tempera-
mentos radicalmente oppostos, Con-
rad e Proust seriam excellentes ex-
emplos.

Conrad é fatalista, mas fatalista
homem de arção que sofre e que sa-
be a razão mesmo para ser vendido
à procriação. Mas, mais que ver-
gonha, o homem de arção tem o
fortuito triunfo. Polaco, conhecido
na mocidade a tyrannia czarista que
esmagava brutalmente a sua patria
e a sua gente. Naturalizado inglês,
faz-se marinheiro. Sua vida é uma
molandiceiramente em longos cruzei-
ros, que recomencem sempre e paroe-
los terminarem nunca. Censu-
mores, isto é, as duas imagens
supremas da grandeza das consi-
derações por bens, eis o horizonte
para o qual se quis algum-
co de alheio, e quem, assim,
immediata iniquidade das cousas
a immensidade tranquilla das cousas.
Na rechie, a pobreza e a imolesta
coram-lhe os sofrimentos.

Uma concepção lógica da vida

[illegible]

4. vida como processo psicológico.

Proust, pelo contrário, só compreende a vida como expressão psicológica. Para os seus olhos agudos de analista, o mundo exterior não tem sentido. A alma, a consciência e a sub-consciência humanas são o seu campo de romantista. Não lhe escapa à argúcia de psicólogo no íntimo humano, nenhuma sombra, nenhum efeito longínquo de luz no palhaço interior da alma humana. Consiste a sua volupté em desmontar pea a pea a nossa máquina psicológica. Os seus heróis vivem por si mesmo, da própria seiva; o mundo exterior serve-lhe apenas de estandarte moldura. Aí a sua tendência de autor um pouco languido.

O SR. JOSÉ MARIA BELLO

... Escrovo paginas inteiras p
ra mostrar-nos em que estado d
ma certa personagem entrou na
saão, cumprimentou madama,
mon de sua chieara de chá...

Figuras de romance

Continuamos que nítidamente em elegante reunião mundana em Paris, os convidado apresentaram a "travessa" de seus frequentes e variados encontros. E, de fato, isto não tempo de halarem. Mas eram rances e vivas as figuras de Balzac. Toda gente concluiu que a curiosa mundo da "Comédia Humana", com os seus usurários, seus políticos ambiciosos, os seus aventureiros, os seus amantes, os seus combatidos sub a solido, que tinham a vida de um mundo de guerra, de leão, e os seus comprovers de hipocritas. Mas como viver as personagens. Mas como viver as personagens de Proust, machucadas e picadas e subitas, que mais poderiam que quem? Imagine que na realidade se tentasse também representar a vida de Proust, com a sua impossibilidade maior talvez, que se se verificaria em relação a Proust. Encontro, afinal, em um comum nos dois grandes e machucados. Os seus heróis estão na vida de vulnerabilidade da vida que os seus heróis. Os seus heróis estão na vida de vulnerabilidade da vida que os seus heróis. Os seus heróis estão na vida de vulnerabilidade da vida que os seus heróis.

O ritmo da vida

A vida é múltipla e varia. T todos os aspectos e todas as cores. Conrad e Proust a vêem na longa dos próprios temperamentos. Ou a verdade? Onde a vida justo? ambas, de certo. A diferença entre o romancista inglês e o romancista francês consistiria na maneira como, se pretendesse cobrir a sua vida, Conrad levar-nos-ia a ação: Proust à contemplação. Para falar mais à sensibilidade, intelectual, quele mais ao caráter. E, no cabo, elles se completam e, talvez, se harmonizam as suas filosofias para o ritmo da vida, que para os iniciadores mas não se pensa os contemplativos...

TRAICÕES

MEDEIROS E ALBUQUERQUE
(Exclusividade da A PROVINÇA
em Pernambuco)

A ideia de combater o tráfico possível a existência de jornais estrangeiros dentro de nosso país foi agora muito discutida a propósito de um artigo meu. A Empresa Laux, Argos vigilante, encheu-me a alma de retratões de jornais, de

A maioria é de artigos que apóiam a mídia. Não é bom entretanto, o que sucede, como bem se pode imaginar, com os jornais estrangeiros. Quasi todos acham que a mídia foi lembrada unicamente como uma vingança contra um jornal italiano, de S. Paulo, e um alemão, do Rio Grande. E naturalmente os italianos garantem que o que se procura é exatamente o contrário.

Positivamente, é licito revelar que os nossos fascistas acabam reconstituídos a maniqueísmo, atacados como se mostram do delírio da perseguição. Desde que se façam qualquer censura a uma italiana como se poderia fazer a um italiano ou a um chinês, — o italiano, se é fascista, sai para a rua e gritar que o caso não é com elle — é com Mussolini, é com o fascismo. Ora, não se trata, nem do Partido, nem do fascismo, mas do indivíduo, do facto, como que os outros povos não dá tem que ver, nem de nenhum caso particular.

A questão é geral. Aplica-se aos Italianos, a alemães, a japoneses, a polacos, a todos os que tem colonização no Brasil.

Para promover essa colonização, o Brasil tem gasto somas formidáveis. Dá aos imigrantes as mesmas vantagens dos nacionais. Tudo o seu interesse é o de assimilar esses estrangeiros, tornando-os nacionais.

Orá, nestas condições é perfeitamente absurdo que ele não conheça tudo o que é feito para contrariar-lhe os intentos. O jornal em língua estrangeira tem a finalidade manter o imigrante em ligação com a sua pátria de origem assegurando do muito brasileiro. E

As Municipalidades em um Estado podem e devem estabelecer altos impostos para os foliões, nacionalistas ou de estrangeiros. Se pedirem dizer isto bem claramente, suas escritas em línguas e estrangeiras. Desde que se faça sentir que a incidência dos impostos não faz distinção entre pessoas de mesmo e de outras nacionalidades, mas apenas sobre o fute do jornal ser em língua estrangeira ou precitos constitucionaes est.

Mas há outras questões comuns a dos agentes estrangeiros que procuram directamente fazer propaganda entre seus patriotas para impedil-os do seu naturalismo, e a dos estrangeiros, que, tendo recebido a nacionalidade brasileira, já haviam feito atos brasileiros, e subitamente voltam à nacionalidade de seus pais.

• Possivelmente casos não cas-
de trabalho, que o Código Pen-
precisa prever e punir.

12 não se diga que há nisso ex-
cesso.

O Conselho previu a hipotese de quem, em tempo de guerra, alia brasileiros para serviço estrangeiro. Ele previu o dos brasileiros que prestam obediência a autoridades estranhas. O que se previu é prevê-lo melhor numa situação em a qual o direito penal d'antão não se preocupava, porque não se preocupava se eram: a dos indivíduos com duas nacionalidades.

Ninguém deve querer forçar outros a adotar a nossa. Quando um estrangeiro fica aqui durante um tempo, o desafio está em não ser chato. O desafio está em vir, aceitar a nossa nacionalidade, fazer algo de brasileiro e depois, brevemente, passar de novo para a nacionalidade estrangeira. O importante é que agentes estrangeiros se constituam agentes de desenvolvimento de indivíduos que tinham pensado a ser brasileiros.

O Código precepciona: multas com essas datas, quando ocorrem em tempo de guerra, que é quando elles tinham maior importância. Agora, entre nós, passamos a té-la mesmo, e talvez principalmente, nos períodos de paz. Tanta tralheia há em fazer com que um pedacinho do nosso território torne estrangeiro, como em fazer com que percamos cidades e brasileiros tornando-as estrangeiras.

Nada mais absurdo e estúpido que ver uma nação trabalhando para um fim e permitindo, entretanto, que dentro do seu território, sob a proteção de suas leis, outros trabalhem em sentido diametralmente oposto!

70	72	80	83	98
168	110	114	119	
123	156	142	147	
241	260	507	colleções	
medidas de capacidade: Cadeiras				
41	58	69	70	73
102	110	143	241	colle
medidas de peso: Cadeiras				
41	69	105	108	110
241	colleções de figuras, pin			
e geométricas: Cadeiras	84	85		
89	76	72	83	87
98	114	123	126	
98	114	123	126	
208	209	260	507	

[illegible]

250	250 e 607; mapas	100
de Inhiçó e Geroense; Chap		
90	90	90
91	91	91
92	92	92
93	93	93
94	94	94
95	95	95
96	96	96
97	97	97
98	98	98
99	99	99
100	100	100
101	101	101
102	102	102
103	103	103
104	104	104
105	105	105
106	106	106
107	107	107
108	108	108
109	109	109
110	110	110
111	111	111
112	112	112
113	113	113
114	114	114
115	115	115
116	116	116
117	117	117
118	118	118
119	119	119
120	120	120
121	121	121
122	122	122
123	123	123
124	124	124
125	125	125
126	126	126
127	127	127
128	128	128
129	129	129
130	130	130
131	131	131
132	132	132
133	133	133
134	134	134
135	135	135
136	136	136
137	137	137
138	138	138
139	139	139
140	140	140
141	141	141
142	142	142
143	143	143
144	144	144
145	145	145
146	146	146
147	147	147
148	148	148
149	149	149
150	150	150
151	151	151
152	152	152
153	153	153
154	154	154
155	155	155
156	156	156
157	157	157
158	158	158
159	159	159
160	160	160
161	161	161
162	162	162
163	163	163
164	164	164
165	165	165
166	166	166
167	167	167
168	168	168
169	169	169
170	170	170
171	171	171
172	172	172
173	173	173
174	174	174
175	175	175
176	176	176
177	177	177
178	178	178
179	179	179
180	180	180
181	181	181
182	182	182
183	183	183
184	184	184
185	185	185
186	186	186
187	187	187
188	188	188
189	189	189
190	190	190
191	191	191
192	192	192
193	193	193
194	194	194
195	195	195
196	196	196
197	197	197
198	198	198
199	199	199
200	200	200
201	201	201
202	202	202
203	203	203
204	204	204
205	205	205
206	206	206
207	207	207
208	208	208
209	209	209
210	210	210
211	211	211
212	212	212
213	213	213
214	214	214
215	215	215
216	216	216
217	217	217
218	218	218
219	219	219
220	220	220
221	221	221
222	222	222
223	223	223
224	224	224

100

19. Os calungas de Cícero Dias tomados a sério, de Antônio Ricardo

Os calungas de Cícero Dias tomados a sério

Um caso de expressão musical em pintura, os calungas e as paisagens de Cícero Dias nos comunicam às vezes o mais puro gosto do Brasil.

ANTÔNIO RICARDO

(Especial para A PROVÍNCIA)

A gente que no Brasil se mette a fazer crítica de pintura pelos jornais e pelas revistas e inferior a quem comenta e critica as outras artes. Em crítica de música temos sempre quem diga alguma coisa de equilibrado e de inteligente. Da velha guarda, o sr. Oscar Guanabara, entre outros. Da gente mais nova, o sr. Manoel Bandeira, (que entende realmente de música) e o sr. Mario de Andrade.

Na crítica de pintura, é quasi sempre um horror. Apenas conseguem ter um ponto de vista, no assumpto, e nos candidatos como incompetência, dão os tres cretunas que ainda estão por um em questões de pintura, como quem para em hotel, sem se identificar familiarmente com ellas, o sr. Ronald de Carvalho, o sr. Manoel Bandeira e em um outro mais.

Críticos que só fazem traduzir

Os jornameiros do Rio e de São Paulo, os dos outros estados, tem nos occasiões de se manifestar, porem as opiniões que se limitam a melhor ou peor, a defeito das acções de pintura, exclusivamente dadas e com mais ou menos, incluindo comprehensão e escriptura diante do pro. publico que se jornameiros, simplesmente pelo manejo de termos e expressões traduzidas do francez.

E parece-me não ha jeito de se sair disso, o que mostra que fazer critica de pintura é mais difficil que fazer critica de musica.

Ao sr. de Carvalho, por exemplo, a critica de pintura do Rio carimbon, com quanto sempre esquisito se possa imaginar, tudo aliás traduzido, com o atrazo de cinco ou seis annos, de revistas estrangeiras. O sr. Mangin, pintor interessante, mas sem nada de extraordinario foi em pouco tempo elevado a genio, e tambem teve muito nome extravagante das criticas e dos mesmos criticos entretanto, para

para aquella cultura, no que escedo manifestações musicas. Em musica o Brasil já consola umas boas cousas e já compoende talvez outras boas cousas (onde por influencia do arriano na formação brasileira). No Carnaval brasileiro ainda ha de sair alguma coisa de estúpido.

Mas em outras manifestações artisticas, o Brasil não mostra espirito nenhum nem nenhuma sombra de capacidade criadora ou mesmo de selecção. Um anti, o meu, que vem fazendo estudos de anthropologia brasileira, diz-me uma coisa, que tardes que é deboramente inferior ao trabalho dos indios e que ha se faz em cretales pelas povoadas do Brasil. A manifestação artistica, a falta de gosto para a arte que se possui para boa, calha como uma solista, sobre as fracosas tentativas de espirito artistico dos indios, reduzindo tudo a cinza.

Só o espirito musical do negro, visto como um, tido, que soprado dentro ainda ha de dar algumas manifestações.

A expressão musical no desenho de Cícero Dias

Nesta cidade pernambucana, Cícero Dias, que tem ha pouco uma exposição de pintura no Rio, e sua critica de jornameiros lesnatou logo de quanto rotulo idiota se possa manifestar, sentise predominantemente um caso de expressão musical em pintura. É o que dá um caracter tão bacallero as suas criticas.

Na pintura de Cícero Dias a musica e as cores estão tomando sempre um acento musical. E por esse acento musical é que os seus calungas e as suas paisagens, nos communicam communiter o mais puro gosto do Brasil.

É não é um Brasil convencionalmente pittoresco, o seu. Nem o tanto convencional nem o pittoresco intencional, procurando sat. Brasil a fora, e com proposito ou sem proposito, dominam a pintura do jovem pernambucano em quem o grande artista que é Segall já proclamou o maior talento entre os pintores novos do nosso paiz.

Um artista pernambucano

Ha em Cícero Dias uma imagi-

Um dos interessantes desenhos de Cícero Dias

21. "Urbanistas, cuidado! O Recife é uma cidade magra", de Manuel Bandeira

Urbanistas, cuidado! o Recife é uma cidade magra

Em artigo para A PROVINCIA o sr. Manuel Bandeira diz que o Recife é uma cidade magra enquanto a Bahia e o Rio são cidades gordas e que as nossas igrejas são magras enquanto as de lá são gordas

MANUEL BANDEIRA

Está vez que acabo de passar no Recife me repoz inteiramente no amor da minha cidade. Há dois anos atrás quando a revi depois de uma longa ausência, desconhecida quasi, tão mudada a encontrei. E sem disfarçar se essa mudança foi para melhor ou para peor, tirei um choque, uma sensação desagradável, não sei que despoite ou magua. Queria encontrá-la como a deixei

(Especial para A PROVINCIA)
entre Boa Vista e Santo Antonio, já desaparecida no tumulto, continuavam a viver, para mim com mais realidade do que os desconhecidos que enjavam comigo na estrada: o velho Alonzo, do corpo e cacetó, comprando latas de óleo de atum e golabada em quantidade que me deixava deslumbrado; Totomê Rodrigues que me parecia velhíssimo, perdido em situar os incendios para to-

A rua da União

No meio de tanto desamparamento um bom doce consolo: a rua da União, a mesma de trinta annos an-

Um dos edificios 'mais magros' do Recife novo

meinho. Esgotivamente, queria a mesma cidade da minha infancia.

O Recife novo

Por isso deante do novo Recife, das suas aventuras orgulhosamente modernas, sem nenhum sabor provinciano, não pude reprimir o mau humor. Não me deixava o desaparelhamento do outro Recife, o Recife velho, com a inesquecível Ligueta, o Corpo Santo, o Arco da Conceição, os becos coloniales...

tes, saíro o nome e a estação da rua da Princesa. (Ah, falta tambem a famelotia da esquila! Meus olhos não esqueceram nada.) Exactamente como a deixei. Não tem uma casa nova. All ainda vendem prumos. Em casa de meu avô moram velhos amigos que me conheceram menino. E aquelle "professorão" balxo? Tem uma taboleta na fachada: Asilo Santa Izabel. Não! Quem vive all é d. Antônia Vieira. Bendito vai já apparecer ao postigo, com a sua

Goducção á esquerda

No que eu não reconheci de menino havia aquillo assombrado ultimamente em chronica pelo autor do ensaio sobre pintura pernambucana de "Albano do Centenario do "Diario de Pernambuco" indo me occorreu

Um dos aspectos 'mais característicos' do Recife

Mesmo fóra do bairro do Recife, ta do cabelo bem empomatada, en-missa de peito encomendado, sem colarinho (parecia que a falta de colarinho era um dotinho ou requinta da elegancia de Bentinho).

De novo menino

Não havia nada para quebriar a illusão do meu snadido. E como a ver outras figuras, que, embo-

agora o seu nome mas deve ser um velho coiffeiro): é que o encanto do Recife não apparece á primeira vista. O Recife não é uma cidade "inferocida". Só se entra depois de longa intimidade.

Recife cidade magra

Se não fosse muito conhecida comparo cidades com mulheres ou di-

22. "Ainda não acabou a mania do discurso bonito", de Manuel Bandeira

Ainda não acabou a mania do discurso bonito

Na recepção do sr. Hoover um pouco de reserva, bem compatível com a mais perfeita cordialidade, não faria mal nenhum e evitaria nos discursos o abuso da nota sentimental.

MANUEL BANDEIRA

(Especial para A PROVINCIA)

O brasileiro da geração que fez a república era um sujeito que usava fraque e gostava de discursos. A mania do fraque passou, mas o gosto do discurso persiste, apesar da campanha de ridículo da nova geração de jogadores de box, foot, ball, verso livre e outros esportes estrangeirados.

Todavia não há motivo para desesperar. Houve alguma melhoria, sensível em raros sinais que não terão escapado ao observador atento. Por exemplo: o voluntário silêncio que se impuseram as conações oratorias da geração que ainda agora pelos triptos annos. O sr. Edmundo Luz Pinto, é um desses vocações. Em outros tempos teria o rpgime de um grande orador. No entanto vive encladinho. Prefere fazer carreira por outras qualidades, mais trins da intelligencia. Assim os outros.

A geração anterior é que ainda não entregou os pontos. Volta e meia, o quando melior se espera, surge uma metaphora das brabas, um offeito como: aquelle de dr. Sampaio Correia no enterro de Amoreoso Costa, o nosso grande mathematico victima da catastrophe do "Saints Dumont".

— Tão modesto na morte como o fora em vida; quiz que o seu corpo fesse o ultimo a apparecer!...

A mania do discurso bonito

Pois essa mania do discurso bonito foi o seão das solenidades com que se festejou aqui a passagem do presidente Hoover. A recepção em si foi perfeita. Tres dias de sol maravilhoso, sem grande calor. Programma folgado e bem escolhido. Ornamentação e luses festivas, sem excessos. Attitude do povo boa e discreta, como costuma ser a do brasileiro quando não está assanhado por amores.

Mas os discursos officiaes tiveram um derramado desagradavel, uma falta de medida muito contrastante com o ar "all right let's go away" do ex-commissario do Alms-tachment Hoover.

Todos os discursos abusaram da nota sentimental, como se houvessem e proposito de captar com blandicias o yankee "master of fact". Rodrigo Mello Franco de Andrada, o redactor do "Boletim Internacional" do "O Jornal", teve a essa respeito uma "honrada" insinuação.

Não pensam, disse elle, que hum tratado de valorização do café o sr. Hoover transigirá "por sympathia", attendendo ás relações que existiram entre Jefferson e o estudante brasileiro José Joaquim da Maia em 1788?

Um pouco de reserva não fazia mal

Um pouco de reserva, de resto bem compatível com a mais perfeita cordialidade, não faria mal nenhum nas condições actuaes em que a politica do continente se orienta para uma volta difficil com a feição imperialista que vem tomando a civilização norte-americana. Eu sou dos que acreditam no perigo americano. Vejo no imperialismo da grande república uma força a que só a revolução social poderá fazer frente. Ora os entendidos em questões economicas acham com boas razões que o capitalismo americano

no ainda está longe da crise decalva e terá ainda pelo menos um século para crescer.

Mesmo que o sr. Hoover partisse daqui muito enternecido pela palmeira carioca e pela lembrança das relações entre Jefferson e o estudante brasileiro; o seu sentimento individual nada valeria contra a força da plutocracia yankee, auto-caminhão pesado em plena emballagem.

Palavras que fazem desconfiar

O que se passou com o presidente Wilson é bem significativo. O mun-

O SR. MANOEL BANDEIRA

do inteiro via nelle um idealista meio ridiculo, embora em sua terra houvesse quem o considerasse, ao contrario, um hypocrita consummado.

Como quer que seja, antes de presidencia elle pronunciava estas palavras memoraveis que um americano desconfiado do idealista uruguayo J. L. Mogana assimou para desenganar dos abateixes da democracia: "Não é o povo que governa. Os patrões do governo são os capitalistas e os manufacturadores combinados. O governo dos Estados Unidos é o filho do peito de interesses especuaes. Um imperio invisivel estabelecido por cima das formas democraticas. Estamos colhidos na opressão de um systema economico desajustado".

O exemplo de Wilson

O proprio governo do Wilson não fez com mais um exemplo essa advertencia que nenhum sophista pacifista pode obsecurecer. Wilson foi colhido na engrenagem sem entranhas Os casos do Haiti, do México, do S. Domingos, de Nicaragua ali estão mostrando a potencia inelutavel de uma civilização a que mil interesses enoumicos e formidaveis deram uma acceleração que só outras forças sociais igualmente formidaveis poderão contristar. Enquanto ellas não se levantam a ariz so menos decente uma attitude de reserva e de humour em face das manifestações sentimentaes de sympathia continental. Em bom se, que nessa materia o brasileiro tambem é malandro... E quando o "Urch" malta barra fôr, o carioes do caos gritou pra elle:

— Adeus, Hoover! Até amanhã se não chover!...

26. Seção "Vida Musical". "Mário de Andrade, podendo ir à Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais", de Ernani Braga

VIDA MUSICAL

Mário de Andrade, podendo ir à Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais.

ERNANI BRAGA

(Especial para A PROVINCIA)

Mário de Andrade não é um sujeito baixo, atarracado e malcriado, como era o Beethoven que um dia nos apresentou. Olhando às vezes, para o Mário, fico pensando conquistando terreno. Nos programas de ensino e de concerto figuram sempre os nomes dos compositores patrios.

Preferiu o Nordeste a Europa

Mário é um apaixonado das nossas cousas. Podendo ter feito, agora, em condições excepcionalmente vantajosas, uma viagem à Europa, preferiu vir ao Nordeste. Nessa nova excursão enriqueceu consideravelmente a sua prodigiosa coleção de documentos folclóricos. Volta a São Paulo levando mais de oitocentos temas colhidos directamente no Rio Grande do Norte, na Paraíba e aqui em Pernambuco. O que isso representa de esforço e tenacidade é inconcebível. Poderá fazer uma ideia alguém que tenha tentado, uma vez, anotar a melodia mais simples, cantada por um desses cantadores populares, interessantíssimos mas desconcertantes. Ellos não cantam duas vezes da mesma forma. Nem param para nos dar tempo de escrever. E' preciso decorar a cantiga ou fazer o que o Mário me contou que fez, em certa ocasião que seria unica para elle. Ouvia alguns compassos e sahia correndo para longe.

Depois de escrevê-los, repetia a manobra. Só assim pôde conseguir o thema completo.

Uma curiosidade insaciavel

A curiosidade de Mário é insacavel. Visita cidades e sertões, engenhos e morambos, igrejas e antros. Conversa com academicos, ouve os trovadores populares, discute com os intellectuaes, observa os tipos de rua. Onde possa suspeitar um titulo precioso, lá estuda, filma e attento, sem medir tempo, destaca o sacrificio. E' de uma resistencia milagrosa.

Um "bol" aqui em Pernambuco, prendeu-o das 10 horas da noite até ás 4 da madrugada. Mario me contou isso á mesa, jantando com amigos, ha poucos dias. Verinha, nossa commensal, pouco voranda em tradições populares, quiz saber si o "bol" era brabo. E a mamãe da Verinha indaguei de que raça era o "bol". Divertimo-nos com o qui-pro-quo.

Mário de Andrade estava com o "corpo fechado"

Mário de Andrade leva de Pernambuco impressões fortes. Entre outras, a do seu baptismo católico, no Campo do Iburá. Assisti a essa estrêta que foi, sob todos os aspectos, auspiciosa. Dando parabens ao Mário, quando o baplano o depunha são e salvo no chão pernambucano, elle me affirmou que o momento era de pesames, por ter acabado tão depressa o delicioso passeio. Pareceu-me um herde.

Confessa que estava com os meus recelos, vendo os preparativos para a ascensão do Mário. Os aeroplanos são ainda tão sujeitos a acci-dentes? Lembrei-me depois, de uma circumstancia que me tranquillizou absolutamente. Mario, em innecção especial e solenne, obteve que um catimbózeiro, na Paraíba, lhe fechasse o corpo. Custou-lhe essa fechadura 30 mil réis. Mes podia, agora, voar á vontade.

Espôdo, mais do que nunca, ser franco e destacando com todo o mimdo. Os editores Italianos de São Paulo.

O Sr. ERNANI BRAGA

saudo como é que Beethoven lhe descreveria o tipo, si quizesse tanto ser mau. Talvez dissesse: — Mario de Andrade é um sujeito alto, magrículo e destabocado. E o pai da Adelaide estaria chagado do pai do Macunaima. Por que, de facto, o Mário é bem alto, não tem nada do gordo. (Será, quando muito, "faux-magre!") e tem uma lingua que não sabe chamar as cousas pelos proprios nomes. Elle destaca eufemismos e circumloquios. Pão é pão. Queijo é queijo. O que não presta, não presta. Burro é burro mesmo.

Um critico sincero

Sabham todos que Mario é um homem destabocadamente franco, ou francamente destabocado. Por isso ha muita gente que não gosta delle. Dessa gente que está habituada a ouvir chamar as moço-felias de sympathicas, e as velhas alcoviteiras de bentas. Mas o Mario não liga muito a quem lhe que-mal pela sua rude franqueza, e vai dizendo claramente o que sente e pensa. Amigo incomparavel, perfeito, dos seus amigos, vota uma indifferença sublimo aos que o não são. Mas com uns e com outros é sempre sincero.

Um critico seguindo á risca essa orientação não pôde deixar de ser tonido. Mario é, em São Paulo, um verdadeiro papão. Um trem-bando capataizo. Mas tem conseguido suavar o ambiente, que era quase irrespiravel. Graças á sua aspereza e sinceridade já se faz ar-jê na "Capital Artistica". E lá, onde o elemento italiano tomou tal preponderância que os artistas brasileiros quasi se sentem estrangeiros na sua terra, Mario, de Andrade é, principalmente, uma sentinella avançada em defeza do nosso direito. Zombando de ameaças unocor-mas ou declaradas, elle tem-tovado évaute, a sua nupça campanha.

27. Seção "Vida Musical". "O que foi a Semana de Arte Moderna em S. Paulo — Como entrou em S. Paulo a música de Villa-Lobos. O público paulista depois de pater Graça Aranha aplaude Villa-Lobos", de Ernani Braga

VIDA MUSICAL

O que foi a Semana de Arte Moderna em S. Paulo---Como entrou em S. Paulo a musica de Villa Lobos. O publico paulista depois de patear Graça Aranha applaude Villa Lobos

ERNANI BRAGA

(Especial para A PROVINCIA)

Villa Lobos tem hoje, não só na musica brasileira, mas na musica universal, um lugar de brilhante destaque. E' uma das grandes figuras da arte moderna. Mas antes de chegar a essa posição, encontrou muitos espinhos pela estrada. Sofreu muita hostilidade. Primeiro, dos mestres e dos collegas conservadores e retrógrados. Irritados contra a sua audácia de fazer coisas nunca dantes feitas. Depois, do publico habituado ao genero aguçado com açúcar, e que se sentia desorientado ouvindo a "desafinação" da sua musica. Era musica de doído. O doído venceu a batalha. Muita gente continuava convencida da sua loucura. Pouca gente tomava a boa franqueza de confessar que não gostava da sua arte. Assim Villa Lobos é victorioso em toda a linha. Conta com os seus adeptos sinceros e conta com uma densa legião de snobs.

Como entrou em S. Paulo a musica de Villa Lobos

Essa legião não estava ainda formada em São Paulo, no anno de 1922, quando lá estivemos, a convite de Graça Aranha, para tomar parte na memoravel Semana de Arte Moderna. Havia, em todo caso, uma expectativa de sympathia curiosidade em redor de nós. O causador do fracasso todo foi Graça Aranha. Era elle o advogado do novo credo. A sua oração inaugural foi sendo attentamente seguida pelo publico que enchia o Municipal da Paulicéa. De vez em quando um sorriso, até alguns applausos. E Graça Aranha foi demolindo, um após outro, os idolos antigos. Bach, Beethoven, Wagner, todos esses gigantes foram caindo successivamente. O publico ia se divertindo com a demolição e achando engraçado o demolidor. Mas quando elle, iconoclasta irreverente, levantou a mão sacrilega para derrubar o idolo Carlos Gomes, foi a conta. Que Graça Aranha puzesse a baixo o semi-deus dos Oratorios, e o das Symphonias, e o da Tetralogia, estava muito direita. Era uma brinadeira inocente. Mas bulir com o pai do Guarany, paulista ali de Campinas! Não "seu" Graça Aranha, isso era desafório, e merecia castigo. Foi uma via tremenda, formidável, uma ceua do outro mundo, um barulho de todos os infernos. Ninguém mais se entendia. A muito custo o tumulto foi, aos poucos, serenando. Conta que houve intervenção da policia para conter os exaltados das galerias. E foi nessa atmosphera «efervescente» que a musica de Villa Lobos fez a sua entrada em S. Paulo.

Depois do patear Graça Aranha o publico applaude Villa Lobos

E' preciso assignalar que o pu-

blico paulista se revelou, nessa circumstancia, perfeitamente educado, e de um cavalheirismo irrepreensível. Depois de soffocar com a sua pateada o discurso de Graça Aranha e os protestos de Menotti, de Mario, de Ronald, de Oswaldo, recebeu com palmas Villa Lobos e seus interpretes—quando entraram em scena. Mas todos nós, Paulistas d'Ambrosio, Alfredo Gomes, Frederico Nascimento, Fructuoso Lima, e eu estavamos contrafeitos e nervosos. Paulista tremia de emoção, de medo, e ao terminar desatou numa crise de lagrimas. Frederico Nascimento, o Pequeno, artista de alma e bohemio de coração, ouvindo uma risada oquante elle cantava, desafiou o homem que ria para vir brigar com elle no palco.

Quanto a mim, não sabia bem o que estava fazendo. Lembrou-me que tinha de tocar a "Piandeira" de Villa Lobos, entre muitas outras coisas. Dias antes executára essa peça, que era a mais recente do meu querido amigo, em casa do professor Luiz Chiffarelli, para um grupo de discipulas suas e convidadas. Villa Lobos estava presente. Quando eu acabei, elle se levantou, de olhos arregalados, e declarou energicamente no meio da sala que aquillo que eu tocára não era delicio.

Com pedal e sem pedal

Foi um successo. Expliquei, então, aos ouvintes que o autor exigia, durante a peça, e principalmente no final, um pedal continuo que me parecia insupportavelmente cacophonico. Chiffarelli pediu "bis" para a "Piandeira", com o pedal do autor. Fiz a vontade ao velho mestre. E todos pareceram muito contentes com a cacophonía, inclusive Villa Lobos que me abraçou enthusiasmado. Só quem não gostou foi Chiffarelli. Tomou-me a um canto, e me aconselhou:— use o pedal como da primeira vez; o Villa não é pianista; você é quem está com a razão.—Pois bem, quando no meio da perturbação em que eu estava pelos incidentes daquella noite fatidica, chegou o momento da "Piandeira", fiquei sem saber o que devia fazer. Com pedal ou sem pedal? Villa Lobos ou Chiffarelli? Seguindo o conselho do mestre acatado podia provocar um protesto do autor, e desta vez diante de um publico já meio zangado. Ataquei a peça litigiosa em plena turbacão de sentidos. E reduzi-a à quart aparte, porque me perdi no meio, e me acabei, sem saber como, na ultima pagina. O auditorio gostou daquella peça tão viva, tão extravagante, e... tão curta. Por isso applaudiu muito, não dando tempo a Villa Lobos de protestar. Chiffarelli depois me felicitou por eu ter encontrado a fórmula exacta de resolver o problema. Além de mestre admiravel de arte pianistica, era Chiffarelli subtilissimo na arte da ironia.

Em Paris, cercado de homenagens, bafado pela celebridade, Villa Lobos talvez se lembre, de vez em quando, cheio de bom humor agora, dos espinhos da Semana de Arte Moderna.

28. "O sr. Mário de Andrade no Nordeste", Ademar Vidal

O sr. Mário de Andrade no Nordeste**ADEMAR VIDAL**

(Especial para A. PROVÍNCIA)

O poeta Manuel Bandeira conversou no Rio de Janeiro com o Mário de Andrade sobre a viagem que este vem de fazer aqui no Nordeste. E da conversa nasceu uma chronica das suas para A. PROVÍNCIA contando o que o autor de "Macumãima" viu, ouviu e anotou em Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba.

E ficaram todos finalmente sabendo que a terra do feminismo é a mais pura fonte de musica popular do Brasil. E tambem aonde o folklóre tem riquezas que infundam fundo suas grossas talas.

Mário passou um mês inteiro em Natal e musicou 300 thêmas. Ouviu um fabuloso cantador de nome Chico Antonio — dono de uma voz superior e que muito aprendeu lá pras bandas de Guarabira.

Na Paraíba sabem quanto tempo Mário demorou? Apenas 10 dias; trabalhou 150 horas; musicou perto de 300 thêmas; e não saiu da Capital senão uma noite para ouvir comigo José Americo de Almeida e Antonio Bento de Araújo Lima (noite bem marcada aquella) um ajuntamento de cantadores admiráveis na sua graça ingenua.

Muita coisa tachigraphada nasombrou o attento visitante não sómente pela belleza, mas tambem pela originalidade espontanea, pela exuberancia pittoresca e pelo rythmo francamente revolucionario, a ponto mesmo de serem tomadas testemunhas para certos casos inacreditáveis.

O delizioso bembolado de catolão do Rocha foi pegado casualmente nesse municipio paraybano que o paulista illustre visitou quando andava correndo o sertão nordestino-grandense.

Em Pernambuco não sei o trabalho que elle teve não. Provavelmente sido enorme porquanto é notoria a força de imaginação popular que tanto distingue o pernambucano. Se Mário de Andrade, que é um homem muito ocupado, tivesse tempo de de meter um mês em Ceará, outro em Alagoas, outro em Paraíba, outro em Pernambuco, corresse o seu interior e depois pesasse qual dos Estados do Nordeste é o mais rico de musicalidade, haveria de concluir fatalmente que todos são mais ou menos iguaes.

Nem muito grande, nem muito pequena differença, porque, de resto, todos procedem dum tronco só que é o Nordeste — o Nordeste...

29. "A vida plagiando Pirandello", de Manuel Bandeira

A vida plagiando Pirandello

Em artigo para A PROVINCIA o sr. Manuel Bandeira commenta o recente caso de um demonte encontrado nas ruas de Turim que assumiu a dupla personalidade de typographo e de professor.

MANUEL BANDEIRA

(Especial para A PROVINCIA)

Imaginem ahí que lhes entrássemos em casa um sujeito com um rôlo de manuscritos na mão. Na capa um título: — "O numero 44.170", romance. Naturalmente os leitores fariam o mesmo que faz o sr. João Ribeiro em casos de aggressões identicas. O sr. João Ribeiro não consente em ouvir.

Mas o autor explicaria: — Trata-se de um caso difficil de identificação de um demonte. O meu herde no começo do romance é encontrado vagando sem destino pelas ruas de Turim. As suas roupas, as suas maneiras, o seu ar estranho despertaram a situação da policia, que o "deteve", para logo verificar tratar-se de um pobre aloucado, que nenhuma informação sabia dar sobre si proprio. Internado no hospício de Collegno, constatarem os clinicos no paciente a perda absoluta de memoria e iniciaram o tratamento do homem, que nos livros de entrada ficou assignalado sob o numero 44.170.

Quem era o numero 44.170

Mas um reporter de policia, cavador e furão como o Oscar Mello, teve conhecimento do caso, correu ao hospital, conversou com os medicos, viu o desmemoriado, conseguiu no gabinete de identificação o retrato d'elle e no dia seguinte estampava tudo isso no jornal mais lido em todo o norte da Italia. O resultado dessa reportagem foi que dias depois compareceu na Chefatura de Policia uma senhora de Cremona pedindo para ver o doente, pois lhe parecia tratar-se do seu marido, um homem de sciencia, desaparecido durante a guerra na frente italiana, onde servia. A scarificação confirmou os presentimentos da senhora: aquelle homem barbudo era do facto o seu esposo.

Entretanto logo depois se apresentava á policia uma mulher do povo que tambem reconheceu no retrato do jornal o seu homem, simples operário graphico que andava havia tempos foragido por causa de umas falscatras de dinheiro. Posta em face do desmemoriado de Collegno, com elle se abraçou desliza em muitas caricias e ingrimas. Allí estava sem sombra de duvida, o seu maridoinho!

A vida é uma grande mestra da ficção

Imagino que aqui os leitores diriam ao romancista: — Mas isso não é crível. Na vida as coisas não se passam como nos malos filmes americanos ou nos romances de Manfres Dekobra. A sua historia não tem nenhuma verosimilhança. Vá que os dois homens se parecessem como duas gotas d'agua physicamente; mas não é aceitavel que no resto um homem do povo, um typographosinho que andava ás voltas com a policia, se confundisse com um professor, um homem de educação fina, para a senhora que com este ultimo convivera durante annos.

O meu romancista responderia tranquillamente que a vida é uma grande mestra de inverosimilhanças e continuaria a expor as peripécias inverosímeis da sua historia: a rica senhora obtendo, graças aos depoimentos da parentella todos confirmativos da identidade do esposo, que este lhe fosse entregue; o processo instaurado perante a justiça pela familia do opera-

rio, a qual apresentava provas do erro de identificação e pedia uma decisão legal acerca da verdadeira personalidade do n.º 44.170; a sen-

O SR. MANUEL BANDEIRA

tocha do Supremo Tribunal reconhecendo no homem o typographo prevaricador e contra elle expedindo mandado de prisão; a gravidez e parte da senhora de Cremona (porque o desmemoriado de Turim, — fosse elle o typographo ou o professor — não esquevera a arte de fazer filhos); a apelação interposta pela familia do professor; a opinião publica dividindo-se entre duas presunções; o meio juridico, o meio medico, o meio jornalístico interessando-se pela questão...

Pois bem: essa intriga formidável é sem tirar nem pôr a novella que ha dois annos a vida, — não o fantoche da minha chronica — está compondo com varar para os que em materia de romance se contentam com o noticiario dos jornaes.

A vida plagiando Pirandello

A Italia é sabidamente uma terra de juristas notaveis, herdeiros das tradições romanas. O caso diffi-
cil do n.º 44.170 já arrastou nos debates alguns dos mais celebres advogados do norte da Italia. Nem faltou um, dos de maior renome, o sr. Parlatore, ex-secretario geral do Partido fascista, para sustentar que o desmemoriado não é nem o professor nem o typographo. Falta ainda um defensor para uma quarta hypothese que seria a dupla personalidade do mesmo individuo, como no caso de dr. Hyde e mr. Jekyll da novella de Arkison que o cinema popularizou no film "O Medico e o Monstro".

O que ha de curioso nessa historia da vida é a analogia que em muitos pontos apresenta com as ficções do italiano Pirandello. Este com os seus "Se's Personagens" que lutavam na elaboração do artista, com as suas criaturas que oscilavam nos limites da razão e da loucura (Eram loucos?... Não eram?... "Casi é se vi pare"...!) foi tido por absurdo, estapafúrdio, inverosímil. Agora a propria vida — não descuradamente a pluri-
lo. Não existe uma verdade objectiva... Existe uma verdade para cada um e todos os pontos de vista são legittimos e se equivalem... O numero 44.170 é Mario Brimeri, o typographo gauno? "Casi é se vi pare". O numero 44.170 é Giulio Canella, professor e official do exercito italiano? "Casi é se vi pare". E tanto parece assim á senhora Canella que do seu ponto de vista já resultou mais um habitante para a Italia fascista.

A PRIMAVERA — Principal estabelecimento de Fazendas, Arraúcho e Medas de Pernambuco.

31. "O Rio empolgado pela eleição de Miss Brasil", de Manuel Bandeira

O Rio empolgado pela eleição de Miss Brasil

As missões constituem o thema obrigatório de todas as conversas, a atracção de todas as festas, o motivo de todos os artigos.

MANUEL BANDEIRA

(Especial para A PROVÍNCIA)

A febre amarella continúa a zombar dos esforços da Saúde Pública, da Comissão Rockefeller e dos comitês subsidiários da campanha que lhe movem os poderes officiaes. Entretanto ninguém fala mais em febre amarella. A população perdeu o medo.

E' que o Rio está inteiramente empolgado pela eleição de miss Brasil. O Hotel Hahubá, o arranha-côr de rosa do quarteirão Serrador, é nestes dias o centro de gravitação da vida social carioca. Lá é que se hospedam as missões estuantes que vieram disputar o pareo de belleza nacional.

Final essa eleição, que á distancia cheirava um pouco a ridículo, transformou-se inesperadamente num formidável movimento de interesse publico. Tal e qual como o caso do Jahu, o ridículo foi submergido, levado de vencida pelo contágio de um sentimento que rapidamente se tornou colectivo e uniu ao Rio os brasileiros de todas as procedencias numa emoção estranha, afinal do contágio bella pela ingenuidade de suas manifestações.

A eleição de miss Brasil

Os jornaes costumam exagerar os acontecimentos quotidianos para effeitos de tiragem. Desta vez, porém, os leitores da A PROVÍNCIA podem acreditar: talvez mesmo o noticiário esteja aquém do alvoroço que vai por aqui.

Os esthetas, os requintados, os intellectuaes, os eternos enamorados da Hellade antiga devem andar assanhados. Porque elles viviam desorientados diante do espectáculo das multidões que se reuniam nos estadios para assistir a um trocar bogal de murros ou a uma partida de foot-ball. Ora, a eleição de miss Brasil attrahiu á praça de sports do Fluminense uma concorrência que bateu todos os records. Apesar de se tratar de um dia útil, não só as archibancadas, mas o mesmo gramado onde se disputam os jogos ficaram á cubra, de sorte que nem foi possível abrir na massa um simples corredor para o desfile das missões!

Estas constituem o thema obrigatório de todas as conversas, a atracção de todas as festas, o motivo de todos os artigos. O monsyllabo "miss" já foi manipulado em toda a sorte de combinações e "A pou pres" pelos profissionais e amadores do trocódillo. Um diz que na igreja ninguém mais resa direito, pois todo mundo fica com um olho no padre, outro na "miss". A uma pessoa que desafiava na eleição a um membro do jury, retrucou este imprudentemente:

— Ora, sala dali! Você já as viu de maillot? Não, não é? Pois então você não sabe da "miss" nem a metade!

O outro, des... maisou...

O que se diz sobre a decisão do jury

A respeito da decisão do jury correm por menores maliciosos acções das concorrentes. Assim diz-se que em maioria eram ellas realmente esculpturas. Mas uma não tinha idade, outra não tinha altura, outra era obrigada a usar "bon-Len-gor" e quella outra chula...

Havia também uma belleza com três pivots na frente de bocca. Suspirava-se que a miss-Rio-de-Janeiro bateu miss Paraná pelas medidas anthropométricas do rosto...

Ainda não tive occasião de ver de perto nenhuma dellas. Uma noite destas voltando de Copacabana, o meu omnibus cruzou com o cortejo que se levava ao baile do Praia

O SR. MANUEL BANDEIRA

Club. Desde o edificio da sociedade, na Avenida Atlântica, até o centro urbano havia curlosos a pé ou em automoveis para contemplar e applaudir. (A Avenida Rio Branco estava como nos dias de carnaval). O cortejo era de facto bonito. Qualquer moça razoavelmente bonita, vestindo uma toilette de baile toma logo proporções inesperadas. No meio da noite, dentro de um ludaulet illuminado então...

Que bello mappa do Brasil

As patricias estavam resmungando: — que mappa do Brasil! Outro dia o pintor DI Cavalcanti dizia-me:

— P'ra fazer figura, p'ra invader p'ra Galvaston a mulher seria a do Paraná. Porém como typo brasileiro a mais interessante é a da Parahyba. A miss Parahyba é estupenda. Você não sabe aquelle typo do Nordeste, aquelle moreno sem ser mulato, um moreno muito igual, o gesto arquiado do nariz? Pois miss Parahyba é assim. As photographias não dão idéa.

— E a miss Bahia?

— A miss Bahia tem uma pelle maravilhosa. E' dourada.

Outro artista, Elezzer Xavier, o jorop pintor pernambuco que está aqui ha menos de um anno e já conquistou nas rodas intellectuaes um prestigio muito merecido, tambem me deu algumas das suas impressões sobre o assumpto... irremediavel:

— Miss Paraná é uma mulher que nasceu para andar phando em petalas de rosa...

Miss Pernambuco é uma santinha

— E a nossa patricia, a Connie?

— E' linda: é uma santinha.

Quando eu ia indagar que tal a miss Amazonas, Xavier estendeu-me a mão bruscamente: — Até mais!

Uma coisa confortavel em tudo isso é o arzinho bom, sympathico, bom brasileiro de todas essas moças. As tolces que apparecem nas entrevistas devem ser com certeza dos entrevistadores. Elles vão perguntar á mesmas de decemais annos opinões sobre o amor e sobre a litteratura nacional. E' natural que uma diga que "os seus escriptores s'ao-oldestre s'ao Coelho Netto e Machado de Assis"... E' outra que "o amor é visgo e sou o seu o-m-curso não é possível viver".

Não faz mal: no poleiro do "Diario da Manhã" eu tenho lido muito pensamento assim com um nome ilustre por baixo...

33. "Um encontro terrível com Macobeba na ladeira dos Côchos", de José Mathias

Um encontro terrível com Macobeba na ladeira dos Côchos

Macobeba depois de aparecer como um demônio na ladeira dos Côchos partiu, com uma copihuba nas costas, em direcção à Santa Therezinha, para os lados do Jacuhype.

(Especial para A PROVINCIA) JOSÉ MATHIAS

Martinho, ainda da espera... Limpou a "para-bellum" com a percha de um velho granadeiro e mudou-lhe os cartuchos.

Exerçitou a pontaria: meteu

com o som de um chocalho de vaca desgarrada.

Novo surto e um reboliço deitro do malto grosso.

Martinho então partiu como um

Macobeba aparece como um demônio na ladeira dos Côchos

balas por bocas de sete garrafas a sete metros de distância; ponturou sete belugas em sete braços de Lha Costa e a sete metros de cada alvo com sete tiros de liberdade aos sete "zigue-zagues".

Monsieur Palot, illustre chim'co francês, presente, disse então com a sua habitual calma a Martinho: — "Tiro não o mata", Martinho. Recorramos a chimica.

Monsieur Palot, muito jovem ainda é um químico de renome universal. A sciencia nelle não foi o fruto do torrado estudo ou da longa experiencia; repontou-lhe no cerebro com a espontaneidade de um tumor maligno na região glutea.

Adolescente, no Rio de Janeiro, privado do auxilio paterno para as despesas mais immediatas, monsieur Palot em vez de engraxar sapatos foi ensinar chimica e verificou, então, que era um grande sábio: coucou esmolaro geral.

Martinho confiou tranquilamente a atirar: gravou a bala na parede a figura de Macobeba e depois fez cinco disparos certeiros, dois na região do coração e um em cada um dos olhos do famoso lob'ahomem figurado.

Um encontro com Macobeba. Enfin, na tarde de segunda-feira, quatro dias depois da chegada do abatesma, Martinho e monsieur Palot sahiram, um armado da sua "para-bellum" o outro de suas retortas, alambiques, serpentinas e garrafas chim'cas em direcção à ladeira dos Côchos.

Até certa distancia caminharam emparelhados. De repente, sem motivo um foi cediendo lugar ao outro, de modo que ao chegarem às circumvizinhanças estavam novamente emparelhados mais quozes sem andar.

Subito o éco de um bramido como um surto de jumento repetiu-se nas branhias, dentro da mata, nos côrgos e socavões.

Martinho e Palot fizeram alto e se entreolharam desfigurados: a mão que traxia a "para-bellum" arriu com o braço ao longo do corpo tremendo. As garrafas e retortas na outra mão entrechocaram-se doído e agarrou-se à primeira copihuba no acoito da macega alta e

Miss Pernambuco

A. LIMEIRA TEJO

(Especial para A PROVINCIA)

A seihorita Rose da Cunha não é certamente um typo de pernambucana legítima. Alia, essa historia de caracteristica no Brasil se concebe exactamente pela falta de caracteres definitivos. É um paradoxo. Mas é a verdade. A nossa confusão racial não nos permite articular qualquer idea de symbolismo.

Não é, pois, o verdadeiro typo de pernambucana "miss Pernambuco" si se quer os seus valores ethnogenicos. Mas o é, e beta notavel, si levarmos em conta a sua pernambucanidade muito forte. O seu impensado e ardoroso heirismo, "Pernambuco é a terra melhor para se viver" — disse ella no "O Jornal". E o disse naturalmente, sem lembranças, ao menos, que era essa uma das suas attitudes obligatorias. Uma das suas attitudes diplomaticas. Sentiu-se a sinceridade daquella phrase. A espontaneidade da consideração. Tão espontanea que era quase infantil. Outra que tomou de um amor mais convencional terra falado de uma maneira mais loquaz. (Obrigante no sentido literario, bem entendido).

— "Pernambuco é a terra melhor para se viver".

Ha muito de pernambucano nesta phrase. O heirismo é a mais forte caracteristica da nossa gente. Batizemo-nos mesmo synonymo de intolerancia. E isso ali é funcho exclusivo dos pimentos ou unica consequencia de alguns ethnogenicamente diffidias.

Só essa attitudé vale por uma legitimação da representante bura da terra morena.

E já é muito.

Decerto que ella não emana nenhum typo de heredita das revistas e das modas. Nenhuma typo patriarcal dos velhos sugnos e das famosas infamagorias. Nem nas torças que qualquer das suas conserções, typicamente morenas, o encarne finalmente. São solidades regionaes que não conta mais. O que conta, o unico elemento de autenticidade justa é o elemento espiito. E esse "miss Pernambuco" o tem fortissime impresso nas curvas de sua terra.

O "Arianza", em que clapeja a representante da ladeira femina de Pernambuco, chegou em um mão dia. Um dia que não comportava manifestações — sexta-feira santa. O seu desembarque não foi além de um pequeno de'aque no patibulo. E nesse tempo ainda não havia o esturrucho que enche hoje a terra cariosa. Chegou a noite, às 22 horas, sem estardalhoes, sem reclame. Foi quando o cabaloi, através de um retrato conseguido por um colega de redacção, retrato feito a bordo, de uma simplicidade commovedora. Retra vestia com um vestido lizo, um gorro de lá psta sem affectação, attitudé calma, natural, modesta, de uma tão suave expressão em que a gente sentiu um grande desprendimento. Resaltavam já as qualidades que e'zimbaram mais tarde no monacho de aproximacção. Qualidades, alia, diffidies de se constatar em moça cuja belleza sómente é motivo de analys. Mas em "miss Pernambuco" a tradição da sympathia é tão intensa que ella é possível destacar da analys essa influencia pessoal.

Macobeba appareceu como um demônio

Macobeba appareceu como um demônio: viu-o e aterrorizou-se a arvore, balançou-a, sacudiu-a, puxou-a de um lado e do outro e arrancando-a pelas raizes sahio com a copihuba nas costas e na dois desamparados em chima, tranzidos de

(Continúa na 4.ª pagina)

Não porem as vendas extraordinarias que A PRIMAVERA está promovendo. Artigos de primeira-sinca ordem e da melhor procedencia a preços baixissimos.

Uma agencia da "Aeropostals" em Fernando de Noronha

Foi inaugurado o primeiro edificio destinado á administração da C. G. A. naquella ilha

A "Compagnie Generale Aeropostale", que explora o serviço aereo de transporte entre a Europa e a Sul America está construindo um aeroporto na Ilha de Fernando de Noronha, que será em breve ponto obrigatorio de escala dosapparehos daquela empresa.

A 1 do corrente foi inaugurado ali o primeiro edificio destinado á administração da Companhia. Logo depois o telegrapho sahio do sr. Pinheiro Filho, director do presdio, ao sr. Genaro Guimarães, secretario da justiça.

"Doutor recuso-se justiça. Refeço. Companhia General Aeropostale inaugurou hontem primeiro edificio destinado sua administração. Respeitosas saudações. — Pinheiro Filho, director."

VAE AO SUL?

PRECISA DE IR AO SUL?

35. "Macobeba continua fazendo o diabo", de José Mathias

Macobêba continua fazendo o diabo

O terrível phantasma deixa em carecos varios engenhos, só ficando lhyres do seu poder infernal as capelinhas e igrejas.

JOSÉ MATHIAS

(Especial para A PROVINCIA)

Ora naquella noite os vigias do coronel Romen Pêda de Queiroz viram qualquer coisa de anormal e de desagradavel na esplanada da usina e nas circunstantes das edificações. Como homens pendentes de um fio, ficaram a olhar para o phantasma que se apresentava com a crania estupidiz de desso fabocho, muito provavelmente ca-davérico, que lá rondava?

— Ora Perantão, vai-te cozer pa-ra ali com a tua philosophia de in-ferno e justiça.

Macobêba fez uma rasoiira em 32 engenho de Catende.

Macobêba percorreu com a rapi-dez de um Latecoere os 52 enge-nhos do sempre ataral "Tupeto" (muvuca madrugada e dos dentro-dele o que se chama—uma rasoi- ra em rezo, não deixando vestigio em todos os 52, das antigas ban- cas: edificações, valhas chamadas, assentamentos, formilhas, atenuilho- de ferro e de paz, baldes, entraf, terríveis de amocar, tudo foi des- matado, demolido, arrastado, in- cendiado.

As capelinhas unicas ficaram no- alio dos morros porque um poder- estranho afasta o arado sombrio- das igrejas. A profanação do ce- meterio da Monacozzo custeou-lhe o olho que se apesqu na lata com o- polso-bol.

O campo para exploração agríco- la da poderosa eufia e intelligente- aproveitamento completo do solo só- albrago tod o serviço de Macobêba- naquella madrugada de terça-feira, na zona do Catende.

Macobêba na mesma Noctuidade

No madrugada do dia seguinte o phantasma das prais esteve ligi- ramente em Ropadinho de velho e- honrado coronel Menão Sampaio.

Pensou por ali como quem vai em- a ducilio certo recuár a um extremo- voxame de outra, como um medico- z em sorrovo de um doente grave.

Pera esdrasul- crumbidamente- sua viaje e uia do coronel Men- do, Macobêba dafou-lhe em cima- v da balança as retorias, alambiques, a- serpentina e garrafas clinicas de- Falel.

Delou e seguiu desesperado pa- tr o lado do "13 de Maio".

Dizem que foi offerecer-se ao dr. o- Leopoldo Pedron como mellandri- o da sua prescencia com os illustre- c- sr. Menão Lima & C.

E veria que u que não conseguio- o esforço commum dos homens an- o- quelle objectivo de paz e harmonia- p- conseguira o poder sobrenatural de- q- Macobêba.

A melhor lembrança do anno, por- moiro de balança? V. exila. não b- poder deixar de comprar se veri- o- fier as vantagens que A PRIMA- c- YERA está offerecendo a todos os- a- seus frequentes.

Vida escolar

CURSO DE ECONOMIA PURA NA FACULDADE DE DIREITO

O prof. Odilon Nestor fará am- niã de 20 horas, na Faculdade de- Direito do Recife a segunda prelec- ção do curso de economia para q- veia realizando, com tanto exito, d- perante um selecto auditorio.

O summario da segunda prelec- ção que delou de ser effectuada- hoje por ser dia santificado e não- e se encontrar aberta a Faculdade, é- o seguinte: A actividade eco- nómica — A utilidade e os bens c- economicos — Utilidade final e uti- lidade total — Lei de Gossen — As transformações economicas.

...O Macobêba com a rasoiira, o phantasma e a camião de fer- ro, fez o Macobêba.

Macobêba fez uma rasoiira em 32 engenho de Catende.

Macobêba percorreu com a rapi- dez de um Latecoere os 52 enge- nhos do sempre ataral "Tupeto" (muvuca madrugada e dos dentro- dele o que se chama—uma rasoi- ra em rezo, não deixando vestigio em todos os 52, das antigas ban- cas: edificações, valhas chamadas, assentamentos, formilhas, atenuilho- de ferro e de paz, baldes, entraf, terríveis de amocar, tudo foi des- matado, demolido, arrastado, in- cendiado.

As capelinhas unicas ficaram no- alio dos morros porque um poder- estranho afasta o arado sombrio- das igrejas. A profanação do ce- meterio da Monacozzo custeou-lhe o olho que se apesqu na lata com o- polso-bol.

O campo para exploração agríco- la da poderosa eufia e intelligente- aproveitamento completo do solo só- albrago tod o serviço de Macobêba- naquella madrugada de terça-feira, na zona do Catende.

Macobêba na mesma Noctuidade

No madrugada do dia seguinte o phantasma das prais esteve ligi- ramente em Ropadinho de velho e- honrado coronel Menão Sampaio.

Pensou por ali como quem vai em- a ducilio certo recuár a um extremo- voxame de outra, como um medico- z em sorrovo de um doente grave.

Pera esdrasul- crumbidamente- sua viaje e uia do coronel Men- do, Macobêba dafou-lhe em cima- v da balança as retorias, alambiques, a- serpentina e garrafas clinicas de- Falel.

Delou e seguiu desesperado pa- tr o lado do "13 de Maio".

Dizem que foi offerecer-se ao dr. o- Leopoldo Pedron como mellandri- o da sua prescencia com os illustre- c- sr. Menão Lima & C.

E veria que u que não conseguio- o esforço commum dos homens an- o- quelle objectivo de paz e harmonia- p- conseguira o poder sobrenatural de- q- Macobêba.

A melhor lembrança do anno, por- moiro de balança? V. exila. não b- poder deixar de comprar se veri- o- fier as vantagens que A PRIMA- c- YERA está offerecendo a todos os- a- seus frequentes.

Vida escolar

CURSO DE ECONOMIA PURA NA FACULDADE DE DIREITO

O prof. Odilon Nestor fará am- niã de 20 horas, na Faculdade de- Direito do Recife a segunda prelec- ção do curso de economia para q- veia realizando, com tanto exito, d- perante um selecto auditorio.

O summario da segunda prelec- ção que delou de ser effectuada- hoje por ser dia santificado e não- e se encontrar aberta a Faculdade, é- o seguinte: A actividade eco- nómica — A utilidade e os bens c- economicos — Utilidade final e uti- lidade total — Lei de Gossen — As transformações economicas.

36. "É possível acabar com o mocambo no Recife?", de Salomão Figueira

E' possível acabar com o mocambo no Recife?

Seria de muita conveniencia que, antes de parlarmos numa columna de jornal, fizessamos uma "enquête" entre os habitantes dos mocambos para conhecermos das suas condições hygienicas, diz em artigo para A PROVINCIA o sr. Salomão Figueira.

SALOMAO FIGUEIRA

(Especial para A PROVINCIA)

Se o meu confrade Ribeiro Couto não escrevesse em prosa, por signal uma bella prosa que enche de cada vez, para regalo nosso, u'na módia de duas columnas deste jornal, eu diria, ao 40-lo, que elle é um simples vale, da estirpe daquelles a quem se refere na sua ultima chronica. De resto, póde-se poetar tambem sem fazer versos. E é a impressão que me deixa em summa, o confrade, quando diz:

"O' Dôa Viagem! Si Jesus Christo tivesse que nascer hoje, Nossa Senhora estolheria um dos tous mocambos para o doce mysterio!"

Qual nada! Nossa Senhora commetteria lá esse grave erro! Mesmo porque, nem eu, nem o sr. Ribeiro Couto, nem o sr. Aníbal Fernandes, nem christão algum o consentiria! Iriamos todos ao dr. Arthur de Sá e lhe pediríamos um leitinho bem branco, numa salinha bem clara, por conta da Liga Pernambucana contra a Mortalidade Infantil, para que lá occorresse o doce, o suave, o lindo mysterio. Substituir a mangedura pelo mocambo seria sujeitar o divino parvulo á accrescer de mais um a cifra que a triste moradia fornece ao obituário infantil na urbe mauriciá.

O mocambo não tem hygiene

Porque, o confrade fique certo: o mocambo póde ser interessante e é; póde receber o sol de todos os lados e recebe; mas é feito de lama e detritos outros; constroem-no na vaza, entre monturos. Não tem hygiene alguma! É um dos factores maiores das doenças da população! Seria de muita conveniencia que, a esse respeito, antes de parlarmos numa columna de jornal, fizessamos uma "enquête" entre os habitantes do nosso burgo leustore e indagassemos das suas condições physiologicas, do indice da letalidade entre elles. Talvez, então, o "caboclo só com a mulher e a filhaçada" inspirasse ao confrade uma piedade infinita, em vez de dar-lhe a illusão de que está contentissimo com a sua sorte.

Eu bem sei que, nos grandes conglomerados humanos, principalmente, é inevitavel o contraste entre a opulencia e a miseria. Mas não ignoro, por outro lado, que é um imperativo das "elites", nesses conglomerados, esforçar-se por que

no duello eterno, se attienue tanto quanto possível a derrota fatal da miseria. Que me importa a mim que Paris a Londres ou Pekin ou Calcuttá tenham ghettos e cortijos onde o destino dos que os enchem, num promiscuidade de bestas, representa a ultima expressão do desamparo obscuro e sem remedio? O meu dever de civilizado, em Pernambuco, é concorrer, como puder, para que isso se reproduza por cá o menos possível e uma das formas desse concurso é acabar com o mocambo.

Nem só de pittoresco vive o homem

Elle faz certamente, uma bonita figura nas paysagens do sr. Mario Nunes. Sómente nem só de pittoresco vive, o homem. "Levar turistas aos mocambos e dizer-lhes que aquilo é delizioso", como quer o sr. Ribeiro Couto, permitta-me o confrade que insista, — só por pihieria. Os turistas acabariam rindo-nos no nariz. Aliás, a preocupação da "salade visitas", tão nossa, não é a que me obsedia neste caso. Quando eu falo mal do mocambo, não é pensando no que diriam de nós lá fora a proposito d'elle, mas convencido de que se trata de uma chaga de verdade, que urge sarar para melhorarmos o padrão de vida das nossas classes pobres e sermos dignos de nós mesmos.

O homem que pretende acabar com os mocambos no Recife — veja só o sr. Ribeiro Couto — não é precisamente um bardo. Creio, mesmo, que, entre as suas inconsequencias da mocidade, elle não tricluiu a de ter perpetrado nenhum desses sonetos pelo qual o confrade mostra tão justo desdém. É um "businessman", todo cifrao e altos negocios. É apenas, o director da agencia do Banco do Brasil em Pernambuco.

A distancia do chalet ao mocambo

Não creio, de resto, que elle vença. Não porque o mocambo seja inextinguível. Mas porque receio faltet ao dr. Arsenio de Lemos melos para derrubá-lo no seu nobre empenho de conseguir que a cidade mauriciá se livre do casario infecto, igualando-se, por exemplo, a São Paulo, onde, em que pese ao confrade, não é possível defrontar um espectáculo de miseria assim.

Ha, sem duvida, em Boa Viagem chalets que eu tambem acho detestaveis com a sua reprodução irritante de postal suizo, em que os telhados projectam-se quase perpendicularmente... para facilitar a queda da neve. Dahi, no entanto, para oppôr-lhes o mocambo como conforto e esthetica, a distancia é enorme. Só, com effeito, "pour épaté", eu poderia, numa chronica ou até num verso modernista, preferir uma cubata a um bangalou.

37. "Alencar e a linguagem brasileira", de Manuel Bandeira

Alencar e a linguagem brasileira

Parece que foi Alencar o primeiro a defender para o escriptor brasileiro o direito de usar da lingua já diferenciada por tres seculos de outro ambiente, outros costumes, outras necessidades.

MANUEL BANDEIRA

(Especial para A PROVINCIA)

O centenário de Alencar provocou, entre os numerosos artigos com que lhe exaltaram a gloria de poeta e iniciador do romance brasileiro, alguns commentarios sobre a questão do português falado e escripto no Brasil.

Parece que foi Alencar o primeiro a defender para o escriptor brasileiro o direito de usar da lingua já diferenciada por tres seculos de outro ambiente, outros costumes, outras necessidades. Em virtude disto ou daquillo, criaram-se aqui — esta é que é a verdade — novos pacos de linguagem aos quaes vão ficando cada vez mais antipathico e mais pedante não attender com uma systematização grammatical. Os que reagem contra essa corrente o fazem em nome de uma tradição de titulos bem mediocres, a saber a tradição quinhentista portuguesa, porque tirando Camões e Gil Vicente (este aliás quase illegivel) que substancia de pensamento ou emoção podemos haurir dos velhos classicos? Com a leitura precoce de uma syntaxe tão distancada das nossas formas de expressão actuaes apenas conseguimos embaraçar a crystallização da nossa propria syntaxe segundo as tendencias irresistíveis faceis de assignalar no falar desprentencioso dos brasileiros cultos.

Devemos organizar anthologias de escriptores nacionaes

Já é tempo de organizarmos para as nossas classes secundarias anthologias de prosadores exclusivamente nacionaes e escolhendo de preferença os trechos em que mais perto elles ficaram da linguagem que mais nossa é pelo vocabulario e pela construcção. Nem bastaria apresentar somente prosadores nacionaes; conviria excluir dentre elles nomes como Ruy Barbosa, que embora dos maiores, nada significam para aquelle sentido de differenciação que convém inculcar. A nós brasileiros de hoje, a quem im-

porta mais uma scena de costumes dos suburbios do Rio do que todas as florestas de exemplos dos fradellhões quinhentistas, mais nos interessa a linguagem de um prosador como Lima Barretto, tido embora como incorrecto segundo o criterio purista de inspiração portuguesa, do que o esplendor verbal de Ruy, absolutamente exótico no seio da selva gostosa dos nossos barbarismos. O gosto da vida (da nossa vida) está é com o primeiro.

Sejamos brasileiros como foi Alencar

Ora, essa anthologia teria precisamente que começar a partir de Alencar. Não foi elle apenas o primeiro a querer escrever nos seus romances o português dos brasileiros. Mas fazendo-o, deu-nos também o verdadeiro senso da adaptação artistica da nossa linguagem. Podia ter ido bem mais longe. Nunca, porém, errou por excesso de medida ou intenção.

E' preciso frisar bem esse ponto, porque ultimamente tem havido novas e mais arriscadas tentativas de aproveitamento literario das formas brasileiras, ensaios que apesar de muito louváveis pela coragem e pelo sabôr de muitas paginas, todavia vão ficando prejudicados pelos excessos de uma systematização que acaba destruindo toda a naturalidade da dicção. O "Macunaima", livro aliás delicioso, é de leitura tão difficil quanto as "Paginas de Esthetica", também deliciosas. Num e noutro ha purismo. E o purismo, de qualquer sorte que seja, é sempre coisa monstruosa e para evitar.

Vamos ser brasileiros. — mas com discreção. Como foi Alencar.

Não percam as vendas extraordinarias que A PRIMAVERA está promovendo. Artigos de primeira ordem e da melhor procedencia a preços reduzidissimos.

38. Seção "Vida Musical". "Ainda a propósito de Friedman – O célebre pianista tem uma memória extraordinária – Friedman há nove anos esteve no Rio e em S. Paulo – Como Friedman dá suas impressões do que viu, no Brasil", de Ernani Braga

VIDA MUSICAL

**Ainda a propósito de Friedman---
O célebre pianista tem uma memó-
ria extraordinária --- Friedman ha
nove annos esteve no Rio e em S.
Paulo---Como Friedman dá as
suas impressões do que viu no
Brasil**

ERNANI BRAGA

(Especial para A PROVINCIA)

Não ha bem que se possa dizer, que quando Friedman viu, dos dois concertos, convertem um pequenino com a gente, fosse embora. Tudo isso passou como um sonho muito bom, mas muito curto, deixando-nos cheios de saudade. Friedman nos fez viver alguns dias intensamente, no contacto da sua arte, toda feita de fascinação e deslumbramento. Mas foi uma vida efêmera. Tal qual a das rosas de Matischerbes! -- conforme dizia certo parlamentar brasileiro. Rose no pedo. Ilustração entre as mude illustres, valiosas de Paris profundamente triste. Convinco de que as célebres rosas, tão famosas e tão citadas, desabrochavam e floresciam no boulevard Matischerbes, nascida innumeras vezes por lá, na vã esperança de lhes aspirar o perfume. Pareto infeliz!

Menas infeliz me considero eu, por não ter alimentado nunca essa mesma esperança, e por ter todavia encontrado, com Friedman, varios dedos de prosa.

Friedman ha nove annos esteve no Brasil

Friedman tem uma memória extraordinária. Lembra-se minuciosamente das pessoas com as quaes conviveu, e das pequenas incidentes ocorridas no Rio e em São Paulo. Durante a sua breve permanencia, naquellas cidades, ha nove annos passados. Depois disso elle já esteve, por varias vezes, na França, na Italia, na Alemanha, na Inglaterra, na Russia, na Polonia, na Austria, na Japão, na America do Norte, no Egypto. Em mil lugares diferentes. Travou conhecimento com milhares de criaturas de todos os raios. Mas não se esqueceu nem dos brasileiros, nem de que tinha visto no Brasil.

Lembrava-se perfeitamente de Oswald, e citou com enthusiasmo algumas de suas composições para piano.

Lembrava-se de Arthur Napoleão, o de que ouvira tocar por elle.

Lembrava-se de Alberto Nepomuceno, e de permenoras como este, que Nepomuceno estudára na Alemanha e Oswald na Italia. Lembrava-se de Francisco Braga e das suas composições para orchestra, que lhe pareceram dignas do maior apreço. Lembrava-se de Chiffarelli. Havia observado attentamente a personalidade do notavel professor italiano, que viveu e trabalhou tantos annos em S. Paulo. Essa observação levou-o a concluir que o proprio Chiffarelli desconhecia até que ponto ditha o espirito germanizado. E tinha mesmo. Friedman viajava frequentemente o saudoso musico a quem S. Paulo deve grande parte do seu desenvolvimento artistico. Ouviu muitas das suas discipulas. Acha que elle foi um excellent professor, mas tinha um gravissimo defeito. Era bondoso de mais.

Um professor deve ser antes lino que assucar

E era mesmo. Friedman affirmava que em professor, para produzir bons discipulos, deve ser antes severo que suave, antes lino que assucar. Também acho. Mas acho, em todo caso, que se póde fazer uma combinação admiravel do lino com o assucar. Os resultados são, quase sempre, optimos. Segundo Friedman o professor deve poupar avaramente o elogio. E não era o que se fazia em S. Paulo, onde cada pianista

institua revelava, exercitando-se no aprendizado do ingenuo instrumentista, um talento especial e absolutamente notavel. Era no jogo ligado, aquella nos saltos mortaes. Uma no emprego do pedal direito, outra na dextreza do quarto dedo esquerdo. A -- para chochamar (Chopin), B -- para deslizar Villa Lobos, Váya, no estylo romântico, Synhó, no dramático. E assim que se comportavam os professores em S. Paulo, em outro tempo. E provavelmente assim que elles terão ainda hoje. Resultado para os discipulos, uma forte dose de vaidade em detrimento do estudo sério e attento. E não é com vaidade que se ganham qualidades pianísticas.

Friedman lembra-se de que havia, no Rio e em S. Paulo, jovens pianistas que passavam sete e oito horas por dia a martellar o teclado. Perguntel-lhe si não achava exagerado esse esforço.

Parece-me, disse elle, que ninguem, nem nos piores tempos, poderá applicar com proveito, mais de quatro horas por dia ao exercicio do piano.

O estudo do piano deve ser mais cerebral que mechanico

Nos climas equaes, como o do Brasil, quem exerce de cozeiro exerce diario de mais de tres horas de um trabalho. De facto, todos os arte exercitavam, moravam pelo caminho.

O estudo do piano, diz Friedman, repellido uma conhecida verdade, deve ser mais cerebral que mechanico. Os dedos são dos soldadinhos, comandados pelo mião. O comandante é obrigado a vigiar constantemente essas solidos recalcitantes, bochechas, impondo-lhes disciplina ininterrupta e rigorosissima, para evitar decausas irremediáveis.

Disciplinas minhas! Não sou eu quem está falando. É Friedman.

O grande artista me disse ainda não haver encontrado em nenhuma outra racha, a predisposição e a precocidade para a musica que se encontram no brasileiro.

Friedman é polaco, mas acha que o polaco, no contrario da que muitos gente supõe, geralmente não tem bouza para a musica. A Polonia é quase anti-musical. Não ha, em todo paiz, outra orchestra, e mediocre. Mas tem, os patricios de Friedman, o que os muscos não têm: -- uma tenacidade de ferro.

Os muscos polacos

Quem na Polonia se dedica á musica, sabe que si não chegar a ser um artista notavel, morará de fome. Nem mais nem menos. E por isso a polaco estuda como gente grande. Estuda com ardor, com frenesi, para não morrer de fome. E por isso, chega, frequentemente, á rebeldade. Ora, aqui no Brasil os brezinhos e os mediocres sabem que nunca morrerão de fome, apesar de toda a sua prodigiosa vaidade e lamentavel mediocridade. Por isso poucos procuram avançar além do meio do caminho.

Tiro curiosidade de saber da Friedman quem os pianistas -- que lhe pareceram dignos de figurar, naturalmente com elle, entre os milharões no mundo. A pergunta era absolutamente tola. Mas Friedman me respondeu. E a sua resposta me satisfez de vez, porque concorda assim: --

Harkmanisoff, evidentemente...

Friedman lembra-se de tanta coisa daqui do Brasil... Lembra-se de ter morado, no Rio, um dia, uma compota, que era assim como umas lanchas brancas, muito perfumadas... O dr. Gonçalez de Barros descobriu que era o bacury. E Friedman pôde matar saudades do bacury, declarando que não ha coisa mais gostosa no mundo.

Na composicao lembrava-se de algumas viagens que fez em estradas de ferro do sul da nossa terra. E jurava que não pretende matar saudades dessas dolorosas peregrinações terroristicas. Que diria Friedman si tivesse visitado boa trez da Great Western!...

BIBLIOGRAFIA

Gilberto Freyre (livros, artigos e alguns opúsculos)

FREYRE, Gilberto. **6 conferências em busca de um leitor**. Prefácio de Gilberto de Melo Kujawski. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.

_____. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

_____. **Apologia pro generatione sua**. Disponível em: <http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/apologie.htm>. Acesso em: nov. 2007. Palestra originalmente publicada como texto autônomo na Paraíba, com datação de 5 de abril de 1924.

_____. **A casa brasileira**: tentativa de síntese de três diferentes abordagens, já realizadas pelo autor, de um assunto complexo: a antropológica, a histórica e a sociológica. Rio de Janeiro: Grifo, 1971.

_____. **A condição humana e outros temas**. Trechos escolhidos por Maria Elisa Dias Collier. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1972.

_____. Diários e memórias. In: _____. **Pessoas, coisas e animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.195-196. Edição especial para MPM Propaganda.

_____. Fidalgos pernambucanos. In: _____. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. p.229-239.

_____. Informação, comunicação e cartão-postal. In: _____. **Alhos & bugalhos**: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça: de José Lins do Rego ao cartão postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p.146-161.

_____. Introdução do autor. In: _____. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1, p.9-10.

_____. **Novos estudos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. Prefácio à 1ª. edição. In: _____. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.43-74.

_____. **A propósito de frades**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

_____. **A propósito de José Bonifácio**. Recife: Ed. do Instituto Joaquim Nabuco, 1972. A propósito de Manuel Bandeira. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 jun. 1925.

_____. A propósito de Manuel Bandeira. In: _____. **Tempo de Aprendiz**. São Paulo: IBRASA, 1979. v.2., p.177-179.

_____. **Açúcar**: em torno da etnografia, da história e da sociologia do doce no Nordeste canavieiro do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1969.

FREYRE, Gilberto. Ainda Amy Lowell. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 dez. 1940.

_____. **Alhos & bugalhos**: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça: de José Lins do Rego ao cartão postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. Amy Lowell: uma revolucionária de Boston. In: _____. **Vida, forma e cor**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 1987. p.27-38.

_____. **Antologia**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1977.

_____. **Apipucos**: que há num nome? Ilustrações de Elezzer Xavier. Organizado por Edson Ney da Fonseca. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1983.

_____. **Arte & ferro**. Recife: Ranulpho Editora de Arte, 1978. Álbum com 5 serigrafias de Lula Cardoso Ayres.

_____. **Arte, ciência e trópico**: em torno de alguns problemas de Sociologia da Arte. São Paulo: Martins, 1962.

_____. **Artigos de jornal**. Recife: Casa Mozart, 1935.

_____. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Condé, 1955.

_____. **Assombrações do Recife Velho**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Assucar** : algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste. Ilustrações de Manoel Bandeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.

_____. **Atualidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro, 1941.

_____. **Aventura e rotina**: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e de ação. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. (Coleção Documentos Brasileiros, 77).

_____. Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados. In: _____. **Talvez poesia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.9-11.

_____. **Um brasileiro em terras portuguesas**: introdução a uma possível lusotropicologia: acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

_____. **O brasileiro entre os outros hispanos**: afinidades e possíveis futuros nas suas inter-relações. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.

_____. **Brasis, Brasil e Brasília**. Lisboa: Livros do Brasil, 1960.

_____. **Brazil**. Washington, DC: Pan American Union, 1963.

_____. **Brazil**: an interpretation. New York: Alfred A. Knopf, 1945.

- FREYRE, Gilberto. **O camarada Whitman**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948
- _____. **Camões: vocação de antropólogo moderno?** São Paulo: Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984.
- _____. et al. **Cana e reforma agrária**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1970.
- _____. **Carta de Gilberto Freyre a Carlos Drummond de Andrade**, de 10 de maio de 1978. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.
- _____. **Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro**. Seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1978.
- _____. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- _____. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Casas-grandes & senzala**. Recife: Ranulpho Editora de Arte, 1977. Álbum com 5 guaches de Cícero Dias.
- _____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Prefácio de Roberto Lyra Filho. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968.
- _____. **Como e porque sou escritor**. João Pessoa: Universidade da Paraíba, 1965.
- _____. **Conferências na Europa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.
- _____. **Contribuição para uma Sociologia da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, Governador de Mato Grosso, no fim do século XVII**. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1968.
- _____. **Cultura e museus**. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1985.
- _____. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier**. Prefácio e notas de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1940.
- _____. **Dona Sinhá e o filho padre**: seminovela. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
- _____. Dos oito aos oitenta. In: BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira: poesias reunidas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.26-30.
- _____. Em defesa da saudade. **Jornal do Commercio**, Recife, 3 out., 10 out. 1965.

FREYRE, Gilberto. Em defesa da saudade. In: _____. **Pessoas, coisas e animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.223-225. Edição especial para MPM Propaganda.

_____. **Em torno das relações culturais do Brasil com a Alemanha**. Recife: Ed. da UFPE, 1974. Disponível em:
< http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/torno_relacoes.htm >. Acesso em: jul. 2007.

_____. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.

_____. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Prefácio do Prof. Fróes da Fonseca e nota do Prof. Silva Melo. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

_____. **Ferro & civilização**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. **Ferro & civilização no Brasil**. Recife: Fundação Gilberto Freyre; Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____. **The Gilberto Freyre reader**. Translated by Barbara Shelby. New York: Alfred A. Knopf, 1974.

_____. **Gilberto poeta**: algumas confissões. Recife: Ranulpho Editora de Arte, 1980. Álbum com 5 serigrafias de Lula Cardoso Ayres, Jener Augusto, Wellington Virgolino, Reynaldo Fonseca e Aldemir Martins.

_____. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Ilustrações de Luís Jardim. Recife: Editora do Autor, 1934.

_____. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942.

_____. **Heróis e vilões no romance brasileiro**. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1979.

_____. **The History of Brazil**: The masters and the slaves, The mansions and the shanties and Order and progress. London: Secker & Warburgh, 1971. 3v. Edições norte-americanas distribuídas na Inglaterra pela Oxford University Press, sem conhecimento do autor.

_____. **Homem, cultura e trópico**. Recife: Imprensa Universitária, 1962.

_____. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Inglese**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942.

_____. **Inglese no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Prefácio de Octávio Tarquínio de Sousa. Desenhos de Rosa Maria e Luís Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

_____. **Insurgências e ressurgências atuais**: cruzamentos de sins e não num mundo em transição. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

FREYRE, Gilberto. **Integração portuguesa nos trópicos = Portuguese integration in the tropics**. Vila Nova de Famalicão: Junta de Investigações do Ultramar, 1958.

_____. **Interpretação do Brasil**. Tradução e introdução de Olívio Montenegro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947.

_____. Joaquim Nabuco e sua formação. In: NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963. Disponível em: <<http://bvfg.fgf.org.br>>. Acesso em: out. 2005.

_____. **The Johan Maurits van Nassau-Siegen from a Brazilian viewpoint**. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

_____. Leituras inglesas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 maio 1942.

_____. A literatura moderna no Brasil. In: _____. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.281-314.

_____ et al. **Livro do Nordeste**. Introdução de Mauro Mota e prefácio de Gilberto Freyre. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. Edição Comemorativa do primeiro centenário do Diário de Pernambuco. Edição fac-similar ao original de 1925.

_____. **O luso e o trópico**: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da européia num complexo novo de civilização: o lusotropical. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.

_____. **Manifesto regionalista**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1966.

_____. **Manifesto regionalista de 1926**. Recife: Edições Região, 1952.

_____. Manuel Bandeira e o Recife. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.

_____. Manuel Bandeira, recifense. In: _____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. p.173-181.

_____. **Médicos, doentes e contextos sociais**: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

_____. **Memórias de um Cavalcanti**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

_____. **Meu amigo Gurvitch**. Caruaru: Faculdade de Direito de Caruaru, 1972. Disponível em: <http://www.bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/gurvitch.htm>. Acesso em: jul. 2007.

_____. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste**: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937.

_____. **O mundo que o português criou**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.

_____. **Na Bahia, em 1943**. Rio de Janeiro: Comp. Brasileira de Artes Gráficas, 1944.

_____. **New World in the tropics**. New York: Alfred A. Knopf, 1959.

_____. **New World in the tropics: the culture of modern Brazil**. Westport: Greenwood, 1980.

_____. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Com ilustrações de Manoel Bandeira e fotografias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.

_____. **Nordeste**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

_____. **Nós e a Europa germânica**: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1971.

_____. **Obra escolhida**: Casa-grande & senzala, Nordeste e Novo Mundo nos trópicos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

_____. **Oh de casa!** : em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

_____. **Olinda**: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira. Ilustrações de Manuel Bandeira. Recife: Ed. do Autor, 1939.

_____. **Olinda**: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1944.

_____. **Oliveira Lima, Dom Quixote gordo**: com 60 cartas inéditas de Oliveira Lima. Recife: Imprensa Universitária, 1968.

_____. **Ordem e progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre: e da Monarquia para a República. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. 2v.

_____. **Ordem e progresso**. São Paulo: Ed. Global, 2004.

_____. **O outro amor do Dr. Paulo**: seminovela: continuação de Dona Sinhá e o Filho Padre. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

_____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. (Coleção Documentos Brasileiros, 41).

_____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Pernambucanidade consagrada**. Recife: FUNDAJ: Massangana, 1987. Disponível em:
<http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/pernambucanidade_consagrada.ht>. Acesso em: jul. 2007.

_____. **Pessoas, coisas & animais**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. Edição especial para MPM Propaganda.

_____. A pintura no Nordeste. In: _____ et al. **Livro do Nordeste**. Introdução de Mauro Mota e prefácio de Gilberto Freyre. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. Edição Comemorativa do primeiro centenário do Diário de Pernambuco. Edição fac-similar à de 1925. p.126-129.

_____. **Poesia reunida**. Ilustrações de Marcos Cordeiro. Recife: Edições Pirata, 1980.

_____. **Prefácios desgarrados**. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. 2v.

_____. **A presença do açúcar na formação brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1975. (Coleção Canavieira, 16)

_____. **Presença do Recife no modernismo brasileiro**. Recife: Ed. de Cadernos Moinho Recife, 1972.

_____. **Problemas brasileiros de Antropologia**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

_____. **Quase Política**: 9 discursos e 1 conferência. Introdução de Munhoz da Rocha. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950.

_____. **The racial factor in contemporary politics**. London: MacGibbon & Kee, 1966. (Occasional papers, 1) Disponível em:
<http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/racial_factor.htm> Acesso em: out. 2006.

_____. **O Recife, sim! Recife, não!** Rio de Janeiro: Arquimedes, 1965.

_____. Recordação de Amy Lowell. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 dez. 1940.

_____. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. (Coleção Documentos Brasileiros, 29).

_____. O regional e o universal na pintura de Cícero Dias. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 15 out. 1960. Disponível:
<http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/o_regional.htm>. Acesso em: maio 2005.

_____. **Reinterpretando José de Alencar**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

FREYRE, Gilberto. **Retalhos de jornais velhos**. Prefácio de Luís Jardim. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

_____. O Rio que Gastão Cruls vê. In: CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**: notícia histórica e descritiva da cidade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1949. (Coleção Documentos Brasileiros, 60). Disponível em: <<http://bvfg.fgf.org.br>>. Acesso: jun. 2006.

_____. **Rurbanização**: que é? Recife: Massangana: Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

_____. **Seleta para jovens**. Organizada pelo autor com a colaboração de Maria Elisa Dias Collier. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1971.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.

_____. Social life in Brazil in the middle of the 19th century. **The Hispanic American Historical Review**, Baltimore, v.5, n.4, p.597-630, Nov. 1922.

_____. **Sociologia**. Prefácio de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.

_____. **Sociologia da Medicina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

_____. **Sugestões de um novo contato com universidades européias**. Recife: Imprensa Universitária, 1961.

_____. **Talvez poesia**. Prefácio de Mauro Mota. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

_____. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. 2v.

_____. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

_____. **Transformação regional e ciência ecológica**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

_____. **O velho Félix e suas “memórias de um Cavalcanti”**. Prefácio de Lourival Fontes. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

_____. **Vida, forma e cor**. Prefácio de Renato Carneiro Campos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

_____. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Vida social do Brasil nos meados do século XIX**. Tradução de Valdemar Valente, revista, aumentada e prefaciada pelo autor. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.

FREYRE, Gilberto; LIMA, Oliveira. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima a Gilberto Freyre. Organização de Ângela de Castro Gomes. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

Manuel Bandeira (livros e traduções)

- Livros

BANDEIRA, Manuel. **50 poemas escolhidos pelo autor**. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

_____. **Alumbramentos**. Salvador: Dinameme, 1960.

_____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966.

_____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

_____. **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1964.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros: poesia da fase parnasiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros: poesia da fase romântica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros: poesia da fase simbolista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____ (Org.). **Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Z. Valverde, 1946.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937.

_____ (Org.). **Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1965.

_____. **Antologia poética**. Edição aumentada. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1961.

_____. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.

_____. Auto-retrato. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.394.

_____. **A autoria das Cartas Chilenas**. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, 1940.

BANDEIRA, Manuel. **Berimbau e outros poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. **Carnaval**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1919.

_____. **Carta de Manuel Bandeira a Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, com datação “Recife, 28 janeiro de 1957”**. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

_____. (Org.). **Cartas a Manuel Bandeira, de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1958.

_____. Casa Grande & Senzala. In: _____. **Mafuá do malungo**. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1948. Na oficina de João Cabral de Melo Neto.

_____. Casa Grande & Senzala. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

_____. **A cinza das horas**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1917.

_____. **A cinza das horas; Carnaval; O ritmo dissoluto**. Edição crítica por Júlio Castañon Guimarães e Rachel T. Valença. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. **Colóquio unilateralmente sentimental**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. **Crônicas da província do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. **Crônicas da província do Brasil**. Organização, posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. **De poetas e de poesia**. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

_____. **Estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1936.

_____. **Estrela da tarde**. Salvador: Dinameme, 1960.

_____. **Estrela da vida inteira: poesias reunidas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966.

_____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Altaya, [1992].

_____. **Flauta de papel**. Rio de Janeiro: Teatro Municipal, 1956.

_____. **Francisco Mignone**. Rio de Janeiro: Teatro Municipal, 1956.

_____. Gilberto Freyre poeta. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. p.79-93.

_____. **Gonçalves Dias: esboço biográfico**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. Ilustrações por Luís Jardim e Joanita Blank. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

_____. **Guia de Ouro Preto**. 3.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, [194-?].

_____. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1954.

_____. **Libertinagem**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.

_____. **Libertinagem ; Estrela da manhã** : edição crítica. Coordenação de Giulia Lanciani. [Paris]: UNESCO; Nanterre : ALLCA XX, Université de Paris X, 1998.

_____. **Literatura hispano-americana**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.

_____. **Mafuá do malungo**. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1948. Na oficina de João Cabral de Melo Neto.

_____. **Mário de Andrade, animador da cultura musical brasileira**. Rio de Janeiro: Teatro Municipal, 1954.

_____. **O melhor da poesia brasileira 1**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

_____. **O melhor soneto de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

_____. **Meus poemas preferidos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

_____. **Noções de história das literaturas**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

_____. **Obras poéticas**. Lisboa: Minerva, 1956.

_____. (Org.). **Obras poéticas de Gonçalves Dias**. São Paulo: Ed. Nacional, 1944.

_____. **Opus 10**. Niterói: Hipocampo, 1952.

_____. **Oração de paraninfo**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1946.

_____. **Pasárgada**. Poemas escolhidos e ilustrados por Aldemir Martins. Rio de Janeiro: Sociedade dos Cem Bibliófilos, 1959.

_____. Pernambuco, sim, senhor. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.34-35.

_____. **Um poema de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1956.

_____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

_____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. 2v.

_____. **Poesia e vida de Gonçalves Dias**. São Paulo: Ed. das Américas, 1962.

_____. **Poesias**: A cinza das horas, Carnaval, O ritmo dissoluto. Rio de Janeiro: Tip. da Revista de Língua Portuguesa, 1924.

_____. (Org.). **Poesias, de Alphonsus de Guimaraens**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

_____. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Comp. Carioca de Artes Gráficas, 1940. Reúne A cinza das horas, Carnaval, O ritmo dissoluto, Libertinagem, Estrela da manhã, Lira dos cinqüent'anos.

_____. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944.

_____. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948. Reúne A cinza das horas, Carnaval, O ritmo dissoluto, Libertinagem, Estrela da manhã, Lira dos cinqüent'anos, Belo belo.

_____. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.

_____. **Poesias escolhidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. **Poesias escolhidas**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1948.

_____. **Quadrante 1**: crônicas. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1962. Co-autoria com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga.

_____. **Quadrante 2**: crônicas. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963. Co-autoria com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga.

_____. **Os reis vagabundos e mais 50 crônicas**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966.

_____. Retrato. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.

_____. Segredo da alma nordestina. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.270-273.

_____. Segredo da alma nordestina. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de texto de Carlos Drummond de Andrade. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. p.242-244.

_____. **Seleção de prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BANDEIRA, Manuel. **Seleção em prosa e verso**. Rio de Janeiro: J. Olympio: MEC, 1971.

_____. (Org.) **Sonetos completos e poemas escolhidos, de Antero de Quental**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.

_____. Sou provinciano. In: _____. **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p.12.

_____. Sou provinciano. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p.668.

_____. **Testamento de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Vozes da cidade**. Rio de Janeiro: Antoni Grosso e André Willième, 1965.

_____; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org.). **Rio de Janeiro em prosa e verso**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.

_____; CAVALHEIRO, Edgar (Org.). **Obras primas da lírica brasileira**. São Paulo: Martins, 1943.

_____; CORTESÃO, Jaime. **Glória de Antero**. Lisboa: Cadernos de “Seara Nova”, 1943.

_____; MERQUIOR, José Guilherme. **Poesia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.

RIMAS de José Albano. Edição organizada, revista e prefaciada por Manuel Bandeira. [Rio de Janeiro]: Pongetti, 1948.

- Traduções

ASSOLANT, A. **Aventuras maravilhosas do Capitão Corcoran**. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1936. (Coleção Terramarear, 49).

BEERS, Clifford Whittingham. **Um espírito que se achou a si mesmo**. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

BURROUGHS, Edgard Rice. **O tesouro de Tarzan**. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1934. (Coleção Terramarear, 25).

COCTEAU, Jean. **A máquina infernal**: peça em quatro atos. Tradução de Manuel Bandeira. Petrópolis: Vozes, 1967.

CURWOOD, James Oliver. **Nômades do Norte**. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1935.

GALA, Antonio. **Os verdes campos do Éden**. Tradução de Manuel Bandeira. Petrópolis: Vozes, 1965.

GLYN, Elinor. **Tudo se paga.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [195-?]. (Biblioteca da Mulher Moderna, 1).

JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. Auto sacramental do divino Narciso. Tradução de Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel. **Poesia e Prosa.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. v.2.

KHAYYAM, Omar. **Rubaiyat.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.

MISTRAL, Frédéric. **Mireia.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

POEMAS traduzidos, de Goethe e outros. Organização e tradução de Manuel Bandeira. Ilustrações de Guignard. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica, 1945.

POEMAS traduzidos, de Goethe e outros. Organização e tradução de Manuel Bandeira. Ilustrações de Guignard. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1956.

PROUST, Marcel. **A prisioneira.** Tradução de Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. 10.ed. rev. por Olgária Chaim Féres Matos. São Paulo: Globo, 1992. (Em busca do tempo perdido, 6).

SAN MARTÍN, Juan Zorrilla. **D. Juan Tenório.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1960.

SCHILLER, Friedrich. **Maria Stuart.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. (Obras Imortais, 1)

SHAKESPEARE, William. **Macbeth.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961. (Coleção Rubaiyat)

SPITTELER, Karl. **Prometeu e Epimeteu.** Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Delta, 1962.

WELLS, Orson. **Minha cama não foi de rosas:** diário de uma mulher perdida. Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. (Biblioteca da Mulher Moderna, 3).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In: _____. **Notas de Literatura**, 1. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p.15-45.

_____. O ensaio como forma. In: COHN, G. (Org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p.167-187.

_____. **Mínima moralia**. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. Revisão da tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1992.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ALENCAR, José Almino. Manuel Bandeira & Ribeiro Couto. Correspondência dos anos 20. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süssekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.222-234.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre**: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador. São Paulo: Martins, 1970.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O poeta se diverte. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967. p.686-689.

_____; ANDRADE, Mário de. **Carlos e Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

_____. Apresentação. In: _____. ANDRADE, M. de. **Carlos e Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p.34-37.

ANDRADE, Mário de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1987?]. (Coleção Prestígio)

_____. **O turista aprendiz**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Organização, prefácio e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP, 2000.

ANDRADE, Manoel Correia de. Gilberto Freyre e a geração de 45. **Ciência & Trópico**, Recife, v.15, n.2, p.147-156, jul./dez. 1987.

_____. **A Revolução de 30**: da República Velha ao Estado Novo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANGELIDES, Sophia. **A. P. Tchekhov**: cartas para uma poética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. **Carta e literatura**: correspondência entre Tchekhov e Górkí. São Paulo: EDUSP, 2001.

ANTUNES, Cristina. **Memórias de uma guardadora de livros**. Entrevista a Cleber Teixeira e Dorothée de Bruchard. Editado por Dorothée de Bruchard. Florianópolis: Escritório do Livro; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. (Memória do livro, 3).

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. **Guerra e paz**: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

AUERBACH, Eric. **Ensaio de literatura ocidental**: filologia e crítica. Organização de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.

_____. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Mimesis**. 2.ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Estudo de Antenor Nascentes. 5.ed. rev. atual. e aum. por Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5v.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa:Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

BACIU, Stefan. **Manuel Bandeira de corpo inteiro**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. (Coleção Documentos Brasileiros, 122).

BARBOSA, João Alexandre. Gilberto Freyre e a literatura: alguns conceitos. In: _____. **Mistérios do dicionário e outras crônicas**. Cotia, SP: Ateliê, 2004. p.55-62.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **O grau zero da escritura**. Tradução de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. *O Guide Bleu*. In: _____. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p.72-75.

_____. *Maitres et esclaves*. **Les Lettres Nouvelles**, Paris, v.1, p.107-108, mar. 1953.
Disponível em: <http://bvfgf.FundaçãoGilbertoFreyre.org.br/portugues/critica/artigos_cientificos/maitres_esclaves_barthes.htm>. Acesso em: out. 2007.

BEAUJOUR, M. **Poetics of the literary self-portrait**. New York: New York University Press, 1991.

BECKER, Colette. Les discours d'escort: l'annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola). In: FRANÇON, André; GOYARD, Claude (Org.). **Les correspondences inédites**. Paris: Economica, 1984. Colloque sur les correspondances inédites, Paris, 9-10 juin 1983. Traduzido por Cláudio Hiro sob o título O discurso de escolta: a anotação e seus problemas (a propósito da correspondência de Zola).

BEM, Jeanne. Le statut littéraire de la lettre. **Genesis: Révue Internationale de Critique Génétique**, Paris, n.13, p.113-115, 1999. Traduzido por Cláudio Hiro sob o título O estatuto literário da carta.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.197-221.

BERARDINELLI, Alfonso. Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna. In: _____. **Da poesia à prosa**. Tradução de Maurício Santana Dias e organização e prefácio de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cosac Naify, 1994. p.59-91.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, E. Ribeiro Couto e o homem cordial. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 11, n.44, p.123-130, jul./set. 2005.

_____. **A trinca do Curvelo**: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. Poesia resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.161-257.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRADSHAW, M. **Modernizing excess**: Amy Lowell and the aesthetics of camp. 2000. 196f. Thesis (Ph. D.) - State University of New York at Stony Brook, 2000. Disponível em: <<http://www.cwru.edu>>. Acesso em: mar. 2004.

BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**: antecedentes da semana de arte moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BÜRGER, Peter. **Teoria da vanguarda**. Lisboa: Vega, 1993.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMILO, Vagner. **Drummond**: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.

_____. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. **Gilberto Freyre**: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa-Grande & Senzala” e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. p.101-126.

_____. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000.

_____. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p.51-69.

_____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p.xi-xxii.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Para gostar de ler** : crônicas. São Paulo: Ática, 1989. v.5., p.4-13.

CARDOZO, Joaquim. Um poeta pernambucano Manuel Bandeira. In: FREYRE, G. et al. **Livro do Nordeste**. Edição fac-similar à de 1925. Introdução de Mauro Mota e prefácio de Gilberto Freyre. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p.124-125. Edição comemorativa do primeiro centenário do Diário de Pernambuco.

CARELLI, Mario. Bandeira retraduit Bandeira. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.807-812.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo** (1937-1945). Rio de Janeiro: Difel, 1977.

_____. **A Quarta República** (1945-1964). São Paulo: DIFEL, 1980. (Coleção Corpo e Alma do Brasil; 58)

_____. **A República Nova** (1930-1937). São Paulo: DIFEL, 1982. (Coleção Corpo e Alma do Brasil; 40)

_____. **A República Velha**. São Paulo: DIFEL, [1972-1974]. (Coleção Corpo e Alma do Brasil; 31,34)

_____. **A Segunda República (1930-1937)**. São Paulo: Difel, 1978.

_____. **A Segunda República (1930-1937)**. São Paulo: DIFEL, [1973]. (Coleção Corpo e Alma do Brasil; 37)

_____. **A Terceira República (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1982.

CASTELLO, J.A. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CASTRO, Ivo. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.511-520.

CHALHUB, Samira. **Metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CONDÉ, Elysio. Manuel Bandeira no Recife. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira: 1986-1988. Organização de Maximiano de Carvalho e Silva. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha: Presença, 1989. p.171-172.

CONDÉ, João. Evocação de Manuel Bandeira. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira: 1986-1988. Organização de Maximiano de Carvalho e Silva. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha: Presença, 1989. p.305-307.

_____. Flash autobiográfico de Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Altaya, [1992]. p.29-30.

CORREIA, Éverton Barbosa. Manuel Bandeira, autor de Casa-grande & Senzala. **Magma**, São Paulo, n.9, p.71-8, 2004/2006.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A Literatura no Brasil**. Co-direção de Eduardo de Faria Coutinho. 2.ed. São Paulo: Ed. Sul Americana, 1968-1971. 6v.

_____. **A Literatura no Brasil**. Co-direção de Eduardo de Faria Coutinho. 3.ed. rev. atual. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. 6v.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. (Dir.). **A Literatura no Brasil**. Co-direção de Eduardo Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968-1971. v.6, p.105-128.

CROWTHER, Jonathan (Ed.). **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. 5th.ed. Oxford: Oxford University Press, 1955.

D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re (des)coberta : o pensamento de gilberto freyre no contexto das manifestações culturais e / ou literárias nordestinas**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992. (Coleção Viagens da Voz)

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DIMAS, Antonio. Barco de proa dupla. **Revista USP**, São Paulo, n.1, p.112-126, mar./maio 1989.

_____. Gilberto Freyre e a crítica literária. In: FALCÃO, J. de A.; ARAÚJO, R.M.B.de (Org.) **O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão**. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil: UniverCidade, 2001. p.94-100. Publicado em coedição com a Fundação Roberto Marinho e a editora Topbooks.

_____. Um manifesto guloso. In: FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. Organização e apresentação de Fátima Quintas. 7.ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.23-44.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. Linguagem universal da poesia moderna. In: _____. **Com raiva e paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo**. Seleção e introdução de Wolfgang Bader. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985. p.33-50.

_____. Uma teoria do turismo. In: _____. **Com raiva e paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo**. Seleção e introdução de Wolfgang Bader. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985. p.205-225.

ESPÍNOLA, Adriano. Casa-grande & Pasárgada. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, n.8, p.249-270, jun. 1997.

EULALIO, Alexandre. O ensaio literário no Brasil. In: _____. **Escritos**. Organização de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.11-67.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2001.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.65-82.

FLETCHER, Iain. **Walter Pater**. London: Longmans, Green & Co., 1959.

FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre de A a Z**. Rio de Janeiro: Mário Editor, 2002.

_____. Gilberto Freyre e o Movimento Regionalista. In: FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.219-234.

_____. Morte e estrelas em Manuel Bandeira. **NordesteWeb**, 28 maio 2001. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not05/ne_not_20010528b.htm>. Acesso em: maio 2007.

FREYRE, Alfredo A. da S. **Dos 8 aos 80 e tantos**. Introdução e anotações de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

FREYRE, Sonia. **Vidas vivas e revividas**. Recife: Edições Bagaço, 2004.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GABARA, Esther. “Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime”: o (auto) retrato e a fotografia na obra de Mário de Andrade. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süssekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.169-190.

GAIO, A.M. **Modernismo e ensaio histórico**. São Paulo: Cortez, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella. Apresentação. In: PREZADO senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. Organização de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.9-10.

GARCIA, A.; PALMEIRA, M. Transformação agrária. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P.S. (Org.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.39-77.

GARRET, Almeida. **Cartas de amor à Viscondessa da Luz**. Introdução, organização, fixação do texto e notas de Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

GILBERTO Freyre em quatro tempos. Organização de Ethel Volfzon Kosminsky, Claude Lépine, Fernanda Arêas Peixoto. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

GILBERTO Freyre, fruto bichado da literatura brasílio-ianque. **O Fiau**, Recife, ano 1, n.1, 7 maio 1923.

GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez. **Gilberto Freyre**: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES, Ângela. Política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil, 4: contrastes da intimidade contemporânea. Organizadora do volume: Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.488-558.

GOMES, Fábio. **Villa-Lobos**. 2003. Disponível em: <<http://www.brasileirinho.mus.br/artigos/villalobos.htm>>. Acesso em: out. 2007.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, J.L. **Teoría del ensayo**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1992.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRECCO, Vera Regina Luz. Colecionismo: o desejo de guardar. **Jornal do MARGS**, Porto Alegre, n.83, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivre.org.br/historias/colecionismo.html>>. Acesso em: out. 2007.

GUILLEN, I.C.M. Por amor ao brinquedo: cotidiano e diversão na periferia do Recife. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. HISTÓRIA: GUERRA E PAZ, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/ISABEL%20CRISTINA%20MARTINS%20GUILLEN.pdf>>. Acesso em: out. 2006.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Bandeira, Murilo e Drummond em periódicos. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süssekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.631-641.

_____. **Contrapontos**: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1993.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005.

HIGH, P.B. **An outline of American literature**. London: Longman, 1986.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **A era do capital**: 1848-1875. Tradução de Luciana Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita e revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Revisão técnica de Maria Celia Paoli. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O modernismo em tempo real. **Cult**, São Paulo, ano 6, n.68, p.22-27, abr. 2003.

HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INOJOSA, J. **Sursum corda!** : desfaz-se o "equívoco" do Manifesto Regionalista de 1926: foi redigido em 1952, escreve Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Graf. Olímpica Ed., 1981.

ISER, Wolfgang. **Walter Pater**: the aesthetic moment. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ISHII, Yasushi. Da caneta à máquina de escrever. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süsskind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.93-98.

JARDIM, Luis. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. **Retalhos de jornais velhos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. Disponível em:
<http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref_brasil/retalhos.htm>. Acesso em: set. 2005.

JOLLES, A. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: a crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.

LARRETA, E. Itinerário da formação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2000. Mais!, p.24-25.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

- LEMINSKI, Paulo. **Envie meu dicionário**: cartas e alguma crítica. Organização de Régis Bonvicino, com a colaboração de Tarso M. de Melo. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres?: o Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LIMA, Luiz Costa. A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & Senzala. In: _____. **A aguarrás do tempo**: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LOWELL, Amy. An aquarium. In: _____. **Man, women, and ghosts**. New York: MacMillan, 1916. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~HYPER2/ModPtryAnthol/lowell.html>>. Acesso em: mar. 2004.
- _____. **Tendencies in modern American poetry**. New York: Macmillan, 1917.
- LÖWY, Michael. **Redenção e utopia** : o judaísmo libertário na Europa central : um estudo de afinidade eletiva. Tradução de Paulo Neves São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____; SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Soul and form**. Traduzido do alemão por Anna Bostock. London: Merlin Press, 1974.
- _____. **Teoria do Romance** : um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.
- MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, p.13-23, jan./jun. 2005.
- MARTINS, Ceila Ferreira. **Para uma definição de crítica textual**: o caso da edição crítico-genética de *O Egito e outros relatos* de Eça de Queirós: edição de texto. 2007. Trabalho apresentado ao 2º. Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas, Lisboa, Universidade de Lisboa, primavera de 2007. Texto em preparo para CD-ROM.
- MARTINS, Wilson. **A Idéia Modernista**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2002.
- _____. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1976-1978. 7v.
- MCCARTHY, J. **Crossing boundaries**: a theory and history of essay writing in German, 1680-1815. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

MEGALE, Heitor. O testemunho da dúvida: a busca da boa edição. In: LÍNGUA, Filologia e Literatura para Segismundo Spina. São Paulo: FAPESP; EDUSP; Iluminuras, 1995. p. 135-149.

MELO NETO, João Cabral de. Casa-grande & Senzala, quarenta anos. In: _____. **A Educação pela Pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.61-62.

_____. **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Organização, apresentação e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. **Pedra do sono**. Recife: Of. Gráf. Drechsler, 1942. Edição do autor.

_____. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.29-64.

MEUCCI, Simone. **Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil**: da sistematização à constituição do campo científico. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Nacional estrangeiro**: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. Entrevista de José Mindlin a Cleber Teixeira e Dorothée de Bruchar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis: Escritório do Livro, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MORAES, Marcos Antonio de. Afinidades eletivas. In: ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Organização, prefácio e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP, 2000. p.13-33.

_____. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, Campinas, v.59, n.1, p.30-32, jan./mar. 2007.

_____. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2007.

_____. **Querido poeta**: correspondência de Vinicius de Moraes. Seleção, organização e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NARRATIVAS da modernidade. Organização de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia**: um estudo das formas do passado. São Paulo: Nankin, 2006.

NUNES, B. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Vozes, 1971.

OBALDIA, Claire de. **The essayistic spirit**: Literature, modern criticism, and the essay. Oxford: Clarendon Press, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo**: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

_____. Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor. **Tempo Social**, São Paulo, v.9., n.2, p.13-32, out. 1997.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins, 1997.

PATER, Walter. The child in the house. In: ALDINGTON, Richard (Ed.). **Walter Pater**: selected works. London: William Heinemann, 1948.

_____. **Plato and platonism**. London: Macmillan, 1917.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos Brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Do Estado patrimonial ao gerencial. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P.S. (Org.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.222-259.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Retratos de família na obra de Carlos Drummond de Andrade. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v.60/61, p.12-17, dez. 2002/2003.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O manifesto como gênero literário: a tradição retórica dos manifestos modernistas brasileiros. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.963-973.

PINCHERLE, Maria Caterina. **La città sincopata**: poesia e identità culturale nella San Paolo degli anni venti. Roma: Bulzoni, 1999.

PINTO, M.C. **Albert Camus**: um elogio do ensaio. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PREZADO senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. Organização de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

QUEIRÓS, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Ediouro, [197-?].

REGO, José Lins do. **Fogo morto**. São Paulo: O Estado de São Paulo: Klick, 1997.

_____. Manuel Bandeira, um mestre da vida. In: HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Jornal do Commercio, 1936. p.105-107. Edição fac-similar preparada pela Metal Leve em 1986.

_____. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

_____. **Meus verdes anos**: memórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

_____. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. p.9-21. (Coleção Documentos Brasileiros, 29)

REIS, Carlos; CUNHA, Maria do Rosário (eds). **O Crime do Padre Amaro**. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

_____; MILHEIRO, Maria do Rosário. **A construção da narrativa queirosiana**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

REYES, Alfonso. **Cortesía (1909-1947)** México: Ed. Cultura, 1948.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O exílio do homem cordial**. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2004.

_____. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. The origins and errors of Brazilian cordiality. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, Dartmouth, n.4/5, p.73-85, Spring/Fall 2001. Brazil 2001: a revisionary history of Brazilian literature and culture.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão** : veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.

SABINO, Fernando. **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**. Fernando Sabino, Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Cartas na mesa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Cartas perto do coração**. Fernando Sabino, Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. Manuscrito e escrita. In: A HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto. Organização de Flora Süssekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. p.99-103.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ANDRADE, C.D. de; ANDRADE, M.de. **Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade.** Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p.7-33.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas.** Rio de Janeiro: Annablume, 1998.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Coordenador-geral da coleção: Fernando Novais. Organizador do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.423-512.

SCHILLER, Friedrich. **Poesia ingênua e sentimental.** Tradução Mário Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SCHOLES, R. et al (Ed.). **Elements of Literature: essay, fiction, poetry, drama, film.** 4thed. New York: Oxford University Press, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.** São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SEIZIÈME lettre aux révérends pères jésuites du 4 décembre 1656. In: PASCAL, Blaise. **Les provinciales: ou les Lettres écrites par Louis de Montalte à un provincial de ses amis et aux RR. PP. Jésuites.** Ed. par Louis Cognet e Gerard Ferreyrolles. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1014784>>. Acesso em: out. 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Maximiano de Carvalho. Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n.4, [199?], p.65-82.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006.

SOUTO MAIOR, Mário. Folclore do Recife, de ontem e de hoje. **Leitura**, São Paulo, 6 fev. 1988.

SOUZA, Eneida Maria de. Construções de um Brasil moderno. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.7, p.36-45, 2003/2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. O mestre de Apipucos e o turista aprendiz. In: _____. **A idéia e o figurado**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2005. p.49-70.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPITZER, L. **Lingüística e história literária**. Madrid: Gredos, 1955.

STEEN, Edla van (Org). **Viver e escrever**. Porto Alegre: L&PM, 1981. v.1.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

_____. **A lição do texto**: Filologia e Literatura. Tradução de Alberto Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TRIGO, L. **Engenho e memória**: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: ABL: Topbooks, 2002.

TUDO está tão bom, tão gostoso: postais a Mário de Andrade. Organização, estudo e notas por Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1993.

UNTERMEYER, L. (Ed). **Modern American poetry**: a critical anthology. New York, Harcourt, Brace, and Co., 1919. Disponível em: <<http://www.cwru.edu/artsci/engl/VSALM/mod/hallman/bibliography.html>>. Acesso em: mar. 2004.

VENTURA, Roberto. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica-Sociologia).

_____. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. Sexo na senzala: Casa-grande & senzala: entre o ensaio e a autobiografia. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.6, p.212-222, 2001/2002.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

VICENZI, L.J.B. A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil. **Forum Educacional**, Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set. 1986.

VILLAÇA, A. Menino de engenho. In: REGO, J.L. do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

_____. Meus verdes anos. In: REGO, J.L. do. **Meus verdes anos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura**. 3.ed. Lisboa: Europa-América, 1976.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS, W.E (Ed.). **A book of English essays**. Baltimore: Penguin Books, 1954.

ZACH, N. Imagismo e vorticismo. In: BRADBURY, M.; MCFARLANE, J. (Org). **Modernismo**: guia geral 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.185-197.

ZANETTE, R.I.C. A permanência de estereótipos sobre o Brasil nos guias turísticos em língua italiana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

ZWEIG, S. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Delta, 1953.

OUTRAS FONTES

Acervos pesquisados

Biblioteca Central Blanche Knopf – Fundação Joaquim Nabuco – Recife, PE.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP – São Paulo, SP.

Biblioteca Mário de Andrade – São Paulo, SP.

Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, RJ.

Casa-museu Madgalena e Gilberto Freyre – Fundação Gilberto Freyre – Recife, PE.

Centro de Documentação – Fundação Gilberto Freyre – Recife, PE.

Centro de Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro, RJ.

Departamento de Iconografia e Documentos Textuais – Fundação Joaquim Nabuco – Recife, PE.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB/USP – São Paulo, SP.

St Anne's College Library – University of Oxford – Oxford, Inglaterra.

Taylor Institution Library – University of Oxford – Oxford, Inglaterra.

Sites consultados

Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.academia.org.br>.

Arquivos da Folha de São Paulo. Disponível em:
<<http://www1folha.uol.com.br/foiha/arquivos/>>.

Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.bn.br>.

Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em:
<<http://www.bnrm.librari.beniculturali.it/>>.

Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <<http://www.bnf.fr/>>.

Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC).
Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>.

Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <http://www.britannica.com>.

Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>.

Fundação Gilberto Freyre. Disponível em: <<http://bvfgf.fgf.org.br/busca/PT/queries.asp>>.

Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://bases.fundaj.gov.br>>.

Itaú Cultural. Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?CFID=1341489&CFTOKEN=60472701>.

Library of Congress Online Catalog. Disponível em: <<http://catalog.loc.gov/cgi-bin/Pwebrecon.cgi?PAGE=sbSearch&SEQ=20070531175413&PID=11538>>.

Museu Villa-Lobos. Disponível em: <<http://www.museuvillalobos.org.br/>>.

Oxford University – Oxford Libraries Information System. Disponível em:
<<http://www.lib.ox.ac.uk/olis/>>.

Projeto Portinari. Disponível em:
<<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/pessoasCompl.asp?notacao=4166&ind=181&NomeRS=rsPessoas&Modo=C#>>.

Sérgio Buarque de Holanda. Disponível em:
<http://www.unicamp.br/siarq/sbh/produtos_pesquisa.html>.

Sistema Integrado de Bibliotecas – USP. Disponível em: <www.usp.br/sibi>.

Site Oficial do escritor Graciliano Ramos. Disponível em:
<<http://www.graciliano.com.br/entrada.html>>.

University of Texas Libraries at Austin – Library Catalog. Disponível em:
<<http://www.lib.utexas.edu/>>.